

JOÃO ELIAS CURY JÚNIOR

QUE VOZ NA VOZ NÃO OUVIDA?
Uma escuta psicanalítica a catadores de recicláveis

ASSIS
2015

JOÃO ELIAS CURY JÚNIOR

QUE VOZ NA VOZ NÃO OUVIDA?
Uma escuta psicanalítica a catadores de recicláveis.

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador: Prof. Dr. Silvio José Benelli

ASSIS
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

C982q	Cury Júnior, João Elias Que voz na voz não ouvida? Uma escuta psicanalítica a catadores de recicláveis / João Elias Cury Júnior . - Assis, 2015 244 f. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista. Orientador: Dr. Silvio José Benelli 1. Psicanálise. 2. Catadores de lixo. 3. Políticas públicas. 4. Saúde mental. I. Título. CDD 150.195 363.7282
-------	---

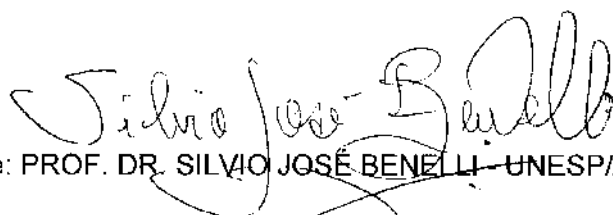
JOÃO ELIAS CURY JÚNIOR

PSICANÁLISE E POLÍTICAS PÚBLICAS:
catadores de material reciclável e o laço social no grupo
psicoterapêutico

Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP para a obtenção
do título de Mestre em Psicologia (Área de
Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Data da Aprovação: 28/05/2015

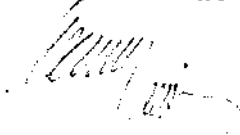
COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: PROF. DR. SILVIO JOSÉ BENELLI - UNESP/Assis



Membros: PROF. DR. GUSTAVO HENRIQUE DIONÍSIO - UNESP/Assis



PROF. DR. MARCUS ANDRÉ VIEIRA - PUC/Rio de Janeiro

À memória de meus pais, João e Assunta: constante e transformada presença em mim.

Àqueles, no dizer de Brecht, “imprescindíveis, que lutam toda uma vida”. Em especial, aos catadores. Lá, na ponta, onde tudo termina e começa.

Bernadette – silêncio de amor

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Silvio José Benelli, por escutar esta proposta de trabalho, pelo apreço, competência e encorajamento com que me conduziu neste difícil e enriquecedor percurso.

Ao Prof. Dr. Abílio Costa-Rosa, cujo estímulo à práxis data dos meus anos de graduação, por acompanhar os caminhos desde a gestação deste projeto.

Ao Prof. Dr. Marcus André Vieira, pela prontidão com que aceitou o convite para compor a Banca Examinadora e pelas sugestões valiosas que incitam a continuar a aposta nas aberturas.

Ao Prof. Dr. Gustavo Henrique Dionísio, pela presteza em aceitar compor a Banca Examinadora e pela sensível análise deste trabalho.

Aos professores Dra. Elizabeth Constantino e Dr. Jair Kappann, pela gentil apreciação do projeto inicial.

À FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, por subsidiar esta pesquisa (Processo nº 2013/03272-1).

À Incubadora de Cooperativas da UNESP-Assis, nas pessoas da Prof^a. Dra. Ana Maria Carvalho, do Prof. Dr. Carlos Ladeia e do amigo Rafael Gorni Felício, por intermediarem minha aproximação a catadores de cooperativas.

Aos colegas do “Laboratório Transdisciplinar de Intercessão-Pesquisa em Processos de Subjetivação e ‘Subjetividade da saúde’” (UNESP-Assis), por levar o refletir a lugares desafiadores.

À M^a. Maria Aparecida Finotti, Secretária Municipal da Assistência Social, pelo indispensável auxílio para a realização deste trabalho.

Aos funcionários da UNESP-Assis, nos seus diversos setores, prestativos e gentis há anos. (E quantos!)

Aos amigos Neide Bortolatto, Flávio Ferreira e Nice Nicolosi, pelo apoio e tantas conversas maiêuticas.

Ao amigo Waldir Périco, pela leitura e sugestões ao texto. E pela interlocução entusiasmada sobre um de nossos pontos em comum – o legado de Freud.

A todos os meus familiares, pelo incondicional apoio a este inquietante em mim. (Aos dez anos: “Psicanálise? Um dia quero fazer e estudar isso, então!”) Neusa, Laura (*in memoriam*): meninas – e já maternavam.

Base de tudo: meu profundo agradecimento – diário – às primeiras professoras. Arlete Blotta, primas Detinha e Magali Gomes, Penha Carvalho, Antonieta G. Arruda, “Coló” Zeraik e Marilda Costa Raele, por apontar para um horizonte de possibilidades no Outro. E sustentar esta ponte.

*Viver essa longa avenida de gás neon / Portas de ouro e prata /
Falsos sonhos nessas noites de verão [...] Ai de quem mergulhar
nesse mar de veneno / Nessa lama enfeitada, nesse sangue das taças /
Temendo sofrer / Ai de quem quer negar esse mar de veneno / Mil
vezes maldito na inconsciência / Das vidas à margem há de ser. –
Gonzaguinha, “Gás Neon”*

*Numa enchente amazônica / Numa explosão atlântica / E a multidão
vendo em pânico / E a multidão vendo atônita / Ainda que tarde / O
seu despertar – Chico Buarque, “Rosa dos Ventos”*

*This is my letter to the world,
That never wrote to me, –
The simple news that Nature told,
With tender majesty.*

*Her message is committed
To hands I cannot see;
For love of her, sweet countrymen,
Judge tenderly of me! – Emily Dickinson*

CURY JÚNIOR, J. E. **Que voz na voz não ouvida? Uma escuta psicanalítica a catadores de recicláveis**. 2015. 244f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

Resumo: Procuramos contribuir com a discussão e o aprimoramento das práticas da Psicologia na direção da Atenção Psicossocial no campo das políticas públicas que envolvem os temas da psicanálise e processos de subjetivação, tendo como foco da pesquisa de campo uma escuta a catadores e demais atores da área da reciclagem de lixo. Para tanto, fizemos uso do grupo psicoterapêutico como dispositivo, pautando-nos pela psicanálise de Freud e Lacan. Nesta perspectiva teórica, o percurso clínico tem por técnica o incentivo à fala livre (livre associação), possibilitando ao sujeito a construção de sua narrativa, que inclui a de seu sofrimento, e abre brechas para uma reflexão e transformação do meio. Sendo assim, seus pressupostos teóricos e técnicos coadunam-se com uma ética que vislumbra a produção de singularidade frente àquele que sofre, seu não assujeitamento a formas padronizadas, cujo intento é tamponar o sofrimento. Na relação sujeito e meio é sabido que, diante do recrudescimento das estratégias para extração da mais-valia, tem sido constatado um aumento do sofrimento psíquico, perceptível por meio de suas diversas formas de manifestação. Contribuições teóricas adicionais, sobretudo do Materialismo Dialético e da Análise Institucional de René Lourau, ampliaram nossa escuta diante da movimentação do significante produzida pelo catador, em sua relação com o campo de intensidades no qual estava inserido. Aliado à prática, os elementos teóricos também nortearam o início de uma reflexão acerca da viabilidade da psicanálise nestes espaços, bem como em uma crítica ao que o Modo Capitalista de Produção gera/oferece no campo da Saúde Mental e da Assistência Social por meio de suas práticas e políticas de cuidado. Uma revisão da literatura propiciou distinguir, para fins de análise, dois conjuntos de ações – práticas do “cuidar de”, hegemônico, e práticas do “cuidar-se”. O primeiro, em linhas gerais, é composto por terapêuticas voltadas para a adequação, em contraposição ao segundo, constituído de práticas que tomam o sujeito como singularidade, protagonista que é do processo de cuidar de si, cujos arranjos internos e externos frente ao sofrimento podem adquirir diferentes formas ao longo da vida. Os fundamentos destas práticas convivem dialeticamente nos estabelecimentos e não estão restritos à dimensão da clínica. A vivência no campo por dezenove meses, período dentro do qual um grupo de catadores, o escolhido para esta exposição, manteve-se em atendimento na forma de grupo psicoterapêutico por doze meses, permitiu constatar a relevância de uma escuta mais sutil do sujeito, para além de aproximações destinadas à padronização, a um saber prescritivo, adaptativo, a fim de favorecer nele um reposicionamento que possa lançar bases para formas outras de relação com o Outro social; o que só tem origem a partir de um conhecimento gerado por ele próprio. Um desdobramento deste trabalho seria estimular refletir sobre os cursos de formação, para o aprimoramento daqueles que atuam ou venham a atuar junto às populações materialmente pobres; trabalho em rede, face à complexidade que envolve aqueles em condições precárias de existência.

Palavras-chave: Psicanálise, Atenção Psicossocial, Grupo Psicoterapêutico, Catadores de Materiais Recicláveis, Políticas Públicas.

CURY JÚNIOR, J. E. **What voice in the unheard voice? A psychoanalytic listening to recyclable collectors.** 2015. 244f. Dissertation (Master's Degree in Psychology) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

Abstract: We have tried to contribute to the discussion and the betterment of the practices in Psychology towards Psychosocial Care in the field of public policies, which involve the themes of psychoanalysis and subjectivity processes, with the field work focused on providing recyclable collectors and other actors in the area of recycling with therapeutic listening. For such we have made use of the psychotherapeutic group as a device, guided by Freud and Lacan's psychoanalysis. In this theoretical perspective, the clinical course has as its technique encouraging free speech (free association), allowing the subject to construct his narrative, including that concerning his suffering, and opening breaches for reflection and transformation of one's surroundings. Thus its theoretical and ethical premises are coadunate with an ethics which envisions production of singularity before one who suffers, his non-subjection to standardized forms, whose intent is to buffer one's suffering. In the subject-environment relationship it is known that, before the intensification of strategies for extraction of surplus value, it has been observed an increase in psychological distress, perceived through its various manifestations. Additional theoretical contributions, especially of Dialectical Materialism and René Lourau's Institutional Analysis, expanded our listening concerning the movement of the signifier produced by the collector, in his interaction with the field of intensities in which he was inserted. Combined with practice, those theoretical elements also guided a reflection on the feasibility of psychoanalysis in these spaces, as well as a critique of what the Capitalist Mode of Production generates/offers in the field of Mental Health and Social Welfare through their care practices and policies. A review of the literature led to distinguish, for analytical purposes, two sets of actions - the "taking care of" practices, hegemonic, and the practices of "caring for oneself". The first one, in general terms, consists of therapeutics directed to adaptation, as opposed to the second, which consists of practices that take the subject as a singularity, protagonist of the process of caring for oneself, whose internal and external arrangements in response to suffering can acquire different forms throughout life. The foundations of these practices coexist dialectically in establishments and are not restricted to the clinical milieu. The experience in the field for nineteen months, period within which a group of collectors, the chosen one for this presentation, took part in group therapy for twelve months, revealed the importance of a more subtle listening to the subject, far beyond approaches aimed at standardization, at prescriptive adaptive knowledge, in order to promote a repositioning that can set bases to other forms of one's relating to the social Other; which only originates from a knowledge generated by oneself. An unfolding of this work is to encourage reflection on training courses, for the improvement of those who work or will work with those who are materially poor; networking, given the complexity involving those in precarious living conditions.

Key words: Psychoanalysis, Psychosocial Care, Psychotherapeutic Group, Recyclable Collectors, Public Policies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	
A psicologia e seus modos de produção de cuidado no contexto das políticas públicas: espaço para a psicanálise?	19
Práticas do “cuidar-de”: origens, bases e efeitos obtidos	24
Práticas do “cuidar-se”: na direção de um <i>Sorge</i> autêntico	28
CAPÍTULO 2	
Uma escuta psicanalítica a catadores de recicláveis: a produção e movimentação do significante	37
Contextualizando o grupo atendido: arranjos em face das peculiaridades	43
Mas, como é fazer psicanálise (fazer com a psicanálise?) nesse campo?	45
Do homem-parede ao <i>fallasser</i>	53
O que do outro sobrevive no discurso de um outro	60
O sonho: via-régia para o inconsciente	61
CAPÍTULO 3	
Um psicólogo no campo social: linhas e agulha – sujeito e pesquisador – seu desejo, também, no complexo campo da atuação e pesquisa	64
Périplo por negativas, enquanto: é possível aprender algo com isto?	64
Um possível “sim”, alento: o favorável nas impossíveis condições	68
Um profissional frente ao repulsivo. Marcos, do cão à construção de sua narrativa	69
Elemento de estranheza que se abre – no psicólogo	71
Périplo pelo social num “mundo-aberto-de-meu-deus”	73
Entre os pares: interlocução que move, enriquece a práxis	75
Sem novidade: o pesquisador é também dotado de um inconsciente	76
APRECIÇÕES DE ENCERRAMENTO, INCONCLUSAS	80
REFERÊNCIAS	92

ANEXO

Atendimentos em um depósito de material reciclável	100
--	-----

INTRODUÇÃO

O rio poreja / Petróleo e alcatrão / As barcaças derivam / Ao sabor das marés / Rubras velas, / Abertas a sotavento, / Drapejam nos pesados mastros. / As barcaças carregam / Toras que derivam rio abaixo / Até o braço de Greenwich / Para além da Ilha dos Cães. – T. S. Eliot – A Terra Desolada

O mal-estar ao deparar-me com pessoas vasculhando latões de lixo e caçambas data de minha infância, por volta dos seis anos de idade, em viagens aos grandes centros. É ainda nítido o espanto que vivenciei, ao sair de um restaurante, e observar pessoas concentradas em torno aos grandes recipientes que se alinhavam a poucos metros dali; desconcertante odor para o olfato de uma criança. O olhar surpreso, inquiridor, encontrou-se com o semblante de minha mãe que, entristecida e conhecedora daquela realidade, explicou o que se passava. Foi ali, até onde me lembro, o meu primeiro contato com a miséria. A pobreza material, com esta, convivíamos de perto, uma vez que, nas pequenas cidades nos anos sessenta, de um Brasil já longínquo, estávamos juntos, por toda parte: crianças transitando de casa em casa, brincando, estudando, auxiliando os adultos em diversas tarefas – muitas, perigosas, como mexer com soda cáustica –, membros de uma grande família, em ajuda mútua.

Em outro momento, já adulto e profissional do ensino, em um Sábado de 1994-95, meus alunos, que chegavam para uma aula, surpreenderam-se ao me encontrar aos prantos com um jornal nas mãos. A notícia que lia me implodira: no Recife, uma mãe havia encontrado um seio, em um depósito de lixo, e o fritara, para alimentar seus filhos.

Durante o curso de graduação em Psicologia, na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Campus de Assis, foi possível entrar em contato com o estudo de uma Psicologia segundo a qual o ensino, a prática e a pesquisa dialogam criticamente com a análise das questões sociais que envolvem os sujeitos e seus impasses, dos quais ela tenta dar conta, confrontando-se com práticas tradicionais patologizadoras e excludentes, que não promovem a transformação social, consoantes que são com o Modo Capitalista de Produção (MCP).

Em decorrência desta vivência acadêmica e de diversos contatos com catadores de recicláveis, o incômodo transformou-se em desejo de conhecer. Para tal, dentre outras coisas, estudar psicanálise, de modo especial a vertente Freud-Lacan, teve um papel relevante e frequentar um estágio de supervisão clínica, cujo alvo contemplava também o atendimento de grupos, permitiu entrever nestes elementos a possibilidade de atuação junto a esta população, de modo diferenciado em relação aos modos mais comuns de atendimento de grupo. A partir de outro estágio, realizado em 2007, o de observação participante com a realização de

entrevistas em uma Cooperativa de Catadores de Material Reciclável localizada num município pequeno do interior do Estado de São Paulo – que possibilitou a aproximação da realidade dos catadores sob outros aspectos – concomitantemente, nas falas de alguns surgiu o endereçamento de uma demanda de atendimento psicoterapêutico, possivelmente devido ao significativo “psi” que viajava naquele com quem travavam contato. “Há colegas que têm muitas dificuldades, bebem muito, têm problemas em [vincular-se] ao nosso trabalho.”

Em 2012, em visita informal à mesma Cooperativa, três membros da coordenação desabafaram: “Temos cooperados que frequentam grupos no CRAS todas as semanas, mas dizem que odeiam ter que ir lá!” [repetem, com ênfase]. O que é isso que é produzido por algumas das ofertas em políticas públicas que gera tamanha repulsa? Deste emaranhado conjunto, apresentado por meio de alguns recortes, toma suporte e forma a presente pesquisa em nível de mestrado.

A Psicologia, enquanto ciência e como profissão, vem propondo a questão do compromisso da categoria com a transformação social¹. O Paradigma da Atenção Psicossocial tem incorporado as dimensões sociais, políticas, econômicas e éticas nos debates e práticas da Saúde Coletiva e da Saúde Mental (BENELLI, 2012a). Contempla o indivíduo que experimenta o sofrimento psíquico enquanto sujeito, como cidadão na ordem da política, e avança para a consideração da sua dimensão propriamente subjetiva (COSTA-ROSA, 2013). O sujeito, de objeto de intercessão² psicossocial, passa a ser considerado como sujeito cidadão e desejante.

¹ “Seria possível uma Psicologia não disciplinar e alienante? Como seria um psicólogo não normalizador? Seria possível uma Psicologia não-disciplinar no sentido em que Foucault (1999) demonstra que as demais ciências humanas são produtoras de subjetividades capitalísticas (GUATTARI; ROLNIK, 1996), fazendo do homem um indivíduo sujeito/assujeitado? Seria a Psicanálise do campo de Freud e Lacan uma via que possibilitaria a superação dos efeitos sociais disciplinares e normalizadores implicados na Psicologia? Trabalha-se com a hipótese de que esse psicólogo não disciplinar precisa ser um “psicólogo psicossocial” capaz de operar a partir da ética da Atenção Psicossocial. O psicólogo psicossocial é um profissional que possui uma formação complexa, devendo ser informado pelo Materialismo Histórico, avisado pela Análise Institucional (AI), prevenido pela Filosofia da Diferença e, sobretudo, precavido pela Psicanálise do campo de Freud e Lacan para realizar práticas de intercessão norteadas por uma ética que possibilite aos sujeitos se reposicionarem, a partir do tratamento do Real pelas ferramentas do Simbólico, nas conflituosas que atravessam e que os atravessam: implicação subjetiva e sociocultural”. (BENELLI, 2012c, p. 12).

² Preferimos falar de intercessão ao invés de “intervenção”. Para nós esse termo está carregado de possibilidades autoritárias, adaptativas, correccionais e ortopédicas, avisados que estamos pelas críticas de Foucault (1977) à modalidade intrínseca de funcionamento das ciências disciplinares. No campo da Psicologia, “A despeito das suas diferentes justificativas e estratégias de intervenção, coloca-se como principal objetivo desta ação uma chamada preocupação terapêutica, seja ela vinculada a prevenção, cura ou correção. Em qualquer uma destas instâncias, reitera-se a produção de normas: prevenir o indesejado, curar o anormal e corrigir o inadequado” (HUNING; GUARESCHI, 2005, p. 117). Na intercessão, o trabalhador conhece as possibilidades e os limites da sua ação: não pode tratar o outro como objeto de saber/poder, não pode saber por ele e também não pode fazer por ele, pois o outro é sujeito produtor de conhecimento e protagonista da própria existência.

A lógica de uma economia de mercado pautada pelos interesses de uma elite voraz, detentora dos meios de produção, gerou e tem gerado um enorme contingente de pessoas que, tomando-se o contexto brasileiro, nasceu em ou migrou para a atividade de reciclagem do lixo produzido pela sociedade – dita de consumo –, como meio de sua subsistência. Muitos vieram ao mundo já inseridos nesta desoladora paisagem (CURY JÚNIOR, 2007) – os lixões e suas imediações –, não lhes restando outro lugar para morar, nem de onde tirar seu sustento. Outros, nas últimas décadas, devido às danças e caprichos da economia, do mercado (entidades reificadas), e à incompatível qualificação profissional (resultante do histórico descaso para com a educação), encontraram-se mais e mais à margem dos bolsões de benesses (tanto de produção, como de desfrute de riquezas), só lhes restando aquela precária forma de subsistência. Legatários, enfim, de um Estado e de um modelo de sociedade no mínimo reticentes e lentos demais no fornecimento de condições básicas dignas e de oportunidades no mundo do trabalho, encontram-se também expostos a intensos impasses subjetivos. Em contrapartida, o reconhecido limite de exaustão dos recursos do planeta, juntamente com os altos custos implicados na extração de matéria-prima para uma sociedade sedenta por consumir, – mais a pressão de alguns setores engajados em causas sociais –, este conjunto de forças tem levado a sociedade a lançar um olhar para o reaproveitamento de materiais e, neste contexto, ainda que timidamente, sob uma ética predominantemente tutelar (BENELLI; COSTA-ROSA, 2011, 2012), a enxergar as pessoas que sobrevivem do contato com estes “incômodos” restos.

É nesse contexto que desenvolvemos esta investigação, articulando a psicanálise e a “questão social”, focalizando o sujeito em questão: catadores de material reciclável, participantes ou não de uma cooperativa popular de geração de trabalho e renda. Relacionar psicanálise e lixo não é um luxo, mas sim uma exigência ética e lógica da Atenção Psicossocial. Articular a psicanálise e a Atenção Psicossocial nos parece ser uma exigência radical, pois a centralidade do tema da cidadania deve incluir fundamentalmente a dimensão subjetiva e desejante, na acepção que lhe dá a psicanálise do campo de Freud e Lacan (COSTA-ROSA, 2013). O tema da produção do dejetos não é algo alheio ao discurso lacaniano, que apresenta uma singular crítica ao Modo Capitalista de Produção (MCP), para além dos discursos da ecologia, da reciclagem e da sustentabilidade (LACAN, 2014, 2009; QUINET; PEIXOTO; VIANA, 2002; VIEIRA, 2008a).

No capitalismo, a produção, a distribuição e o consumo de bens implicam num grande consumo de materiais os mais diversos, em todas as fases desse complexo processo, na direção vertiginosa do esgotamento dos recursos do planeta. Além da satisfação de

necessidades, um resultado patente da sociedade de consumo é a produção de imensas quantidades de lixo. O problema já tomou tais proporções que exigiu seu enfrentamento pelo Estado: a reciclagem de resíduos sólidos como política pública ou como se produz o dejetos no MCP (FEITOSA, 2011; GONÇALVES, 2005; BRASIL, 2010a). Atualmente, há uma interessante interface entre a Economia Solidária (ECOSOL) (SINGER, 1998, 2002, 2005; MELLO, 2005) e as diversas propostas de Geração de Trabalho e Renda na Assistência Social, na Saúde Mental (BRASIL, 2005), nas incubadoras universitárias de cooperativas populares (CARVALHO, 2008; CARVALHO; LADEIA, 2013; BRASIL, 2010b). Esse contexto compõe o campo de análise no qual se situa este trabalho.

Enquanto dados do IBGE, de 2010, estimam a existência de cerca de 70 mil catadores de recicláveis em áreas urbanas do Brasil, o Movimento Nacional dos Catadores afirma ser superior a 800 mil a cifra para todo o território nacional (IPEA, 2011). Os especialistas deste último instituto, por sua vez, calculam que algo em torno de 400 e 600 mil pessoas vivam da reciclagem. Número considerável para a definição de políticas públicas, portanto, focadas neste ator social. Outro dado relevante para avaliar o quanto esta população está longe de ter seus direitos mínimos assistidos diz respeito ao enorme contingente de trabalhadores solitários no setor da reciclagem. Com base em relatos de gestores públicos, da entidade assistencial Cáritas, dentre outras, e das próprias organizações de catadores, o percentual de trabalhadores ligados a cooperativas e associações nesse setor está em torno de apenas 10% do total estimado (IPEA, 2013). Ao falar de direitos minimamente assistidos, nos referimos, por exemplo, a uma carteira assinada, a garantias de melhores cuidados ao buscar atendimento médico, pois a pressão de uma organização coletiva (cooperativas, associações) enquanto legitimidade jurídica, para reivindicação de direitos, é maior do que aquele que, em condições já fragilizadas, timidamente demanda algo de um Estado reticente demais para maximizar melhores condições de vida a seus cidadãos. Relatos de catadores associados e não associados com quem conversamos corroboram estas afirmações. Pudemos constatar *in loco* a diferença, o pronto atendimento dispensado a uma catadora, decorrente de acidente de trabalho. Igualmente seja dito sobre as facilidades para conseguir moradia, além de outras garantias básicas, de modo que auxilie o cidadão a ampliar sua janela de oportunidades.

Outro aspecto também encontrado em nossa pesquisa de campo é o grau de discernimento bastante coerente de boa parte dos catadores não associados. Quando em suas falas algo sobre o contexto mais amplo tomava forma, muito dos conteúdos convergem para o que especialistas afirmam. A exemplo do enorme campo de possibilidades para fazer da reciclagem um meio de vida decente para muitos. Diz uma catadora: “Você não imagina o

quanto de riqueza tem nisso aqui. Se o governo desse condição pra gente trabalhar e viver bem, o quanto deixa de ser reciclado e o mal que faz também pro planeta. Mas é tudo muito complicado, tratar com o governo. [burocracia, etc.]”. De fato, revelam dados do IPEA (2013): apenas 2,4% dos resíduos sólidos são coletados de forma seletiva (números de 2010), sendo o restante, devido ao manejo indevido, inviabilizado para reutilização. Segundo a Revista Época (2013), o número de municípios com coleta seletiva no país não ultrapassa os 18%. Chega a ser impressionante observar as precárias condições de trabalho, o que efetivamente é considerado reciclável, indo muita coisa útil parar nos aterros, por falta de treinamento, além de outros entraves na cadeia produtiva que inviabiliza sua comercialização. Isto até mesmo para os olhos de um leigo, como o pesquisador ao se aproximar do campo. Citemos um (1) item? Bancos automotivos, por exemplo, sendo despejados nos aterros. Enormes quantidades deles. Juntando-se a este conjunto de fatores a exploração, devido aos baixos valores pagos pelos atravessadores, e as políticas públicas que não chegam a esta população, é preciso muito pouco para chegar a conclusões preocupantes sobre as condições em que vivem os catadores e o sofrimento psíquico decorrente.

Quando a eles chegam as políticas de assistência, elas trazem, muitas vezes, segundo conclusão de Eurípedes do Nascimento (2012), ao estudar os andarilhos de estradas, mas cuja afirmação valeria para as situações análogas por nós encontradas no contexto dos catadores, a submissão, a disciplina, a normalização. Prossegue o autor:

o serviço social e os programas assistenciais desenvolvidos nessas instituições deveriam ser repensados no sentido de propor outros modos de atendimento menos homogêneo e centralizador a fim de incluírem outros indivíduos ignorados pelas próprias políticas públicas de gestão dos órgãos governamentais e filantrópicos. [...] propiciar uma assistência menos seletiva e mais humanizada para que todos possam realmente ter acesso às garantias dos mínimos sociais (NASCIMENTO, 2012, p. 190).

Práticas decorrentes do modo de percepção dos profissionais das áreas da Assistência e da Saúde Mental, em relação aos pobres, estruturado a partir do senso comum. Completaríamos com as palavras do próprio autor: “conceitos comuns enraizados no imaginário social da cultura brasileira, tais como: a vagabundagem, a doença mental, a desestrutura familiar e opção de vida” (Idem, 2012, p. 6). Ponto de vista estreito, certamente, por reforçar as estruturas vigentes, aliadas às “imposições do poder do Estado e do saber médico-político [operacionalizado pelo] pensamento da razão instrumental” (Idem, 2012, p.164). A necessidade de profissionais e dirigentes com uma visão crítica da realidade, embora não seja um caminho fácil, pois leva também a um questionamento e posicionamento

do profissional sobre si neste entrelaçado de relações sociais sustentadas pela exploração, é o caminho a ser trilhado para “assumirem seus papéis de potenciadores eticamente comprometidos com o social” (Idem, 2012, p.163).

É com abordagens pautadas por vieses críticos análogos àqueles apontados por Nascimento, objetivando ações em políticas públicas, que nos alinhamos. Nosso trabalho, a partir de um enfoque psicanalítico na vertente de Freud-Lacan para a escuta de catadores, procura estabelecer pontes com diversas perspectivas críticas, levando em conta aquilo que é comum a todas, ou seja, seus pontos de convergência que favoreçam a potencialização de vida, especialmente das pessoas das camadas materialmente mais pobres. Mas isto não significa criar mais guetos, pois sabemos que a moenda do MCP gira de maneira a atingir a todos. Aqueles menos expostos ao que de mais pernicioso este Modo de Produção tem consigo não estão imunes aos seus efeitos, vítimas que igualmente são do processo de coisificação que submete a todos e pauta amplamente as relações.

Com o propósito de expor ao menos um recorte referente à nossa pesquisa – tarefa complexa dada a dificuldade inerente ao método psicanalítico e o contexto proposto para sua atuação – optamos, como roteiro de apresentação, apresentar, no capítulo primeiro, sob a forma de dois grupos paradigmáticos, práticas de cuidado que se orientam por princípios que datam do início do processo de consolidação do capitalismo: o de tomar o outro como objeto passivo sobre o qual o especialista deveria atuar, docilizar, adaptar (FOUCAULT, 1977, 1980). O segundo grupo compreenderia práticas emancipadoras, pois apreendem o sujeito como um ser dinâmico na expressão de si no mundo; o que relativiza os enquadres nosológicos e as conseqüentes terapêuticas de submissão: medicação excessiva, modelagem comportamental, dentre outras. Embora possa parecer uma leitura de práticas restritas à Saúde Mental, nossa concepção é a de que tais estruturas sustentam diversos campos de ação, incluindo aquele em que se situa a Assistência social; área com a qual este trabalho pretende dialogar, tomada em conta a relação entre psicólogos e assistentes sociais nos estabelecimentos de assistência: CRAS, CREAS, CAPS, etc.

No segundo capítulo, fundamentados que estamos para ações promotoras de autonomia, toma a cena a voz dos catadores. Apresentamos o contato com os catadores, baseado em uma escuta terapêutica em grupo, inspirada em Lacan, que leva em conta a promoção de laços discursivos que incitem o sujeito a situar-se como protagonista de sua fala, uma vez que o “terapeuta” se exime de uma posição de mestria, permitindo, assim, uma abertura para o inconsciente. Os efeitos desta fala podem ser interessantes, uma vez que, ao falar de si, gradativamente, efeitos potencializadores podem ser percebidos no sujeito. A

aplicação de um dispositivo extremamente sutil, geralmente encarado como circunscrito às elites, pode, sem prejuízo em qualidade, fazer-se vibrante em espaços e condições aparentemente incompatíveis, sobretudo entre os que estão do outro lado da corda, na ponta da miséria, incapazes, segundo alguns, de simbolizar suas vivências. Ao seguir os casos relatados, é possível ao leitor adquirir uma ideia, embora geral, de como o dispositivo funciona. Esperamos que o observar seu funcionamento, por meio da narrativa, inspire questionamentos sobre os modos de aproximação existentes nos serviços, exercidos por qualquer profissional, para que outros emergam. Algumas das dificuldades no campo são neste capítulo também apresentadas, depreendidas pelos excertos do Caderno de Campo.

Finalmente, encerramos com a descrição da passagem do psicólogo pelo campo social, quando transita pelos espaços em seu cotidiano, a fim de tornar visível, a partir do olhar de alguém sensibilizado pelos aportes teóricos que fundamentam a pesquisa, o denso campo social no qual pululam sofrimento e desafios, mas também possibilidades. Partindo do princípio segundo o qual, evidentemente, o profissional (seja de que categoria for) também é dotado de um inconsciente e, no contato com o outro e o Outro social (todo o simbólico que nos permeia e nos tece), este profissional também experimenta em si efeitos os mais variados – partindo deste princípio –, o objetivo é mostrar que, estando melhor situado teoricamente (que implica a saída do isolamento, em direção também à reflexão junto aos pares), os acometimentos que porventura venha a experimentar podem ser melhor contornados. Dado relevante, de modo a não afetar sua atuação junto àqueles cujo foco é a promoção de vida. Muitas vezes, na realidade empírica, ao confrontar-se com situações que envolvem tamanha precariedade de existência, o profissional se ampara ou no senso comum ou no discurso da ciência, da autoridade, para tamponar o mal-estar que lhe acomete. As consequências deste ato são danosas para o trabalho almejado. Um pouco deste elemento de interferência é mostrado nesta seção.

Como oportunamente lembrado pelo Professor Costa-Rosa, em um grupo de discussão, no limite da dialética hegeliana, uma obra já nasce superada. Não antevemos destino diferente para este trabalho, uma vez repleto das imperfeições, limitações, de um psicólogo e pesquisador que insiste em mover-se causado pela ideia de que é possível fazer as coisas de outro modo (campo da ação) e produzir um saber não compartimentado, mesmo que se machuque no caminho. Um saber, tal como esta escrita, rizomático, como rios subterrâneos que correm e brotam em diversos lugares e arrastam consigo sedimentos de minérios dos diferentes territórios, coletados em sua viagem. Saber enquanto *knowing*, representação sufixal de processo, constante elaboração

CAPÍTULO 1

A PSICOLOGIA E SEUS MODOS DE PRODUÇÃO DE CUIDADO NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS: ESPAÇO PARA A PSICANÁLISE?

- Lata de Lixo – Eu sou limpa e não tenho cheiro. Mas por fatalidade me enchem de restos sujos e de imundícies. Só os vira-latas me entendem. ‘Ela’ me forra com papel de jornal: Jornal do Brasil. E eu impávida finjo que não tenho dono. Pontas de cigarro apagadas eu recebo. Um dia vou pegar fogo. De noite fico sozinha no escuro, vazia, pousada no canto do chão. Meu silêncio fede. Ai de mim, que sou o receptáculo da morte das coisas. – Clarice Lispector – Um sopro de vida: pulsações.

“Enquanto uma parte cada vez mais crescente da psiquiatria e da psicologia desenvolveu uma verdadeira aversão à subjetividade, buscando critérios que eliminem o sujeito e reforcem a cientificidade pautada no caráter orgânico dos comportamentos, a psicanálise buscou sua secularização na investigação do mal-estar instaurado pela inadequação da linguagem ao corpo biológico.” – Marcelo Veras.

As pressões para os avanços sociais experimentados pela sociedade brasileira, intensificados a partir dos anos de mil novecentos e setenta, têm reflexos também na área da saúde, para o escopo do que pretendemos aqui tratar, especificamente, no que concerne à Atenção Psicossocial. Na esteira dos avanços propiciados pela Reforma Psiquiátrica, baseando-nos nas considerações de Amarante (2001), os diversos estabelecimentos do setor público – Ambulatórios de Saúde Mental, CAPS, CREAS, dentre outros – têm, como norteadoras de suas ações, diretivas do Ministério da Saúde e de órgãos relacionados a tais questões (BRASIL, 2005, 2011, 2012; CONSELHO FEDERAL de PSICOLOGIA, 2010), cujo discurso objetiva a promoção de cidadania, que leva em conta aspectos que poderiam ser nomeados como o campo da subjetividade³. As considerações a serem desenvolvidas tomam

³ “Trabalhamos com a hipótese de que o conceito de subjetividade permite estabelecer um plano de análise bastante preciso e radical sobre o campo da Psicologia como ciência e como profissão. Funcionando como crivo e corte epistemológico, a tematização do psicológico e do psíquico como subjetividade e – sobretudo, enquanto processos de subjetivação – possibilitariam discriminar e localizar diferentes tipos de práticas *psi*, conforme estejam aquém desse conceito e, portanto, o ignoram, ou, tomando-o em consideração, buscam instrumentalizá-lo de diversos modos. Trabalhando com esse conceito, acredita-se poder avançar na construção de um mapeamento de diferentes práticas presentes no campo *psi*, com a intenção de ultrapassar coordenadas meramente aleatórias, históricas e conjunturais, em direção de coordenadas lógico-estruturais que permitam análises conceituais mais consistentes. Busca-se operar com o conceito fundamental de *subjetividade* para pensar e problematizar de modo paradigmático o campo psicológico. Algumas concepções de subjetividade presentes no materialismo histórico (ALTHUSSER, 1979, 1984), nas obras de Foucault, de Deleuze e Guattari também permitem considerar matizes importantes desse construto teórico. Todas essas vertentes são virulentamente transdisciplinares e elas promovem a desconstrução da Psicologia disciplinar e também da própria ciência em

como centro do argumento a atuação de psicólogos, mas sua circunscrição à área da psicologia não é um requisito indispensável: poderiam servir de apoio para reflexões de outros atores sociais nas diversas instâncias das políticas públicas.

O sujeito em sofrimento psíquico que procura os serviços – e aqui se faz necessário o recorte de um contingente específico: aquele das populações pobres – entra em contato, portanto, com saberes e fazeres que, de certo modo, balizam a visão do profissional na sua relação com ele. O que, de fato, encontra aquele que chega aos estabelecimentos de Atenção Psicossocial? Tem sido proporcionado, via-de-regra, um atendimento condizente com práticas que respeitem a singularidade do sujeito, que forneçam condições para a superação dos seus impasses? Têm sido exitosas num trabalho em rede, frequentemente necessário neste contexto, as ações das equipes de Saúde Mental, juntamente com as da Assistência Social, que incluem médicos, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos, educadores, dentre outros profissionais, e membros da comunidade? E, como pensar a psicanálise, artigo de luxo, na visão de muitos, nesta realidade? É um componente viável? Teria ela algo a contribuir não apenas no cenário das diversas terapêuticas disponíveis, mas também na condução da escuta feita por um dos profissionais àquele que procura os serviços? Haveria necessariamente uma relação de afrontamento entre elas e a psicanálise na lida cotidiana nestes estabelecimentos? Uma vez no campo da clínica, como conceber, então, a noção de cura? Por fim, refletir sobre tais questões prescindiria de se considerar as incidências do social, tanto nos processos de subjetivação como nos constructos teóricos que erigimos e pelos quais nos guiamos?

O processo histórico de modernização do social, no dizer de Birman (2005), com seus ritmos e temporalidades, de modo a consolidar o Modo Capitalista de Produção (MCP), acabou por imprimir uma miríade de intervenções segmentadas, empenhadas em aplacar o mal-estar do sujeito em sofrimento, interpretado na ideologia vigente, mercadológica, como um estado contrário à condição original do homem. Esta condição, supostamente original, passou a ser vista como um bem passível de ser (re)adquirido. E, para tal, o discurso científico, em suas diversas modalidades, estaria a cargo da empreitada. Certamente, o frenesi imposto pelo MCP gera efeitos peculiares nos sujeitos, em como se significantizam e lidam consigo, com o outro, com o meio, como o interpretam. Scruton (2008), valendo-se da teoria da alienação marxiana, resume de modo contundente os perniciosos mecanismos em ação:

sua versão positivista tradicional. Entendemos que o conceito de subjetividade, na acepção que emerge da Psicanálise do campo de Freud e Lacan e a clínica que daí se deriva, possui importância fundamental para um psicólogo que se pretenda psicossocial” (BENELLI, 2015b, p. 20).

1. Um homem é um objeto para si mesmo à medida que investe objetos com poderes humanos, e assim deixa de ver esses poderes como tendo origem nele próprio.
2. Um homem torna-se objeto para si mesmo à medida que outros são objetos para ele. (SCRUTON, 2008, p. 278)

O que resulta disso tudo, resumidamente, da prevalência de uma razão instrumental? No contexto em análise, a preferência por tratamentos psicofarmacológicos, por terapias breves calcadas nos modelos das neurociências, do discurso da psiquiatria biológica, e pelas teorias do cognitivismo, de acordo com Birman (2005) e Costa-Rosa (2013), que, ou reduzem o psiquismo a uma combinação química ou a esquemas mentais facilmente tornados operacionais mediante o ato deliberativo da razão. Vale lembrar que tais mecanismos, bem como as concepções e agires deles decorrentes, afetam, em certa medida, a sociedade como um todo. A justaposição das considerações, brevemente expostas, seria suficiente para depreender com certo terror o grau de coisificação ao qual o sujeito é impelido a seguir acomodando-se, moldando-se.

Ainda assim, apesar de válido o quadro aterrador na análise do contexto em que a saúde mental e as políticas públicas voltadas às populações pobres se inserem, faz-se necessária uma abertura das lentes, a fim de situar o campo da realidade, que germina multiplicidade, possibilidades. Considerações encontradas em Costa-Rosa (2013)⁴, bem como em outros pesquisadores (BARATTO, 2007; BIRMAN, 2005; FIGUEIREDO, 2000; PÉRICO, 2014; RINALDI, 2006; BENELLI, 2014), possibilitam-nos contemplar os modos de produção de cuidado no campo da saúde mental, distinguindo em dois grandes grupos as práticas que, para fins didáticos, serão denominadas: a) práticas do "cuidar de" – normalizadoras, patologizantes, calcadas no discurso da ciência, na posição de mestria do terapeuta e objetificação do paciente, nas quais subjaz a suposição de insuficiência de capacidade de simbolização dos sujeitos oriundos das populações pobres; e b) práticas do "cuidar-se" – que abrem espaço para a perspectiva psicanalítica – por vislumbrar o sujeito como produtor de conhecimento acerca do seu sofrimento, propiciando abertura para a dimensão desejante, para a divisão subjetiva, para o inconsciente.

Em nota, afirma o autor:

É conveniente e necessário explicitar o sentido do termo cura – evidentemente, fora do princípio doença-cura, que caracteriza tanto o

⁴ Costa-Rosa (2013, p. 271-321) desenvolve um trabalho de análise do termo “cuidado” que vem aparecendo de modo crescente nos campos da Saúde e da Saúde Mental, problematizando-o criticamente no plano conceitual, desenvolvendo uma proposta ética singular para a Atenção Psicossocial. Sobre o tema, confira também em Benelli (2014, p. 278- 280).

paradigma psiquiátrico quanto certa psicanálise, ainda absolutamente identificados com as especialidades disciplinares. Tomamos aqui uma sugestão lacaniana de leitura do *Sorge* heideggeriano, como curar-se, ou seja, poder inalienável do próprio sujeito de dar as constantes e intermináveis respostas às solicitações do real e da realidade; longe, portanto, de qualquer postura cristianizada, em maior ou menor grau, que costuma traduzir o *Sorge* como “cuidar de”; forma avessa à ética da psicanálise e das formas de psicoterapia que pautam por ela seu horizonte ético (COSTA-ROSA, 2013, p. 242).

Ao fazer menção ao conceito heideggeriano de cura, antes de adentrar em considerações específicas sobre os dois grupos paradigmáticos, oportuno seria recuperar alguns elementos do complexo universo de conceituações de que o filósofo faz uso, a fim de tornar mais visível a relação deste conceito (*Sorge*) na reflexão sobre as práticas de cuidado na Atenção Psicossocial. Apostamos que tal digressão terá sido útil para apreensão do raciocínio.

Inwood, em seu *Dicionário Heidegger* (2002) esclarece que a palavra *Sorge* se aproxima, na língua portuguesa, do sentido de “cura”, “cuidado”. Porém, em alemão, o termo abarca uma variedade de sentidos. Apesar de, em suas raízes, conter acepções tais como preocupar-se com, cuidar de, para Heidegger, seu significado pretende ultrapassar qualquer visão instrumentalizadora ou a ideia de um “bem-estar organizado pelo estado ou por corporações de caridade” (INWOOD, 2002, p.26), imbuídas de uma ética baseada na piedade; sentido também existente no uso corrente da palavra, na língua original. A fim de deixar clara a amplitude que pretende com o termo, para atender ao seu sistema de pensamento, Heidegger fornece pistas bastante claras: utiliza com frequência, por exemplo, combinações do tipo *sich sorgen* (cuidar-se), forma reflexiva que decanta o sentido almejado. Chega a ser categórico no esclarecimento de sua concepção do termo:

Ocupação e preocupação são constitutivas da cura, de tal forma que quando usamos simplesmente o termo ‘cura’ sempre nos referimos a ele, e nas nossas explicações concretas o compreendemos, como uma cura ocupada-preocupada [*besorgend-fürsorgende-Sorge*], onde com cura queremos dizer, em um sentido enfático, que, nesta ocupação e preocupação como cura, o próprio ser que cuida [*das sorgende Sein*] está em questão (HEIDEGGER *apud* INWOOD, 2002, p. 26-27, grifo nosso).

A fim de ampliar o entendimento acerca da constelação que envolve o conceito, vale mencionar que Heidegger diferencia dois tipos de *Fürsorge* (cuidado, preocupação):

O *Fürsorge* inautêntico, ‘dominante’, ‘imediatamente livra o outro do cuidado e em sua preocupação se coloca no lugar do outro, transpõe o obstáculo para ele’, enquanto o *Fürsorge* autêntico, ‘libertador’, ‘salta atentamente à frente do outro, para de lá devolvê-lo o cuidado, i.e., ele

mesmo, seu próprio e único *Dasein*, não para levá-lo embora' (Idem, p.27). A autenticidade possibilita ajudar os outros a firmarem-se sobre seus próprios pés ao invés de reduzi-los à dependência (INWOOD, 2002, p.27).

Há detalhes relevantes ainda a serem considerados: “*Sorge* também inclui *Besorgen* [ocupação com algo], e *Fürsorge* [cuidado autêntico]”, ambos presentes no discurso do filósofo (Idem, 2002, p. 28). Inwood exemplifica: “Eu poderia, portanto, contribuir para a aposentadoria de outra pessoa, desde que eu não faça tudo por ela a ponto de ela perder sua própria cura e tornar-se um apêndice para mim.” (Idem, 2002, p. 28).

No escopo de lançar mais luzes sobre este intrincado conjunto de conceitos, Rogério da Silva Almeida (2008) explana que, na lida cotidiana, o *Dasein* (ser-aí) primeiramente atende ao que foi definido pelo *statu quo*, pela tradição, pelo Impessoal (“das Man”). “O Impessoal procura aliviar qualquer crise de sentido, questionamento, angústia e tédio, no sentido que Heidegger em sua filosofia procura evocar.” (ALMEIDA, 2008, p. 8). Elegemos neste momento do raciocínio o uso de uma imagem poética para elucidar o cuidar inautêntico, que instrumentaliza, adapta. Com propriedade, o compositor Gilberto Gil (1973) descreve o modo impositivo, prescritivo, de ser da cotidianidade: “Sabe, gente/ É tanta coisa pra gente saber/ O que cantar, como andar, onde ir/ O que dizer, o que calar, a quem querer”. Lugares pretendidos, designados, digamos, para fixar o sujeito em modos de ser que visariam a fornecer alívio frente a qualquer preocupação, descompasso, a evitar qualquer indício de cisão do sujeito com respeito ao ser-no-mundo. Rede de sustentação que devém em rede de aprisionamento: “o seu poder-ser, querer e desejo são nivelados de acordo com o que todos querem.” (ALMEIDA, 2008, p. 9).

Apesar do exposto, não se supõe depreender que as práticas cotidianas carregam, em regra, um sentido depreciativo. O *Dasein* está, de fato, inserido no mundo do a-se-fazer, simultaneamente, lidando com utensílios e pessoas, em um primeiro momento. Já o cuidado autêntico, mobilizado pelo sentimento de angústia, no contexto dos impasses que lhe insurgem, favorece uma suspensão do contato do *Dasein* com sua ambiência, que o leva ao questionamento e, espera-se, vislumbre de possibilidades.

Quando o ser-aí rompe com a teia de obscurecimentos e nivelamentos, que fecham o seu próprio ser [...], [ele] não rompe abruptamente com a cotidianidade impessoal, mas *permanece nela de maneira diferente*. (ALMEIDA, 2008, p.9, grifo nosso).

Heidegger, em outras passagens, é bastante explícito acerca do inserimento de *Dasein* no mundo, não demonizando este. Embora em *Serenidade* (1994), conferência pronunciada em 1955, o ponto de análise pareça restringir-se à nossa relação com o mundo técnico, o

cuidado em sentido autêntico (*Fürsorge*) não deixa de ser entrevisto, à medida que a *reflexão* se faz necessária para estar-*com* e servir-se *dos* vários objetos do mundo – não servir *a* eles –, evitando, assim, o sujeito neles alienar-se.

Podemos dar el *sí* a la ineludible utilización de los objetos técnicos, y podemos a la vez decir *no* en cuanto les prohibimos que exclusivamente nos planteen exigencias, nos deformen, nos confundan y por último nos devasten. (HEIDEGGER, 1994, p. 27).

Para tal, dizer sim e não simultaneamente, é preciso “mantener despierta la meditación” (Idem, 1994, p. 28). Heidegger fala, portanto, de um não conformar-se ao mundo prescritivo, ainda que se relacione com ele. Algo a ser logrado por meio da reflexão: abertura para o *logos*, a linguagem. Quando o ser-aí é acochado por um sentimento que lhe tira dos artifícios do Impessoal (cotidianidade cega) e resolve, por livre escolha, questionar as suas determinações, acontece o cuidado em sentido adequado (ALMEIDA, 2008). Emerge aí a “possibilidade de permanecer no mundo de um modo completamente diferente.” (HEIDEGGER, 1994, p. 27, tradução nossa). Reiteramos: *um permanecer na cotidianidade, diferente*.

Esperamos ser possível vislumbrar o paralelo que pretendemos fazer entre o sentido de um *Sorge* inautêntico com diversas práticas vigentes na Atenção Psicossocial (práticas do “cuidar de”) e aquelas orientadas pelo cuidado autêntico, objetivando uma implicação subjetiva daquele que procura pelos serviços (práticas do “cuidar-se”).

Práticas do “cuidar-de”: origens, bases e efeitos obtidos

É sabido que os diversos processos de modernização do social, que marcaram as ciências do homem (incluindo-se a psicologia), também imprimiram marcas na tradição psicanalítica, inscrita que está no caldo das múltiplas formações sociais de seu tempo. (BIRMAN, 2005). A consolidação do MCP, cuja ênfase reside na tradição positivista, na fragmentação do todo para melhor compreensão e intervenção sobre algo, no estabelecimento de escalas para padronização, a fim de melhor obter e mensurar o lucro, ou seja, no uso instrumental da razão, imprime igualmente suas marcas nos saberes e fazeres na área da Atenção Psicossocial. Uma gama de abordagens calcadas na tradição cartesiana vem em auxílio do cuidado prestado àquele que sofre, na tentativa de otimizar os serviços, de reduzir o cadastro de espera por atendimento psicológico e similares – mostras de eficiência da ação dos gestores – e de pretensamente remeter o indivíduo de volta a um ideal de funcionalidade e até mesmo de um *para sempre feliz*. Ideais muitas vezes partilhados pelos próprios usuários

dos serviços, crescentemente influenciados/subjetivados por “modelos advindos do cognitivismo [que] fascinam cada vez mais o campo dos saberes do psíquico e as ciências humanas num sentido mais geral.” (BIRMAN, 2005, p. 207). Em uma palavra: psicologização.

Terapias que viajam nos significantes “breve” e “focal”, dentre outros, afirma Birman, grassam nos estabelecimentos, juntamente à utilização exponencial de psicofármacos: demanda explícita por fórmulas mágicas, visando à recuperação do suposto estado de equilíbrio. Mais por menos, com pouco esforço: a força da lei da barganha, perpassada pelos mais diversos campos da vida do sujeito. O enunciado em destaque, extraído de considerações do autor, além do sentido total da declaração, apresenta escolhas lexicais primorosas para um calidoscópio de vieses de análise sobre a questão: “[...] perspectiva normativa pela qual a medicalização do social pôde se realizar sem resistências, na medida em que foi silenciado o potencial crítico da tese sobre o mal-estar na modernidade.”. (BIRMAN, 2005, p. 205). Algumas vertentes psicanalíticas também respingam com as mesmas fagulhas.

Apesar dos insistentes avisos de Freud nas reuniões da sociedade psicanalítica de Viena – [...] “Deixem a psicologia em paz, de uma vez por todas; deixem a psicologia para os psicólogos.” (FREUD, *apud* STERBA, 1982, p. 117, tradução nossa) –, entre os anos 1920 e 1930 um grupo de psicanalistas, tendo Heinz Hartmann como seu expoente, elaborou uma versão da psicanálise que passou a ser hegemônica por várias décadas, resvalando para terapêuticas várias até os dias atuais. Neste arranjo teórico-conceitual, expõem Baratto e Aguiar (2007), a psicanálise “integra múltiplas facetas, passando a se ordenar em torno de novos objetivos terapêuticos, novos métodos de investigação dos processos psíquicos – o empírico no sentido positivista –, novos conceitos, novas táticas e técnicas.” (BARATTO; AGUIAR, 2007, p. 309). O psicanalista Richard Sterba (1982) dá seu testemunho da reunião em que Hartmann apresenta o estudo que antecede a saída deste para a América e que disseminará a psicanálise segundo tal interpretação:

Houve ainda outra reunião da sociedade com uma importante apresentação, cujo pleno impacto foi postergado devido aos tumultuosos eventos políticos do período [ascensão do nazismo e eventual dissolução das policlínicas que prestavam atendimento psicanalítico à classe trabalhadora]. Trata-se de um estudo apresentado por Heinz Hartmann, “O Ego e a função de Adaptação”. Nele, Hartmann estabeleceu os conceitos de função autônoma do ego, de áreas do ego livres de conflito e de neutralização da energia mental. Estes conceitos iniciaram a fase da construção da teoria analítica nomeada *psicologia do ego*. [...] A partir de Janeiro de 1938, vivíamos em constante estado de apreensão. (Idem, 1982, p. 157).

Segundo Elizabeth Danto (2005, p. 8), a reação daqueles sintonizados com a visão humanista de Freud em detrimento de analistas simpatizantes de uma postura clínica alinhada com a psicologia do ego tomou tal proporção que, ao longo de dez anos, inclusive durante o período em que a policlínica de Berlin fora “arianizada”, em 1933, até seu eventual fechamento em 1938, Fenichel fez circular entre os analistas uma série de cartas – *Rundbriefe* – em que adjetivava a nova teoria da adaptação de Hartmann em matizes que iam de “neofreudiana” a “assustadoramente pré-freudiana”, argumentando com os colegas, dentre outras críticas, que “a importância da psicanálise reside também em sua dimensão social, até mesmo marxista”. O adjetivo *assustador* não se restringe apenas ao contexto da segunda metade do século XX. O aprimoramento da sociedade de controle nos tempos atuais também se nos tornam motivo de preocupação. Ao retrocederem para noções que remontam à filosofia racionalista clássica, os teóricos da psicologia do ego apresentam a noção de inconsciente como obscuridade, irracionalidade, cujos “impulsos instintuais, irracionais” devem ser submetidos ao “controle racional do ego” (HARTMANN *apud* BARATTO; AGUIAR, 2007, p. 310). Ao fazê-lo levou-se à “formulação de um modelo teórico de caráter descritivo, explicativo e preventivo das condutas humanas”, com vista à eliminação de comportamentos indesejados, desajustados (BARATTO; AGUIAR, 2007, p. 310).

É possível depreender que tanto no campo da Saúde Mental como no da Assistência Social predominam, nas mais diversas práticas, ressonâncias da psicologia do ego, com suas interpretações equivocadas de Freud sobre o inconsciente, que atribui ao ego o poder supremo sobre pensamentos, sentimentos e ações, desembocando, assim, em práticas adaptacionistas, diretivas, racionais, que olham para o sintoma ou o mal-estar do sujeito como um elemento indesejado para o bom funcionamento psíquico e harmonia social – mal a ser extirpado. Na tradição do fragmentar para melhor entender e agir, as práticas segmentares, hierarquizadas, consoantes com a serialização, como em linha de montagem, encontradas nos serviços, características do paradigma hegemônico – Paradigma Psiquiátrico Hospitalocêntrico Medicalizador (PPHM) –, segundo Costa-Rosa (2013), espalha-se para os demais serviços junto à população pobre. Isto porque, esclarece o autor, O PPHM não é um elemento que surge do nada, podendo ser simplesmente eliminado. Ele resulta da lógica de um Modo de Produção, a saber, o MCP, no qual estamos inseridos, e que serializa, uniformiza, de modo à otimização da mais-valia. Para tal, coisifica: o sujeito é considerado como destituído de nuances próprias, características de sua subjetividade, dos contraditórios movimentos do seu psiquismo. Portanto, um objeto passível de, do ponto de vista do profissional, atuar sobre, muitas vezes movido pelas mais nobres intenções de piedade, solidariedade, de desejar o bem

do próximo, como afirmam Benelli (2015a) e Benelli e Costa-Rosa (2012); que nada mais são do que destituir o outro de sua capacidade de empoderamento, da sua dimensão desejante, da sujeição, dependência e manutenção do *statu quo*, uma vez que alienação sócio-política e ocultamento da exploração da classe trabalhadora são os efeitos éticos produzidos em ambos os campos.

Como mencionado no parágrafo anterior, o *modus operandi* do PPHM também dialoga com as lógicas assistenciais depreendidas das práticas cotidianas dos agentes institucionais da Assistência Social, afirmam Benelli e Costa-Rosa (2012). Estas poderiam ser configuradas em seis paradigmas: a) o da caridade: que data do mundo medieval cristão, sendo encontrado inclusive na atualidade; b) da filantropia: que emerge no contexto da sociedade burguesa, de inspiração humanista, buscando amparar a pobreza por meio de uma lógica racional; c) da promoção humana: que atualiza o paradigma da caridade incluindo o tema dos direitos humanos e sociais, da solidariedade e do voluntariado, com a atuação de grupos religiosos diversos; d) do clientelismo assistencialista: datado do período colonial, caracterizado pelo uso da máquina pública para, ao promover favores pessoais, consolidar o poder político do benfeitor; e) da Assistência Social como política de Estado: o discurso oficial norteador da política nacional de Assistência Social no Brasil, cuja efetivação, no plano da realidade, ainda não atinge seus objetivos de uma vida digna a todos os cidadãos; e, no horizonte do vislumbrado pelos autores, como uma possível alternativa dialética aos anteriores, f) o paradigma do Sujeito Cidadão: que se pauta por ações alinhadas com os interesses do polo socialmente subordinado, com participação coletiva na gestão, de modo a superar a alienação e emancipação destes grupos populares.

Com exceção do paradigma do sujeito cidadão, aos anteriores estão alinhados com as práticas aqui denominadas do “cuidar de”, uma vez que as técnicas por eles empregadas são tuteladoras, moralizantes, pedagógicas modeladoras, dirigindo-se àqueles que buscam os serviços como pessoas de quem se espera subserviência, dada sua condição de “desfavorecidos”. Como efeitos assistenciais e éticos, os autores chamam atenção para a tutela, subordinação, controle social dos pobres, uma vez infantilizados enquanto cidadãos. Lembremos que, diante de qualquer objeção ao imposto ou impossibilidade do cumprimento de tais diretrizes, a culpa é atribuída exclusivamente ao usuário, jamais aos profissionais, gestores ou do modo de organização do trabalho. Críticas seguidas dos mais terríveis enunciados só confirmam a visão preconceituosa, despolitizada, de muitos dos que atuam nestas áreas – trabalhadores que muitas vezes detestam atuar junto aos pobres.

Uma situação por nós vivida, há alguns anos, em um Ambulatório de Saúde Mental poderia servir de exemplo emblemático para uma prática dentro da lógica do “cuidar de”. Após iniciar um trabalho com grupos psicoterapêuticos, vencida a fase reticente de alguns colegas, começamos a receber destes encaminhamentos de seus pacientes. Um deles (psicólogo) telefona e pergunta se poderia encaminhar mais um “caso clínico” seu. A certa altura, o desabafo exasperado: “Não aguento mais aquela paciente! Vai contra tudo que eu falo. O tempo inteiro vai contra o que a ciência diz!”. Apesar de já numeroso, os membros de um dos grupos consentem com sua vinda. Após algum tempo dentro de outro dispositivo de fala, seu prontuário traz uma observação elogiosa, em tom de surpresa, da psiquiatra: “Redução da medicação. Está até mais bonita!”.

Práticas do “cuidar-se”: na direção de um *Sorge* autêntico

Inseridas neste contexto, práticas psi outras, que convivem dialeticamente com versões do modelo do “cuidar de”, esboçado acima, voltadas para uma visão de saúde coletiva e de políticas públicas que contemplam os interesses do polo socioeconômico dominado no MCP, de modo a promover sua emancipação, têm contribuído significativamente para uma visão de homem mais ampla (CIAMPA, 1983; CAMPOS; GUARESCHI, 2000; LANE, 1991; LANE; CODO, 1993; LANE; ARAÚJO, 2000; SAWAIA, 2006). Suas intervenções são embasadas inclusive na crítica das condições socioeconômicas –, com o intuito de melhor compreender os impasses, sofrimentos e, finalmente, as soluções a que chega um sujeito refém de situações-limite, uma vez subtraído de sua dignidade, de seus direitos. Esta práxis psi, em sua gama de ramificações, por meio de suas interfaces com a psicologia social latino-americana, a psiquiatria democrática italiana, a sociologia, a arte, a educação, com comunidades eclesiais, etc., tem obtido resultados animadores.

Nossa contribuição visa *agregar a este conjunto* o legado de Freud, no que se refere a uma abrangente compreensão daquilo que constitui o sujeito; este, jamais tomado nem como interioridade absoluta, nem como resultante apenas do campo social e histórico, no dizer de Benelli (2012b). Como vimos no item anterior, a dimensão desejante, dimensão do sujeito do inconsciente, dividido, contemplada pela psicanálise, chega a ser sistematicamente ignorada e até mesmo combatida pelos adeptos de uma psicologia centrada no ego, na qual tudo parece ser redutível ao poder deliberativo da racionalidade. Estranhamente, vertentes psicanalíticas que mais parecem extensões de uma psicologia do eu, como afirmam Baratto e Aguiar (2007), portadoras de uma ortodoxia que julga possível relegar o inconsciente a um engessamento, cuja emergência se daria apenas em settings fixos, também fazem oposição, mais ou menos

velada, à oferta de uma escuta psicanalítica centrada no sujeito, nos estabelecimentos da rede pública⁵.

Por outro lado, a literatura também demonstra a pertinência da psicanálise no âmbito das políticas públicas (CAMARDELO, s/d; FERNANDEZ, 2001; FIGUEIREDO, 2000; FONSECA, 2010a, 2010b; PÉRICO, 2014; RINALDI, 2006; VIEIRA; HOLCK; MACHADO; GROVA, 2008; VIGANÓ, 1999). É com essa última perspectiva que nos alinhamos, procurando problematizar a interface da psicanálise com o campo das políticas públicas.

Fazem parte desta gama de reflexões, aliadas a iniciativas no campo prático, conceituações a respeito de uma clínica da Atenção Psicossocial, desenvolvidas por Costa-Rosa (2000, 2012, 2013), que, pautada pelo Materialismo Dialético, inclui a psicanálise do campo de Freud e Lacan quanto aos processos primários de constituição subjetiva e dos seus impasses diversos, pautando-se pela intercessão junto aos sujeitos, cidadãos e sujeitos de desejo, visando o cuidar-se (BENELLI, 2012b; COSTA-ROSA, 2013; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2010). Ela fornece instrumentais teóricos, éticos e técnicos significativos, a fim de romper com formas reducionistas e estáticas na resolução de problemas complexos (MENDES, 1999). Para esta clínica, portanto, trata-se de fornecer ferramentas críticas que permitam ao sujeito vivenciar sua existência num *continuum* dialético em que interioridade e campo social não estão separados, tampouco meramente conectados sob leis de relações causais lineares.

Na clínica da Atenção Psicossocial, uma clínica crítica, o sujeito faz uso do pressuposto basal da psicanálise – a fala livre, a livre-associação – que lhe restitui a posse de si, de seu discurso, de modo que, por meio do ato transferencial, sujeito suposto saber na figura de um terapeuta que se omite de qualquer posição de mestria, ele, o sujeito, segue em direção a um reposicionamento diante de seu sofrimento. Para o sujeito aqui objetivado (mas não objetificado, passível de ortopedia do ser), seria razoável supor neste posicionamento alguns ganhos. Entretanto, não se deveria apreender tal modo de intercessão como mais uma receita pronta a ser seguida acriticamente. É preciso ter em mente que, embora as condições da realidade empírica nos coloquem dentro do paradigma hegemônico, o PPHM, o paradigma

⁵ Benelli (2014) partiu da postulação de diferentes modalidades de ética - da tutela, da interlocução, da ação social, do cuidado e da escuta do sujeito do desejo inconsciente -, como analisadores das práticas de atenção realizadas pelos psicólogos no âmbito da Assistência Social. Numa abordagem institucional, apresentou, de modo problematizador, casos, encontrados na literatura, considerados exemplares das práticas desenvolvidas por psicólogos e também por outros trabalhadores que atuam em estabelecimentos assistenciais os mais diversos. Ele conclui que os psicólogos podem encontrar, na psicanálise do campo de Freud e de Lacan, consistentes instrumentais teórico-técnicos e ético-políticos para orientar de modo efetivo e avisado uma atuação institucional que inclua o indivíduo como cidadão e também como sujeito do inconsciente.

outro, a saber, o Paradigma Psicossocial de produção de subjetividade (PPS), pensando aqui com Costa-Rosa (2000, 2012, 2013), visa à sua superação, embora, no momento, este se faça presente apenas nas brechas daquele. Isto requer um preparo adicional que, por fim, problematiza também os cursos de formação de profissionais, tal como oferecidos atualmente, moldados segundo o MCP. Em linhas gerais, o PPS tem como horizonte almejado uma prática integrada, horizontalizada – portanto, completamente oposta à hierarquização e segmentarização tradicionais do modelo curativo –, no que se refere ao tratamento entre os técnicos e entre estes e a população, cujas práticas e efeitos éticos visam à produção de singularidade. Portanto, uma prática contrária à docilização, adaptativa, do sujeito, até porque o sintoma e a função diagnóstica, orientado como está o PPS pela psicanálise, têm aqui um estatuto diferente.

Nesta perspectiva, o grupo psicoterapêutico encontra aí espaço, pautado por uma psicanálise, a de Freud-Lacan, cuja ética reside no comprometimento do terapeuta em encorajar o sujeito em sofrimento a tomar posse de sua própria fala (livre-associação), eximindo-se de uma posição de mestria e de sedução do imaginário (tornar-se modelo para o sujeito), permitindo ao sujeito a bifurcação, a partir do seu sintoma – tomado este como enigma a ser decifrado e não mais como resposta subjetiva tautológica –, a fim de abrir-se para outras possibilidades de significantização de si, através do seu discurso (Idem, 2013).

Consideráveis trabalhos sobre este modo de intercessão de psicólogos e psicanalistas nos estabelecimentos públicos apontam para a prática do grupo psicoterapêutico nestes termos (COSTA-ROSA, 2013; COSTA-ROSA; PASTORI, 2011; FIGUEIREDO, 2000; PRATTA, 2010; PRATTA; COSTA-ROSA, 2011; ROGONE, 2006; VIEIRA; HOLCK; MACHADO; GROVA, 2008). A questão avança, inclusive, para pesquisas empreendidas por profissionais de outras áreas, igualmente sensibilizados pela psicanálise e pelo materialismo dialético e os efeitos almejados. Como exemplo merece citação o trabalho realizado por Ana Flávia Shimoguiiri (SHIMOGUIIRI; PÉRICO, 2014), fisioterapeuta de formação, acerca da atuação em um Centro de Atenção Psicossocial. Um diferencial e tanto é que confirma a hipótese de que uma escuta sensibilizada pela psicanálise não se reduz à dimensão clínica em sentido tradicional⁶.

⁶ Um contraexemplo que também merece ser indicado consiste no que seriam as contribuições do “psicanalista na comunidade” (PASTORE; SOARES, 2012), na perspectiva da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), que publicou uma coletânea de textos sobre o tema, sobretudo como uma homenagem a Melanie Farkas, por sua atuação no âmbito social, buscando situar o trabalho do psicanalista fora do seu lugar tradicional, que inclui o consultório, o divã e as sessões individuais. De acordo com Benelli (2015c, p. 33ss.) “Pastore e Soares (2012, p. 13) afirmam que ‘a interação entre psicanálise e cidadania orientada para um olhar crítico sobre

A psicanálise propõe uma teoria, um método e uma ética: escutar o sujeito do desejo inconsciente, visando o cuidar-se. É nesse sentido que o grupo psicoterapêutico psicanalítico representa uma singular oferta de escuta também para os catadores de material reciclável. Por meio das considerações apresentadas até aqui, à medida que foram, ainda sucintamente, esclarecidas as diferenças entre as práticas do “cuidar de” e as práticas do “cuidar-se”, talvez seja possível, a essa altura, por exemplo, a partir de nossa inserção no campo, intuir sobre por que tantos catadores dizem que “odeiam ter que ir” aos equipamentos da rede psicossocial e da Assistência Social, ou até mesmo os evitam.

Para a aproximação e oferta de escuta dos catadores de recicláveis, associados ou não a uma cooperativa de geração de renda, valemo-nos basalmente das considerações de Lacan sobre os laços discursivos, e sua relação com o dispositivo conhecido como *cartel* (COSTA-ROSA, 2013; LACAN, 2014; VIEIRA; HOLCK; MACHADO; GROVA, 2008). De modo sucinto, enquanto possíveis efeitos dos diversos laços/posicionamentos do sujeito, há aqueles que contribuem para sua coisificação/dominação e outros que o levam ao questionamento sobre seus impasses e o meio. Portanto, com tais observações sobre a que levam determinados saberes e fazeres, o posicionamento de um psicólogo que visa a práticas junto a populações exploradas – cujos efeitos subjetivos por ele almejados sejam contrários à sujeição – adquire, com este referencial, elementos iluminadores para uma práxis no campo das políticas públicas, práxis consoante com a emergência da singularidade do sujeito. Para tal, são indispensáveis o encorajamento ao fluxo da fala livre (livre associação) e um terapeuta – ou qualquer trabalhador da área social orientado por uma ética comprometida com processos de singularização – isento de mestria.

Tal afirmação faz-se necessária, uma vez que, com base nas considerações de Benelli (2015a), entendemos que a psicanálise possui subsídios para uma prática que transcende a clínica em um *setting* tradicional, podendo incidir de modo positivo, transformador, na

a construção do sujeito cidadão é o cerne do pensamento dessa coletânea. Para tematizar sobre essa inserção, o alcance a e extensão do ofício do psicanalista na sociedade civil, reunimos, ao logo dos capítulos, diversas experiências e reflexões sobre uma clínica psicanalítica realizada fora do *setting* psicanalítico tradicional de consultório’. Sabemos que há um complexo conjunto de questões estruturais e conjunturais envolvendo as questões da Saúde, da Educação e da Assistência Social enquanto políticas públicas de dever do Estado e de direito do cidadão que, quando desconhecidas ou mesmo ignoradas, incidem nos possíveis efeitos das intervenções *psi* (psicológicas, psicanalíticas, psiquiátricas) aí promovidas. Por ingenuidade desavisada, apesar das boas intenções, pode ser que as intervenções realizadas acabem se alinhando muito mais com o paradigma filantrópico hegemônico. Parece que a análise política dos diversos estabelecimentos institucionais das áreas da Saúde, da Educação e da Assistência Social e a problematização crítica de suas diversas funções positivas e negativas produtoras de efeitos sociais variados e contraditórios, ausentes nessa coletânea, é uma questão quanto aos possíveis efeitos éticos de tais práticas. Como tais psicanalistas também não empregam a Análise Institucional – tendo que forçosamente recriá-la de modo sofrível – essa lacuna também parece onerar sua empreitada”.

relação do profissional com o sujeito que busca os mais variados serviços da rede pública, além do que este experimenta frente aos seus impasses, seu sofrimento. Referimo-nos ao vislumbre de uma relação com o Outro social que pode adquirir outros contornos que não os que o aprisionam ao sofrimento, à menoridade, à tutela.

Retomemos o grupo psicoterapêutico, tendo em vista o objetivo de conduzir a discussão para o trabalho de campo desenvolvido junto aos catadores. O dizer de si, dentro do dispositivo grupal, é entendido como um processo dinâmico, pois considera a intensa carga transferencial produzida pelos membros do grupo, em seus múltiplos vetores: a transferência de cada sujeito em relação ao analista, posicionado apenas enquanto sujeito suposto saber, as chamadas transferências cruzadas e as “revoluções do discurso”, como salienta Costa-Rosa (2013), que podem levar a um reposicionamento subjetivo, diferenciando-o da tendência a identificações seriadas, como em linha de produção, tão em voga no MCP.

O processo de identificação é um aspecto não apenas detectável no grupo psicoterapêutico, mas em todo o campo social, cuja tessitura formadora nos constitui. Sendo assim, a problemática que envolve as identificações requer alguns esclarecimentos. Não se pode tomar todo tipo de identificação como um mal a ser combatido. Expõe Rodrigo Lyra Carvalho no Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise (2013):

O contraponto entre identificações e singularidade não é absoluto. O fato de a segunda representar uma ruptura com as primeiras não quer dizer que as identificações devam ser diretamente combatidas no trabalho analítico. [...] A questão passa a ser a do bom uso da identificação (CARVALHO, 2013).

Esta observação reforça ainda mais a importância dos vetores transferenciais mencionados no parágrafo anterior, em benefício da atuação sob o dispositivo grupo psicoterapêutico. Relativamente ao Projeto Digaí, um trabalho pautado pela psicanálise junto a moradores da Maré, um complexo de favelas no Rio de Janeiro, projeto do qual o autor citado faz parte, ao assumir a posição do “mais-um” do cartel lacaniano, “o colega do Digaí que atende esses pequenos grupos” (opção de não utilizar o termo terapeuta e outros análogos) proporciona a movimentação da palavra de tal modo que age “como forma de estabelecer uma coletividade permeável às produções singulares” (Idem, 2013).

Como seria, na prática, um terapeuta orientado pelas modalidades do discurso da histeria e do analista – aquelas que não objetificam o outro, favoráveis ao protagonismo do sujeito, segundo Lacan (2014) – posicionado como o “mais-um” do cartel? “Uma vez que os fenômenos clínicos são múltiplos e variados”, sempre possibilitando a bifurcação de sentido, por uma questão de tato, teoricamente embasado, sua função é, aos poucos, promover que os

sujeitos se desprendam da cola imaginária – do “somos todos iguais” –, em busca de pontos de ruptura em que a singularidade emerge como alternativa ao “esforço identificatório dos sujeitos” (idem). Em outras palavras, o “mais-um”, segundo Vieira (2008):

[...] tem uma tarefa: a de não aceitar histórias prontas e não permitir que o grupo colabore para fixar, para cada um, um sintoma universal, como nos grupos de mútua ajuda. Deve ainda velar para que cada um dos demais participantes cumpra com sua tarefa, que é apenas falar o mais abertamente possível, consentindo em que, em seus discursos sobre seus sintomas, incluam-se as mais variadas coisas, nem todas diretamente relacionadas a ele (VIEIRA, 2008, p. 32).

Neste dispositivo, tudo tem potencialmente valor significativo – potencialidade para gerar bifurcação de sentido –, não apenas o significativo linguístico. De qualquer modo, podemos nos valer das considerações de Pratta (2010) referentes à movimentação do significativo no funcionamento grupal. Nele:

[...] o significativo circula de modo que não há a ocorrência do particular do sujeito sem um universal coletivo. O grupo psicoterapêutico, aqui problematizado, é constituído como um coletivo; nele a interpretação, seja vinda dos terapeutas, ou dos outros componentes do grupo, visa simultaneamente o individual e o coletivo, pois visa o sujeito, que, na concepção psicanalítica de Lacan, faz a mediação. Não é uma terapia individual em grupo, mas uma terapia através do grupo, e que, portanto, supõe a própria construção do grupo e suas transformações. (PRATTA, 2010, p. 91).

Sendo assim, é possível, desde o início, surpreender-se, como explica Carvalho (2013), “com verdadeiros efeitos de interpretação que não [necessariamente saem] da ‘boca’ do mais-um. [Podem ser] falas de um sujeito a outro ou mesmo – e principalmente – modos singulares de alguém se apropriar e se deixar tocar pela fala de um outro sobre seus próprios enredos” (CARVALHO, 2013).

Pertinentes asserções, pois, “a interpretação não é necessariamente do analista, mas sim do inconsciente” (Idem, 2013), embora seja ele também um insuflador do processo. Esta intensa movimentação do significativo – e bem atestamos sua intensidade – na busca por apropriação da palavra promove oscilações de laços sociais que deslocam o posicionamento do sujeito: de um queixar-se para um questionar-se, por exemplo. Difícil não reconhecer, neste modo de trabalho, a posição ativa do sujeito frente a seu sofrimento, o potencial gerador de conhecimento acerca de si; técnica e ética que se diferenciam radicalmente das formas prescritivas de diversas terapêuticas, que trazem, hierarquicamente, o discurso pronto da ciência para balizamento, nivelamento do sujeito a um modo de ser padronizado, por operar

“sem que haja uma resposta prévia à demanda de cada um” (CECCHETTI; GROVA, 2008, p. 90).

Tal protagonismo mostra-se de suma importância para os trabalhadores que atuam junto à população subalterna, sob o enfoque da potencialização do sujeito. Nossa posição é a de que, longe de ser um “artigo de luxo”, os sujeitos dos polos explorados podem, sim, da psicanálise, se servir, uma vez que as incidências do social interagem nos processos de subjetivação, inclusive na composição do seu modo de sofrimento. Como expõem Holck e Vieira (2008):

[...] A descoberta do inconsciente e a entrada no discurso analítico a partir das identificações grupais não é inteiramente nova entre nós. Tanto Freud quanto Lacan, apesar de não terem proposto o grupo como uma forma de tratamento, interessaram-se diretamente pela lógica dos agrupamentos humanos. Não poderia ser de outro modo, pois para a psicanálise não há – é preciso que se diga isso com clareza – um sujeito autônomo, independente de sua constituição social, senhor de suas escolhas e de seu arbítrio. Somente partindo dos determinantes de cada um de nós, seres da cultura, pode-se obter, como propõe a psicanálise, uma nova margem de manobra em relação ao Outro social.” (HOLCK; VIEIRA, 2008, p. 12-13).

Portanto, a psicanálise contém em si um posicionamento político, ao “ousar alcançar a produção de efeitos de sujeito que se multipliquem na comunidade, a fim de que novos espaços sejam criados fora das estratificações e de aprisionamentos preestabelecidos”, como nos lembram Machado e Grova (2008, p. 16). Posição esta absolutamente familiar à história da psicanálise, desde seus primórdios (aspecto a ser tratado em outro capítulo), uma vez que remonta a Freud (1994) a menção do difícil convívio entre as pulsões do eu e as exigências da civilização, passando pelas críticas de Lacan aos efeitos danosos do MCP, no sujeito (ALBERTI, 2000; COELHO, 2006; LACAN, 2012, 2014), além de contribuições mais recentes, dentre as quais citamos as de Laurent (1996), por situar-se na transição do século XX para o século XXI e servir de inspiração a vários trabalhos em que a psicanálise faz interface com o social, no atual contexto. Tema de relevância, haja visto o acirramento das forças de concentração do capital e da sociedade de controle sobre o cidadão, que produz mais exclusão, precarização das condições de vida, assujeitamento e, sem sombra de dúvida, sofrimento psíquico (FOUCAULT, 1977, 1979, 1980, 1981, 1982; FORRESTER, 1997; HARVEY, 2011, 2014; PIKETTY, 2014).

Alberti (2000), a partir das reflexões de Lacan (2012), pontua que, diante da hegemonia do discurso do capitalista, que maximiza o lucro a partir da divisão entre o sujeito e o Outro, o sujeito, desde que não se dê conta de sua posição coisificada, é enganado a querer aquilo que o capitalista quer que ele queira, a fim de torná-lo um usuário do seu produto,

veículo para se atingir a prometida felicidade. Este apagamento do sujeito o coloca na esteira de identidades serializadas, como em linha de montagem, transformando seus processos de subjetivação em combustível para produção de mais-valia. É neste quadro aterrador que adquire extrema pertinência a posição de Laurent (1996) ao afirmar que “toda vez que o ideal [os universais] é modificado pela ciência” (leia-se aqui o segmento da ciência alinhado com o MCP aqui criticado, gerando objetos de consumo, inclusive modos de vida), chamar para a discussão a psicanálise, na figura dos seus representantes, seria de grande valia.

Nesta linha de raciocínio, por justamente ocupar-se, sensibilizar-se em olhar a particularidade do sujeito, sua função resultaria proveitosa ao procurar incidir nos diversos contextos todas as vezes que a particularidade estivesse sendo negligenciada como “um instrumento útil para todos” (Idem, 1996, p. 145), de modo a não fazer dela objeto de desrespeito ou exclusão. O trabalhador munido com instrumentais psicanalíticos (do campo de Freud e Lacan, em nosso ver) estaria atento, portanto, “aos procedimentos de segregação em uma sociedade”, por esta não suportar o singular e tender à padronização (Idem, 1996, p. 149). Laurent adverte que justamente a particularidade, a singularidade, é o conceito mais universal que se pode encontrar. Pena que a civilização o lance para os porões do recalque.

A esta altura já deve ter ficado claro que, para a psicanálise, interioridade e exterioridade não são realidades estanques. E, a prática com grupos mais uma vez confirma que se está, “o tempo todo, às voltas com o que se mistura e com o que se destaca, como prefixo de cada um.”, como o expressam Reis e Moraes no livro *Psicanálise na favela* (2008, p. 91). Uma imbricada, estranha relação que participa na composição da subjetividade. Igualmente, na configuração do sintoma de cada um. Combater o aprisionamento do eu no discurso do capitalista, uniformizador, é oferecer condições para que o sujeito elabore sobre si e o meio, em favor de sua singularidade (discurso do analista como horizonte). No trabalho com grupos, Vieira (2008) complementa:

No coletivo dos sintomas compartilhados, a psicanálise deixa o plano ‘macro’ e mergulha na singularidade dos roteiros. [Nas trocas] perdem-se as configurações coletivas do que angustia, penetrando-se nas montagens mais íntimas do que não conseguimos nem mesmo lembrar quando acordamos. Uma análise aciona esses pedaços, [...] restos, lixos do dizer, que podemos aproximar do objeto *a*, [que produz] estranheza. [Ao obter deles] uma aproximação relativamente controlada [...] a análise permite [que estas imagens], nomeadas, desenhadas, percam força, mas, sobretudo, que se delimite com elas um elo comum (2008, p. 33).

Para quê?, pergunta o autor. Pouco adiante, o esclarecimento: “A fim de fazer cada um encontrar aí *um outro modo de resposta em lugar de se perder na angústia.*” (Idem, 2008, p.

35, grifo nosso). Muito longe, portanto, da concepção tradicional de cura, como aquela nas práticas do “cuidar de”. Tampouco se trataria de uma competição para avaliar *quem cura mais*; aspecto oportunamente ponderado por Laurent (1996). Em via de concluir a exposição que contrapõe dois modos de práticas, coexistentes, encontradas nos serviços da Assistência e da Saúde Mental – a do “cuidar de” e a do “cuidar-se” – sua arguta análise aponta para o risco a que o desejo de curar alguém pode nos levar: a uma posição cínica, presente, por exemplo, em práticas eugenistas.

O que poderia ser dito a respeito desta prática outra – singularizante, de abertura para a cisão que nos habita e que nos move a todos, sensibilizada pela psicanálise – enquanto uma escuta junto a catadores de recicláveis?

CAPÍTULO 2

UMA ESCUTA PSICANALÍTICA A CATADORES DE RECICLÁVEIS: A PRODUÇÃO E MOVIMENTAÇÃO DO SIGNIFICANTE

*Não consigo associar
Nada com nada.
As unhas quebradas de encardidas mãos.
Meu povo humilde povo que não espera
Nada. – T. S. Eliot – A Terra Desolada*

*A word is dead when it is said
– some say.
I say it just begins to live
That day. – Emily Dickinson*

A psicanálise, desde os seus primórdios, propõe uma teoria, um método e uma ética: escutar o sujeito do desejo inconsciente, visando o cuidar-se. Em *Psicologia das massas e análise do Eu*, texto de 1921, Freud já afirmava que a psicologia individual é também coletiva. Lacan recupera e insiste nesta ideia. Voltando às raízes da investigação acerca do inconsciente, recupera da obra freudiana não apenas pistas, mas indicações precisas de que nela reside a concepção segundo a qual o inconsciente é estruturado como uma linguagem e, sendo o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação resultados da entrada do homem no mundo da linguagem (linguagem que, por sua vez, o torna homem), sendo ela, retomando a ideia, o que de mais social existe, o sujeito fatalmente é coletivo (Lacan, 2012a, 2012b). Portanto, um *continuum* dentrofora. É nesse sentido que o grupo psicoterapêutico psicanalítico – esse *continuum* de enunciados produzidos na interação eu-outro, que toca diferentemente a cada um, gerando outros e outros enunciados/sentidos – representa uma singular oferta de escuta também para os catadores de material reciclável, uma psicoterapia de grupo em cuja práxis é aplicada a psicanálise do campo de Freud e Lacan.

A adesão a este trabalho subjetivo é absolutamente voluntária, vale lembrar. O sujeito é convidado a falar livremente, inclusive sobre seus impasses – o que leva à exposição de conteúdos imbuídos de carga afetiva, ainda que sob as roupagens protetoras dos chistes, lapsos, “esquecimentos”, até mesmo sob a aparente indiferença ante o dito, o seu próprio ou o do outro. Evidentemente, tal mobilização desencadeia sentimentos os mais variados, angústia, desconforto, emergentes ao longo do processo. Entretanto, como é sabido desde o início da psicanálise, a partir das pesquisas de Breuer e Freud (por este, mediante a utilização da livre

associação como dispositivo), a inserção do sujeito em um espaço de fala acerca de si – “limpeza de chaminé” e “cura por meio da fala”, nas palavras de um dos casos inaugurais, constados da literatura (FREUD, 1994, p. 55) – tende a mitigar aquilo de que o sujeito se encontra refém, podendo levá-lo a um reposicionamento frente aos seus sintomas. Grande achado de Freud: a maneira como falamos do que sofremos modifica aquilo de que sofremos. Apercepção diante da qual Clarice Lispector (1978), como arguta escritora e incursionista da alma, não recuava. Em outras palavras, o sofrimento se transforma à medida que dele falamos. Relação indissociável, portanto, entre inconsciente e linguagem, composto que nos tece. Oportuno, neste momento, recuperar Lacan em nossa tentativa de expor que a fala “livre” traz as coisas que falam em nós, de nós: “O inconsciente, isso fala, o que o faz depender da linguagem.” (LACAN, 2012, p. 510).

Certamente, o terapeuta – termo frequentemente gerador de incômodo no meio psicanalítico, devido à sua histórica relação com práticas voltadas à ortopedia da alma, práticas prescritivas, mas aqui utilizado com outra acepção – o terapeuta, munido da ética e técnica pertinentes, que advêm da apropriação dos conceitos basais do campo psicanalítico (inconsciente, pulsão, desejo, castração, transferência, deslocamento, condensação, livre associação, repetição, modos de constituição subjetiva, dentre outros), trabalha no manejo de eventuais problemas ao longo do processo, por saber tratar-se, sobretudo, da construção de um vínculo transferencial, realizado de modo nada uniforme nem apaziguante. O trabalho é pautado, portanto, pela (difícil) busca de uma fala livre; ou seja, o sujeito põe-se a falar sobre o que “ele quer”, podendo, inclusive, interromper o trabalho em qualquer momento. O uso de aspas é justificado por sabermos, a partir da psicanálise, que, na realidade, o eu deliberativo não reina soberanamente em sua moradia, como bem o dizia Freud. De onde um eu aparentemente fala, de fato, ele é falado pelo *sujeito da enunciação*: um estratagema por meio do qual as pulsações do inconsciente se disfarçam e fazem seu caminho, chegando ao sujeito do enunciado. Portanto, o inconsciente chega à consciência sempre de modo velado. Isto esclarece, pelo menos em parte, por que se diz muito mais do que se supõe ter dito. Tal digressão na linha do raciocínio faz-se necessária para via de legitimação de uma escuta psicanalítica, que inclui a modalidade do grupo psicoterapêutico, no sentido de aludir ao favorecimento do deslocamento do sujeito face seu sofrimento, ao falar de si. Neste trabalho, a regra fundamental, a livre associação, e a do compromisso de sigilo são esclarecidas no início e lembradas, caso venha a ser percebida sua necessidade: o ingresso de novos membros seria um desses casos.

No trabalho a que nos propusemos, uma oferta de escuta psicanalítica junto a catadores de recicláveis, membros ou não de uma cooperativa de geração de renda, consideramos importante reiterar tratar-se de uma intercessão que leva em conta a singularidade do sujeito. Valendo-nos de avanços não somente no campo psicanalítico, especificamente, nas contribuições da vertente lacaniana, mas igualmente de aportes teóricos relevantes para uma reflexão sobre a contemporaneidade e os impasses gerados no sujeito – o materialismo dialético, a análise institucional de Lourau, a psicologia social latino-americana, a psiquiatria democrática italiana, dentre outros –, a incursão por esta variedade de saberes/discursos permitiu, apesar das muitas diferenças que reconhecemos existir entre eles, procurar os pontos nos quais tais contribuições *convergem para a emancipação do sujeito*, este cada vez mais refém das sutilezas da sociedade disciplinar e de controle, que servem ao recrudescimento do Modo Capitalista de Produção (MCP). Foi, deste modo, possível ficar mais sensível em termos de escuta, além de um posicionamento mais consistente – ainda que flexível, enquanto terapeuta e pesquisador –, a fim de transitar em um campo social rico em possibilidades, em modos de devir, uma vez ultrapassadas as barreiras que as chagas do fenômeno se nos impõem, ante o que aparentemente de nós difere e incomoda, cegando-nos para tanta vida. A nosso ver, refletindo melhor, não se trata de uma opção meramente pessoal o amplo *corpus* teórico mencionado no início deste parágrafo: a própria psicanálise parece exigí-lo, uma vez atenta, desde seus primórdios, aos mais diversos campos da vida/produção social e sua relação com o psiquismo⁷.

Além disto, tal preparo, mais amplo teoricamente, contribui para que o profissional, uma vez no campo, de modo crítico, não desavisado, consiga e saiba “apagar-se” o suficiente, para que o outro/Outro emergam, a fim de que o sujeito que sofre possa colocar-se não como objeto passível de intervenção disciplinar (lugar a ele reservado nas práticas do “cuidar de”), mas como produtor de saber de si mediado pelo *estar junto*; na dinâmica, portanto, de um outro modo de formação de laço: discursos da histeria e do analista, referidos no capítulo anterior, vislumbrados pelas práticas do “cuidar-se”.

⁷ “Há muitos autores que tratam das possíveis contraposições que haveria entre Marx, Freud-Lacan e Foucault. Mas também já há vários outros que procuram discutir se haveria possíveis homologias e/ou pontos de contato entre tais autores, evitando o ecletismo ligeiro. Atualmente, quais seriam as possibilidades de subverter a Psicologia como saber/poder/fazer disciplinar? Nossa hipótese é de que há diversas tentativas em andamento: as perspectivas sócio-históricas, a genealogia foucaultiana, a cartografia esquizoanalítica, a psicanálise do campo de Freud e Lacan. Todas elas apresentam aspectos singulares específicos e eventualmente, pontos de possíveis homologias, para além de toda e qualquer tentativa grosseira de uniformização eclética. Arriscamos mesmo que talvez tais possibilidades teóricas representem fundamentalmente, planos de análises distintos e suplementares: talvez elas não sejam alternativas umas às outras, nem mesmo complementares, mas em sua singularidade original, podem oferecer abordagens suplementares da realidade, sem pretensão de esgotá-la ou reduzi-la indevidamente”. (BENELLI, 2015b, p. 21).

Os atendimentos que realizamos ao longo de dezenove meses, ao todo, na modalidade de dispositivo grupal, em grupos distintos, com catadores de uma associação e catadores de um depósito de reciclagem, aliados ao estudo da literatura pertinente, permitiram ensaiar um elo entre teoria e prática, entre uma técnica e efeitos éticos decorrentes. Os relatos extraídos do Caderno de Campo pretendem ilustrar o trabalho subjetivo empreendido pelos catadores a partir deste dispositivo, o grupo. A movimentação do significante, por ele propiciada, apresenta algo do modo como tecem e lidam com as representações de si – estas evidentemente perpassadas pela função social por meio da qual o sujeito se insere na existência: a de lidar com dejetos, mas não se restringindo a isto. Afinal, a partir da bibliografia consultada, foi possível confirmar o que também era vivido no campo: muitas das questões abordadas por eles em seu percurso clínico em nada se diferenciam das de qualquer pessoa dos estratos socioeconômicos privilegiados, cuja clínica se dá nas modalidades individual e particular; aspecto constatado por Vieira (2008) e companheiros do Projeto Digaí, além de outros pesquisadores. Analogamente ao posicionamento do “mais-um” do cartel – um grupo de trabalho sobre algum tema em psicanálise em que o “mais um”, encarnado em uma pessoa, atua como disparador de uma elaboração que será individual –, no grupo psicoterapêutico, o terapeuta estará a serviço da promoção de produção de enunciados pelos membros do grupo, que serão apreendidos e reelaborados de modo singular por cada membro, gerando novos enunciados. O processo visa à desconstrução de saberes cristalizados, que aprisionam o sujeito do sofrimento.

Há situações em que os agenciamentos do discurso (do analista, da histeria, da universidade, por exemplo) ocorrem simultaneamente, devido aos diferentes posicionamentos em que os membros do grupo ora se situam. Como aquela em que o terapeuta escuta um catador (A), em sua frente, que enuncia: “Acho que este sonho está falando alguma coisa sobre minha vida, etc.”, enquanto outro catador (B) o desafia acerca de um enigma seu: “Então, você não é psicólogo? Você que me diz o que é isso. [...] Você tem que saber!”. E um terceiro (catador C) adverte: “Sáí de cima da cabeça dele! Fica aí jogando bactéria na cabeça dele!”. É possível notar que há três tipos de agenciamento ocorrendo simultaneamente. Curiosamente, mais tarde, o catador C, antes no Discurso da Universidade, dos conhecimentos gerados pelas diversas ciências que imensamente permeia os modos de subjetivação, fará um movimento para outro plano discursivo (Discurso do Analista), aqui recuperado em paráfrase: “Tem dois elásticos: o novo e o velho. Quando converso com você, é como formar o elástico novo que ajuda a amarrar melhor as coisas quebradas...”. “Elástico velho” que parece não mais conseguir dar sentido/amarração ao existir.

Não seria demasiado salientar, portanto, que, neste dispositivo, o dizer de si deve ser entendido como dinâmico, pois leva em conta a intensa carga transferencial produzida pelos membros do grupo, em seus múltiplos vetores: a transferência de cada sujeito em relação ao que é encarnado no psicólogo/terapeuta, as chamadas transferências cruzadas e as “revoluções do discurso” (COSTA-ROSA, 2013; LACAN, 1995, 20014; PRATTA, 2010). As modificações nas posições do sujeito são, por exemplo, apreendidas por meio de sua produção discursiva: a posição de alguém que inicialmente busca no outro, às vezes no terapeuta, a resposta para uma inquietação pessoal, pode rumar em direção à de um sujeito que eventualmente se desloca e se lança a uma experiência que, não sabe ao certo por quê, mas que, ao falar de si, percebe-se diferente frente a seus impasses. Igualmente importante: para nós, pretensos intercessores-pesquisadores, a abertura à possibilidade de uma escuta fora do *setting* convencional nos expôs/expõe sobremaneira às intensidades de um campo desconhecido e sem filtros. Costa-Rosa (2012) tem preferido, em detrimento a outras tendências, como a perspectiva da dita “psicanálise aplicada”, a leitura segundo a qual se trata de uma “ampliação da psicanálise em intensão”. Mas estas, pelo que temos constatado, de modo algum inviabilizam nem o trabalho nem a possibilidade de ganho para o sujeito, mediante uma escuta pautada pela psicanálise. Reiteramos: diferimos da visão segundo a qual é precária a capacidade de simbolização da população das camadas oprimidas, como se este fosse terreno estéril para a psicanálise e que ela somente seria viável no isolamento de um consultório.

Apesar dos atendimentos imperfeitos, expressão que remete a Freud – atendimentos estes ainda mais imperfeitos, levando-se em conta um psicólogo social (este e, via de regra, a maioria deles) desprovido de uma formação mais consistente em psicanálise, certamente mais propenso a cometê-los –, nem por isso resultaria, segundo nossa visão, em deixar de apostar em e comprometer-se com um trabalho nutrido por ela junto a populações oprimidas. Esperamos que os excertos dos relatos sobre nossa inserção no campo possam ao menos apontar para o diferencial de uma escuta que almeja efeitos de singularização. Ao nos inserirmos no campo, igualmente nos surpreendemos com exemplos de riqueza na pobreza, de potencialidades. Ao contrário do que pensam alguns (aqueles distanciados das ideias de Freud), a saber, quanto à suposta inviabilidade da psicanálise para os pobres, a “escovada” que ela pode levar, uma vez inserida no social, incômoda e vibrante ambiência, só tende a enriquecê-la, legitimá-la ainda mais, enquanto estímulo à reflexão, dado seu inserimento em outro momento, em meio a novas configurações de sintomas, por exemplo.

Ao utilizar a expressão *outro momento*, pretendemos afirmar que não se trata de algo novo a aproximação entre a psicanálise e as populações mais exploradas. Não obstante a escassez de dados, resultante da queima de grande parte dos arquivos referentes às clínicas de psicanálise gratuitas e seu fechamento, com a ascensão do nazismo em 1933 (e o consequente ataque contra a psicanálise que se alastrou pela Europa), no que se refere à aplicação da psicanálise junto às classes trabalhadoras, que remonta à primeira década do século XX, na Europa, Danto (2005), Fuechtner (2011) e Sterba (1982) afirmam que Freud seguia com grande entusiasmo o que seus pares, em número superior a duas dezenas, empreendiam nas clínicas nos bairros operários de diversos países, bem como o conhecimento gerado a partir destas práticas. As pesquisas destes autores revelam a existência de um caldeirão de novas ideias que colocava a psicanálise em interlocução com teorias marxistas, socialistas, comunistas, da social-democracia, etc., além dos segmentos artísticos⁸. Elizabeth Danto (2005) afirma que até o fim de sua vida, Freud apoiava práticas em que a psicanálise era exercida gratuitamente, não deixando de lado a questão dos honorários flexíveis e seu não apoio à restrição da prática de analista ao meio médico, dentre suas posturas menos ortodoxas. No epistolário que contém mais de 1200 cartas trocadas entre Freud e Ferenczi, por exemplo, – desde 1908, ao longo de quase 30 anos – diversas são as considerações sobre a teoria psicanalítica e os efeitos da injustiça social no sujeito.

Em nosso caso, ajustes tiveram de ser realizados em relação ao projeto inicial, à medida que nos deparávamos com o contingente. Na contramão de uma clínica “bem enquadrada”, na expectativa de que tudo transcorra conforme, ou o mais próximo possível, do idealizado, o que atestaria maior grau de credibilidade, segundo parâmetros outros (das práticas do “cuidar de”, por exemplo, do PPHM, abordados no capítulo anterior), foi preciso boa dose de criatividade, de busca por rearranjos e o exercício crítico concomitantes a cada desafio no caminho, movidos que estávamos pelo desejo de realização de um trabalho que mais e mais se mostrava em nada semelhante à mais remota expectativa de previsibilidade. De modo inaugural, foi possível constatar *in loco* os atravessamentos que perpassam as instituições, seus estabelecimentos, e os sujeitos, por fim; alertados que estávamos pela produção teórica da Análise Institucional, dentre outras (BAREMBLITT, 1998; BENELLI; COSTA-ROSA, 2011, 2012; CARVALHO, 2008; CARVALHO; LADEIA, 2013; DI CIACCIA, 2005; LOURAU, 1996).

⁸ Uma observação: não associemos social-democracia ao que fenomenicamente temos encontrado em nosso país e outros lugares do mundo, sob este rótulo, alinhados que muitos de seus representantes estão, na atualidade, com o neoliberalismo. Não era assim na época de Freud, afirmam as pesquisadoras.

Contextualizando o grupo atendido: arranjos em face das peculiaridades

O grupo que abordaremos neste texto foi atendido por um período de doze meses. Na composição, “funcionários” de um depósito de reciclagem, como se autodenominam; todos, ex-catadores. Alguns, nas horas vagas, ainda “fazem catação”: saem em busca de recicláveis para negociar. Curiosamente, os donos do depósito também participaram dos atendimentos. Em suas narrativas, o fato de serem ex-catadores, eles também. Este comentário, que se destina a explicitar a composição do grupo, traz à tona a fala de um colega, em um congresso, consoante com a surpresa de outros também envolvidos em diversas áreas da psicologia social: “Nossa, foi trabalhar na boca do leão, os atravessadores!”, demônios, estes, para os envolvidos com cooperativas populares, por motivos bem conhecidos: exploração revestida em amizade, gerando tutela, dependência e mais exploração. Apesar dos convites, apenas alguns catadores efetivos participaram dos atendimentos de modo quase regular, obstinados em voltar para a rua, em coletar mais material. Ao todo, cerca de dez membros fixos compunha o grupo. Ainda assim, frequentadores ocasionais, em número expressivo, “davam o ar da graça”: a graça de inclusive contribuir com o funcionamento do grupo. Juntamente à expressão de “gostar de estar” ali, um modo de dizer que algo daquilo nele ressoava; o que faz com que, já no início do processo, depreendêssemos algum elemento sobre a percepção dos catadores em relação ao trabalho ali em andamento.

Evidentemente, o imprevisto era uma constante, a fim de possibilitar uma oferta de escuta em meio à execução de diversos processos de trabalho: entre idas e vindas com enormes *bags*, muitas vezes ruidosos, durante a seleção de material, concomitante à operação de máquinas, no momento de pesagem e limpeza do local... Geralmente não era possível, neste espaço aberto, literal e metaforicamente, um momento específico para uma “sessão”, mais aproximada, portanto, do *setting* convencional. Tudo bem, refletimos. Não víamos nisto impedimento algum; mas, preocupação diante do desconhecido, sim, precavidos que somos de que o analista deve sempre “acolher” o inesperado, já que ele espera nada: aguarda (LACAN, 2007). Isto nos levou a mais estudo e maior atenção para que os princípios norteadores da prática permanecessem observados. Procuramos fazer do momento em que o depósito encerrava suas atividades a ocasião mais propícia para o almejado “atendimento”. Mas os acordos nunca correspondiam aos esquemas de horários por eles previamente estabelecidos; sujeitos, inclusive este momento mais tranquilo, a interferências.

E quanto ao local? Ora!, do lado de fora do prédio, próximos à calçada, alguns em pé, outros sentados no chão, de frente para a rua, em meio ao barulho do intenso tráfego.

Estendíamos-nos noite adentro. Quando chegou o momento para a sessão, porém, alguns, cansados, outros, com mais trabalho em vista, já haviam partido. E a promessa – geralmente cumprida – de participar na semana seguinte. Interrupções durante o atendimento, por motivos os mais variados: tarefas importantes esquecidas, catadores atrasados para comercializar, outros que vinham receber o pagamento pelo material comercializado, o agendamento de coleta residencial ou em empresa, ou, simplesmente, amigos que, ao passar, imaginavam tratar-se de um momento de descontração. Alguns destes visitantes permaneciam e até retornavam. Em outros, a visível surpresa face ao que escutavam de outras bocas e escutavam em *si*, e o decorrente afastamento.

Ante tão ricas possibilidades, nossa opção foi proporcionar, das mais variadas formas, alguma escuta às pessoas frequentadoras do espaço: desde aqueles que permaneciam no depósito por 15-25 minutos e retornavam para a luta-rua (“A concorrência ta braba!”), aos que ali passavam horas – às vezes, porém, com folga suficiente para enunciar somente uma (1) palavra, uma ou duas sentenças, em meio à busca por fôlego e troca de olhares, para um endereçamento transferencial – antes de serem novamente solicitados de volta ao trabalho pesado. Assim procedíamos semanalmente, desde o momento de nossa chegada. Esta escuta, em trânsito pelo local, podia ocorrer individualmente ou com agrupamentos, em constante variação quanto aos membros. Não se diga que, apesar do tumulto, nada é escutado – inclusive no sentido atribuído a este termo pela psicanálise: olhos e ouvidos correm à solta também nestes espaços, pudemos constatar. Durante o trabalho, de repente, alguém, de passagem, pegava um fragmento de fala, ou outro que, ao se afastar do grupo temporariamente formado, levava este enunciado a um terceiro, mais adiante. Este, posteriormente, se aproximava e trazia *seus* fragmentos: aquilo que nele reverberou e que disto se utilizou para compor uma narrativa de *si*.

A fim de viabilizar ainda mais a fala, potencializar a oferta de transferência, frequentemente nos envolvíamos nas atividades que realizavam; mas, opção nossa, deixando ainda visível algo da marca da diferença. Não era nosso objetivo assumir/incentivar traços identificatórios de cola imaginária (beber e comer de recipientes retirados do lixo, por exemplo). Visávamos à abertura para a possibilidade de interação, atentos ao exercício, por parte deles, de transcender as aparências do fenômeno; que se mantivessem, portanto, traços diferenciadores entre nós, visíveis evidentemente. Mesmo que o facilitássemos, entendíamos que caberia a eles o trabalho de atravessamento de tais barreiras e o consequente abrir-se para a transferência que, sabemos, parte do sujeito. Aposto esta que leva em conta a não garantia de nada, de algo imediato e nem fácil de ocorrer. Neste estratégico envolvimento com os

processos de trabalho, enquanto um catador, por exemplo, esvaziava seu carrinho de mão, sua carroça, perua Kombi semi-apodrecida ou caminhão e distribuía o material coletado em enormes recipientes (*bags*) para pesagem, por que não, discretamente, segurar uma de suas bordas, possibilitando-lhe, enquanto isso, a produção de enunciados? Por que não coletar alguns restos de material (papelão, pedaços de ferragem) espalhados pelo pátio do estacionamento, durante a intercessão junto ao catador que está disposto a falar? Fala feita de restos de si; material valioso para a psicanálise, não importa o contexto de onde se a extraia (VIEIRA, 2008a). É neste contexto, sob estas condições, que procuramos colocar a psicanálise em movimento, a favor da emergência do *sujeito* no catador (psicanálise: ser desejante, inserido na linguagem, cindido, dotado de um inconsciente), enfim, no trabalhador do mundo da reciclagem em geral. Pode causar estranhamento a expressão “sujeito *no* catador”. É mais que oportuno o momento de esclarecer que o termo sujeito é passível de aplicação em vários níveis de significação; o que gera alguma confusão. A acepção por nós utilizada, via de regra, diz respeito àquela da psicanálise, que não se confunde com a noção de indivíduo, de um sujeito racional do “eu penso” cartesiano, dotado de ideias claras e distintas, que supõe verdades estáticas. Para Freud, afirma Lacan, o sujeito continua sendo ainda onde não pensa, inclusive com todas as suas descontinuidades, não se esgotando, portanto, ao que se delibera no plano da cotidianidade. Incontornável “ambiguidade” que nos habita e leva sempre a “escapa[r] de nossas garras o anel do sentido no fio verbal” (Lacan, 2012c, p. 521). Para a psicanálise, o sujeito está às voltas com um perder-se e reencontrar-se, surpreso, face ao que diz, que é, nele, dito. Aspecto também válido no contexto de nossa pesquisa, conforme as situações relatadas abaixo.

Mas, como é fazer psicanálise (fazer com a psicanálise?) nesse campo?

Digamos que a produção pode ser coletiva, a produção desse significante um (S1), significante mestre ou enxame de sentido, do qual Lacan afirma que podemos pôr quantos quisermos: “S1(S1(S1(S1→S2)))” (ibidem, p.196), S1 que se relaciona com S2 (o conjunto de significantes inconscientes para um sujeito). Mas nesse ponto a apropriação só pode ser particular. Uma modulação pode incluir a hesitação dos outros; o que pode fazer, em contrapartida, que ela tenha valor de transferência é que seja considerada uma manifestação subjetiva de um dos participantes e respeitada como tal pelos demais (Golder, 2000). Ou seja, essas ideias permitem que avancemos para a compreensão de um inconsciente como processo de produção dinâmica de sentido novo, veiculado pelos significantes enunciados no grupo em cadeias produzidas coletivamente e sob transferência; cadeias especialmente articuladas ao modo do enxame (Lacan, 1982 [Seminário 20: Mais, ainda.]). Ou seja, o grupo, ligado sob as diferentes modalidades da transferência – com destaque para a transferência de trabalho – pode construir várias cadeias de sentido que sejam passíveis de apropriação por

cada um dos seus diferentes componentes, e possivelmente mesmo de forma conjunta em algumas situações. Essa produção de sentido pode ser individual ou transindividual. É importante esclarecer que se posso falar em “apropriação” é por compreender que se trata de um trabalho em direção à “transferência de trabalho” que considera as diferentes dimensões da transferência assinaladas acima, inclusive das chamadas transferências cruzadas; e além do mais, como em qualquer psicoterapia em que a psicanálise de Freud e Lacan seja aplicada, estamos em um contexto em que produção e apropriação constituem radicalmente o mesmo ato (COSTA-ROSA, 2013, p. 244-245).

Tendo procurado descrever os contornos da ambiência no interior da qual atuamos, talvez seja proveitoso, embora sucinto, delinear algo sobre este fazer, considerando alguns dos catadores em diferentes momentos, ao longo do período de doze meses, com o intuito de ilustrar o processo de movimentação do significante, produção de sentidos e possíveis efeitos de sujeito.

Tomemos o caso de Rafael – nomes todos fictícios – trabalhador do depósito, extremamente calado. Excertos do caderno de campo mostram o trajeto de como seus colegas, ao falarem dele, Rafael segue falando de si. Também pode ser útil para mostrar como, apesar de sua imensa dificuldade em construir por meio do discurso oral uma narrativa de si, os meios de que faz uso, ao longo dos atendimentos, aludem a processos significativos de mudança que poderiam estar em andamento até o término dos atendimentos. *Os efeitos, é sabido, se estendem para além do tempo de uma psicanálise*; termo aqui utilizado em sentido amplo, que se refere à exposição do sujeito a um outro discurso e apercebimento de algo que nele opera e que, embora não consiga bem definir, produz efeitos de deslocamento frente às suas angústias.

Estamos no primeiro dia em visita ao depósito. Dia em que lá me dirijo para apresentação da *oferta* de atendimento por meio do *grupo psicoterapêutico*. Estou no depósito há cerca de 45 minutos, precisamente na calçada, sol de meio-dia, em conversa com um dos donos do depósito, em primeiro contato, quando algo emerge a respeito de Rafael, de passagem por nós enquanto trabalha:

Luís, irmão de Alessandro, interrompe a fala do irmão e dirige-se a mim: “Tá vendo aquele ali, trabalhando na prensa? Ele faz show?”. Eu: “Show?”. Ele: “É. Showpeta”, e ri. Posiciono-me indiferente ao comentário. O jovem em questão [Rafael, saberemos], porte miúdo, escuta o que é dito a seu respeito. Humildemente passa perto de mim e sorri discretamente; semblante submisso. Alessandro explica que se trata de um rapaz “muito sofrido”, “foi rejeitado pelo pai”. “[Recém-nascido], foi encontrado dentro de uma caixa de sapato...”. Sua constituição física lembra a de um rapaz de 15 anos de idade, apesar de ter algo em torno de 26. Neste dia, trabalha com camisa de manga comprida, ainda que esteja um dia quente. Alessandro: “Ele é um dos que precisa fazer essa terapia, mas acho que não vai conseguir falar”. Eu:

“Você comentou sobre as pessoas terem medo que os calados falem...”. Imprimo um tom de voz que permite abertura à observação que acabo de fazer. Silêncio. Alessandro muda de assunto. Ressonância de algo?

Os significantes “bebê abandonado na caixa de sapato” e “o incapaz de construir narrativas de si”, aqui em paráfrase, marcarão todo o período do seu atendimento; traços com os quais Rafael parece inserir-se no Outro, ainda que deste modo aprisionador. Porém, serão constatadas mudanças, pequenas, mas significativas para o sujeito; de como algo de Rafael tenta dizer-se. Vale notar que, ao observar o final do excerto acima, mesmo em tal situação, foi possível fazer uma espécie intercessão, no caso, a fala sobre o silenciamento, que reverberou para além de Rafael, para além de seus pares, na semelhante condição de funcionário, incidindo no dono do depósito. A busca pela sutileza ao tocar em espinhos... Uma suspensão na fala, um deslocamento do olhar podem bem servir a este propósito.

Na sequência, um recorte da semana seguinte: dia do primeiro atendimento, oficialmente.

- Alguns segundos, sentado sozinho, se passam. Tudo se dá de modo intenso e rápido no contato com os catadores; uma fluidez impressionante. Menos de 1 minuto, e Rafael se reaproxima. Tem um saco de estopa em uma das mãos. Coloca-o no chão e deita-se ao meu lado, apoiando no saco sua cabeça. Diante de gesto tão contundente, de alto valor significativo, sua entrega, abertura, pergunto: “O que tem nele?”. Sua resposta: “Uns fios que vou levar pra casa.”. Eu: “E em você?”. Os olhos se fecham; um rosto que agora miro em seu perfil.

- O breve silêncio é interrompido quando Alessandro [proprietário] se aproxima e se senta ao lado de Rafael, que se mantém deitado. Gabriel [funcionário] volta e se senta perto de Alessandro.

- [...] Talvez para contornar o que de angustiante se lhe ocorre, quando [muda de assunto] fala sobre Rafael e Gabriel, o tom de Alessandro vai de um discurso que procura destacar o sofrimento dos rapazes, empatia em relação a eles, para matizes de sarcasmo frente ao sofrimento alheio. Procura rotulá-los, reduzindo a complexidade subjetiva de cada um: “Este é ...; aquele é...”, como um sabedor da alma alheia. Não são poucos os momentos em que afirma: “Sou como que um psicólogo deste pessoal todo.” O tom por vezes piedoso/apiedado suscita emotividade nos concernidos. Sobre Rafael [novamente]: “Este aqui foi deixado numa caixinha de sapato e o pai também rejeitou.” Ainda deitado no chão, Rafael fecha os olhos e estanca uma lágrima, levando aos olhos os dedos sujos. Nas diversas referências aos rapazes, ali, junto a eles, a explícita menção de que “não conseguem pensar direito, nem se expressar” Cala a emergência do Outro do sujeito. Penso no quanto esta estratégia de silenciamento, de “eu sei por você”, se faz presente, tanto nas várias instâncias do Poder Público quanto nos espaços cujo objetivo é a extração de mais-valia destas pessoas, a exemplo dos atravessadores. Rafael nada diz em todo este tempo que, agora, poderia ser chamado de sessão. As poucas falas de Gabriel, por exemplo, quando lhe dirijo alguma pergunta, são interrompidas por Alessandro, que ri e diz: “Fala direito!” e, voltando-se para mim, acrescenta: “A gente não entende o que ele fala!” A imagem que me ocorre é que as palavras emanadas de Gabriel soam como que pedregulhos estourados de uma panela de pipoca, tampa

fechada, sacudida pelas investidas de dentro, em busca de saída; porém, passíveis de compreensão, mediante algum esforço por parte do ouvinte. As condições do local dificultam sobremaneira a interação; entretanto, o interesse em e disposição para dar voz ao outro, por parte do “patrão” é que é o maior obstáculo. Muita paciência em situação como esta. Noto a ironia de Alessandro, que escrutina o estranho [eu] o tempo todo, rindo, no aguardo de que eu desista da comunicação com Gabriel e recorra a ele como “tradutor”. Tento manejar com cautela a dominação do discurso do outro pelo dono do depósito. Até porque, em meio a isso tudo, ele também diz de si, de seu sofrimento; mas procuro, sim, fazer perguntas diretamente a Gabriel, em sinal de que o entendo. Notória a ponta de surpresa no semblante de Alessandro. Terreno difícil. Criar condições para a emergência do sujeito – no patrão e no empregado –, apesar de representantes de posições antagônicas, mas que têm em comum fazerem parte de uma engrenagem maior, a da exploração generalizada do MCP, como Paulo Freire e Gadotti, na esteira de Marx, tão bem nos alertam. Aspecto que não pode por mim ser esquecido. Às vezes, é solicitado a Gabriel: “Vai ajudar lá!”. Mas ele regressa, determinado, sucessivamente, para o grupo. Rafael também. Quando volta, geralmente torna a deitar-se próximo ao terapeuta. Divã...; o fluxo do meu pensamento traz este significante.

- [Algum tempo depois, mesma sessão] Alessandro volta a falar de Gabriel, um certo desdém: “Agora, ele realizou um sonho: comprou um cavalo.”. Gabriel, calado, semblante congelado. Valorizo a aquisição de Gabriel: “Está contente? Gosta muito de animais?”. Assente com a cabeça. Alessandro interrompe a comunicação, com ironia: “Agora ele fica lá no mato escovando o cavalo.”. Fixo os olhos em Gabriel, em sinal de que desejo manter uma comunicação com ele. Comenta que cresceu em sítio e que “sente falta”, que “aprecia as coisas do campo”. Sua escolha lexical insinua mais uma vez a especialidade do rapaz, para além dos reducionismos do colega [Alessandro, seu chefe]. Alessandro desloca o foco. Agora, fala de Rafael. Tom paternalista e desrespeitoso para com o sofrimento alheio; sempre presentes em seu discurso. “Agora, este aqui [a mão no ombro do colega, ainda deitado, sacudindo-o.]... é preciso conversar separado com ele, coitado, sobre os problemas dele. Ele não vai conseguir falar dele no meio dos outros [etc.]” Rafael se contorce, levemente incomodado, à medida que faço a escansão de alguns significantes enunciados por Alessandro, a seu respeito. Procuro manter meus olhos em contato com os de Rafael. Que manifestações no real fazem seu corpo falar, incomodado?, reflito. A certa altura, interrompo Alessandro e emprego um termo por ele utilizado: “Tudo bem. É possível ir com ele no quartinho [riso geral], mas desde que ele solicite esta conversa.” Olhar firme, mas amável, para Rafael, que também me olha, calmo. Continuo: “Daí, quando ele se sentir pronto para se juntar ao grupo, ele avisa. Tudo isto depende dele.” A situação parece exigir a abertura de uma escuta individual para Rafael, desde que por ele solicitada, mas sem abrir mão da proposta inicial de trabalho [o que não ocorrerá]. Produzo o corte da sessão me levantando enquanto pergunto, olhos fixos no chão, sobre “o próximo encontro”.

Embora o utilizemos para didaticamente pontuar algo muito específico de um sujeito – a saber, os significantes que parecem determinar sua posição no Outro, os indícios do estabelecimento da transferência, as forças de silenciamento vindas do outro que sobre ele atuam e reforçam a paralisia do sujeito –, o excerto acima exemplifica também a

complexidade e riqueza de vetores, atuantes simultaneamente, apontados no fragmento de apenas um momento de uma sessão no grupo. Igualmente, observa-se o quanto um terapeuta é atravessado por intensidades que não lhe passam despercebidas, sensibilizado que está pelos referenciais teóricos já mencionados, que o auxiliam a não facilmente cair nas armadilhas do eixo do imaginário, do especular (grosso modo, ou amigo a ser ajudado, ou inimigo a ser combatido), decorrentes de um posicionamento desavisado, ingênuo, até, de muitas práticas, por presumir que o mal-estar, a fenda que existe e persiste, deve ser aplacado a todo custo, de preferência, imediatamente.

Rafael, ao longo de todo o trabalho subjetivo, posicionou-se predominantemente calado, mas constantemente em busca de proximidade, tendo às vezes, inclusive, apresentado agressividade. Como na situação em que, pós uns seis meses, insinuou estar prestes a me atropelar, no estacionamento em frente ao depósito, com o barulhento carro recém-adquirido. A propósito, muito poderia ser dito a respeito do barulho através do qual o sujeito silenciado/silencioso nele fala; a linguagem que seu silenciamento produz: a música em altíssimo volume, no ambiente ou em seu celular, quando sentado ao lado do terapeuta, os sons guturais produzidos constantemente, o ato de cuspir, dentre outras linguagens. Na ocasião do amor-morte, situação do ensaio de atropelamento, não movo um centímetro de onde me encontro. Olhos nos olhos através do pára-brisa, antes de acelerar. Ele para a poucos centímetros dos meus pés, surpreendendo a todos, que se aproximam, preocupados. Em seguida, participa de considerável parte do atendimento, dali, de dentro de seu carro, através da janela. Eu, em pé, no mesmo ponto do momento da frenagem, promovo a movimentação da fala. A certa altura, Rafael parte, estridente.

Façamos, agora, um resumo da última sessão, após 12 meses, no que concerne a Rafael; embora uma abundância de outros elementos apareçam nestes recortes:

- Nos últimos momentos em escuta a Jamil e Alessandro, noto Rafael, dentro da cabine do caminhão. O som alto, a porta aberta, apesar da chuva. Alternadamente olha para mim e para um livro que tem no colo. Vou até ele. Do lado de fora, aguardo para que fale. Um olhar para mim que parece querer dirigir o meu em direção ao que está lendo: o volume de um curso preparatório para motorista de veículos de grande porte. Faço-lhe 1 ou 2 perguntas sobre o material, sem competir com o volume do rádio. Surpreendentemente, ele o diminui sensivelmente e explica que não é seu, mas que pretende estudar em casa antes de procurar uma auto-escola. Com menos de cinco palavras revela o sonho de trabalhar com caminhão e o ato que ali se insinua. Algo acontece e ele precisa retirar o caminhão do local. Saio da chuva, regresso para a marquise.
- [Duas horas mais tarde, por ocasião de minha saída do depósito] Dou alguns passos, de volta ao grupo. Surge uma menção a Fernando. Luís revela que o filho voltou a morar em Assis, com a mãe (esposa de seu primeiro

casamento), nada sobre as circunstâncias. Bolei com Rafael [Mora sozinho há alguns meses. Sofria agressão física por parte da esposa e dos enteados]: “Ele recusou duas meninas que a gente mandou pra ele. Menina boa mesmo, amiga minha.”, revela Alessandro. “Ele só fica pensando na feia da ex-mulher dele, que já tá com outro.” Não faltam receitas de como conduzir a relação com uma mulher. Rafael, calado, olhar entristecido. Noto o livro, envolto em um plástico, colado ao seu corpo por um dos braços. Coloco minha mão em seu ombro: “Talvez *você* queira escolher uma, né, Rafael?” Viro-me e sinalizo para o *motoboy*. Reitero minha disponibilidade [para continuidade dos atendimentos, se assim desejarem], enquanto trocamos rápidos abraços. Luís sai do grupo, anda uns 6 metros na chuva, se aproxima da moto. Sorri, em silêncio, olhar expressivo, enquanto o irmão, ao fundo, conclui a despedida com uma promessa: “Em fevereiro *a gente faz lá, na edícula.*” Sorrio.

Um caso extremo, como o de Rafael, pode ser útil para considerar uma mudança significativa no sujeito “mais quieto” do grupo, que, gradativamente, apresenta articulações para vias de saída relativas a alguns de seus impasses. Vítima há anos de violência física, exercida pela esposa e enteados, preso ao significante de ser uma excrecência, um viver pautado por relações que o desvalorizam ao extremo, nos últimos meses em frequência ao grupo, muda-se de casa e, aos poucos, ensaia reorganizar sua vida, apesar das dores que persistem. A contundência de seus gestos, olhares, dentre outros fiapos de linguagem considerados por nós com alto valor significativo, permitiu certo tipo de aproximação que, no tênue campo repleto de mal-entendidos, pôs, de alguma forma, o sujeito para funcionar no sentido de alternativas ao sofrimento. Mas, expor isto não significa que se trata de uma escuta para inserção de alguém no que o estabelecido social julga ser melhor para ele. Menos importante do que Rafael transformar-se, na cotidianidade, em um motorista de caminhão, está o fato de algo de sua dimensão desejante ainda pulsar. Nossa intercessão não se presta a uma terapêutica de adequação: substituição de uma forma de extração de mais-valia em detrimento de outra, por julgar esta menos danosa. Justamente é este o alvo das terapêuticas por nós criticadas. Se assim fosse, incorreríamos no engano de visar a um universal, a formas estáticas; algo, portanto, totalmente contrário ao que a psicanálise propõe, por ser esta uma clínica que leva em conta a singularidade. Nela, o pulsar do desejo é matéria-prima para os arranjos singulares do sujeito, que virão a tomar forma em decorrência de alterações em seu posicionamento subjetivo, com incidência, ou não, na expressão de seu cotidiano. Uma aposta, portanto, no pulsar pulsional.

Para uma finalidade diversa, consideremos, agora, outro excerto do primeiro atendimento. O objetivo é ilustrar o momento em que algo do dispositivo opera, de modo que uma fenda se produz no enunciado e algo incômodo do sujeito da enunciação emerge; aspecto relevante dentro do processo de uma análise. Por longos períodos, Alessandro mantém um

discurso fechado, cheio; aparentemente, nenhuma incerteza: sucesso indiscutível de um bem sucedido ser racional.

Na fala livre de Alessandro, uma fenda se abre no discurso aparentemente coeso que tenta manter. Longa exposição. Porém, ao descrever o trabalho difícil, faz referência ao irmão, envolvido com a pesagem de material, apontando-o: “Aquele lá, ele ganha mais.”. Eu: “Aquele lá, ele ganha mais?”. Alessandro: “O quê?! Eu falei isso?!”. Eu: “Sim. Ganha mais o quê?”. A fala fluida de Alessandro cai por terra, juntamente com a expressão de seu rosto, desconcertado. Silêncio. Gabriel, em comentário que salva o colega do embaraço, mas também dá mostra de sua perspicácia, intervém: “Ele ganha mais nervoso.” Ainda que em frações de tempo, como ambos estão envolvidos em um trabalho com o inconsciente, emerge algo do sujeito em ambos, mesmo que sem a noção exata disto: em Alessandro, o aperceber-se da existência, na fala, de um algo que (des)conhece de si; para Gabriel, a voz de um sujeito que sempre traz em si um saber. Valorizo o comentário de Gabriel, com a finalidade de abrir mais aquela possibilidade de fenda em todos. Também a intenção de contribuir para o estabelecimento de mais horizontalidade, que está ali, sempre pedindo passagem: “Interessante seu pensamento, Gabriel.” Alessandro tenta recuperar sua posição: manda Gabriel ir ajudar alguém, mas este regressa, uma vez realizada a tarefa. Mais tarde, Alessandro volta ao significante “ansioso”, muito utilizado no encontro anterior. Fala, por fim, de um incômodo seu, com embaraço: “Quando chego em casa, outras coisas atravessam meu pensamento.”. Refere-se ao momento do ato sexual, impedindo sua consumação plena. Para diluir o mal-estar diante do grupo, vira o rosto para cada um dos colegas, à direita e à esquerda, afirmando ser algo que “acontece com eles também”. Rafael e Gabriel permanecem em silêncio. É solicitado de mim um saber de mestre. A delicadeza do momento requer um manejo transferencial desta posição, em função da opção teórico-ética que me orienta. Um pouco ao mar, um pouco à terra é minha opção neste momento, até que o sujeito esteja mais envolvido em sua produção: “As coisas são complexas, Alessandro. Você chega cansado. É preciso se recuperar para surgir um clima. Uma música, talvez.”. [pausa] Por fim, introduzo: “É preciso funcionar como máquina o tempo todo?”. Com um semblante de descoberta, pensativo, surpreso, passando a ponta dos dedos vagarosamente sobre a testa, cotovelo apoiado sobre o joelho flexionado, olhar perdido na rua: “Música pode ser... bom?!”. Eu: “É preciso conversar mais sobre isso, com o tempo.”.

As tentativas de produzir bifurcação de sentido, que visa à quebra de significantes e posições cristalizadas, por meio de uma prática de escuta que almeja os Discursos da Histeria e do Analista, ocorrem o tempo todo. Isto é feito utilizando-se de escansões, da linguagem fática, da suspensão da continuidade de um enunciado, etc., como visto no capítulo primeiro; enfim, por elementos que, apesar de mínimos, demandam tato para sua aplicação. Requer, sim, escuta sutil a qual nem sempre se logra êxito. Novamente, há muito material no excerto; mas preferimos nos restringir a comentar a surpreendente alteração no discurso de Alessandro. Ao surpreender-se ante o aparente dito sem sentido, ele “cai do salto” e há um

deslocamento radical na fala: de enunciados tautológicos sobre o cotidiano, para uma breve incursão na seara das incertezas. E a sessão estava longe de terminada.

No último atendimento do ano, outra bem-sucedida eventualidade, favorecendo o escape de fagulhas do inconsciente. Segue-se um resumo a fim de situar os dois fragmentos abaixo, relatos de ocorrências bastante distanciadas uma da outra, no decorrer da sessão. Ao falar dos filhos, Alessandro é remetido a falar de sua juventude, dos grupos musicais de que gostava, da boa forma física, à época. O significante “juventude” parece enviá-lo a uma comparação com o filho mais velho e sua diferenciação do jeito de ser do pai: um significante que remete a outro que remete a outro: os filhos jovens, significante que remete à juventude do pai, que remete ao diferente modo de ser jovem do filho, que suscita as diferenças e embates com este, trazendo à tona a enorme, desconfortável, até, semelhança física, que desemboca em considerações sobre a iminente velhice, que, por sua vez, bifurca no horror, quando o terapeuta produz o corte. Relação, importante salientar, que não se dá apenas de modo linear; embora na descrição assim o pareça. Elucidação das metáforas *enxame*, *cascata* e *desfiladeiro* de significantes, utilizadas por Lacan. Sigo pacientemente tal movimentação. Coisas acontecem ao redor, catadores se aproximam e se vão, tendo, antes, produzido mais enunciados, que também apontam para muitas direções: vetores que convergem e se abrem. Mais tarde, quase uma (1) hora depois, Alessandro retoma algo sobre o filho. Noto suas tentativas, inúmeras, para que me manifeste a respeito. Não o faço, em relação a nenhum dos tópicos apresentados: quer sobre os planos do menino, sobre a semelhança física com o pai, sobre nada, enfim.

- Cita versos de 2 ou 3 canções sobre o amor. Reconheço-as. Revela com precisão as autorias: “Paralamas, Titãs, Roupas Nova... tudo isso eu gosto muito, também. É do meu tempo. Tempo que eu tinha um corpinho, ó [gesto], e saía com camiseta regata na cidade, alegre, dono do pedaço. Também, era jovem; não tinha que pensar em nada, em trabalhar!”. Sai da rememoração e pondera sobre a diferença entre ele e o filho: “Meu filho já não é tanto de sair assim. Falou pra mim que no ano que vem quer começar fazer vários cursos técnicos, junto com a escola. Quer engenharia, na faculdade.”. Incursiona em enunciados sobre seu ideal de velhice: “Eu gostaria de viver muito [inflexão na voz e semblante de gana e melancolia, simultâneas], pra lá dos oitenta. Mas eu quero envelhecer sem perder o humor, brincalhão, como sou – um moleque. [pausa] Não que eu não tenho responsabilidade; mas não quero perder a alegria de viver.”.

- Comenta sobre o quanto o filho cresceu. Novamente a pergunta se o conheço: “Sim.”, como se fosse a primeira vez a ouvi-la. “Pôxa, o cara tá quase do meu tamanho! Vi ele com tênis meu outro dia.”, tom de orgulho no expressar-se. Prossegue: “Agora vai começar usar minha cueca, camisa?!”, um tom misto de satisfação e protesto. Ainda na mescla prazer-com-desagrado: “Eu não quero ver ele usando minhas coisas! Onde já se viu?!”.

Início uma caminhada passando por alguns catadores sentados que ora conversam, ora nos escutam, visando à produção do corte. Devagar, a cabeça voltada para trás enquanto ele me segue: “Ver ele ou *se ver nele*, com tuas roupas, te incomoda mais?”. Ele congela. Para de andar, olhos arregalados, toma fôlego para perguntar: “Você viu o quanto ele se parece comigo?!”. Não respondo. Sei que o incômodo estranhamento (*Umheilich*) a partir do confronto de si ante a imagem do filho deu suas voltas, fez seu passeio, mas agora finalmente emerge com o endereçamento de algo muito aflitivo. Sigo até um grupo, no extremo oposto.

Julgamos que as considerações contidas no próprio fragmento – processadas, ainda que rapidamente, durante o atendimento e recuperadas na sua transcrição – dizem o suficiente a respeito da erupção da surpresa, no discurso do sujeito. Este diz respeito ao último atendimento. Mas, supomos que coisas deste tipo são o que mantém o indivíduo sucessivamente de volta à sua sessão, que concorrem para a construção de um conhecimento outro acerca de si.

Do homem-parede ao *falasser*

Foram quase quatro meses até que um senhor magro e alto se abrisse para a fala. O subtítulo advém de algo que “piscou em sistema de alerta” por meses, mas que não sabia dizer por quê. Em um momento específico, contido no fragmento que se segue, tornou-se evidente o que me chamava a atenção em relação a Paulo. Até então, sem nome, parecia parte da tinta na parede à qual se escorava.

[14 de Março] Caminhões para serem descarregados; um deles estacionado do outro lado da rua, à espera. Durante minha estada de duas horas, camionetes entram e fazem manobras, além dos carrinhos de catadores. Sendo assim, começo a circular em busca de alguém com abertura para falar. Encontro Paulo, senhor idoso, sentado sobre um bag de garrafas pet. Como fala em tom muito baixo, peço licença e me sento ao seu lado. Um de seus pés, enfaixado. Só de captar meu olhar, Paulo enuncia: “Quase morri”. Relata sobre uma pescaria, talvez com o pessoal do galpão. Não consigo situar os fatos no tempo convencional; não é possível, pelos indicadores do seu discurso, apreender há quanto tempo vem arrastando o problema com o pé, até a complicação infecciosa. Apreendo-o como uma metáfora de si. A conversa se alonga um pouco mais. Mora nos fundos do armazém. Lembro-me do primeiro encontro, em dezembro, no qual Alessandro fez menção a alguém morando ali. Não tarda para que Paulo fale mais de si. Possui casas, carro, chácara. Sua vida desmoronou ao chegar em casa e encontrar a esposa com outro: “Depois, até comprei [tom de tentativa previamente fadada ao fracasso, de alguém com vínculos já rotos] casa em outra cidade, Cornélio”. Mas não se aderiu mais à vida convencional. “Mulher?!”, expressa sua desilusão: “nunca mais tive uma.”. Segue-se um comentário sobre serem traiçoeiras, sobre Antônio ter perdido, na semana anterior, R\$240, enganado por uma. “Ficou ali, abraçando ele: ‘ai, meu bem, ai meu bem’”. “Transou?”, pergunto. Paulo: “Que nada! Falou que ‘ia ali’ e não voltou mais!”.

Enquanto fala, ocupa-se com uma faca de mesa. Com movimentos análogos ao de cortar bife, remove crostas dos pés. O modo como fala de ter de ir à UBS é eloquente: “A enfermeira, lá, faz um curativo.”. O gesto, descritivo do desprezo, do nojo, na realização do procedimento, potencializa ainda mais sua difícil relação com as mulheres e seu estar-no-mundo, assim como expõe a dificuldade de muitos agentes em se relacionar com esta população. Quando menciona algo sobre antibióticos, dose cavalgar, pergunto de passagem, indiferente, sobre frutas e verduras, indispensáveis neste tratamento medicamentoso. Ele nada diz. Na sequência, Alessandro passa por nós. Paulo lhe pergunta sobre a localização de um sacolão. Reclama que é longe. Decide levantar-se do bag. Levanto-me com facilidade, mas noto sua dificuldade. Acho que não devo, mas verbalmente ofereço ajuda; de fato, como supunha, ele a recusa. Fico calado, espectador. Duas novas tentativas suas, procurando se apoiar em outros bags; estes escorregam à medida que neles imprime o peso do seu corpo; volta a cair sentado. Suas pernas estão enfraquecidas, percebo. Ofereço auxílio uma segunda vez, que é, então, aceito. Mesmo assim, ajo de tal modo que o trabalho de sustentar-se e alçar-se ainda seja prioritariamente seu. Não sei para onde Paulo se dirige, pois algo expresso na conversa entre Antônio e Mateus chama a minha atenção.

Cerca de uma hora depois, em meio à escuta a outros catadores, Paulo reaparece e apenas neste *só depois* é que, o que fora vivenciado anteriormente, parece fazer sentido. Foi possível conjecturar que o falar pode ter nele atuado como potencializador de algo: sua saída da posição em que se apresentava quase que em estado indiferenciado em relação aos *bags* para um ter literalmente se deslocado a uma mercearia. O próprio fato de residir no bairro há quase ou mais de um ano e desconhecer a localização de lojas de itens básicos é um elemento relevante para refletir sobre o sujeito, sua anemia de vida.

[1 hora mais tarde] avisto Paulo subindo a rua: uma sacola com frutas em uma das mãos. Olha, para e dirige uma expressão de alívio e cansaço: “É longe.”. Eu, sentado ao lado de Antônio, em tom determinado, conclusivo, como da neutralidade de um enunciado lógico, procurando não emitir satisfação frente àquele ato, expresso: “Mas foi.”. Interessante como uma simples menção, sem Discurso de Mestre, possa tê-lo mobilizado tanto. Sigo o afastar-se de Paulo e avisto Rafael na carroceria de um caminhão. Ele e sua política de olhar de longe, um ou outro sorriso.

Na ocasião, esperava ter estabelecido o que se poderia chamar de *preâmbulo para uma transferência*. Ao menos, sinais dela pareciam existir. Vejamos, então, um fragmento sobre o atendimento da semana seguinte. Longo? Sim, porém vital para uma visão mais ampla sobre os processos envolvendo o sujeito, entrelaçado com a narrativa que elabora de si, assim como sobre o campo no qual atuávamos e a tentativa de manter-nos pautados por uma ética e técnica em favor da emergência do sujeito, da singularidade. Ressaltamos que, o que parece transcorrer com fluidez é, na situação, vivenciado sob constantes cortes, acontecimentos e falas que se interpõem. É encontrada alguma alusão a isto no trecho a seguir.

Pergunto a eles se o senhor idoso, sentado mais adiante, é o “Seu Paulo”. Responde Maria: “Só se for seu, porque meu não é.”. Sorrimos do trocadilho e confirmo sua identidade, após um deslocamento de meu corpo que permite, por entre algumas pilhas de material de vários tipos, entrever o curativo de seus pés. Um incômodo estranhamento me atravessa ao rapidamente refletir sobre a incapacidade minha em não o reconhecer de pronto, em não reconhecê-lo pelo seu rosto, pela parte superior do corpo, mas apenas pelo detalhe da extremidade dos membros inferiores: a marca. Seu modo de sentar-se, imóvel, por horas seguidas, praticamente me leva a indiferenciá-lo do cenário; como um apagamento do sujeito, penso. Sigo lentamente para a rampa, e cumprimento algumas das cerca de 12-13 pessoas, espalhadas, calculadas por alto na chegada. Passo por um atravessador que sempre vem com seus filhos em uma grande camionete de modelo recente. Está sentado em um balde, no aguardo da pesagem e carregamento do material que também compra do depósito. Lança discreto sorriso e aceno com a cabeça, em cumprimento. Retribuo educadamente, porém com menos amabilidade: surpreso, após tantos meses de indiferença. Vou em direção a Seu Paulo, sentado em uma lata almofadada com papelão. Após os cumprimentos, noto que volta a ficar absorto entre seus pensamentos. Às vezes, observa a movimentação no local, em sutis movimentos dos olhos. Em silêncio, posiciono-me de frente para ele, de costas para a rua, distanciados um do outro por menos de 1 metro. Encosto-me contra a barra de proteção, da rampa. Vez ou outra pessoas nos entrecortam, carregando fardos para dentro e fora do galpão. Coloco-me à sua disposição com meu corpo, ali, mas mantenho minha cabeça voltada para os lados. Por sobre meus ombros, observo os demais. Alguns, Rafael, Gabriel, Alexandre (catador que “trabalhou por uns tempos com Alessandro”) sorriem alternadamente em cumprimento. Nesta ambiência, distraído, um enunciado proferido por Seu Paulo me atravessa. Rico, embora aparentemente superficial, típico daqueles no início de uma sessão. Estou surpreso. Seu Paulo, “do nada” (esse nada que é tudo?), fala a mim, sacando-se das profundezas de seu silêncio: “Eu gostaria de me mudar, viver em outra cidade”. Volto a cabeça para frente e me desloco rapidamente para perto dele. Constato a abertura. Agora, diante dos olhos, a rua, o movimento dos trabalhadores da reciclagem. Apoio a região lombar contra a parede. Inclino tronco e cabeça. Condição para poder ouvi-lo. Um som de música grita de dentro do prédio, atravessa os portais e o janelão sob o qual Paulo está sentado. Os ruídos da cidade e da movimentação dos trabalhadores não dão folga. “Fala mais sobre isso, Seu Paulo.” Ele: “Eu queria ir para outra cidade, viver outras coisas, conhecer gente nova.”. Seus comentários e murmúrios revelam o esvaziamento de vínculos com o local e as pessoas. Esperança de menos solidão? De procura? Ele continua: “Aqui em [cidade], não dá mais.”. Alessandro passa, detém-se e, com traços de escárnio no rosto, diz: “Ô, Paulo, fala pra ele sobre o seu problema. Ri, puxa fôlego, sinaliza um “lá vem artilharia pesada. Segue: “Que antes você comia e agora... você só chupa.”. É breve. No emaranhado do contexto, referência a impotência sexual. Procuro, para Alessandro, dos fundos de mim, uma expressão congelada, de modo a não externar hostilidade, reprovação, nem complacência. Ele se retira, sorrindo, enquanto Paulo diz, indiferente, em tom mais baixo, como a retomar seu dizer dirigido a mim: “Ah. [gesto de indiferença com os ombros] Chupar também é gostoso.”. Permaneço em silêncio. Paulo recupera sua fala sobre o desejo de uma vida em outra cidade, com novas relações sociais. Pelo conteúdo e modo como tudo transcorre, é imediata a impressão de seus enunciados estarem em continuidade com o encontro realizado há duas semanas. Para mim, indicador de que aquela experiência de fala lhe fez algum outro

sentido. Em continuidade, mas diferindo, simultaneamente (como em nuance dialética), a revelação de sua história parece decorrer de dois enfoques de observação. Na conversa de cerca de 50 minutos, Paulo relata sobre a vida e profissão “de saqueiro”: “Parei, depois que estourei minha coluna.”. Comenta sobre o quanto aprecia a vida de saqueiro ambulante: “Uma hora era a safra [arroz?] no Mato Grosso. Seis, oito meses. Outra hora era a safra de [...] no Acre. Lá ficava a gente mais seis, oito meses. E assim ia, por tudo quanto é canto nesse Brasil.”. Casado, chegou a se ausentar de casa por quase dois anos. Um modo de apresentar sua parcela de responsabilização pelo ocorrido – a traição? Ou quando esse momento de apercepção poderá chegar?, reflito. Os relatos também atestam a movimentação da esposa para não perdê-lo, para não se perder dele. Tentativas de salvar a relação: “Uma vez, no Acre, eu fui chamado no escritório: ‘Ô, Paulo, tem uma pessoa de [cidade] que quer falar com você.’ Era ela! Perguntei: ‘O que você tá fazendo aqui?!’ ‘Vim ver você! Faz meses que você não vai pra casa’. ‘Eu to trabalhando!’, disse pra ela.”. Sou remetido à conversa ao telefone retratada na música “Bye-bye, Brasil”. Paulo continua: “Pedi licença do serviço, vim com ela pra [cidade], deixei ela aqui. Um dia depois, voltei pra lá.”. Eu, reflexivo, olhando para o chão: “Deixei ela aqui.”, na esperança de produzir algum efeito. O que se segue, em contrapartida, é uma sequência de revelações sobre o marido zeloso, mas completamente ausente: “Como saqueiro, a gente ganha muito dinheiro. Deixa eu ver... por quinzena, chegava a tirar 5 mil. Depositava mais da metade pra mandar pra ela e gastava o resto.”. A certa altura, comenta: “Neste ramo, se ganha muito dinheiro mas gasta muito dinheiro. [Eleva o tom da voz] É que nem dinheiro de puta.”. Utilizando-se de gestos emblemáticos, reveladores da fluidez daquele modo de vida, e do tom de voz alterado em algumas expressões, revela que “gastava o resto por aí, com bobagem, com mulherada.”. Com enorme prazer segue a descrever as refeições servidas aos peões: “Era reforçado mesmo! Tinha pão, leite, queijo, Toddy, café... Reforçado mesmo! Porque o trabalho não era mole, não.”. O entusiasmo de Paulo vai num crescendo; a tosse é-lhe inevitável. Olho para o corpo daquele homem negro, alto, peito hoje frágil, ossos robustos, e penso no vigor aplicado na engrenagem do trabalho explorado e no complexo emaranhado de exploração que o modo de produção social, vigente a todos, envolve. Ele passa à descrição do processo de trabalho. De uma altura aproximada de 100 metros, os trabalhadores lançam, um por vez, sacos de até 90 quilos. “Aí, a gente fazia uma mula. Sabe o que é uma mula?”. Explica. Vários pneus são cuidadosamente empilhados. Os sacos têm o primeiro impacto sobre estes e, no segundo salto, já mais brando, devido ao amortecimento no contato com os pneus, vão parar sobre a cabeça do carregador, este posicionado estrategicamente para recebê-lo. Penso no impacto sobre a coluna vertebral de um trabalhador, horas e horas a fio. Descreve também o descarregamento a partir de alturas menores. Sacos são lançados de cerca de 16-20 metros de altura (Quase 3 andares!, penso. E isso é pouco?!), em posição quase vertical, incidindo diretamente sobre a cabeça do carregador. O modo como o trabalhador é esmagado literal e metaforicamente, não me passa ignorado. Neste momento da narrativa, Alexandre, “ex-funcionário de Alessandro”, como se autodefine, carrega para o interior do galpão um fardo de papelão prensado, em estado ainda úmido. Dali respinga material líquido. Aparte os respingos, o fardo passa a uns oito centímetros de mim. Penso: “um escorregão dele, um piso em falso neste chão irregular, e aí, aí, meu pescoço e minha vida.”, pendurado que estou, com a coluna arqueada para a frente há um tempão, para escutar Paulo. Não é a única passagem ruidosa – e hostil, até – realizada por Alexandre. Um modo de conduzir-se que se torna

desagradável apenas quando se aproxima. Sem dúvida com algum valor significativo, a ser melhor apreendido no *só depois*, sei lá, como nos encontros com Paulo Sérgio [outro catador], agora sumido do depósito. Alexandre parece indiferente, mas noto o olhar de desagrado de Paulo. De tipo calado: rancor cozido em fogo brando. Incrível como, na movimentação do significativo, os componentes de agressividade e de risco, vivenciados por nós naquele momento, põem Paulo a comentar sobre os perigos enfrentados no convívio com os colegas em seu tempo de saqueiro. Agora, estou meio que sentado ao seu lado, precariamente equilibrado sobre um cilindro oco, de papelão duro, avistado por mim no interior do depósito. Tipo suporte de filme plástico, com uns 60 cm na posição vertical. Improviso-o como banquinho. Paulo segue: “Tinha um cara, baixinho, mas forte, que era perigoso. Gostava de encencar com os colegas. Uma vez, deixei ele dar uns tapas na minha cara. *Depois, entendi melhor por quê*. [Acho, no instante em que produz este enunciado, interessantíssima a percepção de Paulo, de um só depois, acerca de si. Aguardo.] Uma vez ele teve um desentendimento com um colega. Ele saiu de perto dizendo que ia trabalhar lá em cima [no lançamento da sacaria]...”. Paulo descreve, com palavras e mãos, o modo segundo o qual, para se vingar de alguém – com intenção de matar – os sacos são lançados. “Eles fazem assim, ó, de um jeito que o saco desce embolando, vem e... [gesto explicativo de torção] quebra o pescoço do peão.” [O sujeito está de costas, posicionado para receber a carga, portanto, não vê sua descida] Ao ver o colega morto, relata, entendeu seu apropriado agir ao “deixar levar uns tapas na cara”. Segue: “Se você tiver um desentendimento ali e o cara diz que vai trabalhar no... [plataforma de lançamento], pode dar um jeito de ir se esconder no banheiro, porque ele tá com intenção de te matar.”. Volta a comentar sobre a esposa: breve menção sobre o encontrá-la com outro homem. Desta vez, traços de fala aparentemente mais leves ante a indignação. Tece outros comentários sobre o quanto amava (termo apreendido pela força do relato) sua vida de trabalhador sazonal. A delícia de “estar” em movimento, “no mundo”, como diz. Narra também a vida dos saqueiros que trabalham no porto, onde também atuou. “São seis meses pra carregar um navio. Entra e sai caminhão.” Relatos sobre a dureza do ofício. “Mas também você ganha em dobro. Um saco que você carrega conta dois. Só que, se você deixa um daqueles espatifar, são dois mil. O cara fica sem dinheiro. Pode voltar a pé ou de carona pra casa. Ele tem que pagar do bolso dele.” Ainda assim, relata com saudades a vida de “saqueiro”: o estar ao sabor do vento. Por fim, admite: “Peão não tem pai, não tem mãe, não tem casa, não tem mulher.”. Peço para que o repita, importante para o contexto do que é relatado sobre a esposa e o estilo de vida que escolheu. Esperança de que se escute, que aquilo ressoe. Permanece calado, após meu pedido para repetir a sentença. [Sim, uma sentença, como um significativo mestre que conduz o sujeito, sentenciado, penso-o na hora.] Uma vez repetida, Paulo pondera sobre estar preso [paráfrase minha], condenado às palavras da esposa, que o atingem como um vaticínio: “Já que eu não posso ter você, você também não vai ter mulher nenhuma.”. Em tom baixo, cuidadoso, pergunto: “O senhor sente que o que ela disse se tornou realidade?”. Repete a frase da esposa; olhos ao longe. Faz uma pausa; seu modo de anuir sobre sua miséria, refém do gozo do Outro. Pensa longamente: “Eu preciso achar uma benzedeira... Eu sei que ela foi em uma.”. Após rodeios de linguagem seus e uma tola pergunta minha, proposital, na intenção de criar condições para que rompa a barreira do não dizer – e, ainda mais, para que Paulo ouse escutar-se -, com irritação, ele desabafa. “Eu queria matar elas duas!”. Um longo silêncio. “Eu fui na vila [...], atrás da benzedeira. Fui lá pra matar ela [pausa] ...mas ela já tinha

morrido.” Comenta sobre a ex-esposa: “De vez em quando passa por aqui, na outra calçada, tem um lojinha.”. Continua: “Eu disse pra ela: ‘Você vai viver enquanto eu quiser.’. Ela: ‘Ta me ameaçando?!’. ‘Não’, eu falei. ‘Só que você vai viver enquanto eu quiser.’”. Ainda me equilíbrio sobre o cilindro improvisado como assento; o tronco curvado para a frente. Nesta posição, meu rosto fica próximo de suas pernas. O odor de pus do pé machucado atravessa o curativo. Paulo diz realizá-lo, ele mesmo, sabe-se lá em quais condições. “Ir lá no posto... é muito longe.” No início da escuta, quanto aos acessos de tosse, a impressão era de um peito trancado que se abria. Como se a exigência de dilatação dos brônquios, a passagem do ar, para comunicar-se, forçasse o peito a um abrir-se: talvez, metáfora do esforço para fazer-se falar. Ao final, tosse muito pouco. Observo o movimento sob a camisa alva. Um fiapo de frágil arfar parece ser o que nele sobra de tanta vida e sentimentos paradoxais. Após a confissão de “amódio”, no silêncio de Paulo, ainda o ouço falar, por meio da imagem que tenho diante dos olhos: o corpo exaurido de um homem, vitalidade um dia aplicada neste sistema insano, social e pessoal, que se alimenta de e é corroído pela exploração e pelo rancor. Levanto-me, produzindo um corte, neste momento de emergência de paradoxal onipotência/impotência e reflexão. Deposito o cilindro no interior do depósito, junto aos outros materiais a serem prensados, triturados, reflito neste momento grande. Ao regressar, resta apenas o quadro: inerte, Paulo parece voltar a fazer parte da paisagem, quase que colado à tinta da parede. Apoio-me contra a barra de proteção, de volta à posição anterior ao início da conversa. Um último olhar para Paulo que, em seu silêncio, também sinaliza o encerramento. Expôs-se sobremaneira, reconheço. “Podemos falar mais sobre isso semana que vem, Paulo.”

Após cerca de 8 sessões, Paulo, arriscamos afirmar, vivencia algo que se assemelharia ao que é denominado em psicanálise *retificação subjetiva*⁹. Grosso modo, um momento ou alguns deles, em que o sujeito passa como que a juntar vetores apreendidos do conjunto de seus enunciados – isso de modo inclusive imperceptível – mas que às vezes emergem na forma de variações dos enunciados iniciais, queixosos, que atestam que ali se inicia uma saída da sua posição de vítima e se dirige a um movimento de questionamento sobre sua participação naquilo que nele gera sofrimento. Elementos que indicam este processo subjetivo podem vir a ser expostos por meio de enunciados claros, ou operar de modo mais sub-reptício, como algo que incomoda o sujeito, insinua sua emergência, mas que tenta encobrir com enunciados contraditórios. Certa angústia pode estar neste momento servindo a isso: algo que pede passagem, mas que é barrado. Aproximar-se e afastar-se desta revelação. Momento fundamental para o avanço de uma análise.

⁹ De acordo com Benelli (2014, p. 281), “Mariano (2011), por exemplo, discute e comprova a possibilidade de se escutar o sujeito do inconsciente no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), apresentando a proposta de que realizar uma *intervenção retificadora terapêutica* pode caracterizar o trabalho do praticante de psicanálise inserido nesse tipo de serviço. Tal intervenção serve apenas como uma proposta de atendimento para os casos em que se apresente uma demanda de caráter subjetivo. Ele relata um caso de atendimento realizado no CRAS de uma cidade de Minas Gerais em que a intervenção tornou possível uma mudança na posição subjetiva do sujeito em questão”.

[...] Nada respondo. Sereno, aguardo que Paulo se ponha a falar. Ele discorre sobre vários assuntos, suas profissões, a vida errante, até finalmente enunciar: “Eu tive nove mulheres. Não posso dizer que foram esposas. Nunca me casei com nenhuma.”. Falas reveladores do descaso frente às relações afetivas, como a passagem por uma esteira, regido pelo conhecido enunciado seu: “Saqueiro não tem casa, não tem mulher”. Certa vez, encontrou sua “primeira esposa na cama com um desconhecido e outro homem sentado, assistindo”. “Fui lá, chamei a atenção dela, mas não fiz nada não! [Tom ponderado, de quem pretende machucar o outro pela calma – ou mais a si] Saí, comprei, carne boa, fiz uma bacia de macarronada. Daquelas boa, mesmo. [gesto condizente] Na hora de servir, ela pôs primeiro pr’aquele homem! Onde já se viu, não é mesmo?! Eu era o marido dela!”. Noto a contradição na acepção do significante casamento. Mantenho-me calado. Paulo segue: “Naquilo, eu virei a bacia com tudo no chão e nunca mais voltei.”. Algo mais é dito que me leva a poder perguntar-lhe: “A senhora que passa aqui, então, foi a sua nona esposa?”. Confirma com a cabeça. O olhar torna-se mais machucado. Pergunto-lhe, na aposta de ressoar, de fazer bifurcar algo, na suposição de haver ali um padrão: “E esta última, o senhor também encontrou traindo o senhor?”. Ele confirma. Uma expressão de desconforto, como quem percebe algo, mas que procura afastar o incômodo pensamento; ou impressão minha? “Quanto tempo vocês ficaram juntos, Paulo?”. [Procuo utilizar ambas as formas de tratamento.] Ele: “Dezenove anos.”. Repito, propositalmente: “Dezenove anos?”, alongando-me no numeral. Ele: “Isso.”. (Um dado novo, penso.) O enunciado o põe imediatamente, diante de tudo que dissera antes, a ponderar: “Quer dizer, não foi casamento em cartório, em igreja, mas foi um casamento, né?”. Respondo: “Tem casamento tradicional que dura menos de um mês...”. Paulo reflete. Tenho a impressão de que, ao reconhecer que, de fato, viveu um relacionamento (e não exatamente algo passageiro como de marinheiro, tal como apregoa ter sido seu estilo de vida, ainda que sua ausência no casamento também seja um fato), sente-se ainda mais ferido, angustiado. Comenta que pensa em “tentar voltar com ela [longa pausa] pra depois matar ela!”. Semblante assustado frente a seus desejos conflitantes. Deixo que o silêncio circule após o enunciado, enquanto nos olhamos, antes de perguntar, com calma: “Será que isto resolveria, Paulo?”. Como que esmagado pelo próprio sofrimento, seu corpo oscila: lança seu corpo para trás, ou perde o equilíbrio, num movimento súbito. As costas apoiadas contra a parede, com ar doído, desabafa: “Isso fustiga o meu coração.”. Repito sua fala. Coloco brevemente a mão no seu ombro e inicio minha saída: “Até semana que vem, Paulo.”.

Paulo oscilará algumas sessões entre o ânimo e o desânimo, a dor na coluna, sua solidão, a inexorabilidade do tempo. Em certa ocasião, após uma difícil sessão, em que se compara aos restos de lixo e embalagens que via no chão, dá-se conta, por fim, com certa surpresa, que tem em mãos uma sacola plena de mandioca, carne e verduras, recém-compradas. Estamos sentados na calçada, do outro lado da rua, como que espectadores da vida que transcorre no depósito. Algo muito nostálgico para ele. Como que invadido por uma apercepção que corta o gozo, o sofrimento, levanta-se com vigor e sai para cozinhar seu jantar. Neste período, chegou a conversar com a última esposa, com quem não falava há anos. Palavras suas: “Às vezes passa pelo outro lado da calçada. Não tem motivo pra passar daqui.”.

(Encobrimento fajuto do desejo de ser desejado?) Ficou de lhe trazer roupas. Paulo ainda nutria uma mescla de sentimentos por ela. Arquitetava matá-la, mas enunciava isto com menos frequência. Ao conseguir trabalhar melhor, ficava mais feliz. No último encontro, esbanja energia. Vejo-o com bermudas e camisa polo novas. Imprime a si um estilo bem jovial ao deixar à mostra um detalhe da cueca, como o fazem os rapazes, colegas seus. Penso, de passagem, nos laços identificatórios, na ocasião. É extremamente amável comigo, aproxima-se, oferece bolacha, mas, desta vez, não vem para falar. Percebo que até abusa do esforço físico. Pouco antes de minha partida:

[...] À distância, Gabriel, Paulo e o filho de Alessandro conversam; olham para ver se os observo. Boa parte do tempo, o olhar curioso e surpreso do rapaz [filho de Alessandro] em relação ao modo como interajo com os catadores e funcionários. Ao longo de minha estada, foi possível observar que ele gradativamente estava mais à vontade. Ouço Paulo perguntar a idade para o jovem. Ao saber, exclama: “Ah, então já pode meter!”. Frente ao dito, Gabriel e o garoto, embaraçados, acanhados, procuram pelo meu olhar, mais afastado que me encontro, e lançam sorrisos.

O que do outro sobrevive no discurso de um outro

Na semana seguinte (18 de Julho), uma surpresa e suas repercussões:

“Você sabia que o Paulão morreu?”, pergunta Luís. Relata que Paulo estava bebendo demais nos últimos tempos e não se alimentava: “Deve ter sido um AVC.”. Quando chegaram no dia seguinte, encontraram-no caído no corredor. “Tremia muito. A gente colocou ele pra descansar um pouco. O Alessandro pediu pra ele ficar sentado na frente do depósito até o SAMU chegar. Mas numa distração nossa ele levantou, caiu e bateu a cabeça no chão. Quando caiu, começou sair sangue das duas orelhas dele.”. Após três dias internado, veio a óbito. Evidentemente, a notícia me pega de surpresa. “Que triste, Luís.”, é o que consigo dizer, procurando um ponto de equilíbrio. “Ele parecia mais alegre, mais disposto, em relação a alguns meses atrás, ajudava no serviço.”. Comento, por fim: “Vocês podiam ter me avisado. Eu ia vê-lo no hospital.”.

- Ademar e Gabriel falam pouco sobre o ocorrido. Em meio aos tantos fardos que obstaculizam minha aproximação, posiciono-me em um pequeno vão, tendo apenas minha cabeça visível enquanto lhes dou escuta. Neste cubículo, o cachorro de Paulo vem e se deita sobre meus pés. Momento pungente.

- Alessandro aborda a morte de modo totalmente diferente. Seu modo de lidar passa por uma ironia mordaz: “O Paulão agora virou pé de cana.”. Entre risos, explica sobre nos transformarmos em “estercos”: “A essa altura ele já é um pé de cana deste tamanho assim, ó.”. O gesto amplo dos braços é reduzido à alusão ao tamanho de um pênis: cana-pênis, seguido de riso. “Daqui uns cinco dias, você vai ver o mesmo acontecendo com o Amadeu, que mora lá fora.”, expressa com frieza. Sua indignação toma outros contornos. O significante “abandono” emerge em sua fala. Aos poucos, fica mais sério, comenta terem tentado ajudá-lo. “Ontem, apareceu uma mulherzinha dizendo que é filha dele. Uma hora, eu disse pra ela: ‘E onde estava você? Ele morou muito tempo na rua, dormiu aqui na frente. A gente

é que deu um cômodo decente pra ele morar. E agora você vem falar assim com a gente?!".

Que o fato de nos oferecermos como ferramenta para mais alguma interlocução consigo, destacando-o, assim, daquela parede, tenha sido a Paulo, de alguma valia.

O sonho: via-régia para o inconsciente

El psicoanálisis eleva al sueño a la condición de un acto psíquico que posee sentido, propósito y un puesto dentro de la vida anímica del individuo, y al hacerlo se sitúa por encima de la ajenidad, la incoherencia y lo absurdo del sueño." [...] y su interpretación es la piedra fundamental del trabajo psicoanalítico (FREUD, 1993, p. 173).

Estos pensamientos oníricos latentes ya no son ajenos, incoherentes o absurdos, sino que forman parte, y con pleno derecho, de nuestro pensar de vigília. Llamamos *trabajo del sueño* al processo que há mudado los pensamientos oníricos latentes en el contenido manifiesto del sueño; lleva a cabo la desfiguración a consecuencia de la cual ya no discernimos los pensamientos oníricos en el contenido del sueño. [...] Existe en nosotros una *censura*, una instancia examinadora que decide si una representación aflorante tiene permitido alcanzar la conciencia, y que excluye sin miramiento, hasta donde llega su poder, lo que provocaría o volvería a despertar displacer (idem, 1993, p. 174).

Consideremos um excerto que aponta para a movimentação/produção de dois catadores (sujeitos, na acepção psicanalítica), a partir de um sonho, num agrupamento de quatro sujeitos, formado ainda durante o horário de trabalho; muito antes, portanto, do fechamento do depósito e início "oficial" do atendimento. Corroboração da ideia de que muito é produzido nos espaços, independentemente da condição.

Alessandro escuta o final da conversa e vem falar sobre a questão do sono, do não conseguir dormir, o quanto isso lhe faz mal, e insere comentários sobre sua dificuldade para "deixar de pensar", "muita tensão". [...] De lá de dentro, o pequeno som de queda de um metal. Sem saber exatamente o quê, Alessandro corta nossa conversa e alerta: "Um peso [referência padrão para pesagem] caiu no chão.". Ninguém dá atenção ao fato. Luís está ocupado fazendo contas para pagamento. Do meu ângulo de visão noto uma caneta e um pedaço de metal, caídos, próximos aos pés de Luís, a cerca de 3 metros de nós. Peço licença e me curvo, pego a caneta e o metal que estão no chão e lhes entrego. "É um queimador, um pito de fogão, Luís.". Ele olha, sorri e exclama: "É um pinto.". Indiferente, regresso para o grupo que aos poucos se formara ao meu redor: Alessandro, Gabriel, Rafael e Antônio, que agora se aproxima e pega parte de uma brincadeira de Alessandro. A propósito de dormir, Alessandro tenta gerar uma piada sobre um suposto sonho de Gabriel. Alessandro: "Conta o seu sonho, Gabriel!: 'Sonhei com duas galinhas e acordei com um pinto na mão.'" Ri, sozinho, da façanha narrada. Penso: o que será que isto pode ter a ver com sua problemática?! Melhor esperar. Sem que eu nada diga, na expectativa de Gabriel se manifestar, caso também queira narrar algum sonho, Antônio toma a palavra: "Incrível como a gente não para de pensar! Até dormindo a gente pensa: a gente sonha.". Alessandro é nitidamente capturado pelo seu interesse pelo saber do outro:

“Verdade! Por que isso acontece?”, voltando-se a mim. Não me disponho a entrar com conhecimento de mestre. Antônio imediatamente segue e olho sinalizando-lhe interesse pelo que enuncia. “Eu fico pensando no meu irmão em [cidade], no pai, na mãe, no Mato Grosso onde trabalhei quando tinha 14 anos, em coisa alegre, coisa triste... Pensei: vou dormir pra não pensar. Mas aí, sonhei!”. Eu: “Hã, hã...”, suave, para que Antônio continue e Alessandro talvez não o interrompa. Antônio segue: “Tinha uma galinha. E ela morre. Eu pego ela assim com a mão... [gesto] [Alessandro interrompe, repetindo a história do pinto, mas sinalizo para que Antônio prossiga] Tava morta, mas com os olhos abertos assim, ó. [expressão facial] Aí chega um amigo. Eu me viro pra conversar com ele e ela sai correndo: fugiu pro mato e deixou um ovo! Eu fiquei com o ovo na mão. Tinha um pintinho assim. Não sabia o que fazer com ele. [Mãos em concha, desespero e sorriso no rosto ao descrever a cena, reveladores do contato com o gozo.] Ele já tava quebrando a casquinha! Pois eu acordei e pensei: deve ser alguma coisa sobre mim, que eu vou [conseguir] alguma saída pra minha vida, pro meu sofrimento.”. Como em um flash, penso no quanto um sujeito, a exemplo de Antônio, sumido do depósito há semanas, poderia se beneficiar com um trabalho análogo a este, que oferece este tipo de escuta, dada a facilidade com que adentra no dispositivo e a riqueza de sua fala, que inclusive possibilita produção de efeitos também nos demais membros. Repito o final da frase de Antônio. Alessandro retoma sua piada, que pode vir a ter valor de chiste, dada sua insistência; agora recontada como “um sonho com 2 galinhas, dois ovos e 1 pinto na mão”. Olho para Antônio: “Antônio, esse seu sonho é muito valioso mesmo! Sonhos nesta conversa são também importantes.”, procurando apontar para esta possibilidade exploratória em suas falas, uma vez abordada por eles; aliás, riquíssima para a psicanálise. Ciúme e surpresa no semblante de Alessandro. Mudanças no laço discursivo?

Além deste saber do outro que não sabe que sabe (relativo a Antônio, que enriquece o encontro, ao imprimir novo rumo à conversa, gerando inclusive ciúme em Alessandro, surpreso, este, diante da possibilidade de um saber que reside no outro, saber que deseja), e da atitude de Alessandro, que poderia ser apreendida pelo terapeuta como apenas ruído, perturbação que desvirtua o “bom andamento” da conversa com uma piada (isto sem falar de profissionais que enquadrariam seus comentários como resistência pura e simples e tentariam confrontá-lo com algo disciplinador ou interpretativo), o que será confirmada, ao final deste encontro, cerca de duas horas mais tarde, – com relação a esse algo que insiste (depois de trabalharem ainda mais, fechar o depósito e formar o grupo maior), é a total pertinência do recorrente enunciado chistoso em relação a impasses vividos pelo sujeito, por meio dos processos de condensação e deslocamento, metáfora e metonímia, que tecem o sujeito/linguagem. No caso, referências, reveladas mais tarde no mesmo dia, a uma aventura extraconjugal, com possibilidade de resultar em gravidez, a perda de libido com a esposa, aludida em vários atendimentos; enfim, traços de elementos vários que parecem apontar para impasses de posicionamento em diversas instâncias: frente à esposa (incluindo-se a culpa pelo ato de infidelidade), à outra (frente à possível gravidez), sobretudo, ante a si mesmo

(vergonha por seus atos em diversas áreas). Parece fazer muito sentido, a alusão, via sonho, a um sujeito dividido: o acordar “com duas galinhas e um pinto na mão”, dúvidas, forte angústia, enunciado que o sujeito expressa aliado a um riso, na tentativa de amenizar o apreensivo semblante, revelador de que algo intenso no sujeito operava. Um saber que não se sabe; o quanto se diz para além do que se diz.

Esperamos, porém, dada a inexperiência analítica do psicólogo, não abrir margem à inferência, devido aos breves comentários, de termos em mente um sistema “selvagem”, simplificado, de desmonte do material onírico. Apenas procuramos conjecturar a possibilidade de componentes pulsionais conflitantes, em ebulição no inconsciente, “pegar carona” em remanescentes de impasses vivenciados na realidade empírica do sonhador e cifrar, por meio de outras imagens, também armazenadas no “tesouro do inconsciente”, aquilo que se transformaria no conteúdo manifesto de um sonho. Também conjecturamos, ante o mero fato de relatá-lo, o sujeito (do inconsciente) – por ser resultante desse amálgama orgânico-pulsional-psíquico (que engendra o campo social e o modo como cada um se apropria dele na constituição do seu fantasma) – ante o mero relatá-lo, o sujeito também sofre efeitos de algo do inconsciente que se renova, produzindo, no caso de Alessandro, os chistes, a contorção do semblante, o riso nervoso, os movimentos involuntários com as mãos e pernas. Curiosamente, de toda uma rede de efeitos, bem-vindos ou não, (originados do *continuum* dentrofora) o sujeito, portanto, dele, do complexo sistema inconsciente, é refém – pelo simples ato de enunciar algo. Em outras palavras, estamos o tempo todo sob o efeito das forças do inconsciente. E tal fenômeno, atualizado via o mero *relato de um sonho*, seria o melhor atestamento de que tais forças atuam em nós o tempo todo, como já alertava o inaugural “douto mestre” (apropriando-nos de algo de Lacan para nos referenciarmos a Freud), mestre justamente por dar relevância à insondabilidade completa do saber.

CAPÍTULO 3

UM PSICÓLOGO NO CAMPO SOCIAL: LINHAS E AGULHA – SUJEITO E PESQUISADOR – SEU DESEJO, TAMBÉM, NO COMPLEXO CAMPO DA ATUAÇÃO E PESQUISA

O desejo é algo primitivo, grave e que impulsiona. – Clarice Lispector – Um sopro de vida: pulsações.

Estar no campo social, nas condições em que nos encontramos, implicou quase que um estar à deriva, sujeitos a intensidades, ao inesperado. Porém, nem totalmente à deriva, acreditamos, uma vez munidos com os referenciais que nortearam nosso trabalho. O périplo do psicólogo-pesquisador para viabilizar uma intercessão, valendo-se da psicanálise junto a grupos de catadores, pode ser longo, muito longo; nunca se sabe. Que garantias, afinal? (Talvez esta, uma das grandes lições da psicanálise.) Em nosso caso, possivelmente tenhamos tido um elemento de sorte, o aleatório favorável, além da boa vontade de intercessores preciosos para nos aproximar desta população. Uma narrativa da mini-odisseia empreendida parece pertinente, para tornar o campo um pouco mais visível ao leitor, àquele que possa se interessar pelo trabalho em contextos análogos.

Périplo por negativas, enquanto: é possível aprender algo com isto?

Muitos foram os obstáculos. Ajustes tiveram de ser realizados em relação ao projeto inicial, à medida que nos deparávamos sucessivamente com o contingente. A coordenação de uma associação de catadores, que havia manifestado pleno interesse na oferta, para nossa surpresa, a partir de uma comunicação abrupta, que vetou qualquer contato oficial com os associados, cancelou a participação no projeto. Alguns, sigilosamente, demonstraram, ainda, interesse. Este fato, se, por um lado, produziu forte impacto no moral do pesquisador, por outro teve enorme valia para refletir, à luz das referências de que dispúnhamos, sobre a realidade do que é estar no campo das pesquisas em ciências humanas em sua dimensão de fato. A criatividade, a busca por rearranjos e o exercício crítico, concomitantes a cada desafio no caminho, mostraram-se uma constante, na tentativa da realização de um trabalho em nada semelhante ao encontrado na literatura, no que se refere aos catadores de recicláveis.

De modo inaugural, foi possível constatar *in loco* os atravessamentos que perpassam as instituições, seus estabelecimentos, e os sujeitos, por fim; alertados que estávamos pela produção teórica da Análise Institucional, a partir de autores como Baremblytt (1998), Di

Ciaccia (2005) e Lourau (1996), entre outros. Em todo o caso, o “golpe” foi grande, dado o grande investimento: a cuidadosa aproximação, os meses nela envolvidos, o período de preocupante indefinição (afinal, uma pesquisa acadêmica tem um prazo para sua realização), as esquivas e o desfecho.

Iniciamos a busca por alternativas, a fim de fazer a oferta de atendimento psicoterapêutico a outro grupo de catadores. Por meio da Incubadora de Cooperativas da Universidade Estadual Paulista, UNESP, Campus de Assis/SP, fomos colocados em contato com outra associação. Uma associação pequena, formando, assim um (1) grupo de sete (7) pessoas; o que levou a outra adequação do projeto, que previa dois grupos. Os encontros foram realizados na própria sede, semanalmente, aos sábados de manhã, segundo a escolha dos próprios catadores (seis deles do sexo feminino), antes do expediente de trabalho. Como é possível verificar pela leitura do Caderno de Campo, a trivial concepção de um *setting* clínico em sala relativamente tranquila de um Centro de Saúde, por exemplo, tal como idealizado no projeto, logo de saída, mostrou-se uma irreabilidade. Os encontros ocorriam nos mais variados lugares: nas dependências da associação, sim, mas, na cozinha; no estacionamento, sob o sol; parte deles ocasionalmente na chuva, na lateral do barracão, junto a um alambrado; ou mesmo no interior do prédio, em meio aos demais colegas, envolvidos no trabalho. O grupo foi atendido por mais de seis (6) meses, chegando a ter mais de dez frequentadores nos últimos meses, devido ao ingresso de novos associados. A riqueza destas vivências fez, literalmente, pôr sob teste e refletir sobre as possibilidades da psicanálise em contextos aparentemente tão adversos. Igualmente, na parte do Caderno aqui considerada, aquela referente ao atendimento dos catadores do depósito, por um período de doze meses, são encontrados relatos valiosos que confirmam nossa aposta; afinal, o inconsciente parece pulular. Ruído a mais, ruído a menos...

Os problemas, porém, não estavam terminados. Após alguns meses, alterações na estrutura da associação nos levaram à suspensão do trabalho. O motivo inicialmente alegado foi a incorporação inesperada de quase vinte (20) novos membros, de uma vez. “Goela abaixo”, segundo algumas catadoras, por uma decisão do governo municipal que (geralmente) se intromete na gestão destes estabelecimentos. Mas, intuímos não se reduzir a apenas este fato. Pessoalmente, em uma última visita, e em subsequentes telefonemas, confirmou-se o interesse em retomar os atendimentos. Porém, nas falas de duas catadoras, a revelação de atravessamentos que, no tenso conjunto de forças, tendem a favorecer a dominação, o silenciamento de alguns sobre muitos, ainda que de modo camuflado: “Pedimos mais de uma vez para [a coordenação] falar na nossa reunião sobre a volta do grupo e até agora não fez

isso?! [...] Tem também gente que diz que a gente fica conversando enquanto eles estão trabalhando.” Quando, neste quadro, levamos em conta os princípios da educação libertária freireana (FREIRE, 2007), que supõe como “método a prática da liberdade” – cujos pilares inspiram a economia solidária (BRASIL, 2005; CARVALHO, 2008; CARVALHO; LADEIA, 2013; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2010; FEITOSA, 2011; SINGER, 1998, 2002, 2005) –, tendo em seu cerne o objetivo de supressão do binômio opressor/oprimido, portanto, a supressão do exercício da dominação, reconhecemos o desafio de tamanha travessia dialética no campo da prática, em um país sob séculos de autoritarismo.

Analogamente à primeira cooperativa, o desenlace teve sua fase prévia de adiamento da decisão: visitas à associação encontrando-a fechada, telefonemas não respondidos e respostas vagas para o agendamento de encontros vindouros. Curiosamente, ações simultâneas à manifestação do desejo de continuar. (O querer versus o desejar?) A oferta de continuidade foi, neste caso, discretamente reiterada; afinal, um dos postulados da psicanálise é não recuar diante do desejo do sujeito (LACAN, 2014; 1995), aqui, enquanto confronto do sujeito no compromisso com o seu dizer e seu agir. Mas, alguma cautela era necessária. Relatos mostravam que muitas pessoas deles se aproximam para extração de informação sobre os caminhos para trabalhar com reciclagem: gente do poder público, engenheiros, etc., e que depois os descartam; o que os torna reservados. Durante o período relativamente longo de indefinição, viajando por quase noventa (90) minutos para encontrar a associação fechada, a emergência de efeitos no pesquisador era inevitável, como é possível constatar em algumas notas do pesquisador.

[A oferta face à esquiva – O transitar pelo campo social com alguma escuta – Encerramento de um processo? Efeitos no pesquisador.]

21/Setembro – Volto no sábado seguinte; mesmo horário: 7 da manhã. Novamente, cooperativa de portas fechadas. Pátio limpo. Mais no alto, sobre a laje, do lado de fora, em frente a um dos portais de entrada para o galpão, cerca de 20 bags, cheios, organizadamente empilhados. Aguardo uns 20 minutos, na possibilidade de estarem atrasados. Depois, por volta de 7:35, telefone para 3 catadores. Todas as ligações caem na caixa postal, 2 delas imediatamente; a última chama por algum tempo, antes de cair. Neste, para mim um longo aguardo, reflito sobre o “cair a ligação”, reflito sobre o significativo que me perpassa. Além sinalizar a percepção do risco iminente de fim de um processo, poderia ser associado à difícil posição do analista que cai, como dejetos, ao longo da travessia de uma análise? Como ser pensada a posição do “analista” (aqui pensado enquanto figura do discurso, no matema) para alguém que, submetido a uma série de modos de exclusão, de trituração de sua subjetividade/de possibilidades de fazer vínculos com o social (que inclui produção, inclusive de si), busca, na lida com os dejetos, sua sobrevivência e construção de si? Reenvio ao analista, pelo eixo do imaginário, de uma repetição reelaborada em que o rancor, o ranço ressentido dos não da sociedade, se reedita? Até onde isto pode ir? Até onde

se suporta, enquanto analista? Estariam eles reiterando o desejo de “fazer o grupo” só 1 vez no mês e eu o ignorei, sugerindo pelo menos 1 encontro quinzenal? Um erro de minha parte? ... Aguardo antes de lhes enviar uma mensagem de texto. Aposto em sua leitura, pois sei que todos possuem computador, têm destreza com as novas mídias. Sigo com a reflexão. Pensamento que imediatamente me ocorre: e com relação a esse contato com o estranho de si? É reconhecidamente difícil expor as vísceras, como o têm feito – e isto diante de um grupo –, pondero. O fluxo me leva a redimensionar as dificuldades em um plano mais prático, mas comunicável, concomitante, com as demais possibilidades: o ingresso dos novos membros, que tem sido problemático, tanto na organização dos processos de trabalho da cooperativa, quanto na viabilização dos vínculos para o trabalho no grupo psicoterapêutico. Outra possibilidade são os inúmeros encontros/compromissos com outras associações, dos quais participam. Certamente vou entrar em contato, tentar uma visita durante a semana... A aposta nesta oferta deve continuar! Ainda preocupado, tendo, porém, vivenciado um discurso interior que contribui para dar contorno à apreensão que me envolve frente a mais este imprevisto – apreensão frente ao atendimento, ao sujeito, ao meu orientador, ao nosso trabalho em comum –, após cerca de 50 minutos de espera, espera produtiva, devo admitir, retomo o caminho que me leva à estrada principal, de onde, em meio ao sol, vento, ruído, poeira, veículos em alta velocidade, trepidação intensa (que me leva a associar à usina pulsante do desejo e Freud definindo-o como o movimento subterrâneo dos Titãs), baitacas e quero-queros (‘o querer, o querer!’, penso enquanto os avisto e os nomeio), revivo/redijo/redigo/redito (a mim, a outrem que a lerá) esta experiência, no aguardo também ansioso por um ônibus. Ali, estou num entremeio de mim. Afastado de minha origem e de onde estava destinado a dirigir-me, a ser algo. Incômodo. Erasmo Carlos vem à cabeça: sentado à beira de um caminho.

Em decorrência de mais este percalço, novamente nos deparamos ante a possibilidade de não seguir com o trabalho. A partir dos encontros para orientação, em que dividíamos nossas angústias, decidimos entrar em contato com uma Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS), importante aliado do psicólogo social em sua aproximação às populações oprimidas. Neste ínterim, dirigimo-nos, por conta própria, a outra cidade vizinha, a uma segunda SMAS, a fim de ao menos avaliar o campo, caso nada conseguíssemos com a primeira.

Ainda que recebidos com amabilidade pela segunda equipe, de outra cidade, portanto, cidade de pequeno porte, pudemos perceber o quanto os municípios brasileiros estão distanciados de um efetivo envolvimento e, por consequência, sem preparo para a implantação de uma política de resíduos sólidos que, de fato, leve em conta as pessoas que têm, na atividade com o lixo, seu meio de vida. Em conversas relativamente extensas, realizadas tanto pessoalmente quanto por telefone, a confirmação dos entraves – potencializados inclusive pelo senso comum – que ainda se fazem presentes no campo das políticas públicas: o assistencialismo, o outro tomado como objeto a ser docilizado. Por fim,

em muitos casos, um quase esquecimento dos cidadãos a serem atendidos, ou a insuficiência no modo de atendimento, uma vez que as objeções desta população oprimida às várias investidas hierarquizadas, vindas de cima, por parte do poder público, levam à sua culpabilização e, portanto, à desistência, por parte dos profissionais, em estabelecer um canal de comunicação que não aquele baseado na tutela, na proteção e na autoridade. Conclusões estas também baseadas em conversas com vários profissionais da área. Ilustremos: “Compramos máquinas para eles. Está tudo aí parado. Não deu em nada.” Por quê? Ninguém se pergunta.

Continuemos a narrativa sobre o percurso empreendido para a oferta de formação de um grupo psicoterapêutico. Procuramos por uma associação de catadores nesta cidade de pequeno porte (a da segunda SMAS). Fomos informados de que havia sido fechada. Dentre os motivos, um modo de condução que, além da influência da mão estatal, portanto um poder externo ao grupo, não propiciou a identificação entre os seus associados, enquanto membros de uma classe. Detectamos, portanto, a ausência de discussões, formação e supervisão nos princípios da Economia Solidária – apesar da existência de reconhecidas Incubadoras de Cooperativas na região. Subjetivados pelo MCP, pudemos concluir, estes sujeitos não conseguem enxergar uns aos outros como parceiros, mas concorrentes: “A gente acha melhor trabalhar assim mesmo, sozinho.”. O conteúdo das falas dos profissionais desta segunda SMAS, em relação à dissolução da associação local, coincide com as falas dos catadores anteriormente associados. Suspeitamos que, de forma quase generalizada, assim o é nos municípios de praticamente todo o país. Reflexões pertinentes figuram na produção acadêmica de Benelli e Costa-Rosa (2012, 2013), dentre outros pesquisadores, que chamam a atenção para a prática comum que não tem em seu centro um princípio básico e que já consta nos textos oficiais: aquele que é pobre (termo evitado a todo custo nos textos), apesar de sua condição de explorado, é também um *sujeito de direitos*. Outro aspecto importante analisado por estes autores diz respeito ao fato de serem aplicadas iniciativas cujo *modus operandi* resulta de princípios do MCP, Modo de Produção incompatível, portanto, com os princípios da economia solidária. Nesta pequena cidade, o isolamento de cada catador, devido à competição acirrada, mostrou-se tão acentuado que regressamos de lá antevendo a dificuldade para a execução do trabalho.

Um possível “sim”, alento: o favorável nas impossíveis condições

Por meio da primeira SMAS, fomos referenciados a um *depósito de reciclagem*, não uma associação, que recebe número considerável de catadores. Foi este, por fim, o grupo

atendido por um período de doze (12) meses. Grupo com nove (9) membros fixos, composto por “funcionários” do depósito, seus “patrões”, ex-catadores eles também, e alguns catadores que frequentam o depósito somente para comercializar o material coletado. Estes últimos participaram do grupo de modo ocasional, ocupados que estão em voltar para a rua coletar mais material. Os desafios neste depósito de reciclagem – local do “atravessador”, figura demônio das cooperativas populares por explorar a categoria de catadores – são ainda maiores. (“Você foi trabalhar bem na boca do leão!”, segundo a fala surpresa de uma colega) Ali se está diante da concorrência acirrada, do imprevisto constante, também entre eles, pois as condições de trabalho são mais precárias, os processos de trabalho, mais intensos e, portanto, menos provável entrar em acordo quanto a um horário para o atendimento do grupo. Há também o desafio diante do campo de tensão patrão-empregado, atravessador e catadores. A atuação junto a este grupo diz respeito àquela abordada no capítulo 2, tendo se mostrado extremamente enriquecedora para refletir sobre as possibilidades da psicanálise no contexto social, junto aos oprimidos, e sobre como um psicólogo social ou outro profissional neste campo, sensibilizado/avisado por ela, juntamente com outros elementos teóricos, transita pelo espaço, escuta seus sujeitos e avalia os efeitos que são produzidos a partir desta interação. Refletir sobre tudo isto envolve pensar a respeito de como o profissional recebe e lida com o incômodo no campo, elemento de estranhamento, pois somos, às vezes, também pegos de surpresa, quando mais (às vezes menos) fragilizados.

Um profissional frente ao repulsivo. Marcos, do cão à construção de sua narrativa

28/Fev/2013 - Não demora muito e um catador, Marcos, chega com um carrinho abarrotado. Apesar dos protestos de Luís quanto ao horário, já extrapolado em 45 minutos (o novo prazo para os catadores seria até às 17h), acaba por permitir que descarregue. Marcos tenta ser o mais rápido que pode, buscando bags no interior do prédio para a transferência do conteúdo do seu carrinho para estes recipientes e finalmente colocá-los sobre a balança. Chove um pouco mais forte e ele anda com dificuldade. Noto que um de seus pés tem o dobro de tamanho em relação ao outro e segrega muito pus. Em uma de suas idas até o carrinho, apesar de estar com ambas as mãos vazias, talvez também por se sentir observado, ainda que eu tente ser discreto, leva sua boca até o nó de um saco plástico de 50 quilos, que tem atado ao carrinho, sujo, molhado de chuva, com água barrenta que dele escorre, e o rasga com os dentes, como um cão. Posiciono-me tranquilo frente ao que *tomo como seu modo de apresentar-se*. Ele, então, com as mãos, vasculha seu interior e retira aos poucos o material contido.

O quadro dá uma noção das surpresas com as quais um psicólogo social pode se deparar e a busca por um posicionamento que não inviabilize a interlocução. Aos poucos, foi possível a Marcos abrir-se para a fala. Após idas e vindas pela área toda do depósito, ele

gradativamente se aproxima, e fala de si. Muitos aspectos poderiam ser abordados, mas, pelo momento, julgamos mencionar um ponto de sua fala que poderia ser útil para se pensar como um profissional não deve ir a campo. Neste dia, a certa altura, enuncia:

[...] Quanto ao pé machucado, relata: “fiquei prensado em uma máquina pesada, o pé foi esmagado” Levanta a bermuda e mostra a parte da coxa de onde o tecido foi retirado para o enxerto. “Isso foi há cinco meses.”, finaliza. [...] Marcos retoma o assunto sobre seu pé: “Se uma pessoa olha com nojo nos olhos, mexe os lábios com nojo, eu tenho arrepio; se olha com piedade, eu tenho ódio.”

Eis uma importante chave que o sujeito fornece sobre como não quer ser visto. Freud e Lacan muito alertaram para o afã de se querer “o bem” paciente. O próprio catador reforça isto. Julgamos importante o estudo de tais questões, uma vez que a tônica encontrada nos serviços, segundo Benelli e Costa-Rosa (2012) baseia-se em princípios como a piedade, a caridade, a tutela, que geram dependência e dominação. Em um país com tradição populista... Há momentos em que a fala de Marcos revela a abordagem ora piedosa, ora impositiva dos atores da rede de Saúde e da Assistência Social. Sua resistência lhe trouxe consequências: chegou a ser “excomungado” dos estabelecimentos; expressão utilizada pelo próprio sujeito. Quando a enunciou, na ocasião, era perceptível a existência um saber sendo tecido sobre aqueles espaços de cuidado.

Considerando a experiência aqui discutida, quanto às brechas no discurso, isto às vezes requer mais tempo, dias, até, outras, não. No caso de Marcos, mais de hora e meia, entre aproximações e afastamentos. Neste período, enquanto terapeuta, a nossa escuta também procurava construir, aos poucos, uma hipótese diagnóstica a seu respeito, importante, pois implica certos cuidados quanto a como se dirigir ao sujeito do inconsciente. Também é interessante notar o que sucedeu à brecha de surpresa, descrita a seguir. Certamente, um movimento arriscado do psicólogo ao dizer aquilo, por não estar ainda clara sua posição na transferência em relação a este sujeito. Há ocasiões em que nos precipitamos, é preciso admitir.

Marcos termina a fala sobre seu pé [em que expressa certo descaso quanto aos cuidados]. Ao tocar no assunto da excomunhão [problemas no posto de saúde], ensaia seu movimento de saída em direção aos rapazes. Com cuidado, ele já meio de costas, arrisco, procurando amabilidade, mas também imprimir no tom a frieza de um enunciado lógico, se a imagem puder ser-lhe passível de apreensão: “*Sim. Mas seus pés precisam de cuidados. Afinal, são eles que te levam a toda parte.*”. Há um tremor em seus ombros; seu semblante, ainda que de perfil, revela uma movimentação interna, ressonância do dito. Um murmúrio, ponderação com uma dose de concordância. Em seguida, Marcos trabalha com prontidão e bom humor

junto aos demais, movimentos melhores do que aqueles de quando trabalhava sozinho.

Foi perceptível, na ocasião, que algo havia ressoado, pela reação no corpo, pelo murmúrio discreto; mas a certeza era ainda nebulosa. Mais tarde, surpresa e alívio. Diante de um sujeito tão volátil, com poucos pontos para ancoragem afetiva, considerando-se a totalidade daquele primeiro encontro, o enunciado havia, sim, produzido algum efeito. Uma vez confirmado o endereçamento, faço-lhe o convite; outra oportunidade que também não podia ser desperdiçada:

[Após algum tempo auxiliando o pessoal] Ao notar minha iminente saída, Marcos sai do grupo e vem apertar minha mão: “Gostei de conversar com você.”. Eu: “Vou estar aqui de novo na semana que vem, mesmo horário. Se você quiser...”

Um posicionamento tranquilo, por parte do terapeuta, diante do inesperado naquele primeiro encontro, pode ter sido determinante para a produção, em Marcos, de uma outra representação a respeito de um profissional, aos seus olhos, pertencente ao execrável grupo de agentes do poder público, com os quais tem constantes embates. Suas falas a respeito eram contundentes. Embora tenha participado poucas vezes dos atendimentos, sua abertura para a fala, momentos registrados no Caderno, apresentam tentativas de contornar, por meio da linguagem, o angustiante complexo de representações que dele toma conta e gera mais sofrimento.

Elemento de estranheza que se abre – no psicólogo

As intensidades no campo são muitas e, frequentemente, impactantes. Há momentos em que o profissional pode ser pego de surpresa e se vê às voltas com suas próprias manifestações do real angustiante, visto que algo sempre pede passagem. Apesar de tais ocorrências serem inevitáveis, elas podem, sim, ser contornadas, uma vez situado teoricamente. Apesar de reduzido o número de episódios deste tipo, ao longo dos quase dezenove meses em que estivemos no campo, é oportuno e necessário afirmar que eles vêm com força. Isto pode implicar uma resposta favorecedora ou não da continuidade de um trabalho com o sujeito, possibilitadora ou não de mais aberturas que o beneficiem. Entendemos ter isto a ver com as ancoragens teóricas nas quais o profissional se posiciona. Possivelmente, mas não apenas, sejam resultantes da falta de tais noções as formas de interação muitas vezes ríspidas, autoritárias ou, na melhor das hipóteses, embasadas no discurso de mestre, das ciências; mas esta tão nociva quanto as demais, por possuir em sua

base o princípio de que o outro é uma coisa a ser moldada. Ou seja, ao tentar aplacar o incômodo que emerge no próprio profissional (mal situado subjetiva e teoricamente), devido ao contato com o diferente, que ele experimenta como angústia, diante de condições de vida de tal precariedade que chega a ser, para ele, assombrosa, como resposta instantânea a este mal-estar toma forma, supomos, o modo prescritivo e agressivo de endereçar-se aos pobres.

No relato a seguir, uma amostra do que seria um encontro com o bizarro.

Estou sozinho, há uns 15 minutos. Observo o senhor “que se movimenta de cócoras” alimentando-se de parte de uma refeição a ele reservada por Ademar. Com uma das mãos, avidamente termina com o pedaço de ave, com a outra, acomoda carcaças e pele crua de animais sobre a calçada, para que “Bolota”, uma das cadelas, se alimente. Olham-se mútua e repetidamente, de tempos em tempos. A impressão é que ele faz dela sua companheira para uma lauta refeição. Por outro lado, observo melhor, é como se ele orientasse o ritmo de suas ações por meio do comportamento dela: se ela acelera, ele também o faz. Os raios de sol que despontam expõem com detalhes a vigorosa atividade dos maxilares do homem, as gotas de suor reluzindo, os fiapos de sua barba... sempre de cócoras, girando em torno de si e do animal, enquanto procura por e lhe atira filetes de couro, pele, ossos. Alguns saem de sua boca, outros, de um jornal no chão. Estranha relação especular, penso. Pareço estar num mundo de Vidas Secas, exponencializado. Uma das cenas mais marcantes que já vi. Pela primeira vez tenho vontade de ir embora, sair dali, correndo. Ai, Dalí!!

Nos minutos concomitantes à visão e à captura pela sensação de estranheza, o repertório teórico, literário, das artes plásticas, trouxe o profissional de volta a um reposicionamento subjetivo que permitiu a ele retomar sua função no campo. Sessão extremamente proveitosa seguiu-se a este incidente. Infelizmente, em situações análogas, muitos saem correndo, mesmo. A evitação aparece nas falas dos catadores: “Eles [psicólogos, assistentes sociais, etc.] passam daqui, mas não param. Só vêm aqui de vez em quando pra dar dura.”.

Relatar e refletir sobre momentos como este, frente ao terrivelmente estranho, leva-nos a uma associação com Ferreira Gullar: “Uma parte de mim/ é permanente:/ outra parte/ se sabe de repente [...] Uma parte de mim/ é só vertigem:/ outra parte,/ linguagem”. Poema no qual a vírgula, a nosso ver, vai além da função de adequação às normas da escrita. Para nós, poderia servir como elemento que simboliza o barramento das manifestações do real por meio da linguagem (significante que a acompanha) – barramento daquilo que me espanta, causa estranheza, mal-estar –, como afirma a psicanálise. Em contrapartida ao mal-estar, a cura pela *fala* (Anna O.); o tratamento do real pelo simbólico, como afirma Lacan no Seminário 11 (2008). Entre a “vertigem” do real – uma vírgula – barragem e ponte de acesso àquilo que

nos humaniza, a “linguagem”. Mas, é apenas uma vírgula, um diminutivo, como diz a origem latina do termo: “virga”(= vara) + “-ula” (= sufixo diminutivo): varinha; pois, o obscuro também compõe aquilo de que somos tecidos. E a barreira não é assim tão alta, tão resistente. No episódio aqui tratado – referência à estranheza vivida pelo psicólogo no campo – a confirmação de que tais mecanismos de captura pelo real, bem como os de sua superação, não se restringem à dimensão clínica. Qualquer um pode ser acometido por estes “súbitos desagradáveis”. O que abre um leque amplo de possibilidades de apreensão, escuta, do mundo e seu manejo, sem psicologizá-lo.

Périplo pelo social num “mundo-aberto-de-meu-deus”

Justamente pelo fato de o *corpus* de conceitos psicanalíticos não se restringir à dimensão clínica, decidimos apresentar fragmentos do Caderno de Campo, em que aparecem elementos do mundo, em sentido amplo, em sua relação com a Saúde Mental e Coletiva. Espaços por onde o psicólogo transita, simplesmente, como qualquer indivíduo; porém, marcado pelo seu modo de apreensão dos vetores de intensidades, em constante produção. A título de localização na sequência dos acontecimentos descritos neste capítulo, sobre as dificuldades enfrentadas nas associações, etc., até o início efetivo dos atendimentos no depósito de reciclagem, os dois primeiros relatos aconteceram exatamente no dia em que regressava da visita à associação, em que a encontrara fechada, sem cancelamento prévio do atendimento. Os três últimos referem-se a vivências da semana seguinte, enquanto voltava para casa, pelos mesmos motivos.

[21/Set/2013] De volta em [cidade], caminhando da rodoviária ao centro, avisto o Sr. Pimentel, um homem de mais de 90 anos; dirige-se à empresa de transportes da qual foi fundador há mais de cinquenta. Seus filhos, hoje, na direção. Com satisfação, ao olhá-lo, ainda de longe, pela calçada, observo que não mais utiliza uma bengala, companheira por mais de 1 ano, em decorrência de um grave AVC. Jamais poderia imaginá-lo tão bem, autônomo. Com alegria, dirige-se a mim, comenta sobre sua melhora: percorre 17 quarteirões entre sua casa e o trabalho, na estação rodoviária. Elogio tal disposição. Reitera: “Fique longe do excesso de comida, [para ficar bem assim].” Em sua fala, o que é raro, sinais de um idoso bem situado, tanto no aqui-agora quanto em suas memórias. Atravesso uma praça, aos sábados, tomada por uma feira de rua, enquanto observo o movimento da vida e reflito sobre o que acabo de vivenciar.

.....

Pouco adiante, de um veículo me chama F., professora do colégio em que lecionei filosofia. “Você está linda.”, digo-lhe. Sua resposta, imediata: “Se meu marido estivesse aqui...[dando a entender que aí, sim, sua beleza poderia ser interpretada em decorrência de uma vida sexual prazerosa]... mas ele quer ficar lá no Norte, no Pará.”, conclui. Comenta que sente falta de nossas conversas no colégio. Às 3 perguntas que faço, inicia suas respostas

com o significante “abandon(ei)ou”. A sequência de abandonos, mais do que uma função referencial - sobre sua carreira no magistério, um ano após minha saída da escola; sobre a filha, sua função de comissária de bordo e sobre o filho que, formado em arquitetura, entrega a ela seu diploma e se torna caminhoneiro – expõe informação relevante sobre o sujeito. Deslocamento do abandono, do corpo caído?, penso enquanto conversamos. Ideia talvez boba, mas que passa pela cabeça. Significante também relevante, por tratar-se de uma pessoa que chegou às raias do suicídio, impedida de defenestração pela filha. Após longo período de licença, confidenciara: “João, eu não me lembro de nada. Lembro-me de, em Santos, no apartamento da minha filha, do centro da sala, ter olhado para a janela e dito: ‘Que dia lindo!’, e fui em direção à sacada. Já estava sentada no parapeito quando minha filha veio da cozinha e me pegou.” Reitero meu endereço, discreta oferta de escuta, e nos despedimos com afeto. A riqueza de tantos eventos, inclusive daqueles presentes na ausência, me ressitua, reforça meu vínculo libidinal com a psicanálise, crença em um benefício possível para o sujeito, a partir deste movimento de fala. Sim, a aposta nesta oferta continua.

xxxxxxx

[28/Set/2013] Em pé, no fundo do ônibus, a poucos quilômetros da chegada, ouço a conversa de dois senhores. O filho de um deles esteve internado em hospital psiquiátrico. “A psicóloga disse: ‘ele precisa ir aqui de vez em quando conversar comigo, pra saber como ele está’. Chega lá, e a [psicóloga] pergunta: ‘você está bem?’, ele, o filho: ‘to’”. Silêncio completo entre os dois senhores. Nada mais é dito. E muito é, neste silêncio, dito. Um silêncio perplexo e impotente, possível extensão reveladora da impotência de toda uma rede encarregada de auxiliar este indivíduo (e tantos outros) na sua difícil peculiaridade em fazer vínculos; que ignora o sujeito enquanto desejante, que desconhece contribuições da psicanálise, sobretudo naquilo que Freud e Lacan têm a dizer sobre processos de estruturação psíquica, sobre a forclusão...; elementos importantes para auxiliar no trato com o sujeito em sofrimento psíquico. Fracasso de um programa terapêutico? Em que grau generalizador este caso singular pode ser pensado acerca de nossa política de saúde mental? Segurando nas barras de apoio do coletivo, em pé, ônibus superlotado, ouço e penso nestas coisas enquanto torno a passar pela cena do acidente, de volta para casa.

.....

A duas quadras da rodoviária, a caminho de casa, ouço alguém falar alto. Olho para trás. É [nome], um jovem com quem tive algum contato, algumas vezes, no ambulatório anos atrás, quando o profissional que o atendia não estava. Rumo a um dos semáforos movimentados em que realiza seus shows, com calças de exército, óculos tipo Rambo, sem camisa, apesar do frio, e físico impecável, protesta contra alguém de dentro de uma loja, que não o entende: “Eu não sou louco não, moço. Eu sou *go-go boy!*”.

.....

Enquanto escrevo estas vivências, ouço, da praça central, o chamado de visibilidade de outro sujeito em sofrimento que, habitualmente, circula pela cidade e brada aos passantes, por horas seguidas: “Ôô!”, “Ôô!”, dia e noite. Surdez, cegueira e dormência de uma sociedade, insistentemente interrompidas, em um domingo à tarde, em todo e qualquer dia; enfim, um modo de vida cujos pilares de sustentação, mais e mais, dão mostras de seu fracasso.

Utilizamos estes excertos para ilustrar que, uma vez sensibilizado, avisado, por estes saberes (psicanálise, materialismo dialético, análise institucional...), nunca mais se vai a uma padaria, se atravessa uma rua, como antigamente. Parece que um universo de conceitos é levado consigo, em trânsito pelo mundo, e como enriquece o modo de apreensão do olhar! A propósito do rapaz que gritava “oi, oi!” havia quase oito anos, uma coincidência exige registro, devido à sua relação com o tema tratado. Durante a escrita desta seção do capítulo, em que o menciono, faço uma pausa, vou à janela do apartamento e o reconheço distribuindo panfletos em um dos mais movimentados cruzamentos da cidade. Bem vestido, exibe um sorriso de satisfação ao se aproximar dos carros, motos e pedestres. Sinto-me bem, diante do arranjo encontrado pelo sujeito para satisfazer à demanda por alguma visibilidade e silenciar o tirano que, das seis da manhã às três da madrugada, nas fases mais críticas, falava por ele.

Entre os pares: interlocução que move, enriquece a práxis

Apresentaremos algo que pretende reforçar nossa posição quanto à importância dos pares, do incentivo ao estudo, da interlocução – produção, transferência de trabalho, enfim – e, mais uma vez, uma pequena demonstração do refletir sobre a prática do trabalho com grupos, ainda mais potencializada quando se a realiza em conjunto. Por meio deste diálogo, é também possível apreender, reforçando ideias já apresentadas no capítulo anterior, algum elemento adicional sobre como se dá o trabalho dentro do grupo: a dinâmica de enunciação e produção de sentido – e o terapeuta/“mais-um” no campo, como fomentador da fala. Trabalho de montagem, a cargo do leitor.

Por e-mail (2/Fev/2015), um colega me pergunta:

“Ah, me diz uma coisa, como você costuma fazer em casos em que um sujeito no grupo monopoliza a fala? Estou com um caso desses, difícilíssimo interceptar!”

Respondo-lhe:

De fato, noto que há casos em que o indivíduo está tão angustiado que jorra aos borbotões. A meu ver, o grupo acaba por acolher, por um tempo, esse “monopólio”; mas não quer dizer que não estejam obtendo ganhos, com as ressonâncias/incidências em cada um deles, até mesmo por oposição a isto. Outra coisa que percebo é que, às vezes, a fala contínua de um sujeito como este parece ir no sentido de que ele *precisa demais* confirmar seu sistema de crenças, que percebe já dar sinais de ruína ou rachaduras (tanto que está ali, no grupo), mas não o quer admitir. Inclusive, está com muita dificuldade para ouvir e para ouvir-se (a partir do que possa vir do outro, produzindo, nele, ressonâncias). Chega-lhe a ser quase um terror admitir que seu sistema de sustentação capenga. E, realmente, é difícil ficar sem chão. Pôr o quê, no lugar, afinal? Paciência, inclusive de nossa parte, nesta travessia que ele faz.

Assim, a gente consegue se abrir para a escuta, dificultada, às vezes, pela série de repetições por ele produzidas, até que uma variante ou algo novo emergja, você sabe. [E isto vai propiciar um deslocamento de ideias e mesmo de enunciadores]

Como estratégia, às vezes, procuro fazer-lhe uma pergunta que, baseada em sua fala, daquele momento ou ligada a algo dito em sessões anteriores, ajude a produzir um corte, uma bifurcação, e a lanço também para o grupo. Muitas vezes, o sujeito até desqualifica, mas dá pra perceber que algo tocou/ressoou nele. E abre possibilidades para que outros se expressem. "E você, fulano, como é que você escuta isso? E vocês, essas coisas que vocês ouviram/têm ouvido, levam vocês a pensar em alguma coisa?"

Aos poucos, aquele sujeito vai se surpreender com o quanto ele também pode se beneficiar com a escuta e que os outros também detêm um saber valioso. Às vezes, nota-se até um olhar de inveja se insinuando, hahaha. Há casos em que, depois de um tempo, a própria pessoa se dá conta e acaba por dizer: "Já falei muito esses tempos, hoje vou ficar quieto.". Pode crer que tem coisa aí, também! Às vezes, o sujeito se esconde falando demais; outras, silenciando. [Mas algo nele segue pensando; observável por meio de alterações no semblante, gestos, sons.]

Importante a gente não se angustiar frente a isto, porque o terapeuta sempre incorre no risco de, quando a sessão parece emperrar, mesmo que lá, guardadinho, almejar controlar o fluxo das coisas, movido pelo que a gente supõe de uma sessão ideal. Mas, claro, por outro lado, estimular a circulação da palavra faz parte do nosso trabalho. [Corda-bamba sobre a qual caminhamos sem medidas exatas.] Será que foi útil, meu amigo? Desculpe-me pela obviedade.

Sua resposta - 5/fev/2015

OOOOOO, João, meu caro.

Copia isso e coloca na dissertação.

Me ajudou muito. Nada como a perspicácia de quem parte da práxis!!

Continuemos!!!

Lá vai, meu amigo!, respondo-lhe agora. Grato pelo precioso estímulo à reflexão! Espaço a ser criado, cotidianamente, por cada profissional, entre seus colegas.

Sem novidade: o pesquisador é também dotado de um inconsciente

Mais difícil do que reconhecê-lo, a vã tentativa de fazê-lo calar. Das camadas da cebola de um sonho, como sugerido na abordagem de "A injeção de Irma" (FREUD, 1994), foquemos no que se refere àquilo que, dos impasses relacionados à pesquisa e à atuação no campo, "pega carona" em sua construção. Sonho que emerge em momento intenso do trabalho "clínico" junto aos catadores, concomitante ao período de elaboração da dissertação. E como fala!

10/Set/2014 – “O PESQUISADOR TAMBÉM SONHA” –

Em uma espécie de centro cultural de país de primeiro mundo, na área de convivência (que também dá a impressão de tratar-se de um *shopping center*), avisto alguns senhores e senhoras conhecidos, arrojados, tanto em seus modos como no vestir. Após breve conversa, a cena se desloca. Estou sozinho em uma pequena sala a mim concedida. Um escritório. Observo o descuido com sua manutenção: por que este espaço não é melhor cuidado?, reflito. Encontro o envelope-saco que sei estar sob minha responsabilidade. Não há tempo suficiente para uma avaliação detalhada; mas, ainda assim, é possível fazer as primeiras observações. A reunião acontecerá em breve. De repente, pessoas do alto escalão de uma multinacional e um grupo de crianças compõem o espaço. É preciso que minha exposição seja feita em francês. Procuro, com meus reduzidos recursos no idioma, elementos suficientes para veicular a mensagem e ser convincente, de modo a obter a aprovação do trabalho. Começo apontando as condições da sala. Em seguida, mostro o envelope que tenho em mãos: amassado, rasgado nas laterais, marrom de poeira, pelo descaso. Primeiro, apresento o nome do remetente do espesso Relatório – Joel Kongo – e sigo para o destinatário – *Pour le Puissant Jury d'Examen* – À Poderosa Banca Examinadora. (À medida que escrevo, penso quão kafkiano este sonho chega a ser.) Na exposição, chamo a atenção da Banca para a ainda existente relação colonizador-colonizado, resultante do “imperialismo francês”, e menciono a semelhança entre os significantes *puissant*, *puissance* e *poussière*: poderoso, poder e pó/poeira, a fim de frisar a forte relação entre eles e o trabalho que reflete sobre o abandono em relação àquelas pessoas. A exposição deve ter atingido seu objetivo, pois, na sequência, várias crianças estão comigo em uma biblioteca mal iluminada, apertada. Prateleiras com livros e documentos até o teto. As condições do local são as mesmas: poeira e mais poeira. A tarefa lhes é transferida: a incumbência de reencontrar o envelope de Joel Kongo, “*cache*” (escondido), e desvendar seu conteúdo. Envolvimento conduzido em meio a recuos e aproximações: afastam-se para jogar futebol, retornam, alguns sempre permanecem. Enquanto isso, separo alguns cadernos, sem dar explicações, apenas os mais visíveis, a fim de estruturar uma aula a ser proferida à noite, na universidade. Há em mim a preocupação de desistirem da tarefa, embora não a demonstre. Mantenho-me em movimento, mexo em alguns livros, me comunico por meio de poucas palavras; mostro de que estou com eles. Na quarta cena, converso com um francês, supostamente um maestro ou mestre de cerimônia. Ele se afasta, para se preparar. Não sei ainda se lograram encontrar o material para a exposição que vão realizar. À procura do grupo, abro uma porta e, de relance, flagro, pela fresta, o mestre, que acaba de se vestir. Dentro do próprio sonho, uma instância crítica associa a cena vista no sonho aos atos exibicionistas de um dos catadores que, de fato, atendo, na vida em vigília; restos diurnos de sua construção, penso no sonho. Continuo a busca. Em um vestiário iluminado indiretamente pela luz do sol, constato que as crianças são, agora, adultos. Com sorrisos, informam ter encontrado o envelope – imprescindível – para a exposição na Academia. Seu conteúdo? Desperto, antes da apresentação do grupo. Artimanhas do inconsciente! Acordar para continuar sonhando... Sorrindo, olhos semicerrados, consciência ainda torpe, um pensamento me atravessa: transeunte das entrelinhas de mim. Obediente a esse tirano, resta levantar e descrever isto, que, por ironia, já nasce batizado.

Por meio de habilidoso ciframento, oriundo dos processos do inconsciente, meu nome aparece por meio da composição de outro, iludindo o sonhador. Daí o recorrente “nada a ver!”, incrédulo, de quando alguém relata um sonho. Neste, Joel (= João Elias), Jo-El. Sapeca, esse tal de inconsciente. Igualmente, por meio dos processos oníricos de deslocamento e condensação, meu sobrenome é explicitado na carta. Há diferentes grafias encontradas para o meu sobrenome: Cury/Khoury/Khoury. No sonho, há inclusive o cuidado de preservar o número de sílabas: duas (Cury/Kongo). Deslocamentos na homofonia são encontrados no processo de composição. O país africano é geralmente pronunciado de duas formas: /kongo/ ou /kongul/; o que nos leva, na combinação entre a primeira consoante e a última vogal, a chegar à sílaba /ku/, primeira sílaba do sobrenome. Mas, por que o significante Congo/Kongo?; como explicar esta relação?; perguntaria outra vez o incrédulo. Tais processos de disfarce agregam referência aos catadores afrodescendentes, que suplantam em número aqueles de pele branca; observação que não passou despercebida durante o trabalho. Por meio do artifício de dizer ocultando, condensando e deslocando, por modos sorrateiros e refinados, o destinatário do sonho é tornado patente: o próprio sonhador.

Aprofundando um pouco a análise, nesta viagem através de si, do emaranhado de vivências em andamento, aliadas ao que de traços permanecem no sujeito desde seu “sempre”, e se misturam, elementos vários emergem e tomam forma no sonho, a exemplo de uma experiência de escuta a crianças em um estabelecimento escolar (CURY JÚNIOR, 2015). Os prazos; poder e empoderamento; a predominância da tradição francesa nas fontes bibliográficas; o ambiente acadêmico em contraposição às condições precárias dos locais em que ocorria a interseção; a preocupação permanente quanto ao posicionamento do psicólogo no campo, como disparador de busca, em oposição ao como seria esperado um prestar conta à academia; o mestre que veste uma “pele” para fazer-se ser enquanto tal (indumentária de mestre de cerimônia), mas que é sabido vestir também a pele da nudez, ao ser visto vestindo-se; o que escapa aos livros; as transformações (efeitos de sujeito?) nos catadores (crianças-adultos) e no próprio pesquisador.

Por fim, a mensagem contida no envelope: verdade que jamais é conhecida em sua totalidade, sempre oculta (“*cachê*”) em seu esconde-esconde interminável. A psicanálise imiscuida no mundo das sobras de uma sociedade que tritura pessoas e coisas, por meio da metáfora *poeira*, enunciada no requinte da língua francesa. Luxo e lixo, lixo com luxo. A psicanálise, mais uma vez, independentemente do contexto, reafirma a riqueza do sujeito, que o MCP tenta, a todo custo, apagar. Tudo bem; ela que, desde seu início, procurou dar voz ao rejeito do social – as classes trabalhadoras –, de quem a estrutura essencialmente depende.

Psicanálise que, por sua vez, se constitui a partir dos restos – o recalque (VIEIRA, 2008a) –, de marcas de vivências primevas do sujeito, que vão determinar o “jeitão de ser” de cada um, suas escolhas, e eventuais rearranjos ao longo do existir. A aposta é no empoderamento para escolhas menos estreitamente vinculadas à pulsão de morte, talvez: “deve haver ilhas lá pro sul das coisas/ onde viver [sofrer] seja uma coisa mais suave”; apropriação modificada, mas plausível, de Fernando Pessoa.

Sonho que se conclui numa aporia. Verdade sempre não toda, como nos diz Lacan. Assim como Gilberto Gil, em “Copo vazio”: “é sempre bom lembrar/ que um copo vazio/ está cheio de ar/ Que a dor ocupa a metade da verdade/ A verdadeira natureza interior/ Uma metade cheia, uma metade vazia”. Reconvoco Clarice, para falar da “verdade” no envelope – de Jo-El, do grupo psicoterapêutico, deste trabalho – instante-já que de tão fugitivo não é mais. Como um elétron, some aqui, vibra ali, às vezes ao mesmo tempo. Brincalhão perambulante dentro e fora da gente. Dada a impossibilidade objetiva de abarcar tais questões, o consolo na arte: “Ah, é o amor barco tonto/ num vasto oceano/ de riso e de pranto/ de gozo e de dano/ e como é mundano/ não para no cais/ e quando quer paz/ é tarde demais”, como em “Velho piano”, de Paulo César Pinheiro. Amor/desejo/verdade/saber. Facetas do herói tirano que se disfarça na condição dos ciganos mutantes que nos habitam e, quando, exaustos, suplicamos para parar, uma resposta vem deste oceano: “Mais!.

APRECIACÕES DE ENCERRAMENTO, INCONCLUSAS

O objetivo desta dissertação foi mostrar a pertinência da psicanálise no cenário das políticas públicas, especificamente, na atuação junto às populações mais exploradas da sociedade, a exemplo dos catadores de recicláveis; campo em que ela não só dá mostras de pertinência como viabilidade – posto que o social, com suas contradições, tem relação estreita com os arranjos internos de constituição do sujeito diante de seu sofrimento. Dar tempo ao sujeito para que se desloque de uma posição por meio da qual se apresenta sob extremados gemidos, uivos e risos (que muito dizem de si) – produzidos inclusive coletivamente, ao longo de semanas, em alguns casos – e rume para a articulação de uma narrativa de vida, que envolve ponderar a respeito de suas escolhas e sobre a condição de explorado, tal travessia não nos parece ser algo banal. A psicanálise, em seu trânsito no social, vislumbra, nesta relação contínua (dentrofora), sobretudo, dois aspectos, sendo eles jamais estanques: a) expandir as possibilidades para o sujeito transformar sua relação com o Outro social ao falar de si, de seu sofrimento, gerado também pela malha de exploração na qual está inserido e b) fazer deste ato um campo fértil para os desafios teóricos que se atualizam constantemente, não apenas nela (a psicanálise), mas também nos demais saberes envolvidos no campo da subjetividade.

Isto transcende a dimensão clínica pautada por parâmetros tradicionais, restritivos, de amplo conhecimento público. Uma escuta mais sutil dos sujeitos, por um profissional dela avisado, apostamos, pode ser a diferença para o sucesso de ações a eles destinadas (algumas já existentes), que visam à consolidação da dignidade a que têm direito, mas que, primordialmente, precisa considerar a não padronização, bem como a geração de outras ações, *em discussão com eles*, pelo fato de a eles destinarem-se. Planejamento de algo para alguém, sem que este dele participe? Que visa a quê? A um reinserimento do sujeito em uma rede de exploração à qual faz objeção? Desafios que precisam levar em conta o caso singular.

Tal desafio nos leva a tocar em um aspecto importante: a posição contrária, de muitos especialistas, às práticas de psicanálise junto às populações pobres; controvérsia existente inclusive no meio lacaniano. Talvez, mais uma preocupação relativa a *como* conduzi-las do que a elas haver oposição efetiva. Entretanto, pensamos que, ao invés de tomar a estrada do ressentimento, por conta do dissenso, das conhecidas feridas narcísicas, os envolvidos com o alargamento da atuação da psicanálise no campo social poderiam valer-se de tais críticas como um estímulo à reflexão sobre as bases teóricas que sustentam sua intercessão. Afinal,

qualquer forma dogmática seria um desserviço à causa. Risco ao qual o campo de Freud-Lacan não estaria imune, caso deixássemos de refletir.

A nosso ver, para tal, nos baseamos na consideração de Freud:

[..] tarea de adecuar nuestra técnica a las nuevas condiciones [...] Pero, cualquiera que sea la forma futura de esta psicoterapia para el pueblo, y no importa qué elementos la constituyan finalmente, no cabe ninguna duda de que sus ingredientes más eficaces e importantes seguirán siendo los que ella tome del psicoanálisis riguroso, ajeno a todo partidismo (FREUD, 1994, p. 163).

Levada em conta a constante atenção/reflexão em torno aos conceitos fundamentais da psicanálise, isto é, sendo o profissional deles observador e comprometido com a promoção de efeitos de sujeito voltados à sua potencialização, sua atuação poderá se dar junto a um divã carmin ou embaixo de uma mangueira; esta experiência parece delinear sua possibilidade. Intercessão realizada até mesmo – sutilmente, sempre – nos mais variados espaços de produção social. Esclareçamos este ponto. Mesmo que não o diga, um profissional “esclarecido pela psicanálise” (FREUD, 1993, p. 192), inclusive pelo fato de conhecedor dos efeitos de sua ignorância douda e do que enuncia, promovendo bifurcação de sentido, acaba percebido pelos pares de modo diferente. Aspecto significativo, reconhecido o quanto de sofrimento é gerado no mundo do trabalho. Evidentemente, não se propõe terapeutizar ainda mais os espaços já saturados pelo biopoder. A sutileza da psicanálise está em atuar belas brechas – em favor do sujeito – ao colocá-lo no centro da construção e investigação da narrativa do seu sofrimento e do modo de apreensão do seu entorno; o que promove transformação.

O tempo, mais ou menos definido, para um percurso em psicanálise é um dos pontos da discórdia entre analistas que refletem sobre a questão. Não visamos ser levianos, pois o assunto requer séria reflexão. De fato, é preciso muito cuidado em como conduzir a questão de um possível prazo, sem que este seja experimentado pelos sujeitos como uma espada sobre a cabeça. Tampouco tal desafio deveria anular a possibilidade de elaborar novos arranjos, como dizia Freud, diante de novos tempos. Eis, portanto, o convite a muita reflexão. Algo que se faz caminhando pela prática, tal como o foi e tem sido desde os primórdios da psicanálise. Sendo ela uma prática, embasada numa técnica e ética, além de vislumbrar realizar uma investigação para construção de um conhecimento, avanço e reflexão andam juntos. Não estaríamos justamente no campo da práxis?

Por outro lado, também é reconhecido que um trabalho subjetivo ressoa para além do tempo em análise. Assim sendo, respeitadas suas bases, acreditamos poder ser encontrado um

terreno relativamente seguro para a viagem; embora em psicanálise nada seja efetivamente seguro, para ambos, analista e analisando, mesmo nos *settings* fixos em que é empreendida. No caso dos catadores atendidos, foi-lhes colocada a possibilidade de continuação do atendimento, mediante sua solicitação. Atitude que julgamos ser fundamental, visto o posicionamento do sujeito com relação ao seu sintoma, seus impasses; por fim, o ato de mobilizar-se para uma escolha ante a oferta de um trabalho subjetivo. Recorrendo a sutis mecanismos – encontros não planejados com alguém, uma mensagem por celular, perguntando como estão –, temos dado mostra de que a oferta está em aberto.

Outro aspecto a ser considerado é o fato do grupo chegar a uma dissolução inclusive antes do tempo convencionado, por diversos motivos; tópico a ser também objeto de reflexão daqueles envolvidos nesta modalidade de trabalho. Várias são as incidências a serem consideradas. Talvez observar como as formas de saída na clínica individual têm sido pensadas seja um campo fértil para ampliar a reflexão sobre estes processos no grupo; afinal, um pensamento leva a outro, que leva a outro... mesmo que por oposição. Sem dúvida, o aperfeiçoamento desta prática no campo social requer consideração constante. Mas isto não invalida os avanços conseguidos até aqui.

Tivéssemos realizado os atendimentos nos centros de saúde, ambulatórios de Saúde Mental, como idealizado no projeto, nosso olhar talvez tivesse sido outro, o trabalho resultante desta experiência teria outros contornos. Uma espécie de filtro teria atuado sobre a exposição do pesquisador às intensidades vividas pelo catador, alterando inclusive o modo de se reportar a esta experiência. Porém, trata-se de um coletivo cuja frequência a estes espaços é reduzida – quando não, difícil –, também devido à percepção dos agentes/atores/ que prestam serviços à comunidade; elemento impeditivo para outras formas de atuação que não aquelas baseadas na autoridade, vigilância, enquadramento.

É imprescindível levar em conta que não tomamos o grupo no sentido de uniformidade, algo monolítico, que o aproximaria da noção de massa, criticada por Freud em *Psicologia das massas e análise do eu* (FREUD, 1994). Daí resulta a não abordagem enquanto processos grupais abrangentes, generalizadores. Entretanto, foi possível observar mudanças/deslocamentos nos sujeitos, que, por vezes, atingiam partes do coletivo. Por exemplo, enunciados que, ao longo do processo, ressoavam para além do locutor, resultando em uma mudança de posição frente ao dispositivo; o que incidiu na diminuição gradativa dos gemidos, uivos, algazarra ou do volume da música ambiente, em favor de construções de narrativas. Ações/indicadores/atos que apontavam para supor um comprometimento maior do

sujeito com uma reflexão sobre sua história pessoal. Enfim, estar mais próximo dela via discurso. Sabemos o poder que o tecer discursivo tem sobre o sujeito.

No entanto, este tipo de efeito não se dá simultaneamente, nem isento de recuos e avanços. Referem-se a processos mais sutis que não condizem com o imediatismo e o espetáculo, em voga na sociedade de consumo. Exemplifiquemos: “a partir deste momento, de “x” intervenção, os membros do grupo se mobilizaram e afrontaram a coordenação e os colegas que faziam oposição aos atendimentos, etc.”, como seria o esperado em muitas terapêuticas do cânone positivista. Faltaria acrescentar – e foram felizes para sempre –, como nos filmes de Hollywood em que tratamentos psicológicos são apresentados? Trata-se de um empoderamento mais sutil, que abre espaço para efeitos coletivos, caso uma série de incidências outras os mobilizem enquanto tal, para transformação do seu entorno. No caso descrito, inspirado em duas situações reais, a de catadores de uma cooperativa impedidos de acessar a oferta e outro de continuar com o trabalho do grupo, dada a pressão da direção e/ou de colegas, ainda que desejasse, o sujeito (podendo ser mais de um) poderia ainda estar à mercê de forças que favorecem uma posição passiva: porta de entrada, diante de tantas fragilidades/precariedades, para manutenção do clientelismo, da tutela, da submissão. Mudanças favorecendo o oposto disto não são realizadas a fórceps.

Julgamos relevante apresentar o difícil diálogo entre os agentes dos serviços e os catadores, sobretudo no capítulo 3, por tratar-se de uma realidade que incide de modo angustiante sobre o profissional que pretende ou já trabalha junto a populações em condições precárias de existência. Por outro lado, a vivência no campo enquanto pesquisador proporcionou também um olhar sobre aquele que vai a campo, sobre os contrastes de condições e formas de vida com os quais ele tem contato, que desestabiliza o profissional e afeta a realização de um trabalho transformador. Aspecto que deveria ser levado em conta, para ampliar o horizonte de possibilidades de ações bem-sucedidas na Saúde Mental e na Assistência Social. Chega de decisões de gabinete blindado. Os possíveis efeitos naquele que vai a campo precisam, portanto, ser considerados.

Acrescentemos a estas observações outro aspecto: trabalhos já existentes, como o de Carla do Nascimento (2007), sobre apoio matricial, reforçam, a importância de estudo e supervisão nas equipes, como ponto de ancoragem. Fazer a palavra circular. Quando ela circula, uma vez os efeitos da transferência estão sempre atuantes, mesmo fora da dimensão clínica, muita coisa pode acontecer quando se consegue deslocar para uma transferência de trabalho. Dificilmente movimentos em bloco; importante lembrar. Tal como o cartel, o trabalho é conjuntamente conduzido, mas o modo de apropriação do trabalho produzido

nestas experiências de estudo e supervisão é individual, respeitando-se o tempo de causação, de quebra de barreiras, de cada um.

Tendo em mente futuros profissionais, os cursos de formação poderiam contribuir sobremaneira, ao promover um maior diálogo entre os diversos sistemas de saberes, uma vez que a verdade, como diz Lacan (2014), é não toda. Algo que, ao menos, pudesse ressoar no jovem estudante, como resíduo de sua formação: “Você, aí, que tal também considerar x , y , em justaposição aos modelos que lhe seduzem no momento?” Do mesmo modo, profissionais em exercício (psicólogos, assistentes sociais, fisioterapeutas, sócio-educadores, etc.) se beneficiariam, caso optassem por empreender um percurso que os levasse a repensar suas práticas, deslocando o sentimento de frustração, presente em muitos. Certamente, a apropriação é feita de modo pessoal, pois reconhecemos estar todos sob manifestações de leis do inconsciente – que concorrem para uma apreensão seletiva de tudo. Mas, por *seletivo* não significa afirmar que retemos na memória apenas o que é de mais significativo para cada um de nós. Se assim fosse, em relação à psicanálise, não seria encontrada tanta oposição ao longo dos quase 130 anos de sua existência. Os conceitos de recalque, denegação, etc., bem nos avisam quanto ao “ingênuo” posicionamento em favor de operações exclusivamente racionais. Um estudante de graduação também não está imune a tais mecanismos, que concorrem durante seu processo de formação. Que tal arriscar em mais esta abertura? Sendo a grade dos grupos de estágio restrita a poucos participantes, uma aproximação gradativa, extensiva aos graduandos por meio de textos, vídeos, rodas de conversa com membros da comunidade, sequências de visitas, etc., poderiam motivar a interlocução com atores e o contato com problemas sociais que podem passar “alheios” ao estudante, dado o mascaramento da realidade, “cegueira” social (como a da histeria) em que às vezes se encontram. Juntamente ao contato com a alteridade, a reflexão sobre os limites e possibilidades das teorias, frente à provocação. Discussão. O leque de possibilidades é amplo, para que o graduando se aproxime da dimensão política e questione os redutos tradicionalmente designados para a atuação profissional: o consultório para o psicólogo, a sala aparelhada para o fisioterapeuta, e assim por diante.

A ênfase no debate sobre as questões sociais e o confronto com os diferentes enfoques sobre como enfrentá-las precisam ser constantemente alimentados, dadas as formas de aprimoramento daquilo que vai na direção do assujeitamento, da exploração e da naturalização das formas de objetificação do outro. No Encontro da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) em Santos (2015), uma estudante de engenharia mecânica e logística, por meio de suas intervenções, como ouvinte, surpreendentemente deu mostras de

não estar formatada nos moldes de produção por nós aqui criticados, preocupada e informada que está sobre teorias e ações emancipatórias do sujeito. Ao ouvi-la, associando a ações análogas em andamento, a sensação de constatar algo que poderia ser considerado como manifestações de um outro paradigma emergente (SANTOS, 2000) contribuiu, na ocasião, para um sentimento de esperança.

Ancorar-se no desejo e poder contar com pares são o caminho para a superação de muitas deficiências – jamais plenamente satisfeitas. Aquilo que Freud afirmava sobre as difíceis, porém importantes, relações entre psicanálise e psiquiatria, sobre o “erro em separá-las” (FREUD, 1993, p. 178), dado “o vínculo entre o anímico [“atividades anímicas inconscientes”] com o corporal” (Idem, p.181, tradução nossa), não poderia ser pensado para a conjunção de áreas como Educação, Serviço Social, Saúde Mental, Direito, para nomear algumas? Felizmente já o é, ainda que por um reduzido número de profissionais. Uma vez que “en el hombre normal, como en el enfermo, existe una medida insospechada de perturbación afectiva y de encefalecimiento del intelecto (Idem, p.178)”, considerando-se que a vida anímica, põe o sujeito em contato com Outro social – formas pelas quais vivencia a si, constrói-se e transita pelo mundo, “constrói um novo lugar no coletivo” (VIEIRA, 2008, p. 31), esta é a aposta e a singularidade de nosso trabalho, que pretende estimular e reforçar uma reflexão que não se restringe a ações junto aos catadores de recicláveis. Afinal, a dimensão desejante do sujeito perpassa tudo aquilo com o que ele se relaciona: de como alguém (um catador, no caso) avista um caiaque sobre uma camionete – e isto o leva a associar, enunciar em paródia, uma música: “entrei *de caiaque* num navio/entrei pelo cano”, construindo, em seguida, uma narrativa pessoal sobre as circunstâncias e escolhas que o levaram a “*de gaito*, entrar pelo cano” (versão original) –, ao modo subjetivo com o qual uma criança, mediada por outros, se posiciona em relação a uma aula de matemática, por exemplo, que nela acionará, ou não, a possibilidade de escolher o caminho das engenharias e o investimento libidinal para seu percurso neste sentido.

Abordando o mesmo problema – o modo de escuta e o decorrente ato – porém em outro corpo, outra vestimenta: ainda chegam ao nosso conhecimento casos escabrosos envolvendo práticas em “lares abrigo” que parecem sair das histórias de Charles Dickens! E o pior, sob os olhos de profissionais com formação universitária, perpetradores ou testemunhas passivas de tais barbaridades. No último caso, sobretudo pela falta de consciência política, de mais estudo e contato com parceiros que lhes ajudem a perceber que o caminho é outro. Uma criança de nove anos, considerada “problema” em um destes lares, que sofre violência física por funcionários do estabelecimento, quando questionada por uma profissional recém-

chegada, melhor avisada acerca daquilo que abordamos, sobre o que gostaria de fazer, a fim de elaborarem, juntas, possíveis atividades, a garota lhe responde: “Queria uma professora, pra me ajudar nas dificuldades da escola.”. Ao ouvir tal relato, meu “coração” foi para um lugar que abriga pensamentos complexos, densos, contraditórios, do enternecimento à revolta; mas também de esperança; significante que aqui aparece pela segunda vez.

A escuta aos catadores, acrescida dos aportes teóricos mencionados, leva-nos a conjecturar sobre os possíveis benefícios para a efetivação de políticas públicas voltadas para as camadas mais pobres da população. Apropriando-nos de comentários resultantes da visão já avançada de Freud, à época, a saber, a respeito de “Una pedagogía *esclarecida* por el psicoanálisis” (FREUD, p. 192, grifo nosso) e sobre “o erro” devido à falta de diálogo entre medicina e psicanálise, ampliando esta reflexão para diversas áreas (psicologia, serviço social, ciências médias, direito, etc.), arriscamo-nos a afirmar que pode ser significativa a diferença entre um profissional estar ou não munido do referencial psicanalítico, para sua interação com o outro, nestas condições dramáticas de exclusão e sofrimento. Voltamos a lembrar que este referencial convoca a construção, por parte dos intercessores, de certo grau de familiaridade com outros referenciais teóricos, sobretudo aqueles que fazem uma leitura dialética do MCP. O diferencial entre sujeição e protagonismo, entre tutela e responsabilização, entre ofertas bem-sucedidas ou fracassadas pode residir em uma escuta mais sutil do sujeito, ancorada em uma leitura crítica do social.

Outro exemplo seria útil. Enquanto sou informado por um profissional sobre o fracasso de sua ação, por ter conseguido uma casa do programa federal para um casal que, em pouco tempo, colocou o imóvel à venda e retornou para a rua, a fim de consumir drogas, apresento-lhe, em contrapartida, por experiência própria, outra situação. Um casal de catadores não se adequa ao regime quartelar dos albergues. Descendentes das levas de pessoas que habitam nosso país há aproximadamente 500 anos e há 126 anos da “abolição da escravidão” no Brasil, da noite para o dia, “livres”, foram sentenciados a vagar pelas ruas, repetem seu histórico roteiro, na busca sucessiva de um “terreno abandonado”, como se a “abolição” tivesse acontecido ontem; herdeiros que são de um Estado que nada ou muito pouco tem feito pela sua qualificação profissional e cidadania em sentido pleno. (Quem é abandonado?, reflito, quando o casal traz o significante.) Apesar da precariedade, constroem seus barracos com grande esmero, sendo, após dois ou três meses, derrubados pelo governo municipal. “Ô, João, mandam a gente prum lugar [albergue] que à noite desliga a luz, tranca a porta e que um coma o outro vivo! Mandam a gente pra essa ‘Casa Pop’, ficar lá de dia; mas não tem nada. Não dão um curso pra gente ter um trabalho. [...] Que ajudasse a gente alugar

um lugar pra morar. Pelo menos por um tempo. Pra trabalhar, ninguém dá chance pra gente! Como já fui internada no Saúde Mental, me dão medicação, só. Pego no Posto ou vou na Assistência, pra ver isso pra mim.” Profissionais que, também vítimas de uma rede complexa de dificuldade, os (não) escutam, certamente. Por outro lado, é notória, nestes sujeitos, tanta pulsação. Prontos, por assim dizer, para rumar na direção de favorecimento de vida, de potencialização. Estaria isto sendo escutado?

Com quais referenciais os profissionais vão *ao encontro* do seu “público-alvo”, afinal? Relatos muitos, ao longo da pesquisa, revelam que, na realidade, vão *de encontro a* ele, por desconsiderar o anímico que nos move, calçados que estão no princípio da prevenção, apenas, cujo *modus operandi* desliza para a ortopedia. Em mentes não muito esclarecidas, segue-se para formas de punição e, finalmente, desistência, abandono. Diz o profissional: “Nada do que a gente propõe eles fazem. Vão contra a ciência.” Diz, por outro lado, o catador: “Só chega perto da gente pra dar dura. Diz que a gente é folgado.” Desconhecedores que são da noção aprendida com a psicanálise, segundo a qual parte dos adoecimentos, das resistências envolvendo o mundo do trabalho são, na realidade, objeções do sujeito do inconsciente ao giro voraz da moenda, de pessoas e coisas, inerente ao MCP. Sujeito retratado por Milton Nascimento e Fernando Brandt, na canção “Promessas do Sol” (1976): “Você me quer forte/ e eu não sou forte mais/ me levaram tudo que um homem precisa ter”. Um defender-se disto, portanto.

E do ponto de vista dos catadores? O que pensar, por exemplo, a respeito da sofisticação do enunciado de Luís, um trabalhador da área da reciclagem, totalmente em transferência? Enganados estão aqueles que afirmam categoricamente que a psicanálise não medra entre os pobres. Eis, resumidamente, a situação: observo seu esforço para suspender e transportar, sozinho, um *bag* bastante pesado.

[..] Neste momento, desvio meu olhar para o depósito e vejo Luís deslocar um fardo. Seu esforço é grande. Enquanto vem em minha direção, a uns 6 metros de distância, ofegante devido à tarefa, sorri e diz: “*A memória vai lá no fundo do poço. Tem que ir lá no fundo, na raiz, pra puxar pra cima um negócio desses.*”. Incrível o modo de fusão que se elabora nele, entre elementos subjetivos e o “concreto” com que lida, no ato de seu endereçamento a mim, penso na hora. Nosso ponto de encontro, a meia distância de ambos, é a balança de chão. (Outro grande emblema nesta cena.) Ao dela nos aproximarmos, Luís marca uma cifra em seu caderno. Assim que descansa a caneta sobre o papel, exclamo com suavidade: “Ah, Luís, hoje você está muito... [mantenho a suspensão] [...] Ademar se aproxima e presencia a cena. Então, digo: “É preciso que a gente converse mais.” Apenas isto, a simples alusão ao trabalho pela fala, e Luís e Ademar sorriem amplamente, concordes, movendo a cabeça. Luís comenta: “É. A gente não está mais trabalhando de sábado. A gente gosta que você vem aqui.”

Continua: “Na firma que eu trabalhava de borracheiro, sempre tinha um médico ou uma outra pessoa que ia lá conversar com a gente, dar palestra... Às vezes mandavam me chamar: ‘Fala pro Luís [vir] aqui; faz tempo que eu não falo com ele. Tinha vez que eu pensava: ‘Ih, agora eu não vou conseguir escapar.’” [repete-se] Ao mencionar este detalhe, julgo necessário expor o diferencial. A meia distância do seu ouvido; não nos olhamos, pois está ocupado com a pesagem do material, digo, com tom amigável, mas determinado: “Tudo bem, Luís; mas aqui a conversa só acontece *se você quiser*. Do contrário, nada feito.” Luís reitera que, de fato, “quer”, e acrescenta, olhando para Ademar: “*Conversar é bom. Ajuda quando o elástico velho quebra.*” [Repete] E prossegue: “*Tem elástico velho e elástico novo.* [Utiliza-se das mãos, como a lidar com bandas de elásticos, para maior clareza.] *A outra conversa é/vira o elástico novo pra ajudar amarrar as coisas.*” Alterna os verbos (*é/vira*) quando repete sua precisa e preciosa ideia. (No momento desta escrita do Caderno, a intenção era utilizar apenas o segundo adjetivo (preciosa), mas a ocorrência de um lapso, de algo sabido/não sabido por mim, o primeiro adjetivo (precisa) insinuou-se, antecipou-se. Fui falado. De fato, muito precisa, quando justaposta à ideia do nó borromeano. Respeito, portanto, e registro o que seria rejeitado como erro de digitação, pela lógica convencional.) De volta à cena, “dando-lhe corda”: “Movimenta as coisas?” Ele e Ademar, ainda com sorriso amplo, concordes, enquanto Luís continua: “*É. Ajuda pôr o motor novo pra funcionar.*”.

Ou, tomemos a fala de um catador, frequentador ocasional do grupo: “Eu preciso parar de beber, ou beber menos. Sei que a bebida está interferindo nos remédios que eu tomo. Tomo três. Não faz mais efeito.” A aposta, importante repetir, é na possibilidade de uma fala que o leve o sujeito a escutar-se e produza *interferências* em seu modo de sofrer, rumo a possibilidades outras de fazer-se. Início às vezes desajeitado, como a dor de Rafael, que berra do volume do rádio que faz as vezes de sua boca, ou o do homem emparedado em um silêncio que também fala, ou aquele que só consegue se mostrar, inicialmente, como animal. Todos, desde o início dizem algo de si, ainda que por meio dos traços iniciais (letras?) que se apresentam como uma primeira linguagem de acesso. Reveladores que são de algo já particular do sujeito (inconsciente) e que, aos poucos, em maior ou menor grau, com avanços e recuos, simultaneamente, porém no tempo de cada um, se aproximam da construção de discurso, que enseja algum contorno ao sofrimento; tão pele a pele que estão com o mundo. Aproximação que requer o *tempo do sujeito*, na contramão, portanto, de cronogramas tipo linha de montagem, que dirigem a vida social, com os quais psicólogos e outros colegas podem se ver comprometidos/reféns.

Outro ponto a ser considerado diz respeito ao fato de que a proximidade no tempo possivelmente impeça o pesquisador de vislumbrar aquilo que o *só-depois* do vivido proporciona enquanto visão mais ampla do processo, dada sua recente inserção em um campo denso, variado em intensidades. Provavelmente alguém, situado mais distante, consiga com

maior facilidade fazê-lo. É evidente que imprecisões e imperfeições são encontradas neste trabalho, do ponto de vista teórico como na atuação no âmbito da prática. Certamente, boa parte se deve às limitações deste pesquisador no campo da psicanálise e sua interface com tantas áreas – apesar do esforço em superá-las – durante sua realização. Tal esclarecimento não implica qualquer desincumbência da responsabilidade frente ao nosso trabalho. Trata-se de um risco que optamos por correr, na condição de um ousado apaixonado que “flerta” com a psicanálise. Que possamos seguir neste incerto, incômodo e estranhamente ansiado *noviciado da paixão*, termo que recupera a escritora Hilda Hilst (2001), outra alma inquieta que penetra e nos leva, como escafandrista, pela ambiência do desejo. E lá nos deixa, sem máscaras, para que, na urgência, elaborem as nossas.

Os relatos aqui apresentados esboçam o quão instigante estar no campo social pode vir a ser para a psicanálise. É necessário frisar que também foi prestado atendimento de escuta individual aos catadores. Alguns deles, dadas a preferência pessoal e circunstâncias envolvendo sua atividade, faziam, em determinadas ocasiões, atendimento individual e em grupo. Às vezes, ambas modalidades no mesmo dia; alguns deles, a exemplo de Paulo, Teresinha, Marcos, chegando a ser predominantemente atendidos individualmente. Um trabalho, portanto, que não pactua com a distinção: grupo para os pobres, atendimento individual para o rico. Um pequeno incentivo para que mais pesquisadores se disponham a aprimorar esta possibilidade de escuta segundo a perspectiva de uma clínica ampliada, prática já experimentada de diferentes modos por alguns profissionais, promotora de emancipação do sujeito. Nada mais oportuno, se levarmos em conta as tantas novas formas de aprisionamento e exploração do sujeito, sutis ou não, dentre as quais enumeramos o abuso medicamentoso e a serialização diagnóstica geradas pelo MCP; plataforma sólida de sustentação ofertada para nossas vidas, mas, de fato, sobre a qual “No one is safe” – Ninguém está seguro. Como a metáfora da cena final de um documentário: um catador, possuidor, no passado, de invejável emprego no palácio do capital, o World Trade Center, arrasta, hoje, seu carrinho de recicláveis (cabisbaixo, subjetividade congelada, desistente de articular narrativas sobre seu sofrimento) diante do tenebroso alerta que viaja no *outdoor* de mais um filme a ser consumido (ALPERT, 2013). Concretização do vaticínio.

Juntamente com comer, morar, trabalhar, etc., o pobre, o catador sente, pensa, simboliza, constrói, relaciona-se, supera-se. Por meio deste imperfeito – mas fascinante – instrumento que nos tece enquanto tecemos o que vem a ser nosso mundo: a linguagem. Ainda melhor, quando nos abrimos para uma fala que transcende a pretensão de restringir-se ao falso propósito meramente referencial da comunicação, quando nos empreendemos a ir

além do seu uso instrumental por excelência, cujo alvo é submeter o mundo, o outro, fazê-lo curvar-se. Freud parecia saber muito bem o caráter subversivo da psicanálise; os efeitos de uma inserção na fala livre que emancipa o sujeito. Luxo? A nosso ver, nada mais consoante com o princípio de cidadania plena. Plena, mas não totalizante (que disto se lembrem todos os envolvidos com políticas sociais), por levar em conta um sujeito sempre cindido, inacabado, que tece a si ao transitar pelo mundo.

Imperativo da objetividade em um trabalho acadêmico. Mm. Para este tipo de experiência, sob os princípios teóricos e éticos escolhidos? Trabalho também marcado por um pesquisador subjetivado por uma variedade de vivências: da observação da catira dos mais velhos, com suas violas, às aulas de piano; das brincadeiras de “bater-bafo” com figurinhas de jogadores, à reclusão acompanhada pelas emoções de Tom Sawyer e David Copperfield, também amigos; do jatobá degustado das árvores cujas raízes brotavam dos túmulos de gente conhecida, às sessões de cinema, cheirando a banho fresco; das leituras precoces de Fernando Pessoa, à escuta atenta aos versos repentistas do Seu Oscar, caboclo sábio que morava no quintal de casa; da popularização da ciência, que me levava a subir na mureta, para melhor avistar a espaçonave pousada na lua, às missas e benzeduras africanas sobre minha cabeça; do trabalho infantil, às aulas de francês; do estudo coletivo realizado junto a colegas sentados sobre engradados forrados com jornal no quintal de casa, à frequência aos bancos das universidades por onde passei; do primeiro encontro com a psicanálise por meio da música “O divã”, de Roberto Carlos (1972), a esta viagem que não acaba: da dor que congela ao fazer algo a partir dela. Melhor um trabalho sem isto? No caso deste intercessor-pesquisador, não. Sou também isto.

Recuperando Paulo Freire (1992) nesta reflexão de encerramento, um estar molhado por todas nossas vivências, pelas tramas de nossa história, de marcas culturais, sentimentos, dúvidas e o modo como cada um se apropria do conhecimento, do mundo. Conjunto de intensidades que sensibilizam para a percepção: do modo como uma jovem desloca, de sua nuca, o cabelo, para refrescar-se ao falar de si, assim como a fineza do gesto com que a catadora estanca uma lágrima com o dedo sujo de trabalho explorado. Modos de sentir-ler a vida, que, talvez, sirvam para uma escuta psicanalítica ao percurso de outros também humanos, na aposta de que façam uma outra coisa com o seu ser-sofrer. Dei meu coração, minha pele, minhas fossas nasais, minhas vísceras, para realizar isto – e me sinto acrescido. acrescido? Estranheza paradoxal talvez apreciada apenas pela psicanálise. Ponto final, por favor, para que a cachoeira de pensares prossiga...

E daí? - Milton Nascimento

Tenho nos olhos quimeras
Com brilho de trinta velas
Do sexo pulam sementes
Explodindo locomotivas

Tenho os intestinos roucos
Num rosário de lombrigas
Os meus músculos são poucos
Pra essa rede de intrigas

Meus gritos afro-latidos
Implodem, rasgam, esganam
E nos meus dedos dormidos
A lua das unhas ganem

E daí?

Meu sangue de mangue sujo
Sobe a custo, a contragosto
E tudo aquilo que fujo
Tirou prêmio, aval e posto

Entre hinos e chicanas
Entre dentes, entre dedos
No meio destas bananas
Os meus ódios e os meus medos

E daí?

Iguarias na baixela
Vinhos finos nesse odre
E nessa dor que me pela
Só meu ódio não é podre

Tenho séculos de espera
Nas contas das minhas costelas
Tenho nos olhos quimeras
Com brilho de trinta velas

E daí?

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, S. O discurso do capitalista e o mal-estar na cultura. 2000. Disponível em: <http://www.berggasse19.psc.br/site/wp-content/uploads/2012/07/19133239-Sonia-Alberti-O-Discurso-Do-Capitalist-A-e-o-Mal-Estar-Na-Cultura-1.pdf>
- ALMEIDA, R. S. Existência e Arte. In: **Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei**, Número IV, 2008.
- ALPERT, J.; O'NEIL, M. **Redemption**. [Filme] Produção e direção de Jon Alpert e Matthew O'Neil. E.U.A. HBO, 2013.
- AMARANTE, P. Sobre duas proposições relacionadas à clínica e à reforma psiquiátrica. In: QUINET, A. (Org.) **Psicanálise e Psiquiatria – controvérsias e convergências**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- BARATTO, G.; AGUIAR, F. A 'psicologia do ego' e a psicanálise freudiana: das diferenças fundamentais. In: **Rev. Filos.**, v. 19, n. 25, p. 307-331, jul./dez. 2007.
- BAREMBLITT, G. F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- BENELLI, S. J. Políticas públicas, instituições e práticas clínicas no campo da Assistência Social. In: DIONÍSIO, G. H.; BENELLI, S. J. (Orgs). **Políticas públicas e clínica crítica**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2012a.
- BENELLI, S. J. Por uma psicologia não disciplinar e um psicólogo não normalizador. Palestra, 2012b, Mimeo.
- _____. Por uma psicologia não disciplinar e um psicólogo não normalizador. Palestra, 2012c, Mimeo.
- _____. As éticas nas práticas de atenção psicológica na Assistência Social. **Estudos de Psicologia**, Puc-Campinas, vol. 31, n.2, p.269-287, 2014.
- _____. A subcidadania e o Sofrimento Psíquico. Conferência de abertura no 3º Seminário Estadual sobre Psicologia e Assistência Social em São Paulo "10 anos do Sistema Único de Assistência Social: Contribuições e desafios da Psicologia para o enfrentamento da desigualdade social". Universidade Paulista, UNIP, São Paulo, 2015a, Mimeo.
- _____. O campo socioassistencial e as figuras diversas do trabalhador social. Unesp, Assis, 2015b, Mimeo.
- _____. O psicólogo na Assistência Social: uma revisão problematizadora da literatura acadêmica. Unesp, Assis, 2015c, Mimeo.
- _____.; COSTA-ROSA, A. Para uma crítica da razão socioeducativa em entidades assistenciais. **Estudos de Psicologia**. Campinas, 2011.

_____.; COSTA-ROSA, A. Paradigmas diversos no campo da assistência social e seus estabelecimentos assistenciais típicos . **Psicologia USP**, Brasil, v. 23, n. 4, p. 609-660, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/53521/57489>

BIRMAN: O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social. In: **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 15 (Suplemento): 203-224, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Saúde mental e economia solidária: inclusão social pelo trabalho**. Brasília, DF, 2005.

_____. **Saúde mental e Atenção Básica: o vínculo e o diálogo necessários**. Coord. de Saúde Mental e Coord. de Gestão da Atenção Básica, s. d. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/1734.pdf>

_____. **Saúde Mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial**. Secretaria da Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília, 2004.

_____. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 12.305**, de 3 de Agosto de 2010a. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Relatório da Conferência Temática de Cooperativismo Social**. Brasília, DF, 2010b. Disponível em: <http://saudeecosol.files.wordpress.com/2010/06/relatorio-conf-tematica-de-cooperativismo-social.pdf> Acesso em: 4 mar. 2012.

_____. **Lei Orgânica da Assistência Social**. Lei nº 12.435/11. Brasília: MDS, 2011. Recuperado em julho 30, 2011, disponível em <http://www.mds.gov.br/cnas/legislacao/leis>

_____. **Norma Operacional Básica da Assistência Social** - NOB/SUAS, 2012. CNAS, Resolução nº 33, de 12 de dezembro de 2012. Brasília: MDS, 2012.

CAMARDELO, A. M. P. A psicanálise e o campo social. (s/d). Disponível em: <http://www.riototal.com.br/coojornal/academicos046.htm>

CAMPOS, R. H. F; GUARESCHI, P. A. (orgs.). **Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva latino-americana**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CARLOS, R; CARLOS, E. “O divã”. Roberto Carlos, Columbia Records, 1972.

CARVALHO, A. M. R. **Cooperativa de catadores de materiais recicláveis de Assis - COOCASSIS: espaço de trabalho e de sociabilidade e seus desdobramentos na consciência**. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-31082010-113031/>

CARVALHO, A. M. R; LADEIA, C. R. Trabalho associado: sentidos, vínculos e compromissos. In: **ANAIS IV ENCONTRO INTERNACIONAL “A ECONOMIA DOS**

TRABALHADORES”. 2013. Disponível em:
<https://docs.google.com/file/d/0BwkyqlfgCVB0aXhRMmFrWFhOa3c/edit?pli=1>

CARVALHO, R. L. Digaí-Maré. In: **Territórios Lacanianos #005**. Escola Brasileira de Psicanálise. 2013. Disponível em:
<http://www.diretorianarede.com.br/territorios/territorios005.asp>

CECCHETTI, R.; GROVA, T. Extimidade: do cartel ao Digaí-Maré. In: VIEIRA, M. A.; HOLCK, A. L., (Editores) e MACHADO, O.; GROVA, T. (Org.). **Psicanálise na Favela – Projeto Digaí-Maré: a clínica dos grupos**. Rio de Janeiro: Associação Digaí-Maré, 2008.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

COELHO, C. M. S. Psicanálise e laço social: uma leitura do Seminário 17. **Mental**, Barbacena, v. 4, n. 6, jun. 2006. Disponível em
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000100009&lng=pt&nrm=iso

CONSELHO FEDERAL de PSICOLOGIA. **Democracia e subjetividade: a produção social dos sujeitos democráticos**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2010.

COSTA-ROSA, A. **Atenção Psicossocial além da Reforma Psiquiátrica: contribuições a uma Clínica Crítica dos processos de subjetivação na Saúde Coletiva**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

_____. O Modo Psicossocial: Um Paradigma das Práticas Substitutivas ao Modo Asilar. In: AMARANTE, P. (org.) **Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

_____. Contribuição a uma clínica dos processos de subjetivação na saúde coletiva. In: DIONÍSIO, G. H.; BENELLI, S. J. (orgs). **Políticas públicas e clínica crítica**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

_____.; PASTORI, F. O grupo psicoterapêutico além do Imaginário: a psicanálise de Lacan, laços sociais e revoluções de discurso. **Revista de Psicologia da Unesp**, 10, (1), p. 1-23, 2011. Disponível em
<http://www.assis.unesp.br/perfilvertentes/index.php/revista/issue/view/15>

CURY JÚNIOR, J. E. Cooperativa de recicladores – para além da sobrevivência. Relatório de conclusão do Estágio Supervisionado em Psicologia do Trabalho. UNESP, Assis, 2007, Mimeo.

CURY JÚNIOR, J. E. Entre trilhas de saúvas, a emergência do sujeito: O grupo psicoterapêutico no contexto escolar. **Revista Diálogo**, n. 28. UnilaSalle, 2015. Disponível em: <http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Diálogo/article/view/2115/1328>

DANTO, E. A. **Freud's free clinics: psychoanalysis and social justice, 1918-1938**. New York: Columbia University Press, 2005.

DI CIACCIA, A. A prática entre vários. In: LIMA, M.; ALTOÉ, S. **Psicanálise, clínica e instituição**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2005.

FEITOSA, L. B. **Sentidos atribuídos às políticas públicas de inclusão dos catadores pelos atores envolvidos nas discussões dos resíduos sólidos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, CE, 2011.

FERNÁNDEZ, M. R. **A prática da psicanálise lacaniana em centros de saúde: psicanálise e saúde pública**. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Escola nacional de saúde pública fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001.

FIGUEIREDO A. C. **Vastas confusões e atendimentos imperfeitos: a clínica psicanalítica no ambulatório público**. 2a ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

FONSECA, V. W. S. As indicações freudianas para a formação dos analistas e a clínica com a população de baixa renda, 2010a. **Revista aSEPHallus**, Rio de Janeiro, vol. VI, n. 11, nov. 2010 / abr. 2011. Disponível em www.nucleosephora.com/asephallus

_____. A psicanálise tem os meios para tratar os pobres? **Estudos de Psicanálise**, Aracaju, n. 34, p. 133-142, dezembro, 2010b.

FORRESTER, V. **O horror econômico**. São Paulo: UNESP, 1997.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. O poder e a norma. (C. S. Katz; P. V. Vidal, Trans.). In: KATZ, C. S. (Org.). **Psicanálise, poder e desejo**. Rio de Janeiro: Ibrapsi, 1979. p. 46-54.

_____. As malhas do poder. **Barbárie**, 4-5, 23-42, 1981.

_____. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Florence-Universitária, 1980.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2007.

FREUD, S. Señorita Ana O. (Breuer). In: **Sigmund Freud. Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v. 2, 1994.

_____. La interpretación de los sueños. In: **Sigmund Freud. Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v. 4, 1994.

_____. El interés por el psicoanálisis. In: **Sigmund Freud. Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v. 13, 1994.

_____. Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica. In: **Sigmund Freud. Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v. 17, 1994.

_____. Deve ensinar-se o psicanálise na universidade? In: **Sigmund Freud. Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v. 17, 1994.

_____. Psicologia de las masas y análisis del yo. In: **Sigmund Freud. Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.18, 1994.

_____. El malestar en la cultura. In: **Sigmund Freud. Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.21, 1994.

FUECHTNER, V. **Berlin Psychoanalytic: Psychoanalysis and Culture in Weimar Republic Germany and Beyond**. Los Angeles: University of California Press, 2011.

GIL, G. “Eu preciso aprender a só ser”. Gravadora Philips. 1973.

_____. “Copo vazio”. Gravadora Philips. 1973.

GONÇALVES, R. C. M. **A voz dos catadores de lixo em sua luta pela sobrevivência**. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 2005.

HARTMANN, H. La psicología del Yo y el problema de la adaptación. In: BARATTO, G.; AGUIAR F. A ‘psicologia do ego’ e a psicanálise freudiana: das diferenças fundamentais. In: **Rev. Filos.**, v. 19, n. 25, p. 307-331, jul./dez. 2007.

HARVEY, D. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

_____. INTERVIEW on TV Brasil’s Espaço Público, Brasília, Brazil, 2014. Disponível em: <http://davidharvey.org/>

HEIDEGGER, M. Serenidad. In: **Revista Colombiana de Psicología**. Nº 3, 1994. Disponível em: <http://www.bdigital.unal.edu.co/19765/1/15808-48617-1-PB.pdf>

_____. Ser e Tempo. In: INWOOD, M. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HILST, H. **Júbilo, memória, noviciado da paixão**. São Paulo: Globo, 2001.

HOLCK, A. L. L.; VIEIRA, M. A. Apresentação. In: VIEIRA, M. A.; HOLCK, A. L., (Editores) e MACHADO, O.; GROVA, T. (Org.). **Psicanálise na Favela – Projeto Digai-Maré: a clínica dos grupos**. Rio de Janeiro: Associação Digai-Maré, 2008.

HUNING, M. S.; GUARESCHI, N. M. F. (Orgs.). **Foucault e a psicologia**. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005.

INWOOD, M. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Situação social das catadoras e catadores de material reciclável e reutilizável no Brasil**. 2013. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/situacao_social/131219_relatorio_situacao_social_mat_reciclavel_brasil.pdf

_____. **Caderno de diagnóstico. Catadores.** 2011. http://www.cnrh.gov.br/projetos/pnrs/documentos/cadernos/04_CADDIAG_Catadores.pdf

LACAN, J. **O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. Subversão do sujeito e dialética do desejo o inconsciente freudiano. In: _____. **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. **O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **O Seminário, Livro 7: A ética da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. **O Seminário, Livro 23: O sinthoma.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. O estágio do espelho como formador da função do eu. In: _____. **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012a.

_____. O tempo lógico e a acessão da certeza antecipada. In: _____. **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012b.

_____. A instância da letra no inconsciente. In: _____. **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012c.

_____. Televisão. In: _____. **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. **O Seminário, Livro 18: De um discurso que não fosse semblante.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LANE, S. T. M. **O que é Psicologia Social.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____.; ARAÚJO, Y. (Orgs). **Arqueologia das emoções.** Petrópolis: Vozes, 2000.

_____.; CODO, W. (Orgs). **Psicologia Social: o homem em movimento.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

LAURENT, E. El analista ciudadano. **Notas Freudianas**, n. 2, Asturias, 1996.

LISPECTOR, C. **Um sopro de vida.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LOURAU, R. **A Análise Institucional.** Petrópolis: Vozes, 1996.

MACHADO, O. M. R.; GROVA, T. Introdução. In: VIEIRA, M. A.; HOLCK, A. L., (Editores) e MACHADO, O.; GROVA, T. (Org.). **Psicanálise na Favela – Projeto Digai-Maré: a clínica dos grupos.** Rio de Janeiro: Associação Digai-Maré, 2008.

MENDES, E. V. Um novo paradigma sanitário: a produção social da Saúde. In: _____. **Uma agenda para a saúde.** São Paulo: Hucitec, 1999.

NASCIMENTO, E. C. **Errância no contemporâneo: um estudo sobre a percepção de dirigentes e profissionais de instituições assistenciais em relação a andarilhos de estrada.** Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2012.

NASCIMENTO, M. “Promessas do sol.”. EMI-ODEON, 1976

NASCIMENTO, C. C. **Apoio matricial em Saúde Mental: possibilidades e limites no contexto da reforma psiquiátrica.** Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

PASTORE, J. A. D.; SOARES, S. S. G. (Orgs.) **O psicanalista na comunidade.** São Paulo: SBP/SP, 2012.

PÉRICO, W. **Contribuições da psicanálise de Freud e Lacan a uma Psicoterapia outra: a clínica do sujeito na saúde coletiva.** Dissertação (mestrado), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2014.

PIKETTY, T. **O capital no século XXI.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

PINHEIRO, P. C. “Velho Piano”, interpretada por Nana Caymmi, EMI-ODEON, 1983.

PRATTA, N. **O grupo psicoterapêutico na abordagem lacaniana: um estudo da interpretação a partir da análise de uma prática.** Dissertação de Mestrado não publicada, FCL/Unesp, Assis, 2010.

_____.; COSTA-ROSA, A. O grupo psicoterapêutico e a interpretação na abordagem lacaniana: reflexão e redefinição de possibilidades e modos de atendimento na Saúde Coletiva. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, vol.14, n.4, pp. 672-689, 2011.

QUINET, A.; PEIXOTO, M. A.; VIANA, N.; LIMA, R. (Orgs). **Psicanálise, capitalismo e cotidiano.** Goiás: Germinal, 2002.

REIS, A.; MORAES, L. A. Grupo, interpretação e transferência. In: VIEIRA, M. A.; HOLCK, A. L., (Editores) e MACHADO, O.; GROVA, T. (Org.). **Psicanálise na Favela – Projeto Digai-Maré: a clínica dos grupos.** Rio de Janeiro: Associação Digai-Maré, 2008.

REVISTA ÉPOCA. O caminho do lixo. Os números da reciclagem no Brasil. Boletim atualizado em 12/08/2013 15h13 Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/o-caminho-do-lixo/noticia/2012/01/os-numeros-da-reciclagem-no-brasil.html>

RINALDI, D. Entre o sujeito e o cidadão: psicanálise ou psicoterapia no campo da saúde mental? In: ALBERTI, S.; FIGUEIREDO, A. C. **Psicanálise e Saúde Mental: uma aposta.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006. p. 141-147.

ROGONE, H. M. H. **Psicanálise e cidadania: correndo riscos e tecendo laços.** Tese de doutorado não-publicada, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente:** contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, v. 1, 2000.

SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão:** análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SCRUTON, R. **Uma breve história da filosofia moderna:** de Descartes a Wittgenstein. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

SHIMOGUIRI, A.; PÉRICO, W. O Centro de Atenção Psicossocial como dispositivo social de produção de subjetividade. **Revista de Psicologia da UNESP**, América do Norte, 1322 09 2014. Disponível em: <http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/view/300/329>

SINGER, P. **Globalização e desemprego:** diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 1998.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária.** São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

SINGER, P. Em defesa dos direitos dos trabalhadores. In: MELLO, S. L. (Org.) **Economia solidária e autogestão:** encontros internacionais. São Paulo: NESOL-USP, ITPC-USP, PW, 2005.

STERBA, R. **Reminiscences of a Viennese psychoanalyst.** Detroit: Wayne State University Press, 1982.

VERAS, M. Boletim IPLA. A angústia dos clínicos. In: **O mundo visto pela psicanálise**, nº 97. Instituto de Psicanálise Lacaniana. 2014. Disponível em: http://www.ipla.com.br/editorias/acontece/angustia-dos-clinicos.html?utm_source=akna&utm_medium=email&utm_campaign=O+Mundo++Visto+pela+Psicanálise.+Nº+97

VIEIRA, M. A. O sintoma no coletivo. In: VIEIRA, M. A.; HOLCK, A. L., (Editores) e MACHADO, O.; GROVA, T. (Org.). **Psicanálise na Favela – Projeto Digaí-Maré:** a clínica dos grupos. Rio de Janeiro: Associação Digaí-Maré, 2008.

VIEIRA, M. A.; HOLCK, A. L., (Editores) e MACHADO, O.; GROVA, T. (Org.). **Psicanálise na Favela – Projeto Digaí-Maré:** a clínica dos grupos. Rio de Janeiro: Associação Digaí-Maré, 2008.

VIEIRA, M. A. **Restos:** uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008a.

VIGANÒ, C. A clínica psicanalítica nas instituições: a construção do caso clínico em saúde mental. **Curinga**, n. 13. Escola Brasileira de Psicanálise, Belo Horizonte, 1999.

ANEXO

CADERNO DE CAMPO – Atendimentos em um depósito de material reciclável

13/Dez/2013 – Depósito de Reciclagem – O barracão ao qual me dirijo para fazer uma oferta de trabalho fica a cerca de 3.5 km do centro da cidade, em uma área urbanizada. Localiza-se a uns 100 metros de uma movimentada rodovia, que, devido ao crescimento da cidade, a divide ao meio. A ideia de “cidade alta e cidade baixa” poderia aqui ter aplicação. O bairro onde está localizado o barracão é popularmente caracterizado como um bairro de “maloqueiros, ladrões” e outros adjetivos associados à pobreza; embora, com o crescimento, tenha se modificado em termos de lojas e serviços, muitos deles de significativa relevância para a cidade. O estigma, entretanto, persiste. A região situa-se em uma topografia predominantemente de baixada, por aproximar-se das margens de um rio. No ponto em que se encontra o barracão, há um acentuado declive, superior a 45 graus, em relação à rodovia que separa o bairro da parte “alta” da cidade. Neste bairro estão também localizadas as estações de captação de água e de tratamento de esgoto. Ao chegar, carregam um caminhão com material prensado e outros itens: tanquinhos, carcaça de máquina de lavar e madeira de demolição. Alessandro, a quem devo me reportar, está travando as abas da carroceria. Ao me apresentar, percebo que não está a par da minha visita, pelo menos demonstra surpresa. Quando me apresento e relato sobre o projeto, comenta: “Acho que até eu [me beneficiaria] com essa terapia. Me diz uma coisa: por que é que a gente é tão agitado, estressado, ansioso?”. Significante que aparecerá outras vezes. Pergunto se poderia explicar um pouco mais a respeito. Diz que sempre foi muito agitado, que não consegue dormir muito à noite: “Acordo e fico pensando nos compromissos daqui...”. Em uma sequência de ideias que se repetem, sobre sua “preocupação”, na terceira tentativa de discorrer a respeito, diz: “pensando nos problemas e outras coisas”. Ouço isto e comento: “Essas outras coisas”, procurando reproduzir um pouco da inflexão de voz por ele imprimida, e completo: “falar sobre elas.”. Desvia o olhar, emite breves comentários sobre algumas pessoas que se movimentam ao redor, aparentemente indiferentes, mas que percebo estarem atentas. Seu pai, um irmão (“Tenho mais outros [4?] irmãos.”, diz depois.) e alguns catadores circulam, se aproximam e voltam a movimentar-se pelo local. “Por pouco que você não me encontra aqui.” Dá mostras de não saber sobre minha vinda, de não ter conversado com a assistente social no dia anterior. E começa a falar sobre sua vida: a morte da mãe quando tinha 10 anos, a vida difícil da família nos anos subsequentes: “Depois, meu pai ficou comigo depois que eu me casei. Agora, ele arrumou uma pessoa pra cuidar dele.” Algo neste enunciado se me destaca. Durante toda a conversa, a menção da esposa surgirá apenas 1 vez, quando ela “cuida” dele: “ficou massageando a minha cabeça devagarinho, assim, ó”; e seus 3 filhos (tem 32 anos) são mencionados, apenas mediante uma pergunta minha. Por mais de uma vez, diz: “Chego meio que ser um psicólogo desse pessoal”, alusão aos catadores que frequentam o local. Ao longo da conversa, no que se refere à “agitação”, dele e de outros, surge o significante Adrenalina, além de outros que me levam a associar livremente à abundância de programas Globo Repórter e similares, com viés psicologizante, sobredeterminando, também, os processos de subjetivação. Com menos de 10 minutos, a mim, um estranho, passa a dirigir suas críticas à presidente da Associação da cidade: “Eu conheço [...] faz mais de 15 anos. Eu também catei material. Minha mãe morreu quando eu tinha menos de 10 anos e meu pai ficou comigo e meus irmãos.” [...] “[...] roubou minha ideia. [...] Não sei se por ser mulher eles deram [cobertura, apoio] pra ela. [...] pegou e foi na frente.”. Seu ressentimento é grande. Comenta sobre as “irregularidades” que há com a cooperativa local: “A Prefeitura dá pra eles R\$65 mil.”. Eu: “Por ano?”. Ele: “Por mês! É pra passar para os catadores e pagar algumas despesas. Dão perua, ônibus, caminhão novinho. A água e a luz a cooperativa paga.”. Faz menção e frisa que as taxas são, para eles, com valor menor. “Agora eu pergunto”, continua,

“e o material que eles comercializam: cadê o dinheiro?! Cada catador deles continua recebendo R\$800, por mês, com o dinheiro da Prefeitura. O dinheiro do material, mesmo, vai pra mão de alguns vereadores [etc.] que apóiam eles, para o presidente e alguém dali de dentro que está com ele. Tanto é que ele tem casa na Vila [nome], a que ele mora, no Jardim [nome] – mas essa é de fachada, só – e está construindo uma em [bairro nobre da cidade]. Cada quarto com banheiro. São uns 12 cômodos, parece.”. Não poupa comentários: “Ele não quer gente muito esclarecida perto, pra não ver as coisas que ele faz por lá.”. Referência direcionada a mim quando pergunta se o atendimento foi oferecido aos catadores de lá e obtém a discreta negativa como resposta. “Ele também não quer que o pessoal comece a reclamar.” Falas que vão no sentido de terem voz, fazerem-se ouvidos; impressões essas que remetem às minhas próprias, durante a difícil tentativa de aproximação da cooperativa. “E ele [tem a pretensão] de falar em nome de todos os catadores da cidade! Ele tem no máximo uns 45 catadores. [Dizem na mídia que tem 80.] E aquilo lá não é uma cooperativa; aquilo é uma empresa.”. Este conteúdo se repete algumas vezes. Comenta haver na cidade vários “depósitos de reciclagem”; expressão que interrogo, a título de maior precisão, sobre ser esta a que definiria seu local de trabalho. A fim de averiguar a probabilidade de haver ali catadores para formarmos um grupo de atendimento, pergunto-lhe, mais de uma vez, sobre quantos deles frequentam seu depósito. As respostas são evasivas. Após quase duas horas – e uma brincadeira de minha parte (“Juro que não sou fiscal. Na próxima vez vou trazer minha carteirinha de psicólogo.”), ele vagamente me leva a supor que são entre 30 e 40 frequentadores. Diz: “Você viu que hoje, apesar de feriado, o quanto de gente veio aqui só nesse tempo que você está aqui?”. De fato, pelo menos 12 pessoas em 2 horas... Narra também sobre a dificuldade de manter o local funcionando. A polícia, fiscais, etc. vêm e baixam suas portas. Fica nítida a tentativa de extorsão, que só me é confirmada com um longo sorriso e olhar de assentimento quando dou “nome aos bois”. Segue: “Mas eu falo pra eles: ‘O único jeito de vocês me pararem é me prendendo ou mandando uma bala no meio do meu peito.’”. Fala que é repetida algumas vezes. No discurso, uma mistura de caridade e paternalismo, encobrindo a ética da extração de mais-valia daqueles ainda mais frágeis, que estão na ponta da corda da pobreza: “A gente paga bem mais que os outros por quilo de material... e pesamos direito.” [...] “Eu já recebi proposta de muito trabalho; mas, como é que eu vou largar eles [desprotegidos]?!”; “A Prefeitura devia ajudar eles com pelo menos 1 cesta básica; nem precisava ser daquelas mais caras; mas já ajudava eles. Eles andam muito.”; “Já pensou o que é carregar um carrinho deste no sol, chuva, subida, em beira de estrada – e ainda sem comer?”; “Eles podiam deixar aqui as cestas que eu mesmo distribui[ria] pra eles...”; “Tá vendo aquele senhor na prensa? Ele dormia aqui na calçada fazia uns 2 meses. Fui dando trabalho pra ele. Um dia, medi o nível de açúcar dele e ele quase não tinha! Falou que fazia 2 dias que não comia. Agora, a gente alugou um quarto com banheiro pra ele, e tem a marmitex todos os dias.”; “Nunca consegui nada com ninguém daqui [ref. ao poder público]. A ajuda que tinha foi com uma pessoa [ênfático várias vezes] de Marília: os equipamentos, o caminhão, dinheiro pra começar.”. Estas citações permitem ilustrar o complexo de relações de forças que compõem o contexto de abandono, exploração, ajuda, humilhação, descaso da sociedade como um todo e do poder público – em sua função de zelar pelos mais frágeis –, como promotor de identificação e ressignificação de si (“Eu também passei fome, fui catador.”). Luís, irmão de Alessandro, interrompe a fala do irmão e dirige-se a mim: “Tá vendo aquele ali, trabalhando na prensa? Ele faz show.”. Eu: “Show?”. Ele: “É. Showpeta”, e ri. Posiciono-me indiferente ao comentário. O jovem [Rafael, saberemos], porte miúdo, escuta o que é dito a seu respeito. Humildemente passa perto de mim e sorri discretamente; semblante submisso. Alessandro explica que se trata de um rapaz “muito sofrido”, “foi rejeitado pelo pai”. “[Recém-nascido], foi encontrado dentro de uma caixa de sapato...”. Sua constituição física lembra a de um rapaz de 15 anos de idade, apesar de algo

em torno de 26. Neste dia, trabalha com camisa de manga comprida, ainda que esteja um dia quente. Alessandro: “Ele é um dos que precisa fazer essa terapia, mas acho que não vai conseguir falar.”. Eu: “Você comentou sobre as pessoas terem medo que os calados falem...”. Imprimo um tom de voz que permite abertura à observação que acabo de fazer. Silêncio. Muda de assunto. Ressonância de algo? Percorro com o olhar o espaço de trabalho, o montante de material prensado e armazenado, os 5 ou 6 trabalhadores aparentemente fixos, catadores que aos poucos vão e vêm, outros, parados ao nosso redor, escutando, e penso em Boaventura S. Santos, em seu comentário sobre a necessidade de a transformação vir a partir das classes/camadas das populações oprimidas; que o máximo que podemos fazer (salvo engano de minha memória) é contribuir para sua potencialização. O que encontro, porém, no contato com catadores – mesmo aqueles associados/coletivizados – é *silenciamento*; pessoas silenciadas, submissas. Alessandro, dono/responsável pelo depósito, comenta que estava “muito mal” no dia anterior. Pressão arterial “13x6: Muita dor de cabeça. Cheguei em casa, minha mulher fez massagem de leve na minha cabeça. Era pra eu ir para o UPA, mas não fui.”. O gesto com o qual descreve a massagem, seu conjunto, lembra, no adulto, um menino frágil sendo cuidado, em busca de cuidado. Revelações importantes. Um sinal de transferência se insinua? Voltam alguns comentários sobre observar os outros e “tentar analisá- [los]”. Aproveito para ratificar sua disposição em cooperar para a oferta e composição do grupo. Diz: “Durante a semana, vou falando com eles e vendo quem se interessa.”. Quanto à minha ida ao depósito, prefere que eu retorne no sábado seguinte (dia 21/Dez), por volta das 12h. “A gente fecha lá pela 1 da tarde. Aí, dá pra *vocês* sentar aqui na frente [marquise de barracão, perto da calçada] e conversar.”. Enquanto me despeço, saí para conversar com um casal de jovens (de 20 anos, mais ou menos) muito magros, que ficou ao nosso redor por quase meia hora, esperando que ele lhes “emprestasse R\$ 2,00 pra comprar um guaraná ali em cima”. São alguns daqueles cujo semblante e gestos poderiam parecer mesclar-se com sinais de curiosidade face à presença de um estranho e a submissão de um animal fraco, como que à espera de migalha.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

21/Dez/2013 – “Por favor, pare a moto um pouco.” Não havíamos percorrido nem 10 metros, ainda margeando o meio-fio. Desço e pergunto ao rapaz, calmo, mas com firmeza: “Você vai me levar ao depósito atrás do [loja] ou não?”. O condutor, surpreso, diz que sim. Digo “obrigado” enquanto subo na motocicleta. Trata-se de um motoqueiro geralmente ríspido no trato com seus clientes. Pergunta por que aquilo. Digo que parecia que ele reclamava em voz alta sobre a corrida. Ele se explica dizendo que falava ao celular com a irmã. Então, noto o aparelho sob o capacete. No trajeto explica que dizia à irmã “não posso”, etc. Sua mãe, internada, câncer nos ossos, pergunta por ele. O trânsito em horário de almoço, prévio ao feriado de Natal, é intenso. Laércio dirige rápido. Entre ziguezagues e freadas bruscas, desloca-se do assento e se volta para trás, como a conversar comigo quase num face a face (!). Expõe seus problemas com a mãe doente, a história da família. Ela, abandonada pelo marido quando ele, filho caçula, nasceu: “Fui conhecer meu pai só dois anos atrás, quando eu tinha 32 anos.”. Assim seguimos por mais de 10 quadras: as confissões, acelerações, freadas bruscas, fechadas, etc.; ele sempre virando-se para trás, tentando me olhar de frente. Haja serenidade para tal situação... Mais adiante, interrompe a narrativa sobre a mãe e diz: “Foi neste posto de gasolina que ele veio trabalhar e foi morto, dois anos atrás.”. Ao se repetir e detalhar o caso, tomo conhecimento de que só conheceu o pai por ocasião de sua morte. Mais agressividade no estilo de condução, concomitante à revelação. Chegar, de fato, ao meu destino... Próximo ao barracão, calmo, digo-lhe: Laércio, sempre é possível fazer algo para que esta senhora percorra com mais suavidade sua trajetória final. É preciso descobrir como. E você tem um lugar especialíssimo aí.”. Seu olhar e tom no agradecimento são ímpares, de rara pungência.

“Muito obrigado. Vou lá agora mesmo.”. Dias mais tarde nos encontramos. Está outro no trato com o cliente, pelo menos com este.

- Há poucas pessoas em frente ao depósito, com suas duas grandes portas corrediças semicerradas. Uns 4 catadores, Alessandro, seu pai e irmão, além de cerca de 3 rapazes que trabalham no depósito, às voltas com os cadernos de registro, calculadora. Um entra-e-sai do barracão, pesando e guardando material que algum catador traz de última hora. Enquanto pago o *motoboy*, noto que Alessandro some para dentro do depósito. Apenas ouço um catador (“Negão”) dizer: “Tá vendo? Todo mundo fica em cima dele e atrapalha fazer as contas. Ele foi lá pro fundo.”. Cumprimento a todos, em tom geral, e me sento ao lado de Luís. Caderno, recibos e calculadora em suas mãos. Trocamos algumas palavras em que procuro esclarecer sobre minha presença ali. “É. Eu me lembro de você.” Pergunto pelo seu nome: “Nenê”. Um homem de porte grande, beirando os 30, físico de pugilista categoria peso pesado. Para provocar desdobramento, mas com aparente indiferença no ar: “Como?”. Ele, sorrindo (noto que algo do chiste foi percebido pelo sujeito): “Nenê.” Eu: “E seu nome?”. Ele: “Luís.”. Eu: “Luís, vejo que você está ocupado; enquanto aguardo, vou conversar com o pessoal, está bem?”. Luís tem “Negão” ao seu lado. O apelido deste é repetido inúmeras vezes desde a minha chegada. Negão persegue Luís o tempo todo, exige seu dinheiro; mais outras 2 pessoas por perto. A poucos passos, procuro estabelecer contato com uma catadora e o senhor com quem conversa (Ademar). Lanço a oferta, após saber seu nome: “Rogéria, sou um psicólogo que faz um trabalho de atendimento aos catadores. Atendo catadores na região de [...] e estou oferecendo este trabalho para montar um grupo aqui também. Se você quiser participar deste grupo, se souber de alguém que possa se interessar, o encontro vai ser aqui, aos sábados, neste horário. Depois, se vocês quiserem mudar o local e o horário, tudo bem pra mim.”. Breve sorriso. Olhos escondidos por trás de um par de óculos pretos, rente à face, modelo que adere em volta dos olhos. Na semana anterior, também foi assim que a vi, transitando por ali. Mulher magra, cor parda, aparentemente quieta, shorts e blusa tipo bustiê, limpos. Circulo mais um pouco e chega um senhor em uma carroça lotada de material. Procuro uma aproximação: “Bom dia. Por favor, qual o nome do senhor?”. Com voz forte, o senhor, que desamarra a carga, volta-se e responde: “Jamil.”. Imediatamente, na tentativa de aprofundar o contato, a partir do eixo do imaginário: “Nossa! [sorrindo] Meu irmão também se chama Jamil.”. Apesar de apressado, percebo alguma doçura no trato. Exponho meu propósito ali. Com educação, diz estar “ocupado hoje”, mas que, se souber de alguém, informará a respeito. Agradeço e me afasto, refletindo sobre o raro nome, a possível ascendência árabe e o que teria acontecido para que alguém oriundo deste núcleo de imigrantes entrasse para a catação/reciclagem. Enquanto conversamos, indicadores de sua ascendência parecem insinuar-se por baixo da barba branca, olhos claros anuviados, pele queimada e boné por baixo do qual pendem porções, cachos, de cabelos ressequidos, há muito sem corte. Volto para perto de Rogéria, que conversa com Ademar. Encosto-me em uma barra de apoio, ao seu lado. Ela, entre mim e Ademar. Rogéria volta-se para mim com suavidade e hesitação: “Eu queria saber... qual é mesmo o nome do perfume que você está usando? Eu conheço ele.”. Embora não seja o desodorante que de fato estou usando, busco rapidamente na memória o nome de um cuja fragrância é parecida e possivelmente de seu conhecimento. “Biografia”, digo-o em tom calmo e cálido, como que vindo lá do fundo, escandindo as sílabas, na intenção de potencializar algo para o trabalho. Rogéria sorri, em reconhecimento, com a cabeça: “É isso mesmo! Eu sabia que eu conhecia!”. Volta-se para Ademar, à sua esquerda: “É aquele que eu dei pra você, de caixa azul.”. Finjo não ouvir a conversa entre o casal e estar atento à comoção gerada por Negão, com todos ao seu redor. Mas, saio da lateral, à sua direita, e me posiciono em frente ao casal, já que o assunto engloba a ambos. Estratégia para tentar contato com ele. Explico: “Eu ganhei esta semana, de uma amiga. Quando a gente coloca, parece um pouco forte; mas, depois de um tempo, suaviza e se mistura com a

característica química de cada um. A caixa é meio um azul... [procuro a palavra, que não vem, pois muito acontece naquele ambiente e dentro de mim, que me atravessa, ainda que me sinta, de fato, sereno]”. Ela: “Turquesa.”. Eu: “Isso! Você está de parabéns por encontrar a palavra mais exata. Estava me faltando. Turquesa.”. De fato, é esta a cor da referida colônia. Um dado sobre certo refinamento de Rogéria. Volta-se para Ademar e, com calma, diz: “Tá vendo? É aquele que eu te dei.”. Dado sobre os mal-entendidos, desencontros, do casal, comprovação de seu zelo na valorização do outro?, penso. Aproveito e puxo conversa com Ademar. Faço-lhe a oferta antes dirigida a Rogéria e a outros ali presentes. Meio indignado, me interrompe: “Eu não sou catador! Eu trabalho aqui no depósito.”. Buscando em minha mente o mais rápido possível uma resposta que sustente nossa interação, procuro responder calma e naturalmente: “Tudo bem, Ademar. É uma oferta *para os catadores e outros profissionais da reciclagem*.”. À medida que vejo seu semblante recuperar a serenidade por baixo de sua pele também mal-tratada e barba branca, retomo a proposta. Igualmente sugiro que informe sobre a oferta a outros “profissionais da reciclagem”, possíveis interessados. Ele e Rogéria conversam entre si, calmamente, mas de tal modo como a desejarem que testemunhe aquele diálogo. Isto me permite lançar a pergunta: “Vocês são casados?”. “Nós somos cagados”, diz ela sorrindo. Mantenho-me sereno, como que indiferente. Mero modo de se expressar? Desejo de chocar? Eu: “Como? Explica esse cagado.”. Acho oportuno retomar o significante, com naturalidade. Ela: “Cagado. Dizem que primeiro a gente casa, depois, a gente é cagado.”, em aparente alusão ao segundo casamento. Eu: “Há quanto tempo vocês estão juntos, nesta relação?”, na tentativa de, com sutileza, lançar significantes que possam dinamizar, gerar significantes outros. Eles se olham, trocam considerações a respeito de estarem juntos. Rogéria comenta “não tem nada no papel” e lança uma crítica em tom ácido: “Ele não quer assumir compromisso com nada”. Por fim, expressa sua concordância: “Pôr o nome em papel [diz isto em tom bem generalizador, não apenas ao casamento], Deus me livre! [etc.]”. Noto algo sobre rompimento de vínculos e ojeriza sobre contratos sociais em base um pouco mais formais. Num *flash* me ocorre o pensamento sobre a dificuldade de satisfazer as exigências de Comitês Científicos, quando se procura trabalhar com quem está ou procura situar-se fora do laço social majoritário. (Termo de Consentimento... Ai, ai!, visualizo.) Procuro afastar a nuvem ameaçadora que poria o trabalho em risco e ouço Rogéria e Ademar ponderando sobre o tempo de seus casamentos anteriores e sobre seu tempo juntos. De repente, Rogéria, surpresa, diz: “Nossa, o nosso tempo cagado é maior do que o outro!”. Sou também informado que Ademar é uns 8 anos mais velho que Rogéria. Ela tem 47.” Expresso minha surpresa: “Imaginava você com, no máximo, 30.”. Apesar dos óculos e palavrões que tanto a escondem/revelam, noto, sob uma capa de indiferença traços de satisfação face ao comentário. Ademar se afasta, sob forte recomendação de Rogéria (o termo é este, dado não julgar adequado o termo pedido ou outros análogos), após insistentes perguntas sobre ele tentar receber de Alessandro, ainda no interior do depósito. Ela, ainda que calma: “Vamo logo, Ademar. Faz tempo que tomei meu café. Já tô com fome!”. Rogéria também se afasta.

- Observo o ambiente e estabeleço pequenos diálogos. O barulho chega a ser insuportável. Muitos veículos passam por ali, região de aclave acentuada, a fim de acessar a rodovia ou se dirigir à cidade. O pessoal do depósito também fala alto, geralmente baixando o tom de voz apenas quando tratam do peso e do pagamento com Luís, reservadamente, à pequena distância. Palavrões e outros comportamentos agressivos são uma constante. Beliscões nas nádegas dos colegas, entre os homens. Quando não, toques muito mais sensuais, seguidos de alusão jocosa à suposta homossexualidade de um, de outro, ocorrem o tempo todo. Na sequência, em resposta, abundantes protestos, xingamentos e risos. Enquanto se afasta, rindo, Rogéria volta-se para mim, que assisto a tudo impassivelmente, e explica: “Cu é o presente que a gente mais dá aqui, um pro outro.”. E segue a proferir o elenco de expressões, moeda corrente, vigentes.

- Durante todo o tempo, expressões como “veado”, “vem dar o cu”, “chupa meu cu”, etc., juntamente com investidas físicas, brincalhonas, proliferam. Cerca de 45 minutos já teriam se passado e nenhum sinal de Alessandro, que se encarregara de organizar um grupo, para o primeiro encontro. Decido improvisar um encaminhamento, uma espécie de sinalização, para o início de uma possível sessão. Sento-me no chão, sob a marquise, como que à espera de interlocutores. Negão (assim será mantida, por enquanto, sua identidade), mais de 30 anos, que literalmente inferniza os colegas, mexe inclusive com aqueles que se aproximam de mim. Mas não se comunica diretamente comigo; nossos olhares jamais se cruzam: senta-se próximo, levanta-se e se afasta, depois volta. Rafael, referido por Alessandro na semana anterior como aquele “encontrado em uma caixa de sapato”, senta-se ao seu lado. Julgo interessante o efeito do meu ato. Insistente e continuamente, Negão pergunta a Rafael sobre sua esposa; se ela vai estar em casa mais tarde. Uma fala agressiva, desqualificadora, inclusive no tom de voz. Rafael, submisso, em tom para mim inaudível, apesar de próximo, tenta desembaraçar-se do colega que o humilha, ainda que na aparentemente mais remota intenção de brincadeira. A certa altura, Negão, em tom mais alto: “Qual é meu?! Fico o ano inteiro sustentando, levando coisa pra ela e agora vai regular? Diz pra ela que eu quero ela lá, pronta pra mim hoje [etc.].”. Negão se afasta. Olho para Rafael; ele, profundamente retribui seu olhar. Rogéria se aproxima, vindo da carroça de Jamil, com uma folha branca de papel ali conseguida. Com gesto de extrema fineza deposita a folha no chão antes de se sentar sobre, juntando-se a nós. Uns bolem com os outros, os que estão sentados e os que ainda trabalham na paisagem, no carregamento dos *bags* e na varrição do local; inclusive Rogéria, que volta a repetir seu comentário em sinal de confirmação sobre o “presente” que trocam entre si. Noto que se referem a Rafael como “boi”. Pelo conteúdo, possível eufemismo para “marido traído”. Às vezes Gabriel, jovem de uns 20 anos, também se aproxima, senta-se, mas volta a ajudar na finalização dos processos de trabalho, juntamente com Rafael, que também se ausenta junto com ele, ou alternadamente.

- A partir dos comentários aparentemente superficiais tecidos entre eles, dirijo a Rogéria uma pergunta banal, mas problematizadora, propensa a bifurcação (não me lembro qual). Sua resposta é rápida, olhando para a rua, os óculos a escondê-la/revelar-lhe; mas, em seguida, leva as mãos à testa e baixa a cabeça: “Senti fraqueza pelo esforço de pensar.”. A movimentação ao nosso redor segue normalmente, a toda. Ademar, companheiro de Rogéria, troca algumas palavras com ela. Sinalizadores de que já recebeu seu pagamento. Rogéria, levantando-se: “Vamos embora, Ademar. Tô com fraqueza de fome. Já é hora de almoçar.”. Reitero a oferta enquanto se levanta. Diz que talvez volte na próxima semana. Alguns segundos, sentado sozinho, se passam. Tudo se dá de modo intenso e rápido no contato com os catadores; uma fluidez impressionante. Menos de 1 minuto, e Rafael se reaproxima. Tem um saco de estopa em uma das mãos. Coloca-o no chão e deita-se ao meu lado, apoiando no saco sua cabeça. Diante de gesto tão contundente, de alto valor significativo, sua entrega, abertura, pergunto: “O que tem nele?”. Sua resposta: “Uns fios que vou levar pra casa.”. Eu: “E em você?”. Os olhos se fecham; um rosto que agora miro em seu perfil.

- O breve silêncio é interrompido quando Alessandro se aproxima e se senta ao lado de Rafael, que mantém-se deitado. Gabriel volta e se senta perto de Alessandro, ambos encostados contra a parede do depósito. Estou, agora, de frente para os três, de modo a tentar abrir espaço para a inclusão de outros e fazer uma espécie de círculo. A pouca distância, atrás, à minha esquerda, o pai de Alessandro, José Elias, nos observa, sentado. Tento sutilmente incluí-lo. Percebo que deseja falar, participar, vivenciar um pouco daquilo que ali se processa, mas também percebo que não pretende ficar. Um dentro-e-fora daquilo que se constitui. Há sinalizadores de sutil apreensão, que tento manejar, para manter a abertura. “Sou pai deles [apontando para Alessandro, e para Luís, que trabalha na paisagem, dentre outras tarefas].

Fiquei viúvo cedo.” Sua fala discorre no sentido de que sofreu e se esforçou muito: “Agora, quero sossego. Trabalho e vou para a igreja [em busca de tranquilidade para suas chagas], e isto está bom.”. Por várias vezes, levanta o boné e movimenta os olhos para a aba, como que em direção aos seus cabelos brancos, recentemente cortados. Há ali como que uma mensagem: mira a minha idade; sabedoria. Ouço o relato. José Elias repete: “Agora, [na vida] quero sossego.”. Dito isto, em resposta, produz um ato: descontorço meu corpo, posição desconfortável para direcionar-me a ele, e me volto para os demais, apostando que algo do sujeito possa mobilizá-lo e mantê-lo ali, dentro e fora, por algum tempo, a fim de sentir melhor o trabalho, antes de ir embora. Alessandro fala bastante de si e dos demais, como um porta-voz do grupo. Expressa conteúdos mobilizadores sobre a família, como se sentia após a morte da mãe: “Minha mãe faltou em uma fase que eu ainda precisava muito dela.”. Outras falas sobre seu sofrimento são enunciadas com uma fluidez surpreendente, considerando-se a presença do pai. Imagino como este homem, a meia distância, recuado, escuta tudo aquilo. Talvez para contornar o que de angustiante se lhe ocorre, quando fala sobre Rafael e Gabriel, o tom de Alessandro vai de um discurso que procura destacar o sofrimento dos rapazes, empatia em relação a eles, para matizes de sarcasmo frente ao sofrimento alheio. Procura rotulá-los, reduzindo a complexidade subjetiva de cada um: “Este é ...; aquele é...”, como um sabedor da alma alheia. Não são poucos os momentos em que afirma: “Sou como que um psicólogo deste pessoal todo.”. O tom por vezes piedoso/apiedado suscita emotividade nos concernidos. Sobre Rafael: “Este aqui foi deixado numa caixinha de sapato e o pai também rejeitou.”. Ainda deitado no chão, Rafael fecha os olhos e estanca uma lágrima, levando aos olhos os dedos sujos. Nas diversas referências aos rapazes, ali, junto a eles, a explícita menção de que “não conseguem pensar direito, nem se expressar”. Cala a emergência do Outro do sujeito. Penso no quanto esta estratégia de silenciamento, de “eu sei por você”, se faz presente tanto nas várias instâncias do Poder Público quanto nos espaços cujo objetivo é a extração de mais-valia destas pessoas, a exemplo dos atravessadores. Rafael nada diz em todo este tempo que, agora, poderia ser chamado de sessão. As poucas falas de Gabriel, por exemplo, quando lhe dirijo alguma pergunta, são interrompidas por Alessandro, que ri e diz: “Fala direito!” e, voltando-se para mim, acrescenta: “A gente não entende o que ele fala!”. A imagem que me ocorre é que as palavras emanadas de Gabriel soam como que pedregulhos estourados de uma panela de pipoca, tampa fechada, sacudida pelas investidas de dentro, em busca de saída; porém, passíveis de compreensão, mediante algum esforço por parte do ouvinte. As condições do local dificultam sobremaneira a interação; entretanto, o interesse em e disposição para dar voz ao outro, por parte do “patrão” é que é o maior obstáculo. Muita paciência em situação como esta. Noto a ironia de Alessandro, que escrutina o estranho o tempo todo, rindo, no aguardo de que eu desista da comunicação com Gabriel e recorra a ele como tradutor. Tento manejar com cautela a dominação do discurso pelo dono do depósito. Até porque, em meio a isso tudo, ele também diz de si, de seu sofrimento; mas procuro, sim, fazer perguntas diretamente a Gabriel, em sinal de que o entendo. Notória a ponta de surpresa no semblante de Alessandro. Terreno difícil. Criar condições para a emergência do sujeito – no patrão e no empregado –, representantes de posições antagônicas, mas que têm em comum fazerem parte de uma engrenagem maior, a da exploração generalizada do MCP, como Paulo Freire e Gadotti, na esteira de Marx, tão bem nos alertam. Aspecto que não pode por mim ser esquecido. Às vezes, é solicitado a Gabriel: “Vai ajudar lá.”. Mas ele regressa, determinado, sucessivamente, para o grupo. Rafael também. Quando volta, geralmente torna a deitar-se próximo ao terapeuta. Divã...; o fluxo do meu pensamento traz este significante.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Na fala livre de Alessandro, uma fenda se abre no discurso aparentemente coeso que tenta manter. Longa exposição. Porém, ao descrever o trabalho difícil, faz referência ao irmão,

envolvido com a pesagem de material, apontando-o: “Aquele lá, ele ganha mais.”. Eu: “Aquele lá, ele ganha mais?”. Alessandro: “O quê?! Eu falei isso?!”. Eu: “Sim. Ganha mais o quê?”. A fala fluida de Alessandro cai por terra, juntamente com a expressão de seu rosto, desconcertado. Silêncio. Gabriel, em comentário que salva o colega do embaraço, mas também dá mostra de sua perspicácia, intervém: “Ele ganha mais nervoso.”. Ainda que em frações de tempo, como ambos estão envolvidos em um trabalho com o inconsciente, emerge algo do sujeito em ambos, mesmo que sem a noção exata disto: em Alessandro, o aperceber-se da existência, na fala, de um algo que (des)conhece de si; para Gabriel, a voz de um sujeito que sempre traz em si um saber. Valorizo o comentário de Gabriel, com a finalidade de abrir mais aquela possibilidade de fenda em todos. Também a intenção de contribuir para o estabelecimento de mais *horizontalidade*, que está ali, sempre pedindo passagem: “Interessante seu pensamento, Gabriel.”. Alessandro tenta recuperar sua posição: manda Gabriel ir ajudar alguém, mas este regressa, uma vez realizada a tarefa. Mais tarde, Alessandro volta ao significante “ansioso”, muito utilizado no encontro anterior. Fala, por fim, de um incômodo seu, com embaraço: “Quando chego em casa, outras coisas atravessam meu pensamento”. Refere-se ao momento do ato sexual, impedindo sua consumação plena. Para diluir o mal-estar diante do grupo, vira o rosto para cada um dos colegas, à direita e à esquerda, afirmando ser algo que “acontece com eles também”. Rafael e Gabriel permanecem em silêncio. É solicitado de mim um saber de mestre. A delicadeza do momento requer um manejo desta posição, em função da opção teórico-ética que me orienta. Um pouco ao mar, um pouco à terra é minha opção neste momento, até que o sujeito esteja mais envolvido em sua produção: “As coisas são complexas, Alessandro. Você chega cansado. É preciso se recuperar para surgir um clima. Uma música, talvez.”. [pausa] Por fim, introduzo: “É preciso funcionar como máquina o tempo todo?”. Com um semblante de descoberta, pensativo, surpreso, passando a ponta dos dedos vagarosamente sobre a testa, cotovelo apoiado sobre o joelho flexionado, olhar perdido na rua: “Música pode ser... bom?!”. Eu: “É preciso conversar mais sobre isso, com o tempo.”.

- Alessandro volta a falar de Gabriel, um certo desdém: “Agora, ele realizou um sonho: comprou um cavalo.”. Gabriel, calado, semblante congelado. Valorizo a aquisição de Gabriel: “Está contente? Gosta muito de animais?”. Assente com a cabeça. Alessandro interrompe a comunicação, com ironia: “Agora ele fica lá no mato escovando o cavalo.”. Fixo os olhos em Gabriel, em sinal de que desejo manter uma comunicação com ele. Comenta que cresceu em sítio e que “sente falta”, que “aprecia as coisas do campo”. Sua escolha lexical insinua mais uma vez a especialidade do rapaz, para além dos reducionismos do colega. Alessandro desloca o foco. Agora, fala de Rafael. Tom paternalista e desrespeitoso para com o sofrimento alheio; sempre presentes em seu discurso. “Agora, este aqui [a mão no ombro do colega, ainda deitado, sacudindo-o.]... é preciso conversar separado com ele, coitado, sobre os problemas dele. Ele não vai conseguir falar dele no meio dos outros [etc.]” Rafael se contorce, levemente incomodado, à medida que faço a escansão de alguns significantes enunciados por Alessandro, a seu respeito. Procuro manter meus olhos em contato com os de Rafael. Que manifestações no real fazem seu corpo falar, incomodado?, reflito. A certa altura, interrompo Alessandro e emprego um termo por ele utilizado: “Tudo bem. É possível ir com ele no *quartinho* [riso geral], mas desde que ele solicite esta conversa.”. Olhar firme, mas amável, para Rafael, que também me olha, calmo. Continuo: “Daí, quando ele se sentir pronto para se juntar ao grupo, ele avisa. Tudo isto depende dele.” A situação parece exigir a abertura de uma escuta individual para Rafael, desde que por ele solicitada, mas sem abrir mão da proposta inicial de trabalho. Produzo o corte da sessão me levantando enquanto pergunto, olhos fixos no chão, sobre “o próximo encontro”.

- Neste momento, Cilzemar, um mototaxista, encosta e conversa com Luís. A meia distância, pergunta se Alessandro vai querer que o leve para casa. Alessandro declina. Luís se aproxima de onde estou, pega uma garrafa pet de 2 litros com boa parte da água congelada em seu interior, suspende-a no ar e entorna o líquido com gesto amplo no beber. Contra o sol, vejo cristais de gelo saindo pelo gargalo, o contato com o corpo suado ao escorrer pelas laterais do seu pescoço. Pergunta se quero água. Com naturalidade respondo: “Está muito gelada para mim, Luís. Agradeço.”. Penso imediatamente na cena do café, narrada em uma tese, pelo autor descrita como seu rito de aceitação pelo grupo de garis. Apesar de uma postura diferente, estou tranquilo, pois sempre tomo água e café na cooperativa de catadores de outra cidade e meu “a mais” nestes espaços precisa pautar-se por algo para além do eixo do imaginário; algo a ser pacientemente construído. Cilzemar, observo, tenta agir como um deles, mas nem por isso evidenciam-se sinais de vínculos especiais em relação a ele. Voltando-se para mim, pouco antes de minha partida, em separado, Alessandro diz que vai para um sítio no dia seguinte. Eu: “A passeio?” Ele: “Não. Tem muito [material] pra derreter e preciso fazer isso em lugar bem afastado. A fiscalização é grande.”. Repete-se. Penso nas “tantas coisas que atravessam [seu] pensamento”; certamente não se esgotam nisto.

- Ao longo da sessão, bem como de toda a estada no local, Negão, que não participa, em sentido estrito, do grupo, transita pelo espaço e importuna a todos: os que ali trabalham e os catadores que chegam com material para venda. Atira objetos naqueles que, sentados, engajaram-se em nosso trabalho. Aproxima-se de mim, curva-se, e, num aparente ignorar-me, dirige-se aos colegas falando extremamente alto, mas a centímetros do meu ouvido. Seus usuais palavrões, reclamação por dinheiro e comentários sórdidos. Sua política de hostilidade perpassa ao longo de todo o tempo de minha permanência, a ponto de Luís, em certo momento, ter uma explosão: “Pô, sai daí! Fica aí jogando bactéria bem na cabeça dele!”. Eu, impassível: na expectativa de dias melhores, de uma outra possibilidade de interação com Negão. Certamente chegaria, penso, com os olhos no chão. Com seu tom diagnosticador, como se fosse um profissional de centro de saúde tradicional, vendo minha tranquilidade e rindo da situação, Alessandro comenta: “É dependente de crack, [etc.]”. Isto se dá durante a sessão.

- De volta ao momento da partida. Após o enunciado “derreter [...]”, contrato Cilzemar para me levar de volta à cidade. Nem 20 metros do trajeto percorridos, diz o motorista: “Esses meninos são simples, mas cheios de grana. Ele [Alessandro] *manipula* os cara. [...] Dependem muito dele. [...] É bom. Ajuda muito os caras.”. No tom e na repetição, um possível aviso ao desconhecido: “Não deixo que abusem dele. Sou amigão.”. Enunciados reveladores. Na linha do “não sabe o que diz”, repete o comentário sobre *manipular o pessoal*, com admiração, algo a ser enaltecido. Aos poucos, uma sondagem a meu respeito. Admirado pela iniciativa do projeto de trabalho, comenta: “Nossa! Ninguém quer escutar gente assim.”. Pede meu número para contato.

- Observação adicional – Embora não consiga situar com precisão na cronologia dos acontecimentos, é importante registrar que Alessandro traz, por várias vezes, o significante ansioso. Questiona-se se um dos seus filhos (tem três) também sofre desta condição: “Ele passa em uma psicóloga [ambulatorio de saúde mental]. Fica muito assustado quando eu e a mãe discutimos.” Levanta considerações sobre “como não damos valor às coisas da vida”. Exemplifica com o beber água: “sentir ela geladinha, percorrendo, preenchendo, o corpo da gente”, enfatizando o dito por meio de um gesto pela região do ventre. Pouco antes do final do atendimento, em momento de breve folga do trabalho de pesagem, Luís, seu irmão, se aproxima do grupo. Olhando para o corpo do irmão, Alessandro: “Aí nada é químico, é puro exercício físico.”. Luís, em pé, comenta ser “capoeirista”. Corrige-se: “professor de capoeira”.

Residiu por muitos anos em [cidade]. “Eu era do tipo valentão.”. Em certa ocasião, relata, “uns caras” quiseram brigar. Derrotou todos com seus golpes aéreos, etc.: “Depois, eles voltaram, com armas. Aí, eu fugi.”. Pondera que aprendeu a resolver conflitos de outra maneira. Estou sentado; ele, em pé. Introduzo, olhando para o chão, um único significante, não me lembro qual. Ele completa: “resolver as coisas na conversa”. Naquele momento, percebo que Luís, embora envolvido intensamente com o trabalho, apreende, a meia distância, algo do que ali ocorre e tenta uma maneira disto se beneficiar, ainda que por um ínfimo tempo. Mas, o que é o tempo para o sujeito da psicanálise, afinal? Sujeito de uma outra fala. Na sequência, comenta ter vindo para [cidade] “trabalhar com reciclagem” junto ao pai e o irmão. “Se bem que antes eu já tinha sido catador [na infância]”, acrescenta. Todas essas vivências, estes enunciados ocorrem em meio ao barulho da rua, da vida da cidade, e dos processos de trabalho – que, com frequência, afastam o trabalhador do grupo, mas para o qual volta desejoso de conversar-pensar-sentir diferentemente, de um outro lugar, mais um pouco – ; em meio a palavrões, brincadeiras, passadas acintosas de mão, aos comentários ácidos e infundáveis humilhações. A psicologia e a psicanálise, por meio dos seus profissionais, realmente têm de dar a cara ao tapa, volto para casa refletindo. Descer do salto, como têm feito em vários contextos, - sem perder a amplitude de visão teórica de diversas áreas –, para estar junto ao inusitado emergente do real, à complexidade que sobredetermina o sujeito, seus processos de subjetivação, embora nunca de todo apreendida, inclusive relacionando-a, sempre que possível, àquilo gerado a partir do modo de produção social no qual o sujeito se insere, àquilo que lhe imprime sofrimento, mas ao que também abunda em potencialidade. Posicionar-se na escuta para emergência da dimensão desejante, na riqueza do contexto dos que lidam com os dejetos produzidos pela sociedade, que, para eles, adquirem outro valor. [Enquanto redijo, reflito sobre um sentido amplo e entrelaçado: no contexto da reciclagem, o descarte de pessoas e coisas, dentro da lógica do MCP, os processos de coisificação e sua incidência na subjetividade e, no sentido psicanalítico, o de saída para o sujeito, de sua “salvação pelos dejetos” ao falar de si, elementos a partir dos quais vislumbra-se a emergência do inconsciente. – (Freud-Lacan, por comentários de Miller)]

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

28/Dez/2013 – Depósito de Reciclagem – “Bom dia, Jamil! Tudo bem?” Com exultante alegria e afetuosidade, Jamil desce da carroça e cumprimenta com tapas nas costas e um aperto de mão: “Ê, doutor, bom dia!”. Alguns comentários sobre o calor extremo e a enormidade de material na frente do depósito. Há pelo menos 25 *bags* cheios, amontoados organizadamente, que cobrem a visão de ambos os portais de entrada, estendendo-se até a calçada. No lugar em que nos sentáramos na semana anterior, um recipiente de plástico, tipo caçamba, de mais de 2 metros de comprimento X 1m de altura, pleno de ferragens. Não há lugares fixos para o psicólogo neste contexto, reflito, cantinhos afetivos que o hábito sedimenta. Há que improvisar. “Negão”, desta vez sem óculos de sol e com semblante suave, olha diretamente nos meus olhos; procura se aproximar. De modo escamoteado, engraçado, até. Enquanto conversa com Silso, outro colega de trabalho, procura, cautelosamente, trazer o colega, à medida que conversa, para perto de onde estou. Mais comentários sobre o volume de trabalho. Uma vez incluído, me apresento e pergunto pelos seus nomes. “Eu sou Paulo Sérgio, diz Negão, e ele é o Silso.” Damo-nos respeitosamente as mãos. Paulo Sérgio faz questão de dizer seu sobrenome. Explica: “É de uma família importante de [outra cidade]. Ele [o patriarca] não era meu pai, mas fez questão de dar o sobrenome dele pra mim.”. Silso explica que “trabalh[a] lá dentro”; talvez para diferenciar-se do baixo clero do ramo da reciclagem, pessoas à nossa volta. São extremamente educados e interagem comigo com tranquila permeabilidade, alternância na interlocução, sem tentativas de monopolizar a conversa, como a jactância de desabafos, que encontro em minhas andanças.

- Luís se aproxima para cumprimentar; acanhamento na expressão de um abraço suado e no aperto de mão. Jamil vem até nós, alegre, para agora cumprimentar Luís. Ao fazê-lo, após o uso de um apelido por parte de Luís, Jamil protesta enfaticamente, com satisfação: “Eu sou Jamil! Tenho um nome bonito e raro.”. Ecos do episódio em torno ao seu nome na semana anterior? Ele e Luís vão para o interior do galpão acertar as contas. Sigo com Silso e Paulo Sérgio, que não se afastaram. Estamos sob o sol do meio-dia, entremeado por nuvens, calor e mormaço. Quando noto uma oportunidade, digo para Paulo Sérgio: “Semana passada você estava...”, mantenho a suspensão. Ele, levemente alterado: “Ah, o gerente aí quer o dinheiro só pra ele.”. Do galpão saem Luís e Jamil. Este traz uma banda verde-limão atada a uma porção do seu cabelo avermelhado, esturricado pelo sol. Sobe na carroça e se despede com saudação alegre, soprando um beijo para todos. Luís ri e vai para a balança atender alguém. Silso e Paulo Sérgio voltam a envolver-se com a limpeza da frente do depósito, calçada e meio-fio.

- Adentro no galpão, mas não é possível dar mais de dois ou três passos: tudo está tomado por *bags*. Para se deslocarem até o interior do prédio, onde se encontram duas prensas, isoladas como uma ilha, só escalando por sobre estes. Altura que chega a três metros ou mais. Não demora muito para Ademar e Gabriel se aproximarem e se sentarem ao meu lado, sobre um fardo de material prensado, perto da quase completamente obstruída entrada. Gabriel, embora calado, dá mostras de desejar proximidade: leve sorriso, cumprimento discreto, pequenas ações com objetos que surgem a todo momento e um rápido olhar para certificar-se se observo. Mantém-se sentado ao meu lado. Breves enunciados sobre uma agenda eletrônica encontrada no descarte. Ele a guarda no bolso.

- Ademar mistura água e pinga a um pó para suco sabor laranja. Pergunto sobre Rogéria: “Não sei. Foi pra casa da mãe dela dois dias atrás.”. Sigo com os olhos, neutros, a sequência de movimentos no preparo da bebida. Com leve ironia no tom, olha para mim e diz: “É o suquinho.”. Eu, bem devagar, separando as sílabas produzo a escansão: “Suquinho?”. Ademar: “É. Se não, não dá pra aguentar isso tudo.”. Olhar desolador pelo seu redor, para o chão, naqueles olhos claros e nevodados. Luís volta para beber água e pede para que os dois auxiliem os demais colegas.

- Paulo Sérgio também se aproxima, põe para fora um escarro no chão, dentro da área do depósito, próximo ao portal, a menos de 1 metro de nós. Todos olhamos; sucesso em seu intento, talvez. Nada é dito. Pelas expressões faciais, é possível notar que estão surpresos com sua atitude; a calçada e a rua não ficam longe. Em seguida, começa uma movimentação frenética: todos se empenham no trabalho de estocagem dos *bags* no interior do depósito, a meus olhos, já cheio. Rafael e Gabriel estão no alto, em pé, sobre os *bags* do lado de dentro. Os demais têm a função de, do lado de fora, rolar os das camadas superiores, amontoados sobre a calçada, em direção aos rapazes no interior. Estes, rolam aqueles pesados sacos e devem deslocá-los para armazenamento, mais ao fundo, e, assim, sucessivamente. Em proporção inversa, quando restam apenas as fileiras mais baixas do lado de fora, sobre a calçada, o trabalho é ainda mais árduo: é preciso suspender os *bags* até o ponto de alcance dos rapazes de dentro, a mais de 3 metros de altura. Luís explica: “Trabalho de formiguinha: estocar porque, depois das Festas, falta material e então a gente vai negociando com este.”.

- Alessandro chega da rua. Comenta que tinha levado seu Fusca 86 para o conserto. Conversa com o irmão e outros ali sobre as peças, etc. A primeira coisa que diz é que “deveria ter dito pra [eu] não [ir]: ta cheio de serviço aqui.”. Algo estranho no comentário. Com suavidade, digo: “Pelo menos pude ver os rapazes.”, supondo que, deste modo, perceba que há outros no processo. Sorri, mas noto um desconcerto em seu semblante, que rapidamente desaparece

assim que Luís surge com uma bomba para filtragem de piscina. Equipamento grande e pesado, metal puro. Com satisfação, Luís segue para fora, sob o sol, explicando a mim o mecanismo do aparelho. Ouço com interesse. *Flashs* de Freud, máquina a vapor, usina psíquica ocorrem-me livremente. Algo é dito que o leva a revelar: “Eu já instalei em casa umas 5 dessas. Fiz umas 5 piscinas.”. “Em casa?”, repito. Ele: “Trabalhei como pedreiro muitos anos, [etc.]”. Refaz a fala: seu quintal é grande, mas não tem piscina. Olha para a bomba, pensativo, pondera em voz alta o destino a ser dado ao aparelho. Talvez o guarde para utilizá-lo em sua própria piscina. Afasta-se. Acho interessante o modo como Luís procura se aproxima, de mostrar-se a mim. De modo discreto, calmo, em oposição ao estereótipo acoplado a alguém com grande porte físico, seus comentários procuram revelar seus vários atributos, de uma vida de “antes de trabalhar/entrar para a reciclagem”. Busca seu modo de ser notado e respeitado naquele contexto, a partir das brechas abertas pela liderança majoritária do irmão, mas sem disputas – visíveis; uma sincronia meio que não planejada.

- Alessandro volta do interior do galpão com uma boneca-bebê. Um buraco nas costas com o mecanismo de produzir som/choro, preso ao corpo pelo fio original, revela o único possível motivo do descarte. O olhar, o modo de segurar o boneco e de delicadamente tentar anexar o dispositivo de volta no buraco dizem muito. Um quase ser vivo ali em suas mãos. Como quem contempla empaticamente uma criança destrocada, abandonada. Gabriel está junto neste momento de longo silêncio entre nós três. Longo se referenciado à intensidade e velocidade em que tudo acontece naquele espaço. Próximo ao seu ouvido, pois Alessandro está de perfil enquanto fala, sem contato visual, sob um sol de quase 40 graus, eu, em tom grave, mas suave, enuncio naquela brecha de silêncio e de muito dizer por meio do gesto e do olhar: “O quê...?”. Outra pausa e Alessandro, pensativo, pondera, olhando para a boneca: “Você acredita que um brinquedo desse pode deixar muita criança feliz?”. Faz, sem utilizar termos explícitos, distinção entre as crianças pobres e as ricas; sendo que estas “só querem celular, [etc.]”. Eu: “Um brinquedo como esse produz encanto em crianças pobres ou ricas; em adultos, também.”. Leve sobressalto, noto. Continuo: “Afinal, todos fomos e talvez tenhamos um pouco do bebê, sempre.”. Imediatamente se desembaraça da boneca.

- Seguem-se atitudes brincalhonas, utilizando-se de sarcasmo com Rafael, que passa por nós. Comentários no sentido de que ele nada faz. Com delicadeza, correndo riscos, mas tendo a hipótese de que isto possa chacoalhar um pouco sua visão de onisciência, insinuo, com tom de incompreensão ingênua: “Ele não parou desde a hora que cheguei aqui.”. Sobre Rafael, importante ressaltar a surpreendente diferença em relação à semana anterior. O jovem submisso, escondido sob um boné e camadas de roupa naquele calor, tem hoje o rosto à mostra, com corte de cabelo recente, camiseta regata, amplo sorriso e agilidade/disposição/prontidão nas variadas ações dos processos de trabalho de que participa. Nossos olhares se entrecruzam algumas vezes, com um sorriso. Comportamento com valor significante: “Olha, estou aqui. Estou bem!”? Seria isto um campo transferencial em abertura?, questiono. A movimentação segue intensa.

- Neste momento de fala sobre a boneca, Alessandro, Gabriel e eu estamos na calçada, sob o sol. Ambos se afastam para cuidar de algo. Paulo Sérgio e Silso varrem a calçada, agora. Algumas pausas para “puxar prosa”. O vento constante sopra em sentido contrário, respingando contra nós poeira, terra, restos de alimento e outros detritos. Pouco depois, de volta ao portal de entrada, Paulo Sérgio irá varrer do mesmo modo a região onde havia escarrado, indiferente à nossa presença ali. Tenho por pressuposto que sabem a respeito do atendimento em grupo, mas formalizo a oferta para um “grupo de conversa, um *grupo psicoterapêutico*”; afinal, não sei se foram incluídos no comunicado, se é que houve algum. O barulho na rua é imenso: carro de som, veículos grandes e pequenos trafegam, em marcha

pesada, naquela rua íngreme de acesso ao trevo que liga aquela região à rodovia e à outra parte da cidade. Pessoas falam alto, a fim de serem ouvidas. O próprio som advindo da carga e descarga dos materiais que chegam e saem, à medida que outros atravessadores ali estacionam, dão sua contribuição a condições de trabalho difíceis. Tudo para, supostamente, desencorajar/desautorizar uma escuta psicanalítica, que requer algo de mais sutil. Mas não parece ser o caso. Um profissional bem situado teórica, ética e subjetivamente pode contribuir para que algo pulse naqueles sujeitos. Mas não dá para negar a dificuldade, um vasto campo de obstáculos. Penso nestas coisas enquanto olho para aquilo tudo. Nem sei se estou tão capacitado assim; mas, disposto, ali-posto.

- De volta à sombra, na marquise de entrada, quando Paulo Sérgio vem varrer a entrada do galpão, Luís se reaproxima e comenta sobre um mal-estar de dias antes. Tira a camisa polo, literalmente encharcada de suor, bebe abundantemente água de uma garrafa pet e divide comigo o fardo sobre o qual estou sentado, anteriormente em conversa com/escuta a Gabriel. “Cheguei em casa com muita dor de cabeça. Nem quis entrar em casa, fiquei deitado no chão, na área de serviço, nos fundos. Um mal-estar na barriga, uma dor de cabeça.” Depois de horas nesta situação, de madrugada, diz, levantou-se, tomou um banho, comeu arroz com feijão “gelado mesmo”, antes de deitar-se. Em seu relato, um misto de adoecimento orgânico, relacionado ao modo como é feito o manuseio do material a que está exposto, e sofrimento psíquico, frequentemente atribuído às condições de trabalho, à “tensão”, ao “lidar com muita gente difícil”: “Muita bucha.”, conclui. Eu: “Luís, *no que pode haver de orgânico*, é importante nestas horas verificar a pressão sanguínea, risco de infecção.”. Ele, surpreso: “É?!”. Eu: “Não somos eternos, Luís [enuncio pensando em sua história familiar já relatada, apostando nesta ressonância]... E você ainda tem seus filhos.”. Procuro dentro de mim a maior suavidade possível para dizê-lo. Pondera sobre não ter procurado pelo UPA. Alguém o chama. Coloca de volta a camisa, tendo, antes, pedido para que eu sentisse sua umidade. Sai.

- Alessandro volta. Faz um breve comentário: “Acredita que outro dia, indo para [cidade] eu quase *caí numa vala*? Um carro passou raspando na porta do meu fusca. Eu vi que o cara nem percebeu. Segui indiferente, assim, ó [sinal de ziguezague], de tão bêbado.”. Explica que estava sozinho, a trabalho. Retoma brevemente sua sensação/ameaça de *quase-queda*. Muito significativo o enunciado, ainda mais depois da cena da boneca. Rafael olha de longe e sorri para mim. Retribuo ao sorriso. Alessandro: “Pois é, desculpa. A gente tá muito ocupado aqui.”. Eu: “Tudo bem. Volto semana que vem, está bem?”. “Estenda aos demais meus votos de um bom Ano-Novo”, digo. “Não beba demais.”, diz ele, sorrindo. Retribuo o sorriso e vou para a rua esperar pelo mototaxista. Tempo de permanência: aproximadamente 1:50h.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

4/Jan/2014 – Depósito de reciclagem – Bastante movimento na frente do barracão. Uma das portas, já descida; a outra, semicerrada. Alessandro não está na frente. Suponho que esteja com algum catador no interior do galpão; o que mais tarde se confirma. Transito por ali, sozinho. Ademar se encosta contra a parede, perto de mim; um ar de “se puxar conversa comigo, converso”. Começamos por comentários bem gerais. Em seguida pergunto por Rogéria: “Não sei. Não vejo ela desde aquele dia.”. Eu: “Ainda na casa da mãe?”. Ele: “Acho que sim.”. Diz estar acostumado com seus afastamentos. Continua: “Eu gosto disto aqui [aponta para a garrafinha pet com pinga misturada] – e só um pouco. Agora, ela quer tudo! É pedra, é bebida...”. Eu, procurando abrir espaço para que, ao falar, não apenas se aliene no outro: “E como o senhor fica com a ausência dela?”. Rosto quase inacessível devido à barba branca enorme, olhos meio claros à mostra; parece perdido em seu silêncio: “Eu vou ficando, me viro, vou pra casa, como, fico por lá.”.

- Paulo Sérgio às vezes se aproxima para breves comentários. Noto que, às vezes, ao tentar me aproximar um pouco mais para ouvi-lo melhor (o barulho é enorme), ele se afasta, interrompendo sua fala. Eu, suave: “Vem aqui, Paulo Sérgio. Por que isso?”. Ele, sem camisa: “Por causa do cheiro. A gente sabe que cheira.”. Nesta afirmação impessoal – que cheira –, quanta significação! Eu: “E daí? Pode chegar.”. Mais tarde, sentado à minha frente, fará novas alusões ao odor.

- Transito, converso ora com um, ora com outro. Crianças bonitas, bem nutridas, filhos de alguns atravessadores que encostam suas camionetes para comprar material, também transitam por ali. Olham inquisitivamente para mim; sorrio. Ficam por perto, curiosas. Ouvem parte da conversa. Aos poucos, Rafael se aproxima e se senta próximo, gerando muito barulho. Seu jogo de olhar-não-olhando, evitando contato explícito. Cumprimento-o. Sigo a conversa com Ademar e me acomodo no chão, sutilmente, como que a preparar condições para o trabalho. Ademar também desliza para o chão. O movimento no depósito abranda consideravelmente.

- Alessandro se aproxima, vindo do interior do prédio, sempre dizendo: “Eu devia ter ligado pra você não vir hoje.”. Acolho seu enunciado com um sorriso. Ele volta ao trabalho; eu, a me sentar. Pouco depois ele se senta ao meu lado e participa da sessão. A certa altura, Paulo Sérgio vai até uma caçamba em um terreno baldio próximo e volta com uma cadeira de cozinha em condições razoáveis. Enquanto fala, ri, briga, esbraveja. Com um gesto de extrema fineza, desloca a cadeira de modo a posicionar-se de frente para mim, a menos de 1 metro de distância. Senta-se e segue com a conversa. Impossível ignorar seu modo arrojado de realizar os últimos movimentos e como se posiciona durante os longos períodos ali sentado. Boa parte do tempo, ao dizer de si, inclui a mim no endereçamento. Percebo que o afastamento do pessoal não se dá apenas pela necessidade de realizar alguma tarefa urgente. A ressonância dos enunciados, no sujeito, também os leva a lidar com isso de diferentes maneiras: tomar água, sair à cata de um cigarro, etc. Mas, geralmente retornam. Em minha experiência, atitudes comuns no atendimento em grupo com outros catadores.

- Vários são os momentos em que Alessandro se refere aos demais em tom diagnosticador, por meio de termos psicologizantes, consagrados socialmente. Comentários inclusive desqualificadores frente aos seus problemas mais íntimos. Como cicerone da problemática de cada um, tenta me apresentar ao ambiente. A propósito de uma estripulia de Paulo Sérgio, diz, com desprezo no riso: “Ele é louco.”. Paulo Sérgio se irrita e protesta com uma descrição de sua família, do Rio de Janeiro. Descreve o “cemitério chique de São Lourenço [?], as caixinhas com os nomes” e [os restos mortais] dos falecidos; termo por ele evitado. Utiliza-se de algo alusivo, de consistência inefável, asséptica; nem parece estar falando da realidade da morte. Penso em sua dor. Comenta também sobre “a outra parte da família, [enterrados] no Cemitério da Consolação, em S. Paulo”. Referência a uma origem abastada, deferência ao descrevê-las. Conclui: “E [gesto com a cabeça indicando Alessandro, com forte ironia] fala que eu sou louco.”. Penso nas transcorrências em sua história, até rumar para o mundo da reciclagem, da catação. Um mundo já morto, tal como referendado por ele.

- Às vezes Gabriel e/ou Rafael se levantam para cuidar de algum detalhe do trabalho, atender um catador tardio. Noto que também vizinhos, bem trajados, embora com simplicidade, vêm com grandes quantidades de material. Uma senhora chega com um saco de 60k lotado até a boca com garrafas e latas de cerveja e diz: “Fiz uma limpeza no meu quintal.”. Será?; penso. São tantas as pessoas aparentemente de mais posses que vasculham os cestos de lixo do centro. O que será essa “complementação de renda”? Será apenas isso? Em algumas ocasiões, Alessandro deixa o grupo para conversar com homens que identifico como

funcionários da prefeitura, devido aos seus uniformes. Possivelmente durante o expediente, com ou sem veículos da prefeitura. Trazem materiais nobres em abundantes quantidades: fios (para extração do cobre) e outros componentes de metal. Vão para um corredor, ao fundo, conversar... Passa pela minha mente: por que o destino deste material não é a cooperativa de catadores, que tem parceria com o governo municipal, uma vez que, certamente, é material adquirido com dinheiro público? Que lucros (escusos) são esses?

- De volta à cena anterior. Pouco depois de contar sobre sua família, Paulo Sérgio se levanta e se dirige novamente à caçamba, a uns 25 metros. Retorna com uma panela velha, grande, suja. Despeja água gelada em seu interior, posiciona-se em minha frente e, com gesto eloquente, suspende-a no ar e entorna o líquido para dentro de sua boca, sorvendo-o como que ritualisticamente. Olho para aquilo com tranquilidade. Penso naquele sujeito, mas, também, o fluxo do pensar me leva a refletir sobre a manifestação do real, de tremor, de franzir o cenho, vivenciada pela secretária da assistência social, ao tentar discorrer sobre a “identificação deles com aquilo que lidam” e não conseguir elaborar mais. Seu corpo falou por ela. A dificuldade de tantos profissionais em entrar em contato com esta complexa, incômoda, repulsiva realidade. Por quais meios, se é que os há, os profissionais da Saúde e da Assistência chegam a estas pessoas, enquanto agentes do Poder Público? Como é o trânsito destes profissionais pelo Território? Estes questionamentos me atravessam na mesma velocidade com que tudo acontece. Segundo os primeiros relatos de Alessandro, isto não existe. Parece haver aqui um nicho majoritariamente evitado/ignorado/excluído pelos agentes do poder público, ainda. Em meio aos conteúdos difíceis, embaraçosos, angustiantes, por eles abordados – individualmente ou em grupo –, acontecimentos os mais diversos ali eclodem. Por exemplo, afora a movimentação de pessoas que vão e vêm, as alterações devido às urgências relativas ao funcionamento da atividade, o barulho, etc., afora tudo isto, apalpadelas nas nádegas dos colegas, por exemplo, seguidas de gemidos e protestos, em tom de brincadeira, são frequentes. Sempre pondo em questão a masculinidade do outro.

- Luís, que, desta vez, nitidamente dá mostras de desejar participar mais do grupo (embora jamais expressas em palavras), é, por exemplo, alvo de uma investida jocosa de Paulo Sérgio. Em uma das vezes em que Luís se senta, Paulo Sérgio passa o dedo indicador na região do cóccix do colega, leva-o à boca, lambe e, faceiramente expressa agrado. Os demais olham, mas seguem o que é dito, indiferentes. Inclusive quem é alvo da pilhéria. Pouco depois, Paulo Sérgio se afasta. A “conversa” tem prosseguimento. Luís abre a pequena bolsa de couro a tiracolo, em que guarda recibos, dinheiro e o caderno de notas e despeja o conteúdo de papéis no chão. Parece tentar organizá-los, desdobrando-os um por um. Diante da enormidade de papeizinhos, diz: *“Quanta coisa dos outros eu guardo comigo!”*. Eu, baixinho: “Sim. Muito, dos outros.”. Ele olha para mim enquanto volta o conteúdo para o interior da bolsa. Vê minha expressão de aquiescência antes de descer o olhar para o chão, a arrumação. Opto por responder deste modo; sinto que é preciso consolidar-se melhor um lugar na transferência. Embora entenda já ter ele percorrido considerável caminho. Alessandro interrompe, meio em zombaria: “O Rafael precisa conversar. Esta semana queria matar alguém.”. Repete-se ao relatar, por alto, a situação. Eu, em tom baixo, mas firme: “Ainda bem que não matou. [pausa] E aí, Rafael?”. Permanece calado, sentado a pouca distância. O significante matar leva, pouco depois, Paulo Sérgio, sentado novamente à minha frente sobre a cadeira com apenas 3 pernas, encostada contra uma barra de contenção, a comentar sobre um catador/morador de rua hospitalizado em Sorocaba. “Jogaram gasolina nele e puseram fogo”, explica, sem que eu perguntasse. Conversam entre si. “O veado do carro vermelho [participou do ato].” Comentários sobre “quem comeu o veado” entram em cena. Alguns, embaraçados, sorriem. Silêncio da parte dos mencionados; tentativa de manter a dúvida no ar... O semblante de Ademar, entre pensativo e de prazer, passa aparentemente despercebido. Alessandro: “Eu que

não fui.”, e, olhando para mim, sentado no chão ao seu lado, rindo, completa: “Se até em casa já estou com dificuldade...”. Tomo como um avanço: fez uso da primeira pessoa, sem se abrigar nos demais para expor este tipo de dificuldade, ainda que sob a forma de chiste. Paulo Sérgio continua: “O veado do carro vermelho disse que o ‘boi’ [referência a Rafael, deitado no chão]. Que tem um pau da grossura de uma perna. Acho que é por isso que é chamado de boi.”.

- Chega Cilzemar, o *motoboy*. Cumprimenta com um aperto de mão cada um de nós, todos permanecem sentados. Após as típicas brincadeiras, Paulo Sérgio, depois de olhar longamente para a região do meu tórax, diz a Cilzemar: “Eu fico olhando pra você...”, e com gesto abundante e inflexão na voz, segue, “Você tem umas tetas grandes...”. O deslocamento efetuado por Paulo Sérgio é, sem dúvida, espirituoso. Cilzemar, no espírito da brincadeira, solta gemidos e leva as mãos ao peito. Todos riem. Permaneço indiferente. Pouco depois me levanto. “São 2:20.”, digo. Alessandro, com surpresa e expressão corporal de alguém confortável: “Já vai?!”. Que diferença da recorrente fala sobre lamentar não “avisar para [eu] não ir”, penso. Continuo: “Estamos aqui há 2 horas. Tenho compromisso às 3.” Pergunto se Cilzemar está trabalhando. Ele: “Eu sabia que você estava aqui, por isso, vim.” Agradeço. Todos se despedem com amigável alegria; sensação de satisfação pelo atendimento. A moto começa a subir a rua; ainda sorriem e acenam quando olho para trás.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

11/Jan/2014 – Depósito de reciclagem – José Elias, Alexandre (tio de Gabriel), Valter, Ademar, Luís, Rafael, Gabriel. As portas do depósito estão fechadas. Na frente, estacionado sobre a calçada, cobrindo a fachada de entrada, o caminhão, anos 70, modelo 1513. A longa carroceria, abarrotada de material prensado. Entre o caminhão e o prédio, alguns em pé, outros sentados (em cadeiras ou no chão), conversam, fazem cálculos sobre uma mesinha de jardim. A calculadora e o caderno de registro das pesagens sobre ela. Luís comenta: “Já terminamos hoje.”. Em sua fala, traços de ambiguidade: como se eu fosse um catador chegando atrasado para a pesagem ou o psicólogo que havia se atrasado para o seu trabalho. Tomo este caminho: o de *alguém de certo modo aguardado*. Um lugar na transferência, talvez? Estranho, pois, estava no horário sugerido por eles. Digo: “Então, podemos começar.”.

- Cumprimento cada um com um aperto de mão, como de habitude. Hoje, desconforto nos sorrisos. Luís aponta, em silêncio, para o seu braço, para que o cumprimente com um aperto no músculo do seu braço, como para evitar que toque em suas mãos sujas. Eu: “Dá a sua mão em cumprimento, se quiser, Luís”, e estendo a minha. Seu pai, José Elias, se aproxima e me cumprimenta com satisfação; o hábito de levantar o boné enquanto fala e um olhar de soslaio para cima. Conversas amenas; na maioria do tempo brincam uns com os outros, porém de modo bem mais tranquilo, menos ácido, do que nos encontros anteriores. Eu e alguns, em pé, seguimos com a conversa. “Meu irmão [Alessandro] já foi embora. Estava estressado. Tem sido muito difícil trabalhar aqui.”. Se afasta para cuidar de algum detalhe; sempre há algum. Dou alguns passos em direção a Valter, que me cumprimenta de modo receptivo, mas que se posiciona sempre um tanto afastado; embora tenhamos conversas passageiras, às vezes. Mal começo um diálogo com Valter e ouço, meio afastado, mas não em tom baixo, Luís explicar para Alexandre quem sou: “doutor de psicopata”. Olho para ele com um sorriso de ironia e surpresa. Luís, em tom geral, faz referência a Valter como psicopata: a mesma forma de Alessandro falar sobre aquele homem, motivo talvez do seu distanciamento. Enquanto caminho de volta ao grupo, sorrindo, mas movimentando a cabeça ora para Valter, de quem me afasto, e ora para os demais, de quem me reaproximo, procuro imprimir um ar de nulidade

e comento: “Dar esses nomes...”. Luís parece ter assumido neste dia as atitudes diagnosticadoras e frequentemente desqualificadoras do irmão ausente.

- Valter se afasta para realizar algum serviço no corredor que leva aos fundos do depósito, mas volta e se integra ao grupo. Surge um comentário sobre Gabriel “esta[r] nervoso”: “a égua dele sumiu”. Risos. Ele a deixara na beira do rio que passa a poucas quadras dali. “Ele sofre com os animais”, diz alguém. “Quer falar sobre isso, Gabriel?”, proponho. Um barulho enorme vindo da rua nos corta. Ele, sentado, abaixa a cabeça. No seu conjunto, um momento de alto valor significativo. Alexandre, Luís e Valter iniciam uma fala sobre “vivendo e aprendendo”. Diz Luís: “Até o senhor [para mim], com tudo que o senhor sabe, não deixa de aprender.”. Eu: “Com certeza.”. Luís segue comentando que, “além de trabalhar com reciclagem”, também foi pedreiro e trabalhou 7 [?] anos como frentista. “Entendo também muita coisa de caminhão.” Em seguida expressa que “começa[ram] a organizar mais as coisas aqui no depósito”. Aponta para uma placa de papelão, acima de nossas cabeças, com o horário de funcionamento, anexada à parede por um único prego. Começa nela se formar um vinco que a divide ao meio, criando assim duas abas encurvadas que balançam ao sabor do vento. Ainda é possível ler o aviso. Explica: “A gente ficava trabalhando até 9 da noite. Depois, chega em casa e a esposa reclama que a gente não dá atenção pra família...”. Gabriel e outro colega mexem com Rafael: “Tem que ver como a mulher dele fica brava!”. Rafael não reage. Comentários partindo de Ademar, Luís e Alexandre agregam-se em torno da reorganização do trabalho e do “vivendo e aprendendo, por mais experiência que a gente tem.”. Eu, em pé, com Luís, Alexandre e Valter; os demais, sentados. Olho para baixo: “É, a vida pode ter/ser mais que só o trabalho.”. Breve silêncio, pensativos. Luís: “Outro dia, fui ajudar meu irmão limpar o quintal dele. Cheguei tarde em casa. Minha esposa ficou dizendo que eu limpo a casa dos outros, mas não ajudo limpar a minha.”. Ademar, saboreia um gole de sua garrafinha: “Ah, mas a gente já limpa tanto aqui e tem que ajudar ainda em casa!”.

- Luís tece comentários sobre o ciúme das esposas. Pondera: “Olhar, todo mundo olha; agora, ‘cantar uma’ no ouvido de alguma que vem aqui e levar lá pra dentro é outra coisa. A gente cuida pra que o povo aqui não fale mal da gente...”. Alguém pega a garrafa do Ademar. Ele: “Não põe a boca, hein?”. Repete. Valter se aproxima e, entusiasmado, comenta sobre sua casa. Ganhou uma na inauguração do conjunto habitacional inaugurado perto do Natal: “É boa! Tem quatro cômodos grandes, um corredor que vai daqui até a ponta daquela bicicleta.”. Acrescenta que não teria onde morar, não fosse esta iniciativa da Assistência Social. Paga R\$ 47,00 por mês. Diz várias vezes estar feliz. Vêm à tona comentários sobre outras casas sendo construídas. Ademar: “É, mas tem que ter cuidado pra não fazer bem na baixada do rio.”. Perguntam se me lembro “daquela inundaçãõ”. Confirmo e menciono o ano aproximado: 1982-3. Comentários sobre o ocorrido. Alexandre diz que vai para casa: tem que trabalhar depois. Gabriel e Rafael, que permanecem quietos, observam o tempo todo; um outro diálogo: um jogo de desviar o olhar quando tento reafirmar sua inclusão no grupo. Mas não o fazem tão rápido assim para camuflar o ato de olhar. José Elias está na cabine, a essa altura. Notando a dispersão que se inicia, pergunto se “alguém quer ficar para falar um pouco mais”. Alexandre, que se afasta, volta e diz que tem um trabalho comunitário para prestar; parte de uma sentença judicial. Diz: “Quero voltar e conversar com você outro dia.”. Enquanto converso com alguém, Rafael sai do campo de visão. Tudo se dá de modo bastante rápido. Faço a oferta a Gabriel. “Vou embora com meu tio.” Explica referir-se a Alexandre. Luís conversa com Ademar e este também se vai. Luís discute com Valter: “Você devia ter falado comigo o que você combinou com o meu irmão. Agora não posso fazer nada.”. Algo relativo a pagamento.

- Tento me despedir dele e de Valter. Luís parece relutante em me deixar ir. Numa conversa simultânea com Valter e comigo, oferece carona no caminhão. Pergunto sobre o itinerário. Ao perceber que isto os levaria a um desvio de mais de 30 quadras, declino da oferta e explico o motivo. Há uma insistência. Apesar do risco, respaldo-me no princípio de não dar o que o outro quer, a fim de provocar movimentação no sujeito. Mas aponto para algo além de uma mera recusa. Explico meu endereço, como forma de me identificar melhor. Com a palma de minha mão levemente em seu peito, olhos nos olhos, tom suave e grave, para acalmar a tensão entre ele e Valter, da qual indiretamente participo, digo-lhe: “Luís, o dia que vocês *tiverem* que ir para o centro mesmo, e se lembrarem de me oferecer carona, vou aceitá-la de bom grado. Hoje, fica fora de mão para vocês.”. Em meio a toda a conversa, antes de nos despedirmos, tento sair daquele espaço fechado pelo caminhão, que tira a visão da rua; que me impede de ser avistado pelo mototaxi. Mas Luís insiste em manter conversas simultâneas, comigo e com Valter. Isto dificulta que me dirija para a calçada. Por fim, cede um pouco, seguindo com ambos os diálogos até o meio-fio. Nesta semana, no exíguo espaço no qual ficamos restritos, um cheiro de animal morto paira no ar, exalado do material prensado que se aloja no caminhão. Durante a reunião, o grupo, por três ou quatro vezes, o fato é mencionado por Luís com estranheza: “Nossa, que cheiro ruim que tá aqui.”. Ajo com a mesma indiferença de antes frente a esta última menção. Aquilo devia estar ali praticamente a manhã toda. Vou até a cabine e me despeço de José Elias. Luís mostra-se surpreso quando o *motoboy* estaciona: “Você ligou?!”. Eu: “Do seu lado. Você não escutou?”. Breve abraço e aperto de mão em despedida. Tempo de permanência: aproximadamente 60 minutos.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

18/Jan/2014 – Sábado - Depósito de reciclagem – Em sol de meio-dia aguardo por um dos três serviços de mototaxi contatados para me levar ao depósito. A temperatura é de aproximadamente 40 graus. Em casa o termômetro marcava 30 graus antes de sair. Observo o trânsito intenso no cruzamento de duas avenidas vitais para o fluxo da cidade: pouquíssimos pedestres. Números recentes da ambiência quantificadora que nos envolve, enquanto organizadores da vida social, passam pelo meu pensamento. Em termos absolutos, na Alemanha e EE.UU. há 1 veículo para cada 2 pessoas; no Brasil, a proporção é de 1 para 4, já aí computada a recente explosão de motocicletas. Penso em como estes números ocultam um aspecto importante: a distribuição. A demanda por transporte coletivo em todo o país e – ainda que em minúscula escala – o simples fato de todos os pontos de motocicletas estarem com demanda superior à oferta parecem confirmar a tese de desigualdade mascarada pelos números generalizadores. Já são 50 minutos desde meu primeiro telefonema, tendo reiterado o pedido a cada 15 minutos. “Todos estão fora em corrida.” Avalio a distância e o forte calor. Concluo que não conseguirei ir a pé, nestas condições. Tento contato por celular com Alessandro, a fim de cancelar minha ida. Na caixa postal, registro o motivo. De volta a casa, envio uma mensagem de texto. No caminho de volta, avisto Neide, catadora que conheço há quase 10 anos. Pergunto sobre seu marido, Carlos. “Ele teve outro derrame, agora, no joelho. Tá sem andar de novo.” Quando pergunto sobre o material da farmácia em frente ao edifício em que moro, responde que ficou “sem graça de pedir para o pessoal ajudar a descer o material” da sobreloja e levá-lo até seu carrinho, tendo, portanto, desistido daquele “fornecedor”. Volto a perguntar sobre Carlos: “Ele fica sozinho, vendo televisão.” Expresso surpresa ao fato de ninguém o visitar. Ela: “Faz uns [6 meses] que estamos esperando uma operação em [cidade]. Vamos voltar lá semana que vem.”. Quanto a ela, diz estar “bem, apesar de fazer todo o trabalho sozinha”. Ao nos despedirmos, o convite: “Passa lá em casa: rua tal, número tal. Você vai ver meu carrinho e outras coisas na frente.”. Anoto na mão o endereço, comprometo-me a fazer-lhes uma visita nos próximos dias. Uma naturalidade marcante. [Realizo a visita, conforme prometido. As anotações foram registradas.]

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

25/Jan/2014 – Sábado - Telefone para Alessandro para justificar minha não ida ao depósito para o atendimento. Não responde. Encaminho uma mensagem de texto na qual explico tratar-se de problemas de saúde na família. Nenhuma resposta de recebimento, como na semana anterior.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

1/Fev/2014 – Sábado - Depósito de reciclagem – Chegada ao depósito antes do meio-dia. A atividade é intensa. Cerca de 10 pessoas, entre catadores e o pessoal do depósito estão às voltas com a pesagem, carregamento de *bags* em dois caminhões e deslocamento de outros para o interior do depósito. Tentam também pôr um pouco de ordem na frente do prédio: varrem, amontoam *bags* e outros materiais em montes, com outros descartes. A sombra da marquise, precária, é nosso único abrigo do sol no dia super quente! Uns 40 graus, dizem. Música em alto volume, porém um pouco mais baixo do que nos primeiros dias. Estão, de fato, muito ocupados. À medida que transito, troco algumas palavras com um e outro: um aperto de mão, um toque no ombro, um sorriso, seguido do nome dos já conhecidos. Faço também contato com Luan, um jovem de 15 anos que me informa ser sobrinho de Gabriel. “Comecei aqui esta semana.”, diz. Curioso em relação à presença do estranho, realiza suas incumbências com prontidão, de modo a retornar e ficar por perto. Olhar e escuta atentos. Procuro incluí-lo nos diálogos, endereçar-me a ele, sempre que possível. Cursa a 8ª série, diz gostar de ler (“Vou começar/voltar ler semana que vem.”); quer ser advogado. Ao ouvir “quero ser advogado”, em tom grave, perto de sua orelha, a uns 40 cm - único modo de se comunicar naquela barulheira – sem ter de gritar, expresso: “É possível, Luan. Insista.”. Luan emite um som de concordância e assente com a cabeça. Sai trabalhar, volta, pouco depois.

- Minha expectativa era de encontrar um ambiente mais hostil, devido à ausência de duas semanas; espaço a ser novamente conquistado. O que encontro, contudo, é um clima de surpreendente permeabilidade, apesar do corre-corre. Entre uma tarefa e outra, muitas de considerável distância, às vezes os auxilio, possibilitando que algo seja dito. Distância mais do que física, assim o vejo. “E aí, Gabriel, como estão as coisas?” Ele: “Bem”, alongando-se na vogal e no nasalado final; tentativa de imprimir convicção àquilo que enuncia. “*A única coisa é o meu cavalo*. Encontrei ele uns dias atrás. Ele some muito. Preciso arrumar um sítio pra ele ficar, pagar um aluguel.” Comenta que o cavalo sai pastar nas margens do rio ali perto “e some”. “Tenho medo que um caminhão pega e leva ele.” Seu olhar preocupado é desviado ao ser solicitado para uma tarefa. Penso na riqueza do enunciado, não explorado, mas também satisfeito com a possibilidade de abertura; um rapaz tão silenciado. Mais tarde, quando notoriamente dá mostra de um desejo de falar mais, ao escutar o sobrinho comentar sobre seus objetivos, revela: “Eu fui só até a 6ª série.”. Pergunto se gostaria de continuar. “Pra quê? O professor fica xingando a gente!”, responde em tom indignado. “O que não tem obstáculos? Como lidar com eles?”, expresso de modo pensativo, olhando para o chão, segundos antes dele se afastar.

-José Elias, surpreendentemente, se aproxima. Observa com discrição ter notado minha ausência. Coloco-o superficialmente a par dos motivos e das tentativas de contato. Aproveito para perguntar sobre Alessandro, outra vez ausente do trabalho de sábado, no intento de, delicadamente, registrar ter igualmente notado sua ausência. (O que acontece com Alessandro?; penso. O que de mobilizador para o sujeito pode também concorrer para suas ausências?) Sua resposta é vaga e desencontrada em relação aos comentários dos demais, em que explicavam sua ausência com expressões como: “muito estressado”, “não sei o que deu nele, largou tudo e se foi”, “dor de cabeça”... sempre aos sábados. Seu pai discorre sobre o

excesso de trabalho. Por fim, comenta: “Já tenho mais de 70 anos [levanta o boné, pondo à mostra os cabelos brancos, olhar estreito para o alto, como a saudar e a agradecer instâncias superiores por estar vivo] e procuro não levar problema do trabalho pra casa. Chego em casa, tomo um banho, vou pra igreja... A vida precisa ser mais tranquila.”. A certa altura, em tom de reconhecimento pela disponibilidade para com todos, diz: “Pena que você chegou agora. Você ta vendo o tanto de serviço. Vamos ver um jeito da gente sentar e conversar [como antes].”. Com poucas palavras explico que tenho vindo no horário sugerido por eles, mas que isto pode ser modificado. José volta ao trabalho.

- Valter, em uma pequena folga, vem e diz estar muito satisfeito com a casa que acaba de adquirir: “Já paguei a primeira parcela, direitinho.”. Pergunto se a prestação é de R\$47,00. Com ar de satisfação (por me lembrar do valor aproximado?), corrige: 43. “Mas é a primeira coisa que eu já reservo de dinheiro.” Ao ser indagado sobre morar sozinho: “Vou aumentar a casa e trazer minha mulher pra morar comigo.”. Quando pergunto sobre filhos, se aproxima ainda mais e, mirando em meus olhos, em tom calmo, profundo, acrescenta: “Eu tenho dois, mas eles não têm o meu nome.”. Repete-se e se afasta. Pouco depois, retorna. “E aí, Valter, o que você vai fazer depois, hoje e amanhã?” Ele: “Vou bater estaca. Fazendo o alicerce de mais 1 cômodo.”. Um vizinho o ajuda na empreitada. Falas suas que revelam um mundo de solidariedade, cooperação, com potência de tomar proporções de transformação social, emergem. Pensamentos que surgem em mim, enquanto ouço os detalhes. Orgulhoso, comenta sobre suas habilidades na área da construção; competência muitas vezes “maior que de gente estudada”, acrescenta. Ecos da fala inicial? Sai à cata de uma vassoura. Poeira, terra e detritos sobem no ar em meio ao vento e uma varrição apressada. Reflito sobre o contraste com os rótulos de “louco” e “psicótico” com os quais Alessandro procura encapsular este sujeito.

- Luan, que também atua como garoto de pequenos fretes, volta do mercado, pela segunda vez, com uma pequena garrafa de pinga e um pacote de Q-Suco, a pedido de Luís. É-lhe solicitado que também ajude a varrer a frente do galpão; o que acata prontamente. Observo seus chinelos surrados e os pés com várias cicatrizes; dois cortes razoavelmente profundos ainda não cicatrizados. Enquanto mistura o conteúdo do envelope à pinga e ingere alguns goles (fato novo para mim), Luís inicia uma conversa. Fala do calor, do cansaço. De fato, apresenta mais descuido na aparência; barba por fazer há semanas, provavelmente. Cansaço, mas sem perder a gentileza. Olho para o caminhão estacionado, sendo carregado. Grades laterais com talvez 2m de altura dão contenção ao que ali é empilhado em ritmo acelerado. Pergunto sobre o destino daquilo tudo. “Isso aí vai pro lixão, pro aterro; não tem mais utilidade nenhuma.” Após insistir na pergunta se não passaria por outro processo de seleção no local, ele continua: “Uma máquina passa por cima disso aí despejando terra. Não pode ter gente no aterro.”. História da carochinha para a quase totalidade do território brasileiro. Reflito sobre o quanto há por fazer na área da reciclagem. Só ali, para descarte direto na natureza, 2 pára-choques de automóveis tipo Sedan, 1 colchonete encapado com napa em boas condições, muita madeira de demolição, etc. O pensamento me remete para um documentário sobre engenheiros/empresários chineses e os carregamentos de navios com matérias de todos os tipos, de botões plásticos a enormes pedaços de metal, adquiridos de outros países asiáticos: Índia, Japão, Indonésia... Ao final de sucessivas etapas de seleção, o que resta de um navio inteiro é um amontoado de terra, cascalho e detritos com pouco mais de 10 cm de altura e 40cm de diâmetro.

- Com os significantes desperdício/despreparo/abandono em mente, desvio o olhar e avisto José Elias removendo o amontoado de detritos resultante da varrição, quase da proporção aqui descrita. Suas mãos em concha, como pás, sobem ao ar e se deslocam levando o material escuro, retirado do chão, até um recipiente; parte dele escoar de volta ao chão. Raspa as mãos

no cimento, criando novos montes, menores, a fim de captar o material perdido. É imediato meu pensar: o que é isso que leva estas pessoas – que se utilizam de termos como “bactéria”, que atesta certo grau de informação – a *precisar*, talvez, lidar de modo quase que fusional com dejetos, ignorando a existência/possibilidade/uso dos mínimos equipamentos de trabalho?

- De dentro do galpão, à medida que tudo se aquieta, uma cantora parece esgoelar a música “Maldito Coração”. Pergunto a Rafael, que dá partida no caminhão e me olha: “É Roberta Miranda?” Sorrindo, parece concordar e acrescenta: “Você gosta?!” Respondo: “É bonita.”, mais para agradá-lo, embora me seja indiferente. Só havia escutado a parte final do refrão. O volume diminui sensivelmente. Uma versão sertaneja de “Casa no campo”, de Zé Rodrix se inicia. A memória de Elis me atravessa doendo e penso na constante permeabilidade entre o que é popular e da elite, Bethânia e Zezé di Carmargo, Villa-Lobos e os temas do folclore...

- Gabriel surge ao meu lado com um pesado maquinário, como que a examinar seu funcionamento. Eu e Luan: “O que é isso?!”. Ele: “Uma bomba de compressão.”. Acho lindo e propício o surgimento deste signifiante; produzo uma escansão, em aposta. Segue avaliando o equipamento, em silêncio; depois, tenta nos explicar seu funcionamento. Pergunto sobre a agenda eletrônica encontrada semanas antes, que guardara para si: “Não tinha mais concerto.”. Some pela lateral.

- A música cessa, as atividades também. Um zunzum contínuo e forte ali, no interior do galpão, a menos de 1 metro, chama minha atenção. Um saco de estopa, fechado, pendurado perto da porta corrediça. Está preto, tomado por moscas aderidas à superfície externa, um enxame. Meu nariz detecta o cheiro pútrido que dele exala. Pelo visto, ficará ali durante o fim de semana. O papelão, apesar de desmilinguido, enrugado, atesta um esquema objetivado de trabalho que mais ou menos têm procurado seguir. No chamado para um último esforço, os sete ali restantes se reúnem para levar para dentro um *bag* diferenciado. Conclamando um esforço maior, geral, na sincronia dos movimentos, Luís, já sem fôlego, desabafa: “Este tem 120 k.” Tarefa, de fato, extenuante.

- Os encontros, conversas que visam a um atendimento com incidência clínica, se dão, como de costume, em meio a brincadeiras que, nas últimas semanas, observo terem ocorrido com menor frequência. As referências sobre a possível homossexualidade do colega e sobre traição conjugal são geralmente menos cáusticas. Em certo momento, Luís, rindo: “O Luan mal começou a trabalhar aqui e já ficou veadinho como a gente.”. Luan nem dá trela à pilhéria. Para Rafael, um colega diz que vai à casa dele “comer sua esposa”, para “ela ficar esperando”. Curiosamente, desta vez, ao invés do típico silêncio e olhar cabisbaixo, resignado, Rafael olha para mim e para o interlocutor com amplo sorriso e, por meio de gestos e poucas palavras, expressa que o visitante/intruso encontraria à sua espera dois pit bulls para morder-lhe as pernas; ele que ousasse! Rio discretamente com os demais e reflito que o ambiente está diferente nas últimas semanas, menos agressivo.

- Tudo, agora, fechado. A rua também parece ter se aquietado. Incrível. Um semideserto se instala. Ademar, que naquela hora e meia só tivera tempo para um cumprimento, mais os seus colegas, Valter e Luan, olham de longe, do outro extremo da fachada do depósito, a uns 9 metros, como que à espera. Algo nos semblantes sinaliza o desejo de falar – e certo acanhamento: os olhos que sobem e descem, a cabeça que se desvia e volta a fixar-se em minha direção; melhor que isso, difícil explicar. Despeço-me de José Elias e Luís, comento que vou ficar ali mais um pouco, para conversar com os três. Antes de subir na cabine, José Elias volta-se e diz: “Fique à vontade.”. Sinal interessante, penso, tomando-se no conjunto

seus comentários anteriores e comportamento distanciado, de anteriormente. Por outro, um indicador de posse do outro, mesmo fora de seu horário de trabalho.

- Com tranquilidade, mas sem perder 1 segundo, pois as oportunidades ali são fluidas: “Ademar, como estão as coisas?”. Sim, aguarda. No breve relato, notórias a tristeza e a tentativa de conviver/superar o afastamento de Rogéria. Com olhar meio perdido, desfocado, diz: “ela anda por aí”; às vezes, têm-se encontrado. Ela, num vai-e-vem. Neste dia, em momento algum vejo Ademar beber de seu “suquinho”. Olho para os pés de Luan e pergunto sobre sapatos para ele usar no trabalho: “O Luís prometeu, mas esquece.”. “É possível falar todos os dias, até ele se lembrar? Olha seus colegas, todos com botas.”, comento. Ademar e Valter alertam breve mas seriamente: “É. Pra lidar com esse serviço não pode ser assim, não.”. Valter traz um relato sobre um corte profundo em sua cabeça, resultante de uma queda num rio. Guiado por sua mão, sou levado a percorrer toda a extensão da cicatriz, escondida sob o cabelo, de lado a lado. “Dava pra entrar nele [no corte] com a mão assim, ó.”, faz um gesto. Comenta ter “quase morrido”. Teve uma inspiração para o tratamento: uma infusão com pinga, fumo e diversas ervas: “Coloquei minha cabeça ali. Tem que ver como é que ficou a água!”. Após o ocorrido, várias pessoas o procuram para conselhos sobre tratamentos caseiros. Repete algumas vezes: “Sou como um psicólogo.”. Por quase 20 minutos ali permanecemos. De repente, Ademar e Luan somem pela rua. Nem me recordo se houve despedida. No contato com catadores, é comum essa fluidez/volatilidade no trato com o outro, um traço marcante, pelo menos nesta minha experiência. Produzo um corte na repetição psicólogo-raizeiro. Despeço-me de Valter: “Semana que vem estaremos aqui, Valter.”. Mal tiro os olhos do celular, chamando um mototaxista, e já o avisto longe, pelo asfalto quente, indo “fazer [seu] alicerce”. Que riqueza de sentido! Tempo de permanência: aproximadamente 2 horas.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

8/Fev/2014 – Sáb. – Depósito de Reciclagem – 11:45 h. Ao me aproximar do depósito, noto que está fechado. Tudo limpo, a frente completamente organizada. Diferentemente das outras vezes, nenhum recipiente com materiais pendentes para seleção, em uma das extremidades do prédio. Vejo a plaquinha de papelão a mais de 2 metros de altura, engrunhida, balançando. “Devem ter terminado mais cedo. Vamos para casa, por favor.”, digo ao motoqueiro.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

15/Fev/2014 – Sábado – Depósito de Reciclagem – Cauteloso, vou com 1 hora de antecedência. São 11h quando paro diante do galpão novamente fechado. Impecável a limpeza do local. Com ele assim, fechado e desobstruído de materiais, apreendo melhor o seu tamanho. A placa não mais se encontra na parede. O entorno, um deserto. Desço da moto e olho, penso. Avisto um “senhorzinho”, velhinho miúdo que reconheço ter encontrado antes. Ao se aproximar, pergunto pelo “pessoal da reciclagem”: “O depósito tem funcionado de 2ª a 6ª-feira.”. Comento que o conheço dali. Com satisfação, diz ter também me reconhecido. Com um aperto de mão, nos despedimos. No caminho, o motoqueiro, coincidentemente o mesmo da semana anterior e que sabe da pesquisa junto aos catadores, expressa preocupação: “Não é ruim isso, João? Será que eles fecharam?”. “Não sei, ainda.”, respondo. “É preciso olhar isto dentro de um conjunto maior. Pode até ser um movimento interessante para eles. Podem estar se organizando melhor, diversificando seus interesses, cuidando de outras urgências, sei lá. Diziam que sentiam falta de tempo para outras coisas, estar com a família. Faltar a 1-2 atendimentos também pode ajudar a avaliar sua importância... Vou voltar no meio da semana, pra poder entender melhor.”. Em meu íntimo também me pergunto: “Nosso tempo/trabalho juntos terá – seria possível avaliar por quais motivos? – chegado ao seu limite?”.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

28/Fev/2014 – Depósito de Reciclagem – Sexta-feira – 10:00 h – O depósito está aberto. Luís cuida de pesar o material de dois catadores: um senhor idoso e uma travesti. No interior do depósito – bastante esvaziado, comparado às últimas visitas – 1 funcionário em atividade. Embora deseje me aproximar daqueles dois sujeitos que não conheço, não o faço, pois demandaria certo tempo. Meu objetivo é ser direto, para mobilizar algo no grupo, ainda que via relato. Tampouco pergunto pelos demais. Opto por uma abordagem mais direta, cortante, desta vez. Peço para o mototaxista deixar o veículo ligado. Luís sorri com suavidade ao me aproximar. Um breve aperto de mão. Ele: “A gente não está mais trabalhando no sábado.”. Eu, procurando imprimir um tom de indiferença à voz e ao semblante: “Percebi. Vim duas semanas seguidas. Como vocês não me telefonaram...”. Deixo a frase em suspensão. Enquanto ajeita o material sobre a balança, ele comenta: “A gente tá aqui até sexta-feira.”. Eu: “Luís, vocês querem continuar com as conversas, os atendimentos? Seja franco. Neste caso, quando seria melhor pra vocês?”. Ele, com um movimento da cabeça, confirmando a primeira pergunta, e acrescentando: “Sexta tá bom. Lá pelas 10 para às 5.”. Eu: “Volto semana que vem, então?”, corporalmente sinalizando estar em retirada, o corpo contorcido, a moto na mira. Ele: “Não! Pode voltar hoje mesmo.” Dou um passo de volta, em sua direção, para um aperto de mão de despedida. “Dez para às 5. Até mais.”, repito, com leve sorriso.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

28/Fev/2014 – 16:30h – A movimentação no local é grande. O caminhão do depósito estacionado sobre a calçada, abarrotado de *bags*. Alessandro, Gabriel e Ademar, na carrocera, incumbem-se de deslocar fardos pesados até a beirada e derrubá-los para que Luís, Rafael, Alexandre (que não conheço), no solo, os desloquem para o interior do prédio. Enquanto pago pela corrida, Gabriel me olha de longe, surpreso, e sorri. Comenta algo com os colegas, denotando minha chegada. Percebo seu sinal de agrado. Alessandro aproveita a fração de segundo de distração do rapaz e, com tom de troça, em voz alta, começa com suas falas desqualificadoras: “O que é isso? Parece que tem o cérebro congelado! Tá travado?!”, e por aí vai. Olha, como para se certificar de que o escuto.

- Neste momento, procuro me aproximar do catador que ainda não conheço. Ao dizer seu nome, Alexandre, penso no tio de Rafael, a quem fora apresentado rapidamente semanas antes, e pergunto se por acaso se trata da mesma pessoa: “Não. Eu sou o funcionário mais antigo deles. Briguei com o Alessandro um tempo atrás. Fazia mais de 4 meses que eu não vinha aqui.”. O incidente é mencionado outra vez, mas se afasta para auxiliar com outra leva de *bags* que é atirada no chão, perto de nós, levantando muita poeira.

- Em poucos minutos, com a chuva que se inicia, o impacto com a queda passa a respingar em nós muito barro (e sabe-se lá o quê, penso). O ritmo é intensificado à medida que a chuva se torna um pouco mais forte; muito material ainda a ser transferido. Percebo que a maior parte do carregamento é de papel. Quando o montante se reduz à metade, Alessandro desce e se aproxima. Luís toma a posição do irmão e, com o auxílio de Gabriel, intensificam o processo de descarga. O pessoal no solo também tem de se apressar para transportar os “mais de 400 kilos de material impresso”, conseguidos de um supermercado. Esta informação chega a mim por meio de Alessandro, durante a breve conversa: “Este material precisou ser colocado todo em *bags* porque, se a empresa ver que tudo isso [folhetos em papel *couché*] não foi entregue na rua, pode dar problema pras pessoas que eles contrataram pra entregar. Foi um sufoco pôr isso nos sacos e carregar e, agora, pra descarregar.”.

- Em súbita mudança de assunto: “E aí, tudo bem o problema de saúde na sua família?”. Com leve sorriso, respondo: “Então você leu...”. Isto o leva a comentar que não trabalham mais aos sábados, que precisava “*dar um tempo pra cabeça*”. Emito um “hã”. Na sequência, corrigindo-se, diz que “precisava dar uma folga pro pessoal, porque senão, eles iam *espraiar*.”. Noto a ambivalência quanto à intensidade: quantos tipos de intensidade estariam ali em jogo? Após breve pausa, nova pergunta, com poucos detalhes informo sobre a melhora de minha irmã. Quando ouve a expressão “marca-passo”, demonstra surpresa. Faz algumas perguntas sobre seu funcionamento e pergunta sobre a taxa de batimento “normal”. Surpreende-se outra vez com o que digo e acrescenta, como se houvesse algo errado consigo: “O meu às vezes é 65!” Eu: “Depende da situação, do momento, da posição em que você se encontra, Alessandro. E também da pilha do seu aparelho.”. Comenta sobre uma “dor no calcanhar”. Procurando primeiro deixar a coisa mais na superfície, mas com a noção “dentrofora” como hipótese, eu: “Alguma coisa com a bota? Você verificou por dentro?”. Uma aposta que, concomitante com a linguagem aparentemente reduzida ao referencial, algo possa também se insinuar. Ele: “Esta bota tem só dez dias...”. Pequena pausa e continua: “Mas aí, agora, começou doer o calcanhar do outro pé. Passou pro outro pé, também.”. Eu: “Ah...”, misterioso, pensativo. Ele, meio satisfeito por utilizar um termo diagnosticador: “Eu pensei que fosse esporão, mas agora não sei mais.”. Na sequência, comenta sobre uma dor no seu braço, um pouco acima do pulso: “Faz ficar duro, incha aqui, ó. Não dá pra movimentar.”. Eu: “Quando foi seu último exame de sangue?”. Surpresa em seu semblante; congela. Pensativo: “Uns dois anos atrás.”. Alexandre, que segue a conversa, interrompe: “Pode ser reumatismo.”. Eu, evitando os termos reducionistas, comento: “Já que você mencionou [para Alexandre]. O exame pode esclarecer estas coisas. [para Alessandro] É importante. Mas tem também outros caminhos pra se analisar.”. Não leva muito para Alessandro sair e envolver-se no serviço executado no solo, arrastando, apressadamente, pesados *bags* e dizendo aos demais: “Fulano, ta vendo? Tem que puxar com *raiva*!”. Semblante condizente. Frase que repete algumas vezes, olhando para mim, expectador impassível daquele esforço. Considero as mobilizações a partir do que acaba de ser dito.

- Pouco depois, está ele pra lá e pra cá, tentando, com seus colegas, um trabalho coordenado de levantamento dos pesados sacos, a fim de empilhá-los no interior do prédio. Ao fazê-lo, emitem urros os mais variados, enquanto fazem pilhéria uns dos outros, sobre alguém estar “fraquinho”. No corre-corre, por duas ou três vezes acabo também removendo alguma coisa pesada do caminho – carcaça de carrinho de supermercado, por exemplo – que não está no campo de visão deles, dos carregadores, mas que emperra a passagem dos *bags* que transportam com pressa. Por um instante, desloco o olhar para a carroceria e vejo que Luís e Gabriel praticamente terminaram sua tarefa. Aguardam que os colegas do solo liberem o espaço para soltar os últimos fardos. Neste momento, algo inusitado: cada um deles se apóia contra as altas grades laterais da carroceria, como que atados a elas, braços presos às costas pelos punhos entrecruzados. Olham para mim. Corpos ofegantes, músculos à mostra, descendo à região do baixo ventre, visível devido ao cós baixo das calças. Cabeça, quadril e tórax levemente inclinados, consoantes com a flexão de uma das pernas; pés cruzados, como que também atados. Estranhamente, um largo sorriso como que à espera de serem vistos. A impressão é de uma imagem espelhada. Alegria pueril e eroticidade, juntas, naquele ato. Do solo, associo a cena a um quadro de São Sebastião. Respiram longamente, ofegantes, recuperam-se do esforço intenso de sua disputa contra a chuva. Agora, um sorriso cansado. Um quadro emblemático, um superssigno, penso-o com Peirce. O sofrimento e gozo daqueles sujeitos que, a partir da reciclagem, fazem seu sintoma/sinthoma e que, por meio dos mecanismos de subjetivação contemporâneos, no seu limite, os levam a se colocar – por amor na transferência – ali, como objetos sensuais. Juntamente a estas considerações, que ocorrem

rapidamente, ao perceber que a posição persiste, sorrio-lhes de volta, em reconhecimento ao ato de narcisismo e corto a cena aparentemente destinada a ser contemplativa.

- Desvio a escuta para Ademar, a poucos metros, que desfruta de uma pequena folga. Vou ao seu encontro. Ademar afirma “est[ar] bem, vivendo [sua] vida: “Vivo um dia de cada vez, não faço planos pra amanhã.”. Ao insistir em “eu estou bem”, com muita inflexão no pronome, pergunto: “E quem não estaria?”. Abaixa a cabeça com certo pesar. Assumo o risco de introduzir um assunto que lhe é caro: “E a Rogéria, *voltou pra você?*”. Ele: “Ela está lá em [cidade].”. Um “lá” prolongado que parece tentar trazer o *quantum* de sua solidão face ao afastamento da companheira. Tece poucos comentários e comenta ter ido visitá-la: “Passamos um dia juntos.”. Ademar repete sua última fala. Entre uma interrupção e outra de alguém, pela disputa da garrafinha com pinga, com ele reservando para si o gole final – sempre sem tocar os lábios no gargalo –, Ademar expressa que planeja ir pescar no dia seguinte. Não trabalham mais aos sábados, afinal; diz.

- Gabriel, que não percebo quando desce da carroceria (tudo acontece muito rapidamente, importante lembrar), aparece com um caixote e se senta ao meu lado. Por ser um local de trânsito para dentro e para fora do prédio, inviável para me acomodar sentado, pois o espaço é disputado pelo vai-e-vem da operação de estocagem, procuro apoio contra o batente da porta corrediça e me curvo, a fim de nos posicionarmos mais horizontalmente; de modo a viabilizar que, assim, ele possa optar por falar. Pergunto-lhe como está. Diz que está bem. Ante seu silêncio, pergunto sobre o sobrinho Luan: “A escola começou; ele não trabalha mais aqui.”. Eu: “Ele estuda em tal escola, não é mesmo?”. Confirma. Dar mostra de que me lembro de algum detalhe de suas vidas geralmente acarreta a manifestação de um traço de satisfação, podendo abrir caminhos. Pergunto sobre seu cavalo. Comenta que “está em casa”, “está bem”. Indago se há espaço suficiente no quintal. Gabriel esclarece que “alugou um espaço pra ele num sítio”. Paga R\$10,00 por mês. Pergunto o que planeja fazer no “seu dia de folga”. Diz que vai pescar com o tio e o sobrinho. “Vamos hoje à noite. Voltamos de lá hoje umas onze horas da noite, e vamos amanhã cedo lá pelas seis.” Dos fundos do depósito surge Alessandro com um carretel de pesca nas mãos. Rindo, acusa Gabriel de ter “escondido” o objeto encontrado no descarte. Por fim, Gabriel afirma, tranquilo, olhando para mim: “Eu tenho outros em casa.”.

- Rafael retorna de uma incursão mais demorada atrás do prédio. Ao responder algo para Alessandro, este: “Não pega na minha mão! Cagou lá no fundo e não lavou a mão.”. Rafael tenta agir com naturalidade, mas se afasta e vai trabalhar. Transito um pouco e me encontro com Rafael. Tem agora uma revista Caras nas mãos. Olha para a revista, como em inspeção de alguma reportagem e fotos, e volta os olhos para mim; assim, sucessivamente. Por fim, decide reservá-la em um canto e segue com o trabalho. A questão agora é se organizar para irem à casa de Alexandre buscar um material que este tem para vender. “Ele ficou de ir buscar ao meio-dia e olha a hora: quase seis da tarde.”. Percebo que estão bem fora da escala de trabalho pretendida, hora de encerrar as atividades. Alessandro, a certa altura: “Eu ponho a placa aqui com o horário mas o povo não respeita o que eu digo!”. José Elias aparece e me cumprimenta: “Estava no fundo fragmentando um material.”. Em pouco tempo, há quatro caronistas dentro da cabine: Alessandro. Rafael, Gabriel e Alexandre, mais o motorista, José Elias. Dois sentados no pequeno banco de acompanhante e dois de frente, sentados no painel. Garoa ainda quando saem para o recolhimento do material de Alexandre.

- Ademar vai para dentro trabalhar. Luís e eu ficamos na frente. Não demora muito e um catador, Marcos, chega com um carrinho abarrotado. Apesar dos protestos de Luís quanto ao horário, já extrapolado em 45 minutos (o novo prazo para os catadores seria até às 17h), acaba

por permitir que descarregue. Marcos tenta ser o mais rápido que pode, buscando *bags* no interior do prédio para a transferência do conteúdo do seu carrinho para estes recipientes e finalmente colocá-los sobre a balança. Chove um pouco mais forte e ele anda com dificuldade. Noto que um de seus pés tem o dobro de tamanho em relação ao outro e segrega muito pus. Em uma de suas idas até o carrinho, apesar de estar com ambas as mãos vazias, talvez também por se sentir observado, ainda que eu tente ser discreto, leva sua boca até o nó de um saco plástico de 50 quilos, que tem atado ao carrinho, sujo, molhado de chuva, com água barrenta que dele escorre, e o rasga com os dentes, como um cão. Posiciono-me tranquilo frente ao que tomo como seu modo de apresentar-se. Ele, então, com as mãos, vasculha seu interior e retira aos poucos o material contido. Tento uma aproximação, enquanto executa com o maior esmero possível sua tarefa de organização para a pesagem. “Coitado”, diz, em referência a Luís, “já passou do horário mas ele acaba me ajudando mesmo assim.” Pergunto seu nome, mais tarde um pouco, sua idade: “Amanhã faço 45 anos.” Expresso surpresa: “Achei que você tivesse uns 30.”. Seus lindos olhos azuis e sorriso agradecido aludem à existência de um rapaz outrora bonito. Marcos apresenta um discurso articulado. Sobre suas origens, diz ser natural do Mato Grosso; informações que revela enquanto o persigo pela calçada e transfere o conteúdo de todo um dia de trabalho para vários recipientes. No processo, muito resíduo respinga. Quanto ao pé machucado, relata: “fiquei prensado em uma máquina pesada, o pé foi esmagado”. Levanta a bermuda e mostra a parte da coxa de onde o tecido foi retirado para o enxerto. “Isso foi há cinco meses.”, finaliza. Eu, passando-me por ingênuo: “Você segue com o tratamento?”. Ele: “Tratamento?!”. Marcos para subitamente com tudo que faz; seus olhos, profundos, em mim: “Tratamento só lá de cima.”. Aponta para o céu e volta a remover da calçada os últimos descartes que negocia. Recebe R\$14,00 pelo conteúdo que apresenta. Luís o paga com notas de R\$2,00; conta e reconta. Chega a retirar o dinheiro da mão do catador para mais uma verificação. Acho aquilo humilhante. Ambos brincam.

- Outro catador, José Roberto, 29 anos, chega ao local. Também a travesti encontrada no período da manhã; mas não se demora. Conversa alguma coisa muito específica com Luís, que não ouço, e se vai. O barulho vindo da rua, véspera de feriado de carnaval, ruído intensificado pela fricção dos pneus no asfalto molhado, o esforço do motor dos carros, a música vinda do interior do depósito, são de proporção estratosférica, condições de trabalho muito estressantes. Luís suspende o serviço; de repente o avisto a uns 30 metros, batendo palmas na casa de uma vizinha, rua acima. Volta com uma garrafa pet de 2 litros, com água gelada, e dela bebe. Neste ínterim ouço José Roberto. Mal diz seu nome, estado civil, idade e comentários gerais sobre seu dia de trabalho (“Este material eu juntei trabalhando desde 7 horas da manhã.”), José Roberto acrescenta: “Isto é pra eu comprar leite e fralda pra minha netinha que o vagabundo do pai dela não sustenta.”. Repete o desabafo. Aos poucos sou informado que não se trata de seu filho, mas seu genro. “A gente precisa ter muita força de vontade e não ter vergonha daquilo [com o que] trabalha.” Com estas palavras, levanta um dos *bags* e dirige-se para a balança. Ao final do processo – José Roberto ficará ali por um bom tempo –, recebe aproximadamente R\$40,00 pelo material; algo próximo ao valor de sua expectativa original, quando por mim questionado, na ausência de Luís: “Acho que uns R\$30,00.”.

- Luís começa a chamar por Ademar, para uma ajuda extra. Estou em uma extremidade da entrada do prédio, sob a marquise. Marcos, ocupado, limpa a calçada e José Roberto, na outra ponta do prédio, carrega para dentro do depósito o material que vendera, juntamente com Luís e Ademar. Olho para a rua e vejo os ônibus que parecem desovar trabalhadores(as) do comércio e da indústria, num ponto em frente ao terreno baldio, ao lado. Geralmente uniformizados, cansados. O ponto de ônibus é coberto, mas, ironicamente, nenhum

calçamento para pedestres diante de todo aquele descampado, área de quase um quarteirão. Olho, indignado, com o poder público em meu pensamento, as inúteis tentativas daquelas pessoas para não pisar nas enormes poças da água barrenta que desce do terreno baldio e se acumula sobre o asfalto irregular. São 18:15; carros passam. Pessoas ainda com tanto pela frente: mais trabalho, escola noturna... Revoltante.

- Neste momento, desvio meu olhar para o depósito e vejo Luís deslocar um fardo. Seu esforço é grande. Enquanto vem em minha direção, a uns 6 metros de distância, ofegante devido à tarefa, sorri e diz: “*A memória vai lá no fundo do poço. Tem que ir lá no fundo, na raiz, pra puxar pra cima um negócio desses.*”. Incrível o modo de fusão que se elabora nele, entre elementos subjetivos e o “concreto” com que lida, em seu endereçamento a mim, penso na hora. Nosso ponto de encontro, a meia distância de ambos, é a balança de chão. (Outro grande emblema nesta cena.) Ao dela nos aproximarmos, Luís marca uma cifra em seu caderno. Assim que descansa a caneta sobre o papel, exclamo com suavidade: “Ah, Luís, hoje você está muito... [mantenho a suspensão] Eu preciso anotar isso. Você deixa? Como é que é mesmo? Você escutou o que você disse, Luís? Me empresta sua caneta!”. Rindo, satisfeito, repete palavra por palavra, e segue o movimento da escrita que realizo na palma da minha mão. Ademar se aproxima e presencia a cena. Então, digo: “É preciso que a gente converse mais.”. Apenas isto, a simples alusão ao trabalho pela fala, e Luís e Ademar sorriem amplamente, concordes. Luís comenta: “É. A gente não está mais trabalhando de sábado. A gente gosta que você vem aqui.”. Continua: “Na firma que eu trabalhava de borracheiro, sempre tinha um médico ou uma outra pessoa que ia lá conversar com a gente, dar palestra... Às vezes mandavam me chamar: ‘Fala pro Luís [vir] aqui; faz tempo que eu não falo com ele. Tinha vez que eu pensava: ‘Ih, agora eu não vou conseguir escapar.’” [repete-se] Ao mencionar este detalhe, julgo necessário expor o diferencial. A meia distância do seu ouvido; não nos olhamos, pois está ocupado com a pesagem do material, digo, com tom amigável, mas determinado: “Tudo bem, Luís; mas aqui a conversa só acontece se você quiser. Do contrário, nada feito.”. Luís reitera que, de fato, “quer”, e acrescenta, olhando para Ademar: “*Conversar é bom. Ajuda quando o elástico velho quebra.*” [Repete] E prossegue: “*Tem elástico velho e elástico novo.* [Utiliza-se das mãos, como a lidar com bandas de elásticos, para maior clareza.] *A outra conversa é/vira o elástico novo pra ajudar amarrar as coisas.*” Alterna o verbo (é/vira) quando repete sua *precisa* e *preciosa* ideia. (No momento desta escrita, a intenção era utilizar apenas o segundo adjetivo (preciosa), mas a ocorrência de um lapso, de algo sabido/não sabido por mim, o primeiro (precisa) insinuou-se, antecipou-se. Fui falado. De fato, muito precisa, quando justaposta à ideia do nó borromeano. Respeito, portanto, e registro o que seria rejeitado como erro de digitação, pela lógica convencional.) De volta à cena, “dando-lhe corda”: “Movimenta as coisas?” Ele e Ademar, ainda com sorriso amplo, enquanto Luís continua: “É. *Ajuda pôr o motor novo pra funcionar.*” Eu: “Minha nossa, Luís! Me empresta essa caneta de novo! Desta vez, é no braço. Caramba!” Satisfeito, afasta-se com Ademar, explicando-lhe que eu anotava o que ele dizia. Não faço anotações durante o período junto aos catadores. Quando tenho o braço marcado com seu último dizer – enunciado com poder de enunciação –, discretamente lhe mostro, de longe. Ri, alegre, e adentra no depósito.

- Pouco depois, todos voltam a ficar próximos de onde estou. Retomo uma conversa com Marcos. Elogio o colar que usa. Não consigo me lembrar da palavra para descrevê-lo e peço sua ajuda: “Ele é todo feito com lacre de latinha de alumínio.” Ao ver meu interesse, retira o colar e o estende para mim. Seguro o objeto com cuidado. Sinto, de fato, curiosidade pelo trabalho. “Ele era bem maior, mas cada vez que os ‘hómi’ me pegava, arrebatava um pedaço. Eu pedia pra tomar cuidado, mas que nada.” Elogio sua criatividade. Luís surge com o seguinte enunciado: “Tô com a bunda assada de tanto andar, trabalhar hoje. Tenho pelo no

rego. [Uma mulher, que acabara de chegar] falou pra eu passar óleo de cumê. Eu, hein? Óleo de cumê! E se cumê eu? [risos]”. Comenta com Ademar, mas observa uma possível reação minha. Segue: “Tem que dizer para passar água com maizena, coisa pra bebê, mas não pra cumê!”. Volto a conversar com Marcos. Separa materiais que retornam para seu carrinho: tijolo, roupa velha descartada, etc., pega um pacote de ração para cachorro. Olha para mim, a meia distância, puxando prosa; aproxima-se quando confirma que lhe dou escuta: “Isso é para os meus filhos, ó.”. Tem [5?] cães. “Andam comigo. Passo fome, mas não deixo criação passar fome.” Ademar, de passagem, concorda. Marcos continua: “Eles também me protegem. Não deixam entrar em casa gente que é inimiga, que quer me explorar, gente falsa. Eles olham no fundo dos olhos da pessoa o tempo inteiro e veem se é gente boa ou não. Quando falo assim, quero dizer gente que quer trazer droga, roubar coisa minha. Eles sabem quando uma pessoa é falsa. Eles até deixam a pessoa entrar, se eu insisto; mas não tiram os olhos dos olhos dela, assim, ó.”, e fica me olhando... Em seguida, Marcos retoma o assunto sobre seu pé: “Se uma pessoa olha com nojo nos olhos, mexe os lábios com nojo, eu tenho arrepio; se olha com piedade, eu tenho ódio.” Mantenho-me impassível, sob seu constante escrutínio. Descreve uma cena desagradável em uma lanchonete, envolvendo seu pé. Relata sobre a cirurgia, sobre ter permanecido internado por 3 meses. “Só via eles tirando foto do meu pé. Disse pra eles tomar no cu, que meu pé não era pra ficar sendo mostrado no mundo inteiro pras pessoas estuda[rem]. Meu pé não [é objeto] pra estudo. Com o meu pé, não!” A partir de sua “alta forçada” (agrediu fisicamente o médico), tem tratado com arnica, babosa e outras ervas. Concordo quanto à babosa e acrescento: “Das outras, não sei.”. Quando pergunto se, no final do dia, lava o pé com cuidado, comenta que vai ao posto de saúde pegar gaze, etc. Pergunto: “Falou com eles sobre suas ervas?”. Ele: “Se eu falar, sou excomungado!”. [Repete.] Acho interessante sua visão: O sujeito que se percebe sendo tratado como objeto e a isso faz objeção. Rio alto; meu modo de comentar. Neste momento, o caminhão volta, lotado com *bags* contendo o material estocado na casa de Alexandre. Este chega até mim e diz que, depois de descarregar, “[vai] ainda trabalhar num banco”. Pergunto se é segurança. Ele: “Não. Coleta material que eles reservam pra mim.”. E toda uma movimentação é reiniciada: da carroceria para o chão, do chão para a balança, da balança para o interior do galpão. Aqueles homens todos gemendo, urrando e rindo, enquanto suspendem os fardos. Rafael, sempre participando, rindo e olhando de longe. Nas duas vezes em que tento ficar mais próximo para viabilizar algum contato, é solicitado. Antes de juntar-se aos demais, em seu auxílio, Marcos termina a fala sobre seu pé. Ao tocar no assunto da excomunhão, ensaia seu movimento de saída em direção aos rapazes. Com cuidado, ele já meio de costas, arrisco, procurando amabilidade, mas também imprimir no tom a frieza de um enunciado lógico, se a imagem puder ser passível de apreensão: “Sim. Mas seus pés precisam de cuidados. Afinal, *são eles que te levam a toda parte*.”. Há um tremor em seus ombros; seu semblante, ainda que de perfil, revela uma movimentação interna, ressonância do dito. Um murmúrio, ponderação com uma dose de concordância. Em seguida, Marcos trabalha com prontidão e bom humor junto aos demais, movimentos melhores do que aqueles de quando trabalhava sozinho. Alessandro se aproxima de mim, em um momento de folga, em meio àquela gemedeira e risos. Reitero quanto ao melhor dia e horário para o retorno. Ao notar minha iminente saída, Marcos sai do grupo e vem apertar minha mão: “Gostei de conversar com você.”. Eu: “Vou estar aqui de novo na semana que vem, mesmo horário. Se você quiser...”. A motocicleta encosta e saio de lá às 18:45h, duas horas e quinze minutos depois. Escureceu. Um tom azul-prateado, característico do limiar da noite, se instaura. As luzes daquela parte da cidade ainda não acesas. Perda de nitidez de contorno e cor dos objetos que deixo para trás e das pessoas de quem me afasto. No silêncio do trajeto de 2 km na rodovia, no contrafluxo, um pensamento e um sorriso: se havia dúvida quanto à posição do “psicólogo-analista”, no grupo, hoje...

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

07/Março/2014 – Centro da cidade/Depósito de Reciclagem – “Ai, ai, ai... Chuva de novo?!” É meu pensamento quando as primeiras gotas começam, sob um céu escuro e fortes ventos, o que dá um aspecto de noite apesar de ser 16:20. Aguardo o mototaxista. Um conhecido atravessa a rua e vem em minha direção. Observo sua camiseta “Dr. Quem?” e pergunto o que representa: “Amanhã vai se tornar oficialmente uma ONG. É o trabalho de Doutores da Alegria aqui na cidade.”. Sob sua supervisão, 75 voluntários na cidade além de outros atuando na região. Ao todo, cerca de 140. Demonstra entusiasmo com o trabalho em diversas entidades. Fala sobre a batalha por doações para comprar bolachas e outros tipos de lanches que distribui durante as visitas. Eduardo adentra em uma loja para conseguir mais um doativo e o mototaxista encosta. Dirijo-me ao condutor: “Chulapa, quer voltar ao ponto para colocar seu impermeável? Dá tempo.”. Não é necessário, diz. Caso se molhe, vai direto para casa. Durante o trajeto, os indícios de forte tempestade dão lugar a apenas ventos frios e céu encoberto. “O você faz aqui?!”, diz o motorista. “Grupo psicoterapêutico para o pessoal do ramo da reciclagem.”. Ele: “Ah!”, com ar surpreso. Não é o primeiro a estranhar.

- Luís e Gabriel trabalham sozinhos, observo enquanto pago o rapaz. Há uma picape com um senhor e sua filha, já conhecidos, mas que não fazem questão de conversar. Utiliza luvas para transportar o material de seu veículo, para ser negociado. Dois catadores por perto, ora sentados, ora transitam pela calçada. Observam-nos. Após atender o homem da picape, Luís e Gabriel começam a remoção do conteúdo de uma Kombi velha: armários de cozinha enferrujados, fogão, canos de ferro e fardos e fardos de papelão, boa parte molhada. Me aproximo da senhora que dirige a Kombi: é a Maria do Papelão. “E aí, Maria, como estão as coisas? E o [...] (filho adolescente)?”. Trata-se de uma catadora, um pouco mais acima na hierarquia dos catadores, por assim dizer, que estaciona seu veículo no centro e, com o filho de 17 anos, percorre as grandes lojas. Seu filho faz outros pequenos serviços, tais como vender cartões de sorteios do Baú da Felicidade, no calçadão do centro, e pagar contas para terceiros, inclusive de uma senhora, vizinha minha. Frequentemente está na portaria do edifício em que resido, conversando com o zelador. Conheço-os há pelo menos 8 anos, quando Maria nem carro tinha. Enquanto Luís e Gabriel transportam e pesam seu material, Maria expressa suas preocupações a respeito do filho: “Agora está melhor; mas andou me dando muito trabalho.”. Everton tem usado maconha; outros rapazes o procuram para oferecer. A mãe já conversou com a diretora de uma escola para que ele se matricule no supletivo. “Quer tirar carta pra dirigir pra mim, porque já estou cansada. Até em fazer faculdade falou estes dias.” Penso: Será que as coisas que o porteiro e eu combinamos em conversar superficialmente, quando perto dele, contribuíram para considerar outras possibilidades? Ouço as inquietações da mãe. Elogio seu filho e digo que noto seu esforço para criá-lo. Nunca havia conversado com Maria deste modo, sempre ocupada que está entre uma loja e outra, desmontando enormes caixas de papelão, empilhando e transportando todo o material para os carrinhos e, depois, guardando-o na perua. Às oito da manhã, ou até antes, ela e o filho já estão no centro; oito da noite e avisto, de minha janela, lâminas e lâminas de papelão ainda sendo acomodadas no veículo. Aproveito o raro momento de vê-la parada – olhando alguém trabalhando – uma raridade. E haja material que não para de sair daquela Kombi!: “parece cartola de mágico”, brinco. Maria ri gostoso. A espera dá ensejo a Maria para relatar um pouco sua história: “Estou na reciclagem há uns 13 anos. Quando cheguei em [cidade], há uns 18, fui trabalhar na casa de um médico; mas você sabe como é. Daí comecei como catadora, o Everton começou me ajudar...”. Comenta sobre seus outros dois filhos: um mora em Curitiba e outro na região de Jundiaí. Trabalharam em empresas grandes como estoquista, em limpeza geral, etc. O de Curitiba “faz radialista”, chegou a conhecer Marcelo Rezende [TV Record], que lhe disse que “vida dele foi ainda pior”, e que isto deixou seu filho

mais determinado a concluir os estudos. Maria expressa a intenção de visitar o filho no feriado da Páscoa, pois nunca viaja: “Falei pro [filho mais jovem]: ‘Vamo trabalhar mais agora, pra ganhar um dinheiro e poder viajar.’”. Pergunto sobre sua outra Kombi: “Era uma azul, não?”. Concorde: “Era uma 74. Era um terror! O cara me vendeu ela com a parte de baixo toda podre. Esta é 79, mas já gastei uns dois mil nela.”.

- A uns 30 metros avisto a travesti da semana anterior se aproximando com outros 2 catadores. Sacos grandes com garrafas pet e outros materiais nas mãos. Maria volta-se para Luís: “Aí, seu namorado chegando. Aí, Nenê! [apelido de Luís]”. Luís, olhando para a balança e tomando nota da paisagem, entabula com Maria uma breve discussão sobre existirem travestis “porque existe mulher de mais ou de menos”, evidentemente não chegando a um acordo. Observo que os 3 catadores recém-chegados não se aproximam de nós: vão para a lateral do prédio, onde são depositados materiais também, mas não fazem a pesagem. Talvez estejam armazenando tudo ali para, depois, negociar. Há determinados acordos entre eles, catadores e atravessadores, cujos códigos desconheço e só me manifesto quando percebo vir deles abertura para que pergunte algo. Chega o momento do pagamento; Maria transportara cerca de 400k de material, entre papel e ferro.

- Tomo distância dos dois e começo a conversar um pouco com Rubens e Gabriel, ainda sem saber o nome do primeiro, embora o tivesse encontrado no depósito na semana anterior, ajudando animadamente os rapazes. A fala é interrompida com um “pinote” da Kombi de Maria. Rubens e Luís riem, dizendo que ela estava tentando sair em terceira. Duvidam que tenha carteira de habilitação. Isso dá ensejo a Rubens para comentar sobre si como bom motorista, sua amizade com os guardas de [cidade vizinha]. “Você conhece [cidade]?” Respondo que sim e isto o encoraja a contar um pouco mais sobre a condescendência dos policiais com os catadores motorizados. Gabriel informa que foi pescar no fim de semana anterior. No feriado de carnaval, ele e “uns colegas” foram a um sítio andar a cavalo. Rubens e Gabriel conversam sobre o preço de alguns cavalos de conhecidos seus, alguns custando 60 a 100 mil. Mas dão mostras de estar também informados do mercado dos cavalos ainda mais caros. Pergunto se Gabriel pretende negociar a sua. Gabriel diz ter pago 2-3 mil pela sua égua. Tem pouco mais de 3 anos; colocou-a para cruzar com o cavalo de um amigo. Ouço com atenção suas explicações sobre a idade mais adequada para procriação, as instalações do sítio do seu “colega”, onde se aloja para as pescarias... Gabriel silencia. Aproveito para trocar algumas palavras com Rubens que, só agora, se apresenta, sorridente, por meio de seus apelidos. “Eu sou o ‘Baixinho’, o ‘Perna Pequena’, o ‘P.P.’”. Eu: “O quê?” Ele: “Porra Po[u]ca.. Por causa do tamanho”. Gestos como se estivesse socando alho ao referir-se ao seu tamanho. Ri. Tem 38 anos, “moro numa casa ali perto”; aponta com o dedo. Mora com a mãe, 1 irmã e 2 irmãos. Rubens arrasta um baú e se senta. Gabriel e eu estamos em pé. Rubens comenta sobre seu histórico profissional. Dentre as funções, destaca a de borracheiro. Era muito bom, ágil. “Adorava era trocar roda de trator, veículo grande. Fiz teste em [empresas grandes] e passei em primeiro lugar. Mas o pessoal quer pagar por dia de trabalho e você se mata de trabalhar. Não como deve ser, que é ‘X’ de comissão por cada produto que você troca + 50% por [outra condição da qual não me lembro]. Mas vou te dizer: depois que vim pra reciclagem, não saio daqui por nada. [Mexe com a cabeça] Faço meu horário, ganho de R\$80, a R\$150, por dia. Pode perguntar pra eles.” Gabriel e Luís, que passa por ali, concordam. Rubens continua: “Mas também faço de tudo. Se vejo um jardim que precisa de trato, me ofereço pra cortar a grama e cobro tanto.”. Tece mais alguns elogios sobre sua boa condição física; o que é um fato. O esforço talvez que aquele sujeito, com um metro e meio, faz, para suplantar sua expressiva desvantagem em tamanho frente aos demais, não é pouco. A essa altura, Alessandro e Rafael retornam de um trabalho externo. Ao passarem por nós, juntamente com Luís, sorrio, concorde com Rubens: “Eu vi como você é forte! Semana

passada. Ajudando uns grandões erguer um monte de *bags*. Eles todos já sem fôlego...”. Protesto imediato. Rubens ri com agrado! Enquanto fala, tem um saco de estopa com latas de alumínio que segue amassando-as com as mãos. O último tópico da conversa toca-lhe num ponto de angústia, possivelmente, de terror. Ele e Gabriel comentam sobre cães: pitbull, rotweiler, fila, pastor. Sobre os contatos que trava com os bichos quando passa por e adentra nas residências. Também sobre os cães que alguns de seus conhecidos criam. Participante da conversa e ciente de fazer um jogo do mostra-esconde para viabilizar o ato de fala, comento sobre meu cuidado, de, “antes de brincar com um animal que conheço, – em qualquer circunstância – sempre chamá-lo pelo nome e observar sua reação”. Talvez uma alusão ao componente desconhecido selvagem/imprevisível no ser opera algo em Rubens. Seu semblante torna-se sombrio, o tom de voz, grave; olhando para trás ao afastar-se, diz: “Eu tenho medo.”. E some. Não o vejo mais.

- Quando têm tempo, Alessandro, Ademar e Rafael aproximam-se para um aperto de mão. Alessandro mantém a mão fechada, hesitante. Quando protesto com um “Ah, vai!” e estendo a minha, faz o mesmo, com um sorriso. E tenta seguir, em retirada. Ao passar por mim, de perfil, aproveito para outro comentário dúbio: “Nossa! Esse cabelo, hein?”. Referência ao corte recente. Todos riem. Ele, alegre: “É que eu to pronto pra uma festa.”. E se posiciona ao meu lado, encostado contra uma barra de proteção que delimita o que seria um pavimento externo, um terraço, espécie de rampa. Ele e o irmão trocam algumas palavras, possivelmente sobre o horário, um pouco extrapolado. Só ouço quando o irmão tenta se defender e me inclui: “Ele tava aí e viu que eu não parei de trabalhar. Chegou [x], [y], [z], a Maria. Ele viu! Ficou conversando com ela.”. Pelo modo como reporta meu contato com a catadora, Alessandro volta-se para mim com surpresa: “Você conhece a Maria?!”. Eu: “Conheço muitos catadores, Alessandro. Há anos converso com eles.”, com um gesto amplo. Ele ri.

- Alessandro apoia-se na barra, ao meu lado. A linguagem corporal, hoje, é de tranquilidade. Expressa: “Esses dias atrás eu não estava nada bem. Fiquei muito estressado.”. Relata ter dificuldade para dormir, ouvir vozes e “zunido na cabeça”. Faz perguntas sobre stress, etc., mas não dá tempo para que algo seja dito. Não me oponho que sua fala siga naturalmente. Comenta ter ido ao médico e estar tomando medicação; não consegue dormir direito, repete. Gabriel tem em mãos “o remédio” que Alessandro está tomando. Mas algo ali é dito que me leva a entender que Gabriel tem o dele também, que toma o mesmo “remédio”. Peço para ver. É um frasco de suplemento, destes encontrados em farmácias e lojas de produtos naturais. Leio em voz alta a composição: “testosterona pura”; ao final, diz também ser “indicado para mulheres que apresentam frigidez”. Acho aquilo muito estranho. Sugiro cuidado, consultar um médico, propriamente. Ele garante tê-lo feito. Nada respondo. O assunto é agora direcionado para falar de Gabriel, ainda presente. Referências a ser ele meio intempestivo. Produzo um enunciado curto que alude a Gabriel talvez ainda “deixar à solta seu potrinho selvagem”. Alessandro apresenta uma surpresa ímpar no semblante, mas a nega, perguntando o que quero dizer com aquilo. Eu: “O que poderia ser isso que eu disse, em relação a você? Você parece saber...”. Num jogo de esconde-esconde, olhar e riso marotos: “Eu não sei, não!”. Eu: “Como não? Se você visse seu semblante, Alessandro...”, sorrio ao dizê-lo. Ele nega, gracejante, mais uma vez, e exige de mim um saber de mestre. Não é a primeira vez, hoje, em que utiliza a convocação “você, como psiquiatra, psicólogo...”. Elevo devagar a palma da minha mão à altura de seus olhos, a uns 10 cm, e digo: “Faz de conta que este é o espelho para te levar pra tua alma. Sai em busca dessa ideia e segue falando, Alessandro.”. Devagar, ele desloca o olhar para o horizonte, franze o cenho, estreita os olhos, como em intensa atividade do pensar: “Meu potrinho hoje é menos selvagem. Acho que agora eu penso melhor, antes de fazer as coisas.”, enuncia com introspecção. Eu: “Hum.”.

- Pouco depois, emerge dele comentário sobre o filme “O onipotente” de Jim Carrey, sobre Internet e suas pesquisas sobre o “cérebro”, questões que o inquietam. Tenho o frasco do remédio em minhas mãos. Leio em voz alta o rótulo maior: Brútullus – testosterona + taurina (se não me falha a memória), e seu verso, com a indicação para uso. Imediatamente é entabulada uma conversa sobre sexo. Na esteira de comentar ser muito ansioso, estressado, passa a retratar-se como se fosse um super-homem na cama: “Não sei o que acontece, parece que é... que sou como um animal, um boi, um cavalo dei uma e já quero outra.... nem deu tempo pro organismo produzir [esperma] de novo e já quero mais, sabe?”. Olhos fixos em mim. Fala sobre frigidez na mulher, quando leio o rótulo do remédio. Alessandro tenta investigar o que sei sobre o assunto. Faço com que eles (convoco os demais) falem o que seria isso, “frigidez”, o que acham. Alessandro comenta sobre um amigo que “largou da mulher por causa desse problema”. Reproduz a fala do amigo: “Ah, Alessandro, é muito difícil você estar com alguém ali e a pessoa parece que não está com você.”. Alessandro completa, concorde: “É difícil mesmo viver uma coisa dessas.”. Luís tece comentários neste sentido, em relação à sua esposa. Quando às vezes está mais “animado”, ela diz: “Você pensa que eu sou uma daquelas suas vagabundas?”. Repete. Faço uma escansão, os rapazes riem. Ele explica: “É que eu posso estar um pouco mais violento. Mas é um violento com prazer. E ela reclama, não quer.”. Eu: “E você tentou também perguntar como é que ela gosta?”. Ele, rindo: “Xi! Aí é que dá mais problema... Eu acho mais fácil fazer assim ó [barulho e gestos a representar sua interrupção do coito e caída para o lado, na cama]. Aí, penso em alguma delícia [analogia à mulher bonita que havia passado] e vou cascar um coco. Ligo o chuveiro e a descarga [no momento do orgasmo]. E ela fica lá fora perguntando o que tô fazendo...”. Seu assumir masturbar-se, sem embarço, acontece após o desconcerto do irmão, Alessandro, quando ao falar com ele utilizo tal significante. Ao descrever sua insaciabilidade, ele relata protestos, recusa, da esposa e deixa em suspenso a frase: “Aí, eu, eu...”. Menos do que uma dificuldade, é como se, de fato, procura testar o alcance, a elasticidade do que pode ser dito nestas sessões. Seu protesto é por mim esperado, mas opto por correr o risco em proferir o significante-tabu, a fim de abrir o campo do dizer.

- Passam a falar de orgasmo e utilizam a palavra FLUXO, com gestos abundantes. Noto o olhar surpreso de Seu Francisco. Sentado com o pessoal, parece não acreditar que tal conversa está em curso. Nos momentos que relutam em falar mais abertamente, na dificuldade em encontrar termos mais socialmente assepsiados, eu: “Vocês podem falar sobre o que quiserem, como quiserem.”. Seu Francisco às vezes ri, surpreso, semblante interrogativo. Antônio escuta, sorri, dá sinais de apreciar o assunto que segue, mas fica meio recuado, embora próximo. Em meio à animação em falar sobre sexo, sobre o remédio (Brútullus como desencadeador do significante “violento”, talvez deste “enxame de significantes”) e sobre o vigor de cada um, neste momento, tem início uma espécie de campeonato de “muque”. Um aglomerado se forma ao meu redor, com braços que surgem no meu campo visual, próximos aos meus olhos, exibindo bíceps e tríceps, comparando-se entre si. Emergem comentários sobre a “mulher brava do Rafael”, que “bate nele”. Luís: “Nem dá pra conversar com ela. Se fala de uma coisa: misto quente, por exemplo, ela: ‘Então, você vai sair pra comprar?!’... Ta doido, que brava!”. Rafael se aproxima por alguns instantes. Eu: “Rafael, vem conversar um pouco. Fica me olhando de longe. Vamos conversar.”. Ele, olhar calmo, dá mostras de aceitar o convite, mas os colegas não dão trégua. Dilui-se novamente no anonimato; mas é perceptível que tudo aquilo também lhe fala e fala dele. Alessandro chega à conclusão, por si, que “Sab[e] o que [o] faz relaxar”: “fazer amor” com a mulher. Reluta em enunciar o significante. “A cabeça fica calma, dá um sono...” Põe a mão na cabeça e balança o corpo. A visão é de como se estivesse embalado no ventre e peito da esposa, de uma mãe, também. “Mas aí, de manhã, a gente quer de novo e ela recusa [utiliza uma expressão tipo: ‘aí, acabou a felicidade...’], e a gente já vem trabalhar com a cabeça quente.”. Sorriso largo.

- Ora todos estão juntos, ora formam-se subgrupos com conversas animadas. Então, unem-se, novamente. Estou em pé, um ou dois do meu lado, os demais sentados lado a lado ao longo do degrau que forma o piso do terraço, às vezes levantam-se para dizer algo e voltam a sentar-se. Noto que, atrás deles, um cachorro urina na bolsa de couro do Luís, encostada contra a parede. Estão tão compenetrados que nem o percebem. Em vários momentos são muitos os momentos em que surgem comentários, por parte de todos, em relação ao prazer em aproveitar, de algum modo, um dia adicional de folga, o sábado, no caso, seu benefício: sair, pescar, andar a cavalo, dirigir... Ademar diz com um riso: “o suquinho é o meu remédio”. Uma jovem bonita desce a rua. Em meio à conversa apimentada, dois deles dirigem-lhe um assvio e uma referência à sua beleza. Ela, que passa discretamente, mais adiante imprime ritmo maior ao rebolado, sem olhar. Pouco depois, outra moça sobe a rua, em passagem por nossa calçada. Ademar, que se patola durante a conversa acalorada, chama-a pelo nome, com entusiasmo. Olho para trás e a vejo parada, a uns 8 metros. Discretamente vestida, jeans e uma espécie de blusa folgada, visivelmente recém-banhada, cabelos longos lavados, vira apenas o tronco para trás. Não é rude. Um leve sorriso, mas em tom quase de súplica, exprime: “Ai, não, Ademar!”. Pelo contexto, uma mensagem do tipo: agora, sujo assim, não. É esta a minha impressão. Mas ele se levanta e vai atrás: rosto quase colado ao dela, abriga o rosto da jovem em suas mãos, como em concha. Aproxima-a ainda mais ao dele, pressionando e trazendo para si a cabeça da garota com a palma de uma das mãos. Carinhoso?, sim. Mas com ela nitidamente não interessada, que, inutilmente, tenta seguir caminho, sendo constantemente impedida. A visão é de uma presa capturada. Um raio de afeto triste me atravessa ao testemunhar a cena. Conheço algo da dor dele, mas avalio a difícil posição dela. A “homarada” (termo não dicionarizado, embora Chico Buarque e tantos outros já o tenham assumido como parte do vernáculo) fica em alvoroço. Em debandada, fazem um grupo em torno ao casal. Pergunto suavemente para Luís: “E a Rogéria?”. Este faz uso da pergunta para troçar do colega, ao longe, repetindo-a. Ademar nada responde. Luís também se junta a eles. Noto que conversam e lançam olhares para mim. Algo como a explicar quem sou. Ouço, depois de algum tempo, duas vozes me chamando: “Professor!”. Nunca utilizaram esta forma de tratamento. Sentindo que a coisa poderia resvalar para esculhambação, devido a uma espécie de passagem ao ato de Ademar, frente ao conteúdo que era simbolizado no atendimento, sob o risco de pôr a perder riqueza do que era vivenciado, e tentando demarcar algo da especificidade do trabalho, ignoro o chamado e continuo a escutar Antônio, Seu Francisco e Alessandro.

- Após Ademar, a uns dez metros de nós, entrar em acordo com a garota – o que leva cerca de 10 minutos – vários deles se juntam ao redor de Alessandro. Este se afasta de nosso grupo, para fornecer dinheiro a Ademar. De relance, observo Alessandro, a uns dois metros de distância, rodeado pelos catadores. Estes, animados pelo fato do colega ir “se divertir”, contam, juntos, as notas que Alessandro saca de um pacote maior: de 2, de cinco, de dez, de vinte Reais, e que são estendidas a Ademar. Contagem seguida discretamente do anúncio da progressão do valor. Um “paizão” rodeado de crianças à espera da mesada ou doces é minha representação, tamanha a puerilidade das várias reações. Em contrapartida, retiro, rápida mas teatralmente, meu celular do bolso e faço um telefonema. Solicito uma moto, ao se afastarem, dando visibilidade aos movimentos que realizo na tarefa. Julgo propício o ato: sei que mantêm olhos e ouvidos para tudo o que faço e digo; e sigo com a escuta de Antônio e Francisco. Quando Alessandro retorna e comenta novamente sobre ter se sentido mal, Antônio, de forma lúcida e interessante, tece ricos comentários sobre médicos e igrejas e as promessas destes. Sorrindo para Alessandro, diz: “Que bom que você foi ao médico, que nem eu te disse [aconselhei]! Não faz que nem tanta gente que frequenta aqui e fica dizendo: ‘Vai lá na minha igreja... nem remédio eu tomo mais...’. Tem que ver um médico mesmo! Levaram anos pra acertar minha medicação, uns seis anos. [...] O médico que conseguiu acertar já morreu [...]

De [cidade próxima]. [...] Morreu com 37 anos, de enfarto. Era tão bom com todo mundo...”. Pensativo, prossegue: “Como fui maltratado por tantos médicos!”. Seu semblante condiz com a declaração, como se Antônio assistisse a um filme dentro de sua cabeça. Cita nomes que são do meu conhecimento; mantenho-me impassível. Explica o que cada medicação, as 3 que toma, faz: controle das vozes, tal remédio, e assim por diante. Juntamente com os elogios à medicina psiquiátrica, há, da parte de ambos, Antônio e Alessandro, uma ponderação que “psiquiatra ajuda, mas arrebenta a gente”, e outras expressões no sentido de retirar algo do mal-estar, mas “acaba, derruba a pessoa”. Antônio chega a inclusive mencionar um fato que se percebe no contato com ambulatórios de saúde mental e CAPS: a medicalização excessiva, que sobrecarrega o sistema cardíaco, ocasionando aumento dos tremores, a insensibilização do sujeito, às vezes levando à morte prematura. Este momento da conversa, do atendimento, ocorre concomitante ao retorno dos demais para o grupo.

- Avisto Ademir subindo a ladeira ao lado da moça, rumo a um dos hotéis da região intermédia entre a parte alta e a parte baixa da cidade. Surge uma fala sobre dinheiro, que não apreendo por estar envolvido com outros enunciados. Mas apreendo os efeitos do dito, muito relevantes. Luís tece um comentário, rindo e olhando para o irmão, mas falando a mim: “Às vezes eu me sinto até mal – parece que tô roubando o meu irmão, porque não tem dinheiro na carteira, de tanto que sai.”. Eu: “Mas, pra haver este negócio, é preciso sair dinheiro também. Mantém as outras pessoas funcionando com suas coisas, suas necessidades e desejos. E, se vocês não têm material pra negociar com os outros... [suspensão]”. Assim me expresso com a deliberada intenção de possibilitar um vislumbre, por mínimo que seja, para a existência do outro, com necessidades também, além do fato deles, por sua vez, precisarem/carecerem do outro... A dialética como a lógica do campo eu-outro, do senhor-escravo, por assim dizer, perpassa meu pensamento neste ato de fala. Até aí, não sei qual poderá ser a recepção do dito. Alessandro ouve, pensativo. Pondera: “É. É preciso encher isso aqui de material; senão não tem negócio.”. Que mais pode ter ele escutado ou recusado? Insisto: “E isto passa por pagar os outros, também.”. Olha para cima, para o interior do prédio, agora com apenas uma das portas semi-abertas, em análise. Estamos praticamente na calçada, abaixo do terraço de acesso ao depósito. Pouco depois, relata novamente sobre o cansaço, os dias anteriores em que “fi[cou] muito mal, estressado, f[oi] ao médico”; o que reforça em mim a percepção nítida de que só foi a uma loja de manipulação do centro, cuja proprietária conheço, tendo ele, inclusive mencionado seu nome. Retoma: “Coloquei internet, agora. Tenho feito pesquisa sobre o cérebro, ansiedade. [Falas que mostram o desejo de saber mais sobre aquilo que o aflige.] Gosto de dirigir. Pego o carro, vou pra [outra cidade], fico na represa, quieto.”. Expressa o desejo de “não pensar em nada”, pois está “sempre ligado: um monte de coisa passa na cabeça, ao mesmo tempo”. Questiona-se: “sou ansioso?”. Com uma série de rótulos, decalcados da tendência psicologizante/medicalizadora, procura definir-se. Eu: “Que tal: ‘Sou um ser humano, um *homo sapiens*’? Um maquinário pensante, mas que mostra lá seus truques, suas *surpresas*.”. Aparentemente ignora, não há escuta. Mas não leva muito para mencionar um ocorrido: “Você não soube da semana passada? Um colega se suicidou! Ninguém podia imaginar! Se tinha um cara que chegava e dava ânimo pra todo mundo, era esse cara...”. Repete, inconformado. Volta a falar sobre sua “ansiedade/stress”: “Tenho compromissos para cuidar: minha família; depois, tenho os daqui também, que se torna uma outra família...”. Segue o discurso neste sentido, menciona as “condições de trabalho”: “você vê como é aqui, o entra e sai”, o desafio do “barulho [constante], o povo chamando o tempo todo – ‘Alessandro, vê pra mim esse material...’”. Reitera que chega a “ficar ouvindo isso em casa até quando [vê] televisão”. Porém, pouco antes, havia concluído, por si, que “isso [de ouvir vozes, no caso dele] não é loucura”, como que em um eco de reflexão, parece diferenciar “[suas] vozes”, das vozes e tormentos vivenciados por Antônio.

- Quando começa a repetir-se, para dizer o que parecia rumar novamente para “sinto ansioso”, um beco sem saída – congelamento num significante –, produzo o corte, inserindo outro significante complementar ao “Sinto” que ele proferia. Completo: “...Onipotente?”. Faço-o em tom cuidadoso e leve desafio no sorriso. Produzo o corte enquanto me separo dele, do irmão e de outros catadores: o olhar voltado para trás, mas caminho em direção à moto que encosta no meio-fio. Alessandro arregala os olhos, surpreso, sorri de volta. Parece apreender que algo do gozo está posto a descoberto. Veem atrás de mim, dizem coisas das quais não me recordo, pois já tento estabelecer comunicação com o motorista, que pergunta algo que não consigo escutar: todos falam, o tráfego pesado neste horário de uma sexta-feira às 18:40h. Já com capacete e de saída, digo-lhes algo que produz uma reação alegre. De regresso ao centro, apesar da rua apresentar um tom prata-escuro, de as luzes dos postes começarem a se acender, entro em meu apartamento e o encontro explodindo em dourado. Desfruto dos quatro últimos minutos em que o sol faz seu mergulho final no horizonte. Nuances de partes de um céu aberto, de límpido azul, trechos com nuvens em tom salmão, lilás e prata e outra parte do firmamento, ameaçadora, pura massa da precipitação que cai em algumas partes da cidade. Analogamente, este superssigno, vivenciado com breve intensidade, remete-me à estranheza que habita cada um de nós, ponto limítrofe do imprevisível prazer-sofrer.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

14/Março/2014 – Coincidentemente, Chulapa vem me buscar. “Onde vai hoje, João? Lá mesmo?” Significativo o fato de alguém que lida com diferentes itinerários, 12-14 horas por dia, lembrar-se de onde me levou há uma semana. Nada comenta a respeito no trajeto, mas é notório o modo respeitoso. Enfim, traços de um outro pensamento, outro tratamento. No galpão, bastante atarefados nesta sexta-feira, às 16:30h. Dois caminhões para serem descarregados; um deles estacionado do outro lado da rua, à espera. Durante minha estada de duas horas, camionetes entram e fazem manobras, além dos carrinhos de catadores. Sendo assim, começo a circular em busca de alguém com abertura para falar. Encontro Paulo, senhor idoso, sentado sobre um *bag* de garrafas pet. Como fala em tom muito baixo, peço licença e me sento ao seu lado. Um de seus pés, enfaixado. Só de captar meu olhar, Paulo enuncia: “Quase morri”. Relata sobre uma pescaria, talvez com o pessoal do galpão. Não consigo situar os fatos no tempo convencional; não é possível, pelos indicadores do seu discurso, apreender há quanto tempo vem arrastando o problema com o pé, até a complicação infecciosa. Apreendo-o como uma metáfora de si. A conversa se alonga um pouco mais. Mora nos fundos do armazém. Lembro-me do primeiro encontro, em dezembro, no qual Alessandro fez menção a alguém morando ali. Não tarda para que Paulo fale mais de si. Possuiu casas, carro, chácara. Sua vida desmoronou ao chegar em casa e encontrar a esposa com outro: “Depois, até comprei [tom de tentativa previamente fadada ao fracasso, de alguém com vínculos já rotos] casa em outra cidade, Cornélio (cidade)”. Mas não se aderiu mais à vida convencional. “Mulher?!”, expressa sua desilusão: “nunca mais tive uma.”. Segue-se um comentário sobre serem traiçoeiras, sobre Antônio ter perdido, na semana anterior, R\$240, enganado por uma. “Ficou ali, abraçando ele: ‘ai, meu bem, ai meu bem’”. “Transou?”, pergunto. Paulo: “Que nada! Falou que ‘ia ali’ e não voltou mais!”. Enquanto fala, ocupa-se com uma faca de mesa. Com movimentos análogos ao de cortar bife, remove crostas dos pés. O modo como fala de ter de ir à UBS é eloquente: “A enfermeira, *lá*, faz um curativo.”. O gesto, descritivo do desprezo, do nojo, na realização do procedimento, potencializa ainda mais sua difícil relação com as mulheres e seu estar-no-mundo, assim como expõe a dificuldade de muitos agentes em se relacionar com esta população. Quando menciona algo sobre antibióticos, dose cavalgar, pergunto de passagem, indiferente, sobre frutas e verduras, indispensáveis neste tratamento medicamentoso. Ele nada diz. Na sequência, Alessandro passa por nós. Paulo lhe pergunta sobre a localização de um sacolão. Reclama que é longe. Decide levantar-se do *bag*. Levanto-

me com facilidade, mas noto sua dificuldade. Acho que não devo, mas verbalmente ofereço ajuda; de fato, como supunha, ele a recusa. Fico calado, espectador. Duas novas tentativas suas, procurando se apoiar em outros *bags*; estes escorregam à medida que neles imprime o peso do seu corpo; volta a cair sentado. Suas pernas estão enfraquecidas, percebo. Ofereço auxílio uma segunda vez, que é, então, aceito. Mesmo assim, ajo de tal modo que o trabalho de sustentar-se e alçar-se ainda seja prioritariamente seu.

- Não sei para onde Paulo se dirige, pois algo expresso na conversa entre Antônio e Mateus chama a minha atenção. Percebo que conversam sobre o que ouviram a mais de 2 metros deles – entre mim e Paulo – em meio a tanto barulho: música do interior do prédio, carros na rua, *bags* despencando dos caminhões no ato de descarga, diferentes sons ao serem arrastados até a balança... A conversa é sobre frutas. Antônio, para Mateus: “Comer a laranja com a parte branca, é melhor ainda.”. Repete o mesmo sobre a casca da maçã. Quando entro na conversa, pelo fato de me sentar ao seu lado, procura validar a afirmação ao dizer que trabalhou para um médico. Pergunta com tom de certeza, mera colocação retórica: “Você é psicólogo, né?”. Tece comentários sobre a identidade do médico, que por sinal conheço. Mostra satisfação: “Tá vendo como eu não estou mentindo?!”, volta-se para o colega, e despeja detalhes sobre a família do médico e de outro senhor, ex vice-prefeito, e pede minha confirmação: “É verdade ou não?”. Sorri, satisfeito, a cada validação. “Trabalhei nas chácaras dele aqui na cidade e na região, depois, na fazenda no Mato Grosso.” Pergunta sobre cada um dos familiares. Respondo: “Eu acho que..., me parece que, mas não tenho certeza..., ouvi dizer...”. Até que Antônio pergunta sobre um dos filhos, portador de síndrome de Down. Desemboca em um pranto que não vai parar por quase 1 hora: “Eu tinha 14 anos... Arriava cavalo o dia inteiro [ênfase] pr’aquelas crianças. Depois, adolescentes, e pr’os amigos deles. Cozinhas pra eles, fazia arroz com [...], peixe, churrasco...”. Em meio a esta escuta, passa pela minha cabeça a música de Milton Nascimento, “Morro Velho”: trabalhador – íntimo e nada. Antônio chora copiosamente, inconformado. Mateus, sentado do meu lado direito, quando o colega começa a chorar e se cala, diz: “Não fica assim. A gente tá de passagem nesta vida.”. Uma vez que Mateus encoraja o colega a falar, entro com uma pitada de encorajamento: “Pode ser bom para você falar sobre essas coisas, Antônio.”. Repetidamente, Antônio profere uma curta frase, não mais de 5 palavras, da qual não me recordo; aqui, em paráfrase: “Que fique isto dentro de mim.”. Não insisto na oferta; abro o silêncio para que faça sua escolha. Na sequência, Mateus comenta sobre a morte de sua mãe: “Puxa vida, às vezes uma pessoa morreu já faz tanto tempo, mais de 45 anos, e parece que foi ontem. *A pessoa parece que tá dentro da gente! Mais até do que a mulher da gente!!*”, enuncia. Intrigado, ele mesmo, com o que acaba de pensar/proferir. São estas as últimas considerações de Mateus, que se aproxima de algo; ouve-se enunciar o que certamente preferiria manter nas zonas de um quase esquecimento. Produzo uma escansão, mas ele se afasta.

- Continuo sentado com Antônio. Chora muito, mas fala. Em certo momento, relembra uma de suas passagens pela casa do médico, na cidade, quando já não era funcionário. “Fui pedir dinheiro para comprar remédio pra depressão e... tireóide. A [esposa] veio e disse: ‘São R\$10: isso é tudo que eu tenho.’”. Chora em abundância ao relatar seu pensamento na ocasião e sua mágoa: “Já entendi... Não é para eu vir mais... Tudo bem..., pode ficar tranquilo.”. Chora e repete: “Então, tá bom... é assim mesmo...”. Com um dizer que transcende aquele momento no passado, que o coloca na simultaneidade do agora: “Eu tô por aí.”. Repete-se; forte tom de descaso frente a si mesmo. Fala sobre suas idas ao centro espírita: “Até o delegado [nome] estava lá., frequenta o centro”. Antônio cita os três centros que frequenta. “Recebi um passe e fiquei tão bem... [Profundo respiro, expressão de alívio.]” O modo como o faz produz em mim a impressão de que seu bem-estar também passa por ser tocado pelo outro durante o passe. (Observação: no ato desta escrita, que é um reviver – não menos intenso –, chego a

sentir com a memória os diferentes odores que emanam de Antônio. Percorro meus braços, mãos e axilas: sou eu mesmo, concluo, porém com marcas vivas do outro em minha memória. Para arautos da assepsia da neutralidade no tratamento, hora de abandonar o barco. Não para mim. Continuo com os atendimentos. A demanda por uma escuta transferencial está em andamento, se sustenta, dá para perceber.) Traz também as vivências agradáveis do período em que trabalhou para o doutor L., e para o Sr. B, morto aos 96 anos. As recordações vão e voltam, com muito choro. Antônio considera, agora, ainda que o faça aos prantos, questões sociais: importante aspecto para se pensar a potencialidade da fala neste dispositivo. Ela transcende a visão superficial que, segundo muitos, a psicanálise se restringiria ao que se convencionou chamar de interioridade. Nada mais ingênuo, simplista, tendencioso. Diz Antônio, enquanto chora, enquanto elabora sua história sem desvinculá-la de um contexto amplo: “A desigualdade neste país é demais. O governo precisa cuidar a partir dos mais carentes, dos mais judiados, porque, se for começar pelos mais de cima, quando chegar nos pobres vai ser a mesma coisa. [repete seu ponto de vista] Eles precisam de muita coisa. Eu como pão e água todo dia.”. Olha fundo em meus olhos, desvia os seus para o horizonte, para o chão, alternadamente, ao longo de toda sua fala. Sua voz, inicialmente inaudível, gradativamente aumenta em volume; às vezes dói, dada a proximidade, sentados lado a lado na borda da rampa de acesso ao prédio. “Mas tem gente ainda pior do que eu. Às vezes, a gente pensa que é o último [hierarquia social]. Mas tem aqueles muito pior, que precisa ainda mais.” Quando fala da desigualdade: “Eu tô aqui neste depósito e vejo cada coisa, cada coisa...”. Passa as mãos no rosto, cobre seus olhos com as palmas das mãos. Indignação, tristeza e vergonha frente ao que presencia. Lágrimas descem pelo rosto. “Eu vejo tanta coisa nesse mundo que tenho vontade de entrar debaixo do chão.” Gesto como de mergulho, para debaixo do calçamento. Isto é repetido 2 ou três vezes, enquanto diz que gostaria de “pôr um fim [em sua] vida, acabar com esse sofrimento de uma vez.”. Porém, considera que não o faz, expressando algo no sentido de “honrar o compromisso”. Com calma e lucidez acrescenta: “E duas coisas precisam ser feitas pra acabar com a fome nesse país.”. Antônio cita algo relativo à alimentação. Faz uma pausa e levanta uma das mãos, para frisar um ponto que revela de suma importância: “*E educação. Enquanto não der uma educação boa pra todo mundo, essa situação não muda.*”. [pausa, repete] “Como pão e água todo dia, durmo nas calçadas... [Longa pausa, e acrescenta] Eu não peço nada pra ninguém.”. Tece referências a pessoas do poder público que conhece de perto, mas, mesmo assim, não pede ajuda. Cita o quanto admira o vereador [nome], “porque sei da vida dele, do quanto ele sofreu. Foi cortador de cana, estudou, foi trabalhar na usina; depois, no escritório e hoje, entra e sai mandato, e ele continua lá, falando pelo povo.”. Mas que nada pede a ninguém. Dentre outros exemplos, relata ter corrido 32km em uma maratona pelo atual prefeito: “Eu nem sabia que era esse tanto, fulano me disse depois: ‘Eu segui com o marcador do carro e foi isso.’”. Procuro na voz um tom de neutralidade, para possibilitar emergir melhor o que é isso que se me mostra: um sujeito paradoxalmente empenhado no abandono, na ruína: “Quanto esforço. Para quê?”. Antônio faz alguns desvios no discurso. Por fim, chora. A certa altura menciona a família: “Eram cinco irmãos. Acredita que perdi quatro, tudo em acidente?!”. Expressa algo como “só resto eu”. Não fornece detalhes. Em seguida, age como que trazendo de um lugar longínquo, a existência ainda de um outro membro ainda vivo: “Tem eu e minha mãe em [cidade a uns 200 km].”. Neste momento, uma camionete, destas bem modernas, faz manobras a não mais de 30 cm de nossos joelhos, sentados que estamos na borda da rampa. O extremo barulho no local, durante todo o encontro, leva os nossos rostos a uma proximidade não superior a 25 cm. O motorista, forte, alto, com boas roupas, bem nutrido (estes também fazem parte do mundo da reciclagem), não parece interessado, zeloso, de nossa presença ali, ao manobrar o veículo. Este fato e o relato de Antônio não poderiam ser mais emblemáticos, em sua simultaneidade de ocorrências. Sua fala rumo para sua conclusão.

- Neste ínterim, avisto Paulo subindo a rua: uma sacola com frutas em uma das mãos. Olha, para e dirige uma expressão de alívio e cansaço: “É longe.”. Eu, sentado ao lado de Antônio, em tom determinado, conclusivo como da neutralidade de um enunciado lógico, procurando não emitir satisfação frente àquele ato: “Mas foi.”. Interessante como uma simples menção, sem discurso de mestre, possa tê-lo mobilizado tanto. Sigo o afastar-se de Paulo e avisto Rafael na carroceria de um caminhão. Ele e sua política de olhar de longe, um ou outro sorriso. Agora, sentado na carroceria do caminhão, sobre *bags*, faz pose distinta, como que em enorme sofá, com óculos escuros (ali encontrados?), a ler uma espécie de jornal tablóide. Alguém do grupo chama minha atenção para o quadro. Rafael olha e sorri, como que à espera de ser visto. Antônio expressa por gestos, com um suspiro profundo, semblante e palavras em que surge o significante “angústia”, o quão significativo foi “poder falar” sobre tudo aquilo. Digo: “Estarei aqui sexta-feira que vem. Se quiser falar mais sobre isto...”.

- Afasto-me e estabeleço uma conversa passageira com Alessandro, que passa por mim. Segura a porta de uma geladeira. Ainda que breve o contato, algo de certa profundidade que ele a mim fala o deixa imediatamente desorientado. Movimenta a cabeça para cima e para baixo, olhar meio perdido: “Pra onde eu estava indo mesmo?”. Eu, levando em conta a polissemia do enunciado, expresso leve sorriso: “Pra onde você quer e não quer ir, Alessandro?”. Franze o cenho, toma uma decisão e desce a calçada, recuperando o sentido para onde inicialmente se dirigia, rindo. Some no corredor lateral da parte inferior do barracão. Uma chuva torrencial começa a cair. Estamos sob a marquise de zinco, não muito eficiente contra a chuva. Converso com Alessandro e Gabriel, encostados na barra de apoio da rampa. Curiosamente, em vários momentos, Alessandro procura pela palavra do colega: insta Gabriel a dar sua opinião – “O que você acha?” –, principalmente quando se sente em estado de aporia. Em alguns momentos, Gabriel aponta falhas, hesitações em Alessandro, sorrindo; que o destitui da posição de sabichão em que tenta se sustentar naquele ambiente. Exemplos a partir de situações de trabalho são expostos. Gabriel: “Como aquela hora que era 41 quilos e você falou que era 49.”. Alessandro, meio sem jeito: “Ah, mas eu tava testando se ele era honesto, se ia ficar quieto...”. Alessandro aborda algumas vezes a problemática de “ter a mente muito ativa”, “não consegu[ir] descansar”, de “muita coisa ficar passando pela cabeça”. Cita compromissos em relação ao depósito e à família, tudo depende dele. Eu: “Como o filme...”. Ele abre um sorriso e imediatamente se oculta, se apaga, abrigoando-se em Gabriel: “Que filme?! Eu não sei...”; tom bem infantil na última frase. Gabriel fica quieto; talvez não se lembre da conversa sobre “O onipotente”, de Jim Carrey, na semana anterior. Não respondo, com o objetivo de produzir uma incógnita. O tom infantil parece suficiente para indicar que algo ali também fala. A conversa segue. No corre-corre, os últimos *bags* são rolados para dentro do depósito por Luís, Ademar, Rafael e Antônio, talvez por mais uns dois catadores. Os gemidos correspondentes ao esforço, com pinceladas alusivas ao ato sexual, são coordenados por Ademar, seguidos de riso. Um ou outro olha em minha direção. Neste momento, noto que Antônio os auxilia, bastante ativo e brincalhão; depois, no restante do tempo de minha permanência, permanece estirado no chão, sobre a rampa: com pernas cruzadas, uma delas no ar. Fuma um cigarro. Vez ou outra volta sua cabeça em minha direção. Os demais se aquietam e se sentam próximos a Antônio, enquanto a chuva cai em abundância, com fortes rajadas de vento. Ademar, também sentado, mistura Q-Suco ao conteúdo da garrafa pet com pinga e a agita. Alguns provam da bebida. Em meio às repetições de Alessandro, olho para a chuva e lanço suave pergunta: “Tem lugar para outros pensares, outros pensamentos?”. Não há uma resposta direta. Aos poucos, surgem comentários de Gabriel dizendo ao colega: “Você fica na internet até tarde; daí, não dorme mesmo.”. Falas que permitem inferir que Gabriel frequenta a casa do patrão. Alessandro toma esta trilha e fala de suas pesquisas sobre o “cérebro”: “Pra entender melhor o que acontece comigo.”. Isto traz rápida menção sobre ser “mais inteligente que [seu] filho”, que “pensa mais rápido nas

contas”, etc. Fala da anuência do filho, quanto a isto. Imprimindo um ar ingênuo, reproduz o enunciado “do filho”: “Nossa, pai, como você é inteligente!”. Gabriel intervém, apesar do jeito meio atropelado de falar: “Mas, também, você é mais velho do que ele!”. Fenomenal a colocação, sob muitos aspectos. Mantenho-me *blasé*. Isto dá a mim ensejo para possibilitar que emergja algo sobre os filhos de Alessandro; assunto mencionado apenas 1 vez (O garoto que “passa na psicóloga”, que “fica com bastante medo” quando seus pais brigam.). Revela que tem uma menina de 9 anos, um menino de 12 e outro de 14-15. Pede ajuda para Gabriel quanto à idade dos meninos. Segue: “Na escola gostava muito de Estudos Sociais e [...], menos de Matemática. Sempre ajudo minha menina com ideia pra redação dela. Mas também vou pro computador e gosto de escrever texto meu.”. Repete seu último enunciado. Há uma menção sobre uma irmã, presente em seu círculo de convívio. Alessandro fala de “gostar de dirigir”, que aguarda pelo conserto do seu carro com expectativa. Gabriel diz: “Agora que a gente não trabalha mais de sábado”, tem ido ao sítio pescar e andar a cavalo “todo fim de semana”.

- Rafael passa por nós, seu jeito de olhar costumeiro. Eu, precisando falar mais alto devido ao barulho da chuva, seu impacto no zinco e no tráfego: “Rafael, quer vir conversar com a gente? Fica olhando de longe...”. Gabriel: “Ele é assim mesmo. Ele é meu irmão.”. Eu: “Irmão seu?”; outra surpresa naquele dia... Olho no relógio: são 18 horas. Observo a chuva. O prateado na rua tende para um melancólico tom escuro. Alessandro, talvez tocado pelo mesmo visual: “Outra coisa que fica passando na minha cabeça é sobre a morte da minha mãe. Outro dia sonhei com a minha avó, que já morreu, que é quem me criou depois que minha mãe morreu. Eu era muito pequeno. Era como minha mãe. Ela morou comigo [mesmo depois de casado]. Nossa, acordei com aquela coisa, aquela angústia [gesto com a ponta do indicador tracejando um círculo no peito].”. Há uma menção sobre “sentir-se velho”. Rubens e outros 2 catadores vêm da chuva, encostam seus carrinhos ao nosso lado e pedem dinheiro para Alessandro. Uns dois outros também se aglomeram. Vejo Luís, que se aproxima e se posiciona atrás do irmão, com semblante sério, para supervisioná-lo. Alessandro retira de um bolso uma carteira. E começam a ruidosa negociação. Permaneço onde estou, mas retiro meu celular, como na semana anterior, e peço uma moto. Simultaneamente ao ato de negociar, enquanto falo ao telefone, Alessandro volta-se para mim e me olha com afeto, meio surpreso. Fala aos demais e, claro, a mim: “Como é calmo... olha o jeito dele! Esse deve pôr a cabeça no travesseiro e dormir a noite inteira...”. Isto é dito durante meu contato por telefone e depois, tendo o pessoal se afastado e sentado mais à distância. Ademar lança olhares como que à espera de uma escuta; mas meu tempo ali está prestes a se encerrar neste dia. Entendo o afastamento como uma paradoxal opção dele e de outros colegas; afinal, em outras ocasiões, foi possível trabalhar razoavelmente como um grupo. Estariam vivendo algum tipo de desentendimento mais recente?

- Alessandro volta a questionar Gabriel sobre o que acha de minha calma, se não sou do tipo que dorme bem todas as noites. Ele responde, pensativo: “Nem todas...”, outra mostra de sensibilidade, fineza. Aos poucos, há um deslocamento nas perguntas para que informe onde moro. Com ecos da menção de se testar a honestidade do sujeito do *bag* com peso alterado, sou taxativo, embora tranquilo: “Falei pra você, ou seu irmão, que moro no lugar tal, edifício tal.”. Ele: “Em que andar?”. Eu: “12.”. Assustado: “Lá em cima?!”. Inicia-se uma fala sobre sonambulismo, “risco da pessoa despencar de lá de cima”, etc. Mais comentários sobre minha postura tranquila. Breve retorno a falar sobre a angústia ao pensar na avó já morta. De alguma conversa paralela, surge um comentário brincalhão. Não somos apenas nós três nestes últimos minutos, embora não seja possível lembrar-me dos demais, que voltaram a se juntar a nós. Alessandro desloca a cabeça e, ao dizer a alguém algo travesso, conclui: “É... tem também um menino, uma criança, dentro da gente.”. E olha para mim como que a solicitar anuência. É

rápida a ocorrência, mas volto a ouvir o significante “angústia”. Com um toque no braço dos que estão mais próximos (Luís, Gabriel, Alessandro, Rafael...) digo, enquanto me afasto, ora com aperto de mão, ora um toque nos ombros: “O velho no corpo do adulto, a criança no corpo do homem, a angústia... É preciso falar mais disso.”. Me afasto. O motoqueiro adentra na calçada e chega até mim. Enquanto coloco o capacete, Alessandro, surpresa: “Nossa! Você vai na chuva?”. Com naturalidade: “Sim. Um banho, depois, e tudo bem.”. Ele e o irmão: “Desculpa por hoje. A gente tinha muito trabalho. Você viu.”. Respondo: “Até semana que vem.”. Despeço-me dos demais com um aceno, leve sorriso, e a mesma frase. No caminho, árvores arrancadas pela força do vento, enxurrada ainda turbulenta, abundante. A cada quadra vencida, na abertura dos cruzamentos, que abre vista para o horizonte, meu olhar insistente se surpreende em fascínio: a chuva pesada daqui não atinge cidades vizinhas. Um lindo pôr do sol insiste.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

21/março/2014 – Chove desde o meio-dia. No horário em que costumo me dirigir ao depósito de reciclagem, pouco depois das 16h, uma tempestade volta a cair, raios, trovões e muita chuva. Pondero os riscos no trânsito, a difícil acomodação sob a marquise, principalmente em tal condição de muita água e ventos... Envio uma mensagem de texto para Alessandro, na qual menciono minha provável não ida, a menos que a tempestade abrande. O temporal dura mais de duas horas.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

28/Março/2014 – Depósito de Reciclagem – 16:40 – “Você vem sempre aqui?!” Aproximação calorosa de Maria ao me ver chegar, com a mão já estendida. Alessandro, que passa por ali, com uma máscara de proteção no rosto, faz uma parada súbita e presencia, entre admirado e enternecido, o modo afetoso com que nos relacionamos. Maria comenta sobre política, conjuntura nacional, Petrobrás, “a mulher lá...”, o preço triplicado da refinadora, dentre outras coisas que a deixam indignada frente a tanta desigualdade. Alessandro se aproxima e continua a retirar material da perua e levá-lo para a balança. Maria conversa e mantém-se atenta às anotações em seu caderno (pesagem). Luís tem também o dele. Ao terminar o deslocamento, Alessandro vem até nós e tece algum comentário sobre o quanto está trabalhando, seu esforço; algo que que apresenta, mais pelos gestos, pelo corpo ofegante, do que pelo enunciado em si. Maria me pergunta: “Você veio aqui rezar para o Alessandro?”. Ele, aproveitando-se do contexto e do dito, procura esmerar-se no que possa chocar a alguém. Realiza um esforço físico espetaculoso, volta-se para nós e diz: “Já falei pra Maria que tô explodindo! Meus grãos tão assim, ó, do tamanho do de um touro. Por semana dá pra tirar uns 3 litros de leite pra dar pra Maria.”. Ri, repete-se e aguarda uma possível reação minha. Maria também me olha. Eu, superficialmente: “Com esse remedinho, Brútullus, que você anda tomando...”. Olho para Maria, que se refere a Alessandro como a falar de um jovem, caso perdido: “Esse moço precisa mesmo é de oração.”. Alessandro se esmera ainda mais na exibição, no transbordamento. Agora, faz questão de movimentar-se de modo amplo, que põe à mostra suas nádegas, descobertas em mais de dois terços; calças e cueca literalmente na base da região glútea. Com a camiseta comprida que veste, reflito, o esforço para exhibir algo é mais do que casual. Realiza seus movimentos e se reaproxima de nós, atento ao que é falado sobre ele. À pergunta, respondo: “Sou psicólogo, Maria. Venho para conversar com todos, com os catadores, com quem quiser. Serve?”. Ela, delicadamente, denota uma negativa com a cabeça e um franzir dos lábios: “Não. Ele precisa é de oração mesmo.”. Alessandro sorri, satisfeito. “Então, ta.”, digo. Abraço Maria levemente, após este descarte, e me afasto de ambos. Segundos depois, posso vê-la com Luís, fazendo seu acerto de contas.

- Pergunto a eles se o senhor idoso, sentado mais adiante, é o “Seu Paulo”. Responde Maria: “Só se for seu, porque meu não é.”. Sorrimos do trocadilho e confirmo sua identidade, após um deslocamento de meu corpo que permite, por entre algumas pilhas de material de vários tipos, entrever o curativo de seus pés. Um incômodo estranhamento me atravessa ao rapidamente refletir sobre a incapacidade minha em não o reconhecer de pronto, em não reconhecê-lo pelo seu rosto, pela parte superior do corpo, mas apenas pelo detalhe da extremidade dos membros inferiores: a marca. Seu modo de sentar-se, imóvel, por horas seguidas, praticamente me leva a indiferenciá-lo do cenário; como um apagamento do sujeito, penso. Sigo lentamente para a rampa, e cumprimento algumas das cerca de 12-13 pessoas, espalhadas, calculadas por alto na chegada. Passo por um atravessador que sempre vem com seus filhos em uma grande camionete de modelo recente. Está sentado em um balde, no aguardo da pesagem e carregamento do material que também compra do depósito. Lança discreto sorriso e aceno com a cabeça, em cumprimento. Retribuo educadamente, porém com menos amabilidade: surpreso, após tantos meses de indiferença. Vou em direção a Seu Paulo, sentado em uma lata almofadada com papelão. Após os cumprimentos, noto que volta a ficar absorto entre seus pensamentos. Às vezes, observa a movimentação no local, em sutis movimentos dos olhos. Em silêncio, posiciono-me de frente para ele, de costas para a rua, distanciados um do outro por menos de 1 metro. Encosto-me contra a barra de proteção, da rampa. Vez ou outra pessoas nos entrecortam, carregando fardos para dentro e fora do galpão. Coloco-me à sua disposição com meu corpo, ali, mas mantenho minha cabeça voltada para os lados. Por sobre meus ombros, observo os demais. Alguns, Rafael, Gabriel, Alexandre (catador que “trabalhou por uns tempos com Alessandro”) sorriem alternadamente em cumprimento. Nesta ambiência, distraído, um enunciado proferido por Seu Paulo me atravessa. Rico, embora aparentemente superficial, típico daqueles no início de uma sessão. Estou surpreso. Seu Paulo, “do nada” (esse nada que é tudo?), fala a mim, sacando-se das profundezas de seu silêncio: “Eu gostaria de me mudar, viver em outra cidade”. Volto a cabeça para frente e me desloco rapidamente para perto dele. Constato a abertura. Agora, diante dos olhos, a rua, o movimento dos trabalhadores da reciclagem. Apoio a região lombar contra a parede. Inclino tronco e cabeça. Condição para poder ouvi-lo. Um som de música grita de dentro do prédio, atravessa os portais e o janelão sob o qual Paulo está sentado. Os ruídos da cidade e da movimentação dos trabalhadores não dão folga. “Fala mais sobre isso, Seu Paulo.” Ele: “Eu queria ir para outra cidade, viver outras coisas, conhecer gente nova.”. Seus comentários e murmúrios revelam o esvaziamento de vínculos com o local e as pessoas. Esperança de menos solidão? De procura? Ele continua: “Aqui em [cidade], não dá mais.”. Alessandro passa, detém-se e, com traços de escárnio no rosto, diz: “Ô, Paulo, fala pra ele sobre o seu problema. Ri, puxa fôlego, sinaliza um “lá vem artilharia pesada. Segue: “Que antes você comia e agora... você só chupa.”. É breve. No emaranhado do contexto, referência a impotência sexual. Procuro, para Alessandro, dos fundos de mim, uma expressão congelada, de modo a não externar hostilidade, reprovação, nem complacência. Ele se retira, sorrindo, enquanto Paulo diz, indiferente, em tom mais baixo, como a retomar seu dizer dirigido a mim: “Ah. [gesto de indiferença com os ombros] Chupar também é gostoso.”. Permaneço em silêncio. Paulo recupera sua fala sobre o desejo de uma vida em outra cidade, com novas relações sociais. Pelo conteúdo e modo como tudo transcorre, é imediata a impressão de seus enunciados estarem em continuidade com o encontro realizado há duas semanas. Para mim, indicador de que aquela experiência de fala lhe fez algum outro sentido. Em continuidade, mas diferindo, simultaneamente (como em nuance dialética), a revelação de sua história parece decorrer de dois enfoques de observação. Na conversa de cerca de 50 minutos, Paulo relata sobre a vida e profissão “de saqueiro”: “Parei, depois que estourei minha coluna.”. Comenta sobre o quanto aprecia a vida de saqueiro ambulante: “Uma hora era a safra [arroz?] no Mato Grosso. Seis, oito meses. Outra hora era a safra de [...] no Acre. Lá ficava a gente

mais seis, oito meses. E assim ia, por tudo quanto é canto nesse Brasil.”. Casado, chegou a se ausentar de casa por quase dois anos. Um modo de apresentar sua parcela de responsabilização pelo ocorrido – a traição? Ou quando esse momento de apercepção poderá chegar?, reflito. Os relatos também atestam a movimentação da esposa para não perdê-lo, para não se perder dele. Tentativas de salvar a relação: “Uma vez, no Acre, eu fui chamado no escritório: ‘Ô, Paulo, tem uma pessoa de [cidade] que quer falar com você.’ Era ela! Perguntei: ‘O que você ta fazendo aqui?!’ ‘Vim ver você! Faz meses que você não vai pra casa’. ‘Eu to trabalhando!’, disse pra ela.”. Sou remetido à conversa ao telefone retratada na música “Bye-bye, Brasil”. Paulo continua: “Pedi licença do serviço, vim com ela pra Ourinhos, deixei ela aqui. Um dia depois, voltei pra lá.”. Eu, reflexivo, olhando para o chão: “Deixei ela aqui.”, na esperança de produzir algum efeito. O que se segue, em contrapartida, é uma sequência de revelações sobre o marido zeloso, mas completamente ausente: “Como saqueiro, a gente ganha muito dinheiro. Deixa eu ver... por quinzena, chegava a tirar 5 mil. Depositava mais da metade pra mandar pra ela e gastava o resto.”. A certa altura, comenta: “Neste ramo, se ganha muito dinheiro mas gasta muito dinheiro. [Eleva o tom da voz] É que nem dinheiro de puta.”. Utilizando-se de gestos emblemáticos, reveladores da fluidez daquele modo de vida, e do tom de voz alterado em algumas expressões, revela que “gastava o resto por aí, com bobagem, com mulherada.”. Com enorme prazer segue a descrever as refeições servidas aos peões: “Era reforçado mesmo! Tinha pão, leite, queijo, Toddy, café... Reforçado mesmo! Porque o trabalho não era mole, não.”. O entusiasmo de Paulo vai num crescendo; a tosse é-lhe inevitável. Olho para o corpo daquele homem negro, alto, peito hoje frágil, ossos robustos, e penso no vigor aplicado na engrenagem do trabalho explorado e no complexo emaranhado de exploração que o modo de produção social, vigente a todos, envolve. Ele passa à descrição do processo de trabalho. De uma altura aproximada de 100 metros, os trabalhadores lançam, um por vez, sacos de até 90 quilos. “Aí, a gente fazia uma mula. Sabe o que é uma mula?”. Vários pneus são cuidadosamente empilhados. Os sacos têm o primeiro impacto sobre estes e, no segundo salto, já mais brando, devido ao amortecimento no contato com os pneus, vão parar sobre a cabeça do carregador, este posicionado estrategicamente para recebê-lo. Penso no impacto sobre a coluna vertebral de um trabalhador, horas e horas a fio. Descreve também o descarregamento a partir de alturas menores. Sacos são lançados de cerca de 16-20 metros de altura [Quase 3 andares!, penso. E isso é pouco?!], em posição quase vertical, incidindo diretamente sobre a cabeça do carregador. O modo como o trabalhador é esmagado literal e metaforicamente, não me passa ignorado. Neste momento da narrativa, Alexandre, “ex-funcionário de Alessandro”, como se autodefine, carrega para o interior do galpão um fardo de papelão prensado, em estado ainda úmido. Dali respinga material líquido. Aparte os respingos, o fardo passa a uns oito centímetros de mim. Penso: “um escorregão dele, um piso em falso neste chão irregular, e ai, ai, meu pescoço e minha vida.”, pendurado que estou, com a coluna arqueada para a frente há um tempão, para escutar Paulo. Não é a única passagem ruidosa – e hostil, até – realizada por Alexandre. Um modo de conduzir-se que se torna desagradável apenas quando se aproxima. Sem dúvida com algum valor significante, a ser melhor apreendido no só depois, sei lá, como nos encontros com Paulo Sérgio, agora sumido do depósito. Alexandre parece indiferente, mas noto o olhar de desagrado de Paulo. De tipo calado: rancor cozido em fogo brando. Incrível como, na movimentação do significante, os componentes de agressividade e de risco, vivenciados por nós naquele momento, põem Paulo a comentar sobre os perigos enfrentados no convívio com os colegas em seu tempo de saqueiro. Agora, estou meio que sentado ao seu lado, precariamente equilibrado sobre um cilindro oco, de papelão duro, avistado por mim no interior do depósito. Tipo suporte de filme plástico, com uns 60 cm na posição vertical. Improviso-o como banquinho. Paulo segue: “Tinha um cara, baixinho, mas forte, que era perigoso. Gostava de encrencar com os colegas. Uma vez, deixei ele dar uns tapas na minha

cara. *Depois, entendi melhor por quê.* [Acho interessante a percepção de Paulo, de um só depois, acerca de si. Aguardo.] Uma vez ele teve um desentendimento com um colega. Ele saiu de perto dizendo que ia trabalhar lá em cima [no lançamento da sacaria]...”. Paulo descreve, com palavras e mãos, o modo segundo o qual, para se vingar de alguém – com intenção de matar – os sacos são lançados. “Eles fazem assim, ó, de um jeito que o saco desce embolando, vem e... [gesto explicativo de torção] quebra o pescoço do peão.” [O sujeito está de costas, posicionado para receber a carga, portanto, não vê sua descida] Ao ver o colega morto, relata, entendeu seu apropriado agir ao deixar-se “levar uns tapas na cara”. Segue: “Se você tiver um desentendimento ali e o cara diz que vai trabalhar no... [plataforma de lançamento], pode dar um jeito de ir se esconder no banheiro, porque ele ta com intenção de te matar.”. Volta a comentar sobre a esposa: breve menção sobre o encontrá-la com outro homem. Desta vez, traços de fala aparentemente mais leves ante a indignação. Tece outros comentários sobre o quanto amava (termo apreendido pela força do relato) sua vida de trabalhador sazonal. A delícia de “estar” em movimento, “no mundo”, como diz. Narra também a vida dos saqueiros que trabalham no porto, onde também atuou. “São seis meses pra carregar um navio. Entra e sai caminhão.” Relatos sobre a dureza do ofício. “Mas também você ganha em dobro. Um saco que você carrega conta dois. Só que, se você deixa um daqueles espatifar, são dois mil. O cara fica sem dinheiro. Pode voltar a pé ou de carona pra casa. Ele tem que pagar do bolso dele.” Ainda assim, relata com saudades a vida de “saqueiro”: o estar ao sabor do vento. Por fim, admite: “Peão não tem pai, não tem mãe, não tem casa, não tem mulher.”. Peço para que o repita, importante para o contexto do que é relatado sobre a esposa e o estilo de vida que escolheu. Esperança de que se escute, que aquilo ressoe. Permanece calado, após meu pedido para repetir a *sentença*. [Sim, uma sentença, como um significante mestre que conduz o sujeito, sentenciado, penso-o na hora.] Uma vez repetida, Paulo pondera sobre estar preso [paráfrase minha], condenado às palavras da esposa, que o atingem como um vaticínio: “Já que eu não posso ter você, você também não vai ter mulher nenhuma.”. Em tom baixo, cuidadoso, pergunto: “O senhor sente que o que ela disse se tornou realidade?”. Repete a frase da esposa; olhos ao longe. Faz uma pausa; seu modo de anuir sobre sua miséria, refém do gozo do Outro. Pensa longamente: “Eu preciso achar uma benzedeira... Eu sei que ela foi em uma.”. Após rodeios de linguagem seus e uma tola pergunta minha, proposital, na intenção de criar condições para que rompa a barreira do não dizer – e, ainda mais, para que Paulo ouse escutar-se -, com irritação, ele desabafa. “Eu queria matar elas duas!”. Um longo silêncio. “Eu fui na vila [...], atrás da benzedeira. Fui lá pra matar ela [pausa] ...mas ela já tinha morrido.” Comenta sobre a ex-esposa: “De vez em quando passa por aqui, na outra calçada, tem um lojinha.”. Continua: “Eu disse pra ela: ‘Você vai viver enquanto eu quiser.’. Ela: ‘Ta me ameaçando?!’. ‘Não’, eu falei. ‘Só que você vai viver enquanto eu quiser.’”. Ainda me equilibro sobre o cilindro improvisado como assento; o tronco curvado para a frente. Nesta posição, meu rosto fica próximo de suas pernas. O odor de pus do pé machucado atravessa o curativo. Paulo diz realizá-lo, ele mesmo, sabe-se lá em quais condições. “Ir lá no posto... é muito longe.” No início da escuta, quanto aos acessos de tosse, a impressão era de um peito trancado que se abria. Como se a exigência de dilatação dos brônquios, a passagem do ar, para comunicar-se, forçasse o peito a um abrir-se: talvez, metáfora do esforço para fazer-se falar. Ao final, tosse muito pouco. Observo o movimento sob a camisa alva. Um fiapo de frágil arfar parece ser o que nele sobra de tanta vida e sentimentos paradoxais. Após a confissão de “amódio”, no silêncio de Paulo, ainda o ouço falar, por meio da imagem que tenho diante dos olhos: o corpo exaurido de um homem, vitalidade um dia aplicada neste sistema insano, social e pessoal, que se alimenta de e é corroído – pela exploração e pelo rancor. Levanto-me, produzindo um corte neste momento de emergência de paradoxal onipotência/impotência e reflexão. Deposito o cilindro no interior do depósito, junto aos outros materiais a serem prensados, triturados, reflito neste momento

grande. Ao regressar, resta apenas o quadro: inerte, Paulo parece voltar a fazer parte da paisagem, quase que colado à tinta da parede.

- Apoio-me contra a barra de proteção, de volta à posição anterior ao início da conversa. Um último olhar para Paulo que, em seu silêncio, sinaliza o encerramento. Expôs-se sobremaneira, reconheço. “Podemos falar mais sobre isso semana que vem, Paulo.”, é assim que encerro este momento de escuta. Passo a observar a movimentação no local. Um sujeito que não conheço, com roupas bem cuidadas, banhado, segue Rafael insistentemente. De modo demasiadamente sociável, zomba do rapaz o tempo todo, aparentando bom-humor e intimidade. Rafael procura evitá-lo: vai para os fundos do prédio, regressa, sempre trabalhando, inúteis suas tentativas. Ouço qualquer coisa relacionada a dinheiro sendo dita ao pé do ouvido de Rafael, um pedido de empréstimo e uma espécie de proposta. Após cerca de 10 minutos, olho interrogativamente para Paulo, calado, na mesma posição. Em poucas palavras explica: “Dinheiro para comprar crack.”. Semblante de desgosto ao dizê-lo.

- Todos estão num vai-e-vem intenso. O horário previsto para o fechamento se aproxima, mas ainda há muito a ser feito. Catadores chegam com seus carrinhos; o caminhão de uma empresa de eventos encosta com mais de 30 mesas e nem sei quantas cadeiras de plástico, para descarte; funcionários públicos da área de saneamento, ainda uniformizados, com material – sabe-se lá de onde – para negociar [!!] e o atravessador, próspero, que me direciona um cumprimento pela primeira vez em meses, dentre outros. Vejo os dois rapazes da empresa de eventos embolsando certa quantia pela transação e se retirando em seguida. Parece terem saído com R\$30, cada um. Vez ou outra, Rafael para e faz um agrado no cão que agora está deitado ao lado de Paulo. O rapaz que o segue, em todas as vezes que vê o afago, diz: “Pega nos bagos dele e dá uma apertada.”. Rafael o ignora. Em várias ocasiões, Alessandro passa com suas nádegas ainda à mostra. A fim de comentar sobre as investidas dos demais, rindo, repete em cada uma de suas passagens, com falsa inocência: “Minha nossa! Por que é que homem não pode ver uma bunda peluda que fica louco, hein?”. Sempre há alguém que se aproxima, faz comentários e tenta apalpá-lo, às vezes com êxito. Na última vez que fala a respeito, acrescenta: “Eu, o Rodrigo [atravessador da camionete] e... [quase diz, mas segura, “você”, em referência a mim] somos os com a bunda mais peluda aqui.”. Recebo-o como um marcador da transferência, impassível. Estou sobre a rampa. Alessandro, abaixo, perto de mim, na queda de nível que dá para a calçada (correspondente ao estacionamento para clientes do antigo supermercado) e Rodrigo, uns 5 metros distante, encostado contra sua camionete, próximo ao meio-fio. Rodrigo enrubesce de imediato, olha para mim, com embaraço. Por fim, mexe a cabeça negativamente e, com um riso empedrado que explode junto a uma tosse, diz: “Vê se é coisa pra se comparar...”. Alessandro tenta se sair da vexação de quase ter me incluído: agarra-se a Ademar, que por ali passa, e o coloca como mais um dos “peludos”. Este ri e segue com suas atividades. Alessandro, insistindo no assunto, faz rápida menção à “bunda do Nenê”, seu irmão. Apercebe-se do contrassenso e ri, pensativo: “Com todo aquele tamanho, a gente chama ele de Nenê...”. Afasta-se para trabalhar um pouco mais. Em brincadeira, chama a atenção de Gabriel, como se este fosse incapaz de levantar um *bag*. Rindo, Gabriel protesta: “Quê! Você só carregou uns 20 *bag* hoje e ta aí falando...”. Ambos se coordenam e realizam, juntos, a tarefa.

- Com este afastamento, pela primeira vez no dia, Luís, irmão de Alessandro, que anda pelo estacionamento, se aproxima. Sua cabeça, na altura do meu estômago, dado o desnível do terreno. Apóia os braços na barra de proteção, olha para cima, para baixo, sorri e se expressa sobre o dia difícil. Faz um movimento para sinalizar a retirada do boné com aparente descaso, mas que a mim parece ter a conotação de pretender mostrar algo. Aguço minha atenção. “Nossa, Luís!” Ele: “*Meu filho* quis descolorir o cabelo e [em seu apoio]... agora meu cabelo

ta assim. Mas na semana que vem você vai me ver de cabelo cortado.”. Penso na possibilidade de mais um indicador de minha posição na transferência, também em relação a Luís. Ele continua, com leve sorriso, fala suave: “Você não ia me reconhecer se eu estivesse como hoje de manhã. Fui pra casa na hora do almoço e [alusão gestual para o barbear-se].”. Procuro valorizar seu esforço de aproximação: “Está bem assim, Luís.”. Ele se afasta, para executar outras tarefas, alegre e paciente, atendendo a diversas solicitações.

- Gabriel, em pequena folga, senta-se ao meu lado, sobre a barra. Fala quase nada: está ofegante. Penso no cansaço, literalmente de tirar o fôlego, na falta de oportunidade para falar, na necessidade de uma brecha maior nos processos de trabalho; enfim, fatores que, se resolvidos, propiciariam alguns ainda que breves momentos de fala. Por outro lado, seu modo de estar-aí afigura-se-me como um dizer. Esta proximidade parece produzir nele algum efeito. Rafael continua fugindo do inconveniente colega.

- Ademar se aproxima. Diz que está bem, que está sozinho: “Chego em casa, me arrumo e durmo.”. Quanto a Rogéria, após minha indagação, diz: “ainda está lá”. Penso rapidamente na polissemia: referência a um *tópos*, de distanciamento físico e de lugar ainda ocupado no sujeito... De modo amplo, procurando uma abertura: “E aí, Ademar?”, apostando que esta oposição (lá-aí) gere algum efeito. Ele, grave; Gabriel nos escuta: “Eu não vou mais lá, visitar ela, ver ela.” Repete.

- Começa a anoitecer, mais para nós do que para o outro lado – a parte alta – da cidade. O tom prateado aos poucos toma conta. Por ser uma região de acentuada inclinação, o céu apresenta-se ainda claro, mas os raios do sol, já invisível para nós, atravessam o céu na horizontal, em tangente. As luzes da rua ainda não estão acesas. Esta região da cidade inicia sua incursão na penumbra. A próxima imagem que retenho é a camionete de Rodrigo abarrotada de material. Luís, Gabriel e mais alguém acompanham o motorista ao destino. Paulo continua sentado junto à parede do depósito. Enquanto me despeço, daqueles que se vão, sento-me na borda da rampa. Ademar à minha direita. Em questão de segundos, surpreendo-me: Rafael, sentado à minha esquerda. Expresso um cumprimento; sorri, está tranquilo, mas não se apossa da palavra. A certa altura, pergunto sobre ele e Gabriel serem irmãos. Confirma. Ocupa-se do celular, que tem o som ligado. Às vezes, assiste a uma espécie de desenho animado, com ar de divertimento. Permanece ao meu lado por muito tempo. Quando sai, Alessandro vem e se senta.

- Hoje, Marcos, o catador submetido a um enxerto em um dos pés, está presente. Conversa com o pessoal; alguns em pé, outros, sentados na borda da rampa, se revezam. Em meio aos diálogos e brincadeiras, olham para verificar se os acompanho nos movimentos e enunciados. As luzes da cidade agora estão acesas. Passa das seis horas, mas decido prolongar minha estada a fim de ver o que acontece. Alessandro tira o celular do bolso e começa, enquanto conversamos, a passear pela sua lista de contatos. Ao chegar no nome do irmão, estende o visor. “Olha aqui o nome do meu irmão. Tenho, então, conhecimento do sobrenome, mas nada expresso a respeito. Ajo de modo fortuito. Ao voltar para a tela de fundo, estende o aparelho novamente. Suponho ser uma foto com a esposa. Comento, em leve tom de brincadeira ante às poses: “Um casal-gato?”. Sorri: “Esta é a minha segunda esposa.”. “Segunda?”, pergunto, buscando naturalidade no tom. Alessandro comenta que estão juntos há 15-16 anos. Franze o cenho: “Eu sempre tenho dificuldade de pensar na idade do meu filho mais velho. Por que será?”, expressa, intrigado. Gabriel foi solicitado em outra ocasião para tal esclarecimento. Acho interessante o fato dele e do irmão mencionarem seus familiares neste mesmo encontro. Comenta que seu primeiro casamento durou pouco mais de um ano. Não teve filhos com ela: “O ciúmes é uma desgraça!”. Aborda algo sobre seu segundo

casamento: encontrou nesta relação bases mais sólidas para constituir uma família. “É com esta que tive meus três filhos.” Fala para o grupo, citando os nomes de alguns colegas: “Outro dia, eu estava na rua e levei um susto quando vi meu moleque andando abraçadinho com uma namorada. [gesto] Menina bonita, meu!”. De seu enunciado vem a surpresa, enquanto pai, ao ver o filho realizando com propriedade o cerimonial da corte. Aspectos enfatizados em sua descrição. Propositamente olho algumas vezes para trás e sorrio para Paulo, agora, sentado em uma cadeira giratória, almofada. Foi ao fundo do depósito buscar uma. O que estaria fazendo caso não estivéssemos ali? Olha para mim e retribui com um leve aceno de cabeça. Está na conversa, a seu modo.

- Cilzemar, o mototaxista que realiza serviços para o pessoal do depósito, encosta ruidosamente. Nada se escuta dos demais: seu bafafá, seu show, tomam conta da cena. Digo serenamente seu nome ao cumprimentá-lo. Surpreso: “Você se lembrou?!”. Ora sentado, ora circulando, rebolando, produzindo trejeitos afeminados, zombando dos demais, participa, fala de si, de seu jeito de procurar “tratar bem todo mundo: travestis, veados, evangélicos...”. De “procurar entrar no mundo de cada um pra [interagir] com ele.”. Cita exemplos. A cerca de dois metros, Marcos tem sua carriola encostada junto ao grupo. Faz dela uma espécie de barricada, que o protege da visão dos passantes. Enquanto conversa com o grupo, senta-se no chão e prepara seu cachimbo para consumir crack. Alessandro, pouco depois, diz: “Olha, lá. Já vai consumir porcaria.”, atento à minha reação. Já o tinha visto; volto meu rosto para o grupo e eles seguem a falar naturalmente.

- Alessandro, na sequência dos efeitos do significante “ciúme”, talvez, passa a relatar que uma funcionária da empresa de ônibus onde diariamente trocam dinheiro “começou a se interessar” por ele: “Antes, a gente tinha um papo gostoso. Ela começou me chamar de Alejandro, Alejandro. [Semblante de visível incômodo; naquele claro-escuro, seu olhar exala algo turbulento de dentro da alma.] Falou que era o meu nome em espanhol e veio com uma conversa estranha... Eu achei melhor parar de ir lá pra não ser grosso com ela e acabar magoando a pessoa. [repete]... Agora é ele [Cilzemar] que tem ido lá, trocar o dinheiro.”. Segue-se no grupo uma conversa sobre atração/sedução e sobre dar vazão livre a estas irrupções. Volto-me para Alessandro, que parece ainda precisar elaborar algo: “Como é pra você?”. Com semblante sério, olhar pensativo, para a rua: “Eu? Eu vejo assim: Pra que começar se envolver com alguém e depois vem um filho, aí, fora do casamento, e traz problema pra todo mundo, inclusive pra criança?”. Alguns comentários brincalhões de Cilzemar têm sequência. A reflexão de Alessandro é interrompida por Rafael, que tem as pernas abertas, joelhos flexionados, nas costas de Alessandro. Sorri, abraça, agarra-se ao pescoço do colega e passa incessantemente as mãos no rosto de Alessandro, que agora ri. É possível que algo de divertimento tenha sido combinado entre os demais, enquanto ouvia o relato de Alessandro, mas os componentes erótico e afetivo a ele direcionados são inegáveis. Cilzemar, rindo, observa: “Olha como ta o Rafael com o Alessandro: parece um cachorrinho no cio.”. Também me movimento, revezando-me no senta-levanta, com o objetivo de que não haja monopólio da palavra. Neste momento, estou em pé, de frente para Alessandro. Sentado na rampa/terraço, Rafael, de cócoras, nele enlaçado, pelas costas. A conversa toma outros rumos, naturalmente.

- Quando volto a me sentar, Marcos, após ter usado seu cachimbo, senta-se ao meu lado e estende uma espécie de álbum para fotografias em cujo interior estão compilados diversos discos de vinil, nas versões compacto simples e duplo. Pede com suavidade: “Só segura com cuidado a capa da esquerda.”. Eu: “Tudo bem. Estou com a mão apoiando a capa aqui. Está bem assim?”. Concorde. Ao percorrer o material, teço comentários, recitando alguns versos das músicas: “O meu sangue ferve por você”, com Sidnei Magal, “Só quero um xodó”, com

Gil... De repente, mais uma raridade, internacional, cujo título, de modo desprendido, traduzo, procurando abrir para algum tipo de efeito: “Somos todos sós” [“We’re all alone”, de Rita Coolidge]. Alessandro, que havia se ausentado por algum tempo, volta com uma marmix e uma colher suja. Marcos aceita a oferta. A sobra oferecida tem um aspecto amarelado. Marcos leva algumas colheradas à boca e lambe a colher, como quem come brigadeiro. Reserva a maior parte do conteúdo para o cão. Olha para mim: “Trato meu cachorro melhor do que gente da família. É ou não é?”. Ademar concorda.

- Querem e não querem ir embora. Conversas sobre quem Cilzemar levaria primeiro não são resolutivas. Há também alguma fala sobre um churrasco. Direciono meu relógio a favor da luz do poste. São sete horas em ponto: “Estou indo, pessoal.”. “Vamos comer um churrasco com a gente?”, convida Alessandro. Agradeço e explico que tenho um compromisso às oito; o que é verdade. Alessandro pergunta pelas horas e a verifica em meu relógio: “Nossa, mas você trabalha uma hora dessas?!”. “Sim.”, respondo com um sorriso. Não explico que meu compromisso é o início da elaboração deste relatório. Comento aceitar o convite em outra ocasião.

- Cilzemar se oferece para a corrida. Insiste, de fato. Aceito. No caminho, ao perguntar-lhe se vai para Chavantes “ficar um pouco com sua família; afinal, você trabalhou o dia inteiro”, o motorista responde: “Mais tarde vou pra [cidade próxima]. Tenho uma [utiliza um termo parecido com *estrutura*] lá. Minha mãe mora lá. Fico lá.” “E sua esposa?”, pergunto. Cilzemar relata sobre sua infelicidade no casamento, a falta de vitalidade da esposa; até aqui expressa na acepção de ausência de desejo/entusiasmo de vida. Tentando talvez dar um contorno biológico para aplacar/explicar este mal-estar, acrescenta: “Ela tem anemia falciforme. Fica sempre quieta...”. Referências breves à falta de comunicação entre o casal. Eu: “Você não acha que ela pode estar te dizendo alguma coisa?”. Por fim, Cilzemar conclui, a moto em movimento: “Antes da gente começar namorar, ela foi honesta comigo [ênfase]: contou pra mim o problema dela. [pausa] *Mas eu não consigo me perdoar por dar aquele primeiro beijo nela. Depois disso, ela me pegou, parece que me aprisionou. Eu me sinto preso nela.*” Em contrapartida, tenta o afastamento, alugando uma quitinete perto da mãe... Cilzemar repete-se mais duas vezes, em tom de quem se interroga, ao mesmo tempo que se tortura, por aquele beijo e seus efeitos. Pago pela corrida. Antes de partir, diz: “Foi bom falar com você.” Atravessando a rua, penso: “E eu nada disse...”.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

29/Março/2014 – Às sete da manhã, Maria do Papelão desponta na esquina. Abre-se em sorriso e vem me abraçar. Intrigada, pergunta: “*O que é isso? Você está sempre lá?*”. Investiga para saber o que sou, o que faço. Quando utilizo o termo “catadores” para falar sobre minha pesquisa e o trabalho junto ao depósito, faz uma correção: “Catadores, não. Catadores somos nós!”, bate no peito. Procuro suturar o mal-entendido com o termo “profissionais da reciclagem em geral”. Parece funcionar. Maria desabafa sobre a vida difícil, fala dos filhos, da preocupação com o mais novo; mas, também o elogia. “De fato, Maria. Vi seu filho agora mesmo, trabalhando, já neste horário.” Apesar de certa ingenuidade no comentário “Não precisava prender tanto assim. Bastava aplicar *plano de morte* pros crimes mais graves, que muito crime ia parar.”, a conscientização política de Maria, enquanto classe explorada é admirável. Faz uma leitura crítica do que a mídia (TV e internet) traz, além do que vê ao seu redor, no bairro e cidade em que habita. Corrupção em todos os níveis, violência policial contra a população pobre (“Outro dia um policial reformado, que não é daqui, bateu na cabeça do meu menino, aqui no centro.”) e, sobretudo, o tráfico de drogas que, segundo sua fala, grassa nos bairros pobres, desamparados pelo poder público, são os

temas centrais da conversa. A oferta do trabalho é feita a ela ou a quem julgue que venha a se interessar.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

4/Abril/2014 – Loja de material para construção/Depósito de Reciclagem – Dono da loja: “Eu vi você outro dia no depósito de reciclagem, encostado num ferro, de costas pra rua, conversando com o pessoal. Achei estranho.”. Explico brevemente sobre o trabalho realizado. O *motoboy* me leva para o depósito.

- Avisto Paulo trabalhando, sapatos mocassim. Dado relevante para quem estava com o pé “em pandarecos”. Em nosso aperto de mão, algo pegajoso, brilhante sobre a pele, à luz do sol. Onde os equipamentos mínimos?, penso. Aos poucos, percebo melhor as diferentes roupas que usa (bermuda e camisa polo), um jeito levemente moderno, assemelhando-se ao dos rapazes: cueca levemente à mostra, estrategicamente posicionada, que não sai do lugar, não importa o movimento empreendido. E a disposição física. O que aconteceu com aquele homem que, por semanas a fio, mantinha-se sentado, praticamente imóvel, sem força nas pernas para alçar-se, despencando da mureta, nos *bags*, nos latões sobre os quais se acomodava, imprimindo aos movimentos muita lentidão? E não estava bêbado ou coisa parecida. Auxílio Paulo na catação que realiza; ele fala, enquanto transporta folhas de papelão avulsas, bem grandes, empilhadas fora do depósito. O sol está insuportável, ardido, apesar do horário, 16:30h. Sigo-o, também eu, apanhando materiais menores que ficam pelo caminho, escapados dos montes que ele carrega nos braços. “É como falei outro dia: preciso ir pra outra cidade... fazer novas amizades... Senão, vou acabar matando ela!”. Afasta-se abruptamente enquanto faz a última declaração. Parece-me que algo de insuportável dele toma conta: imprime mais força aos movimentos, consoante com a necessidade do deslocamento físico para talvez sair, pelo menos um pouco, do gozo, da ideia fixa. Pega mais material, regressa e retoma o vaticínio proferido pela esposa: “Já que você não quer *ter gosto comigo*, você não vai conseguir [pausa e gesto] deitar em cima de nenhuma mulher.”. Repete o intento de matá-la, de modo convicto. Decido entrar com um elemento de dúvida. Olho para o chão quando o faço: “Será que isso vai trazer aquilo de volta?”. “Sim.”, é sua resposta imediata. Curva-se para apanhar alguns papelões. Na volta à posição ereta, os movimentos de ombro e de cabeça, além do semblante, denotam claramente algum trabalho psíquico. Em tom baixo, de dúvida, expressa: “Não sei, ué.”. Em silêncio, sigo-o na execução de seu trabalho, apanho uma ou outra coisa. Cumprimento um homem que me olha simpática e insistentemente de uma camionete novinha que encosta; algum conhecido? Paulo volta a falar: “Não posso fazer esse serviço. Um conhecido passou aqui, me viu e fez assim [gesto].”. Mostro uma expressão de quem não entende o que se passa. Paulo esclarece: “Sou aposentado. Não posso trabalhar.”. Parece que também utiliza o significante “por invalidez”; não tenho certeza, devido ao tumulto.

- Rubens traz boa quantidade de material plástico e ferro velho para negociar. Observo Luís, que se ocupa da pesagem. É visível seu cansaço, mas trata a todos educadamente. Alessandro sai do interior do depósito, percorre uma distância aproximada de 15 metros até nós. Dentre os metais de Rubens, para pesagem, pega dois eixos de veículos e inicia uma atuação/exibição de prática de alteres. Hoje trabalha com luvas. Na semana anterior, utilizava uma máscara. Diz algo sobre sua força, ironiza ser ali uma academia e se afasta. Terminada a pesagem, Luís, ao meu lado, na réstia de sombra em que agora procuro me abrigar, calcula as anotações feitas no caderno. A calculadora parece não funcionar. Uma fala direcionada a mim, com suspiro de cansaço: “Até ela não quer mais trabalhar.”. Com seus fortes dedos, expõe parte do interior do aparelho, como suas entranhas. Por fim, inicia uma caminhada para o interior do

prédio, aparentemente calmo. Ao passar por mim, com forte arremesso espatifa o instrumento contra o chão. Ao regressar, comenta: “A gente tinha umas quatro calculadoras funcionando bem. Distraí e um cara levou tudo embora.”.

- Enquanto converso com Rubens, avisto Luís conversando com o motorista. Este olha em minha direção novamente, acena e sorri. Rubens tem me evitado. Desde a ocasião da emergência do medo ante o inesperado no animal. Após delicadas investidas de minha parte, hoje, torna-se receptivo. Informa que também encera carros, dentre outras atividades, tendo trabalhado hoje em um. Relata sobre um churrasco durante a execução do polimento: “a gente vai comendo uma carinha, bate um papo enquanto trabalha.”. [...] “Se o carro é preto, é mais caro: R\$30.”. Diz que vai para casa descansar; à noite pretende sair para catação. “Tem noite que é muito bom.” Tem um terreno para carpir no dia seguinte. Pergunto sobre a dimensão. Como referência, mostra uma casa do outro lado da rua. Volta a falar sobre suas tantas habilidades. Um lapso: “Sou [no lugar de “fui”; indicador de algo do sujeito?] borracheiro por oito anos. Dos bons. Se falar que fiz o curso da Scania [para ter a credencial], to mentindo, porque eu não sei ler; mas sou bom mesmo. Gostava de mexer com caminhão, veículo grande. Não carrinho, que nem os outros.”. Mais tarde, assuntos sobre a reciclagem levam-me a perguntar sobre o número aproximado de catadores na cidade, fora os associados. Chuto uma estimativa: “uns duzentos, trezentos, Rubens?” Rubens olha para longe, pensativo: “É, acho que mais ou menos isso. Mas, pergunta pro Alessandro, que ele deve saber.”.

- Em meu zanzar pela área da frente, com sol ainda a pino, volto a Paulo. Pergunto sobre o pé machucado. Estranho o fato de o ver com calçado fechado, face às condições em que se encontrava o corte. Tira o sapato e esfrega o peito do pé; o ferimento ainda não totalmente cicatrizado. “Tá melhor, ó.” Segue trabalhando. Ao esfregar a região, ainda tão sensível, as mãos sujas, minha sensibilidade emerge: tenho uma sensação súbita de mal-estar, manifestação no real, jamais ocorrida até então, ante tudo o que já presenciei no contexto dos catadores. Contorno imediatamente a inquietação. “Tem cuidado, Seu Paulo?” Ele: “Tenho. Toda noite limpo e faço curativo.”

- Estou sozinho, de repente. Todos parecem ter ido à parte de trás do prédio, ao corredor lateral, ou incursionado em seu interior. Dirijo-me então ao motorista da camionete modelo Hilux, novinha. “Por favor, é pálite o nome destas peças?” (espécie de estrado sobre o qual são assentados produtos, evitando o contato direto com o chão). Pergunta para introduzir o contato. Diante da afirmativa, comento ter visto peças úteis e lindas idealizadas por arquitetos, tais como: mesas, estantes e camas, feitas a partir destes estrados. Enquanto acomoda as diversas peças, recém-adquiridas, diz: “É. Com um pouco de inteligência e boa vontade, dá pra fazer muita coisa com o que se joga fora. Quanta riqueza tem nesse material, em tudo que é descartado.”. Desloca-se. Mais tarde, volta: “Eu pego esses pra pôr latas de tinta na minha loja, pra não estragar o piso.”. No momento de fechar o tampo, percebe nos estrados placas de uma meleca branca que, aderidas à madeira, espalharam-se pela lataria do veículo, ao deslizar as peças para o seu interior. O motorista hesita; por fim, retira aos poucos o muco, utilizando-se apenas de suas mãos. Ainda conversando, caminho com ele, à medida que olha para o chão em busca de algo com que limpar as mãos; mas age com naturalidade. Páginas de uma revista velha, atirada, fazem a vez de um guardanapo. Ao regressar para o carro, narra a transação com Luís, sobre o preço das peças: ““Quanto você quer?”, perguntei. Ele falou R\$10. Aí, quando eu abri a carteira e ele viu um monte de dinheiro, disse que queria R\$20. Eu falei: ‘Você disse 10, então é 10’”. Comento, buscando um tom impessoal: “Lei do mercado: o preço da melancia depende do carro que se aproxima.”, criando uma rima. Ele ri. Dá as costas para acomodar o último pálite/estrado: “Essa vai na cabine.”. Uma última revelação: “Eu

também catei papelão, cortei cana.”. Estende a mão: “Foi um prazer. Meu nome é Marcos.” Retribuo o cumprimento.

- Sol forte, mais de 30°C. Noto que todos estão exaustos; há muito ainda por fazer. Volto, por alguns minutos, para a réstia de sombra proporcionada pela marquise. Rafael sai do galpão. Estamos nos extremos do edifício, em lados opostos. Olha em reconhecimento de minha presença ali. Esboço de um sorriso que some imediatamente. Aproveitando-me do raro momento em que nossos olhares se cruzam, por mímica, convido-o para falar. Para minha surpresa, Rafael põe-se em minha direção. Desincumbe-se de um fardo e se desloca por mais de 12 metros. Nosso aperto de mão é silencioso. “Vamos conversar um pouco, Rafael?”, proponho. Quando movimenta os lábios para dizer alguma coisa, é interrompido: trabalho a ser feito.

- Adentro no barracão. Gabriel e Ademar nas prensas. Movimentos incessantes para alimentá-las com materiais extraídos dos *bags*, seguidos da ruidosa compressão. Música a todo volume, gritante. Apercebem-se de minha presença, expressam satisfação. Um olhar à distância que se repete quase que continuamente, expressões de cansaço. Volta às máquinas. Antevejo o risco de acidente, dado o modo distraído com que me olham. Por gestos, aludo aos riscos. Voltam a focar-se. Julgo apropriada minha saída. Observo que o depósito, geralmente 90% cheio, literalmente a 10-15 centímetros das lâminas de zinco do teto, hoje está cerca de 60% vazio.

- De volta ao exterior, ouço pequenas alusões ao horário avançado e ainda tanto por fazer. Luís próximo a mim, atira material no interior de um contêiner de navio, sem a parte de cima, que se situa em uma das laterais do galpão. Observo a trajetória curva dos objetos lançados, metal e vidro, em sua maioria, e o som de sua aterrissagem, do outro lado da parede de lata azul. Luís, em certo momento, carrega um armário de cozinha. Ao notar que o seu destino é o interior do contêiner, que sua porta está aberta, desço da rampa, saltando a barra de proteção, e vou com ele rumo à aventura. Sempre quis conhecer um contêiner, visto do interior; uma ideia mais palpável de sua dimensão, a partir da escala humana. *Moby Dick* visita o pensamento. Entro no contêiner. Ele fala, enquanto carrega material para dentro, atira-os teatralmente em direção à pilha que se forma no extremo oposto à entrada: batentes de portas e janelas de madeira e metal, esqueletos do que teria sido uma cadeira, eixos de maquinários, placas de vidro rachadas e por aí vai. O chorume acumulado no local produz odor característico. Em uma pausa que faz, comento sobre a transformação deste tipo de recipiente em casas e escritórios, com ótimo isolamento acústico e térmico, às vezes utilizando-se de dois contêineres. Isto dá ensejo para que Luís elabore sobre a disposição dos cômodos: “É mesmo! Ali poderia ser..., etc.”. Já do lado de fora, ainda sobre a inusitada moradia, ele aponta para a falta do telhado, mas aquiesce, após inspeção, que, de fato, há no contêiner as fendas, trilhos laterais para o deslizamento da placa superior. Menciono algo sobre a “abertura de janelas e portas na lataria”. São segundos para que emergja em Luís o significativo “carne podre humana” e aponte para o seu antebraço. Olho a pele lisa, saudável, em tom caramelo, lustrosa, sob o efeito de suor e luz; o que me causa estranhamento. Produzo uma escansão. Ele comenta sobre o quanto a carne humana é frágil. Relata, em vã tentativa de escamotear o semblante emocionado, os últimos tempos da falecida avó: a pele frágil rompendo-se sob a mínima pressão. Após um tempo de silêncio, comento: “Sofrimento, não?”. Ele: “Uma judiação. E era uma velhinha que sempre tinha uma vontade de viver [ênfase]... mesmo doente. Foi uma guerreira até o fim.”. Sincrônico ao enunciado “vontade de viver”, Luís empreende grande esforço físico para levantar uma estrutura de divisória, com vidros já trincados, e a arremessa ao interior do contêiner, a metros de distância. Esperamos, ambos, sérios, olhos no olhos, o ruidoso espatifar do projétil em voo. Alto valor significativo naquilo tudo. Regressa de outra pequena tarefa, agora mais calmo: “Um sonho meu é comprar um

ônibus e reformar ele inteirinho pra viajar, ir pescar...” Comenta sobre as adaptações necessárias para o quarto, a cozinha, o banheiro. Inclui a esposa no desfrute do projeto. Eu: “É possível, Luís.”. A riqueza do momento é interrompida pelo chamado de alguém que nos tira, surpresos, de um devaneio, de um lugar mais íntimo naquele momento-sessão. Do outro lado da rua: uma minivan com ferro velho precisa ser avaliada. Avisto-o carregando para o corredor lateral uma janela basculante, metal e vidro em perfeitas condições.

- Nosso reencontro se dá mais tarde, no extremo oposto ao do contêiner. Diz que está “com vontade de comer mocotó”. Acho interessante a abertura de Luís para expor algo da dimensão desejante: o ônibus, a comida... Menciono uma coincidência, de propósito: “Domingo passado, uma amiga de mais de 80 anos me convidou para comer mocotó com polenta. Foi uma coisa!”. Imediatamente, outros pratos, hoje menos populares, são por ele evocados: “buchada, sarapaté, rabada”. Com o último significante, alguém pula nas costas do Gabriel, que trabalha. Algazarra e protesto se seguem. Enquanto descreve o farto almoço que a esposa costuma preparar para o pessoal do depósito, Luís se interrompe com uma surpresa no tom da voz, olhando para a rua: “Esses são meus filhos!”. Dois rapazes se aproximam, pedem a bênção e o abraçam. São jovens de 18 e 16 anos. Estão de saída para outra cidade. Tenho a impressão que nela residem. Um casamento anterior, talvez? O mais jovem diz que termina o ensino médio e quer cursar “Administração”. Sobre o irmão, que conversa com o pai, diz: “Ele saiu da escola, mais vai voltar.”. Luís saca a carteira e pergunta de quanto precisam. O mais velho aparenta embaraço em dizer a quantia. O mais novo relata que o irmão vai levar uma garota para lanchar. Algo em torno de R\$35 fica acordado; valor que é passado em notas de R\$2, da carteira às mãos dos rapazes. No meio da conversa sobre como é feito seu sarapatel, um senhor com camiseta do departamento de saneamento nos interrompe e pergunta sobre o preço para garrafas PET, cordas, etc. Decido, então, adentrar no depósito e procurar por Alessandro e Rafael, com quem ainda não conversei. Seleccionam *bags* e *bags* de material. Frascos coloridos, para um lado, garrafas PET, para outro, acrílico, e assim por diante. Pergunto sobre cordas de diferentes tessituras que lotam alguns sacos. Alessandro discorre sobre os diferentes materiais de que são feitas; em seguida, o tratamento dos materiais ao chegarem às usinas de reciclagem, o preço... O “filé”, PET, é comprado por R\$1,50 o quilo; mas há outros tipos, como PI, PA, etc. Após detalhada explicação, expõe que têm a intenção de esvaziar o depósito para uma reforma. Com gestos amplos, descreve a área, que terá no interior um espaço para o escritório, a reorganização da posição das prensas, de modo a setorizar o espaço para distribuição dos *bags* no local, além do refeitório e do banheiro. Procurando neutralidade no tom, pergunto: “Quando vocês decidiram isso?” “A *gente conversou junto* e decidimos isso essa semana.”. Tenho minhas dúvidas quanto ao acordo coletivo; mas, o dito importa. Em seguida, aborda a dificuldade de esvaziar o depósito de todo o material acumulado e, ao mesmo tempo, cuidar do que continua a chegar. Das pilhas restantes no fundo do barracão, que ainda atingem o teto, ele e Rafael, com o uso de uma escada, deslocam os *bags* posicionados mais ao alto, trazendo-os abaixo. Com o desmoronamento de cada saco, poeirão, partículas mil sobem do chão. Nossa conversa se dá a uma distância de 3-4 metros um do outro. Para chegar ali, à medida que atravesso o que produz em mim a sensação de um mar de *bags*, acabo por encontrar uma abertura apenas suficiente para meus sapatos entrarem e posicionar-me em pé; ponto-limite das possibilidades de meu avanço. Estou meio que ilhado, rodeado por sacos cuja altura chega à do meu peito. A conversa/escuta se dá nestas condições: ambos trabalham, as prensas, sob o comando de Ademar e Gabriel, no seu liga-desliga e a música, agora com volume mais moderado. Não sei como, a certa altura dos acontecimentos, o cachorro de Paulo, que é de tamanho médio para grande, percorre aqueles meandros, se aproxima de mim e se deita apertado ao meu lado, não sem antes, esfregar-se suavemente contra minhas pernas e deitar-se sobre meus pés. Olho para baixo e penso, com um sorriso no pensamento, ao mesmo tempo em que ouço as explicações

de Alessandro: “Você também, cachorrinho?!”. Mais tarde, com a liberação dos espaços, Rafael se aproxima e acaricia o animal, sobretudo introduzindo os dedos em sua orelha, como o faz habitualmente em seus agrados.

- De volta ao exterior do prédio, com o trabalho rumando para o seu final, Alessandro e Gabriel se aproximam. Conversamos encostados contra a barra. Via Alessandro, sou informado sobre a preocupação de Gabriel: um de seus pit bulls quase morreu. Está internado. Gabriel vai desembolsar R\$500, em três ou quatro pagamentos, para salvá-lo. Não noto indícios, mas Alessandro diz que os olhos de Gabriel estão chorosos só de tocar no assunto, sabedor do que se passa no outro. Pergunto coisas diretamente a Gabriel. Alessandro tenta falar por ele. Insisto no direcionamento ao rapaz. Alessandro se cala, um pouco. Depois, diz, com alguma emoção/admiração. “Esse é um São Lázaro dos dias de hoje.”. Quando a conversa é sobre seu cavalo, outros colegas, de passagem, provocam-no dizendo que “como ele é virgem, Gabriel transa com o bicho”. Para mim: “Você acredita que ele ainda é virgem?”, diz alguém. Alessandro intervém dizendo que já se ofereceu para arrumar-lhe uma garota de programa. Noto o embaraço que começa a se instalar em Gabriel. Com naturalidade e um sorriso, comento: “E se ele quer esperar mais um pouco? O que incomoda?”. Os galhofeiros se acalmam e Gabriel pode falar: “Ué, eu vou pro sítio todo sábado, volto à noite, saio cedinho.”, com tranquilidade. Os outros se afastam, vão sentar-se na rampa. Alessandro inicia uma conversa sobre cuidados de higiene. Chega em casa, atira a roupa suja no quintal, “o cachorro dorme em cima”, e entra em casa nu, rumo ao banho. Utiliza Leite de Rosas, etc. Chega a narrar sobre depilação da “bunda” e do ânus. “Vi fogo!”. Relata sobre os cuidados com os pelos pubianos, com as axilas, o aparelho para tal. Por duas vezes, Gabriel enuncia algo alusivo ao despropósito de certos cuidados, pois, “se toma banho hoje, volta para o sítio amanhã”. Na esteira do assunto, introduzo, em tom geral, olhando para a rua: “Porque se trabalha com reciclagem não vai ter acesso a produto bom, coisas agradáveis?”. Volto o rosto e noto efeitos no semblante do rapaz.

- Estão formados dois grupos de conversa em frente ao depósito. O nosso e outro, maior, com Ademar, Luís, Rafael, Valter, etc. Procuro me deslocar sutilmente, de modo a propiciar a fusão deles. Quando isto acontece, Ademar, responde ao meu “como está” com reiterados “Tô bem”. Fico surpreso pela sua – difícil, certamente – iniciativa em voluntariamente falar de Rogéria. Sorridente, sua primeira referência a ela é com um apelido: “A Magrela... ta lá.” Brevíssimos comentários sobre o afastamento, sobre nem saber onde ela está ao certo. Em seguida, mudando o tom da voz para reflexivo, abaixa a cabeça e, ao voltar, diz, com dor nos olhos: “Mas não vou mais procurar ela.”. Após repetir o enunciado, retomo ecos de suas duas últimas falas: “Bem, bem, bem? Será que seis anos juntos não dá uma [gesto com indicador e polegar]... pinçadinha?”. Ademar sorri e abaixa a cabeça, em ponderada aquiescência. Expressa surpresa por eu me lembrar do tempo que ficaram juntos. Reflexivo, novamente: “É, seis anos junto; é isso mesmo.”. Olha para alguns colegas e acena com a cabeça, em confirmação. No curto silêncio que se estabelece, na brecha aberta por Ademar neste encontro, introduzo: “Será que ela não quer ser procurada pra se sentir valorizada?”. Nossas imagens, menos nítidas, no lusco-fusco que se instaura. Noto Ademar que segue refletindo. Dentre aqueles que diretamente participam deste núcleo de conversa (pois há outras falas acontecendo), silêncio é produzido. Aos poucos, Ademar sai do silêncio, mexe um pouco o corpo, da posição sentada em que se encontra pondera: “É. Acho que um dia desse vou lá procurar a Magrela.”. Olha para mim e sorri.

- Cilzemar encosta a moto no meio fio. Há um pequeno alvoroço sobre quem deverá levar para casa. Neste íterim, me afasto do grupo e vou até ele. Seu modo de fazer um convite: Qualquer dia eu quero ir comer com você lá no Ilha do Sol [restaurante self-service]. Eu:

“Pode ser. Ou então, uma sobremesa na [loja de doces], ou um salgado...”. Ele, refletindo: “Olha, qualquer coisa de comer ta bom.”. Eu: “Você tem razão. A conversa é o que há de mais rico, concorda?”; enunciado simultâneo ao meu afastamento. Gabriel dele se aproxima para ser levado ao consultório veterinário.

- Retorno para o grupo. Ora estou sentado na varanda, na rampa, sob o corrimão de ferro, ora em pé. Surge a oportunidade de conversar mais um pouco com Ademar. Sinal de disponibilidade, suponho, visto estar se mantendo próximo a mim. “E o que trouxe você para cá?”, pergunto, após saber que mora na cidade há oito anos. Semblante sensibilizado, toma fôlego para responder: “Cuidei do meu velho até morrer [cidade do Paraná]. Daí, vendi o barraco, dividi o dinheiro com minhas irmãs e dei minha parte pra minha filha.”. Ademar retoma o relato com as mesmas palavras. Sobre a filha, continua: “Ela não conheceu o pai. Era nenê. Hoje tem quase 16 anos. Fui lá uma vez depois da morte do meu velho. Minhas irmãs falaram que ela quer conhecer o pai.”. Seu olhar perde-se no movimento da rua. Por ser adjacente a um trevo que corta a rodovia, regulando seu fluxo, e liga aquela parte da cidade ao centro, mais de 20 veículos se enfileiram, até conseguir passagem neste horário de pico. Assim sucessivamente. Buzinas, motores acelerando no controle de embreagem e freio. Já é noite.

- Ademar termina seu relato; estou sentado ao seu lado. A dois ou três passos de nós, uma cena inusitada: um catador, sentado na rampa, parece fazer sexo oral em Luís. Este se posiciona em pé, de costas para a rua. Posicionado contra a luz que vem do poste localizado do outro lado da rua, seu vulto produz sombra sobre o catador, sentado próximo a mim. Mantenho-me calmo, mas tento entender a cena. Por fim, percebo que Luís tem as mãos e o polegar posicionados de modo a imitar um pênis que atravessa a braguilha da calça, e que o catador o suga. Risos abundantes seguem-se à pilhéria, mas logo se dissipam. Alessandro comenta: “Aqui, cada um é mais louco que o outro: ali, o psicopata [Valter que circula por nós], o fulano [outro rótulo]... Acho que a gente é o grupo mais louco que você atende, não é?”.

- Entram por uma conversa sobre trabalhar ou não no dia seguinte, sábado. Alessandro diz que é preciso “trabalhar lá dentro, com as portas fechadas, pra terminar de selecionar o material.”. Valter protesta, Alessandro insiste. Mantendo um sorriso de ironia, Valter faz duas ou três vezes suas duras críticas aos “patrões”: “Puxa vida, a gente é explorado até o último, até ficar bagaço. A gente ta sendo roubado pelo patrão e deixa continuar sendo roubado [...]”. Em contundente afirmação, Valter expõe sua consciência de explorado e o misto de impotência e estranho afeto por este patrão específico, embora não o nomeie diretamente. Em sua breve crítica, algo como, aqui recuperado em paráfrase: a gente vai ser explorado de qualquer modo; que seja, pelo menos, por este. Penso em La Boétie. Igualmente, no modo engenhoso com que Valter o faz, traz em mim à mente, de imediato, grosso modo, o ardil de Padre Antonio Vieira, ao simultaneamente transitar pela heresia e pelo quase chulo, tendo seu ouvinte chocado, paralisado, incerto, em vertigem quanto ao orador ter chegado às vias do fato do incômodo dito.

- Comentários que revelam um Alessandro intrigado quanto ao que define como meu “jeito calmo de ser”: “Esse deve pôr a cabeça no travesseiro e dormir de uma vez, não é mesmo?”. Ri, procurando a confirmação dos colegas. Um *motoboy* chega para me buscar. Quase 20h.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

11/Abril/2014 - Depósito de Reciclagem – 16:15h – Sou surpreendido ao reconhecer o motoqueiro que me atende hoje. O rapaz foi inquilino de um apartamento no edifício em que

resido, por alguns anos. “Oi Waldir, tudo bem?”, buscando familiaridade. “É W.[outro nome], João.” Seu modo cuidadoso, paciente, de conduzir reitera a hipótese de que está no ramo há pouco tempo. Nada pergunto sobre aquilo que antevejo como uma drástica mudança em sua vida. Até onde sei, com formação em nível superior em biologia ou biomedicina, W. trabalhava no laboratório de análises clínicas de um dos hospitais da cidade. Notava, de fato, um comportamento alterado, com frequência, por ocasião de sua saída do condomínio, há aproximadamente 4 anos. Na época, a suspeita de consumo excessivo de álcool. Sinto-o muito reflexivo desta vez. Penso, ao longo do trajeto, o que poderia ter acontecido, levando-o à eventual perda da posição de destaque por ele então ocupada. Ao chegarmos ao depósito, pergunta o que faço ali. Ouve com atenção os rápidos comentários e acrescenta que tem “especialização em engenharia ambiental”, mas que possui dúvidas quanto à efetiva participação e interesse do governo para a profissionalização daqueles diretamente envolvidos com a reciclagem. “Pois é”, digo, “tem muito a ser feito, W. E isto pode ser interessante, um campo novo. A nossa aposta é abrir espaço para ouvir estas pessoas, seu sofrimento, dentre outras coisas, muitas coisas.”. Noto que, neste momento, W. é tocado por algo do significante. Continuo: “E, ao tomar posse de sua própria voz, o sujeito, junto com pessoas escrupulosas da sua área, por exemplo, que eles possam descobrir possibilidades.” Pago a corrida e tento achar caminho livre para ingressar no depósito abarrotado de veículos e material espalhado ao longo de toda a entrada.

- Dois caminhões estão sendo descarregados. Além deles, uma Kombi adaptada com carroceria; outra, a da Maria do Papelão; um Fiat 147 abarrotado; fora as frequentes carriolas de duas rodas (cerca de 3, mas sempre chega mais alguma). Todos no aguardo da pesagem. Estão de fato muito ocupados. Adentro no galpão e Maria vem me abraçar. Dona Teresa, uma velhinha que retira seu material da balança, comenta sobre o calor. “Verdade, dona Teresa. Dentro de casa marcava 30° quando saí. Imagina ao sol.” Maria confunde-se quando digo que não nos víamos há 2 semanas. “Parece que foi sábado passado...”. Avalia que está aguardando há “uma boa meia hora”. Vai trabalhar a noite toda. Explica sobre um baile no clube de campo situado à beira do Paranapanema, com mais de 60 anos de fundação. “A coisa do momento é o alumínio. Tá uns R\$2,50 o quilo.” Maria troca palavras com Rose, esposa do senhor do Fiat, creio. O calor, tanto dentro quanto fora do galpão, provoca muita sede. Surge uma garrafa de água gelada e um copo feito a partir de um vasilhame PET de 2 litros, cortado perto da base. Rose comenta: “Nossa! Essa desceu rasgando, de tão gelada.” Vejo que o depósito, antes quase vazio, volta a se encher, aos poucos. Os rapazes rolam os bags dos caminhões para o interior do prédio, com enorme esforço: quando cheios, cada bag atinge a altura do peito. Geralmente em grupos de 3 ou 4 pessoas (dependendo do peso dos sacos), uma vez chegado ao destino, empreendem outro tanto de esforço para, ainda rolando-os, fazer com que os sacos subam as pilhas até que alguém, situado no alto, acomode a carga. E assim sucessivamente. Gabriel está tão ocupado, no topo, que não nota minha chegada. Quando o faz, é uma cena e tanto: percebo, a 7-8 metros de distância, uma cabeça que sobe e desce, como em uma cama elástica, e procura sorrir sempre que me entrevê por entre os bags que nos separam, na hipótese de que finalmente o veja, para nos cumprimentarmos. Quando o objetivo é atingido, Gabriel some lá no alto, em meio às pilhas. Está tão ofegante que não consegue falar. Parte do fundo do depósito é ainda visível. Uma placa desmantelada, acima de uma pequena janela, fornece indício de algo que ali existiu: – PADARIA –, setor do que certa vez foi um supermercado. Hoje, assemelha-se a componente de destroços de uma zona de guerra. Cena triste. Sou remetido ao poema “Tabacaria”, de Fernando Pessoa: o comércio que deixa de existir, a placa que cai, finalmente a morte da língua em que fora escrita. Volto o rosto para frente. Alexandre, “ex-funcionário de Alessandro”, e a esposa bebem água. Ela, sempre bem vestida, não toca em nada. Talvez esteja ali para seguir a pesagem. Ainda me ignora ostensivamente. Faz questão de manter os óculos escuros colados ao rosto; não

interage comigo. Ele, porém, cumprimenta. O cuidado que Maria e Rose têm para que a tampa da garrafa de água não caia no chão não se repete com Alexandre. Ao cair, volta a tampa à garrafa casualmente. Pouco depois, porém, comenta com Luís, enojado, o fato de dona Teresa ter bebido do mesmo recipiente, apesar de sua boca não ter tocado no bico.

- Da breve conversa com Rose, após informar seu nome, a observação é sobre seu marido: “Coitado, não dormiu até agora.”. O marido a escuta quando passa por nós. Para e explica que trabalha em um posto de gasolina à noite.

- Às vezes sou atropelado pelos pacotões (*bags*) que rolam galpão adentro, distraído que estou, em alguns momentos, atento à escuta de alguém, sem me dar conta do que se aproxima na direção oposta. Alguns riem de mim neste momento. A precária amarração da boca dos sacos, dada a rapidez com que tudo tem que ser feito, deixa com frequência material pelo caminho; ainda mais inevitável quando rolados morro acima, rumo ao topo das pilhas. Uma cena e tanto.

- Maria fica mais distante, em pensamento. Mas ainda dirige a mim alguns comentários sobre as mudanças pretendidas para otimizar os processos de trabalho no depósito. Pondera, tal como eu o imaginava: a tarefa torna-se difícil, pois o fluxo de material não dá trégua. Demonstra otimismo ao notar na calçada o maquinário que aguarda para ser transportado para dentro. “Guindaste, Maria?”, pergunto olhando para aquela estrutura com mais de 5 metros de altura. Ela: “Não. Este é o elevador, pra suspender os bags, os fardos. O guindaste pega [gesto com a mão], o elevador suspende.” Luís começa a mexer com sua carga. Quando sei que é chegado o momento de fazerem as contas, me afasto. Saio do galpão e Cléber, o dono da Kombi com carroceria, que me olha com curiosidade (ao nos encontrarmos na rua, semanas mais tarde, dirá ter suposto ser eu o proprietário do depósito), ao descarregar boa parte do seu material, se aproxima. Sem que eu diga algo, enuncia: “Eu não costumo mexer com isso aí.” No tom, a vergonha de alguém em participar da atividade. Penso rapidamente no motoqueiro, ex-vizinho, e suas possíveis dificuldades em aceitar seu novo contexto. Cléber expõe que “trabalha com transportadora”. Primeiro, a impressão é de ser motorista de ônibus rodoviário. Depois, a de que trabalha com caminhão e ônibus rural. Possivelmente esteja percorrendo sobre seu histórico na área. O discurso é meio truncado, se focado demasiadamente na cronologia dos fatos, mas isto não importa. Uma crítica é lançada: “Dono de empresa grande explora muito a gente, minha nossa! É melhor trabalhar pra um fazendeiro ou empresário menor; o caminhão fica com você, na sua casa; é um pouco mais leve.”. De fato, lembro-me, naquele instante, de conversas trocadas entre motoristas de grandes empresas de ônibus, em viagem como caronistas de seus colegas: a pesada carga horária, o uso de psicofármacos... Tantos problemas no mundo do trabalho, reflito. Cléber se ausenta e me aproximo de Maria, que acaba de chegar com o marido. Moça de aproximadamente 26 anos. Engano meu: relata ter 3 filhas, todas casadas e já possuir netos. Maria está em seus 40. Ri quando desabafo: “Pô, só eu que fico com cara de mais velho!”. Com seu jeito doce, discorre sobre o calor e, por fim, sobre reciclagem: “Olha, se você vê tudo isso aqui e tudo o que [se] coleta no país inteiro e pensa que isso é o mínimo do que as pessoas joga fora, que é reciclado, dá pra imaginar quanto ainda tem que ser feito.”. Sou novamente remetido à recente conversa com Wanderlei. Maria tece críticas pertinentes ao ineficaz apoio do serviço público, tanto na conscientização da população sobre a separação do material, quanto na oferta de condições (recipientes diferenciados em toda parte), além de serviços de coleta do lixo especificamente orgânico, para que haja condições de os catadores trabalharem de modo mais eficiente. “Muita coisa fica misturada e não dá pra reaproveitar.” O marido de Maria, entrado nos seus cinquenta (diz ela), começa a nos lançar olhares. Entendo que solicita sua ajuda, além do visível estranhamento por tê-la em conversa com um desconhecido; sim, algo como posse. Avisto

Paulo, com ar desolado, sentado no degrau de uma varanda de lanchonete-trailer, do outro lado da rua; trailer nunca em funcionamento nas ocasiões em que lá estou. Cumprimento-o com um aceno; responde. Peço licença a Maria, procurando incluir seu marido no ato amistoso, e vou falar com Paulo.

- Junto a Paulo está João, senhor de cerca de sessenta anos de idade, catador que só avisto por ali de passagem. Estão sentados na beirada da varanda. Paulo, possível de se notar mesmo à distância, desde a minha chegada de moto, está irremediavelmente desolado. Peço licença para me sentar. Paulo lança sinais de uma aproximação já aguardada. Faço uma breve apresentação pessoal a João e o convido a participar das conversas de terapia, quando assim desejar. As palavras de Paulo trocadas com o colega vão no sentido de queixa, de não poder mais trabalhar como antes. Após dez minutos, João se despede, alegando ter coisas para fazer. Enquanto conversam, ouço-os e procuro reconhecer aquele espaço físico de uma outra perspectiva. A movimentação intensa do outro lado da rua, o galpão comercial ao lado do depósito, agora com o nome de uma igreja (embora só a encontre fechada), uma casa de alvenaria grande, em tom verde-escuro, com um espaço comercial anexo em que se lê a partir de letras já removidas: “Recicla Modas” e, finalmente, a pequena farmácia na esquina. Um carro novo sai da garagem entre a farmácia e a residência. Às vezes um ou outro do depósito, ao me reconhecer no outro lado da rua, sorri; discretos acenos, por vezes.

- Paulo mostra-se extremamente amargurado. Fala da ex-esposa e do pensamento recorrente de que ela é a culpada por suas doenças e por não conseguir mais “ter gosto com uma mulher”. Diz que vai encontrar uma feiticeira poderosa para combater o mal que lhe foi feito. A certa altura, fica com uma interrogação quando, ao pensar no assassinato da mulher como o aplacamento de todos os seus males, vê-se diante de uma pergunta: “Será que vai restituir mesmo o que o senhor era?”. Paulo toma outra direção em seu discurso. A descrição de todos os trabalhos realizados na vida, as condições duríssimas, parecem esboçar o fluxo de um pensar saudoso mas que também vislumbra causas que contribuíram para seu adoecimento, problemas de coluna, etc. Claro que também padece de outras coisas, como a pobreza afetiva, o sertão em sua vida, e seus desdobramentos, como apontado outras vezes em sua fala. Tais pensamentos me atravessam enquanto Paulo segue com seu enunciado. “Poxa vida! Hoje eu nem consigo ficar em pé sozinho, minhas pernas não têm força...” Na sequência de detalhes sobre suas dificuldades de locomoção, Paulo avista, a pouca distância de nós, uma embalagem plástica amarrotada, pisoteada, na calçada: “Eu sou isso aí, ó: é assim que eu me sinto hoje.” Isto dá ensejo a que comece a elaborar também sobre sua solidão: “Eu moro aí no fundo [gesto com a cabeça em direção ao depósito], sozinho. Depois de [horário], quando todo mundo vai embora, eu fico sozinho. Compro coisa pra cozinhar [mostra sua sacola com mandioca, outros legumes], mas [pausa, gesto amplo de despropósito, de mortificação], pra quê?” Eu: “E como o senhor acha que ficou assim, Seu Paulo?”. Aos poucos, Paulo faz uma reflexão sobre o modo como pautou sua vida: “Saqueiro não tem família, quer viver em liberdade.”. Seguem-se falas e relatos que confirmam sua recusa em construir uma rede social e afetiva ao longo de sua vida, as tentativas da esposa em não o perder para a vida nômade... Fica a aposta de que estes enunciados o levem, pelas trilhas dos significantes, a redimensionar suas posições tão rígidas do ponto de vista do imaginário, focado na esposa como o inimigo. Como em uma espiral, Paulo retoma com dor de alma sua impossibilidade de “ajudar o pessoal que tá lá [gesto com a cabeça para os colegas do depósito] trabalhando”. Olhamos em silêncio o corre-corre do outro lado da rua, seis pessoas fazendo enorme esforço para destravar o elevador e introduzi-lo no galpão; outros varrem a frente do depósito e utilizam suas mãos como pás para remoção de cascalhos, terra, detritos... Introduzo: “Semana passada o senhor estava trabalhando, ativo...”. A menção deste detalhe o surpreende; parece, em seu semblante, levá-lo para um outro lugar. De repente, menciona a “casa da Negona”. Sou

informado que visita regularmente esta mulher, sua família. “Não saio da casa dela.” Ela também lhe aplica massagem, diz; o que é de muita ajuda. Paulo passa a narrar sobre suas origens: “Sou do Rio Grande do Sul, [cidade]. Minha mãe era branquinha como o senhor. Uma baixinha bem brava. Batia na minha cara, apesar do meu tamanho.”. Repete-se. Expressa com tristeza o modo “desrespeitoso” das pessoas se tratarem por nossas bandas: “Onde já se viu [referência a Ademar e outros colegas] uma mulher, moça ou não, passa a pé ou de ônibus e fica essa mexeção com ela. ‘Ai! Ai!’ [gemidos alusivos aos dos colegas] Isso é um absurdo... É uma das coisas que, como eu digo pro senhor, me dá vontade de ir pra outro lugar.”. Percebo à distância, um pouco antes de Paulo, imerso em seu fluxo discursivo, que Valter está tendo estranhamentos com Alessandro. Pelas feições nos rostos, noto que Valter [o catador que às vezes, alternando sorriso e seriedade, tece duras críticas quanto a serem explorados pelos donos do depósito] protesta contra algo e Alessandro mostra-se nitidamente perturbado. Apesar do barulho dos carros que passam, constato que Valter evoca palavras que remontam à memória da mãe dos donos do depósito. Quando Paulo se dá conta do que acontece, animado, volta-se para mim: “Vamo lá ver que briga é essa?”. Aos poucos, rumo para a conclusão de sua fala. Comenta que é aposentado por invalidez e que um homem que sabe disto passa por ali com frequência e o vê trabalhando. De uma perspectiva diferente, mais animado, enquanto andamos, sua rede de significantes passa a descrever com detalhes o interior de sua sacola e a apetitosa, rica refeição, cujos itens vão compor ao final. “A gente volta a conversar, Seu Paulo.” Atravessamos a rua. Aproximadamente 50 minutos.

- O clima tenso está mais ou menos desfeito, ao chegarmos. Alessandro e Valter, afastados um do outro, seguem com atividades. São quase 18:15h. Há alguma luz natural, mas sei que não tardará em alterar para noite. Estão às voltas com os arranjos finais para fechar o depósito. Alessandro comenta sobre o dia atribulado: “Hoje foi difícil mesmo! Não deu tempo de nada, nem da gente conversar.”. Respondo: “Alessandro, peço desculpas pelo incômodo em um dia como este, mas é que temos uns detalhes para resolver e peço que a gente discuta isso ainda hoje.”. Explico que se trata das autorizações por escrito para apresentar ao Comitê de Ética da Universidade e que é necessário resolver estas pendências. Gabriel fica ao nosso lado praticamente o tempo todo em que este assunto tenta ser resolvido. Retomo o primeiro encontro, em dezembro, aclarando sobre a pesquisa em andamento com “catadores e outros profissionais da área da reciclagem”, a necessidade de autorização por escrito daqueles nela envolvidos, para eventual utilização de informações, mas que jamais revelariam a identidade dos sujeitos. Retiro da pasta os dois modelos de Autorização (a do responsável pelo depósito e o Consentimento Esclarecido dos participantes do grupo). Sigo, em pé, item por item, com ele, com seu irmão, Luís, com Gabriel e com outros que passam por ali e se atêm por algum tempo, explicando cada detalhe do texto. Este clima de tranquilidade, de esclarecimento, dura por cerca de 15 minutos. Quando Alessandro está prestes a assinar o primeiro documento, Antônio, ex-trabalhador de fazenda, meio alterado pelo álcool, num crescendo começa a fazer fortes objeções ao que estava por acontecer. A oposição que faz é tamanha, e eloquente, que o semblante de Alessandro, de tranquilo e seguro do que estava fazendo, passa a transtornado. Sentimentos persecutórios começam a ser insuflados em todos ao redor. As falas de Antônio, no sentido de alguém há muito e por muitas vezes traído por todo tipo de pessoas, tomam realidade ali, no ato de assinar os documentos. “Assina isso aí e você vai ver o que as pessoas podem fazer com você e com tudo isso aqui!”. Procuro seguir apresentando os detalhes do modo o mais racional possível, atendo-me às garantias explicitadas nos documentos. Para complicar, ao pedir, se possível, o fornecimento do RG do sujeito, é um deus-nos-acuda. O terror, literalmente, se instala. Tento tranquilizar os ânimos, mas qualquer ato/dito parece infrutífero. Deduzo, por vestígios de significantes, que há entre eles casos de pessoas com histórico policial/criminal possivelmente grave, que, portanto, não desejam tipo algum de visibilidade. A prevalência das fantasias persecutórias – sem dúvida com seu grau de

pertinência, do ponto de vista do sujeito, dada sua vida de exploração, violência e opressão – encontra-se em franca escalada. Alguns, aos poucos, saem deste grupo em que nos encontramos e levam notícias atualizadas aos demais, sentados na rampa, encostados contra a barra de metal... Outros catadores que não têm participado dos atendimentos, mas que frequentam o depósito, testemunham a tudo. Minha abordagem continua na tentativa ser a mais tranquila possível, apesar da forte investida contrária. Sob constantes interrupções, objeções, hostilidade, procuro retomar a leitura dos textos e explicar o comprometimento com o sigilo absoluto, que aquilo é para eles uma garantia sobre a minha conduta, inclusive com valor judicial, de que estou comprometido com as regras do termo...

- Ao constatar que literalmente tudo está para ser perdido, tento uma outra abordagem para o problema. Em meio a um dos momentos inflamados e bem-sucedidos de Antônio, que gradativamente ganha atenção e anuência dos colegas, tento desmontar o mal-entendido com um último movimento. Minha ação é uma mudança no tom de voz e no endereçamento a um outro no sujeito. Com doçura, que não deixa de ter seu componente de súplica chamando ao bom senso, e alerta, profiro: “Ôô, Toniiinhoo [nunca o chamara assim]! O que é isso que você está fazendo? Você está assustando os seus colegas. E nossa intenção não é prejudicar ninguém.”. Talvez nem fosse preciso a última parte do enunciado. No instante em que em que prolongo o som ao emitir o tratamento afetivo, vejo o semblante de Antônio congelar-se. Surpreso, atingido por algo, um silêncio profundo toma conta. Antônio sai do frenesi, passa a escutar. Reitero com calma o conteúdo, a intenção expressa pelos documentos, procurando novamente esclarecer e acalmar a todos, que agora estão reféns da posição hostil do colega. Mas Antônio está permeável ao diálogo, finalmente. Os demais, incluindo-se Alessandro e Luís, seguem mais calmos os esclarecimentos. Sei que reavaliam se vão ou não assinar as autorizações. Entendo a importância de reconquistar a confiança dos proprietários, mas é igualmente importante que os catadores e funcionários do depósito o façam voluntariamente. A sequência do trabalho pode ser afetada. Em linhas gerais, Antônio consegue escutar que este trabalho pode vir a auxiliar diversos profissionais da rede pública a ter uma outra visão sobre aqueles envolvidos com o mundo da reciclagem; que isto pode reverter, por fim, em benefícios para os próprios catadores. Antônio expressa, por fim, sua concordância: “Eu também vou assinar.”. Simultaneamente a esta conversa, Alessandro decide por assinar ambos os documentos. É preciso retomar as coisas desde seu início. Refaço a leitura do texto com cada um, esclarecendo suas dúvidas. Cada um escuta a explicação dada ao colega anterior, como a certificar-se se algo poderia ser alterado na leitura do documento quando chegada sua vez. A notícia passa por aqueles mais afastados, que aguardam o desfecho. Alessandro e alguns deles alegam não se lembrarem do número do RG, outros explicitam o desejo de não o revelar. Acato a decisão. Porém, nenhum daqueles que expressam ter muita dificuldade para escrever aceita a oferta opcional de usar o carimbo – ato que em si exige uma ritualística bastante cuidadosa para concentração: afastamento, posicionamento confortável no chão, a incidência da luz vinda do poste, o silêncio, etc. A tensão para assinar, o receio em/cuidado para não manchar o papel potencializam este momento vivido por cada um, com nuances significativas, singelas. Vou até o grupo mais afastado e procedo do mesmo modo. Percebo que esperam pelo esclarecimento individualizado. Perguntas são feitas, mas sem hostilidade. Brincadeiras surgem o tempo todo. Quando inquirido sobre um documento, para fornecer o número do RG, Luís traz a expressão “mostrar o documento”, acompanhada do gesto de abrir a braguilha da calça, rindo para os colegas, como nas brincadeiras de criança. Sorrio de volta e digo: “Ê, Luís, nas últimas semanas você está...” e faço a suspensão. Ele olha para baixo, pensativo, e diz: “É...”. Depois, abre sua bolsa e fornece com prazer os dados e seu consentimento. Apesar de sempre me apresentar com meus dois nomes, somente ao constata-los nos termos de Autorização percebe o significante que também viaja no nome do seu pai. Diz, surpreso: “Puxa! Meu pai é José Elias e você João Elias...”. Outro dado que, no meio de

toda a tensão, marca ponto para a transferência, talvez, reflito. Pergunta até quando vou “frequentar o depósito para a pesquisa”, porque, afinal, “a gente precisa muito de psicólogo, com os problemas que a gente tem!”. Gabriel, Ademar, Rafael...

- Paulo será o último a assinar a autorização. Diz que deseja conversar mais comigo. Já passa das 20 horas. Alessandro decide ir embora com o irmão e dá carona para 2 ou 3 pessoas em seu fusca recém-consertado. Noto sua atitude de, antes, chamar Paulo em separado e expressar preocupação quanto ao que ele poderia revelar nesta conversa comigo. Reconheço que alguns efeitos persecutórios vão persistir. Por diversos motivos. Três catadores estão ali, assistindo a tudo. Me aproximo deles e aproveito para explicar sobre os atendimentos que temos no depósito e reiterar o convite para participação. Paulo e Antônio são os últimos. Leio e explico o conteúdo do documento para Paulo, que finalmente o assina. Antônio foi um dos primeiros! Sua almejada conversa não é plenamente desenvolvida. Por alguns vestígios de significantes, há nele uma apreensão quanto ao conteúdo revelado nas conversas. De modo tangencial, com delicadas palavras asseguro que qualquer coisa a ser escrita a respeito do pessoal da reciclagem terá nomes e cidades todos fictícios, impossíveis de serem identificados. A insistência de Antônio por mais atenção prevalece e nos interrompe. Além de criticar alguns psiquiatras que o atenderam e elogiar e lamentar a morte prematura do excelente psiquiatra de [cidade próxima], enceta uma fala povoada pelo quanto se sente desprezado, usado, esquecido; o quanto se doa para as pessoas, incondicionalmente. Seu enunciado chega às raias de afirmar que, se, para que uma criança sobrevivesse fosse necessário abrir mão de sua vida [gesto com o braço em doar todo seu sangue], o faria de bom grado. Num repente sou remetido a uma campanha por potenciais doadores de medula para uma menina, de grande repercussão na cidade nos últimos meses. Ouço em silêncio, na aposta de uma bifurcação de seu discurso heróico, mais para tons de mártir. Antônio é prolixo em sua exposição de ilimitada autodoação. De repente, seu semblante adquire como que sinais de uma percepção outra, como que um escutar-se: “Mas, sabe, o único que é capaz de fazer mesmo isso? O nome dele é Jesus Cristo.”. Repete-se. Satisfeito, ponho a mão em seu ombro: “Venha então falar sobre *o que você pode fazer*, Antônio.”. Ele elogia nossas conversas enquanto se despede e sobe na bicicleta. Chega o mototaxista. Enquanto subo na moto, avisto Antônio caindo de sua bicicleta, após percorrer uns 10 metros. Pergunto a Paulo se precisa de minha ajuda: “Não. Pode ir. Eu vou lá cuidar dele.” São 20:40h quando saio do depósito, depois de me certificar de que Antônio está em pé novamente, conversando com Paulo. Uma travessia de 4 horas... Coincidentemente, é W. quem vem me buscar.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

18/Abril/2014 – Sexta-feira - Feriado de Páscoa – Depósito fechado.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

25/Abril/2014 – Estou completamente afônico e com uma crise alérgica. Envio mensagem de texto para Alessandro explicando o motivo de minha ausência.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

2/Maio/2014 – Há quase uma semana de cama. Forte gripe, junto à persistente afonia. Cancelo outra vez o atendimento. Encaminho mensagem de texto a Alessandro. No sábado à noite (3/5), encontro com Cléber recolhendo material no centro da cidade. Conversa rápida mas interessante, no que se refere ao estabelecimento da transferência.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

9/Maio/2014 – Ainda não estou em condições de ir ao depósito para o atendimento. Considerável perda de peso.

16/Maio/2014 – Dep. de Reciclagem – 16:30h. Desta vez, apenas a Kombi de Cléber, adaptada com carroceria, ocupa a área do estacionamento. Está tão sobrecarregada que mais tarde, faço-lhe a observação que o corrimão de madeira, que sustenta uma das guardas laterais, está rachado no meio da carroceria, podendo ocasionar um acidente quando em movimento. As demais pessoas que ali se encontram para pesagem de material são catadores com carrinhos manuais. Faço uma escuta de Dona Cida, velhinha de porte robusto que trabalha sozinha. Tem 3 filhas, todas casadas e com filhos. Assim que dela me aproximo, ao me corrigir por tê-la confundido com Dona Teresinha, outra catadora, comenta: “A Teresinha não veio hoje. Foi operada semana passada. Parece que é câncer de pele.” Observo que, ao dizê-lo, imediatamente mostra-se pensativa. Olha para o lado, para o chão, volta-se em direção mim e comenta: “Pois é, mas a gente precisa fazer este serviço.”. Gesto de resignação, com as mãos. Aponta para seu montinho de papelão e algumas estruturas de metal; aguarda a vez em meio a uma aparente falta de planejamento para pesagem, mas que tem uma lógica: a ordem de chegada jamais é inobservada. Seus longos cabelos brancos, parte amarrado, parte esvoaçante devido à força do vento neste dia com temperatura mais amena, dá mostras de uma mulher bonita em sua juventude. Mora sozinha, diz. Depois dos breves comentários que faz sobre as filhas, retoma brevemente a situação de Dona Teresinha e a resignada alusão aos riscos da atividade sob o sol. No tempo escasso que temos, aproveito e pergunto, para que fale um pouco mais: “E os postos de saúde, Dona Cida, teria como pegar protetor solar, coisas específicas para as necessidades de vocês?”. Ela pensa e, com cautela, pondera: “Eles dão remédio pra pressão, diabete, mas pra essas coisas eles não dão nada não.”. Aproxima-se o momento de ser atendida por Luís. Por ser nosso primeiro contato, apresento-me como psicólogo e faço o convite para conversarmos às sextas-feiras. Seu semblante é de interesse, mas em seguida pondera: “Mas a gente é tão ocupada...”. Outro gesto resignado, apontando para o seu montante de material. As poucas palavras que utiliza e os gestos, naquele contexto, revelam o quão ágeis precisa(m) ser; fato já constatado em outros encontros: o modo apressado como se relacionam, imperativa volatilidade. Curiosa e paradoxalmente, aqueles que estabelecem com o psicólogo algum vínculo, desaceleram um pouco, passam a autorizar-se um tempo para conversar. Rubens, Cléber, inclusive. Enquanto sigo com a escuta, mantenho, o bag de Dona Cida aberto com uma das mãos e às vezes a ajudo, com a outra, para acomodar algum item mais pesado, a exemplo de uma estrutura de carrinho de bebê, antes de finalmente os levar para a balança. Diz algo sobre estar na rua bem cedo, mas que não trabalha durante a noite, por ser “muito perigoso”. Talvez já tenha estado no barracão outras vezes neste dia; mas, comparando-se com os demais catadores, o volume de material por ela coletado é significativamente mais escasso. Penso na insistência desta senhora, seguindo sozinha. Estranho como dela exala também alguma vitalidade...

- Paulo trabalha com os rapazes hoje. Ao passar por mim e me reconhecer, detém-se, surpreso, um abraço. Em meio a rápidas trocas de palavras, faço-lhe a oferta: “Mais tarde, se quiser, posso te escutar, Paulo.”. Aquiesce com a cabeça e se afasta. Paulo e outro senhor, também idoso, arrastam para dentro do galpão alguns bags que já foram pesados. Às vezes dois ou três destes senhores mais velhos se juntam a fim de arrastar um saco para o interior do prédio. Luís ou Valter às vezes aparecem e os auxiliam. Com frequência um destes, sozinho, acaba por arrastar o pesado fardo por mais de 15 metros. Aquilo me leva a ponderar o quanto estes trabalhadores braçais, mais velhos, já foram desgastados ao longo de suas vidas pelo sistema de exploração, a ponto de três (3) deles fazerem a tarefa de um (1). Ao mesmo tempo, como em uma esteira de linha de produção, observo o futuro inválido sendo moldado.

- Ao desviar os olhos, a próxima cena é Dona Cida, do outro lado da rua, acenando para mim; afasta-se em direção à baixada, perto do rio a menos de 700 metros. Seu carrinho é sui generis: de menor dimensão, limpinho, pintado por inteiro de um rosa destacado. Reflito sobre o que tinha sentido como primeira impressão: seu jeito simples, porém mais livre, de interagir e vestir-se; um estilo que traz algo gracioso, que difere daquele das demais senhoras que frequentam o depósito, envoltas pelo sofrimento que as tece.

- Vou para o interior do galpão onde Alessandro, Gabriel, Ademar e Rafael se envolvem na prensagem de materiais. Antes, passo pela esposa de Alexandre (catador) e esboço mais uma vez um cumprimento, em forma de leve sorriso. Ela, indiferente ao gesto, sempre com óculos escuros, controla, perto da balança, a enorme quantidade de material que haviam trazido para comercializar. Dado de que tomo conhecimento por meio dele mais tarde, quando inesperadamente se aproxima da prensa e, sorridente, estabelece uma rápida mas amistosa conversa sobre a intensidade do trabalho, acrescida do desabafo “a competição ta braba”. Reflito: “Da alusão à explicitação.”.

- Ademar e Gabriel, na prensa mais próxima a mim, mostram-se muito satisfeitos ao me verem. Percebo que se aproximam para um abraço, mas demonstram embaraço, devido à sujeira. Não recuo. O afeto que expõem depois de uma ausência de semanas (feriado e meu adoecimento) precisa ser escutado. O nível de ruído ali é grande; há neles, embora não possamos conversar propriamente, a satisfação em estarmos próximos. Em meio a poucas palavras que trocamos, noto o risco de uma distração, e procuro sinalizá-la com o semblante. Captam a mensagem. Sorriem, passam a tomar mais cuidado com o modo de alimentar a prensa, de pressionar a alavanca e ajeitar um ou outro material que salta para fora do recipiente, durante a prensagem; mas brincam, por meio de gestos, alusivamente à ameaça de se acidentarem. Rafael tem seu jeito próprio de se aproximar: procura algo para fazer na prensa em que os outros dois trabalham, próximos de onde me encontro. Diante desta sua iniciativa e afetuosidade, raridade que tem se mostrado com mais frequência nos últimos encontros, trocamos um rápido abraço e lhe pergunto como está. “Estou bem.”, suas únicas palavras; seu sorriso, o olhar que se alterna entre mim e a máquina parecem estabelecer um outro endereçamento. (Digno de nota: interessante o fato de escrever “parede” em vez de “parecem”. Aproveito e reflito a partir deste lapso: a parede que o impede de acesso à linguagem, de endereçamento e apropriação de si por meio da linguagem... Parede entre nós.) Alessandro deixa a segunda prensa, mais distante, e vem cumprimentar. Pergunta sobre meu estado de saúde. Desloca o assunto para o movimento no depósito. Pergunto: “E a reforma?”. Ele sorri: “Ficou pra julho. A gente teve que pegar mais serviço. A competição ta grande. Tem muita gente trabalhando com reciclagem. Não dá pra parar.”. É enfático ao dizer “[Fica por aí] que depois a gente conversa mais.”. Alessandro volta para a prensa. Permaneço algum tempo ao lado de Ademar e Gabriel. Estão irritados com o modo descuidado com que Paulo e seu outro colega se desfazem dos sacos menores, alterando a organização do local e os processos de trabalho em torno à prensagem, pois têm de parar para refazer o serviço realizado inadequadamente. Os envolvidos nem o percebem: dão as costas e saem para apanhar mais material lá fora.

- Dou atenção a Cléber enquanto seguro os bags para que ele destine o material em recipientes específicos: papelão, plástico, metal (ferragens, calhas velhas)... Sua permanência total no depósito, entre organizar e pesar tudo, é de quase uma hora. Nos próximos 15-20 minutos em que o auxílio, enuncia ter conduzido passageiros a uma cidade perto de Sorocaba. Afirma apreciar dirigir ônibus. Sua atividade como motorista de caminhão de cana tem sido relativamente intensa. Há muitas interrupções, pessoas reclamam sobre o montante de

material de Cléber, espalhado pelo estacionamento. De tempos em tempos ela sobe na carroceria da Kombi e despeja mais material, levantando um poeirão danado. (Penso: ai, gripe, rinite, sinusite, das quais ainda me recupero!) Há uma breve menção sobre um sentimento de angústia, de nervosismo. (Comentário um pouco mais elaborado por ele em nosso encontro no centro da cidade, à noite, durante seu trabalho, semanas antes.). Mas a urgência de sua saída leva à submersão do tema. Na sequência, enquanto finaliza às pressas a amarração dos bags, comenta sobre a concorrência. Enquanto o faz, penso nas diferenças, na concorrência para captação de material. Os catadores a pé com seus carrinhos de vários tamanhos: de pequenas carriolas de pedreiro, com laterais não superiores a 50 cm de altura, àqueles que parecem verdadeiros contêineres, carroças, com a dimensão de duas geladeiras grandes, movidas por tração humana... Penso na labuta por miscelâneas, pequenas sobras (negociadas por valor de ninharia) e os demais, motorizados em Kombis, camionetes, etc., ainda que velhas, que captam o “filé” do descarte, literalmente rapando os locais de mais abundância. É reconhecível que todos são explorados, mas inegáveis as condições desiguais em que competem entre si.

- A atividade ralenta, catadores recebem e se vão, a varreção final começa a ser feita. Portas e janelões de ferro são fechados. Incia-se uma conversa com todos: sou informado, via Alessandro, principalmente, a respeito de Gabriel: está namorando, mas ainda é virgem. Tem vergonha de pegar camisinha. Alessandro pegou umas 12 pra ele. Diante que alguma brincadeira que fazem, Gabriel comenta que lava os braços e o rosto antes de ir levar a moça à escola. Rafaela – penso no significante e no nome irmão, Rafael. Depois, volta para casa, toma banho e vai buscá-la no colégio às 23h. Isto me remete, por oposição, à sua atitude costumeira e o descaso que afirma ter com relação à higiene pessoal: “Ah, [pra quê?] eu tomo banho e [poucas horas depois] já vou pro sítio.”. Gabriel traz uma alegria tranquila no semblante. Em seguida, diz que está bem e sorri. O foco da conversa agora é outro: começam a falar sobre Rafael e a esposa. Um deles diz que Rafael “também está feliz”; o significante “bem”, com valor de “feliz”, parece viajar na dinâmica grupal: “A esposa deixou ele voltar dormir com ela esta semana. Agora ele pode [fazer sexo com frequência]. Se não, ia ter que arrumar um bodinho... [alusão ao irmão, Gabriel] A cabra e a égua do Gabriel tão se sentindo meio desprezadas.”. Riem. Gabriel dá com os ombros, levemente incomodado: “Ah.”. Está escuro, o trânsito neste momento é intenso: carros, caminhões, ônibus acelerando e freando... Buzinas. Uma enorme fila para atravessar a pista; outros veículos descem a rua com mais velocidade, no sentido centro-bairro. Estamos todos de pé, meio amontoados; alguns encostados contra a barra de apoio. Um misto de excitação para encontrar uma chance de falar, fazendo frente ao barulho do trânsito. As pessoas olham curiosas, de dentro dos veículos, para este aglomerado que formamos: a movimentação, o falar alto, os gemidos, os risos, os gestos de conotação sexual que escapam de um ou outro, isto tudo visivelmente as mobiliza. Há alguns que, ao passar, fazem zombaria, comentários ofensivos, até. Eles não deixam por menos. São frequentes por parte deles atitudes que visam captar a atenção dos transeuntes fazendo algazarra. Um modo de devolver, olho por olho?

- Noto que, mesmo quando falam aparentemente entre si, há sinais de um endereçamento ao psicólogo, por meio de verbalizações, gestos, olhares, ou mesmo acotovelando-se com algum colega para aproximação física, no ato de enunciar.

- Nesta sequência de tantas narrativas alegres, expresso: “Nossa! Que anjinho passou pelo depósito liberando esse pozinho do amor?!”. Riso geral. É imediato o surgimento do significante “Magrela”, como que ainda houvesse algo a ser contado após o longo tempo sem os atendimentos. Imagino que seja algo referente a Ademar e sua companheira. Em meio ao entusiasmo, a falas sérias que saem interrompidas ou enunciadas juntamente com brincadeiras

verbais e físicas, apreendo fragmentos que dão pistas que o confirmam. Antes que a oportunidade se esvaeça (tudo é muito dinâmico), procurando dar voz a Ademar, lanço, então, a pergunta: “E a Rogéria, Ademar?”. Ele abre largo sorriso; os colegas o deixam falar, ainda que interrompam vez ou outra: “Ela ta bem. Ta aqui na cidade, agora.”. Alguém completa com o nome do bairro. Ouço também algo que parece ser “cadeira de roda”. Redireciono a conversa para Ademar. Ele completa: “É. Ela sofreu um acidente. Ta se recuperando, de cadeira de roda.”. Ademar comenta que ela procedeu de modo que a informação chegasse até ele. Com alegria, expressa: “Amanhã eu vou lá, visitar a *minha magrela*.”. Eu: “Legal, Ademar. Leva meu abraço pra ela e votos que se recupere logo. Como você está, Ademar?”. Ele, com semblante comovido, olha para baixo, para a rua, volta o rosto para mim após estes segundos de silêncio e diz, reflexivo, com um sorriso: “Estou muito contente.”. Uma comoção entre os demais tem início: “Ah, amanhã vai ser o dia de cortar o cabelo e fazer a barba!”. Ademar olha para mim e confirma, alegre. De fato, seus cabelos frisados e grisalhos, a poucos centímetros dos ombros, mais a longa barba branca o envelhecem bastante. Outras coisas vão sendo enunciadas, outros assuntos. Às vezes, ao acaso, ouço o desabafo alegre de Ademar: “Amanhã eu vou ver minha magrela!”.

- Aos poucos nos sentamos na beirada da rampa. Alessandro, à minha esquerda, a certa altura, mostra fotos da família registradas no celular, inclusive de sua avó, feita em um hospital. “Esta aqui é a minha avozinha, que morou com a gente até morrer. Percebo o inchaço por baixo do roupão azul do centro cirúrgico, a feição debilitada... Com dor, Alessandro revela ter vindo a óbito em outubro/novembro do ano anterior. Mostro surpresa: “Eu vim aqui no começo de dezembro. Vocês não comentaram que era tão recente.” Isto o leva a perguntar ao irmão sobre a época específica. Luís, agora sentado à minha direita, onde Rafael estivera sentado, calado, olha para a foto a e ele estendida. É súbita a transformação de seu semblante. Olha para longe, com um ar de estar muito distante. Faz força para recuperar na memória a época exata. Comenta algo sobre o sofrimento e a força da avó. Levanta-se para atender ao chamado de alguém que parece lhe pedir dinheiro. Alessandro concorda com o que dissera o irmão. Continua a mostrar fotos da esposa, dos filhos, da filha... “Esta é a minha casa...”, foto de uma cozinha simples mas ampla, o microondas mais ao alto. Fala sobre não conseguir relaxar para dormir. “Tem coisa que a gente não quer pensar, mas vira e mexe elas voltam...”. Gabriel costuma seguir a conversa com Alessandro, às vezes opina: “É normal pensar direto. A gente faz isso o tempo todo.”. Mas isto não mitiga a inquietação de Alessandro.

- Há pessoas conversando por perto, diferentes assuntos. Uma ou outra, catador ou conhecido deles, que mora por perto, aparece, fica um pouco e se afasta. Alguns vão em direção ao terreno baldio ao lado consumir ou negociar drogas. Luís volta dos fundos do depósito com três recipientes de marmite. Sobras do almoço: feijoada com arroz. Distribui duas delas (tendo feito a oferta também a mim) e fica com uma para si. Depois, nossa conversa é breve. Retira o boné e mostra seu cabelo descolorido, diz que o fez por causa do filho: “Eu já contei isso pra você? Vou cortar ele agora.”. Gabriel diz que ele pode “passar uma máquina que vai ficar legal”, menciona inclusive os números de altura. Luís se afasta para efetuar algum pagamento; pouco depois vem se despedir. Ao fazê-lo, profundamente: “Volta aqui. A gente sente falta, viu?”. Ciente do lugar na transferência: “Estou te escutando, Luís. Só não vim devido ao feriado e ter ficado doente. Semana que vem estaremos aqui.”.

- O significante adoecer leva Alessandro a comentar sobre a difícil vida dos catadores. “É incrível. Deus deve proteger esse pessoal. Apesar do serviço e [das duras condições] não adoecem com facilidade.”. Fala do quanto gostaria que “a prefeitura ajudasse esse pessoal”. Comenta sobre um senhor que agora montou um barraco entre o contêiner de navio e a parede

do barracão: “Eu ajudo como posso, dou comida, vejo alguma roupa; mas não posso fazer mais. Já coloquei o Paulo pra dormir no quartinho nos fundos do depósito, que chegou aqui na mesma situação.”. Aproveito para tentar a emergência de algo que há tempos percebo ser uma questão meio delicada, uma informação sobre a qual evitam falar comigo. “Alessandro, pelas minhas observações, acho que fora os catadores associados à [cooperativa local] deve ter no mínimo mais uns 300 catadores não associados. O que você, com a sua experiência, acha?”. Desta vez, não há a relutância da primeira vez em que lhe foi feita pergunta semelhante. “Acho que deve ser mais ou menos isso. Só nesse bairro, eu acho que tem umas cinquenta (50).” Sua atenção é voltada para outra pessoa. Cilzemar também chega, fazendo seu tradicional estardalhaço e iniciam uma discussão sobre quem ele vai levar para casa, o que vão fazer depois.

- Surpreende-me o fato de Rubens, geralmente distante embora gentil, se aproximar e sentar-se onde Luís estivera. Sobre seu carrinho (dos grandes, manuais) alguém faz comentários a respeito da pintura nova, em preto, e o tratamento que o deixou reluzente. Temos uma longa e descontraída conversa. Nas narrativas de Rubens, sempre a procura por relatar sobre coisas que mostrem seu prestígio por todos aqueles a quem presta algum tipo de serviço. Dentre elas, destaque para a de um senhor idoso e rico, de uma cidade vizinha: suas idas a uma casa de prostituição “de nível”, com piscina. Ele é encarregado de “cuidar da grana” do senhor. Também se diverte com uma das garotas, custeado pelo protegido-protetor; depois, relata, presta contas “direitinho”: “O senhor gastou tanto, ta aqui o troco... [...] Não deixo ele sair do meu campo de visão, não. Ele corre risco num lugar desses.”. Rubens passa um relatório completo dos procedimentos e custos envolvidos: “Com massagem, é tanto; com piscina separada, é mais tanto; quer que leve aperitivos?, é tanto.”. Rubens pondera que o “velho não tem mais condição [de ereção] para transar com uma menina; mas, [pausa] se diverte do jeito que pode.”. Sente-se bem em proporcionar este prazer ao idoso e pelo seu status, segundo as incumbências que lhe são delegadas.

- Após todos partirem, chamo um mototaxista, que demora a vir. Permaneço conversando com Paulo e seu novo colega, o senhor idoso que o auxiliava com os bags. Os demais se foram. Cilzemar retorna dizendo que veio me buscar. Comento que não sabia deste seu plano e que, portanto, havia solicitado outro motorista. Venho a saber, é Amadeu quem está morando no barraco improvisado. Paulo e Amadeu falam sobre as dificuldades de se morar na rua. Paulo, mais que Amadeu, parece ter mais noção dos riscos: de ser agredido, ter o corpo incendiado por arruaceiros... É sabido que, devido ao consumo de bebida alcoólica, podem não escutar a aproximação de alguém. Amadeu mais observa. Prefere calar-se sobre si. Paulo comenta sobre a solidão, sobre os riscos e o medo que tem por morar ali, o risco de marginais virem roubar o depósito. A certa altura, pergunto se tem um celular. Diz que não. “Como é que o senhor pode chamar a polícia ou avisar os donos do depósito se algo acontecer, se escutar alguma coisa?”, lanço a pergunta a título de reflexão. Paulo emite um som de surpresa e põe-se meditativo. O mototaxista chega e ambos despedem-se calorosamente. Em suas falas, marcas de apreciação por terem sido ouvidos. Muita coisa relevante foi enunciada nesta escuta. Difícil recuperar tanto no momento de redigir o relato. Muitas foram as horas no local, vividas com muita intensidade. Deixo o depósito após às 20 horas.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

- 23/Maio/2014 – 17:00 horas. Ainda chove, apesar de menos forte. Rubens está com o carrinho abarrotado de material. Os penduricalhos, novos adereços, levam-me a perguntar sobre alguns que ainda não conheço. Os demais trabalhadores estão ocupados ou com a

descarga do caminhão do depósito, dirigido por José Elias, pai dos responsáveis, ou com o trabalho nas prensas. Cumprimentos são realizados aos poucos, à distância. Rubens – quem diria? – continua “prosa”. A chuva agora cai mansa, quase um chuveiro. Ele acerta um bag, vazio, no chão, a fim de iniciar a separação e posteriormente levá-lo para a pesagem. Noto a dificuldade em mantê-lo aberto, dada a umidade. Afinal, dois dias de chuva praticamente contínua. Decido, então, ajudá-lo durante a escuta. Fala sobre os pedaços de motor de automóveis conseguidos no dia. Vejo-os separados: um cabeçote, um pára-choque. Revela: “Amanhã tem mais nesta loja; o dono pediu pra mim ir lá amanhã”. Enquanto coloca no bag uma calha velha, compactada, explica que “tem também a [nome de empresa]”, que lhe “passa muito metal”. O compromisso é de duas vezes por semana: “Recebo uma cesta básica por mês pra fazer isso. Eu... e tem também a dona [...]. Mas eles gostam mais do meu serviço, porque eu tomo cuidado com tudo. Esvazio os contêiner[es] de copo de café e não deixo respingar no chão. Olha aí [aponta para a lateral do carrinho]: sempre tenho a minha pá, as vassoura[s], pra deixar tudo organizado. E a cesta deles é muito boa, meu! Vem carne, 4 pacotes de arroz, tudo coisa de marca boa!”. Seguimos, agora, com outro bag. Rubens fragmenta as caixas de papelão molhadas, apesar de colocar no topo do carrinho, uma folha plástica grande em dias como este, antes de transferi-las para o recipiente que seguro. Comenta sobre o preço do metal: “Vinte centavos o quilo. Quando tenho quinhentos quilos, por exemplo, ganho o meu dia!”. Lança a mim um desafio: “Faz as contas pra ver quanto dá. Vai quebrando de pouquinho e você vai ver...”. Tenho o valor total já em mente, mas procedo por partes, como sugere: “Tantos quilos dá tanto, então, são R\$100,00, Rubens?”. Ele: “Isso! Cuidado com a mão pra não cortar aí.”. Lança outro material cortante no bag específico para metal, que volto a segurar: “Mas não paro de trabalhar, não. Dou [quantia] pra minha mãe, guardo o resto e saio fazer outro serviço.”. Rubens sempre traz os significantes de profissões que diz ter e que lhe dão status de dignidade, sua espécie de sustentação no Outro: borracheiro, jardineiro, pintor..., pelo quanto é solicitado. Comenta que não vai trabalhar esta noite: vai para casa descansar e retomar os compromissos logo cedo. Expressa enorme prazer nas tarefas que realiza. Tento lançar perguntas para abrir possibilidades de abordar outros aspectos de si, mas o carrinho está esvaziado. Luís, que descarregava o caminhão do depósito, se aproxima para iniciar a pesagem. Vou até o caminhão, do lado oposto ao prédio, e cumprimento brevemente o pessoal: “A gente foi pra [outra cidade] pegar esse material. Olha quanta terra roxa.”. Noto o embaraço de Luís, seu irmão Alessandro e dos demais ao se aproximarem para um cumprimento: lama por todo o corpo. Desconforto que evitam trazer via linguagem. Tento, então, uma aproximação do tema por meio do humor: “Também, com uma chuva dessa! Tão tatuzinho hoje?”. Esboço um suave sorriso. Isto traz-lhes o riso e alguns se aproximam exibindo os braços, mãos, jeans tomados pela terra vermelha: “Pega aqui, ó.”, apontando para os bíceps, igualmente besuntados de barro; parte do corpo que às vezes estendem como forma de cumprimento, quando as mãos e os braços estão muito sujos; mas que geralmente ignoro, estendendo-lhes a mão. Hoje, mostro minhas mãos já sujas e os cumprimento, apertando os pulsos de alguns, em vez dos bíceps, quando sinto neles aceitação para tal. Comentam: “Depois daqui, a gente ainda vai pra academia, meu!”. Sorrio, em reconhecimento ao comentário irônico. Alessandro: “O jeans [indica com a cabeça a direção que deseja para o meu olhar: suas vestes] fica tudo molhado com barro. A roupa fica mais pesada, dificulta o movimento.”. Brincadeiras utilizando o significante *tatuzinho*. Alguém de cima da carroceria chama de volta o pessoal. Adentro no depósito: “Até mais.”.

- Em uma das prensas, Gabriel e outro trabalhador, Geraldo. Valter, mais afastado, separa material por categorias. Acena com satisfação. Neste momento, Gabriel e Geraldo estão envolvidos com amarrar um fardo de folhas plásticas, já compactado. Observo como, apesar do uso de máquinas, há tarefas, dentro dos processos realizados, que não dispensam o enorme

esforço físico humano. No caso da amarração, duas pessoas, uma em cada lado da máquina, em movimentos análogos ao ato de costurar, passam de um lado a outro do fardo uma espécie de grampo de cabelo –cabo de metal que, dobrado, tem 90 cm de comprimento, anexado à corda que deverá atravessar os sulcos situados na base e no topo do material prensado. Neste vai-e-vem com a “agulha”, que atravessa aos sulcos da prensa e que dará forma ao futuro fardo de 120cm x 100cm x 90cm, muita força deve ser imprimida. Ocorre de as cordas, feitas de material PET, se romperem, tal como ocorre hoje. Neste caso, a prensa é acionada novamente, a fim de extrair o ar que tornou a penetrar no fardo, e retomado parte de ou todo o processo de amarração. Ao se apresentarem, enquanto costuram o fardo, Geraldo faz uso da matemática para falar de si: “Tenho 42 anos e trabalho com reciclagem faz uns 47.”. Gabriel, do outro lado da prensa, no movimento de vai-e-vem do grampo, age com naturalidade, mas estranha o que ouve. Pouco depois, Geraldo diz ser também “motorista de uma usina de cana” importante da cidade. Frisa o nome dos proprietários. Significante de status pessoal, por trabalhar para eles. Reitera sua função. “Na verdade eu sou tratorista e faço um bico aqui, na minha folga.”. Realiza novamente uma exposição matemática confusa, relativa ao tempo que trabalha na usina e sua idade. Gabriel, enquanto passa as cordas e devolve o “grampo” para o colega: “Agora eu não entendo mais nada do que você ta falando.”. Por algum motivo, o embaraço é resolvido com a aproximação de Paulo e seus gestos alusivos a apalpar as nádegas de Gabriel, que trabalha de cócoras. Paulo é mais cuidadoso neste tipo de aproximação. Riso geral. Uma música com melodia fútil, destas do tipo “olha a calcinha”, é ouvida no breve silêncio que às vezes se faz. Paulo critica a estupidez deste tipo de letra e acrescenta: “Eu gosto de música romântica.”. Nomeia algumas duplas sertanejas. Geraldo concorda.

- Luan e seu pai, Ricardo: estabeleço contato com eles. Ricardo trabalha em uma construtora: “Eu trabalho nesta construtora [mostra o símbolo no uniforme]. Tem muita casa sendo construída lá longe, ó [bairros recém inaugurados, no horizonte].” Sobre Luan: “Saiu de novo da escola!”. Eu: “Como? Pras coisas que você disse que deseja, Luan.”. Depois, em conversa a sós, diz Luan, sentado no peitoril de uma das janelas: “Eu saí porque eu briguei. Um menino começou xingar a mãe da gente e eu parti pra cima.”. Eu: “Não tem como resolver isso de outro jeito, de um modo mais civilizado?”. Ele pensa um pouco e diz: “Eu vou estudar no [nome do colégio]. Meu pai vai me levar lá e fazer a minha matrícula.”. Eu: “O semestre está terminando.”. Alguém passa perto de nós à procura de água para beber. Olha para uma garrafa PET com água, sobre o parapeito em que Luan está sentado. “Ali.”, alguém diz. Está turva, nuvens escuras no seu interior, assemelhando-se a bolor. Felizmente não a pega, penso. Um raio de reflexão sobre meus limites, neste momento.

- José Elias em contato breve: com um pano úmido, limpa a lataria do caminhão. “Mesmo com esse tempo a gente precisa cuidar, se não fica pior depois.” Agradece pela chuva, em meio a louvores cristãos. Dirige-se para os fundos do barracão.

- Estamos reunidos em pé, todos perto do corrimão. Os portais e janelões já foram fechados. A chuva dá uma trégua; o vento gelado, não. Um grupo compacto, cerca de 9 trabalhadores, se forma. Está escuro, mas as luzes da rua ainda não se acenderam. Como em outras ocasiões, coisas sérias são expostas e conversas paralelas assim como beliscões, empurrões, piadas emergem, muitas vezes com valor significativo, relacionados aos enunciados. Um dos assuntos que alvoroça o pessoal é o namoro de Gabriel e suas decorrências: o brinco, a rotina alterada e, claro, o fato de não ser mais virgem. Alessandro posiciona-se como porta-voz: “Eu peguei uma dúzia de camisinha pra ele no posto, ele tinha vergonha de pegar, mas diz que usou só uma! A menina teve que ajudar ele colocar! [gestos sobre sua suposta inabilidade] Daí, ele foi lá e [alusão a uma ejaculação precoce, ao fato da garota não ser virgem, a ter o genital dilatado, etc.].” Muito é dito referente ao fato, mas Gabriel está sereno, próximo a mim.

Pergunto a ele, no meio daquela balbúrdia, em tom reflexivo, na tentativa de abrir um outro caminho: “Como você está neste outro momento, Gabriel?”. Dá um passo à minha frente, de perfil, leva as mãos, cruzadas, atrás da cabeça, olha para o horizonte e, pensativo, lança um sorriso satisfeito e diz: “Eu to bem!”. O jovem exibe no semblante satisfação frente a esta travessia que vai além, apesar da economia de palavras utilizadas, da mera prova de virilidade. Comenta que fica na casa da menina até umas 2-3 horas da manhã, conversando. Os demais fazem burla sobre ter utilizado apenas “1 camisinha”; ele, indiferente. Ricardo, pai de Luan, participa ativamente da conversa; seu prazer é facilmente observável; tenta fornecer conselhos sobre como namorar. O filho Luan, de 12-13 anos, segue a conversa e a movimentação, com discreta curiosidade. Luís permanece neste encontro por pouco tempo. Comento sobre ter avistado seu filho no ônibus. Sorri e pede que o identifique, tem dois. Eu: “Aquele que veio te ver semana passada.”. Luís: “Aquele com cabelo assim [gesto], como coroinha?”. Eu: “Isso. O ônibus estava cheio. Ele não me reconheceu.”. Pouco depois Luís, está no caminhão e parte com o pai. O pai acena; Luís leva a mão no rosto e olha para o lado oposto ao que estamos.

- Mencionam alguém que “apareceu dizendo que está grávida do Ademar” e que fez referência a seu pênis: “Conheço bem o daquele baixinho.”. Ele sorri. Comentários sobre “a Magrela” [Rogéria]. Quando brincam, Ademar mostra seu corte de cabelo e barba, raspados, que já dão sinais de crescimento. Valter passa por nós. Para tal, cruza o centro do grupo. Cilzemar, que aparece por 2 ou 3 vezes durante o período em que lá estou, participa sem descer da moto. Olha para Valter e diz: “Que tal cortar um pouco esse cabelo e lavar também?”. Valter diz algo que não escuto, pois, embora a 30 cm de mim, está de costas. Ao virar-se, fala um pouco a mim. Sorrindo, revela que a obra em sua casa “está parada”: “Falta o homem trazer o material que já encomendei.”. Parece satisfeito com a oportunidade de uma escuta, ainda que breve. Pouco depois, sobe na bicicleta e parte. Ademar olha para mim: “Agora, só vou cortar o cabelo no fim do ano. Também, com a chegada do frio!”. Lanço alguma pergunta sobre Rogéria, para que retome o que aludia, uma vez que o corte de cabelo se relacionava à visita à companheira. Desta fala, destaco o momento em que emerge algo sobre o imponderável no viver: “Ela comentou comigo: ‘Ademar, já andei tanto de moto, de carro, [em condições que poderiam gerar um acidente]. Quando fui viajar [a] trabalho aconteceu isso.’”. Eu: “Onde está a garantia de algo, Ademar?”. Pausa. Seu ar pensativo, a determinação ao dizer: “Vou lá de novo semana que vem!”. E a resposta de uma alegria calma, reflexiva: “Eu to bem, to feliz.”.

- Em meio aos conteúdos em torno do namoro de Gabriel, da reaproximação entre Rogéria e Ademar, etc., surge uma brincadeira cujo início me escapa. Geraldo, que aos poucos demonstra mais confusão mental (não sei se tem relação com a garrafinha de pinga com K-Suco que circula entre eles ou algo de sua estruturação psíquica), diz algo sobre o bairro onde mora. Pergunta se o conheço. Comento que acho aquela vila, não longe do centro, muito charmosa. Mostra-se satisfeito. Com enorme algazarra, uma nova comoção consiste em designar personagens de Branca de Neve ou Cinderela aos membros do grupo. Sugerem que Ademar seja “A Bruxa Má”. Outros personagens surgem (embora seja difícil, agora, recuperar todos os detalhes). De modo muito solto, quase frenético, gesticulando pra lá e pra cá, Alessandro diz várias vezes ser “Branca de Neve ou a Fada Madrinha” e exibe, por mímica, braços e vestido senhoriais. Riso sinistro no brincar e insistência no papel feminino. Os colegas acolhem aquilo com aparente tranquilidade.

- Alessandro dá início a uma descrição sobre depilação. Além de descrever a dor ocasionada pelo processo, que já assumira ter feito, revela que, certa vez, assistiu à depilação de sua

esposa: “Aquilo grudou de um jeito que, pra tirar, [a genitália] esticava tanto que parecia uma borracha.”. Ri sombriamente. Procuro a maior naturalidade possível e escuto a sequência dos relatos. Pouco depois, Alessandro volta a comentar sobre o não relaxamento na hora de dormir, mas que, quando “faz amor” [repete-se] “põe a cabeça no travesseiro e dorme tranquilo”. Frequentemente, a esposa acorda com Alessandro dando ordens, em sonho, tal como age no barracão (“Fulano, vem pegar [tal] coisa aqui, meu!”). Fala sobre seu gesticular constante, mesmo quando sozinho no depósito: “Tem gente que passa aqui e pode me ver gesticulando como quem conversa com alguém.”. Gabriel o escuta. Procuro produzir um corte ao elenco de gestos e ações que se assemelham à orquestração de um mestre. Enuncio: “Qual o nome do filme do Jim Carrey de que você tanto gosta? Ele, que em outra ocasião não conseguia se lembrar de filme algum, desta vez enuncia sem hesitação: “O Todo Poderoso”. Eu: “Ah...”. Silêncio. Gabriel repete comentário feito na semana anterior: “A gente pensa o tempo inteiro.”. Eu: “Pode ser rica a experiência de falar também sobre o que não se quer pensar.”, retomando frase de Alessandro. Alessandro reitera que “gostaria de não pensar em nada”. Eu, calmo: “Quer ser uma prensa?”. Ele olha e sorri. Hum, penso.

- Rafael, embora calado, faz questão de ficar do meu lado, algumas vezes acotovelando colegas a fim de melhor aproximar-se de mim. Em um desses momentos, em reconhecimento ao seu esforço para marcar presença, toco em seu ombro por um segundo. Ele olha e abaixa os olhos.

- Cilzemar retorna e, depois da festa que faz, leva Gabriel para casa. Voltará, diz. Dirige-se a mim: “Não chama ninguém, que nem da semana passada. Eu vou te levar.”. Recebo o endereçamento: “Tudo bem.”. Em continuidade, Alessandro apresenta uma fala outra, dizendo: “Eu vou dar pra...” e põe a mão no peito de Rafael. Tendo isto acontecido não muito depois da sua atuação sobre Branca de Neve ou Fada Madrinha, interrompo e digo, procurando um tom o mais neutro possível, mas sabendo que incomodaria mesmo assim: “Você falou: ‘Eu vou dar pra...’”. Dirijo o olhar em direção a Rafael. Alessandro ignora minha intervenção e segue com seu comentário. Quase 2 minutos depois, interrompe-se, olha sério para Rafael e pergunta: “Eu disse isso?!”. O colega assente com a cabeça e abaixa os olhos. Surpresa no semblante, Alessandro contorce os ombros e emite um som revelador, no contexto, do contato com o desconhecimento deste algo que fala no sujeito e elabora um enunciado inconcluso: “Bom, então...”. Procura recuperar-se com as demais falas que emergem.

- O barulho da rua mais as alternâncias de muita algazarra levam Paulo, que deseja a retomada de mais seriedade para os assuntos que emergem, a pegar pelos braços a mim e a Alessandro e dizer: “Ta muito barulho aqui. Vem um pouco pra cá.”. Não muito distantes do grupo, a não mais do que 1 metro. Outra conversa tem curso. Paulo fala de Amadeu, de sua situação precária, seu colchão molhado devido à forte chuva: “Agora tem “uma menina morando com ele.”. Alessandro alerta que Paulo tem a permissão de deixar Amadeu entrar no cômodo dos fundos, se estiver chovendo, para tomar um banho, “mas a menina, não.”, pois não a conhecem. Que isto pode trazer complicações. Paulo diz ter medo, às vezes, e cobra de Alessandro o celular que lhe prometeu. Sou remetido à conversa da semana anterior. Este se desculpa por ter se esquecido. Alessandro traz à tona algo bizarro sobre Paulo. Com uma ironia cáustica, talvez ação do ranço da embaraçosa enunciação emergida há pouco, comenta: “Ela agora ta dormindo aí com ele? [...] Outro dia o Paulo acordou cedo e acordou com a bunda melada! [sugerindo que tenha dormido no barraco com Amadeu] [ri sarcasticamente] Ele passou a mão na bunda e viu não tava cagado, mas a bunda tava melada!”. Paulo olha para ele com indignação. Seu rosto, transtornado. Só consegue emitir um longo e protestativo

“Óh!”. Algo que poderia ser lido como uma brincadeira excessiva ou como um segredo que não devia ser revelado, não sei. Prosseguem. Alessandro pergunta sobre uma parenta de Paulo que, venho a saber neste momento, mora no mesmo bairro. As falas entre Paulo e Alessandro são suficientes para que o contexto seja montado: “Outro dia fui lá e ela disse: ‘Ô, Paulo, vem morar com a gente de novo.’. Pensei: ‘Agora que ela ta com a corda no pescoço com o bar, minha pensão é interessante.’. Dei é uma banana pra ela!”. Alessandro concorda. Isto o leva a voltar-se para mim e expressar uma frase curiosa, que aponta para algo relevante sobre a transferência: “Eu digo isso porque o senhor é mais velho do que eu.”, em justificativa à abertura ao revelar de si? (É cerca de 15 anos mais velho.) Pouco depois, Alessandro circula, volta em seguida para despedir-se: “Poxa, a gente nem deu muita atenção pra você hoje.”. Respondo: “Vocês falaram coisas importantes hoje.”. Ele, Rafael e um terceiro vão a pé para casa. Vejo-os tomar uma das ruas que descem em direção ao rio. Os demais também se foram, constato. Mais tarde, a conversa com Paulo é interrompida: Rubens se aproxima, com seu carrinho, e me chama. Surpreso, exclamo: “Ué, Rubens! Não vai descansar esta noite? Ta frio...”. Responde que decidiu trabalhar e parar para descansar por volta das onze horas. “Este aqui é meu irmão.”, diz satisfeito. A impressão é a de tê-lo trazido especificamente para este fim. Após a apresentação, o rapaz, bem vestido, agasalhado, despede-se do irmão e volta para casa. Rubens se embrenha pelo enorme terreno baldio ao lado do contêiner de navio, puxando seu enorme carrinho tipo charrete, mais alto do que ele. Comento com Paulo: “Rubens ainda vai trabalhar mais.”. Paulo não deixa por menos: “Vai roubar por aí.”. Nada respondo. Sereno, aguardo que Paulo se ponha a falar. Paulo discorre sobre vários assuntos, suas profissões, a vida errante, até finalmente enunciar: “Eu tive nove mulheres. Não posso dizer que foram esposas. Nunca me casei com nenhuma.”. Falas reveladores do descaso frente às relações amorosas, como a passagem por uma esteira, regido pelo conhecido enunciado seu: “Saqueiro não tem casa, não tem mulher”. Certa vez, encontrou sua “primeira esposa na cama com um desconhecido e outro homem sentado, assistindo”. “Fui lá, chamei a atenção dela, mas não fiz nada não! [Tom ponderado, de quem pretende machucar o outro pela calma – ou mais a si] Saí, comprei, carne boa, fiz uma bacia de macarronada. Daquelas boa, mesmo. [gesto condizente] Na hora de servir, ela pôs primeiro pr’aquele homem! Onde já se viu, não é mesmo?! Eu era o marido dela!”. Noto a contradição na acepção do significante casamento. Paulo segue: “Naquilo, eu virei a bacia com tudo no chão e nunca mais voltei.”. Algo mais é dito que me leva a poder perguntar-lhe: “A senhora que passa aqui, então, foi a sua nona esposa?”. Confirma com a cabeça. O olhar torna-se mas machucado. Pergunto-lhe, na aposta de ressoar, de fazer bifurcar algo, talvez a suposição de haver ali um padrão: “E esta última, o senhor também encontrou traindo o senhor?”. Ele confirma. Uma expressão de desconforto, como quem percebe algo, mas que procura afastar o incômodo pensamento; impressão minha? “Quanto tempo vocês ficaram juntos, Paulo?”. [Procuro utilizar ambas as formas de tratamento.] Ele: “Dezenove anos.”. Repito, propositalmente: “Dezenove anos?”, alongando-me no numeral. Ele: “Isso.”. (Um dado novo, penso.) O enunciado o põe imediatamente, diante de tudo que dissera antes, a ponderar: “Quer dizer, não foi casamento em cartório, em igreja, mas foi um casamento, né?”. Respondo: “Tem casamento tradicional que dura menos de um mês...”. Paulo reflete. Tenho a impressão de que, ao reconhecer que, de fato, viveu um relacionamento (e não algo passageiro como de marinheiro, tal como apregoa ter sido seu estilo de vida), sente-se ainda mais ferido, angustiado. Comenta que pensa em “tentar voltar com ela [longa pausa] pra depois matar ela!”. Semblante assustado frente a seus desejos conflitantes. Deixo que o silêncio circule após o enunciado, enquanto nos olhamos, antes de perguntar com calma: “Será que isto resolveria, Paulo?”. Como que esmagado pelo próprio sofrimento, seu corpo oscila: lança seu corpo para trás, ou perde o equilíbrio, num movimento súbito. As costas contra a parede, com ar doído, desabafa: “Isso fustiga o meu coração.”. Repito sua fala. Coloco brevemente a mão no seu ombro e inicio minha saída: “Até semana

que vem, Paulo.”. Noto Cilzemar que regressa e pergunta sobre os demais. Vai me levar primeiro e depois passar no bar onde supõe encontrar Alessandro. São 19:40h.

- A conversa com Cilzemar não é menos interessante. Já na saída, enquanto espera por uma brecha no trânsito para arrancar com a moto, diz, comigo já na garupa, que “não lig[a] muito para dinheiro, contenta-se com o suficiente”. Algumas quadras adiante, depois de atravessarmos a congestionada pista, neste horário, um comentário com valor de enunciação: “*Eu me tornei gente depois que eu bati a cabeça.*”. Da garupa, pergunto: “Como foi isso?”. Ele: “Eu comecei a falar [utiliza também os significantes conversar e me relacionar com os outros] depois de um acidente e fiquei 45 dias em coma. Antes disso eu era uma pessoa só observadora. Depois, me tornei uma pessoa melhor.”. No trajeto revela que Alessandro está no bar e menciona brigas do casal, sobre as quais me mostro indiferente. Procura formas de se informar a respeito de minha fonte de renda. Busco, por meio de uma frase, desviá-lo, para voltar a falar de si. Mas prefere falar de si via o outro, talvez. Desliga a moto, ao chegarmos à praça central. Reitera seu desejo de “sair comer um churrasco juntos, qualquer dia desses”. Concordo com o convite. Lembro ter-lhe passado meu telefone. Ele: “A gente pode ir agora.”. Eu: “Tenho compromisso hoje, Cilzemar. [Emite um som e olha para o lado, em sinal de incredulidade.] Em horário de almoço é mais fácil, digo. Telefona. Estando eu na cidade” [penso nas informações que pode ter a meu respeito via Alessandro], podemos agendar.”. Diante da possibilidade efetiva do encontro, tenta incluir Alessandro: “Quem sabe Alessandro vai com a gente...”. Que incluir é este, que se afasta, tomando distância, lançando para longe uma proximidade almejada? Defesa neurótica? Mantenho-me em silêncio. O nome o leva a revelar detalhes sobre a vida íntima do casal: “Eles têm problema entre eles.”. Faz referência à perda de ereção de Alessandro no meio do ato sexual; fato já mencionado por este. “Ela fica mal e ele também. [...] Ela e ele, também, têm uma cabecinha, coitados...”. Justifica ser esta a dificuldade do casal em lidar com seus problemas. Também em lidar com o filho – “principalmente o mais velho” –, que não gosta da atividade que o pai exerce. Cilzemar critica os trabalhadores do depósito – “Aquele pessoal é muito fraquinho, meu!” –, como um patrão que se sabe possuidor de melhores meios para extração de mais-valia. Em seguida, revela não ter problemas em relação a seu desempenho sexual, “mas as coisas não são como antes”. A certa altura, sugiro: “Talvez agora você tenha outros interesses, além do foco na ereção...”. Isto o põe a dizer que tem “muito dinheiro, embora não pareça”. “Sou um dos motoqueiros com mais dinheiro nessa cidade”. Menciona algumas de suas posses (sou remetido ao início da conversa na saída do depósito) e ensaia falar de seus interesses. Neste momento, parece seu discurso parece murchar. Desconforto importante, penso, para pôr o sujeito em produção frente ao seu desejo. O celular toca, produzindo o corte já em vias de acontecer. “É o Alessandro. Vou buscar ele.”. Pergunta se moro no prédio de apartamentos logo em frente. “Sempre comentei com você que moro em outro prédio, atravessando a praça.”. Resposta estratégica de minha parte. Pago pela corrida. Enquanto guardo o troco, ele diz: “É sempre um acréscimo conversar com você.”. Desejo-lhe boa noite e atravesso a avenida.

xxxxxxxxxxxxxxxxxx

- 30/Maio/2014 – 17h. – Enquanto a moto faz a curva, observo os estabelecimentos adjacentes.

- Encontro duas catadoras, que venho a saber serem companheiras de vida. “Estão juntas faz oito anos.”, diz Paulo mais tarde. Afirma que uma delas é sua prima. A mais miúda, veste-se em estilo esqueitista. Os rapazes, em alto volume, dizem ser esta o “marido” da prima de

Paulo. Cumprimentam, mas por enquanto restringem-se a conversar apenas com os trabalhadores do depósito.

- Antônio está trabalhando no interior do depósito. Comento que não o via por ali há várias semanas. “Eu estava trabalhando de servente de pedreiro. Agora voltei pra cá, pra reciclagem.”. Parece não ter a intenção de retomar aquela atividade. Segue com o serviço.

- Fala inicial de Alessandro, sombria, sobre falta de material, a redução de movimento durante a Copa do Mundo, afetando todos os setores: consumo, indústria, demanda por recicláveis... Segundo ele, resulta no fechamento de depósitos, demissão do pessoal e falta de renda para os catadores. Alguns escutam. Até que ponto estão impactados por aquela fala, difícil acessar, ainda. Estratégia para manutenção da exploração ou o que do sujeito pode hoje emergir? Ou ambos?, penso, censurando-me pelos pensamentos que me atravessam.

- Conversa com Paulo – Sobre sua última esposa: “Eu falei com ela esta semana. Tem uma loja de roupa. Falou pra mim ir lá que ela vai me dar roupa. Perguntou o meu tamanho. Pô!, sabia até o meu número! Agora vai dar uma que não sabe??”. Paulo repete a frase quando Alessandro se aproxima e pergunta o que aconteceu. Paulo e Alessandro narram, alegres, a “cantoria” feita por ambos dias atrás. O quanto todos se divertiram. Paulo no violão. Alessandro diz que já teve uma boa voz. Era solicitado para cantar nos bares, em churrascos. “Meu estilo era como o do Bruno e Marrone, sabe? Hoje não tenho tanto fôlego.”. “É possível mais suave e, ainda assim, a mensagem...”, suspendo, porque procuro falar a um outro sujeito, endereçamento para a emergência do inconsciente. Paulo prossegue: “O pastor aí da igreja [Percebo então que a igreja de fato funciona. Onde fecham-se as igrejas, afinal?, também penso de súbito] disse que você canta bem pra caramba! Elogiou muito!”. Paulo comenta com Alessandro sobre Amadeu. Espiou [gesto] outro dia através dos plásticos e o viu fazendo sexo com a “menina”. Relata com tom de surpresa o desempenho do idoso senhor. Adiciona, após alguns detalhes: “Precisa ver como ele [faz sexo oral] na menina!”. Sou lembrado da música de Chico Buarque, “Amando sobre os jornais”, mas também soa estranho o uso recorrente do signifiante menina, por ambos. Nunca a vejo, mesmo com o depósito já fechado, e, pelas alusões a seu respeito, parece estar constantemente ali, num barraco com não mais de 1,2 m de altura. Alessandro se diverte com as histórias sobre Amadeu. Ambos saem para atender a diferentes chamados. Um senhor, com o uniforme de uma empresa, chama Alessandro para combinar sobre uma carga de recicláveis.

- Gabriel se aproxima. Só vê a namorada aos sábados e domingos. Coisa rara: ouço vindo dele uma sequência de orações, sem a interrupção de ninguém. Está com sono e dor de cabeça por não dormir o suficiente. Repensaram, ele e ela, sobre o hábito de permanecerem acordados até 2-3 da manhã: “Ela também trabalha.”. Faz menção à [Feira Agropecuária] que se aproxima: “Ela disse que nem quer ir lá.”. Eu: “E você?”. Questão em suspenso. Somos interrompidos. Ótimo!, penso. O que pode ressoar neste “E você?”? Mais tarde, Paulo e outros colegas comentam, rindo: “Olha só como ele está! Você [a mim] viu o brinco dele? [Rafael olha para mim e sorri. Mão atrás da cabeça, espreguiça.] Antes não queria nem tomar banho; agora, só porque comeu a namorada uma vez só, fica todo bonito!”.

- Alessandro escuta o final do enunciado e vem falar sobre a questão do sono, do não conseguir dormir, o quanto isso faz mal, e insere comentários sobre sua dificuldade para “deixar de pensar”, “muita tensão”. Esta semana comprou protetor de ouvido. “É muito barulho aqui: da rua, das máquinas, o rádio com música ligada bem alto. O pessoal conversa tudo gritado...”. Penso nos pensamentos que Alessandro não deseja escutar, mas opto por não

fazer a observação que ultrapassa o aspecto referencial da linguagem. Pergunto casualmente sobre o modelo. Explico a diferença: “O modelo em formato de saca-rolha reduz em 70-80% do som, não tudo. Mas este pode ser o mais indicado no caso de ouvir um alerta de alguém, perceber o som de uma máquina com problema, a aproximação de um carro...”. Diz ser este o modelo e prossegue: “To também tomando Maracujina. O extrato natural. To dormindo melhor. Eu tava muito mal.”. Neste momento, plá-plá-plá-plá-plá! Luís passa arrastando uma balança de chão para dentro do galpão. De lá de dentro, o pequeno som da queda de um metal. Sem saber exatamente o quê, Alessandro corta nossa conversa e alerta: “Um peso [referência padrão para pesagem] caiu no chão.”. Ninguém dá atenção ao fato. Luís está ocupado fazendo contas para pagamento. Do meu ângulo de visão, noto uma caneta e um pedaço de metal, caídos, próximos aos pés de Luís, a cerca de 3 metros. Peço licença vou até ele, pego a caneta e o metal que estão no chão e lhes entrego: “É um queimador, um pito de fogão, Luís.”. Ele olha, sorri e exclama: “É um pinto.”. Indiferente, regresso para o grupo que tento formar. Alessandro, Gabriel, Rafael e Antônio, que agora se aproxima e escuta parte de um chiste de Alessandro. A propósito de dormir, Alessandro tenta gerar uma piada sobre um suposto sonho de Gabriel. Alessandro: “Conta o seu sonho, Gabriel! ‘Sonhei com duas galinhas e acordei com um pinto na mão.’”. Ri, sozinho, da façanha narrada. Penso: o que será que isto pode ter a ver com sua problemática, seus impasses?! Melhor esperar. Sem que eu diga algo, na expectativa de Gabriel se manifestar, caso também queira narrar um sonho, Antônio toma a palavra: “Incrível como a gente não para de pensar! Até dormindo a gente pensa [pausa] a gente sonha.”. Alessandro é nitidamente capturado pelo seu interesse pelo saber do outro, que o outro detém: “Verdade! Por que isso acontece?”, voltando-se a mim. Não me disponho a entrar com conhecimento de mestre. Antônio imediatamente segue e olho, sinalizando-lhe interesse pelo que enuncia. “Eu fico pensando no meu irmão em [cidade], no pai, na mãe, no Mato Grosso onde trabalhei quando tinha 14 anos, em coisa alegre, coisa triste... Pensei: vou dormir pra não pensar. Mas aí, sonhei!”. Eu: “Hã, hã...”, suave, para que Antônio continue e Alessandro não o interrompa. Antônio segue: “Tinha uma galinha. E ela morre. Eu pego ela assim com a mão... [gesto] [Alessandro interrompe, repetindo a história do pinto, mas sinalizo para que Antônio prossiga] Tava morta, mas com os olhos abertos assim, ó. Aí chega um amigo. Eu me viro pra conversar com ele e ela sai correndo: fugiu pro mato e deixou um ovo. Eu fiquei com o ovo na mão. Tinha um pintinho assim. Não sabia o que fazer com ele. [Mãos em concha, desespero e sorriso no rosto ao descrever a cena, reveladores do contato com o gozo.] Ele já tava quebrando a casquinha! Pois eu acordei e pensei: deve ser alguma coisa sobre mim, que eu vou [conseguir] alguma saída pra minha vida, pro meu sofrimento.”. Como em um flash, penso no quanto um sujeito, a exemplo de Antônio, sumido do depósito há semanas, poderia se beneficiar com um trabalho análogo a este, que oferece este tipo de escuta, dada a facilidade com que adentra no dispositivo, mais a riqueza de sua fala, que possibilita a produção de efeitos também nos demais membros. Repito o final da frase de Antônio. Alessandro retoma sua piada, que pode vir a ter valor de chiste/enunciação, dada sua insistência; agora recontada como “um sonho com 2 galinhas, dois ovos e 1 pinto na mão”. Olho para Antônio: “Antônio, esse seu sonho é muito valioso mesmo! Sonhos nesta conversa são também importantes.”, procurando apontar para esta possibilidade exploratória em suas falas, uma vez já abordada por eles; aliás, riquíssima para a psicanálise. Ciúme e surpresa no semblante de Alessandro. Mudanças no laço discursivo? Pouco depois, Antônio junta-se ao outro grupo; mais tarde estará sentado na calçada, encostado contra o muro do vizinho, em conversa com um ou dois colegas. Um terceiro grupo... O que estas falas poderiam ter disparado por lá?, reflito. Começam a descer as portas de ferro do depósito. Olho para aquilo e vem à mente: cerram-se as portas de ferro, mas o inconsciente se mostra, as atravessa, parafraseando Freud. Alessandro expressa sua surpresa: “Nossa! Mas, que horas são?”. Verifico em meu relógio: “Cinco e meia.”. Quando questionado por Gabriel, responde com

sorriso de patrão condescendente: “Pra vocês terem uma folga maior hoje. Trabalharam bem.”. Elogia Gabriel pelo seu “bom desempenho na negociação que fez hoje”; vai dar um dinheiro extra. Seu “ritmo faz com que os outros também trabalhem melhor”. Ressoam em mim ecos da fala de Cilzemar sobre produtividade, com quem certamente também troca tais ideias.

- Percebo o quanto a presença daquelas duas mulheres alterou o agir de todos; diferentemente dos dias com outras catadoras no local. Hoje, os trabalhadores do depósito vêm, ficam um pouco, mas fazem um grupo afastado. Falam bem alto, como a enviar uma mensagem para além daquele grupo, para que os escutemos. Alguns, voltados para nós. Percebo-o devido à visão periférica: “Esta aqui é marido daquela.”.

- Conversa com Ademar – Ademar ouve Alessandro relatar sobre o passado, nostalgicamente. Em tom grave: “Tenho medo como vai ser daqui a dez anos. Os mais jovens não quer[em] fazer um monte de serviço mais sujo, por exemplo.”. [repete-se] Sai para atender ao chamado de um motoqueiro. Ademar, que ouve parte da conversa, encosta na barra de ferro, voltado para mim. Sinal de que está disposto a falar, penso. Em vários momentos, enquanto trabalhava ou conversava no grupo formado em torno às mulheres, foi possível notar seu olhar a nós dirigido. Ademar continua a falar sobre coisas que mudaram com o tempo: o leite de sítio que não se encontra mais. Eu: “Nem aqui nos bairros mais afastados do centro?”. Ele: “Tem. Mas vai saber o que colocam no leite?”. Mais algum detalhe neste sentido, sua dúvida. Tento um passo além. Bem no cara a cara, ousado, até, apostando no lugar que suponho (apesar dos riscos), ter no sujeito e na inserção dele neste outro tipo de fala, no dispositivo analítico, lanço: “De que você sente falta, Ademar?”. Ele: “Falta do quê?”; sorriso evasivo, meio ingênuo, como se não tivesse escutado, mais como uma pergunta descabida minha. Não recuo da pergunta: “De que você sente falta, Ademar?”. Faço isto com a nítida consciência de dar uma oportunidade para que algo a mais emergja. Seu olhar vai fundo em meus olhos. O semblante do brincalhão-gemedor cai, os olhos marejam... “Eu? [Pausa. Olha para o chão, para sua jaqueta, pendurada no corrimão. Olha para mim.] Do meu pai e da minha mãe.”, conclusivo, com dor. [Engole seco, pausa] “De quem me formou, me criou. Os outros são amigos, e tudo; mas são coisas passageiras.”. Alguém o chama. Enquanto se afasta, penso o quão frequentemente as ocorrências inesperadas no contexto desta modalidade de atendimento, de modo inadvertido, para além de uma decisão do terapeuta, por incrível que pareça, assemelham-se à produção de cortes, com sentido analítico.

- Alessandro pretende levar Rafael a um estacionamento para ver um fusca. O irmão o previne: Um fusca preto em [lugar]? Aquele carro tá podre! É do Negão. Por baixo o tanque tá caindo, tem uma rachadura bem no meio...”. Alessandro olha com respeito para a expertise do rapaz. Não o contradiz. Emite um som e locução com valor de alerta para Rafael. Este abaixa a cabeça e pisa no tóco aceso que ainda resta do cigarro que fuma. Este ato, ainda que tratado como mera coincidência por tantos, para mim adquire valor emblemático.

- Ainda está claro, pessoas e carros transitando normalmente. Estamos em pé na área do estacionamento, que se prolonga até a calçada. Cida (a alguns metros de nós) faz algum comentário sobre Alessandro, que conversa comigo. Ele escuta e desce as calças, deixando suas nádegas, nuas, completamente à mostra. Olha para mim e sorri. Alguém comenta: “Que bunda bonita, peluda.”. Mantenho-me impassível.

- Alessandro tem em mãos um pequeno cano de PVC, com cerca de 12 cm de comprimento. Às vezes se aproxima de alguém distraído, para cutucá-lo. Em outra ocasião, nestas brincadeiras, fala de ereção e utiliza o indicador para indicá-la. Ao mesmo tempo, entorta o

dedo e o leva até a sua região pélvica, sugerindo penetração anal. Olha, analisando minha reação.

- Conversa entre Luís e Alessandro sobre R\$60,00 do catador Valter. Não vão dar tudo de uma vez, se não, gasta tudo com crack, bebida, etc. Entro com um significante para produzir efeitos: “Vocês são tutores?”. Olham com surpresa e sorriem com desconcerto. Mais tarde, Luís, sozinho, a meia distância, encostado contra a barra da rampa, derruba uma nota de R\$10,00. Segura a *pochette* apertada contra seu estômago, de onde vai tirando com cautela as notas, para distribuição. Fica perdido: se abaixar-se para pegar a nota, o restante incorre no risco de cair. Tomo a iniciativa de me deslocar, deixando temporariamente o grupo formado, para pegar a cédula. Momento do qual me aproveito conscientemente, a fim de sinalizar a abertura para sua reaproximação. É a segunda coisa que deixa cair hoje e me aproximo para auxiliar.

- Pouco antes de Cilzemar chegar, Alessandro fala sobre o pensar incessante, como um motor... Coloco um dedo na frente dele: “É sobre estas coisas que seria importante falar sobre. Talvez melhor. Pra esse tipo de coisa não adianta colocar protetor de ouvido.”, retomando o que emergira no início de minha visita. Chegada de Cilzemar. Tira o capacete, coisa nunca antes feita. Põe-se mais à mostra, penso. Até então é o cara com jaqueta de couro, boné, óculos escuros e capacete que poucas vezes suspendeu até à testa. Comentam: “Nossa, ta barbeado hoje. Alessandro: “Bundinha de nenê!”. Cilzemar retoma a história de “eu bati a cabeça [...] tornei uma pessoa melhor, sou mais [solidário] hoje”. Alessandro: “Ele ficou 45 dias internado.”. Cilzemar imprime outro rumo à conversa: “Esse cara aqui tá sofrendo muito.”. Fala da esposa e dos filhos de Alessandro: “Tem um computador porque eu insisti pra comprar pro menino. A família tem tudo do bom e do melhor, tem lavadora de 15 quilos, casa grande, boa. Tudo simples, chão assim [aponta, sugerindo apenas cimentado], mas tudo do bom e do melhor.”. Lança um alerta para o amigo: “Seus filhos são excelentes, o mais velho ta com probleminhas mas é da idade dele, ele não gosta da atividade do pai [para mim] mas vai encontrar o rumo dele. O segundo é muito inteligente, mais que o primeiro: esse vai longe!, vc vai ver! E a menina é um doce.”. Em seguida, aborda a dificuldade de ereção: “Fui na farmácia comprar Apramil [?] pra ele.”. Pergunto o que é. Alessandro, Cilzemar, Ademar, etc., riem: “Ele não sabe o que é Apramil! Hahaha.”. Estou tranquilo. Explicam. Eu: “Ah, o equivalente do Viagra!”. Cilzemar: “Isso. Mas não adiantou.”. Alessandro se envereda na explicação do cansaço. Eu: “Sim. Não é só o biológico, tem o cansaço, mas tem mais.”. Cilzemar comenta que algo semelhante se passou com ele. Relata: “Eu tinha 2 namoradas, uma *caneira* – depois alguém contou isso pra mim: fez macumba. *Eu gostava mais da mãe dela*. [repete] Vi ela pegando roupa, umas coisas minhas. Eu estava com as duas ao mesmo tempo. Só de pensar na macumba, eu brochava”. Rememora as diferenças e semelhanças entre as duas mulheres/namoradas, mas comete um lapso de lógica: “o p. mole com quem eu queria e o p. [ora utiliza o termo “Juninho”] duro com a outra que, só de olhar, o excitava” [justo ela que, pela sua fala, parece anêmica de desejo, juntamente a uma condição diagnosticada como anemia falciforme]. Nesta histerização da fala, em que um significante viaja no outro, revelando mais do que se pretende, de repente ele se escuta... e se assusta com o que diz. Em paráfrase, mas muito próximo da fidelidade ao seu enunciado, admite que largou de uma que desejava transar com ele e ficou com uma que não gosta de sexo. Continua, com certa decepção no tom: “E só de ouvir a voz dela eu fico de pau duro, pode uma coisa dessa?! [pausa] Já cheguei a telefonar pra ela pra me masturbar! Ah, mas agora nem é direito minha mulher.”, em tom de descaso. Alessandro olha para aquilo tudo, alguns também escutam em silêncio. Notória sua cisão, bem como a emergência de traços da fixação no objeto voz. Não sei se acertadamente, mas opto por apontar também para outra cisão, há pouco por eles suscitada: “Exatamente. É muito mais do que o biológico e o cansaço.”.

Cilzemar volta-se para Alessandro, tom irritado, até: “Eu já te falei! Paga pra ele que é uma pessoa cuidadosa, competente, vai no consultório dele e conversa sobre essas coisas!”. Continua: “O negócio é o seguinte...” e discorre sobre a mulher do escritório que Alessandro frequentava diariamente, sobre a atração entre os dois. Argumenta: “Vê só, a mulher vê um cara bonito todo dia indo lá trocar R\$1.500,00, R\$2.000,00. O que ela pensa? Que ele tem dinheiro. [Sou remetido à fala de minha dentista, pouco antes do atendimento, de costas para mim, enquanto preparava na pia o material de trabalho: “As mulheres hoje estão muito atrevidas. E elas estão interessadas nuns homens de meia idade, porque já conquistaram alguma coisa, e eles se sentem todo importantes.”. A gente precisa ficar ali do lado. Eu: Ele na coleira? Ela: Nem sei se na coleira, mas tem que ficar por perto.”]. Prossegue Cilzemar: “Aí, vão e transam. E ele para de ir trocar o dinheiro. Eu é que vou.”. Seguem-se críticas pelo pouco que Alessandro paga pela atividade: “Paga só R\$20 pra isso. Pelo menos devia pagar mais R\$4, pela volta.”. Sorri. Alessandro ouve calado. “E desde então ficou esse negócio na vida dele. Agora, ela diz que ta grávida. Não sei onde, porque faz uns 5 meses que fala isso e a barriga ta um tanquinho...”. Eu: “Bom, então, depois de 9 meses, se nada acontecer...”. Momento angustioso. Cilzemar se afasta Emergem mais brincadeiras sobre ereção. Alessandro cutuca alguém com o pedaço de pcv. De repente, percebendo-se em constante referência a homoerotismo, sai da brincadeira. Pergunta-se muito intrigado, em voz alta, esfregando a cabeça, enquanto se afasta para atender alguém em uma moto: “Será que, pra voltar a ter tesão, eu vou precisar transar com um homem?!”. Regressa. Aos poucos, narra detalhes que vão além do revelado por Cilzemar, como um calidoscópio, um mosaico para a visualização de uma multifacetada realidade. Os poucos que restam se afastam. Não sei se Cilzemar, fora do meu campo de visão, os chama. De qualquer modo, a movimentação é algo comum. É revelado que tiveram, de fato, um envolvimento sexual. A moça está de fato grávida, segundo ele. Diante deste relato, lembro-me do semblante aterrorizado, de meses atrás, ao repetir: “Alejandro! Alejandro!”, modo como ela o chamava até sumir de vez do escritório. Fato este que produz nele mal-estar – seguido do comentário, à época, sobre o transtorno para todos os envolvidos, ao se ter um filho fora do casamento. Quando, a certa altura, diante de sua impotência, profiro “Culpa?”, seu rosto se surpreende. Sigo: “Culpa. Esta sensação de, meio que, usar e abandonar a moça e culpa por não assumir este caso para sua esposa, além do fato de sair com outra?”. O próximos 10 minutos, pelo menos, passam-se com ele rebatendo o comentário. Eu, calado. Fala de trabalhar até 10 da noite, etc. Volta a falar dos seus pensamentos recorrentes. Interrompo, na aposta de uma abertura para alguma decisão: “Tem uma coisa, por enquanto, que você poderia fazer.”. Não digo o quê. O assunto segue, sob a forma de uma construção bastante fantasiosa: “Eu dei a camisinha pra ela pôr. Ela pode ter furado com um alfinete...”. Eu, irônico: “Nossa! O outro...”. Ele, inconformado: “Puxa, mas só uma vez e fica grávida!”. Repete. A fala segue, nada digo. Pondera: “Claro que, se o filho for mesmo meu, vou pedir teste de DNA pra ter certeza, vou assumir a criança.”. E, timidamente – até seu tom muda, fica mais baixo – alude à dificuldade de assumir o caso extraconjugal para sua esposa. Sou remetido à possível relação entre o enunciado do chiste (o sonho com a galinha) e um impasse seu: uma aventura extraconjugal, com possibilidade de resultar em gravidez (indesejada), a temporária impotência no ato sexual com a esposa, desde então; enfim, a relutância de Alessandro em posicionar-se: para a esposa, para a outra, para si, finalmente: “acordo com duas galinhas e um pinto [seu “pinto”] na mão”. Permaneço em silêncio quanto a isto. Talvez seja demais para hoje. A percepção de algo que poderia levá-lo a calar-se, tomando-me persecutoriamente: percepção de o quanto se diz além do que se diz.

- Olho para Luís, que há tempo envia sinalizadores de desejar ir embora. Fica à distância, deixa o irmão falar, tira o boné, se espreguiça, suspira... olha para mim. Faço o corte a partir

do último enunciado de Alessandro, o impasse em relação à esposa: “Então pensa nisto. Seu irmão parece que precisa ir.”. Alessandro se vira e o vê. Luís se aproxima de mim e diz: “Num é... É que a minha mulher fica brava quando demoro.”. Eu: “Se quiser, veja na sua rotina uma forma de voltar a falar, Luís.”. Sorri, abaixa a cabeça, meio tímido. Alessandro estende a mão, em despedida. De repente, exclama, assustado; o rosto, franzido: “Que carço é esse na sua mão?!”. Eu, calmo: “Como?”. Responde: “É! Dá aqui pra mim ver!”. Estendo a mão, como para nos cumprimentarmos novamente. Enquanto procura repetir o movimento, a fim de recuperar o ponto em que o “carço” havia sido detectado, entra, por fim, em contato com o botão do punho da camisa. “Ah, é esse botão!”, diz, aliviado. Sorri. Sou atravessado pela lembrança da sessão anterior e de uma de suas primeiras: a perda da mãe quando criança (‘Minha mãe morreu quando eu ainda precisava muito dela.’), o relato da morte da avó, ocorrida há poucos meses, devido a um câncer; a foto mostrada, com a “avozinha” no hospital, em seus últimos dias. Considero, brevemente, no momento em que lhe sorrio de volta, o lugar transferencial em que me coloca, em sua série de potenciais e reais perdas. Eles se vão. Umas 6 pessoas tentam se acomodar no Fusca verde-água, estacionado a uns 30 metros, no terreno baldio.

- Cilzemar, que saíra para atender ao chamado de um cliente, demora. Muito frio, apesar da camisa de flanela mais a camiseta. Chamo outro mototaxista. Quando aparece, em meio à conversa que tenho com Paulo, explico o ocorrido. Antes de sair com a moto, digo-lhe: “Sua fala foi importante hoje. Algumas coisas puderam ser ditas.”. Despede-se e dirige-se até o Fusca, em busca de outro cliente. Volto para a escuta de Paulo.

- Próximo ao final do encontro, quando estamos sozinhos, Paulo e eu, a companheira de Márcia passa por nós e se despede. Baixinha, miúda, um misto de estilo esqueitista, jogador de futebol e baseball. Surpreendentemente puxa um carrinho enorme, como o de Rubens. Paulo diz que “estão juntas faz 8 anos”. Passa a rememorar sobre “Bela Vista - Caxias do Sul”. Seu local de origem mencionado novamente, hoje. Na primeira menção, Alessandro fez, para desagrado de Paulo, uma rápida *performance* da típica luta com facas. Quando o gaúcho, com bombachas, se curva para frente, de braços abertos, empunhando as facas, sugere ele, em pilhéria, neste movimento os “machos” se oferecem para serem penetrados. Na segunda menção, quando repito o nome da cidade, Paulo explica que são cidades praticamente juntas. Mostra as luzes do bairro vizinho diante de nossos olhos, no aclave próximo, para além da fenda na topografia que dele nos separa, a fim de explicar a proximidade entre as cidades. Isto o põe a descrever a questão da perda do sotaque: “Quando ia pra lá, eu tinha que falar que nem eles, porque ficavam perturbando a gente.”. Conta e ri. Lembra que saiu de lá aos 16 anos. Após uns 15 minutos, o mototaxista chega. Paulo ensaia um tímido abraço. Noto estar usando uma jaqueta jeans sobre a camiseta. Amadeu, ao longe, sem agasalho algum, conversa com outro homem, sentados na rampa. “Até a próxima semana, Paulo.”. Enquanto parto, vejo-o sumir, para trás do portão lateral que se fecha. Paulo encerrado em sua solidão. 19:10h.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

6/Junho/2014 – Estrada [nomes de cidades] – Mensagem de texto para Alessandro, cancelando o atendimento desta semana. Explico sobre a necessidade de fazer uma viagem.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

13/Junho/2014 – Depósito de Reciclagem – 17 horas. Material acumulado praticamente até a calçada. Bags e fardos, inclusive. Paulo, Antônio e Luís trabalham na frente, organizando, pesando e carregando os volumes para o interior do barracão. Paulo e Antônio me cumprimentam de modo bastante afetuoso. Aproximam-se para um aperto de mão e timidamente adiantam o tronco para um leve abraço, meio que desculpando-se por estarem muito suados. Luís é amável, porém mais sério em sua recepção. Ao vê-los ocupados, peço licença e entro no depósito. Ademar trabalha na primeira prensa. Música em volume não tão alto, desta vez. Valter, no fundo do galpão, acena de modo mais efusivo. Gabriel passa e expressa um rápido sorriso. Alessandro está envolvido com a segunda prensa, não me olha diretamente, ainda que tenha notado, de relance, minha chegada. Início um breve contato com Ademar, que descansa distraidamente o braço esquerdo dentro da prensa, sobre o material a ser comprimido. A mão direita, posicionada mais ao alto, do lado de fora do equipamento, segura a alavanca que aciona o motor para descida da placa. Bastante receptivo. Com suavidade, acho conveniente alertar para a postura arriscada, dada a descontração: “Muito tempo fazendo o mesmo movimento, né, Ademar, faz com que seja automático. Aí...”. O semblante fica um pouco mais sério. Concorde. Remove o braço da prensa, aciona a alavanca com a mão há muito posicionada para tal. Fala sobre o trabalho por mais algum tempo, mas sei da necessidade de concentração total na tarefa. Afasto-me. Retorno para a parte externa do prédio.

- Paulo come algumas bolachas recheadas enquanto trabalha. Noto a presença de sua prima, Márcia, sentada à sombra do muro que separa o barracão e a igreja, a poucos passos de nós. Mais quieta, observadora, comparando-se à semana anterior. Penso, chegará, talvez, o momento para uma escuta, presença agora constante, ali. Paulo me oferece um biscoito. “Obrigado, Paulo. Comi antes de vir pra cá.”. Divide alguns com Antônio e Luís e come os restantes. Paulo e Luís reiniciam a pesagem do material, Antônio se aproxima, olha para o céu e me diz: “Olha lá, que coisa bonita aquele avião!”. Comenta sobre o rastro deixado pela sua passagem: “De onde será que vem? De manhã tem um que faz assim, ó. [gesto identificando trajetória no sentido oposto] Um comentário meu: “Não sei se é isso mesmo, Antônio; mas um conhecido me disse que esses que deixam um risco no céu são os caças do exército.”. Ele: “E o que eles faz[em]?”. “Talvez estejam patrulhando o céu do nosso país.”, mantenho o tom de dúvida. Ele, pensativo: “Puxa, parece que está devagar, mas é por causa da distância que está da terra.”. Repete, admirado, e sai trabalhar.

- Um homem se aproxima e pergunta se sou o dono do depósito. Indico Luís. Oferece duas canecas novinhas “para tomar café.”, parecidas com as do programa Café com Jornal, da TV Bandeirantes. Luís pensa ser um presente, pelo modo como o outro se expressara. O homem estabelece um preço. A reação corporal de Luís, de rejeição, chega a ser observável: “A gente tem tanta garrafa aqui que pode ser cortada e virar copo e caneca pra gente!”. Ao ouvir isto, o homem saca de um canivete ainda embalado a vácuo e tenta vendê-lo. Penso na habilidade do desconhecido para fazer negócios. Luís, porém, retira uma faca do bolso, mostrando-a, em silêncio (também a mim), na indicativa, portanto, de nenhum interesse e se afasta. O homem, insistente, chama Antônio pelo diminutivo, tom íntimo, e lhe oferece a caneca; a mesma estratégia. Ao inteirar-se do embuste, de nele gerar desejo e então condicionar o custo, Antônio recusa. Quando o homem se vai, diz a mim, com curiosidade: “Engraçado, eu não sei quem é esse homem e ele me chama pelo nome!”. “Você é conhecido, Antônio.”. Rimos. Algumas crianças soltam pipa no imenso terreno baldio, ao lado. O barulho de veículos parece mais intenso, mais ônibus no trajeto, devido à Feira Agropecuária não muito distante dali. Olho para a diversidade naquela cena: crianças e adolescentes com pipas e futebol, perto do contêiner alimentado pelo pessoal do depósito; o barraco de Amadeu, que agora se parece

mais com barraco; carrinhos de catadores também no terreno baldio, um pouco afastados. Dentre outras coisas alguns negociam crack, entre si e com gente que às vezes se aproxima para nos pedir dinheiro. Paulo diz: “Pra comprar porcaria não dou dinheiro mesmo!”. Trabalhadores e trabalhadoras são também desovados dos seguidos ônibus que vêm do centro. Tudo sob a luminosidade de um lindo pôr do sol.

- Do lado de fora do depósito, um relógio de parede, anexado junto à placa com o horário de funcionamento. Meio dia. Luís comenta que o encontrou “na reciclagem”. Vai trazer uma pilha de casa, para que as pessoas se orientem em relação ao horário de atendimento. Olho ao redor, o barracão inalterado, as precárias condições de trabalho... Vêm à mente os frustrados planos de reforma, sobre os quais silenciaram. Tenta-se, mas algo emperra.

- No momento em que fico novamente sozinho, procuro abrir uma escuta para Luís, que tem se mantido distanciado. À medida que organiza o espaço externo, ainda abarrotado de material, acompanho-o pela área do estacionamento. Ferro velho, que leva para o contêiner, cadeiras quebradas, etc.; arremessa tudo para o alto, sem abrir a porta do recipiente provavelmente já cheio. Luís tem uma compleição que se assemelha-se à de um Hulk; lembrando em muito a do personagem do seriado de TV. Ao notar que olho para o pescoço e peito ofegantes, sob sua camiseta, enuncia algo sobre “o coração”. Atento, apreendo neste significante, “coração”, uma possibilidade: peço que repita. Enuncia: “Meu coração não dói.”. Uma impressão, apoiada em Fernando Pessoa, me atravessa: que pensamento supõe ele existir, ao tentar me ver por trás dos meus olhos? Procuro os seus. Interessante, penso, o meu olhar teve para ele valor significativo, levando-o à produção, por deslocamento, de mais significantes acerca de si. Tendo emergido também um componente que tomo como fálico, agressivo, no significante “faca”, antes enunciado, com cuidado no tom, aposto no contorno pela fala: “Que coração que dói, Luís? Que coração que dói?”. Seu semblante se modifica, tornando-se mais reflexivo. Olha para o longe, tenta um sorriso, congela o andar, mas retoma o passo enquanto diz, sem olhar para mim: “Dói esse coração das outras coisas que a gente vive.”. Eu: “Coração das outras coisas...”. Ele: “Tudo que a gente faz parece que não tá bom, que não basta pras outras pessoas. A mulher que só pensa que a gente tá traindo ela e a gente tá aqui trabalhando. Só pensa nisso.”. Eu: “Só existe isso?”. Percebo no entorno que outra tarefa vai afastá-lo da conversa. Antecipo meu afastamento, com a pergunta no ar.

- São seis horas. A movimentação para guardar os bags e fardos com “mais de 200 kg” de material já prensado tem seu início. Antônio diz que está com fome. Paulo, muito animado hoje, trabalha intensamente, responde alto ao colega, como um super-herói: “Vem aqui me ajudar, meu! Depois eu te dou um prato de comida! Te levo lá dentro e você come!”. Penso na sensação de onipotência de Paulo, encontrada por meio do trabalho, quando a pode experimentar; uma reprise de película fragmentada dos seus tempos de vigor. O elevador está do lado de fora. Sete homens se mobilizam para guardá-lo. Muito esforço físico no processo. Gabriel surge com uma carregadeira de duas rodas, para deslocar os últimos fardos. O trabalho de remover cada fardo, do chão para cima deste carrinho, é em si uma empreita e tanto: envolve vários deles. Transportá-los, ainda que sobre rodas, para o interior do barracão, subir a rampa, etc. não são processos menos dificultosos. Há desníveis no chão. Alguma brincadeira acontece: Paulo toca na nádega de Antônio e diz algo. Antônio se afasta rindo, mas visivelmente envergonhado. Quando alguma referência erótica deste tipo emerge, Márcia, com frequência, solta, para que todos ouçam, comentários sobre a impotência sexual de Paulo: “Não dá no co[u]ro”, “não faz mais nada”. Ele age com indiferença. Márcia é como que alguém tolerado pelo grupo, mas já não orbitam em torno a ela como na semana anterior. Sua companheira permanece no local por algum tempo, apenas.

- Estou no depósito há mais de uma hora quando Alessandro se aproxima. Surpreso, rosto preocupado: “Ué! Você tá mancando?! Machucado?”. “Não. Estava só encostado na barra.”, respondo. Sou remetido ao episódio do “caroço na mão”. Emergem muitas piadas com alusão fálica. Relata que está com “dor nos grãos”, devido a um movimento em falso, enquanto trabalhava. Em consequência, diz, está mancando e sente “dor nos grãos”. Tem dúvida quanto ao termo neurologista/urologista ao perguntar se sei de algum; mas utiliza primeiro urologista e, em pequeno trava-língua, enuncia neurologista (“uro...neurologista”). Sinto que a emergência de ambos se trata menos de uma confusão conceitual das especialidades do que o resultado da conjunção de ideias amalgamadas a seus impasses, com a contribuição das pesquisas via internet, as quais admite realizar. Questões “da cabeça” (“tô louco?”) e aquelas relativas à perda de libido. Uma busca pelo saber de mestre. De qualquer modo, pergunta sobre a diferença. Evito respostas diretas. “Se for algum problema de hérnia, específico, um clínico geral já poderia averiguar para você. Se for mais alguma coisa, talvez um urologista, como você quer...”. Não descarto o comentário que pende para uma visão mais restritiva de corpo, uma vez que nos atendimentos já se aproximaram da percepção de que um corpo é mais do que o biológico. Ele pergunta sobre o preço de uma consulta particular com um especialista, se atendem na rede pública. Noto que não apresenta tanto interesse em sabê-lo. Passa a comentar sobre um de seus ajudantes. Sobre o fato dele, Alessandro, “às vezes est[ar] com as calças um pouco abaixada[s]”. Interrompo: “um pouco?”, buscando neutralidade facial. Ele continua, indiferente, e relata que isto faz com que o “funcionário pass[e] a mão na bunda da pessoa e também peg[ue] na frente de qualquer um daqui [alusão a apalpar o pênis]”. Em tom ameaçador, atento à minha reação: “Isso pode também ser com você!”. Relaciono estes enunciados e atitudes, de alto valor significante, à sessão passada, de muita exposição. A recepção sua à minha chegada e outros pequenos sinalizadores levam-me a adotar um cuidado adicional no campo, no dia de hoje. Outro significante emerge, com valor metafórico amplo: Alessandro traz consigo um cano quase de sua altura. Mantém-se nele apoiado e frequentemente diz: “Estou com o meu cajado. Este é o meu cajado.”, às vezes com sorriso e ar majestoso lançado ao redor, exortação à submissão por parte de todos. Mais alusões aos “grãos”.

- Valter passa por nós e para. No afetuoso aperto de mão, a mão e braço viscosos e resíduos de algo com que até há pouco trabalhava. Durante a conversa, passa várias vezes os dedos indicador e médio, sujos, na língua e gesticula enquanto descreve, com prazer, a relação anal com homem ou mulher. Foca-se no relato sobre uma mulher ter-lhe dirigido um tratamento carinhoso, seu elogio a ela, seguido da interdição de alguém: “Essa você não pode.”. Repete os gestos, o comentário e a sentença proibitiva. Eu: “E o que você pode, Valter?”. Reluta, fica sem jeito. Age como se não escutasse. Insisto na pergunta. Ele, com calma, inclinando a cabeça para a esquerda e para a direita, como quem pondera: “Eu? [pausa] Ah... [pensa, leve sorriso] Eu posso trabalhar!”. Entoação que lembra uma criança e a satisfação ao trazer o significante “trabalhar”. Segue-se uma breve observação sobre sua esposa. Diz que ainda precisa terminar de levantar o muro e construir mais um cômodo, para que ela venha morar com ele. Pouco depois, rumo para casa.

- Alessandro, que se ausentara a fim de efetuar um pagamento, volta e dá início a comentários sobre sua chegada, às vezes tardia, ao depósito: “Chego às dez, por exemplo, mas já trabalhei muito: fui no banco, em escritórios, fiz um monte de coisa.”. Cilzemar, o motoqueiro, está conosco. Ao meu lado, sentado em sua moto, faz troça do amigo e cliente: “Quer dizer que nada aqui funciona sem você?!”. Alessandro, meio confuso, mas não querendo perder terreno: “Ué! O cabeça! O corpo não funciona sem a cabeça, que comanda!”. Penso que o cajado, há

pouco apoiado no chão e insistentemente balançado, ainda poderá reverberar em muitos outros enunciados. Diz Alessandro: “Esta semana, minha esposa me procurou [conotação sexual] e dei um co[u]ro daqueles [ênfase] nela! Ela falou: ‘Bem [amoroso], fazia tempo que você não fazia nada assim.’”. Relata com orgulho. Muitos o escutam. Rafael surge do terreno baldio. Adentra na área do estacionamento dirigindo um Chevette 4 portas, preto. Pelo modo de condução, violento, ameaça passar por cima; os demais se afastam, abrindo-lhe espaço. Permaneço em pé, onde estou; ele desvia e se posiciona a centímetros de mim. O carro ligado, ultra barulhento. Próximo à janela, uma vez desligado, pergunto sem entusiasmo: “É seu?”. Diante da assertiva, questiono sobre o ano. Alessandro interrompe: “Fala direito pra ele, rapaz!”, em seu típico tom debochado, bastante inferiorizante, frente à dificuldade dos subordinados em tomar posse da palavra. Ignoro o ano já proferido por Alessandro. Insisto com o olhar, através da janela, o endereçamento, para que Rafael o expresse: “Ah, setenta e oito.”, confirmo o que foi por ele enunciado. Alguma pergunta é feita ao motorista, ele responde com seus monossílabos e arranca com o carro. Alessandro: “O carro dele ta bom.”. Nada digo. A conversa se volta para Gabriel, irmão de Rafael, que segura uma bateria de automóvel. Tentam pegá-la; ele protesta. Deste modo, sou informado que ele também comprou um carro. Confirma tratar-se de um Fusca. Penso no movimento especular com o irmão. Alessandro brinca: “Ele comprou um carro e anda carregando a bateria dele.”. Riem à beça. Retomam a história da égua, do cão que foi internado. Alessandro o chama de São Lázaro. O grupo faz referência a ele estar “nervoso porque terminou com a namorada”. Quando toma posse da palavra, diz: “Ela queria ir pra [Feira Agropecuária] e eu não.”. Eu: “Muitos jovens se afastam na época da Feira e depois voltam e conversam a respeito.”. Ele faz um gemido e contração no corpo, no sentido de irredutibilidade em sua decisão: “Ela disse que quer ir com as amigas... [gesto com os ombros, de suposta indiferença]”.

- Luís se aproxima com a intenção de se despedir. O irmão tenta fazer com que fique, que vai levá-lo. Ele alega problemas com o ciúme da esposa. Alessandro replica que o problema dela é que ela não gosta que ele chegue bêbado em casa. O semblante de Luís cai. Encostado contra o corrimão de ferro, olha para mim, com ar decepcionado, como algo seu que não gostaria que a mim fosse revelado. Tem sequência uma conversa entre os irmãos, Cilzemar e mais alguém. A comoção entre todos do depósito é grande. Vários estão sentados na rampa, falam alto. Márcia tem uma vuvuzela, cortada, que utiliza como corneta, próximo à minha orelha, aos berros. Porém, não elabora outro código para interação comigo. Ao ouvir queixas sobre suas esposas, repetidas vezes dirige-se aos colegas: “Vocês são tudo dominado[s]!”.. Ela insiste na embaraçosa frase. Alessandro tenta uma reação como quem não entende. Ela repete. Certamente algo ressoa, diante de tantos comentários sobre esposas retratadas como autoritárias. Mantêm-se calados a respeito. Também penso no endereçamento a mim, via corneta, em oposição ao modo mais convencional ao falar com eles. Conseguirá ela elaborar um outro modo de aproximação? Penso em outro catador nos primeiros atendimentos, sua agressiva maneira de se avizinhar-se.

- Às mulheres que passam, alguns dirigem assovios, gemidos, comentários maliciosos. Nos primeiros meses, isto não acontecia. Em certo momento, Paulo protesta: “É uma trabalhadora, pessoal!”; uma jovem senhora caminha na calçada.

- Apesar da algazarra, percebo que há 3 grupos de conversa em andamento. Um, comigo, que versa sobre o nervosismo de Gabriel e seu desacato ao “patrão”, resumido no enunciado de Ademar: “Ele disse que não ia fazer. É que o Alessandro é muito legal; com patrão não pode ser assim. Fala e obedece.”. Na sequência, a fala ressentida do mesmo, sobre seu distanciamento de Rogéria (nada casual, uma vez que também atua na rede significante os

problemas com namoradas e esposas: “Eu não vou mais lá. Ela que quis sair do barraco! Se quiser, volta. [pausa] Ainda bem que ela tem a mãe dela pra cuidar dela até ela sarar [deixar a cadeira de rodas]. [pausa] E, também, ela gosta de pedra, outras drogas...”. Neste momento, aproveito: “E o que você quer, Ademar?”. Relutante, com meias palavras, admite que gostaria que a companheira voltasse. O segundo grupo, mais distanciado, aborda os problemas de Luís. Noto os semblantes sérios de 3 ou 4 ali envolvidos. Finalmente, há um terceiro, composto por Antônio, Amadeu, Paulo e Márcia, dentre outros, também sentados na rampa, mais próximos ao nosso. Márcia, às vezes, desloca-se pelo espaço, com ruidosa presença. Percebo que, mesmo indiretamente, apesar das algazaras e falas dispersas, aquele momento suscita neles uma movimentação de fala sobre si, mesmo quando não diretamente envolvido nos demais grupos; algo como em um espelhamento, porém construtivo. Efeitos da construção, por parte deles, do sujeito suposto saber que passo a representar?

- Falas diversas se misturam em mim. Estou atento a uma, dirigida a mim e algo do grupo ao lado emerge em tom bem mais alto, como para que seja também escutado. Percebo que as temáticas versadas em cada um dos grupos geralmente se entrecortam, ressonâncias nas problemáticas neles discutidas. Às vezes volto minha atenção para algo enunciado no grupo ao lado, sob a forma de uma pergunta, uma escansão. Isto mantém o discurso em movimento. Trabalho intenso. Abertura e porosidade são necessárias. A todo momento, um acontecimento ou enunciado de algum trabalhador pede atenção.

- O segundo grupo se dissolve. Alessandro e Cilzemar juntam-se ao nosso e iniciam-se comentários sobre a família. Luís se aproxima para se despedir. Olha para mim: “Vou pra casa tomar um banho e quero ir um pouco na Feira.”. O modo como reitera sua intenção de ir sozinho parece trazer ressonâncias dos significantes antes veiculados: os ciúmes, o aprisionamento nas relações, o “serem dominados”, etc. Entrega a *pochette* com o dinheiro do dia para o irmão e parte a pé. Alguém faz alusão, em tom malicioso, à “Loja [...]”. Alessandro toma aquilo e narra uma situação: “Uma mulher de meia idade, dona de três lojas de roupa da cidade, veio aqui entregar material reciclado – deve fazer churrasco e outras coisas na casa dela. E vi que ela ficou interessada em mim. Falou: ‘Eu gostaria de ter um filho.’ [Em sua fala Alessandro sugere tratar-se de um filho crescido.] Mas, continua ele, sabe quando a pessoa tá dando um toque sobre outra coisa? Pensei: um outro cara pode tirar vantagem de uma pessoa assim.”. Relata tratar-se de uma mulher mais velha, “ainda bonita”. “Fui na cidade [verificar] e vi que ela é mesmo dona de três lojas, e grandes! Perguntou se a gente fazia coleta em casa, se era eu que ia pessoalmente. Eu disse que geralmente era eu. Ela tava a fim mesmo!”. Insiste duas ou três vezes no significante “Eu gostaria de ter um filho [crescido, pra cuidar]”. Penso na reverberação deste significante no sujeito (“Perdi minha mãe quando ainda precisava muito dela.”). Neste momento, Cilzemar passa a falar com outros trabalhadores. Com Cilzemar por perto, Alessandro comenta sobre a filha mais nova, seu aniversário, o abraço e beijo que lhe deu, depois de dar-se conta de que se esquecera da data: “Ela quer um computador daqueles de criança.”. Isto leva Cilzemar a tecer-lhe críticas sobre o difícil relacionamento entre ele, Alessandro, e seu filho mais velho: “Ele é um bom menino, faz as coisas dele, gosta de estudar e não gosta desse serviço sujo, ora! E você tem que aceitar isso!”. O mototaxista se exaspera ao expressar-se. Em seguida, suas questões pessoais também emergem. Cilzemar: “O meu menino, por exemplo, também é bom. Tem 14 anos, estuda. Agora, porque ele não quer esse tipo de vida que eu tenho, eu vou brigar com ele?! Claro que não! Faço de tudo pra ele estudar em escola particular e fazer outra coisa na vida.”. Cilzemar critica Alessandro por “gasta[r] R\$50, por dia com porcariada pra comer e beber aqui no depósito – pinga, cachorro quente, etc. [para os funcionários]. Pra que um negócio desses?!”. Alessandro discorre a respeito de ser um bom provedor para a família. Comenta

que em sua casa “tem tudo do bom e do melhor”. Inicia uma detalhada descrição do preparo de *fondue* de morango com chocolate, embora não utilize o nome. “Eu gosto de pegar umas duas caixas de morango, lavo, ponho em um espetinho, derreto chocolate e despejo por cima, assim. [gesto] Eu adoro!”. Em suas críticas, Cilzemar parte para cima do amigo-cliente com aspereza. Irritação talvez resultante de suas próprias inquietações, refletidas no outro; penso enquanto observo o conflito. Alessandro tenta minimizar os problemas relativos à aventura extraconjugal, utilizando o diminutivo ao falar a mim: “Pois é, aqueles probleminhas que eu falei outro dia...”. Opto por trazer, de modo amplo, a dimensão do impasse que o faz sofrer, mas desta vez não produzo uma escansão por meio de pergunta – que poderia irritá-lo –, mas pronunciando o substantivo em seu grau afirmativo, porém em tom baixo, com a cabeça baixa: “Um Probleemaaa”. Ao olhar para cima, constato que Cilzemar tem o olhar meio perdido, pensativo. Incrível o ressoar de um signifiante, penso. Produzo o corte ao olhar para o relógio. Passa das 19 horas. Volto-me para Cilzemar: “Você pode me levar agora?”. Despeço-me de alguns deles com um aperto de mão.

- A caminho de casa: Cilzemar critica Alessandro logo na saída. Motorista irritado; motivo de apreensão, de minha parte: temos de cortar uma rodovia num horário movimentado de sexta-feira, com uma Feira Agropecuária acontecendo. Mais de oitenta mil pessoas esperadas no recinto. “O Alessandro tem tido problema com o filho mais velho. É um bom menino, mas tá muito revoltado, respondão pro pai.”. Eu: “Talvez ele esteja querendo dizer alguma coisa.”. Cilzemar: “O problema dele é que a mulher cortou a autoridade dele a vida toda. Ele falava e ela ia contra. Daí, ele ficou quieto. Agora, ela cobra dele. E outra coisa [tom preocupado]: o menino agora começou maltratar, falar com falta de respeito também com a mãe. Eles não têm o que conversar. Com aquela cabecinha... O filho vai perguntar: ‘Qual a raiz quadrada de cinco?’, ou: ‘[algo sobre o período do império]’ e não tem resposta; não tem o que conversar!”. O cajado, penso. Acrescento, supondo endereçar algo a ele, Cilzemar: “A comunicação é cheia de mal-entendidos, Cilzemar; mas é possível em certa medida, apesar das muitas diferenças.”. Silêncio. Da garupa, com delicadeza, prossigo: “Essas coisas ele ainda não trouxe para as sessões.”, tentando circunscrever o contexto para que fale de si. Imediatamente Cilzemar passa a relatar a respeito de suas “duas esposas” (dado até então não mencionado), seu filho (“estuda muito, quer fazer um curso de inglês”), sua atuação como alguém ainda presente – inclusive financeiramente – na vida da primeira esposa, além do auxílio pleno ao filho. Para referir-se à segunda, utiliza as locuções “aquela que tem anemia falciforme e verme do porco na cabeça”, “aquela que só de eu ouvir a voz tenho tesão”. Ela, por sua vez, com anemia de vida, ou melhor, sem desejo por ele; afinal, quanto à sua disposição, diz que “trabalha bastante e ganha bem”. A impressão, por referências gerais, é de que também não coabitam. Às vezes, flashes de ideias rápidas sobre a economia psíquica de Cilzemar, enquanto o ouço: um utilizar-se ostensivo da aparente falta de desejo do outro em relação a si para que ele funcione. Reitera só sentir desejo sexual por ela: “É só isso que eu sinto por ela, mais nada.”, escapando um tom de amargura em seu “mais nada”. Eu: “Curioso...”. Ele vira o rosto para a rua; estamos estacionados e diz: “Vai saber...”. O deparar-se, relutante, com a barreira do indizível. Liga a moto. Diferentemente das outras vezes, diz: “Vou para casa agora.”. “Onde?”, pergunto. “Minha casa em [cidade próxima]” (desta vez, não “a casa da minha mãe”). “Sua casa.”, reforço, suave. Atravesso a rua.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

20/Junho/2014 – 16:30 h – O depósito aparenta tranquilidade, mas o trabalho segue com a mesma cadência, objetivando a finalização das últimas tarefas do dia. Alessandro, seu pai, Rafael, dentre outros, estão em outra cidade, para o carregamento de outra coleta. Um

rapazinho, de uns 14 anos, desmonta, sobre a calçada, um computador de mesa descartado. Poucas peças sobrando, mas o suficiente para que se ocupe da tarefa. Luís me informa ser o filho mais velho de Alessandro. De fato, muito parecido com o pai. Cléber descarrega sua perua abarrotada de material. De cima da carroceria, expressa satisfação com o reencontro. Em meio aos efusivos cumprimentos, despeja para dentro de um *bag* que Luís e eu seguramos, recipientes utilizados para armazenar óleo diesel. Atira-os desajeitadamente. Luís me alerta, ao notar os respingos da lama negra: “Cuidado que depois não sai mais.”. Enquanto o ajuda, ele fala sobre os últimos dias, o feriado, jogos da Copa, o filho de Alessandro que está ali hoje. Faz-me entrever que o pai tenta inseri-lo na atividade da família. Lembro-me das ocasiões em que o conflito é abordado. Luís aparece com uma carretilha de pesca encontrada no descarte. Observa que ainda funciona perfeitamente. O garoto expressa, com muita satisfação, a antecipada pescaria, dando mostras de ser um hábito frequente: “Ê, tio! Essa vai ser das boas!”. Também é possível entrever a proximidade e respeito entre os consanguíneos.

- Durante o período em que auxilio Luís, é possível notar a disfarçada curiosidade face à presença de um estranho. Mais tarde, faço uma aproximação. Com naturalidade comento que gosta de lidar com computador, que aprendeu com os primos. Revela a escola em que estuda: “Alguns dizem não é uma boa escola”. Comento: “Conheço bons profissionais que trabalham lá e muitos ex-alunos de sua escola; gente interessante.”. Com olhos focados nas peças, franze o cenho, parece refletir. Sou chamado por Paulo, que cumprimenta com alegria. Aproveito para deixar o garoto com suas reflexões e vou em direção às máquinas ver como estão Ademar, Gabriel, Valter e Geraldo. O chão, um limbo, devido a muito óleo automotivo e diesel com os quais lidam hoje. O trabalho nas prensas segue com intensidade, mas desaceleram um pouco, quando se permitem entrar numa produção de enunciados. Gabriel e a namorada não estão mais juntos. Diz não ter voltado a procurá-la. Seu discurso a respeito de sua atitude incide em mim como uma forte conotação de desprezo pela garota. O desaparecimento de sua casa, a indiferença pelo que ela possa estar sentindo. A atitude do jovem frente ao problema, em meio àquela enormidade de material de descarte, junto com as lembranças de críticas marxianas relativas à relação coisas e pessoas no modo capitalista de produção, geram efeitos em mim, também. A certa altura, com muita suavidade, introduzo: “Mas, mesmo que o término seja definitivo, a separação precisa ser assim? Como esta moça pode estar se sentindo?”. Ademar aquiesce com a cabeça, olhos fixos em Gabriel. Ele vê o ato do colega e se defende: “Ah! Ela que quis terminar! Falou pra mim não voltar mais lá.”. Eu: “Na hora da raiva...”. E paro. É preciso ser cuidadoso, penso.

- A escuta de Amadeu foi bastante significativa. Sento-me ao seu lado. O velhinho absorto, encerrado em suas memórias ou numa anestesia subjetiva, aos poucos interage, produz enunciados sobre si. Viúvo, morou em São Paulo por quase trinta anos com a esposa e filhos. Um irmão mora não muito longe do depósito. A morte da esposa, câncer, foi um baque enorme em sua vida. Mas o pior estaria por vir: a perda da mãe. Isto parece ter sido o ponto de virada, em que Ademar rompe os laços com tudo que Outro social oferecia para mantê-lo na “vida”. Seu discurso apresenta cortes em cujos momentos tenho a sensação de que Amadeu se esfumaça. É preciso mantê-lo funcionando a partir de pequenas perguntas. Por outro lado, o que advém é sempre valioso, indo contra o julgamento de possíveis apressados que, por não se predisporem a uma escuta menos apressada, imaginam tratar-se de algum tipo de demência devido à idade, por exemplo. Afinal, dentre outras possibilidades, a lentidão, a apatia poderiam resultar da fome constante, por exemplo, e mesmo do esquecimento social, da ausência de interação com o outro. No seu caso, é possível constatar as poucas pessoas que lhe dirigem a palavra. Às vezes, visita o irmão, que lhe serve uma refeição. Em um de seus vai-e-volta, de concentração e esfumaçamento de si, pergunto sobre morar com o irmão. Não

gostaria de entrar e sair da casa de alguém, além do compromisso de “dar satisfação” de seus atos, o estranhamento da não pertença a um contexto, diz algo sobre “a chave do outro”. Conjeturo: “E se, por exemplo, tivesse uma edícula, com entrada separada, para você?”. Resposta imediata, com vivacidade, voz forte: “Ah! Aí ia ser bom!”. Após algum tempo, pergunto: “E aí, Seu Amadeu, o senhor sente falta de alguma coisa?”. O olhar melancólico procura o horizonte: “Eu sinto falta da minha mãe.”. Silêncio entre nós. Antes que se encolha totalmente, o convite: “Quando o senhor quiser falar, Seu Amadeu, fique à vontade.”. Os demais trabalhadores lançam olhares, à distância, surpresos, talvez, que aquele senhorzinho de pernas cruzadas, calado, tenha tanto a dizer.

- Ademar sobre Rogéria: “Ela veio me ver, ficou em casa.”. Não conversaram, queriam estar juntos. Fala sobre “lavar roupa no fim de semana”, a falta de alimento em casa. Pouco antes de minha partida, dirige-se a Luís: “Entrou gente lá.”. Roubam as residências para trocar por drogas o que venham a encontrar. Antes revela ter morado mais de seis meses sob a marquise do barracão. Os “rapazes” [patrões, Alessandro e Luís] ajudaram-no a alugar uma casa. Quando Luís se afasta, algumas frases elogiosas sobre os donos do depósito, que “ajudam muita gente”.

- Luís, sua discorre sobre sua saúde: “*Meu corpo tem bastante vida, saúde, trabalha direitinho*. Só de vez em quando que tenho algum probleminha.”. Neste momento, estão às voltas com retirar de um freezer desligado um pacote de pão e salgadinhos que alguém de um grande supermercado lhes doou: “Tem muita gente que dá coisas pra gente: padaria, supermercado...”. Fala sobre saber cozinhar. Tem uma horta, adora coentro: “Mal dá para crescer que lá tô eu buscando para mais salada.”. Perguntam sobre mim. Comento de passagem sobre o preparo de uma sopa rápida, com legume e cheiro verde. Que procuro ter sempre um pouco de fubá em casa. Suponho que falar sobre um prato simples e nutritivo, que corresponde à minha realidade, possa gerar algo ali. Expressam surpresa. Algo como “precisamos comer alguma coisa juntos” emerge. Concordo.

- À distância, Gabriel, Paulo e o filho de Alessandro conversam; olham para ver se os observo. Boa parte do tempo, o olhar curioso do rapaz em relação ao modo como interajo com os catadores e funcionários. Ao longo de minha estada, foi possível observar que ele gradativamente estava mais à vontade. Ouço Paulo perguntar a idade para o jovem. Ao saber, exclama: “Ah, então já pode meter!”. Frente ao dito, Gabriel e o garoto, embaraçados, acanhados, procuram pelo meu olhar, mais afastado que me encontro, lançam sorrisos.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

18/Julho/2014 – 17:00–19:30 h – Maria do Papelão, sentada em um cadeira de treliça, assiste à novela vespertina em sua tv portátil. Luís esvazia sua perua. Queixa-se por haver muito material molhado. Ela retorque: “Foi a chuva dessa madrugada.”. Enquanto pesa o material, a surpreendente notícia: “Você sabia que o Paulão morreu?”, pergunta Luís. Relata que Paulo estava bebendo demais nos últimos tempos e não se alimentava: “Deve ter sido um AVC.”. Quando chegaram no dia seguinte, encontraram-no caído no corredor. “Tremia muito. A gente colocou ele pra descansar um pouco. O Alessandro pediu pra ele ficar sentado na frente do depósito até o SAMU chegar. Mas numa distração nossa ele levantou, caiu e bateu a cabeça no chão. Quando caiu, começou sair sangue das duas orelhas dele.”. Após três dias internado, foi a óbito. Evidentemente, a notícia me pega de surpresa. “Que triste, Luís.”, é o que consigo dizer, procurando um ponto de equilíbrio. “Ele parecia mais alegre, mais

disposto, em relação a alguns meses atrás, ajudava no serviço.”. Comento, por fim: “Vocês podiam ter me avisado. Eu ia vê-lo no hospital.”.

- Ademar e Gabriel falam pouco sobre o ocorrido. Em meio aos tantos fardos que obstaculizam minha aproximação, posiciono-me em um pequeno vão, tendo apenas minha cabeça visível enquanto lhes dou escuta. Neste cubículo, o cachorro de Paulo vem e se deita sobre meus pés. Momento pungente.

- Alessandro aborda a morte de modo totalmente diferente. Seu modo de lidar passa por uma ironia mordaz: “O Paulão agora virou pé de cana.”. Entre risos, explica sobre nos transformarmos em “esterco”: “A essa altura ele já é um pé de cana deste tamanho assim, ó.”. O gesto amplo dos braços é reduzido à alusão ao tamanho de um pênis: cana-pênis, seguido de riso. “Daqui uns cinco dias, você vai ver o mesmo acontecendo com o Amadeu, que mora lá fora.”, expressa com frieza. Sua indignação toma outros contornos. O significante “abandono” emerge em sua fala. Aos poucos, fica mais sério, comenta terem tentado ajudá-lo. “Ontem, apareceu *uma mulherzinha* dizendo que é filha dele. Uma hora, eu disse pra ela: ‘E onde estava você? Ele morou muito tempo na rua, dormiu aqui na frente. A gente é que deu um cômodo decente pra ele morar. E agora você vem falar assim com a gente?!’”. Observo o quão mais descuidado com seu asseio ele está. Algo notado à distância, no momento de minha chegada. Sete ou oito deles retomam o trabalho. Maria se foi. Ao sair do prédio, Rubens cumprimenta, mas não interage.

- Dona Teresa atravessa a rua com dificuldade, com seu pequeno carrinho de pedreiro, hoje desorganizado. José Elias, pai de Alessandro e Luís, avisa que vai embora. Após receber pelo escasso material transportado, dona Teresa se aproxima. O faz pela primeira vez, embora por duas vezes tenha lhe feito o convite para participar do grupo. Sotaque característico das comunidades rurais de teuto-brasileiros do sul do Brasil. Aguardo para que algo dessa ordem emergja. Tem 78 anos de idade. Os pais vieram da Europa pouco antes da Segunda Guerra Mundial. Discorre sobre as dificuldades no Antigo Continente e na longa viagem de navio. Na terra nova, muito trabalho em “pedreiras” em Minas Gerais. Ouço o significante. Finalmente, a família compra um sítio no sul. Dentre os oito filhos, foi “a única a cuidar dos pais”, mesmo depois de casada. Relatos sobre como morreram os pais, os irmãos e vários de seus filhos. Em seu discurso, a presença do descaso do poder público, tanto na área da saúde quanto na assistência judicial, no que se refere a questões relacionadas à posse da terra, dinheiro *sub judice*, etc. Em resumo, destituída de sua propriedade, num mundo de tubarões famintos. Sobre o precário atendimento na área saúde: “Foi pro hospital, depois de 2-3 dias vinha a notícia que tava morto.”. A respeito de um aborto que teve que fazer: “Aquilo foi um erro médico. Medicação errada que me deram. Mas a gente era muito burro, muito simples [repete]. Se fosse hoje, pode processar um médico desse.”. Dos sete filhos que teve, apenas duas filhas estão vivas. Mora com uma delas. Adquiriu uma casinha no bairro novo, em que Valter mora. Isso com a pequena parte do dinheiro que conseguiu recuperar da venda do sítio: “A Justiça surrupiou todo o resto [no contexto da inflação dos anos 1980-90]. Elenca as mortes, tantas, e os reveses de sua vida; mas ainda consegue sorrir. Diz, com alegria: “Ainda estou viva!”. Fala de sua luta atual: “Imagina [mostrando o dinheiro enrolado em sua mão], consegui R\$6,00 agora com o material. O dinheiro da pensão de viúva não dá pra nada. E preciso ajudar minhas filhas, meus netos. Elas dizem que não pediram pra vir pro mundo, mas a gente também não! E não precisa ficar triste por causa disso.”. Olho e não dá para não pensar no arsenal pulsional desta mulher. Repete em três ocasiões uma frase da mãe: “Apesar do choro, segue adiante.”. “Eu devia sair agora de noite pra catar mais material, mas acho que vou ficar em casa.”.

- Valter se aproxima: “Eu falei pra ela se ela quer casar comigo.”. Dona Teresa, sorri: “Eu não tenho marido, mas você precisa tratar com dignidade sua esposa”. Notório o refinamento desta senhora. Ele relata ter herdado “dois terrenos enormes” perto do centro da cidade: “Lá era região de lagoa.”. Conheço a área, agora drenada. Um bairro nobre. Há ali, por exemplo, dois edifícios em que reside a elite da elite. Valter comenta como o poder público tomou dele a área, alegando o alto IPTU, em atraso. Penso no atrelamento do Estado, por meio de acordos espúrios, a fim de favorecer dignitários do capital no setor imobiliário, com olhos gordos na direção do avanço da cidade. Continua Valter: “Agora, depois de muitos anos, me deram uma casinha que pago R\$40,00 por mês.”. De sua simplicidade, levanta o boné e os olhos para o céu, em agradecimento por ter um teto. Ainda que a escuta psicanalítica prescindia da necessária correspondência entre os enunciados e a realidade, um psicólogo social sensibilizado pela psicanálise pode, a partir de tais enunciados, melhor avaliar o território, o contexto, que compõem o “dentrofora” que incide nos processos de subjetivação.

- Com o afastamento de Valter, dona Teresa retoma seu discurso, rumo à finalização deste momento da escuta. Faz questão de repetir seu nome completo. Relata ter aprendido a falar a língua dos pais. Faço-lhe pequenos comentários em alemão, pausadamente. Seu semblante se ilumina. Em seguida, olha ao longe, cenho franzido, como a tentar resgatar da memória uma *fala* esquecida há mais de 40 anos. Não responde diretamente às perguntas, mas utiliza expressões que atestam seu entendimento. Respondo-as de volta; o que lhe traz enorme satisfação por ser compreendida. Completa: “Essa língua que o senhor fala é mais elevada, um pouco diferente da que eu aprendi.”. Faço uso da polissemia: Pois é, dona Teresa, *venha falar dessa outra língua*. Estou aqui às sextas-feiras.”.

- Durante a escuta a dona Teresa, a maioria dos trabalhadores faz um lanche. Ao final, quando se aproximam, ela me abraça em despedida. Como a necessitar provar sua identidade, volta-se para os demais: “Viu só? Eu conversei em alemão com ele!”. Os trabalhadores, surpresos, a mim perguntam: “Você é alemão?!”. “Não. Mas falo um pouco.”, respondo com os olhos abaixados. Perguntam a ela como se diz ‘Eu te amo’. A frase não lhe ocorre de imediato; mas seu esforço mental lhe traz expressões análogas como: meu amor, meu tesouro. Encorajo: “Muito bem, dona Teresa!. É isso aí.”. Satisfeita, extrai outras falas mais livres do guardado e pulsante tesouro que também a tece, e se vai.

- Alessandro mantém-se em posse da palavra durante grande parte do atendimento. O *motoboy* sai para suas corridas, mas regressa. O pessoal também se ocupa, durante a sessão, de providenciar uma coleira para o cão órfão. Rafael improvisa uma de *nylon*. Parece que ficará com o cão, por já ter demonstrado grande afeto por ele. Próximo ao momento de minha partida, Rubens terá surgido com uma bela corrente, polida, guardada em seu carrinho, melhorando sobremaneira a aparência dos cuidados. Inegável a tristeza daquele animal, tão doce.

- Alessandro revela ter “destruído” seu carro “a paulada”: “Tenho estado sob muita pressão ultimamente, nas últimas semanas.”. Sou remetido às sessões de que não participou por estar em outra cidade e nos cancelamentos subsequentes: um por problema de saúde meu (sinusite), outro devido ao jogo do Brasil, sem negociação com eles para reagendamento. Muito é dito sobre suas “tentativas que não deram certo, para tentar acertar as coisas”. Relata em detalhes como, com um pedaço de pau, “acabou com o carro” recém-reformado. Ao deitar-se no sofá, em casa, sente que os “pensamentos caminham pelo seu corpo”. Ansioso, coloca sua mão sobre minha cabeça várias vezes para mostrar como o fluxo do seu pensamento parece “fazer

cócegas no couro cabeludo”. Um tempo considerável passa percorrendo sobre “os problemas com o depósito, com ajeitar a vida do pessoal, ir pra lá e pra cá na cabine do caminhão, cuidar do banco, da coleta de material, as contas, a família.”. Após algumas tentativas de obtenção de um saber de mestre (se é problema neurológico, dentre outras hipóteses), finalmente enuncia: “coisas [nas quais] não quero pensar ficam vindo no pensamento.”. Eu: “É preciso que você fale, esmiuçando mais esses pensamentos.”. Parece nem escutar. A impressão é de um sistema vedado, pelo menos até que transborde um tanto daquilo que o corrói. Volta à descrição dos fenômenos que acometem seu corpo, tocando o meu para mostrar o comichão, sobretudo na parte posterior da cabeça, a taquicardia. A descrição de sua vida atribulada mais uma vez toma a cena. De repente, um enunciado revelador: “Minha esposa diz que eu vivo muito no passado.”. Utilizando-me de significantes já enunciados por ele, mas com deslocamento de metáfora, produzo: “Sem dúvida. Você pode andar pra lá e pra cá, mas continua preso, sufocado na cabine do caminhão do seu passado. É preciso falar sobre isso.”. Reitero a oferta do grupo psicoterapêutico: “Aqui ou em outro lugar e horário, definidos por vocês.”. Sua feição adquire um ar de surpresa quando ouve a transposição da imagem de produções elaboradas por ele. Detalha um pouco mais seus pensamentos recorrentes: “Perdi minha mãe muito cedo, minha avó, recentemente. Ela morou comigo. Teve uma época que a gente adaptou a sala pra ser o quarto dela. Às vezes cochilo e abro os olhos e parece que vejo a sala como era na época [de seu adoecimento]. To tomando banho e parece que vejo a cadeira de roda ali no banheiro, pra ela.”. Diz que tenta brincar com as pessoas, para não falar sobre problemas: “Chego em casa e não falo sobre problemas com ninguém.”. Para alterar o clima grave que se fez, entre todos, pega um dos pintinhos que Gabriel traz em uma caixa e o segura junto ao zíper da calça. Em seguida, leva o bichinho próximo à boca do cão, que a abre. Gabriel se desespera. No pouco espaço para outras falas, Gabriel diz ter comprado 5 pintinhos para levar para o sítio: “Tenho agora onze.”. Ah, se pudesse ouvi-lo mais! Onde esse “tenho agora 11” poderia nos levar? Em minha vivência, coisas interessantes às vezes surgem a partir de enunciados tão banais, de função referencial...

- Cilzemar regressa. Comenta que Alessandro ficou 27 dias sem tomar banho: “Onde já se viu?!”. Estabeleço a conexão com minhas impressões ao chegar para o atendimento. Alessandro assume o não higienizar-se, sem embaraço. Volta a questionar se a “coceira suave na cabeça” seria um problema neurológico. “Muitos problemas na cabeça, não falo com ninguém.”. Traz, em seguida, algo novo. Ao utilizar o significante “sofrimento”, sugere que o filho é diferente dele: “Na idade dele, eu trabalhava desde os sete!”. Eu poderia ir para: “Sim, ele realmente não é você.”, mas prefiro tomar outro caminho. Introduzo: “E você acha que ele também não sofre?”. Isto gera nele um efeito de nítida surpresa. Segue afirmando não discutir problemas em casa, como se isso fosse algo positivo. Emerge uma pérola: “Eu sou um pai ausente.”. Repito o enunciado em tom neutro. Há uns 6 deles seguindo a conversa neste momento, inclusive o *motoboy*. Alessandro tenta contra-argumentar, alegando que, pelo que expunha, queria expressar o oposto. Não recuo: “Hoje, você falou cinco vezes: ‘eu sou um pai ausente’.”. Ele, incomodado: “Eu disse isso?!”. Eu: “Sim. [pausa] Sua maneira de ser ausente: excluindo a família da oportunidade de discussão sobre os problemas que afetam vocês?”. Algo ressoa nos demais: expressam estranho contentamento: “É isso! Tá vendo?!”, como a reconhecer algo de truncado no dito. Beliscam-no, dão tapas.

- Como em um corte analítico, Cilzemar me diz: “Vou levar você pra casa. Depois, vou voltar aqui pro Alessandro não ficar bebendo no bar.”. (Penso: minha nossa, mas não era o Luís?!). Ao me aproximar de Ademar, ele diz que está “muito bem”: “A Rogéria tá na mãe dela. A mãe tá cuidando dela.”. Não deixo por menos: “Cuide-se, hein, Ademar?”. Riem do esforço

que faço para subir na moto. Frio e vento terríveis: cerca de 19 graus. Ao menos 5 deles dormirão ali, ao relento.

- Neste atendimento, uma surpresa. Márcia, catadora que gritava ao meu ouvido com uma vuvuzela e não estabelecia outro tipo de contato, acompanha grande parte do atendimento, indo e vindo. Uma transformação incrível: olha fixamente nos meus olhos, uma fala de timbre cálido. Mas antes disso, aproxima-se com um copo d'água, olhar de desafio e sorriso cáustico tipo “olha do que sou capaz” e o despeja próximo aos meus pés. Pouco depois, a transformação.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

25/Julho/2015 – 17:00–19:20 h – Ademar, com cara de poucos amigos: “Quer conversar sobre isso, Ademar?”. Ele: “Isso aí é o patrão que tem que querer! Ver um horário pra gente.”. Nítida a referência ao grupo psicoterapêutico. (Muito bom, penso; após oito meses... Enquanto isso, vamos fazendo algo dentro das condições dadas.) Suave, digo: “Só ele tem que querer? Um grupo não se faz sozinho.”. Pressionando a alavanca da prensa, segue irredutível: “Ué, ele é o patrão! Ele tem que ver isso!”. Procuro um tom ainda mais suave, em meio a toda aquela barulheira: “A oferta continua, Ademar. Estou te escutando.”. Saio, procurando imprimir no ato um valor significante.

- Um grupo na frente do depósito – Márcia, Tiago (companheira de Márcia), Amadeu e Alessandro – discute sobre modos de se organizar e alugar uma casa. Alessandro opina, com mestria: “Se você ganha R\$30,00 por dia, dá pra alugar uma casa de R\$450,00.”. Reflito: como se a obviedade matemática bastasse para resolver de vez os impasses do sujeito. Por outro lado, reconheço o surgimento, com maior frequência, de falas sobre o “sair da rua, deixar de morar na rua”.

- Pouco antes do fechamento do depósito, Alessandro tece comentários sobre as visitas do “pessoal da Assistência Social”: Eles vêm aqui só pra dar dura!”. Sobre a única alternativa oferecida pelo poder público aos moradores de rua – o albergue –, menciona aspectos que podem ser resumidos como sistema de quartel, destituição de intimidade, linha de produção nos cuidados: luz que se apaga em horário estipulado, quarto coletivo, banheiro com fila para o banho, senhas. Goffman, Foucault, Benelli, dentre outros, passam pela minha cabeça.

- Alessandro diz que está melhor. Conversou com seu pai, sobre a atitude de “arrebentar o carro a paulada”: “Meu pai me disse que preciso conversar. Fico guardando tudo comigo.”. Revela que tem um irmão que voltou a usar drogas. Creio que é a primeira vez que menciona este irmão. Sobre a tensão, que não o deixa dormir, mais do que pensar na avó, declara que chega a ter a impressão de vê-la, de sentir sua presença. Penso: enquanto ‘está tendo a impressão de’, beleza. Menciona também um filho, de seu primeiro casamento, hoje com quase 20 anos de idade: “Mora em [cidade]. É muito parecido comigo. Olhar pra mim é olhar pra ele.”. Não o inclui em sua vida porque a esposa atual não gostaria. “Ela nem sabe deste outro filho”, diz. No velório da bisavó, o rapaz “*foi escondido* com um boné *enterrado na cabeça*, disfarçado. [escuto isso] Minha esposa perguntou quem era. Eu disse que era um primo. Mas a semelhança é grande.”. Conta que o vê por ocasião de suas idas a [cidade], tratar com os compradores do material que coleta (usina de reciclagem). Numa espécie de divagação, diz algo sobre seu celular: “Tem mais de 2000 fotos!”. Pergunto, imaginando a resposta, mas reconhecendo a possibilidade de um erro; com “boné enterrado” ressoando em mim: “E deste seu filho?”. Ele: “Nenhuma.”. Eu, em tom de constatação, apenas; mas,

imaginando que algo poderia ecoar: “Duas mil fotos [pausa] nenhuma do seu filho mais velho.”, digo com suavidade. Expressão de confusão, desconcerto. Grande parte do que é dito tem a presença oscilante dos demais trabalhadores, que se afastam alegando que vão embora, conversam entre si, mas regressam, reintegrando-se ao grupo. O *motoboy*, inclusive. Luís se ausenta bastante, hoje; mas é perceptível que tanto ele como os demais seguem tudo por meio de fragmentos. Em certo momento, Luís, sentado na rampa de acesso, tem a cabeça de Rafael entre suas pernas, simulam uma cena de sexo oral. Olha para mim. Mais tarde, Cilzemar menciona o “problema do Rafael com a mulher dele”, que tem adesão geral, para opinar sobre a vida do colega. Interessante a intervenção de Cilzemar: é sabido que também possui os seus... Incitam-no a falar a respeito. Rafael não o faz. Comentam que ela “tem o dobro” de sua idade: “Ele arrumou uma mãe pra cuidar dele, mas se deu mal.”. Riem. Dizem que “não vivem bem”, inclusive do ponto de vista sexual. Corre em meu pensamento o modo como Rafael foi a mim apresentado: o bebê deixado em uma caixa de sapato. Também a revelação sobre sua enteada de 8 anos, a mãe a coloca para dormir com ela; ele, no chão; interditando, assim, qualquer tipo de intimidade. Outra revelação do grupo é sobre o cunhado ter roubado todos os suprimentos da casa para adquirir drogas: “Comida pra 1 mês!”. Expressam que Rafael “trabalha, sustenta a casa e não é respeitado”. Apesar da insistência dos companheiros, ele mantém-se em silêncio. Intervenho: “A oferta para que você fale continua aberta. Sobre o que você quiser.”.

- Ao chegar, noto que outra catadora ali, “a Baiana”, carrega pequenas caixas, varre, brinca com todos. Em nenhum momento demonstra permeabilidade para uma aproximação. A testosterona corre alta no ambiente, hoje, dada a novidade da presença feminina, seus trajes mínimos, apesar do frio. Insinuações, apalpamentos de ambas as partes. Forma-se portanto um grupo separado, para o qual os catadores e funcionários do depósito se dirigem durante o atendimento. Próximo do final, em um dos breves momentos de silêncio produzidos na sessão, alguém responde a uma pergunta sua, no outro agrupamento. Estando no seu campo de visão, percebo a mirada longa, com ar de sedução e curiosa, dirigida a mim. Ouço Baiana dizer, imprimindo desdém, nas escandidas sílabas: “Ah, psicólogo.”.guardo outra ocasião para que se aproxime, diferentemente.

- Luís se despede: “Desculpa, mas tenho que ir. Senão, a esposa...”.

- Márcia surge da escuridão do terreno baldio, uma última vez, e procura espaço para suas palavras. Diz ser “muito nervosa, com um monte de internação no Saúde Mental”. Relata ter perdido a guarda de suas filhas por conta de suas internações, da dependência química. Chora ao dizer que “adora crianças”. Faz um relato extenso da dificuldade para vê-las, os impedimentos de seus próprios parentes. Por fim: “Eu gostaria de falar com um psicólogo.”. Relanço: “Estamos aqui, Márcia. Se organizem. Se não puder ser com esse grupo, diz o dia, o horário e o local. Podemos fazer outro.”. Olho, também, para Ademar, que, calado, procurava o meu olhar, o tempo todo, durante a sessão. Chega o mototaxi.

xxxxxxxxxxxxxxxxxx

2/Agosto/2014 – Sábado – 11:00–13:00 h – Mais de 20 pessoas se movimentam no local: os responsáveis, funcionários, catadores, moradores de rua que agregam ripas na montagem de barracos no terreno baldio e atravessadores em peruas e camionetes tipo Hilux, com seus filhos que transitam pelo diferente, rostinhos bem nutridos. Quem é diferente para quem?, penso, ao analisar a situação bilateralmente.

- Márcia se aproxima. Seu primeiro enunciado: “Hoje é aniversário de uma das minhas filhas; faz oito anos hoje. Tô triste porque não posso ver ela.”. Sorri, até terminar a primeira parte. Esforça-se para não chorar ao expressar a segunda. Uma menina de aproximadamente 5 anos sai de uma camionete, de pijamas, e se posiciona do meu lado. Márcia se aproxima e lhe dá um beijo cujo afeto parece transbordar no ato e no som que explode na bochecha da garotinha: “Eu adoro criança!”, diz em tom cálido, com um terno sorriso. Pergunta para sua companheira: “Tiago, faz quanto tempo que eu perdi a guarda das minhas filhas?”. Quatro anos. Márcia retoma: “É. Eu não sei direito. Fui internada muitas vezes no Saúde Mental. Afetou a minha cabeça.”. Lança um olhar que novamente gera em mim a impressão de um sujeito preso a determinados significantes que impede deslocamentos. Algo difuso como vítima, doente, dependente; não sei direito ainda. Melhor esperar, penso no momento.

- Alessandro interrompe sua negociação com um dos atravessadores e pergunta: “Por que você não veio ontem?!”. Eu: “Enviei dois sms pra você durante a semana. Avisei que podia vir hoje. Expliquei que tinha compromisso na universidade. Como não tive resposta, achei melhor vir assim mesmo.”. Mostro-lhe as mensagens no celular. Ele: “Ah! O meu ficou o dia inteiro sem bateria, carregando. Vixe, minha cabeça tá fervendo hoje. Fica à vontade aí, que preciso fazer umas coisas. Depois a gente conversa.”.

- Márcia, à meia distância, lança um sorriso estranho, que, depois do dito, entendo-o como desafiador; fala bem alto, dirigindo-se a mim: “Ei, por que você não traz um bolo pra mim?”. Corro o olhar e percebo que vários catadores e funcionários interrompem suas atividades e me olham. Vejo seus corpos curvados assumindo a posição ereta. Aproveito-me do fato de estar na escuta de alguém para, simulando não ter ouvido direito, pedir-lhe que repita: “Eu tô com vontade de comer bolo. Por que você não traz um pedaço pra mim?”. Percebo com nitidez, nesta fração de minuto, a oportunidade de mostrar, não só a ela, a diferença do que é oferecido. Com tranquilidade, respondo: “Tenho certeza que você sabe como resolver esse tipo de coisa.”. Sorrio de volta. Todos, ela inclusive, retomam suas tarefas.

- Avisto Marcos, o catador de belos olhos, que abrija um saco de lixo com a boca, como um cão, antes de abrir-se para a fala. Bem vestido, realiza movimentos com melhor desenvoltura e ânimo, se comparados à última vez que o vi. Ele: “Puxa, você não vem mais aqui!”. Eu: “Continuo, sim. Praticamente toda sexta-feira, no mesmo horário.”. Uma mulher o ajuda na separação. Auxílio Taís com alguns papelões e a segurar as bordas do *bag* em que inserem material plástico. Marcos mostra seu pé: “Ó, tá vendo como tá bom? *Tô cuidando bem dele.*”. Sou atravessado pela lembrança do enunciado produzido por mim no encontro de meses atrás, cuja reação, ao ouvi-lo, foi um tremor involuntário em suas costas: “cuida bem deles; afinal, eles te levam pra toda parte”. Marcos passa a mão nas cicatrizes, removendo a camada de sujeira que as cobre. As mãos, claro, igualmente sujas. Observo os sinais da recuperação. Ele enuncia algo que me permite recuperar o significante “grupo psicoterapêutico”, reiterando sua continuidade e a oferta para que o frequente. Ele mostra confusão no semblante. Eu: “Ué, Marcos, você mesmo participou dele! A gente não se reunia, uns em pé, outros sentados, ali, ó?”. Durante o silêncio que se produz, reflito sobre o quão engendradora no social está a concepção do *setting* tradicional. Deve ter se surpreendido ao perceber que, o que fazia na rua, ao conversar conosco, poderia ser um tipo de terapia. Respiração longa, olhar de quem processa, enquanto, em pé, no interior do seu carrinho, em meio a garrafas de vidro inteiras e quebradas, plástico, pregos (vejo-os todos, com preocupação), ele os separa e mastiga um pedaço de sanduíche tirado do lixo. Taís lhe pergunta algo, baixinho. “Ele é psicólogo. É interessante conversar com ele, é diferente.”. Falo a Taís: “Fique à vontade para participar do grupo, Taís.”. Marcos salta de volta para a calçada. Dirijo-me para o interior do galpão.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

8/Agosto/2014 – 17 às 19h – As duas novas presenças femininas continuam a auxiliar nas tarefas. Taís e Marlene procuram organizar o local, varrer o depósito: “O toque feminino.”, como diz Taís. Apesar do sol, um dia de frio intenso. Entretanto, ambas usam shorts, camiseta regata e chinelos. Próxima à prensa em que trabalha Ademar, Taís revela: “Eu sou esposa do Ademar, agora.”, após ter ouvido alguma voz distante dizer em tom brincalhão: “Cadê a Magrela”; uma referência à Rogéria.

- Transito por ali e Gabriel se aproxima, aos poucos. Sem que lhe pergunte, após os iniciais cumprimentarmos, menciona com satisfação o quanto os “pintinhos” cresceram. Estende-se no comentário, algo raro no rapaz de poucas palavras e muito olhar: “Vou levar eles pro sítio. [...] Lá tem cabra, outros animais e que crio.” Interessante observar sua manutenção no ato de fala. Geralmente utiliza poucas palavras; isto quando não é interrompido: “Ele não sabe falar! Não entendo o que ele fala!”. Prossegue. Diz que está “bem, sem namorada”. Eu: “Sem?”. Ele: “Ela terminou! Agora tô bem.”. Parece trazer junto ao enunciado a sensação de alívio. Pergunto: “Mulher é problema?”. Isto o leva a falar sobre os compromissos enquanto namorado: “Tem que levar para a escola, ir buscar às 11 da noite. Vai dormir lá pelas 2... Agora tô bem. Dez da noite já tô dormindo. Eu: “Ela não sabia existir, ir e vir, antes de você?”. Ele: “Sim. Mas ela que quis terminar!”, repete, calmo; gesto com os ombros, ar de impotência e de desincumbência. É chamado para uma tarefa.

- Marlene está num canto, do lado de fora. Utiliza-se de precários instrumentos para amontoar e ensacar restos de material, detritos e terra. Posiciono-me nas adjacências, de modo a tornar-me acessível; mas, aguardo sua iniciativa para contato, dado o distanciamento nas visitas anteriores. Pergunta se sou “o psicólogo”. Digo-lhe que estou ali para atendimento em grupo, mas que poderia escutá-la se quisesse falar. Relata que veio da Bahia há uns 4 anos. “Sozinha”, atravessa inúmeras dificuldades. A impressão é de que não tem residência fixa na cidade. Aos poucos, menciona um filho, casado. A existência deste vem à tona quando, de repente, seu discurso toma um outro caminho: “Ele não me aceita como sou! Um dia, me pegou assim [gesto] pelo pescoço!”. A cena do sufocamento traz-lhe lágrimas. Observo a tentativa daquela mulher, desgastada pela vida, suas escolhas, com ainda algum traço de sensualidade, de cuidado, procurar, apesar das mãos preteadas pelo trabalho, um gesto de fineza para enxugar as lágrimas. Escansões do tipo “sozinha?” levam-na a revelar que familiares a aguardam na terra natal. Em outro movimento de irrupção, desabafa, franzindo o cenho, em expressão de dor e até desespero: “Eu estou presa aqui! Desde que meu filho me sufocou, não consigo sair! Trabalho para juntar dinheiro, compro a passagem para voltar, mas perco a passagem.”. Eu: “Perco?”. Explica que não consegue embarcar: “Uma vez eu já estava dentro do ônibus e saí.”. Olha ao redor com afeto: “Estas pessoas são a minha família.”.

Taís a chama para “pegar as coisas” antes delas partirem. Marlene: “Obrigada por ter me ouvido. Me sinto melhor por falar dessas coisas.”. Enunciado que escuto à luz da *persona* que utiliza junto aos demais: ativa, brincalhona, por vezes, sensual. Ela e Taís sobem a rua com uma sacola de plástico. Seu conteúdo?: uma peça de roupa que havia *enterrado*, *escondido* no terreno baldio, antes de iniciar o trabalho. Fragmentos de conversa entre ambas a caminho de um bar; clientes à vista.

- À medida que o trabalho se encerra, os trabalhadores se acomodam perto de ou sobre a rampa. Nos dias em que algumas mulheres estão presentes, alvoroçam-se. Com sua partida,

acalma a necessidade de cada um impressionar como se fosse o macho alfa; coisas do imaginário, enfim: a repulsa à passividade, tanto em homens como em mulheres, tão bem assinalada por Freud. Mas, a forte brisa de eroticidade evidentemente permeia, ainda, suas falas. Alessandro evoca a potência sexual de Gabriel. Revela terem se “surpreendido com a força e o tamanho da ferramenta do rapaz”, ao espiarem ele e Marlene nos fundos do depósito. Continua: “Depois, ela chegou pra mim e disse que não aguentou, pediu pra parar.”. Dado que põe fim à suspeita de ejaculação precoce a seu respeito, impressão causada pelos comentários sobre as relações sexuais com a ex-namorada.

- Escurece. As falas adquirem um tom sombrio. Comentam sobre um casal, moradores de rua: “O senhorzinho saiu, de madrugada, catar material. Quando voltou, viu a mulher morta no canto da calçada. Acredita que atropelaram e não deram socorro?! Foi semana passada.” Em pequenos grupos, despedem-se. Alessandro, ainda sentado ao meu lado, descreve a sensação da “cabeça fervendo”. Discorre sobre suas preocupações rotineiras. Após breve silêncio, olha fixamente para mim: “Às vezes tenho medo de acordar e não ser mais eu.”. Produzo o corte.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

16/Agosto/2014 – Sábado – 11:00–13:00 h – Depósito abarrotado de material, sem a setorização/organização que havia sido feita por Taís e Marlene (a “Baiana”). Penso no comentário de Taís: “o toque feminino”.

- Após várias semanas, o reencontro com dona Teresa. Ela: “Ah, você tá aqui hoje!”. Aproxima-se e me abraça. Luís pesa o seu material, desta vez, em grande quantidade. Ocupada, fala a mim: “Tem mais material em casa; mas preciso organizar as coisas pra voltar aqui.”. Aproveito a polissemia: “Toda semana, naquele horário de sexta-feira, estamos aqui, dona Teresa. Venha falar sobre ‘as coisas’.”. Teresa confirma o horário e desloca sua atenção para a pesagem e cálculo do material coletado.

- Luís fala do cansaço: “Esse monte de gente falando na minha cabeça.”, e se atém à atividade. É também aquele que controla o dinheiro miúdo, pago aos catadores. Ademar e Gabriel lançam um rápido olhar, de suas posições nas prensas. Adentro no depósito para cumprimentá-los. Mais ao fundo, Valter às voltas com recipientes lambuzados de graxa, óleo diesel. Faço um comentário geral: “Que diferença da semana passada.”. Imediatamente, Ademar se apropria dele e expressa, discretamente, seu alívio pelas “duas” não estarem ali, por “não ter mulher” ali. Prossegue: “Agora precisa é tirar aquelas outras duas que moram atrás do [contêiner].”, em referência a Márcia e Tiago. Relata que perdeu R\$25,00 com Taís. Ela disse ter vindo buscar a quantia a mando de outra pessoa. Tiram sarro por ele ter “caído na lorota dela”.

- Alessandro, focado na atividade. Um semblante de como se estivesse em transe; não se dá conta de minha presença ao passar por mim. Ao voltar, surpreso, cumprimenta. Apresenta o cunhado, Roger. Dois minutos depois, este mostra a mim a foto da esposa. “De fato, traços de parentesco com o irmão”, comento.

- Valter se aproxima e produz enunciados sobre modos de fazer sexo. Lambe os dedos e expressa prazer, levantando os olhos para o alto e movimentando a língua. Roger, sério: “Eu não gosto desse tipo de conversa.”. Valter retorna ao seu posto de trabalho. Roger frisa que está “só dando uma mão pra eles, dirigindo o caminhão.”. Continua: “Sou soldador de profissão. Como estes dias estou de folga, me ofereci pra ajudar, ir buscar carga de material.”.

Elenca com certa ênfase as empresas para as quais “presta serviço”. Pergunta, por modos indiretos, o que faço ali. “Sou psicólogo. Venho oferecer atendimento em grupo psicoterapêutico.”, respondo. Como sei que olhos, ouvidos e bocas por ali correm, reforço o convite para juntar-se ao “trabalho com o grupo psicoterapêutico”. Pessoas que chegam e chamados outros interrompem nosso primeiro contato.

- Márcia passa com um galão de água. Ela e Tiago procuram abastecer-se, uma vez que o depósito só reabrirá na segunda-feira. Em uma de suas viagens, diz: “Tô com uma sinusite... É crônica.”. Repete o enunciado. Escuto aquilo à luz de uma antiga impressão minha sobre sua posição subjetiva; mas ainda posso estar enganado. Faço “cara de paisagem”. Isto a leva a mudar o semblante de sofrimento. Já com uma dose de satisfação, aponta para uma mulher do outro lado da rua: “Ó minha irmã lá! Ela alugou uma casa aqui na rua atrás do barracão.”. A irmã se aproxima com suas sacolas de compras. Márcia: “Esse aqui é o psicólogo que vem falar com a gente.”. Eu: “Sim. Eu venho aqui propor um grupo psicoterapêutico.”, na esperança de que isto sempre ressoe em Márcia, Tiago e em quem possa estar nos escutando. Márcia diz: “Daqui a pouco eu volto pra gente conversar.”. Várias são suas passagens pela frente do depósito, mas não se reaproximará para falar.

- Com as portas já fechadas, Ademar prepara sua pinga com pó para suco e se posiciona próximo a mim. Eu: “Quer falar, Ademar?”. Ele: “Ah, eu tô bem. [seu comentário geral] Tô com saúde, podendo trabalhar. Naquilo que depende de Deus, eu tô bem.”. Eu: “E no que dependeria de você?”. Olha para longe e não responde. Alguém passa e pergunta como está Rogéria. Sinto que, às vezes, parece haver uma dinâmica segundo a qual um colega faz a função de introdutor/facilitador, para que alguém fale de si. “Ela está na casa da mãe dela. Vai fazer outra cirurgia. É bom, porque a mãe cuida dela.”. Outro catador, antes de se afastar: “E você foi ver ela?”. Ademar: “Fui semana passada. Mas não vou esta semana. Ela quis sair do barraco.”, pensativo, olha para o chão. Finaliza: “Ela que [escolheu, quis] essa condição.”. Eu: “Condição?”, em tom baixo. Ademar silencia, mas permanece ao meu lado durante toda a segunda hora do atendimento. Ouve comentários dos demais, enquanto partilha do seu “suquinho” com os companheiros.

- Mesmo com as portas fechadas, atividades externas para organização da fachada continuam: varrição, esvaziamento do caminhão, transferência de material para o contêiner de navio... Em meio a isso, catadores que os auxiliam nestas tarefas se aproximam para falar.

- Paulo Sérgio, há meses ausente do depósito, se acerca. Explica que esteve “em uma cidade perto de Sorocaba, numa escola, fazendo um curso”. Pelo tom de ironia suponho que esteve preso. Comenta sobre o fato, enquanto carrega material, a alguns metros de mim. Presumo um valor significativo em tal atitude, embora não apreenda bem o quê. Os modos de aproximação de Paulo Sérgio oscilam entre doçura e agressividade. Ao falar de dinheiro, emerge algo revelador do sujeito: “Se eu tô na rua e peço dinheiro pra comer, o cara até me dá R\$5 ou R\$10,00”. Ouço o “até” com valor de significativo, embora também não saiba por quê, mas sinto que algo importante se insinua. Paulo Sérgio prossegue: “Ele me dá R\$10 pra mim ir comer *longe dele*, não pra sentar junto, comer, conversar. Aí, eu fico com raiva, vou lá e compro tudo em pedra.”. Olha fixamente para mim e repete seu enunciado. Sem dúvida, pondero na hora, uma transferência deve existir aí, dada a exposição de algo desta ordem. Paulo Sérgio vai do calmo e doce para o extremo oposto. Com voz bem alterada: “Mas eu também posso roubar ele depois, ali na frente.”. Olho com tranquilidade para a reedição de mostrar-se a partir de uma marca: a de ser uma ameaça às pessoas. Desde o primeiro encontro. Alessandro passa por nós e o interrompe. Critica o uso que ele faz de substâncias e

delega ao psicólogo o poder mágico de “curá-lo”. Há também em seu tom certa ironia frente à sua própria dificuldade em lidar com a questão da drogadição. Não estranho esta ambiguidade; afinal, tem um irmão na mesma condição. Com isto em mente, endereço o seguinte enunciado: “Onde está a potência?”. Isso ressoa em Paulo Sérgio de tal modo que sua agressividade vem à toda. Por meio de um eufemismo, em uma pequena frase, me chama de incompetente. Isso será repetido algumas vezes. Olho direto em seus olhos: “Só é possível saber a partir daquilo que você a mim fala.”. Coisas acontecem ao redor, o clima de tensão se dilui e ele ri, enquanto diz que os demais não o deixam “ficar sozinho com Alessandro”. “Tem sempre um ou outro espiando.”, completa. Enunciado este potencializado por gestos. Mostras, de novo, de uma marca?, reflito. Ele continua: “O meu negócio é com ele! Ainda que o “ele” pareça referir-se a Alessandro, Paulo Sérgio permanece junto a mim, embora agressivo. Para uma escuta que se dá sob transferência, afinal, suponho plausível que o anafórico igualmente tenha a ver comigo. Sem perder de vista a referencialidade do cotidiano. Lembrar-me, no calor do momento, que a transferência não vem sempre embrulhada com uma caixa de doces orienta o posicionamento tranquilo diante de suas atitudes hostis.

- Movimentos outros acontecem. Rafael, sempre calado, está por perto, agora. Ele e Paulo Sérgio iniciam um diálogo sobre desempenho sexual. Rafael, a certa altura, alude ao ato esfregando um ralador de queijo na região pélvica. De poucas palavras, Rafael tem uma atuação teatral surpreendente para alguém arredio. Com olhares que oscilam entre mim e Paulo Sérgio, diz ao colega: “Que adianta ter um pau deste tamanho [gesto com o braço], se dá o cu?”. É comum o hábito de colocarem sistematicamente em xeque a virilidade, uns dos outros. Por outro lado, Paulo Sérgio não se incomoda em deixar exposta certa liberalidade sexual. Também considero interessante a saída de Rafael de uma posição predominantemente passiva, de objeto de contemplação (se está sendo visto). Em seguida, Rafael atravessa a rua e se acomoda no chão, sob o toldo de um trailer de lanches. Faz do degrau um apoio para a cabeça e segue o que se passa do lado de cá. Rubens está ao seu lado. Não me procurou para a escuta solicitada com ênfase há duas semanas; ocasião em que disse que desejava demais parar com as drogas.

- Chistes de Alessandro: “To chocando dois ovos, mas ainda só tenho um pinto.”. Observo-os, calado, de modo a aguardar o desdobramento daquele *pas-de-deux* de masculinidade, até que algo mais emergja. Pessoas, várias delas, interrompem o atendimento para pedir dinheiro emprestado, receber pagamentos pendentes. Esse algo em que aposto minha espera parece emergir em meio a mais uma zombaria. Alessandro segura dois microfones. Com gestos eróticos, primeiramente produz enunciados alusivos a seu pênis. Depois, rememora o “tempo que eu cantava no bar e fazia sucesso com as mulheres.”. Alguém lhe pergunta sobre hoje. Ele: “Hoje, não.”. Afasta-se, semblante ligeiramente incomodado, movimento brusco no andar.

- Em meio a outra interrupção para pagamento, assim que ouço “ir pra casa, agora”, tiro imediatamente meu celular, do bolso, para chamar um mototaxi. Enquanto dou 3-4 passos para fora do grupo a fim de fazer a chamada, avalio a pertinência do meu ato: o cuidado para não inverter a demanda, no caso, do sujeito do inconsciente; ainda que tenha isso eu a primeiramente a procurá-los, como pesquisador. Assim que desligo, Alessandro se aproxima, surpreso, diante do súbito corte: “Olha, quando você [vier] semana que vem, vamos tentar fechar lá pelas 5 horas e *fazer o nosso grupo. A gente senta aqui mesmo, frente.*”. Eu, novamente: “A oferta continua, Alessandro.”. Estendo minha mão, em despedida: “Vou ficar aqui esperando pelo mototaxi.”. Avisto os demais subindo a ladeira, a caminho de casa. Súbito, ressurge Paulo Sérgio, à toda, em nossa direção: “Eu preciso falar com o Alessandro,

mas depois eu quero falar com você!”. Sou pego de surpresa ao confirmar a duplicidade do anafórico utilizado por Paulo Sérgio há uns 30 minutos. “Volto semana que vem. Posso te escutar.”. Ele reluta, entre olhares rápidos para mim e Alessandro. Atravessam a rua para conversar. Eles e Luís, que cuida do dinheiro. Espero pela moto. Sorrio para mim mesmo frente ao ocorrido com Paulo Sérgio: incompetência que atrai?

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

22/Agosto – 17:15 – 19:15h – Luís tem a balança na calçada. Realiza a pesagem sozinho. Não consigo adentrar no galpão para chegar às prensas. Pilhas de fardos e de *bags* devem ser transpostos para entrar e sair do depósito. Uma vedação estranha, tipo muralha, nunca antes encontrada. Escalo alguns fardos, procuro por brechas e converso com Ademar e Gabriel, isolados ali dentro: “Estou aqui fora. Quando terminar o trabalho de vocês aí, a gente se reúne.”.

- Sigo para o terreno ao lado do barracão. Atrás do contêiner, escondidos, estão montados dois barracos: um, de Márcia e sua companheira Tiago, e o outro do Amadeu. Pequeno fogareiro no chão – uma placa de metal apoiada sobre dois tijolos – preparam o jantar. Márcia demonstra satisfação com a visita: “Vem olhar onde eu e a Tiago mora.”. Barraco de 1,5m X 2m, bem organizado, apesar das precárias instalações. Retalhos de carpete cobrem o chão batido. “Uma pena que, quando chove, entra terra por causa do [desnível, aludido com gestos] do terreno.” Continua: “A Assistência tá fazendo a maior pressão pra gente sair daqui. Os vizinhos estão reclamando que vem gente aqui atrás usar droga. Falaram que vão passar um trator aqui, se a gente não sair. [...] A Tiago vai conversar um pouco com você. Eu vou no banheiro. [...] Tiago, o psicólogo veio falar com a gente. Vem aqui.”. Enquanto aguardo, observo o tapume apoiado na parede do depósito, com uma porta improvisada. Do lado de fora, o charme de um frasco com água, em formato de girassol, para atrair beija-flores. À medida que meus olhos percorrem aquele pedaço de mundo, que tenta contribuir com um mínimo de acomodação e referência de aconchego para seus ocupantes, fora da visibilidade dos cidadãos, incomodados, que passam na rua – a disposição organizada dos utensílios no armário improvisado, as roupas dobradas, a cuidadosa vedação realizada por Tiago, apesar dos precários materiais, o gotejador de água para pássaros –, traços desta sequência de do que vejo e ouço com *flashes*, a mim chegam como um borbulhar de significantes. Até que ponto estas moças querem *mesmo* viver na rua? Os significantes nos quais parecem apoiar-se não indicam uma outra direção? Qual seria o papel das equipes da Assistência e da Saúde Mental em um caso como este? Reflito e aguardo.

- Tiago: “A Assistência quer que a gente vai para o albergue.”. “Já moramos lá 3 meses. É ruim. Tem uma hora que eles trancam o quarto [coletivo] e *deixam um comer o outro vivo*. Você tem que dormir com um olho aberto, outro fechado. Tinha uma louca lá com uma faca, que dizia que ia abrir a barriga de alguém.”. Tiago reflete um pouco, continua: “Eles não deixam a gente dormir junto. Mas eu expliquei para a assistente social que a Márcia sofre de depressão. Aí, a gente pôde dormir junto numa caminha de solteiro.”. Nas várias flexões adjetivais utilizadas por Tiago, o que de si?, penso. Cansada/o, nervoso/a, etc. Termos consoantes com o modo ambíguo com que os demais a ela se referem: *o* Tiago, *a* Tiago...

- Márcia retorna. Pergunta se tenho celular, se pode utilizá-lo. Nego. Sorri, marotamente, enquanto diz: “O da gente é pai-de-santo.”. Márcia toma a fala: “Mas a gente não vai sair daqui enquanto a mãe da Tiago, que mora aqui perto... tá doente.”. Tiago, sentada ao lado do fogareiro, desce o olhar. As falas de Márcia trazem muito de uma espera: que “as assistentes”

façam algo por ela. Finalmente: “Elas querem que eu ando com as minhas pernas.”. Eu, direcionando o olhar justamente para elas: “E não são suas?! Claro que há formas de fazer isso.” Márcia, em tom de aparente descompromisso consigo: “Th, a [nome da assistente] já tem meu relatório desde 98, antes de eu perder a guarda das minhas filhas.”. Por meio das palavras e gestos, escuto algo como: saio disso quando *eu* quiser. Tiago interrompe: “Dá licença. A gente precisa pegar água no depósito porque eles já vão fechar. Depois eu vou lá na frente pra conversar.” Não as verei mais nesta noite. Um profissional com escuta diferenciada poderia ser útil no acompanhamento desse processo de mobilização libidinal que ela denomina de “*eu* quiser”. Penso nessas possibilidades enquanto caminho de volta para o prédio.

- Alessandro está de cabelo cortado, barba feita. Seu cunhado brinca: “Eu falei pra ele que não podia continuar daquele jeito.” Alessandro se afasta, dizendo: “Agora vou poder cuidar melhor da mulherada.”. Roger relata que, quando se casou, “Alessandro era um menino mirradinho, não podia comer carne, só arroz integral. Agora tá aí, com 32 anos, saudável, come um churrasquinho...”.

- Dona Teresa inusitadamente sai de um automóvel tipo Gol, anos 90, e dirige-se à balança. O material coletado (apostilas, revistas) cerca de 20 quilos, lhe rende R\$6-8, com o que se contenta, alegre. “Este [levanta as notas] é pra pôr gasolina no carro. Aquela é a minha filha. Diz que não pediu pra vir no mundo e que a gente precisa ajudar a sustentar. [pausa] Eu também não pedi pra vir. [Reflete, dá com os ombros, sorri, enquanto fixa o olhar no horizonte] Ah, enquanto eu tiver saúde, vou fazer isso mesmo.”. Seguem-se relatos sobre seus pais, a vida nos anos 40-50, a luta da família para adquirir o pequeno sítio cuja posse posteriormente seria perdida, o abandono dos irmãos... “Só eu fiquei pra cuidar dos meus pais.”, conclui. Alguns trabalhadores do depósito param, desta vez, para ouvir trechos de sua história. Comenta sobre a filha ter perdido o emprego em um sindicato, possivelmente por conta do uso abusivo de substâncias. Seguem-se mais relatos memorialistas, como eram as coisas antes da construção da ponte que corta o rio [nome]: “Tudo era feito por balsa, a vacaria... Agora não tem nada lá.”. Supondo um valor significativo, repito, em tom baixo: “A travessia da ponte.”. Dona Teresa expressa um ligeiro olhar de incômodo. Recomposta, sorridente, diz que precisa ir para casa, que “*está ficando noite*”. Enquanto se afasta, com passadas ágeis, o jovem Gabriel diz: “Admiro a saúde daquela mulher.”.

- Noto uma movimentação meio caótica, na tentativa de viabilizar as condições para a formação do grupo, só que sem o sucesso de outras ocasiões. As enormes portas do depósito sobem e descem, em busca de um objeto esquecido, colocando o ambiente em alvoroço: um molho de chaves, um pé de cabra, uma garrafa térmica... Rubens, que semanas atrás ansiosamente manifestara o desejo de participar, agora se posiciona distante. Mal me cumprimenta. Aproxima-se de Alessandro para pedir dinheiro para comprar crack.

- Ademar, sentado na rampa. Estou em pé, diante dele. Prepara a garrafinha de pinga com “Q-Suco”. Em seguida, desfia fumo e enrola um cigarro. Olha para mim. Pego a deixa, sorrindo, prolongando as sílabas, muita suavidade: “Fala, Ademar.”. Sorri. Volta a confeccionar o cigarro: “Não tenho o que falar. Eu não tô pensando nela.”. Aproveito seu movimento manual de separação do fumo ao longo da folha, a ser enrolada, e separo o enunciado, também com um gesto manual, enquanto repito: “Eu não [separação gestual] tô pensando nela.”. Um artifício que emerge em mim, para aludir ao princípio de denegação, na aposta de produção de algum efeito. Imediatamente, Ademar abre um largo sorriso. E tristeza volta a povoar seu olhar. Um movimento afirmativo com a cabeça, antes de voltar à ocupação. Entendeu, sim,

penso. Permanece próximo a mim quase até o final do atendimento. Observando, oferecendo de sua bebida, ouvindo.

- Ademar, Gabriel, Rafael e Amadeu estão sentados. Luís e Alessandro, em pé. Luís retira de um canto um avental plástico similar aos utilizados em matadouros. Aderida a ele, uma película plástica com sangue ressequido. Luís tenta remover a película, sob o olhar de todos. O odor de matéria putrefata é insuportável. Enquanto o faz, diz que sua esposa é controladora. Veste o avental, retira uma faca de tamanho médio que carrega na cintura e uma *performance* sobre o assassinato de uma mulher se inicia. Por fim, volta-se para Rafael: “Ele devia fazer isso com a mulher dele. Cortar ela no meio, que nem frango véio.”. Ademar: “Corta fora o pescoço, o pé...”. Outras falas com detalhes sobre o procedimento que associaria a esposa de Rafael a uma galinha velha. A de Luís, ilusoriamente, ocultada...

- Alessandro volta a comentar que “a mulher do Rafael é bem mais velha que ele”. Prossegue: “Ele pensou arrumar uma mãe; mas ela não liga pra ele. E ele sustenta aquela casa, a família dela.”. Rafael dirige seu olhar a mim de modo direto, diferença que tem se estabelecido nas últimas semanas, em relação a suas olhadelas oblíquas. Sua aproximação física, discreta, é mais frequente. Porém não fala. Alessandro chacoalha um de seus ombros: “Fala disso pra ele, rapaz!”. Rafael permanece calado. Às vezes, um ou outro se afasta do grupo; depois, retorna.

- Luís e Amadeu entabulam uma conversa sobre desempenho sexual. Para ensinar como Amadeu, em sua idade avançada, poderia manter uma ereção, vai para o chão e faz movimentos de flexão de braços, aludindo ao modo como só assim o pênis do outro, flácido, poderia, então, permanecer em posição vertical. Alguns riem. Luís rodeia, olha como quem procura uma brecha para sentar-se. Ao perceber, abro o convite: “Que tal sentar um pouco, Luís?”. Os colegas se deslocam para que alguém com o porte grande como o de Luís se acomode. Mal isto acontece, Rafael prende as costas do colega em suas pernas e simula um ato sexual. Em seguida, Luís o puxa para diante de si. Tendo o rosto de Rafael em suas mãos, simulam fazer sexo oral.

- Alessandro, em meio a toda essa cena: “Hoje nem ia dar pra gente se reunir. Eu fui com o pessoal buscar material por aí e achei que não ia chegar a tempo. Deixei o caminhão ali em cima e a gente veio andando. Escuto como um indício do lugar que o grupo psicoterapêutico vai adquirindo neste percurso. Desabafos sobre [presidente da associação] local ter “roubado sua ideia de montar uma associação”. Novamente as denúncias sobre o quanto é desviado neste negócio, com propriedades sendo adquiridas em nome de terceiros. Queixa-se sobre a falta de auxílio do poder público. Emerge sua postura messiânica: “Se eu fechar isso aqui, posso arrumar emprego num monte de lugar; mas, e esses *coitadinhos* que dependem disso aqui?”. Meu pensamento me leva para a ideia de uma verdade sempre não toda: a crise de emprego, relatada pelo cunhado de Alessandro, que trabalha no depósito enquanto usufrui do período de seguro demissional (“a situação está difícil para emprego”). E as posses, a situação de Alessandro, como patrão, certamente melhor que a dos demais. Procuro afastar estes pensamentos, me liberar para estar o mais próximo possível de uma atenção flutuante: abrir-me para a escuta. Deve haver algo mais no sujeito, que concorre para, que justifique seu estar ali.

- Ao longo desta segunda hora, é formado um segundo agrupamento a uns dois metros de distância. Antônio, a “mocinha que mora com Amadeu”, outros catadores que surgem de passagem partilham entre si suas histórias. Ocasionalmente, Luís, Ademar e Rafael se

deslocam para lá. O funcionamento se dá como que utilizando-se de fragmentos daquilo que emerge no grupo primeiramente formado, estes fragmentos, nos breves momentos de silêncio na rua, nas falas mais exaltadas, viajassem até o grupo paralelo promovendo também a construção de suas falas. Percebo isto no momento em que Alessandro produz alguns enunciados. Vez ou outra, membros do outro grupo nos mira e continua com sua interação. Fragmentos de frases deles também chegam até nós, de modo a confirmar esta constatação. Olham para nós e se motivam a continuar. Em outros momentos, alguém se aproxima, ouve e regressa para o grupo vizinho; o que deve, em certo grau, disparar elementos que motivam a produção significativa. Interessante este efeito: uma produção potencializada, ainda que aparentemente desmembrada. Como algo do eixo do imaginário, em sua associação a algum componente transferencial, talvez possa motivá-la. Pensamento este que se me ocorre rapidamente; mas que ponho de lado, pois muita coisa acontece.

- Pessoas se aproximam para receber pelo material negociado durante o dia, o *motoboy* chega, acelera sua moto, aparentemente sem necessidade. Lança um longo olhar para mim. Depois, sorri. De modo teatral, Alessandro pergunta: “Será que sou louco?”. Olho para baixo: “Como diz um médico famoso: ‘Só é louco quem pode.’”. Ele volta a falar do seu desconforto, de sua cabeça “que não para”. Na sequência, produz: “Meu comportamento difere de mim.”. Repetito-lhe seu enunciado. Ele tenta explicações racionais, divaga por um longo caminho, como se tivesse cometido o emprego indevido de um termo, para justificar-se, desconhecedor da jóia produzida por ele, lapidada já no ato de sua emergência. Espero pacientemente. Por fim, pergunta: “Será que sou bipolar?”. Respondo com uma pergunta: “Seria mais fácil, Alessandro?”. Com gesto amplo, braços abertos, sorriso largo: “Poxa! Essas perguntas que você faz me deixa confuso!”. Sorrio discretamente, enquanto recolho o olhar.

- Os grupos começam a se desfazer. Cilzemar retorna para sua moto. Vai levar Luís para casa. A situação é um tanto caótica. Em meio a muito sendo dito, nos despedimos. Alessandro põe suavemente a mão em minhas costas. Diz, surpreso: “Nossa! Só de pôr a mão em cima da sua roupa, vejo que você tem as costas peludas!”. Repete-se e continua: “Eu tenho a bunda peluda.”. Vira-se de costas, sobe a camiseta, desce as calças, expondo quase que totalmente as nádegas. Com indiferença, desvio os olhos para meu celular e digo, enquanto digito um número: “Estou te escutando, Alessandro. Até semana que vem.”. Outros o chamam do outro lado da rua. De repente, estou só. Recolho na memória fragmentos de tanto ali vivido, para incluir em minhas notas. Espero pela hora de partir, eu também. E antevejo, em meus últimos instantes ali, à luz de Clarice Lispector, o lugar, deserto, após minha saída: “Para onde vão as palavras depois de serem ditas?”.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

29/Agosto/2014 – 17:00h-19:15h – Depósito estranhamente quieto, apesar do montante de material ainda acumulado na frente. Nenhum catador por ali. Luís pesa e carrega para dentro alguns *bags*. Gabriel e Ademar às voltas com a prensagem. Valter, ao fundo, seleciona material. Na cabeça, um capacete à Ziraldo, lembra “Menino maluquinho”. Cumprimentos rápidos. Ademar e Gabriel retomam a tarefa de alimentar a prensa. Um novo fardo será iniciado. Retorno para a parte exterior do prédio e sigo para o terreno baldio. Os barracos não estão mais lá. Observo a movimentação da rua por uns 10 minutos. Luís começa a falar, de longe. Percebo que se dirige a mim. Vou até ele. Enquanto se movimenta, comenta: “Você viu o que aconteceu? O pessoal da Assistência, a polícia esteve aqui e tirou os barracos lá do fundo.”. Pergunto onde estão Márcia e Tiago. Relata que foram para uma casa do outro lado da cidade. Busco por mais informações: “Elas voltaram para uma casa abandonada, lá na vila.

Elas moravam lá antes de vir pra cá.”. Também menciona algo sobre a Vigilância Sanitária, as modificações que deverão fazer no depósito, para continuar com a atividade: “Deram cinco (5) dias pra gente mudar as coisas, a calçada, azulejo nos banheiros...”.

- Dois rapazes se aproximam. Querem comprar jornal: “Não se acha mais jornal por aí.”. Explicam que é para serviço de funilaria. Auxílio Luís no acondicionamento do material em um saco. No ato do pagamento, apesar de, por hábito, desviar o rosto, testemunho que ele cobra dos rapazes acima de seis vezes o que paga aos catadores. Com a partida dos jovens, enquanto guarda o dinheiro, comenta: “Este aqui é pra um corote, antes de ir pra casa.”. Repito: “Corote?”. Isso ressoa. Em vez de explicar o significado da expressão, revela: “Tenho bebido e comido demais ultimamente. Vou pra casa, no almoço, com uma fome! Depois, à noite, bebo quando saio daqui.”. Comenta que dorme imediatamente, ao chegar em casa. Silêncio. Pondera: “Bom, vício não é. Não bebo durante o serviço, nem sinto falta, de dia.”. Isto o leva a outro relato: “Mas, quando eu morava [cidade] e trabalhava no posto de gasolina, já ia trabalhar bêbado. Mas, mesmo assim, fazia bem as coisas. Lavava quinze (15) caminhões no meu horário de serviço; já os outros...”. Seguem-se detalhes sobre os procedimentos para lavagem. E conclui: “Tinha dia que eu era escalado pra ficar na bomba, outro, pra lavagem. A gorjeta ali [lavagem] era boa demais! Às vezes ganhava R\$50-100, só com um freguês! Fui frentista uns 14 anos.”. Pergunto sobre seu tempo na reciclagem: quatro anos. Uma pausa e prossegue: “Eu quase não conheço o centro da cidade. Vou muito pouco pra lá.”. Luís se distrai com frequência, ao apreciar as mulheres que passam do outro lado da rua. Horário em que grande contingente de trabalhadores volta para casa. Isto o leva a discorrer sobre o ciúme da esposa, as constantes brigas. “Eu até parei de levar ela no bar; dá muita briga.” Talvez ainda movido por ecos de sua fala de não explorar bem a cidade, considera: “Eu devia sair com ela pra uma sorveteria, ir dar uma volta, levar ela lá no Espetinho.”. Pensa e acrescenta: “Mas não dá tempo! No fim de semana eu saio pescar... e ela vai junto.”. Sorri, como a desincumbir-se de quaisquer outros programas voltados para o casal. Por duas vezes pergunta pelas horas. “Hoje tô cansado. Tentei adiantar tudo pra não atrasar pra fechar. Até fui despachando os catadores, pesando rapidinho, pra não ficar gente embaçando aqui. Estou até com dor nas pernas. Senão, é só demorar um pouquinho que a mulher já briga.” São 17:45h quando os três trabalhadores se aproximam, dando por encerrado o serviço. Ademar prepara sua bebida. “Hoje é laranja”, diz. Pausa: “Lutando com a vida.”, repete. Valter despede-se ao mesmo tempo em que frisa querer seu pagamento no dia seguinte. Noto o recente corte de cabelo de Valter e a barba aparada, fato inédito desde o início de minha frequência ao depósito, há mais de seis meses. Luís fica pensativo. Explica que está fazendo os cálculos dos dias trabalhados por Valter. Rafael tenta dar partida em uma bicicleta motorizada, sua recente aquisição. Após sucessivas tentativas, explica sobre o intrincado mecanismo válvula-pedal-acelerador: “Tem que fazer com jeitinho, de leve.”. Antônio, que chega agora ao local, passa, escuta este fragmento sobre a ignição e expressa, admirado, olhando fundo em meus olhos: “Que coisa que é a vida, né? O poderoso e a delicadeza. Às vezes, só com ela é que consegue as coisas.”. Sorri e se afasta, em direção ao terreno, atrás do contêiner.

- Rubens lava chapas de metal para a nova proprietária do trailer, do outro lado da rua. Luís: “Agora ela vai trabalhar, vender lanche, o dia inteiro.”. Rubens agora evita uma simples troca de cumprimentos. Sendo assim, cautela minha ao observá-lo.

- São exatamente 18 horas quando o caminhão de depósito encosta. Roger, Rafael e Alessandro na cabine, sérios. Assim que desce, Alessandro me chama para o terreno ao lado, atrás do contêiner. Mostra-se bastante tenso. Relata, de modo trágico, a remoção das pessoas: “As moças choraram, não queriam ir. Aí, *eu* tive que ver um conhecido na Vila [nome], pedir

pra elas ficar lá uns três meses, levei as coisas da mudança. Agora, te pergunto: não é obrigação da Assistência fazer isso?!”. Noto as diferenças entre os relatos dele e do irmão. O dele, com fortes tons de salvador e mártir. Eu, com suavidade: “O que te move fazer isso, Alessandro?”. Parece que não escuta a colocação, tamanho o transbordamento.

- Gabriel presencia os primeiros vinte minutos desta fala em que Alessandro se dirige a mim como se eu fosse extensão do “pessoal lá da Assistência”. O *motoboy*, que frequenta o depósito, chega e se junta a nós. Aproximação ensurdecedora do motor de sua moto. Vê a bicicleta de Gabriel e se surpreende: “Nossa, menino! Quanto você ganha aqui no depósito?!”. Gabriel revela ser em torno de R\$1.000,00-R\$1.200,00. Alessandro intervém: “Mas, ele trabalha bastante. É um bom funcionário.”. Gabriel explica estar pagando pelo carro e pela bicicleta. Alessandro nota a urgência do rapaz em falar com ele sobre dinheiro. Ignora a mensagem, com uma pitada de ironia no semblante. O que é isso?, penso: mantê-lo junto a nós?, exercício de poder? Por fim, reconhece sua irritação: “Calma, rapaz! Fica aqui!”. Ri. Intervenho, procurando externar indiferença, de minha parte, pela decisão do jovem em partir: “Ele quer ir embora, Alessandro. Faça seus acertos com ele. Posso aguardar.”. Olho ao redor, para os montes de lixo despejados pelos moradores do bairro no enorme terreno. Ocupa quase 60% do quarteirão. Desligo minha atenção deles três, temporariamente, reabastecendo-me de tranquilidade e ampliar minha escuta para aquele encontro tenso. Ao voltar o rosto, avisto Gabriel já longe em sua *bike* e Cilzemar pronto para atender ao chamado de outro cliente.

- Alguns se aproximam de nós, permanecem por algum tempo e voltam a sentar-se na calçada, na frente do prédio e conversam entre si. Nós, ainda no terreno. Alessandro relata os problemas com o depósito. Que é bom para os carrinheiros, paga o valor correto dos materiais e não trapaceia na pesagem: “Aqui é diferente dos outros lugares. E fulano [presidente da cooperativa local], ele não cuida *dos carrinheiros*. Aquilo lá é uma máfia!”. Retoma o discurso ressentido de outras sessões: “[nome] roubou minha ideia. [...] O que eu queria fazer é diferente do que eles fazem.”. Pelo seu discurso, a concepção de associação verdadeira, de trabalho cooperado efetivo, é aquilo que realiza ali: uma espécie de paternalismo aliado ao ocultamento da distinção das relações de trabalho, das diferenças de renda, das gritantes diferenças de condições de moradia entre ele, o patrão, seus funcionários e, por fim, os catadores (“carrinheiros”), muitos deles sem teto. Procuro atravessar/silenciar a barreira destes outros discursos críticos que falam em mim a todo instante, para me abrir para a escuta do sujeito. Noto o quão difícil é não ditar regras, preceitos, em uma situação como essa. Alessandro continua: “As pessoas daqui do bairro vêm jogar o lixo delas aqui no terreno e depois reclamam pra Prefeitura, dizendo que é a gente, do depósito, que faz isso.”. Mesmo imaginando que vou ser contestado, lanço: “Terreno vago no Brasil costuma ter esse destino, na maioria das vezes: local de descarte.”. Com um sorriso, revida: “Pois aqui, não. Eu passava aqui antes, nesse terreno, e era limpinho...”, um tom de voz de pureza, como de um menino que retruca, ao enunciar no diminutivo. Posiciono-me indiferente à sua contrariedade.

- “Agora”, segue, “tem outra coisa: veio a fiscalização aqui. Se eu não fizer as *alterações* que eles querem, em cinco dias vão fechar o depósito.”. Atento para o significativo *alterações*. Segue-se outra sequência com teor persecutório: “O fulano do depósito perto do centro – você passa na frente dele – não tem esse problema. O outro, lá, [nome], também não. Eu, que estou na margem [ouço isto], depois da pista da estrada, eles vêm mexer comigo.”. “À *margem*, mas não invisível.”; retomo, propositalmente, um significativo seu. Noto um traço de surpresa em seu semblante. Uma fala sobre policiais e outros fiscais que vistoriam o prédio tem sequência: “Vão entrando até lá no fundo, pra ver se a gente não comprou cobre roubado...” O foco, em seguida, é uma descrição trágica do que “vai acontecer, se o depósito fechar”, o impacto nas

vidas daqueles “coitados”, incapazes de cuidar de si, que “não sabem nem falar”. “Eu que, pelo olhar deles, entendo o que eles quer[em].”. Na sequência do antevisto catastrófico desfecho do depósito, tido como certo, revela: “Já falei pra polícia: se quiser *me parar de trabalhar*, vai ter que ser com *uma bala no peito*.”. Lembro-me do mesmo enunciado proferido no primeiro encontro. Percebo nele ambas as forças pulsionais, mas julgo que preciso intervir sobre uma. Aplico um tom grave, incisivo, enquanto olho para o chão, e intervenho: “Os seus filhos não precisam disto na história de vida deles [pausa] um pai assassinado.”. Ocorre um deslocamento. Um movimento discursivo menos atrelado à pulsão de morte se estabelece. Sua fala gradativamente adquire um contorno menos angustiante. Ao mesmo tempo, Alessandro se torna mais permeável a perguntas e a pequenos comentários, que agora movimentam a produção de enunciados menos carregados de um jorro angustioso.

- Procuro ser muito cauteloso em minhas colocações, uma vez que, por meio de diversas falas, de perguntas capciosas feitas desde os primeiros atendimentos, mostra-se uma suspeita por parte deles de ser eu uma espécie de informante do poder público local. No dia de hoje, desde minha chegada, o campo se mostra ainda mais escorregadio.

- Eu: “Então, Alessandro. Você usou a palavra ‘alteração/alterações’. É possível pensar no que *alterar*, para *evitar* o fechamento?”. Embora não responda diretamente, fala como se já estivesse tudo em perfeitas condições: banheiros azulejados, limpos, idem para a cozinha, etc. Opto por não bater de frente com o que entendo como um forte componente narcísico. Difícil explicar, mas no momento me ocorre como sendo a produção de uma resposta pelo seu avesso. Um breve silêncio. Relutância volta a habitar seu discurso. Agora, o tom é de que tudo está perdido, nada mais há a ser feito, como uma acomodação para a morte. Decido entrar com uma frase pronta do AA e ver se isto produz no sujeito algum efeito: “Tem uma fala por aí que diz mais ou menos assim: ‘Que eu tenha força para mudar o que posso, serenidade para atravessar o que não é possível mudar e sabedoria para distinguir uma coisa da outra.’. O que você acha disso?”. Alessandro abre os braços, emite um riso com tosse e diz: “Poxa, *cada coisa que você me pergunta! Me deixa confuso!!*”. Repete o desabafo. Pelo semblante, parece experimentar um estado de desorientação. Pede que repita o enunciado. Reproduz em voz alta os três momentos do dito, à medida que o retomo vagarosamente, na tentativa de melhor apreensão. Visivelmente confuso e admirado: “Nossa, essa mensagem é linda! De pôr atrás de um caminhão!”. Eu: “E aí, o que isso faz você pensar?”. Não insisto, pois é bem sabido o desconforto quando uma intervenção deste tipo pode ser recebida pelo outro como um teste e não como um motivador para criação significativa. Aos poucos, com recuos na fala e nítido atordoamento, apreendido pelo seu olhar, ele esboça ter chegado à percepção de frequentemente se deixar ser tomado pelo desespero. Comento: “*Falar sobre* pode ser o caminho para tentar distinguir um pouco melhor o que parece confuso.”. Desde a colocação sobre o “pai assassinado”, um deslocamento no que se refere à transferência tem sido detectado. Parece ter sido novamente produzida em Alessandro a suposição de um saber no outro, neste caso, no terapeuta. Um declínio na hostilidade abre espaço para troca e produção de mais enunciados – o que não se dá sem diversos recuos, repetições, claro. Retoma o quanto se preocupa com “aquelas pessoas”. Aponta para alguns deles, sentados na rampa, ao longe. (Já é noite. Faz muito frio.) Que não há quem faça algo por elas, salvo ele. Que “nem falar conseguem”. Cita exemplos dos auxílios prestados: “*Eu não faço isso por mim*. Posso arrumar emprego, mas eles não, coitados.”. Não me iludo com sua posição altruísta. Considerando que algo na transferência tenha se alterado nesta sessão, pelo menos, arrisco, com suavidade, uma colocação que julgo necessária para produzir deslocamento, mas que pode ser uma bomba: “Você, talvez, se surpreenda com a capacidade das pessoas viverem sem você. [pausa] Talvez seja o caso se perguntar o que isto aqui significa *pra você*.”.

- Alessandro desloca o olhar para o horizonte, luzes dos bairros afastados. Um silêncio se produz. Por fim, diz, procurando imprimir um sorriso junto às palavras finais arrancadas com dor: “Isso é o que eu faço há 16 anos. [pausa] É o que eu gosto de fazer. [pausa] Minha cor é essa: é marrom, de mexer com isso.”.

- Emito apenas um gemido – “Mmm...” – e imediatamente deixo a penumbra do terreno em que nos encontramos, em direção aos demais, sentados na frente do depósito, produzindo, assim, um corte. Juntamo-nos a 4 ou 5 trabalhadores. Alessandro tenta retomar o estilo brincalhão ao falar do depósito. Na sequência do que dizem, impensadamente, comento: “Deve haver depósitos, iniciativas na área da reciclagem, que serviriam de modelo/orientação para inspirar algumas alterações.”. O significante *modelo* suscita nele uma reação *sui generis*. Com vivacidade, diz: “Modelo! Quando eu era jovem eu queria ser modelo!”. Elenca os atributos de seu corpo, desce as calças e exhibe as nádegas. Com indiferença exclamo: “De novo.”. E me ocupo com meu celular, chamando um mototaxi. Ele ri, sobe as calças e se aproxima para um leve afago em minhas costas, entendendo que o atendimento chega ao fim. Exclama: “Nossa! Só com a mão por cima da sua camisa, dá pra sentir que você é peludo no peito e nas costas! Eu não tenho pelo na bunda.”. Percebo que da outra vez afirmou o contrário... Permaneço impassível. Ele: “É, aquilo que você falou é interessante, mesmo. Vamos terminar o serviço mais cedo pra gente sentar e conversar. Se bem que hoje, de novo, não deu tempo.”. Várias foram as vezes que disseram o mesmo: ele ou o irmão, Luís. Mas, na promessa de um dia falar, seguem falando, penso. Respondo: “A oferta para o grupo psicoterapêutico está aí. Até semana que vem.”. Partem imediatamente. Aguardo pelo *motoboy*.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

6/Setembro/2014 – 17:00–19:30h – Depósito bem mais organizado. O filho mais velho de Luís, Fernando, trabalha com Ademar em uma das prensas. Gabriel, em outra. Fernando é o único a utilizar luvas. O outro filho de Luís, sobre uma bicicleta, contempla o movimento da rua. Quando diz seu nome – Alexandre (pronúncia frisada pelo rapaz) –, ocorre-me um sinal sobre as relações entre os membros das famílias, via seus nomes de batismo. Luís comenta: “Comprei essa bicicleta porque a outra, nova, foi quebrada. Um motorista bateu na bicicleta dele. Minha mulher foi no rapaz do conserto e fez um barraco.”. Relatos sobre as distrações, os constantes acidentes e quebra-quebra de objetos comprados com esforço pelo pai, envolvendo seus filhos. Escuto, mas reflito sobre uma questão que não é colocada pelos pais e que poderia ter encaminhamento, com um trabalho como o nosso: o que eles podem estar dizendo com estas atitudes?

- Alessandro se aproxima e diz que sua semana tem sido muito difícil: “Tem dia que nem fui pra casa comer... Mas não tenho dormido. O que será que é isso que eu tenho? *Por isso que converso com você*.”. Inicia um relato sobre a situação do depósito: “Eles deram cinco dias pra gente, mas não apareceram ainda.”. Pergunto: “O que você acha disso? Por que estão fazendo isso?”. Queixa-se: “Só exigem, mas ninguém deles da prefeitura faz nada pra ajudar.”. Volta a falar sobre os demais depósitos, que seguem sem ser importunados. Na sequência, percebe algo sobre seu discurso; ressonâncias da sessão anterior, talvez: “Não é que só fico falando dos outros...”. A certa altura, como em uma reflexão em voz alta, digo: “É possível procurar sofrer menos, para agir mais?” Noto, mais uma vez, o quão confuso pode ficar, movido pelo mínimo que eu diga. Pergunta o que quis dizer com aquilo, fragmenta a pergunta, de modo a tentar reter e elaborar sobre seu conteúdo, incursiona, sob a forma de

novas perguntas, em uma espécie de suposições: “Será que quer dizer...?”. Recua para o discurso de ser aquele um depósito perfeito. Posiciono-me com calma, mas não alheio a perceber em mim, simultaneamente, uma fala interna crítica: um patrão que não quer pôr a mão no bolso, dentre outras ações contrárias ao que está ali cristalizado, a fim de promover “alterações”, significante por ele já utilizado na sessão anterior. Procuro silenciar isso que fala dentro de mim, para não ser doutrinário, e deixar que o Outro do sujeito se movimente. Sabemos tratar-se de um posicionamento nada simples, porém, sensível, para uma aproximação mais promissora dos profissionais da área social. Enquanto repete sua fala, sigo olhando ao redor: trabalhadores com farrapos de vassouras, sem equipamentos de proteção, fazendo pás de suas mãos, braços e pedaços de papelão. Acho propício intervir, talvez produza um traço de diferença: “Trabalhar com reciclagem, hoje, é diferente de 16, de 5 anos atrás, até. A preocupação sanitária, a condição dos trabalhadores...”. Paro. Ele: “Eu tenho os equipamentos, luvas, tudo aí”. Não posso me calar. Coça dentro de mim. Sei que corro riscos ao tomar uma posição: “Pode ter, mas não vejo ninguém usando.”. Isto mexe com ele. Afasta-se, como se me ignorasse, e vai trabalhar. Permaneço sozinho na calçada por algum tempo, uns 10 minutos. Dois conhecidos meus passam de carro, olham com estranhamento minha presença ali. Quanto aos trabalhadores, observo a tentativa de se organizarem para transportar o guindaste para dentro e fechar o galpão.

- De repente, onze deles estão aglomerados nas proximidades da rampa. Oito, sentados. Conversam entre si aqueles situados no extremo oposto ao qual me localizo. Outros prestam atenção ao que é falado a mim. Enquanto ajeita sua bicicleta para ir embora, Valter afirma estar cansado, ter tido uma semana intensa: “Trabalhei na casa do pai do Alessandro em [outra cidade]. Tá construindo uma casa de 4 quartos.”. Pensamentos também emergem em mim, claro. Não consigo ficar desatento à observação do quanto de dinheiro deve passar pelo depósito, em contraste às precárias condições de trabalho dos funcionários e demais catadores que constantemente se envolvem com auxiliá-los, como supostos amigos. Valter prossegue: “Eu sou um amor de pessoa. Faço tudo que posso pelos outros.”. Por meio de perguntas e pinceladas dos demais, tomo conhecimento de que Valter abriga em sua recente casa um senhor mais idoso. Valter: “É. Ele não tinha pra onde ir. Eu não posso deixar alguém nessa situação. Já morei na rua.”. Tem sequência um discurso religioso sobre a solidariedade. Levanta os olhos para o céu, com as mãos unidas: “*É Deus no céu e a Assistência Social na terra.*”. Isto será repetido duas vezes, sua gratidão por ter sido contemplado pelo programa “Minha casa, minha vida”. Menciona ter levado o colega a uma médica “que está conseguindo a aposentadoria pra ele.”. Continua Valter: “Ele vai receber R\$89 mil de atrasado. Ela perguntou pra ele se ele vai me dar algum dinheiro. Ele disse que vai dar uns R\$5 mil. Então [gesto com a cabeça, de dúvida e resignação], se ele fizer isso mesmo, tá bom. Se não fizer, também não vou cobrar.”. Surgem piadas sobre o celular de Valter: “Ele tem isso porque não sabe ler as horas.”. Ele aperta um botão e as horas são informadas por voz. Penso: não sei fazer isso no meu! Alguém o chama por telefone: “Eu sei quem é *essa*”, tom de desprezo no final. Alude ao seu interesse financeiro: “Essa aí eu já sei do que ela tá atrás. Mas eu já passei por isso, sei muito bem.”. Enquanto se afasta, penso no quanto Valter se expôs hoje, ainda que à meia distância. Alessandro se refere a ele como “psicopata”, caçoa de seu hábito, de conotação sexual, de lamber os dedos encardidos pelo trabalho, e diz que ele “já tem uma sucuri na barriga”. Há tempos noto certa animosidade, desprezo, em relação a Valter. Pudera, é o único que põe a nu sua condição de explorado, em afronta aos patrões. Valter é tolerado. Possivelmente por executar os serviços mais sujos, o escambo do escambo, um pária. A conversa sobre verminose segue. Observo nas falas uma percepção que tenta ser encoberta: a de que também eles podem ser portadores de verminoses. Opto por não entrar em

qualquer discurso epidemiológico; afinal, vários são os momentos que, por palavras e ações, atestam possuir conhecimento a respeito.

- Dada a extensão da fileira de pessoas sentadas, cuido para chegar a uma posição mediana, que permita estar mais próximo de Amadeu e Antônio, no extremo oposto. Ouço as brincadeiras. Do outro lado da rua, a caminho da escola, a irmã de Rubens lhe diz algo. Rubens segue consumido pelo crack. “Trabalha e queima seu dinheiro”, seus esforços, dizem-me discretamente. Quando a jovem se afasta, comentários estimulados por Alessandro: “Ô, Rubens, com todo respeito, mas sua irmã...”. Passam a falar sobre as mulheres que avistam; muitas, neste horário. Estou em pé. Procuro me posicionar de modo a sinalizar a abertura para outras escutas, também. Aguardo até que o assunto jocoso, aquele bafafá todo por meio do qual o sujeito fala, e se esconde, se esgote. De repente, um fosso de silêncio entre *todos*. Dez, vinte segundos de silêncio, neste ambiente, podem significar muito. Percebo o desconforto. Antônio rompe: “É. Eu preciso diminuir a bebida. Não estou mais com a força que eu tinha. Trabalhava com o carrinho e ainda corria 17 km, até [cidade]. Tinha disposição. *Essa depressão*, com a bebida, não é bom. Tomo 4 remédios – Amitril... [psicotrópicos] – e outro pra *tiróide*. Vejo que, por causa da bebida, eles não fazem mais efeito.”. Acho esplêndida a percepção quanto à oferta de escuta e a decisão de Antônio de fazer dela uso, imprimindo no grupo um direcionamento para questões mais prementes. Na sequência, os colegas comentam sobre os problemas conjugais de Rafael. Revelam que seu enteado, de 10-11 anos de idade, tentou enforcá-lo. Alessandro: “O pior é que a esposa dele, a mãe do menino, dizia pra ele apertar ainda mais! Pra que morar numa casa dessa, sustentar a família inteira como ele faz?!”. Rafael me olha, nada diz. Aproveito o endereçamento do seu olhar: “Como você escuta isso, Rafael? O que acha disso?”. Nada responde. Alessandro se inquieta. Sacode o colega pelos dois ombros: “Eu já falei pra ele. Você vai com ele lá no fundo, no refeitório, pra ele conversar direito com você. Vai fazer bem pra ele!”. Respira, se acalma: “Faz bem pra mim, quando converso com você. Quando você não vem, a gente fica pensando...”. Ademar o interrompe: “A gente sente falta.”; enunciado que será por ele repetido algumas vezes, com anuência dos demais, por meio de gestos. Alessandro retoma: “Então! Todo mundo precisa de um psicólogo. Tem dia que tô com minha cabeça fervendo, converso com você e melhoro. [etc.]”. Luís e outros assentem. Aproveito-me do momento. Com leve toque no ombro de Rafael: “Rafael, o dia que você quiser, sozinho ou com seus colegas. A oferta de escuta continua em pé.”. Volto-me para o grupo: “A oferta do grupo psicoterapêutico está em pé, pessoal. Já que vocês têm um refeitório [nunca fui convidado a conhecer as demais dependências], a sessão pode ser lá; ou em qualquer outro lugar.”. Conhecidos passam e buzina, alguns jovens, de dentro de seus ônibus, fazem chacota daquele grupo de homens sujos; pedestres, alguns, os cumprimentam. Congestionamento de mais de 2 quarteirões; impaciente tentativa atravessar a rodovia que corta a cidade, em horário infernal de fim de expediente. Alessandro: “Eu vou com ele, saindo daqui, conversar pra ver uma casa pra ele se mudar. Não tem por que ele continuar lá.”. Em seguida, capto fragmentos de comentários sobre Ademar. Parece ter dormido ali, ao relento, estirado na rampa. Penso no quanto o significante *casa* possa estar relacionado a estes comentários paralelos, ecos da expressão enxame de significantes, cunhada por Lacan. Tudo muito rápido, mas reflito também sobre aquele que tem uma casa, ainda que simples, como é o caso de Ademar. Voltar a ela para quê, para quem? Talvez o sentimento de solidão que ele experimenta o leve a preferir adormecer na calçada, bêbado, a deparar-se com outro aspecto difícil de sua situação.

- Em meio à participação ativa de quase todos, muitos risos em meio a revelações angustiantes, Amadeu, senhor idoso que ainda mora atrás do contêiner, protesta, por duas vezes: “Poxa, eu quero falar também!”. A palavra lhe é concedida; mas, além do barulho da

rua, Alessandro dificulta ainda mais a compreensão do que ele diz, interrompendo-o constantemente com “Fala direito, homem! A gente não te entende!”. Amadeu insiste e Alessandro persiste no bloqueio de sua voz. Procuro um redirecionamento: “Estou entendendo boa parte do que você diz.”. Os sons da rua continuam, mas os trabalhadores silenciam para ouvir Amadeu. Ele consegue, então, contar sua piada. Uma idosa em um pomar. Alguém lhe oferece uma escada para alcançar as tentadoras laranjas. Ela responde: “Eu não trepo, mas eu chupo.”. Todos riem. Seu modo de externar algo do muito que vinha sendo dito e que lhe deve ter tocado.

- Alessandro volta a exhibir as nádegas. Desta vez, sobe também a camiseta, ignorando meu “de novo”. “Sei que minha bunda é bonita”, diz. Prossegue: “Por que será que as mulheres gostam da bunda de homem? Eu vejo, em todo lugar que eu vou – no banco elas dão um jeito de olhar minha bunda. Quando transo com minha mulher, com toda mulher que eu transo, elas seguram minha bunda assim, ó [gestos e gemidos de avidez]. Alguns movimentam a cabeça, em concordância. Repito: “Com toda mulher que eu transo.”. Ele se surpreende ante o dito. Os demais caem na risada ao notar seu desconcerto. A conversa se desloca para os pelos do púbis. Alessandro mostra o seu, de modo acintoso. Indiferente ao seu ato, sigo o que os demais expressam. Mães com seus filhos passam pelo local. Um deles, Ademar possivelmente, emite um alerta: “Mãe de família/trabalhadora.”. Ele se recolhe um pouco, mas não totalmente. Chega o *motoboy* que presta serviços ao depósito. Todos se dispersam, após breve despedida. Antônio e Ademar permanecem, enquanto espero pelo mototaxi que já sei que vai demorar. Antônio revela que mora com “alguns colegas em uma casinha a meia hora de distância”. Ademar comenta sobre ter bebido muito na noite anterior: “Dormi aqui mesmo”, indicando o local na rampa, com a cabeça. “Quando acordei era umas duas e meia da manhã.”. Pergunto: “O que você vai fazer quando chegar em casa, Ademar?”, ciente da influência de minhas impressões formadas no início do atendimento, sobre sua solidão. Ele: “Vou me lavar [longa pausa] e dormir. Voltar aqui amanhã.”. A prosódia aplicada nos dois verbos é muito esclarecedora: ascendente e, depois, uma queda, desolada. Um longo silêncio se produz. Eu: “Estou aqui, escutando.”. Ele: “Onde você mora?”. Respondo: “No centro. Perto da praça.”. Ele: “Sozinho?”. Eu: “Sim.”. Ele: “Faz muito tempo?”. Mantendo a cadência da economia de palavras, respondo: “Desde os 17.”. Ele: “Nossa!”, põe-se a pensar. Chegada da moto.

xxxxxxxxxxxxxxxx

9/Set/2014 – Márcia, a catadora que morava atrás do contêiner, passa por mim, olhar sério, cenho franzido. Não me cumprimenta. Faço o mesmo, respeitando-a, na possibilidade de ser uma decisão sua. Por outro lado, penso: deve estar tão acostumada a ser ignorada, que segue pela rua totalmente desligada do entorno. A uns 4-5 passos atrás de mim, ouço: “Oie!”. Volto e a cumprimento. Ao regressar da padaria, encontro-a com Tiago no mesmo lugar. Comenta sobre os últimos acontecimentos: “É, a gente ficou muito magoada com o Alessandro. Ele nem respeitou a morte da mãe da Tiago. No dia depois do enterro, disse que a gente tinha que sair dali naquela hora, que a Prefeitura estava atormentando ele. Tudo mentira! Ele tem problema sanitário com o depósito dele. A gente foi falar com a Assistência e eles disseram que não tinha nada contra a gente...”. Estão morando na rua: “A Tiago toma banho numa praça aqui perto. A gente foi pra uma casa abandonada na [bairro], mas ia ter que sair de lá, também. Eles [Assistência Social] querem que a gente vai pro albergue, mas [repete as críticas feitas outras vezes].”. Queixa-se que não consegue dormir na rua: muito barulho, além do perigo. Prossegue: “Agora abriu uma casa – POP –, acho, pra morador de rua tomar banho. A gente vai ver lá...”. Enquanto me afasto, já a cerca de 4 metros de distância, Tiago começa a

falar: “Quando eu encontrar você aqui no centro, vou parar pra conversar com você. Tem muita coisa acontecendo.”. Giro o corpo para escutá-la, passo a mão no peito, em sinal de gesto. Ela responde: “É isso mesmo: muita angústia.”. Respondo: “Okay. Procura por mim aqui, ou lá, naquele horário. Podemos combinar alguns encontros.”.

XXXXXXXXXX

10/Set/2014 – “O PESQUISADOR TAMBÉM SONHA” –

Em uma espécie de centro cultural de país de primeiro mundo, na área de convivência (que também dá a impressão de tratar-se de um *shopping center*), avisto alguns senhores e senhoras conhecidos, arrojados, tanto em seus modos como no vestir. Após breve conversa, a cena se desloca. Estou sozinho em uma pequena sala a mim concedida. Um escritório. Observo o descuido com sua manutenção: por que este espaço não é melhor cuidado?, reflito. Encontro o envelope-saco que sei estar sob minha responsabilidade. Não há tempo suficiente para uma avaliação detalhada; mas, ainda assim, é possível fazer as primeiras observações. A reunião acontecerá em breve. De repente, pessoas do alto escalão de uma multinacional e um grupo de crianças compõem o espaço. É preciso que minha exposição seja feita em francês. Procuro, com meus reduzidos recursos no idioma, elementos suficientes para veicular a mensagem e ser convincente, de modo a obter a aprovação do trabalho. Começo apontando as condições da sala. Em seguida, mostro o envelope que tenho em mãos: amassado, rasgado nas laterais, marrom de poeira, pelo descaso. Primeiro, apresento o nome do remetente do espesso Relatório – Joel Kongo – e sigo para o destinatário – Pour le Puissant Jury d'Examen – À Poderosa Banca Examinadora. (À medida que escrevo, penso quão kafkiano este sonho chega a ser.) Na exposição, chamo a atenção da Banca para a ainda existente relação colonizador-colonizado, resultante do “imperialismo francês”, e menciono a semelhança entre os significantes *puissant*, *puissance* e *pussière*: poderoso, poder e pó/poeira, a fim de frisar a forte relação entre eles e o trabalho que reflete sobre o abandono em relação àquelas pessoas. A exposição deve ter atingido seu objetivo, pois, na sequência, várias crianças estão comigo em uma biblioteca mal iluminada, apertada. Prateleiras com livros e documentos até o teto. As condições do local são as mesmas: poeira e mais poeira. A tarefa lhes é transferida: a incumbência de reencontrar o envelope de Joel Kongo, “*cache*” (escondido), e desvendar seu conteúdo. Envolvimento conduzido em meio a recuos e aproximações: afastam-se para jogar futebol, retornam, alguns sempre permanecem. Enquanto isso, separo alguns cadernos, sem dar explicações, apenas os mais visíveis, a fim de estruturar uma aula a ser proferida à noite, na universidade. Há em mim a preocupação de desistirem da tarefa, embora não a demonstre. Mantenho-me em movimento, mexo em alguns livros, me comunico por meio de poucas palavras; mostras de que estou com eles. Na quarta cena, converso com um francês, supostamente um maestro ou mestre de cerimônia. Ele se afasta, para se preparar. Não sei ainda se lograram encontrar o material para a exposição que vão realizar. À procura do grupo, abro uma porta e, de relance, flagro, pela fresta, o mestre, que acaba de se vestir. Dentro do próprio sonhar, uma instância crítica associa a cena vista no sonho aos atos exibicionistas de um dos catadores que, de fato, atendo, na vida em vigília; restos diurnos de sua construção, penso no sonho. Continuo a busca. Em um vestiário iluminado indiretamente pela luz do sol, constato que as crianças são, agora, adultos. Com sorrisos, informam ter encontrado o envelope – imprescindível – para a exposição na Academia. Seu conteúdo? Desperto, antes da apresentação do grupo. Artimanhas do inconsciente! Acordar para continuar sonhando... Sorrindo, olhos semicerrados, consciência ainda torpe, um pensamento me atravessa: transeunte das entrelinhas de mim. Obediente a esse tirano, resta levantar e descrever isto, que, por ironia, já nasce batizado.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

12/Set/2014 – 17:10–19:50h – (Luís, Fernando, Antônio, Valter, Ademar, Gabriel) – Volume de trabalho ainda grande, apesar do horário já avançado. Luís sorri com satisfação. Estende-me a mão e surpreende com um abraço. Seu irmão, alguns funcionários e catadores-ajudantes saíram de caminhão. Antônio, assim que me vê, diz para Valter, mais afastado, ao fundo do barracão: “Olha o doutor aí.”. Valter acena e, por meio de gestos, lambendo seus dedos, diz para o colega que é sua oportunidade de fazer o exame de toque retal. “Você gosta, faz o exame.”, completa. Antônio sorri e menciona também o “exame de sangue”, referência ao PSA, o que dá mostras de certo conhecimento a respeito. Só complemento o assunto iniciado do aparente nada: “Sim, com a idade é preciso observar isso também.”. Voltam a trabalhar. Gabriel suspende sua tarefa na prensa. Posiciona-se ao meu lado, olha para fora, comenta que está agora com uma bicicleta motorizada e com uma motocicleta. Fico olhando para aquele rapaz em périplo de aquisições em série. “Fiz negócio com o carro. Vou tirar carta de moto no ano que vem. A moto fica guardada lá em casa.”, comenta. Após um tempo em silêncio, respira fundo, pergunta pelas horas e volta a trabalhar. Ademar cumprimenta, mas não para com a atividade. Vez ou outra, noto os relances de olhar que emite. Nada diz.

- Passo algum tempo na calçada. No terreno baldio, Marcos e Rubens (carrinheiros) organizam em bags o material por eles coletado, para posterior pesagem. Aos poucos, Marcos, o catador com grave ferimento em um dos pés, junta-se à fila perto da balança. Quatro *bags* estourando de coisas. No deslocamento, terra do terreno levanta um poeirão que nos atinge, devido à estiagem e ao vento. Pelos movimentos e feição de Marcos, é notório seu estado de perturbação. Passa por mim várias vezes e sequer emite cumprimento. Um caminhão da coleta municipal para e dois funcionários descem com 3 sacos de material reciclável, para negociar com Luís. Estranha esta atitude de fazer renda extra durante o expediente, com material que deveria ter destino certo: a cooperativa de reciclagem local. Quando Marcos nota que cortaram fila, por 3 vezes protesta em som perfeitamente audível. Está a menos de 2 metros dos garis, dizendo que é sua vez, que está há bastante tempo ali, esperando. Observo como os funcionários da Prefeitura ignoram por completo a existência de Marcos. É escandalosa a indiferença em seus semblantes, como se o catador não existisse. Uma mosca seria passível de ocasionar neles algum incômodo, atestando presença. Marcos entende a mensagem, evidentemente. Só então, olha longamente para mim, como constatação de ser eu testemunha daquela humilhação. Digo: “Quer conversar sobre *isso*, Marcos?”, procurando, pelo uso nebuloso do demonstrativo, causar abertura para o indefinido no sujeito.

- Junto ao seu “carrinho” (mais para o tamanho de uma carroça movida à tração humana), Marcos comenta que é sua “segunda viagem” no dia: “Ainda preciso voltar pra trabalhar.”. Enquanto fala, alimenta seu cão com uma salsicha e pedaços de pão. Relata sobre os cuidados com os vários animais abandonados que “pega pra criar”, a “operação de castração” realizada no cão que está hoje com ele: “Ele só tem 1 ano e olha o tamanho dele! [...] Agora, castrado, não levanta a perna nem pra mijar. Parece mulher, pra mijar.”. Ao dizê-lo, meu pensamento me leva para a passividade frente à humilhação que acaba de sofrer, certamente, não um caso isolado. Prossegue: “Fiz isso por causa do perigo de atacar alguém na rua, mesmo assim, acorrentado, no carrinho.”.

- “Nota-se que você cuida bem dos cães. E você?”, observo com suavidade. Surpreso, senta-se sobre uma das rodas do carrinho. Pensa, aponta para o céu: “Deus cuida.”. Levanta-se, de súbito, e vai em direção a Luís. Ao retornar, pergunta se quero “adotar um de seus animais”. Sinto a força do significativo, mas não sei o que fazer: ater-me ao aspecto referencial da

linguagem ou tomar isto como demanda do sujeito, abertura para a fala? Disponho de apenas uma fração do tempo. Marcos é muito perspicaz e desafiador. Não posso hesitar, preciso ser rápido. Tento um modo que possa abrir para ambos os campos: “Diz o que você precisa. Tenho outras contribuições a fazer. Vamos vendo.”. Ufa!, penso; será que foi? Marcos parece me avaliar através de seus olhos azuis. Silêncio meio longo. Explica sobre uma ração e um remédio para verminose, além da loja onde podem ser encontrados.

- Vou até Luís emprestar uma caneta e pedaço de papel para tomar nota; que se mostra alegre por prestar esse auxílio. Inclusive me autoriza a abrir seu caderno de finanças (!) e retirar uma folha. Tento um sorriso para o casal cuja esposa jamais me cumprimenta. Sem os tradicionais olhos escuros, desta vez posso ver bem seu semblante sério e o olhar de desprezo que dirige.

- Marcos discorre sobre haver pessoas ruins no mundo e sobre a fidelidade dos animais: “Tenho uma poodle que olha nos seus olhos [e neles reconhece bondade ou não] e não deixa você entrar na minha casa [pausa] a menos que você seja convidado.”. Nesse meio tempo, seu cão me cheira dos pés à cintura. Luís o chama. Quando retorna, mostra uma nota de R\$20: “É a segunda carga de hoje.” Pergunto se não vai para casa descansar. Sua curta resposta leva-me a associar ao Obispo do Rosário e o imperativo do Outro para que produza incessantemente; o que me alerta para o modo de escuta e de lidar com este sujeito. Marcos: “Tenho uma promessa pra Aparecida do Norte, que pago aqui mesmo.”. Conversa com o cachorro em uma língua desconhecida, inventada, parece-me, embora me soe como croata, búlgaro, chinês... Pergunto: “Que língua é essa?”. Ele: “Não sei, mas ele [cão] entende.”, sorri. Comento, referindo-me ao comportamento exibido pelo animal: “Dá pra perceber.”. Ele se afasta e volta com um galão de água: “Só tenho esse galão pra abastecer de água minha casa.”. Ouso um pouco: “Você quer falar alguma coisa sobre essa promessa sua?”. Ele: “Não é minha. É da minha mãe. Eu era uma criança bem fraquinha. Tinha cabelo comprido, *encacheado*. Minha mãe fez a promessa e eu sobrevivi. Mas ela morreu quando eu tinha quatro anos.”. A mãe fez uma cirurgia “e o médico costurou ela só por fora.”. Um ano mais tarde, pelas estradas difíceis do Mato Grosso, a partir de relatos dos irmãos, os pontos cirúrgicos cederam. “A barriga abriu assim, ó. [gesto] Ela, mesmo assim, pegou uma blusa, colocou tudo pra dentro e amarrou. Foi internada, mas morreu.”. Quebrando o silêncio que se produz, digo: “Ela foi de muita coragem, muita luta, hein?”. Com sua cabeça apoiada na barra de metal da carroça, em pé, do lado de dentro, posição de quando transporta material, imagem emblemática, literal, de alguém preso às representações dos significantes-mestres que carrega consigo, Marcos cai em pranto. Aos poucos, revela ser protegido por um anjo bom que o protege contra pessoas más, que se aproximam para que ele consuma “substâncias”, e também daquelas que “rejeitam as pessoas como se não fossem nada.”. Prossegue: “Só pode chamar Deus de Pai quem consegue tratar o outro como irmão. Só pode dizer comunidade quem consegue viver em união. Só pode...”. E evoca uma terceira condição, deixando-a incompleta, para que eu adivinhe. Peço que repita as anteriores, mas ele se irrita. Comento: “Veja o quanto de barulho tem ao nosso redor.”. Mesmo assim, repito quase que literalmente os dois primeiros enunciados. “Não me lembro do restante, Marcos. Você poderia repetir.”. Ele: “Não! Ninguém consegue completar. Então, você não é psicólogo?! Você devia saber!”. Respondo, com tranquilidade: “Sou psicólogo mas não sou adivinho, Marcos.”. Ele protesta, reafirmando minha incompetência, assim como a das “outras pessoas”. Apenas respondo, com tranquilidade, antes de me resguardar no silêncio, supondo ser o fim daquela abertura: “Para que aquilo que você tem dentro de você fique mais claro – não só pra mim, *mas pra você também* –, é preciso que você fale.”. O silêncio que se faz é longo. Olho para ele, em seguida, para o chão, fixamente; não me movo. Por fim, retoma o uso da palavra, agora calmíssimo: “Essa frase, encontrei numa camiseta, no lixo, suja de *merda* [frisa; mantenho-me impassível], toda rasgada. No final

dizia: ‘Jesus te ama. Eu preciso de Ti.’. Peguei ela e pedi pra um amigo escrever com cauterizador [cautério] num pedaço de madeira. Está lá em casa. Quando falo, ninguém consegue completar.”. Neste contato, percebo outra vez quão difícil não tomar no campo do eixo especular, de confronto, as investidas contra a figura do mestre. De qualquer modo, tento contornar o desconforto. Talvez um misto de irritação também esteja na geração da bifurcação que pretendo realizar ao dizer (Incrível como tudo isto é apercebido no calor da situação! Quantos de nós atuam simultaneamente...): “E, mesmo no caso de um enunciado completo – Eu preciso de Ti, por exemplo –, será que se resolve tudo? Será que o que aquilo que o outro tem pra oferecer nos basta? Será que é o que a gente quer?”. Ele interrompe, expressa que “os outros só têm coisa ruim pra oferecer”. Retomo, com muita suavidade: “Há muitas outras ofertas, Marcos. Mas, será que estas ofertas nos bastam? *Será que a gente consegue aceitar as ofertas?*”. Neste instante, seu olhar se desloca de mim. Parece que algo tem ali ressonância. Após algum silêncio, revela: “Eu deixei uma casa de quase R\$400 mil pra minha mulher e os filhos dela [3 ou 4 crianças]. Eram meus enteados, mas eu criei eles *como filhos, mesmo*. Já tenho dois netos. Quando cheguei em casa, peguei ela dando o cu pra outro homem. Ele, eu matei; ela, aleijei.”. Repete, chora, passa a mão no rosto molhado de lágrimas. Pede licença, dá alguns passos, assoa o nariz na calçada e retorna: “Desde criança eu nunca soube o que é alegria. Tenho 48 anos. Você me vê brincando, mas é [toca na garganta e afasta a mão abrindo-a no ar, em gesto lento] da boca pra fora.”.

- Acabam de fechar o depósito. Luís termina de lhe pagar. Com os demais agrupando-se próximos a mim, pergunto-lhe: “Quer ficar para o atendimento em grupo?”. Faço-o para reiterar o propósito da oferta, justificar minha presença ali (para ele e para os demais, que sempre estão atentos); embora imagine que vá dizer não. Marcos alega ter de trabalhar. Sai de dentro do barrado de ferro. Veste a camiseta antes de estender a mão e me abraçar, em despedida. “Você vem sexta-feira que vem?”, pergunta.

- Ademar, Fernando (filho de Luís) e Antônio sentam-se sobre uma viga de ferro rente à rampa. Luís encosta-se contra a barra de apoio, próximo a mim. Antônio mostra alguns cds encontrados no descarte. Explica para Ademar, com propriedade, que é possível armazenar centenas, milhares até, de músicas em um celular. Neste momento, Luís faz as últimas tentativas para localizar o irmão e os demais que haviam saído de caminhão: “Não adianta. Ele desligou o celular. Não vai voltar hoje.”. Fernando faz repetidas vezes “um mortal”, salto que termina com o apoio de apenas uma das mãos no solo, de cabeça para baixo. Ademar ironiza: “Isso porque você é novo. Com a idade, é mortal mesmo.”. Todos riem. Luís explica sobre a capoeira de Angola e outro tipo, a “geral”. Diz que perdeu a destreza, mas que tem consigo todas as sequências. Prossegue: “É só chegar um engraçadinho que dá pra fazer assim, assim, assim [gestos]. Quando ele vê, tá no chão.”.

- Da rua, uma mulher lhe pergunta algo e vai embora. Noto ser a mesma que com ele conversava na ocasião de minha chegada. “Sua esposa?”, pergunto. Ele: “Essa não. Essa é do clube da tentação.”.

- Em seguida, conversam sobre filmes de ação, de lutas. Antônio detalha a narrativa de vários filmes, alguns conhecidos pelos colegas. Onde os assiste?, penso rapidamente. Fernando passa a executar mais passos de capoeira. Não me dirige a palavra, mas observa, certificando-se se estou olhando. Às vezes para e diz: “Vamo embora, pai! Tenho ainda que cortar o cabelo.”. Luís segue adiando a partida. Noto que deseja falar mais.

- Amadeu, sentado, meio afastado, diz algo a Fernando. Este traz a informação para seu pai. Ouço Luís exclamar: “E tem *filho*?! Que nome é esse pra quem deixa o pai assim, na rua?”. Falam sobre Amadeu, que parece conversar com suas duas filhas, de São Paulo. Luís continua: “Amadeu almoça muito bem na casa de um irmão.”. O senhor idoso diz que não precisa de jantar. Tento sido expulso do terreno ao lado, “Está numa casinha abandonada ali, ó.”, diz Luís. Ouço fragmentos sobre Amadeu ter um “colchão Castor”. Luís ri da ironia, um colchão molhado, quando a chuva vem. A partir do significante colchão Castor, enquanto os demais conversam sobre outros assuntos e Fernando pratica capoeira em frente a nós (estreita área, seus pés passando raspando por minha cabeça), logo após a partida da mulher (significante “clube da tentação”), Luís como em um eco, rememora: “Dorme num colchão Castor, pode acordar com um pesadelo.”. Repete-se, sério. Mas observo uma sutil contração no canto direito de seus lábios; o que me permite supor que ali se insinua um deslizamento significativo e produção de um chiste: de colchão para coxão. Seria adequado este tipo de suposição a um trabalhador munido pela psicanálise, pergunto a mim mesmo, no momento em que tudo acontece. Faço-me de tolo: “Como assim, Luís?”. Ele: “Ué, dorme com um *coxão* [acrescenta gesto amplo referente à figura feminina] e acorda com um pesadelo na sua vida!”. Eu: “Ah, fala um pouco sobre isso.”. Luís olha para o chão: “Eu ando muito *irritado*.”, diz com ênfase. Acomoda o corpo sobre o corrimão da rampa, ao meu lado: “Minha casa só tem 3 cômodos. Agora tem meus 3 filhos morando lá... Não tem privacidade pra ficar com minha esposa. Ela fala pra passar a chave na porta, mas a gente sabe o que eles [filhos e amigos destes] ficam fazendo: escutando qualquer barulho.”.

- Luís é interrompido pelo filho, que estende uma de suas mãos e mostra sua recente tatuagem na região do metacarpo: “Ó, pai. Uma letra em cada dedo. Escrito ‘Deus’.”. Vejo aquele enorme rapaz; ao mesmo tempo, dentro de si, as demandas de um menino. O pai sugere que passe pomada. Traços dos lugares simbólicos que determinam como se relacionam. Em seguida, partem.

- Antônio e Ademar continuam sentados no chão, sobre a viga. Antônio expõe, entre admirado e emocionado consigo mesmo, as variadas experiências como capataz em fazendas no Mato Grosso: “Eu só tinha 14 anos e ficava sozinho 30-40 dias. Se uma cobra picasse – e tinha muita cobra! – eu morria ali, sem socorro.”. Eu: “E como você aguentou isso, Antônio?”. Sua resposta, imediata: “Eu gostava dessa vida.” Relatos vários sobre sua destreza com o laço, os fatos engraçados vividos com o filho do proprietário, portador de síndrome de Down. Uma jóia emerge: “Eu sempre fui estepe.”, pensativo, passando a mão na testa. Quando repito o enunciado, parece dar-se conta de algo.

- Tenho um sobressalto. Estou de costas para a rua. É noite. Estamos praticamente na penumbra; com postes de iluminação afastados do galpão. Uma voz forte, próxima ao meu ombro, nos interrompe. Um jovem estacionou seu carro e oferece um edredom: “Está lavado e em boas condições”, diz. Antônio agradece pela oferta e some para detrás do contêiner, no terreno baldio. Horas antes, arrastava uma mala jumbo para fora do depósito. Neste intervalo, silêncio entre mim e Ademar. Ele levanta os olhos, sorrindo: “Ela veio aqui esta semana. Passou pra falar oi. Está bem! Tá com muleta, mas tá andando.”. Pergunto: “E você, como está, Ademar?”. Ele: Tô bem, com saúde pra trabalhar, pra continuar.”.

- Antônio retorna. Possivelmente movidos pelo ato de solidariedade que acabam de vivenciar, ele e o colega mencionam os atos de traição entre os próprios catadores. Exemplo: “Sabe o [nome]? Ele roubou tudo do colega que acolheu ele, doente, em casa. Até dois botijões de gás ele vendeu por R\$20.”. Comentam sobre Marcos, o catador que ali estivera: “Sabe aquele

cara? Aquele cara é *um tormento* aqui no depósito!", enfatizam. "Você precisa ver ele aqui logo de manhã.". Mantenho-me em silêncio. Antônio, após uma pausa: "Você conhece a Dra. [nome], psiquiatra? [pergunta feita em cerca de 3 ocasiões]". Eu: "Sim. Ela voltou para o [cidade], certo?". Antônio cita 2 outros médicos e revela estar se tratando com um deles no "Saúde Mental". Comento: "Tem também uma equipe de psiquiatras e psicólogos lá no Caps, viu, Antônio? Se alguém perguntar pra você...". Interrompo. Observo a chegada do mototaxi. Eles: "Até semana que vem. Sua moto chegou.". Enquanto me acomodo, sorrio, pensando nos diferentes cortes produzidos o tempo todo por diferentes agentes, nestes vários meses de atendimento; providenciais, alguns deles.

- No caminho, em meio às minhas reflexões, passa pela mente a relação dos catadores com seus animais. Não poderia ser este mais um ponto pelo qual as equipes de saúde e da Assistência poderiam tentar uma aproximação? O fluxo é interrompido. O *motoboy* se queixa de como "os passageiros têm nojo de se encostar" nele. Sua revolta é exemplificada: "Outro dia uma menina que trabalha aí numa loja no centro, que ganha uns R\$900, no máximo. Eu disse pra ela: "Ih, menina, eu ganho três vezes mais o que você ganha – isso num mês, viu? E você, aí, com essa frescura.". Motoristas acelerados, buzinas, policiais e pedestres ao redor. "Minha nossa!, quanto sofrimento fervilhando nestas cabeças, neste espaço social.", reflito, enquanto atravesso a rua.

XXXXXXXXXX

19/Set/2014 – 17:10 – 19:20h – Desta vez, um volume grande de carcaças de máquinas de lavar roupa e tanquinhos apinham no local. Pilhas delas. Há também outras três pilhas de pára-choques, pára-lamas, painéis de veículos atingindo quase o teto do galpão. Sempre que há uma trégua na atividade, Fernando realiza movimentos de capoeira e discretamente olha em minha direção.

- Gabriel e Fernando se aproximam. Perguntam pelo horário: 17:30. Começam a desacelerar o ritmo. Comentam sobre o festival de motocicletas da semana anterior. Em seguida, os jovens relatam sobre as constantes revistas policiais a que são submetidos. São jovens que frequentam as avenidas disputadas pelos bares e carros "mais chiques" da cidade, além do estacionamento do Mc Donald's, que é frequentado por todos os estratos sociais. Fernando conta para Gabriel sobre a revista da semana anterior: "Eu e meus colegas, a gente estava voltando do estacionamento do Mc Donald's . Tem que ver o jeito que eles tratam a gente. Dão soco, tapa. Pra mim, perguntaram onde eu moro. Ainda bem que os colegas já tinham falado o nome da vila, que é o mesmo. Fiquei tão nervoso, que tinha esquecido! Mas também falei que sou de [outra cidade], da vila [...]. Aí, eles perguntaram: 'Ah, então você é lá da favela...?'. Nossa, meu!, me revistaram com tanta força que arrebitou o cinto da minha calça.". Fernando elenca uma série de perguntas e as reações às respostas dos rapazes, que apreendo como um modo de desestabilizar o cidadão, para justificar, assim, o desencadeamento da violência do policial. Sobre uma de suas tatuagens, que toma todo o antebraço: "Que é esse palhaço aí no seu braço?". Sua resposta: "Eu fiz ela quando era muito pequeno, não entendia as coisas direito.". Em retrospectiva, expressa também seu ressentimento, vontade de revide. Considero oportuno intervir: "Numa hora como essa, Fernando, talvez seja melhor, mesmo, a destreza da sabedoria do que a destreza física. Cuidado.". Agora, momento em que escrevo, percebo quão pouco os rapazes conversam no trabalho. Minha presença ali, para o atendimento, parece ser um dos escassos momentos propiciadores de contato.

- Luís se mostra muito cansado. Boceja, se espreguiça. Pouco antes de descer as portas, senta-se sobre um baú de ferro e desabafa: “A gente tenta trabalhar e os outros ficam que nem capetinha pra destruir o trabalho da gente.”. Explica: “A Prefeitura quer fechar o depósito, mas não faz nada pra ajudar a gente arrumar outro lugar. Olha para o interior do galpão: “Vixe! Só de olhar pra esse montão de coisa dá até desânimo.”. Repito o último significante. Semblante intrigado, volta-se para o lado oposto: “Puxa, tá tudo em ordem aqui. Banheiro tudo limpinho, tudo que eles pedem a gente faz. Dá até vontade de chamar a TV-Tem.”. Olho ao redor. Fiação exposta, de calibre fino, possivelmente inferior à amperagem necessária para operar com máquinas que demandam muita energia; calçadas esburacadas, devido ao peso dos veículos que sobre ela estacionam e ao deslocamento de guindaste, de sucata de ferro; o limbo no piso do depósito; o não uso de equipamento de proteção individual... Após o dito, Luís parece dar-se conta do contrassenso, do que significaria expor à Tv as instalações, tal como se encontram. Avalio a dificuldade que estão tendo para movimentar-se na direção de um outro modo operacional, o deslocamento subjetivo que tal empreita também exige, a relutância frente aos desdobramentos que as “alterações” trazem consigo, inclusive a temida perda de poder: aspectos para além da mera logística que se lhes apresentam – quando o fazem –, julgando ser tudo de simples resolubilidade. Permaneço calado, na aposta de que o sujeito trabalhe. Luís aponta para o caminhão do depósito, sobrecarregado com estofamento automotivo: “Hoje a gente foi no lixão. Não deixam mais a gente jogar essas coisas lá. Tirar essas capas, mexer com a espuma, dá uma trabalhadeira daquelas e não dá lucro.”. Penso em como nosso país vai implementar, efetivamente, uma política de reciclagem que de fato leve em conta o meio ambiente dentro da frenética produção de lixo, dentro do modo de produção capitalista, coadunando o elemento lucratividade, que também perpassa o trabalho daqueles com ela envolvidos. Luís faz um comentário que ilustra a interpretação persecutória que às vezes se segue, quando é exigido algo para o qual o sujeito ainda não está pronto. Arrisco, não sei como pode ser sua recepção: “É, Luís, trabalhar com resíduos sólidos daqui para a frente precisa de uma outra lógica.”. Há um silêncio; Fernando e Gabriel aparecem com o cartaz de um evento. Luís: “Tá vendo essa firma aqui? [patrocinador do evento] O posto que eu trabalhei é dessa rede. Tom saudosista. Repete sobre quão boas eram as gorjetas, sobre o almoço no restaurante próximo: rodízio de churrasco. “Depois, eles passaram a dar *ticket* refeição que a gente gastava no supermercado, na hora do almoço.”. Aparentemente, meu comentário estava perdido. Engano meu. Escutá-lo sem pressa permite a possível volta de algo que paira no ar: as dificuldades frente às exigências de trabalhos cada vez mais detalhados, de se aceitar mudanças nos processos de trabalho: “Era um tal da gente ter que ler um monte de manual de segurança, disso, daquilo. De ter que pôr o produto novo atrás e passar os mais antigos pra frente, na prateleira; de deixar o extintor deitado, pra mostrar que já foi usado. A gente tinha que ficar no quatinho lendo todas essas coisas...”. Novo silêncio. Queixa-se da equipe: “Dois, três juntos, não fazem o serviço de um. Perguntam se tem material pra separar. Tá aí, na cara deles!”. Levanta-se, alonga-se, boceja.

- Rafael se aproxima. Olha para mim e sobe na balança para pesar-se. Diz seu peso, olhando para mim: “Cinquenta e um quilos. Tá bom.”. Ambos se juntam para remover a balança e outros *bags* para dentro. Sentam-se, uns sete deles. O pai dos proprietários conversa um pouco, antes de se dirigir para a cabine do caminhão. Aparentemente, referindo-se à chuva, que ainda não vem: “A gente precisa saber esperar. Às vezes, o que Deus quer não é aquilo que a gente espera. Ele sabe o que é melhor.”. Proponho que nos aproximemos mais do grupo que se forma. Responde: “Eu vou pro caminhão. O meu outro *menino* [Alessandro] é que gosta mais de conversar. Ele não veio a semana inteira. Tá doente, fez exame médico. Acho que agora é só com especialista mesmo.”. Nada havia sido comentado sobre o estado de saúde

de Alessandro até então. Mal Valter se despede, avisto o senhor idoso em direção ao caminhão, a cerca de 20 metros de distância.

- 18:30h – Luís, Fernando e Rafael partem com José Elias. Ao sair, repete sua queixa: “A gente trabalha tanto e tem uns capetinhas que quer o oco da gente, só prejudicar.”. Gabriel e Valter também se foram, de bicicleta.

- Ademar pergunta: “Você já vai embora?”. Somos os únicos ali. Respondo-lhe, sob a escuta do “já vai?” em seu enunciado: “Temos um tempo ainda, se você quiser falar.”. Os próximos 40 minutos terão longos períodos de silêncio. Entendo como adequado respeitar o tempo de Ademar: muito calado, enunciados entrecortados, pausados, entre um e outro cigarro confeccionado com pedaços de folha de caderno, meticulosamente fragmentadas, e pequenos tragos de pinga. Olhares para o movimento na rua, às vezes para mim, ao seu lado. “E aí, Ademar?”, pergunto. Ele: “Tô bem, sossegado.”. “O que você tem pensado?”. Ele: “Eu? Nada. Tô sossegado. [longa pausa] Pra que adianta pensar muito nas coisas. O [importante] é que estou com saúde, conseguindo lutar com a vida.”. Repito: “Lutar *com* a vida.”, na expectativa de talvez emergirem outros sentidos. Ele: “É. É isso mesmo. Faço o meu trabalho. Tá bom.”. Mas não consigo confiar nesse “tá bom”, silenciador de fala, em Ademar. “O que você vai fazer hoje?” Ele: “Eu?”. Com frequência, utiliza-se do pronome na primeira pessoa em tom de pergunta. Vejo nisto alto valor significante, como se raramente sua pessoa tenha sido levada em conta (Eu? Falando comigo?), ou um modo sorrateiro do sujeito fazer-se de morto-vivo; ou ambas as possibilidades, sei lá, dentre tantas outras. Ademar continua: “Eu vou *me lavar* [expressão que jamais altera para referir-se ao seu banho], assistir o Jornal Nacional e dormir. Amanhã, volto pra cá.”. Noto que o tom da voz torna-se melancólico aos poucos, ao se aproximar do final do enunciado. Como em um deslize, profere o significante “difícil” junto ao verbo voltar. É conhecido seu hábito de dormir na rua, bêbado; o desconforto, talvez, de encontrar-se consigo apenas, em casa. Pergunto: “É difícil voltar pra lá?”. Ele recua, negando imediatamente. Após longa pausa, comenta sobre Rogéria, companheira por mais de seis anos, que o deixou: “A Rogéria foi lá em casa semana passada. Ficou lá no sábado. [Outra longa pausa] “No que você está pensando agora, Ademar? Dá pra falar? Estou escutando.” Mais uma longa pausa se produz, interrompida, às vezes, para cumprimentar algum passante, recuperação de sua *persona* mais sociável. Olho para o espaço de 60 cm que nos separa e o silêncio persistente. Jogo com a polissemia: “Tá distante, Ademar?”. Ele: “É que você não fuma. Não gosto que a fumaça incomode os outros. Ademar diz algo sobre fumante passivo. Pergunta se bebo. Respondo que meu organismo “pede moderação”. Sorri. Faz outra pausa. Prossegue. Diz: “Meu velho não fumava; mas tinha um *defeito*, uma *fraqueza* dele [Ademar frisa estas palavras, mas demonstra acanhamento, com inclusive alteração facial durante a pausa. Noto seu esforço em adquirir coragem para ousar enunciar algo deste tipo sobre o pai]: ele gostava de baralho.”. Ao recuperar uma fala sobre o pai, reflito se talvez aqui, neste momento, ressonâncias do “tá distante?”, estejam sendo atualizadas. Entretanto, não consegue ir além da discreta crítica. Motivo que seria explicitado na sequência.

- Outra longa pausa. Pergunto sua idade: 56. Olha para o horizonte: “Fiquei com meu velho, meu pai, até o *último momento* dele. [Escuto a fineza dele ao escolher este significante] Estava com ele quando deu o último suspiro. Diabete.” Cala-se. Eu: “Experiência difícil, né?” Ele: “É. Minha mãe morreu um pouco antes. Cuidei dela também. Fui um filho que sempre procurou respeitar os pais. Hoje é muito pior, tem o problema das drogas. Graças a Deus eu nunca entrei nessa.”.

- Rubens desce a rua, com seu carrinho, e dirige-se para o terreno baldio. No ensejo do que acaba de enunciar sobre “fraquezas”, digo: “Ele está numa fase de muito consumo/consumido, não?”. Ademar: “É, e esses caras [catadores, carrinheiros] ganham bem, por dia.”. Eu: “Quanto, Ademar? Uns quinze, vinte?”, insinuando cuidado em tocar no assunto, pois, em outras ocasiões, mostraram-se desconfortáveis, invadidos. Ele: “Não! Sessenta! Até mais, às vezes.”.

- Dado o longo silêncio, pergunto sobre o contêiner, que agora não está mais lá: “Falaram que era pra tirar ele daqui. Foi devolvido pro dono.”. Levanto-me. Vou até o terreno e encontro Rubens dormindo dentro do seu carrinho, em meio a descartáveis, coberto com um saco. Regresso e comento o fato com Ademar, que diz, inconformado: “Você acredita que ele tem família, mãe, irmãos, *tudo aqui perto* e vive *desse jeito*, dorme assim?!”. Rubens reaparece na frente do depósito. Minha moto encosta. “Ademar, estou à disposição para o trabalho no grupo.”. Com a aproximação de Rubens, relanço o convite para uma escuta transferencial: “Rubens, outro dia [embora isto tenha ocorrido há meses] você expressou interesse em participar do grupo psicoterapêutico. Estamos aí.”.

xxxxxxxxxx

26/Setembro/2014 – Atendimento cancelado, devido a um forte temporal que se formou no horário do atendimento. Deixei-lhes a opção de reagendar para o início da semana, mas isto não ocorreu.

xxxxxxxxxxxxxxxxxx

27/Setembro/2014 – Encontro-me com Alessandro às 7 da manhã em um caixa eletrônico. Atento à operação, ouço: “Isso é um assalto.”. Mostra satisfação com o casual encontro. Como sempre, diz de forma lacônica: “Se der certo, confirmo com você pra semana que vem.”. Evita com frequência os termos “sessão”, “atendimento”, “terapia”.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

3/Outubro/2014 – 17:00–19:25h – Por um longo tempo, observo a execução de várias tarefas. Fernando e Ademar, em uma das prensas. Para Ademar, Fernando faz referência à foto de uma modelo nua, colada à prensa. Mas o faz com o olhar dirigido a mim, para que me inteire da novidade do cartaz. Ademar sorri e me dirige a palavra: “É meu cinema, minha tela de cinema.”. Voltam ao trabalho. Mais tarde, Alessandro se aproxima. Comenta sobre os mais de 10 dias em que esteve doente: “Rapaz, muita dor mesmo. Fui várias vezes pro UPA (Unidade de Pronto Atendimento). Fui também num médico particular e laboratório. Fiz tudo quanto é exame: hemograma, ultrassom, até HIV. O médico ficou bobo. Disse: ‘Pelo que estou vendo, seu baço está normal, o fígado também, o estômago.’”. Exibindo enorme prazer, prossegue, com amplitude no gesto: “Tem que ver que *figão* grande, bonito! Mas, só que ele não viu nada de errado comigo. Nem depois de ver aquele monte de folhas com tudo quanto é exame! Eles falaram que deve ser uma *doença nervosa*.”. O significante ressurgiu algumas vezes. “Ele disse: ‘Vou passar pra você um calmante só pra relaxar os nervos; nada forte pra criar dependência em você.’”. Rafael, calado, aproxima-se com uma revista de nus masculinos, encontrada no descarte. Observa uma foto ampliada, tamanho de duas páginas. Sorri para mim. Fecha imediatamente a revista diante da surpresa de Alessandro: “Que é isso?!”. Mal contém a curiosidade, apesar do discurso ora reprovador, ora brincalhão, enquanto folheia disfarçadamente o exemplar, em busca da foto perdida de sua visão. Não a encontra, dados o desconcerto, a tentativa de disfarce e a afobação enquanto fala, fala. Por

fim, desiste. Luís se aproxima e me abraça. Estão mais afetuosos hoje. Luís mostra o corte de cabelo e completa dizendo que o tingiu: “Tirar os fios brancos, um pouco.”. Alessandro revela que perdeu peso nestes dias. Enquanto gira em torno de si e fala sobre a inapetência, ergue a camiseta até o peito e desce as calças, deixando à mostra sua cueca. Comento: “É preciso tudo isso?”. Ele sorri largamente e permanece assim por mais algum tempo. Prossegue: “Fiquei muitos dias em casa. O pessoal estava perdido aqui no depósito.”. Ouso imprimir um pouco de ironia no tom: “Perdido?”. Ele, com naturalidade: “É. Sem a cabeça, o corpo não age.”. Reitera a imagem que atesta seu poder: “Eles não sabiam o que fazer”. Olho ao redor, faço um comentário para que algo mais possa emergir, se possível: “Mas, seria possível orientar por telefone?”. Depois de um extenso *pas-de-deux* discursivo, Alessandro conclui: “É, eu estava com saudade de ficar aqui, de estar com esse pessoal, de fazer o meu trabalho.”. Retoma as críticas ao poder público: “Ninguém faz nada por esse pessoal, pra ajudar. A gente tenta, mas não consegue ajudar todo mundo.”. Retoma a situação de Rafael: “Ele tá bem, com a casa que arrumei pra ele.”. Critica o fato de somente eles terem “a Prefeitura no pé”. “Os outros depósitos, eles nem vê.”. Revela detalhes nunca antes mencionados: “Aqui no depósito, a gente movimenta mais de 80-90 toneladas de reciclável por mês. Isso é mais que você pegar um quarteirão, cavar bem fundo mesmo e pôr tudo lá dentro. Mas eles não reconhecem nosso serviço pra liberar disso ir parar no lixão.”. Critica a cooperativa local: “Se [presidente da cooperativa] abrir a boca sobre desvio de verba, superfaturamento dos equipamentos que eles compram, o destino do dinheiro da venda do material, [presidente] e uns 4-5 do poder público ia tudo preso.”. Conclui, após breve pausa: “Mas isso eu já falei pra você.”.

- Retoma detalhes do adoecimento, da “doença nervosa”, e estabelece relação com os problemas do depósito, com a ameaça de fechar. Por fim, completa: “E fiquei tão nervoso naqueles dias que até conversei com você, que eu estava parado em casa e via que meu dedo tremia assim! [gesto alusivo a tremor involuntário do dedo indicador]. Repete-se. “Ah, mas mesmo com aquele tremor, *arcando de dor*, assim, ó [gesto], arranquei força *de lá fundo de mim* e fui duas vezes na Prefeitura falar com ele, pedir um prazo.” Depois, corre os olhos ao redor e lança um olhar de profundo afeto pelo ambiente: “Eu estava com saudade daqui. Isso aqui é minha vida.”.

- Estas revelações ocorrem em meio a interrupções suas para auxiliar em alguma tarefa, com trabalhadores ora aproximando-se, ora afastando-se, que inclusive contribuem com alguma palavra as frases incompletas de Alessandro. Estamos dentro do depósito, com as ruidosas máquinas em funcionamento e tudo o mais que envolve esta atividade. Sinto uma ponta de satisfação pela travessia de Alessandro no atendimento de hoje: a inicial atualização dos últimos acontecimentos em sua vida, o típico recuo à culpabilização do outro em detrimento do responsabilizar-se, a emergência de um olhar crítico para a conjuntura que envolve a reciclagem enquanto política pública (ainda que com pinceladas de vitimização e ocultação das relações de exploração dos trabalhadores), o vislumbre de uma noção ampliada de corpo (que engloba aspectos relativos aos modos de subjetivação, de como ele goza) e o despontar para uma bifurcação, produção do novo, dimensão desejante em sua relação com o Outro (“arranquei força de lá do fundo de mim” [e me posicionei, barramento do angustioso]; “saudades daqui; isso aqui é minha vida”).

- Saio do interior do depósito. Passado algum tempo, Alessandro traz sua câmera fotográfica e mostra uma sequência de fotos de outros depósitos: “Tá vendo isso? Eles colocam material em cima da calçada, na rua, até no asfalto, tá vendo?! [observo as fotos] E a gente, aqui, tem uma calçada de mais de 9 metros [profundidade]!”. Exibe sequência de fotos de pessoas do bairro subindo a ladeira com carriolas, despejando entulho no terreno ao lado. “Depois, eles

falam que é a gente que faz isso. [...] Estou registrando tudo pra poder me defender.”. Há também fotos do corredor, organizado; local de acesso a mim vedado, até o momento. Valorizo este gesto como sinalizador de sua abertura, um avanço na transferência. Mostra fotos dele com a família. Casa bem mobiliada, cômodos amplos, embora simples; paredes e piso ainda no reboco. Enternecido: “Eu estou mais perto deles agora.”. Detém-se nas fotos da família em uma escola: “Aqui é a Festa da Primavera. Se eu não fosse, sei que a minha filha ia ficar muito triste.”. De repente, deparo-me com uma sequência de fotos minhas junto aos catadores, carregando material, nos atendimentos individuais ou em grupo. “Você me fotografa quando não estou olhando?”, pergunto com tranquilidade. Ele repassa as fotos e sorri. Levanta a máquina, aproxima seu rosto do meu e faz outra foto. Olha para ela com afeto.

- Seu pai passa por nós. Alessandro comenta que o caminhão está quebrado: R\$ 3 mil o conserto. Aponta para uma Kombi adaptada com carroceria: “Tá vendo aquela perua? A gente saía pra rua, eu era moleque, catar material 16 anos atrás. Antes, a gente saía de carrocinha”. Relata sobre a vida dura e a admiração pelo pai: “Tem 76 anos e olha só pra esse homem!”. Ainda sobre a carrocinha: “Se eu fosse dar um nome pra ela, eu ia chamar ela de ‘Meu Amor’”. O tom cálido na voz e o olhar afetuoso, cheio de memórias, que lança para a perua, chegam a ser pungentes. Muito se fala sobre a restauração da perua, que têm em vista, e sobre as boas condições do motor.

- Um corte é produzido, com os rapazes trazendo o esqueleto de uma esteira de academia. Mesmo sem motor, um por um tenta forçar para que o giro da correia se produza. Divertem-se com a força empregada para tal. Aos poucos, Luís, Alessandro e Fernando alternam os movimentos para um tipo de andar e rebolar sobre a esteira; em seguida, um jocoso andar de costas, que sugere ir em direção a ser penetrado por alguém. Indiferentes aos passantes, que olham curiosos; muitos deles. São 18 horas.

- Valter está de saída. Desabafa com os colegas, mas procura certificar-se de que o escuto: “Tô muito cansado, mas graças a Deus que tenho trabalho e saúde. Quando penso que minha vida esteve pior, sem casa, agradeço a Deus.”. E parte. Gabriel desaparece rua abaixo, em uma motocicleta, sua nova aquisição. Alessandro: “Ele nem olha do lado, pra ver se vem carro antes de entrar na rua.”.

- Cilzemar, o mototaxista, está conosco. Procura por minha atenção. Respondo, em parte, à sua demanda, mas tento inseri-lo nas discussões que emergem no conjunto dos trabalhadores, à medida que se agrupam e se dispersam. Leva Fernando para casa.

- Sou novamente fotografado; agora, mediante solicitação, com vários deles. Rafael cede um espaço para que me sente entre ele e Ademar. Dado com valor significativo, a meu ver, haja visto seu modo reservado, arredo, até. Alguns se acercam em pé, mas seguem falando. Outra surpresa: o pai de Alessandro se aproxima e fala longamente. Sobre a vida difícil de antes, “com os meninos ainda pequenos”. Depois, sobre o “tempo melhorzinho”, com a perua Kombi. Luís, animado, comenta: “Lembro quando vocês me buscaram lá em [cidade], pra mudar pra cá. Eu pisei, um pouco só, no acelerador e ela respondeu que é uma beleza!”. Luís rememora uma “briga com a esposa”: Pra mim fugir dela, da polícia e de um monte de gente que queria me pegar, eu vim pra cá. Vocês foram me pegar.”. Alessandro: “Se é que eu amei alguma vez na vida, eu ia chamar ela de ‘Você é o meu amor’. Pôr isso numa placa atrás.”.

- Luís relata momentos agradáveis da juventude. “Hoje acabou tudo isso.”; se afasta. Vejo-o ao longe, deitado na terra, avaliando os freios do veículo. O pai retoma mais um pouco de sua história, suas conquistas. Alessandro, para mim: “Tá vendo como eu não estava mentindo pra você?”. Está tremendamente frio, entre 18 e 20 graus. Escurece. Seu pai explica que vai abrigar-se na cabine, está sem agasalho. Enquanto se afasta, penso no quanto se expôs, em contraposição à sua declaração na semana anterior: “Meu menino, que gosta de falar, não está aqui hoje.”.

-Comentários sobre Rafael, o fato de estar morando sozinho, longe da esposa “megera”, sobre já ter “transado com uma moça”. Ainda sentado ao meu lado, movido a perguntas que lhe faço, paralelamente às brincadeiras dos demais, com pouquíssimas palavras entrecortadas por muita tosse e sorrisos, ele fornece detalhes sobre a dimensão da casa, de já a ter alugado com mobília e itens básicos – e o fato de ser “difícil morar sozinho”. Alguns dos colegas têm frequentado a nova casa, organizado pequenos encontros. Pergunto se é a primeira vez que mora só. “Não.”, sua única resposta. Isto o leva a inquietar-se. Mexe-se, entre tosses e um sorriso tenso, levanta-se, dando por encerrado o assunto.

- Alessandro atende ao telefone. A ex-companheira de Ademar. Pede para avisar que vai ser operada naquela noite, para remoção dos pinos da perna.

- A perua encosta bem à nossa frente; o pneu, a uns 60 cm, na altura do meu rosto, sentado que estou. Sente-se o calor exalado do veículo. Alessandro se despede: “Semana que vem vou ver se dá pra fechar o depósito mais cedo e a gente *vai lá pro fundo*, no refeitório, fazer a nossa *reunião*, com mais tranquilidade. Você toma café?”. Eu: “Sim, tomo. E a oferta do grupo psicoterapêutico continua.”. Cinco marmanjos na pequena cabine. Alguém, de costas para o pára-brisa, apoiando-se no painel. Rafael, sentado no colo de Alessandro; motivo de muita brincadeira por parte de todos, inclusive dos que ficam.

- Antônio desce a rua neste momento. Expressa contentamento: “Ah, você aqui!” e acomoda-se no chão entre Amadeu, Ademar e Rubens (que transita por ali, mas não fala). Vários cães brincam ao nosso redor, às vezes me cheiram. Ademar fornece detalhes sobre o telefonema recente: “Era a Rogéria. Vai ser operada agora à noite. Essa semana ela veio aqui. O Alessandro deu um celular dele pra ela levar e telefonar pra gente, dando notícia.”. Noto que se preocupa, mas posiciona-se à distância, não pretende fazer-lhe uma visita: “Ela tem o telefone, liga pra gente.”. Gostaria de insistir no significante “ligar para” e ver onde Ademar poderia chegar, mas Antônio inicia uma narrativa sobre seu trabalho atual de “servente de pedreiro”. Entre um trago e outro de pinga, da garrafinha cedida por Ademar, expõe que, devido à tempestade que assolou a cidade na semana anterior, há muito trabalho a ser feito. Devagar, chega a revelar que o pedreiro já lhe deve R\$240,00, dos quais só pagou R\$20,00. “Muita gente vem atrás dele, cobrando. E ele sabe que, no nosso combinado, o marmitex é por minha conta.”. Com os olhos no chão, em tom baixo, introduzo um comentário: “Ter o seu trabalho valorizado, Antônio?”. Constato que Ademar acena com a cabeça, em concordância. Deslize meu, talvez: no momento em que introduzo o enunciado, estou imbuído de uma dose de preocupação quanto a Antônio viabilizar sua alimentação, já tão precária, e da noção do dinheiro como um dos elementos encarregados de converter parte do gozo gerado pelo trabalho, no contexto do nosso modo de produção. Seria isto, enquanto terapeuta, o erro de desejar pelo outro? Vixe! Pisei na bola? Diferentemente de Ademar, que parece concordar que parte do reconhecimento deve ser convertida em salário, como teria este comentário ressoado em Antônio? Não demora muito para obter uma resposta. Ele se levanta, tira a mão do bolso, estende-a: “Esta é a chave do portão da frente, esta outra, a da porta da sala da casa

em que estou dormindo, esta, a do quartinho que tem o material – azulejo, cimento.”. Começo a entender que são aquelas – as chaves – as insígnias de reconhecimento pelo seu esforço, vitais, para Antônio. Seu lugar no Outro passa sobremaneira por valores outros; o que também permite, no quadro geral do que dele tenho apreendido, refinar uma hipótese diagnóstica sobre seu modo de estruturação psíquica, importante para orientar minha escuta e posicionamento na lida com este sujeito. Lentamente, volta a sentar-se e fornece detalhes sobre o quanto os proprietários das casas em que trabalhou nos últimos dias apreciaram seu empenho. Após razoável silêncio, mirando as luzes no horizonte, em seguida voltando-se para mim, conclui: “O único acerto de conta que me interessa é com Aquele, lá de cima. Se ele [seu chefe] não me pagar, o acerto é entre ele e o de lá de cima.”. Mantenho-me tranquilo, procurando abrir espaço em mim para o que aprender com minha inapropriada colocação, contaminada pelo meu íntimo, meu deslize em deixar falar o “querer o bem” do outro, culturalmente em nós inculcado.

- Sobre a moto, volto o rosto para fazer-lhes um aceno. Vejo Amadeu engatinhando-se para o interior do seu carrinho, cobrindo-se com um saco plástico. Um pensamento me atravessa: “Quem disse que *unicamente* a fome do estômago deve *imediatamente* ser saciada, ainda que alto siga roncando? São todas juntas, as fomes, como várias bocas estiradas, abertas para o alto, em um ninho. Um corpo é mais que o biológico.”. Lição a ser sempre lembrada, que legítima, de certo modo, a importância deste trabalho – e preparar-se para realizá-lo. No trajeto, reflito sobre a tendência apressada de muitos profissionais da área ao procurar aplacar sofrimentos das mais diversas ordens. A dificuldade em lidar melhor com seu próprio mal-estar, que lhe acomete frente a tais situações extremas, angustiosas do outro, levam-no, pondero, a precipitar-se e agir de modo prescritivo. Tentativa, muitas vezes, de *aplacar seu próprio sofrimento*. Quando não a prática do senso comum, as frequentemente desastrosas terapêuticas tipo *how to do* trazem-lhe o desânimo, como ressaca, a impotência (“nada que proponho dá certo”) e, por fim, a culpabilização do outro. Caminho mais fácil. No caso, culpabilização *do pobre*, necessitado dos serviços da rede pública, que deve curvar-se, submisso, diante o que lhe é ditado. Vejo que o trabalho com Antônio, hoje, por meio de um escorregão meu nessa picada, coloca-me na pele de um trabalhador social frequentemente atraído pelo canto da sereia das concepções teóricas que visam “o bem” do usuário. O que não autoriza negligência, sadismo, abandono. Levanta, João!

xxxxxxxxxxxxxxxx

10/Outubro/2014 – 17:00–19:20h – Pergunto a Luís por que praticamente não tenho encontrado catadores no depósito. “Não deixo eles ficarem muito tempo aqui. Mando ficar ali do lado [terreno]. Vou chamando pra pesar e falo pra não ficar embaçando aqui na frente. Nem beber pinga aqui eu deixo, mais.”. Resume as exigências da Prefeitura, seu esforço “em conscientizar o pessoal, em manter tudo mais limpo: corredor lateral, banheiros...”. Repete os elogios recebidos na última visita para inspeção: “Disseram que estamos mais organizados que muitos outros.”. Segue trabalhando: “Hoje estamos desfalcados aqui. Meu filho não veio ajudar, o Gabriel bebeu ontem, está doente e o Alessandro e o Rafael saíram de caminhão buscar material.”. No interior do depósito, apenas Ademar e Valter se alternam entre as tarefas de seleção e prensagem. Luís olha para a placa suja, desalinhada, na parede ao fundo do prédio – Padaria – e sorri meio amargo: “A minha padaria.”.

- Márcia e sua companheira, Tiago, aparecem no local. Márcia, incisiva: “Quando é que você vai arrumar uma casa pra mim e pra Tiago?”. Respondo: “Tenho certeza que você é capaz de encontrar uma solução pra isso.”. Faz muitas críticas ao serviço recém-inaugurado para

atendimento a moradores de rua [POP?]. Luís produz chistes: “Shop Pop? Chap Pop? Shop Pobre? Chupa Pop?”. Márcia continua: “Eles ajudam os marginais que ficam lá o dia inteiro, sem fazer nada e, depois, saem de noite pra roubar. [...] Eu tenho que estar lá até umas sete e meia pra tomar o café da manhã. Agora, eu durmo na rua! Só depois das duas da manhã é que a gente consegue dormir um pouco.”. Dentre outras críticas, o fato de se “ter horário pra tudo, pegar senha, fazer fila” e a “*falta de atividade pra gente ficar lá*”. Márcia expõe com admirável clareza e pertinência o que é encontrado na quase totalidade das iniciativas em âmbito nacional. E finaliza: “*Não tem nada pra gente aprender e depois tentar arrumar um emprego*. Tem muito maloqueiro lá. Prefiro ficar na rua, mesmo”. Tiago, com relação à comida, diz que prefere cozinhar a sua própria; o que imediatamente me remete a quão pouco estas pessoas são, de fato, ouvidas. Muitas apresentam enormes dificuldades, claro; mas, não estão inválidas e nem desejam uma assistência que as leve à imobilidade, à dependência absoluta do poder público, que às vezes soa como: “está aqui seu pão com manteiga, segura ele assim.”. Estão, aí, desejantes, vibrantes! Abrando meu pensar, para poder ouvir, enquanto ambas se ocupam de um pneu furado. Tiago volta a falar, com satisfação, sobre seu fogareiro, detalhes sobre a carne de panela feita por ela no dia anterior: “[...] O fogo a gente faz com pedacinho de madeira, mesmo.”. Detalha um pouco mais, mediante intervenções de Luís, incluindo-me no endereçamento com o olhar. Márcia insistentemente pede dinheiro a Luís, que emite uma negativa após a outra. Já não pede mais para mim. Finaliza: “Bom, deixa eu ir embora, então. Vou lá na minha irmã pedir dinheiro pra ela.”.

- Próximo às 18h, Oscar, cunhado de Alessandro, encosta o caminhão do depósito. Relata sua rotina: ir dormir cedo, os hábitos que se alteraram com a idade... Pergunta pela minha: “Cinquenta e três.”. Ele: “Eu tenho um pouco mais: cinquenta e oito.”. Suponho que algo se delineia no campo transferencial, a partir do imaginário. Encontrei Oscar algumas vezes ali, mas raramente vai além do cordial cumprimento.

- Alessandro relata estar “melhor”: “Perdi nove quilos, mas foi até bom. Estou me sentindo mais leve e perdi a gordura da barriga.”. Quando fala da ausência dos rapazes (Fernando e Gabriel), mostra fotos tiradas na noite anterior. Um churrasco que fizeram na casa nova de Rafael, agora separado da esposa. Exibe fotos e vídeos curtos dele, Alessandro, em cima de Gabriel, desacordado sobre um colchão, na simulação de ato sexual. Em seguida, relatos sobre ter dado banho no jovem, enfatizando o tamanho do pênis deste: “*Aquele menino...* Ele é meio rendido, bem dotado.”. Os colegas comentam que, no ato da higienização, “Alessandro segurou o pênis do colega.”. “Ué, tinha que dar banho!”, defende-se. “Vocês que não seguraram ele direito: desmontou no chão.”, argumenta. Seguem-se fotos do rapaz, desmaiado, em meio a seu vômito. “Ele tinha que ter forrado o estômago antes de beber. Hoje, teve que ver um médico lá no UPA.”. De repente surgem comentários sobre Rogéria. Não entendo, de início, mas logo percebo a movimentação do significante. Luís comenta: “Ela tá agora com o Trovão. Deus me livre! Aquele homem, mulatão, um negão dessa altura [gestos], com quem ela passou de moto aquela vez. Aquilo tem um pinto que racha a terra dela no meio!”. Riso geral, exceto Ademar, o companheiro trocado, tenta a indiferença.

- Os significantes *churrasco* e *festa* levam Luís a rememorar algumas e suas idas a clubes. Alessandro também recorda os velhos tempos em que “saía cantar nos bares”, e mostra o modo como dançava com as parceiras: “Isso tudo ficou lá atrás.”, conclui. Feições que vão do sorriso a nuances de amargura, em instantes.

- Cilzemar chega de moto. Faz questão de abrir sua carteira e mostrar a grande quantidade de dinheiro que traz consigo. Explica que precisa de um tanto para “dar de troco” a seus clientes

(ouço desdobramentos em *dar o troco*, pela ressonância de outras vezes em que pôde expor-se) e outro montante para “fazer negócio”. Explica-se: “Às vezes aparece uma coisa boa que o sujeito precisa vender – coisa de boa procedência, nada roubado – e depois eu vendo pelo dobro do que paguei. [...] Meus colegas lá do ponto, que parece que têm *o rei na barriga*, nem sonham com o quanto que faço por mês.”. Menciona a primeira esposa. Retoma os significantes médicos para identificá-la – “a que tem bicho de porco na cabeça, cisticerco e anemia falciforme” (mas não diz, claro, que a deseja ardentemente: “só de falar dela, ouvir a voz dela no telefone, fico de pau duro”; já, ela...) – e exhibe os vários boletos das contas básicas da *primeira* esposa, pagos por ele hoje. Sai para atender a um chamado de cliente.

- Alessandro volta a produzir enunciados sobre sua inserção na vida familiar. “Eu falei pra você que agora estou mais perto deles.”, conclui. Penso, de relance, o quão curiosa é esta sua rememoração de algo dito de modo sutil na sessão anterior. Descreve brevemente a personalidade dos 3 filhos: “A menina, que é a mais nova, é muito amorosa. O do meio, tem que ver como é comigo. Quando chego em casa, pergunta como foi meu dia; de repente, aparece com um copo de suco e alguma coisa pra comer. O mais velho é lá mais na dele, mas é bom, também.”. Repito parte do enunciado que imagino produzir algum efeito – “é *lá* mais na dele” – com sua entoação. Ele reitera ser um rapaz bom, diz seu nome, a grafia e acrescenta: “parecido com o meu, [nome]”. Já tinha visto o rapaz no depósito. Emerge em meu pensamento a expressão “tão longe, tão perto”, um algo tão parecido que atrai e repele ao mesmo tempo: as fortes inscrições de semelhança física, seus nomes e possivelmente mais. O campo de tensão ali, o incluir e o diferenciar-se, não deve ser fácil, penso – para ambos. Desabafa sobre sua surpresa, outro dia, ao saber que Amadeu tem duas filhas e um filho morando em São Paulo. Não menciono que cheguei a vê-las, em breve visita ao pai. Comenta: “Passaram aqui, viram o pai e não fazem nada por ele! Nem alugar um quarto com um banheiro pra esse homem...”. Isto o leva a tecer comentários sobre seus esforços para prover a família (eletrodomésticos, eletroeletrônicos, estudos, alimentação). Uma jóia emerge, em vias de conclusão: “Eu digo que dou de tudo pra eles, *mas não dou o tudo*.”.

- Conversas breves sobre irem embora. Alessandro olha longamente para mim, sorri: “Qualquer hora eu vou convidar você pra ir na minha casa... almoçar com a gente. Mas, primeiro quero terminar de arrumar ela.”. Repete. Digo: “Aceito o convite. A visita pode ser feita em qualquer situação.”, com olhos para o chão. Ele: “Mas é preciso arrumar primeiro! Às vezes eu durmo no chão.”. Eu: “Mas, visitar na hora de dormir?!”. Todos riem. Desculpa-se na partida: “Hoje, *de novo*, não deu certo [ir para o refeitório]. Tinha pouca gente trabalhando e muito serviço.”. Neste momento, penso o quanto estes atendimentos ficam vinculados ao poder do patrão; no caso das cooperativas, pelo dirigente.

- Sento-me entre Ademar e Rafael. Amadeu fica próximo a nós, absorto em pensamentos. Sempre por meio de 1 ou 2 palavras, um sorriso, uma tosse, um grunhido, Rafael vai revelando estar mais acostumado a morar sozinho. Longo silêncio. Ademar completamente calado. Por fim, refere-se à sua relação com a bebida: “Bebo só depois de trabalhar.”. Nada diz sobre Rogéria. Insisto, perguntando sobre a cirurgia. Não sabe responder. Não foi ao hospital nem telefonou para obter informações. Sua fala provoca em mim a impressão de, para ele, ela estar em um mundo muito distante, sendo, portanto, esperado que *ela* dê notícias. Ou ele, distanciado de tudo? Relaciono o que ouço, agora, aos primeiros 5 minutos com o casal, por ocasião de minha primeira visita ao depósito. A crítica de Rogéria à passividade, a quase indiferença por parte do companheiro, sua dificuldade de externar de alguma forma seu apreço pelos 6 anos juntos. Escutei, à época, uma queixa explícita da parte dela, a centímetros de seus olhos; mesmo quando mencionava estarem juntos há tanto tempo. Mas o fazia

utilizando o significante “cagado” em lugar de “casado”; enquanto esclarecia que, de alguma forma, o “cagado” deles parecia estar em mais vantagem, em termos de tempo juntos, do que muitos “casados”. Sem dúvida, uma forte queixa, apesar da maquiagem do humor, por sinal, com tons medonhos. Dois meses depois, se tanto, ela deixa Ademar.

- Antônio chega da rua, passa por mim sem cumprimentar e vai sentar-se ao lado de Amadeu. Teria a ver com a sessão anterior?, me pergunto. Mas também há muita afinidade entre eles. Nem sempre se expressam de modo direto no grupo; mas já pude comprovar, em outras situações, que trechos de enunciados ditos aqui pipocam em novas construções ali, nos grupos um pouco mais afastados, ou nos agrupamentos menores que se formam. Quando um colega começa a beber um pouco além da conta da pinga de Ademar, os demais dizem: “Ah, o Paulão aí, te esperando!”. Nestas ocasiões, afirmam sentir falta do colega, morto recentemente. Uma pausa se faz. Reitero a oferta com um suave: “Continuo escutando.”, que geralmente encoraja, após algum tempo, mais produção. Não, agora.

- O silêncio gradativamente reduz todos, inclusive a mim, a um estado contemplativo do prateado final de dia. O contato com o indizível de cada um pode ser um percurso partilhado, ainda que breve. Aguardo. Sinalizo o término buscando, em silêncio, o celular. Todos – inclusive Antônio – amáveis na despedida.

XXXXXXXXXXXXXX

17/Outubro/2014 – 17–19:30h – Reencontro com Marcos: comento sobre a razão e o remédio para o seu cachorro: “Trouxe o recibo da loja todas essas semanas, para você ir lá buscar; mas não nos encontramos. Hoje, que não trouxe...”. Um pouco surpresa: “Agradeço pela atenção.”. Dentre os motivos pelo desaparecimento, aponta para seu pé, novamente em péssimas condições: “É que essa pele é um enxerto, tirado da minha coxa. Outro dia me machuquei de novo.”. Vai para a balança e retorna, para se despedir. Sugere que eu deixe “o pacote” com os donos do depósito; contrariamente aos comentários de desconfiança feitos à época do pedido. Respondo que sua recomendação fora justamente em sentido contrário. Pondera e concorda. Importante que ele se movimente para ir retirar o produto. Tal qual na garimpagem da palavra. Está visivelmente mais combatido.

- Avisto Dona Teresa, a senhora descendente de alemães. Sua carriola de pedreiro está lotada desta vez: mais de 25 quilos. Imagino o esforço daquela senhora de quase 80 anos nas subidas e descidas do bairro. Age como se não me visse, embora estejamos a 1,5 m de distância um do outro. Enquanto a observo, penso sobre o quão mobilizador deve ser para esta senhora o ouvir-se, ainda que breve seja a escuta transferencial oferecida.

- Valter se aproxima e, enquanto organiza seus pertences na bicicleta, diz algo ao pé do ouvido de Teresa. Ela o ignora. Antes de partir, dirige a mim um cumprimento: “Não vi o senhor aí.”. Respondo: “Continuo vindo às sextas, no mesmo horário, Dona Teresa, para a escuta terapêutica. Se a senhora quiser falar...”.

- Em seguida, Valter diz: “Eu adoro pastel.”. Eu: “Pastel?”. Olha para cima, vira os olhos, percorre os lábios com a língua. Com ar de malandragem explica referir-se a nádegas, que gosta de sexo anal e vaginal. Acrescenta, professoral: “Mas não pode colocar óleo na coisa da mulher. Tem que ser vaselina; se não, ela fica doente. Parte.

- Sentados estamos sobre a rampa. Observo mudanças gradativas em Fernando, filho de Luís. Menos propenso a realizar passos de capoeira e verificar se o observo. A palavra mais como moeda de troca. Desta vez, sentado ao meu lado (!), conversa com Gabriel e movimentada a cabeça em minha direção. A cada semana seu rosto, cabelo e outras partes do corpo trazem novas marcas. Seu cabelo está metade preto e metade descolorido. A linha das sobrancelhas, descontinuada, raspada, como um corte que interrompe seu fluxo. Também marcas de tatuagens recentes nos braços. Posiciono-me o mais naturalmente possível diante destas intervenções no corpo. Alguém comenta sobre seu cabelo. O significante “mito” é evocado. Gabriel e um amigo em visita ao local (Rafael.2) mencionam uma figura mitológica. Fernando ri e completa a observação evocando outra – Ying e Yang –, pronunciada ao seu modo, para comentar sobre a dualidade representada no tingimento do cabelo: “dia/noite, guerra/paz”, etc. Muito refinamento do rapaz, pondero. A qualificação deste mito feita por Lacan como “mais desenvolvido” em comparação com outros, no Seminário 17 atravessa meu pensamento; ponho isto de lado. À medida que lhes faço algumas perguntas (2, 3), Fernando mostra os músculos do baixo ventre, faz um arco imaginário com o indicador e evoca a expressão que pretende ali tatuar. Não me lembro qual. Faz um breve histórico de algumas delas. Explica: “Antes, eu não tinha dinheiro pra fazer isso, mas agora...”. Descreve a necessidade que sente de semanalmente realizar uma nova inscrição em seu corpo. Olho e sou remetido à lembrança do então moço de belos traços que agora começa a aparentar uma outra coisa, mas que ainda emite *flashes* de um olhar terno, em momentos de sua fala. Entusiasmado, afirma a intenção de tatuar duas coisas em seu rosto: “uma [recalquei] e uma lágrima”. Ao escutar o significante, intervenho: “Vamos falar sobre lágrima, Fernando.”. Somos interrompidos por uma voz que *grita* a poucos centímetros de minha orelha, enquanto acomoda 3 caixas de isopor, do meu lado: “Quem vai querer lanche natural, salgado, suco?”. S., a “salgadeira”. Lamento, em meu íntimo, a interrupção. Vejo com certa atenção as passagens de Fernando.

- Gabriel relata sobre a “bebedeira” da semana anterior: “Eu misturei 3 tipos de bebida.”. Piadas sobre terem feito sexo com ele: “Acordou com a bunda lambuzada, etc.”. Exibe um olhar ora desconfiado, ora irritado. Luís sai à cata de uma calculadora. Todos comem avidamente. Neste dia, são contabilizados mais de R\$40 em lanches. “Hoje é a vez do Fernando pagar a conta.”, dizem. Rafael se espreme para voltar a sentar-se próximo a mim. Em reconhecimento, aperto levemente seu joelho: polegar e indicador como pinça. aguardo para perguntar como está. Outros falam por ele: “Tá bem, mas quando bebe, fica mandando mensagem pra esposa: ‘Me liga!’”. A recorrência é tamanha que seu apelido agora oscila entre “Boi” e “Me liga”. Rafael não me dirige a voz; entretanto, permanecerá boa parte do atendimento do meu lado.

- S. dá 1 sanduíche “de brinde” para Alessandro. Ele o guarda para oferecê-lo a Amadeu. O pagamento é feito e ela se vai.

- Alessandro e Luís comentam sobre a organização do local. Que agora “vão organizando enquanto estão trabalhando”. Quanto ao refeitório, há a intenção de equipar o local para cozinhar. “Acredita que a gente tinha uma geladeira funcionando direitinho e o pessoal jogou fora?! Agora tenho que comprar outra.”. Caso venham a cozinhar, diz em tom alto, todos devem ajudar nos custos. À luz do que acabo de ver, comento com suavidade: “Poderia ser muito nutritivo e mais barato.”. Roger, Luís e Fernando se vão pouco depois.

- O convite para o almoço com sua família retorna: “Mas antes eu quero terminar a reforma lá de casa.”. Acrescenta: “Minha esposa cozinha bem pra caramba! Ela é quase uma nutricionista, meu!”.

- A certa altura, decido me levantar. Eles se inquietam. “Estou escutando vocês.”, esclareço, com olhos para o chão, sinalizando que a sessão não terminou. Alessandro: “Também, ficar sentado nesse chão quente é estourar o cu!”. Risadas abundantes. Breve sorriso meu, com o canto da boca, olhando para baixo. Volto-me para Ademar: “Ademar, cadê você?”. Ele sorri: “Tô aqui.”. Eu: “Se quiser falar...”. Alessandro se levanta, mostra suas nádegas, relata sobre duas mulheres que o viram abaixar-se para pegar algo: “Nossa! Que cu peludo!”. Expressam o quanto as mulheres apreciam nádegas “peludas e cheias”. Por meio de gestos, semblantes alterados e gemidos, evocam momentos de um ato sexual, destacando o prazer delas em relação às nádegas masculinas: “Elas apertam assim!; parece até que quer comer a gente com a mão!”. Pedestres e carros testemunham o momento acalorado.

- Retomam o assunto sobre Rafael, “as festas na casa dele”. Entram com o significante “Me liga”, seu novo apelido. Alessandro tece vários comentários extremamente depreciadores sobre a esposa do colega. Dentre deles: “É muito feia [...] não tem gozo a bunda dela.”. Eu, escandindo: “Não tem gozo?”. Ele: “É *seca de gozo*.”. Alessandro insiste que Rafael “precisa conversar” comigo: “O problema é que ele é galo. A esposa dele me disse...”. Rafael mostra raiva e se afasta. Senta-se na calçada a uns 12 metros de distância. Segue o grupo com o olhar até o encerramento da sessão.

- Observam por um instante Rubens trabalhando para a proprietária do trailer quase em frente. O fogo acendido por ele está alto: “Com aquele fogo, vão comer carvão.”. Penso no afastamento de Rubens após sua solicitação para atendimento, que já tem meses. Sua aparência, mais descuidada ainda; entretanto, seu vínculo com o trabalho, mesmo que para manter o consumo de substâncias.

- Desdobramentos dos significantes “fogo no cu”, “calor do cimento” e “seca de gozo” tomam a cena. Relatam suas experiências com “as bolinhas que as mulheres põem dentro delas, que põem fogo nelas e na gente”. Mais gemidos e gestos. Amadeu e Ademar, um pouco mais recolhidos no entusiasmo, expressam plena concordância. Em determinado momento, em que parecem-me fixados a um significante, no caso o de “homem fodedor”, lanço uma pergunta, com olhos abaixados, que desestabiliza toda a encenação recheada de comentários bastante depreciativos sobre as mulheres: “Será que tudo o que quer uma mulher é ser chuchada?”. Pausa. Trocas de olhares entre si, tom de voz mais baixo. Alguns enunciados são lançados: “Ela quer ser vista.”. Outro: “*Elas quer ser ouvida*.”... Encerro a sessão assim que retomam as falas jocosas, com aparente desconsideração pela reflexão que acabam de fazer.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

24/Outubro/2014 – Não houve atendimento. Gabriel: “O Alessandro pede pra avisar que a gente vai trabalhar até mais tarde hoje.”.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

31/Out/2014 – 17:10–19:30h – Todos, exceto Roger, estão trabalhando no interior do depósito. Os encontrarei 1 hora mais tarde, após encerradas as atividades. Quando passam por mim vários deles, inclusive os responsáveis, ignoram minha presença. Roger se aproxima delicadamente. Ele e eu, na frente do barracão. Primeiro, comentários sobre o clima, a escassez de chuva. Apoia-se em uma fala bastante permeada pelo discurso religioso. Pondera, com Eclesiastes, sobre os distintos tempos: o de plantar, o de colher. “E qual o *seu* tempo, Roger?” Seu discurso é extremamente fechado. Minhas tentativas para provocar bifurcação parecem sem êxito. Geralmente, a cada intervenção para que emergja algo mais próprio, menos engessado, lá vem o Outro religioso, através do qual Roger é falado: “De acordo com [profeta tal], capítulo tal, versículo tal...”. Inicialmente, é particularmente difícil para mim, posicionar-me nesta escuta, revestida que está pela camisa-de-força do discurso religioso. Define-se como “testemunha de Jeová” há vinte anos: “Estudo diariamente, diligentemente a bíblia.”. Mas também intuo tratar-se de um portal de entrada, apenas. É preciso aguardar, penso, deixa ele se movimentar, pavonear, se esconder, mostrar, por fim.

- Aos poucos, são perceptivos pequenos pulsares do sujeito naqueles enunciados. Infelizmente muito desta riqueza se perde no meu esquecimento, no momento do relato, dada a profusão de coisas que acontecem ao redor, além de tanto que é dito. (Sim, edito, aqui.) Após pequena pausa, comenta estar “sem novo contrato de trabalho, como soldador”, frisando, sempre, que não é do ramo da reciclagem. “Eles [empresas] ficam meio parados no fim de ano.”. Breve silêncio. Talvez “fim de ano” incide na emergência de falar sobre a morte: “Você soube da morte de fulano?”. Refere-se ao proprietário de uma indústria local, de prestígio internacional. Eu: “Sim. Faz umas quatro semanas, é isso?”. Roger: “Eu trabalhei com eles vários anos.”. A menção da morte do industrial o leva a uma longa exposição do mito de Adão e Eva, para justificar nossa mortalidade. “O homem tem 6 mil anos de idade, diz, professoral, foi quando tudo começou.”. Opera por meio de perguntas. Não as respondo; o que lhe dá a oportunidade de continuar a exposição, como deseja. Olho fixamente para ele. Em meio às explicações apresentadas, comentários preciosos: “Veja só, desde aquela época, a mania do ser humano de colocar a culpa no outro! O Adão, na Eva, a Eva, na serpente...”. Emerge o significante “livre arbítrio”, sobre o qual responde com outra citação bíblica. Retoma a morte do industrial: “Eu fui lá, no velório dele. Nem o óculos do homem estava na cara dele. Só tinha *um terno* [pausa] e uma *gravata*.”. Rememora a história de outro homem rico, que pediu para ser enterrado “com as mãos abertas”, para mostrar o que é a existência. Julgo oportuno fazer o comentário: “Você sabe a situação envolvendo a morte dele?”. Diante da negativa, resumo: “Ele se sentiu mal, aqui na cidade. Mas quis ir ver o médico dele, que mora em uma cidade pequena aqui perto. Chegando lá, este médico disse que precisava voltar com ele pra cá, devido aos recursos melhores do hospital. Nisso, ele não resistiu. [pauso] O que será isso que a gente quer, quer está em um lugar e, depois, não está mais?”. Com semblante sério, reflete: “Ele era novo, pouco mais de 70 anos.”. Menciona seus dois filhos, os esforços do casal para prover-lhes o melhor possível, “mas não facilitar demais”. Na sequência desloca-se. Passa a falar sobre sua contribuição para a melhora das condições do depósito: manter a frente limpa, evitar aglomeração de catadores, não permitir que sejam avistados consumindo bebida alcoólica, a limpeza do corredor e dos fundos... “Eles [vigilância sanitária] estiveram aqui e ficaram bem satisfeitos com as mudanças.”, completa.

- Luís, Alessandro, Ademar, Rafael, Gabriel e Fernando saem do prédio, baixam as portas. Todos, exceto Fernando se aproximam para um aperto de mão. Próximo e distante, Fernando procura indícios de uma possível reação minha às suas novas inscrições no corpo: um pássaro tatuado no peito, cabelo agora descolorido completamente, sobrancelhas raspadas e duas lágrimas tatuadas sob um dos olhos. Aceno com a cabeça e digo seu nome, em cumprimento.

Distanciado se manterá até sua partida, atento ao meu olhar; a um traço de censura? Já o tom de voz e o semblante de Gabriel, a quem encontro com a mão estendida quase na altura do meu rosto, quando, distraído, desvio o rosto para o lado oposto a Roger, com quem converso, são extremamente interessantes: afetuosos, tipo, “eu estou aqui, ó”.

- Um pouco mais tarde, avisto Fernando e Gabriel voltando de um bar com uma garrafa de refrigerante. Mostram-se contentes quando aceito a bebida. Sol e calor a toda! Rubens, do outro lado da rua, cuida do braseiro que mais parece uma fogueira pronta para queimar fiação da rua, o trailer, etc. Vejo significativo nisso. Todos se divertem ante o quadro. Alessandro e Luís insistem para que me sirva de mais refrigerante. “Quando eu terminar a reforma, você vai lá comer com a gente.” [...] “Aí, continua, você vai ver meu filho que tá desse tamanho [gesto], minha menina...”.

- Cilzemar chega com menos estardalhaço, desta vez. Logo volta a trabalhar. Curiosamente, Roger, que a toda hora dizia ter de ir para casa às 18h, mantém-se próximo durante boa parte do atendimento. Observador, faz questão de dizer por duas vezes que as esposas, dele e as dos cunhados, “sabem que hoje você está aqui; então, que a gente vai mais tarde pra casa.”. Um jovem, amigo de Fernando, encosta sua bicicleta. Desabafa sobre sua demissão: “Ele nunca me falou pra mim ir trabalhar no domingo. Cheguei lá na segunda e ele estava bravo e me mandou embora.”. Verifica se estou seguindo o relato. Está notoriamente angustiado. Dirijo-lhe uma pergunta, após um tempo: “O que você fazia?”. Ele: “É um depósito de reciclagem.”. Instigo: “E o que você vai fazer a respeito disso?”. Ele, indefeso, voltando-se para os demais: “Ele me devia R\$600, e só me deu R\$200. Eu disse pra ele: ‘Que Deus ajude o senhor.’. E vim embora.”.

- Várias conversas, simultâneas. Volto-me para Roger, mas sei que outros põem-se à escuta: “Aí, esse patrão faz o mesmo com outro e outro jovem, aplicando a mesma estratégia.”. Ele concorda e fornece alguns detalhes sobre as condutas reprováveis deste patrão em específico.

- O grupo produz enunciados a respeito de Gabriel ter sido “outra vez enganado.”. “Enganado? Como assim?”, questiono. Ele tinha comprado, “feito rolo”, com o dono de um estacionamento, sobre “uma bicicleta motorizada, um carro e uma moto”. Tudo sem documentação nem recibo dos pagamentos. Está, agora, com uma bicicleta “emprestada”. Fim da história: com nenhum dos veículos pelos quais estava pagando, tendo perdido R\$3mil. Pondero: “Ganhar/perder R\$3,00 já é difícil.”. Isto leva seus colegas a pegar fogo: “Pois, é, se você tem só R\$2,80, não toma o ônibus, não compra um tanto de pão que custa R\$3,00. Outros exemplos emergem sobre “o valor do dinheiro”. Roger relata sobre um relógio do seu pai, que estava em seu poder. Detalhes importantes sobre sua vida emergem: “Fui criado pela minha avó. Quando eu tinha uns 5 anos, minha mãe me deixou com ela. [Escuto isto.] Eu falei pra ela [avó] que eu ia ‘fazer um rolo’ com o relógio. Ela disse: ‘Filho, essa palavra já diz tudo. Fazer rolo quer dizer que isso é bom só pra 1 dos 2 – pro outro – que vai sair ganhando.’”. Prossegue: “Eu nunca mais me esqueci dessa grande lição que *aquela mulher* me deu. Quer uma coisa?: trabalha, vai e compra!”. É visível no semblante o afeto, a admiração pela avó. Voz carregada. Mais palavras de reconhecimento se seguem: “Eu não tive pai, praticamente não tive mãe, mas *esta mulher foi tudo*.”. A partir desta fala, que tomo como reveladora de um dizer, em contraposição à rápida lembrança que me atravessa (da necessária paciente travessia da escuta pelo discurso religioso, portal de entrada para construção de uma transferência, que possivelmente se esboça), digo-lhe, com um vislumbre de sua importância na difícil constituição do Outro do Roger-menino, “deixado”: “Sim. *Ela foi tudo*.”.

- Produzem-se mais comentários sobre a “pisada na bola” de Gabriel. Ele ouve a todos, visivelmente angustiado. Procuro conduzir aquilo para um outro lugar que não o do angustioso binômio acusação/culpa. A partir da recorrente emergência dos significantes “perder/perdeu/fazer negócio pra perder”, intervenho: “Talvez seja interessante refletir, Gabriel, o que você *ganha* com todos esses movimentos de perda; o que você ganha fazendo negócio pra perder”. Olhares surpresos se entrecruzam. Na sequência, olham para mim. Alessandro elabora um chiste para romper o desconcerto: “Ele ganha isso aqui, ó!”. Braguilha da calça aberta, cueca à mostra, pressiona o pênis. Todos riem. E retoma a série performática de subir a camiseta, mostrar as nádegas e enunciar: “Eu estou perdendo peso! [pausa] Mas o curioso é que me sinto mais leve.”. Penso em como isto pode ter a ver com os impasses de Gabriel e a economia do inconsciente como um todo: o ganhar-perder. Além de como isto pode incidir em Alessandro, que fala de seu corpo, uma perda que lhe traz ganho, “mais leve”. Talvez também um modo de perda do gozo-sofrimento? Tentando talvez aplacar seu próprio desconforto e o visível mal-estar de Gabriel, entra paternalmente. Abraça o rapaz e diz: “Año que vem *eu* vou com você comprar uma moto. Não vai ser desse jeito, de rolo, não. Com recibo, documento, tudo organizado.”. Mostra a foto de uma moto sua, à venda na internet: “É uma raridade, modelo de fazer trilha.”. Gabriel confirma. Alessandro olha para mim e diz: “Ele parece filho meu! Sai do serviço, vai lá em casa, fica até meia noite, no computador, com meus filhos. Ontem, comecei até dormir no chão. Pensei: ‘Pô, esse cara não via embora?’. [ri] Já fico mais tempo do dia com esse pessoal do que com a família!”. Lembro do recente comentário de Roger, sobre seus “conselhos para os cunhados, relativos à separação entre relações de trabalho e pessoais.

- Luís, Roger, Fernando e Gabriel se preparam para sair com o caminhão. Quando instado a partir, Alessandro responde: “Não! Eu vou ficar mais aqui... conversando... com o João.”. Noto, em suas pausas e no semblante, a dificuldade para trazer à tona um termo que se refira àquela situação, de uma outra fala. Gabriel vem para um aperto de mão. Coloco minha outra mão em seu ombro, digo em tom baixo: “Pensa naquilo, Gabriel.”.

- Ademar, Rafael, Alessandro, Amadeu e alguns conhecidos que temporariamente permanecem ali seguem falando. Na alternância aleatória que se faz, após quase 2 horas em pé, sento-me ao lado de Ademar. Enquanto os demais conversam com transeuntes, Ademar relata em poucas palavras a situação de Rogéria: “Está bem. Falei com ela uns dias atrás. Está esperando remarcar a cirurgia [agendada para uma sexta-feira à noite e que foi cancelada].”. Diante de alguns significantes que ouço, vindo de conversas paralelas, pergunto: “E você, Ademar, como se vê em relação a isso?”. Ele imediatamente – o que atesta certo grau de ressonância frente ao que é dito – responde: “Eu?! Ah, alguém pra namorar eu quero, mas não pra viver junto.”. Sou remetido outra vez à queixa dirigida a ele por Rogéria, sobre seu estar e não estar na vida do casal. Que esvaziamento de sentido é esse em Ademar?, penso, olhando para ele. Rafael, calado durante todo o atendimento, mas próximo. Em certo momento faz transitar pelo grupo seu celular, com fotos e vídeos eróticos. Quando em poder do aparelho, Alessandro mostra a mim algumas cenas: uma mulher introduzindo um pepino, um homem que faz sexo oral em um travesti e uma penetração heterossexual. Olho com naturalidade para Rafael e pergunto: “O que você diz disso, Rafael?”. Um olhar de completa indiferença é sua resposta. Insisto: “Afinal, é *seu* o celular. Imagens postas aí por você.”. Semblante transformado, simultâneo a um tremor involuntário, tenso, presente no corpo. Embora permaneça em silêncio, considero positivo o efeito da surpresa, como se produzida por dar-se conta de um chamado a responsabilizar-se.

- Entusiasmado com as dimensões fálicas nos vídeos, Alessandro comenta: “Eu não tenho pênis grande assim; mas, quando eu pego uma mulher, eu sei cuidar dela da ponta do pé até a cabeça. *Até o cabelo dela eu sei fazer ele feliz!*”. Gestos ilustram sua concepção do modo de agir de macho alfa. Os demais o seguem atentos; em seus rostos o desfrute, pela palavra, do que é evocado.

- Alessandro pondera: “*A mulher é mais completa.*”. Eu: “Como assim?”. Inicialmente com embaraço, passa a desenvolver suas ideias: “Ah, ela tem mais buracos, mais jeito de se satisfazer. Você viu aí no vídeo?”. Suas falas e expressão facial poderiam ser resumidas como o fascínio diante do mistério do feminino. Ressonâncias de Freud não me passam despercebidas. Procuro abrir fendas em suas falas categóricas ao introduzir: “Será que possuir mais buracos as torna de fato mais satisfeitas?”.

- Algo acontece. A pergunta fica no ar, enquanto cumprimentos são dirigidos a algum passante. Alessandro se confessa “surpreso com certas atitudes das mulheres”. Encorajo-o: “No que você está pensando quando diz isso?”. Ele relata uma ocasião em que ele, a esposa, seus filhos e a cunhada dormiram todos num mesmo cômodo. A casa ainda em construção. Nesta noite, a cunhada o seduz insistentemente por meio de gestos e o deslizamento de sua calcinha, pondo à mostra seu sexo. “Minha nossa! Como aquilo era possível, com a irmã dela ali?! Aquilo é uma loucura! [pausa, semblante grave] Depois disso, trato bem, mas sempre fico longe, conversando com o marido dela, com as outras pessoas de um lado e ela e a irmã dela, e a minha menina, do outro lado da casa.”. Desabafa: “Eu sei que ela me deseja. É coisa que só eu percebo, mas eu sei como ela me olha, a gente sabe!”. Em meio a embaraços e recortes de cenas que não obedecem a uma diacronia, é revelado, aos poucos que ele e a cunhada haviam sido namorados, mas que veio a se casar com aquela cuja função era veicular as “cartinhas de amor” entre ambos. Alessandro pensa, olha para longe e completa: “Até tudo bem se a minha cunhada tivesse alguma coisa com o meu irmão. E eu com isso?! – podia dizer pra minha mulher. Mas, ela ter alguma coisa *comigo*?! Como ia ficar com a irmã dela?!”. Fica visivelmente transtornado, à medida que traz tanto à tona. Produzo o corte a partir de uma buzina estridente, que arranca nossa atenção do tabuleiro de conjecturas que ele elenca uma após a outra. Levo um tempo para entender que um dos *motoboys* que costuma me buscar pergunta: “Você vai lá para o centro? Passei, vi você e resolvi perguntar.”. Avalio estar produzindo um corte em um momento de angustiante aporia para o sujeito, mas decido fazê-lo. Alessandro, em tom de protesto: “Já vai?! Agora?!”. Minha resposta: Vamos seguir pensando. São sete e meia.”. Providencial acaso, analítico, até, reflito, enquanto me acomodo no veículo.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

7/Novembro/2014 – Gabriel telefona para cancelar o atendimento: “Muito trabalho acumulado aqui. O pessoal de [outra cidade] está pedindo mais material. Vamos trabalhar até tarde.”.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

11/Novembro/2014 – REENCONTRO INESPERADO – Em um ônibus intermunicipal, reconheço Lina, catadora da associação atendida por mim em parte de 2013. Convido-a para sentar-se ao meu lado. Comenta sobre as dificuldades encontradas pelos membros da associação, após a junção “do nosso pessoal com os da Prefeitura” de sua cidade. Continua:

“Agora eles me escolheram para dirigir a associação. O mandato da [nome] terminou.”. [nome], integrante do grupo recém-incorporado, é sua vice. Estão na coordenação há poucas semanas. Lina é bastante articulada; o que poderá trazer ganhos para a associação. Relata sobre o modo áspero da sua “vice” lidar com conflitos: “Ela fala pra pessoa: ‘Se você não está contente, sai da associação. Tem quem quer trabalhar.’”. Pausa. Comentou: “Você leva em conta que ela age como agiram com ela a vida toda, não é mesmo?”. Isabel pensa um pouco e concorda: “É. Eu sempre falo pro pessoal que, na economia solidária, cada um é seu patrão; mas, calma lá.”. Após algum silêncio, continua: “A gente sentiu falta do nosso grupo de terapia. Mas a presidente dizia que o pessoal reclamava que a gente não queria trabalhar. Depois que paramos com o grupo no sábado, também pararam de trabalhar no sábado... [gesto com o ombro] Não entendi nada...”. Intervenho, com um sorriso, intuindo haver ali um saber: “Pois é. Era muito chique o Carlos, do nada, dizer: ‘Hoje é a nossa 2ª sessão. Hoje é a nossa 3ª sessão...’.”. Lina sorri, abaixa a cabeça. Continuo: “Aproveito para propor a continuidade do grupo psicoterapêutico: ‘Tentei várias vezes falar com você no ano passado e começo deste ano.’”. Pergunto sobre alguns catadores. Sou informado de que alguns saíram (Carlos e Stela, por exemplo): “Os outros estão bem.”. Expõe os novos projetos para a associação, aquisição de maquinário, etc.; motivo de sua visita a uma cooperativa-modelo, para orientação. Quando atravessamos a rodoviária e sinalizo despedir-me, diz: “Ô, João, dá pra mim *de novo* seu telefone. Vou falar com o pessoal sobre o grupo.”.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

14/Novembro/2014 – Telefonema: “João, aqui é o Gabriel. Hoje a gente não vai poder *de novo*. O pessoal de [cidade] quer mais material. E a gente tá enrolado aqui. Mas pode vir semana que vem.”. “Enrolado”, repito, e penso o quão mobilizadora pode também ter sido a última sessão, ainda que muito ocupados estejam. Estaríamos entrando em um momento de impasse no trabalho?

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

21/Novembro/2014 – 17:00–19:00 h – Chove abundantemente. O pessoal do depósito trabalha na chuva, descarregando e pesando os *bags*. Tarefa mais lenta, dificultosa, nestas condições. Ao todo, 14 pessoas no local. Cada um que aguarda para a pesagem abriga-se como pode, sob a marquise de zinco furado. Percebo que um novo contêiner volta a ocupar lugar no terreno ao lado. Luís, visivelmente cansado, olheiras marcantes, em uma de suas entradas no barracão. Enquanto o sigo, procurando motivá-lo a falar, de repente, saca um punhal. Olha para mim. Olhos fixos nele, em silêncio, tranquilo. Ele desvia o olhar. Avista a tampa de uma caixa d’água com 1,5 m de diâmetro. Quietamente, faz nela dois furos com aproximadamente 25 cm de distância um do outro. Coloca o objeto sobre a cabeça, sugerindo um chapéu sob o qual se abriga. Olha e sorri. Em seguida, suspira profundamente e diz: “Estou cansado. E ainda tem muito serviço.”. Até minha saída, duas horas mais tarde, estará ainda envolvido com o trabalho.

- Em um de seus deslocamentos pelo local, Alessandro, para mostrar o quanto está molhado, com lama pelo corpo, rasga um saco plástico com gesto teatral, dando a ele o formato de camiseta. Segue a mostrar seu corpo: levanta os braços, cheira o axila e diz: “Minha esposa

fica louca pra fazer sexo comigo desse jeito, cheirando assim!”. Ri, geme e volta a trabalhar. Alguns escutam e se divertem, enquanto transportam os fardos. Um catador passa por mim e desabafa: “Agora que a [cooperativa local] conseguiu mais quatro caminhões, acabou com a vida da gente. Eles passam por tudo e *devoram* tudo que encontram. Tá muito mais difícil pra gente, agora.”. Na sequência: “Trabalhar com bagulho é um bagulho. Cata esse monte de coisa e o dinheiro que vem é um bagulho.”. A carga no caminhão do depósito, sendo esvaziada, é exclusivamente sua: “O pessoal daqui do depósito foi buscar lá em casa pra mim.”. Calcula que haja 1.300 k de material, ali, acumulados ao longo de 3-4 semanas, sozinho. Afasta-se para seguir a pesagem. Os demais catadores, com suas cargas menores, aguardam. Alguns, alcoolizados, se abraçam. Ouço um deles: “Não, obrigado! Já almocei. O [nome] ali dividiu o marmitex dele comigo. Como só 1 vez no dia. Tá bom pra mim.”. Enquanto Roger fala a mim, vejo outro catador sacar do bolso seu celular e fotografar uma jovem que atravessa a rua, correndo. Exibe a foto para os amigos: “Ela é linda! Olha aqui. Queria que ela parasse pra tirar uma foto...”.

- Roger mostra-se satisfeito com a chegada das chuvas. Detalhes da tempestade ocorrida no final de setembro: “A chuva deu uma volta, assim [gesto circular com o dedo indicador], e a árvore de frente da minha casa caiu na direção oposta, atravessando a rua. Só quebrou o muro do vizinho. Eu estava na reunião de estudo bíblico. Depois, a gente fez um mutirão pra arrumar o muro dele.”. Momentos de silêncio. Olhando para a chuva, põe-se a falar sobre sua infância. Criado em sítio, trabalhando desde os 7 anos, rememora os dias de chuva lá vividos: “Quando chovia assim, era hora de descansar, certo?”. Responde ele mesmo: “Errado. Meu pai falava que aí é que ficava melhor pra carpir! E a gente trabalhava mais.”. Oscar sorri, uns longes de saudades no semblante: “Daí, a gente ia pra casa, tomava banho de água de rio e ia jantar. Minha mãe fazia uma galinhada gostosa! Meu pai dizia: ‘Pra não pegar gripe, um golinho de cachaca pra cada um.’”. Presentifica a quantia da bebida no fundo de um copo desenhando no ar: “Que saudade daquele tempo!”. Aos poucos explica como se deu sua mudança para a casa da avó, com quem viveu muitos anos: “Eu tinha problema de rim e o tratamento era só na cidade onde ela morava.”. Adorava as avós, com quem manteve estreito contato a vida toda. Pondera, depois de um silêncio considerável: “Lamento pelo meu filho. Ele nunca teve contato com nenhuma avó dele. Repete-se, pensativo. Uma pausa, comento pensativo, olhando para o chão: “Outros modos de existir, de viver suas experiências.”. Com vigor súbito, expressa: “É! Mas ele conheceu a bisavó dele. Morreu com 93 anos. Teve bastante tempo com ela. As duas bisavós.”, como se contra-argumentasse consigo mesmo. Talvez sempre seja isso, penso. Um catador se aproxima para lhe pedir dinheiro para comprar um “corote” [pinga]. Ele nega. O homem se afasta. Roger, intrigado: “Não entendo esse cara: não trabalha com reciclagem, com nada. Fica o dia inteiro assim, andando, bebendo, usando crack... Mas vai, à noite, dormir em casa! Não fica que nem *esses outros* [franze o rosto] dormindo na rua. E sabe que eu vou dizer não e pede mesmo assim!”.

- A vendedora de lanches aparece: “Tem pouca coisa. Com a chuva, o pessoal comprou quase tudo.”. Roger compra algo. Retorna e comenta sobre solidarizar-se com Amadeu (catador e morador de rua), dividindo seu almoço com ele. Daí o fato de estar com fome poucas horas depois. Num vai-e-vem sucessivo, alguns se aproximam e seguem os enunciados de Roger.

Este, como que movido por ressonâncias do significante trabalho, fluxo que fora interrompido com a chegada da “salgadeira”, retoma falar de si, dos poucos anos de estudo e sobre o senhor que, por volta dos 12 anos de idade, deu-lhe um emprego e o instruiu no manejo do trator, dentre outras habilidades. Grande promotor de seu desenvolvimento: “Aí, quando eu fiz 18-20 anos, fiz o exame, tirei carteira e saí: fui trabalhar de soldador em uma empresa grande. [pausa] Ele ficou muito triste comigo, disse que eu abandonei ele... Mas, também, ganhava pouco!”. Enuncia algo que poderia ser parafraseado como: eu precisava de mais. Mencionar este momento crucial de sua vida produz nele incômodo imediato. Pede licença gentil mas rapidamente e se afasta, para não mais regressar. Absolutamente alheio às minhas próprias movimentações da cadeia do significante, enquanto o vejo desaparecer em meio às pessoas e *bags* e considero seu mal-estar diante do que poderia ser sentido como seu ato de traição, Lupicínio Rodrigues me atravessa: “Atiraste uma pedra...”.

- O *motoboy* que chamei encosta. Estou me acomodando para partir quando Alessandro, com ar surpreso, protesta, com algum chiste: “Ué! Agora que eu me sequei pra gente conversar, você vai embora!”. Sorrio levemente: “São sete horas, Alessandro.”. Um olhar entre terno e admirado ao me ver molhado, respingado de barro. Surpreso com a menção do horário: “Desculpa por não ter dado atenção pra você, hoje.”. Respondo, na tentativa de circunscrever o objetivo: “Volto semana que vem, para o atendimento.”. Forma resumida que passei naturalmente a utilizar, possivelmente sinalizando que se aproxima o momento de concluir. Em meio a acenos e sorrisos, ouço alguém: “Volta, sim!”.

xxxxxxxxxxxxx

28/Novembro/2014 – 17:10–19:20 h – Tudo muito calmo. Dois catadores sentados no chão. Luís e dois funcionários tentam transportar o elevador para dentro; tarefa para a qual são necessárias geralmente 6 pessoas. Transito em silêncio pela frente. Por experiências anteriores, foi possível perceber que minha presença, embora apenas como observador, produz efeitos, altera a movimentação: frases trocadas entre si e gestos com a cabeça em minha direção; o que os leva a sutis aproximações. Um homem do outro lado da rua caminha devagar enquanto olha com curiosidade para o nosso lado. É surpreendente sua semelhança com Paulo, o catador recentemente falecido. Imagino ser apenas eu a testemunha desta cena, uma vez que os poucos trabalhadores estão no interior do prédio. Engano meu: ouço, mais tarde, Luís comentar com Alessandro sobre o tal senhor. Várias vezes surgirão referências a Paulo neste dia, sobre “sentir sua falta”.

- Após uns 30 minutos, Ademar surge do interior. Noto que está alcoolizado. Tenta estabelecer contato, porém mal consegue articular as palavras. Quando se afasta, Luís se aproxima e explica que Ademar começou a beber desde a hora do almoço: “Até dispensei ele. Imagina ficar nesse estado trabalhando com a prensa...”. Entretanto, tenho lá minhas dúvidas, dada sua permanência ali, trabalhando. Volto a ficar sozinho. Às 18h chega o caminhão, super carregado. Alessandro e mais 4 trabalhadores. Roger, meio ansioso, cumprimenta e se explica: “Hoje tenho reunião na igreja. Preciso ir agora.”. Afasta-se apressado, não sem antes mostrar que “trabalh[a] com 2 camisas, uma de manga curta, outra comprida”. Volta-se para Alessandro: “Você vai ficar pra *reunião*, né?”. Ouço outra vez o emprego do significante que

conseguem utilizar para se referir a algo que valorizam, mas que produz estranhamento. Roger faz uma saída quase que desesperada. Imediatamente desaparece rua acima. Catadores e funcionários iniciam a abertura da carroceria. Alessandro protesta: “Não! Deixa isso pra amanhã. Agora a gente vai *conversar*.”. Olha para mim: “Não deu tempo de *dar atenção pra você* semana passada.”. Com delicadeza, procuro um reenquadramento: “Estou aqui para o atendimento a vocês.”. Xingamentos, risadas e chistes se sucedem, à medida que um ou outro mais distraído volta a abrir a carroceria: “Ô, jumento, já falou que não é pra abrir! Hahaha”, etc.”. Brinco, para aqueles posicionados mais próximos: “Agora pode-se destravar outra coisa.”. Rafael lança olhares de indiferença, como se não me conhecesse, absolutamente. Um olhar vazio. Por outro lado, mantém-se do meu lado. Chamo-o pelo nome, pergunto como está. Nada. Os demais respondem por ele: “Tá bravo porque a mulher dele tá saindo com outro.”. Mantém-se impassível. Aos poucos começa a executar tarefas várias, que exigem certa habilidade, tais como manobrar o caminhão, certificando-se de ser observado pelo terapeuta. Alessandro lhe dá algumas dicas e me diz: “Ele agora quer tirar carteira de caminhão.”. Olho para Rafael: “É possível. Fazendo o curso, prestando as provas...”. Noto o delinear de um sorriso, nele, que nos escuta de dentro da cabine, bem próximo. Em eco, Alessandro repete o enunciado. O pessoal se acomoda no estreito espaço entre a rampa e o caminhão. Muito calor exalado do motor.

- Alessandro afirma estar “dormindo bem, agora”. “Mas tem época que, você sabe, ferve aqui, ó. Por que será?”, externa, pensativo. Faz uma pausa: “O Gabriel tá morando lá em casa, agora. Não se dá bem com o padrasto dele.”. Convido Gabriel a falar: “Como é isso, Gabriel?”. Ele: “Ah, ele é meio estúpido, agressivo. Melhor eu sair de lá.”. Alessandro afirma: “Sou o pai deste rapaz. [...] Tento dar orientação pra ele. [...] Ele fica lá até tarde no computador, com meus filhos. Só preciso trancar a porta quando faço amor com minha mulher.”. Entre risos, surgem referências a gemidos, a “passar uma fita na boca dela, pra ela não gritar”. Continua Alessandro: “Eu sou um vulcão! Quando eu explodo...”. Ri. Tira sua camisa, desce ainda mais as calças, fala de sua cueca e exhibe marcas roxas de mordida pelo corpo: “As últimas relações que tive com minha esposa.”. Referindo-se a Gabriel: “Agora ele tem que tratar bem do pai: fazer massagem no pé do pai, nas costas... na mandioca também.”. Vários riem. Gabriel olha e protesta com cara feia e um gemido, irritado.

- Pergunto a Gabriel sobre possíveis irmãos morando com a mãe: “Só um, o mais novo, de 12 anos.”. Alessandro completa, sem olhar para ninguém: “O Rafael já saiu de casa, mora sozinho. Os outros dois já morreram [pausa] no mesmo dia [pausa] em um acidente.”. Volto-me para Gabriel: “Quer falar sobre isso, Gabriel?”. Após um longo suspiro explica que os jovens haviam ido nadar em uma represa. Estavam muito próximos de uma das turbinas. Um deles foi tragado pela força da água. O irmão mergulhou para socorrer e também se foi. “Vendo aquilo, um primo saiu correndo pra avisar.”. E encerra o relato da tragédia.

- O clima após esse relato é interrompido com a chegada de Amadeu. Tem quase 2 quilos de “retalhos de carne congelada”, diz Luís. Fernando, Gabriel, Alessandro e Luís falam de seus dotes culinários: pães, bolos. Alessandro rememora uma receita da avó: frango com batata doce. Comento: “Uma delícia.”. Ele: “Nossa, você sabe fazer?!”. Em baixo tom, respondo:

“Eu tento.”. Reflete: “O sabor do meu nunca é igual ao dela. E olha que o povo elogia o meu.”.

- Ademar, apesar de alterado, sai para providenciar o preparo da carne. Noto que uns 60% do pacote é de gordura. Panelas, tempero, farinha de mandioca comprada a algumas quadras dali surgem improvisadamente.

- Luís fala sobre as adaptações para que Gabriel passe a morar nos fundos do depósito: geladeira, fogão, parte elétrica. Tal como os reparos que está fazendo em uma das prensas, Luís explica com minúcias sobre os procedimentos, fios e soldas, utilizando-se das mãos. Olhos fixos em mim, para certificar-se de que o acompanho. Penso no dia em que representou o lidar com nós feitos com elásticos, em alusão à contribuição dos atendimentos (embora assim não os chamasse) para o não despedaçamento do sentido da vida, para manutenção da coesão do existir. Algo como: quando você vem a gente [articula] os fios da vida; enunciado registrado no Caderno. Sai para auxiliar os catadores a montar o fogo.

- Também nos deslocamos para detrás do contêiner, no terreno, onde o acondicionamento nas panelas, tempero, etc. são realizados. Durante o atendimento, em meio a exclamações de satisfação por pelo menos 4 catadores famintos, procuramos dar sequência à oferta de escuta a quem se predispõe a falar.

- Alessandro: “Ontem fiz em casa um panelão de arroz com frango. Trouxe pro Amadeu, comida pra umas 4 pessoas. Ele estava deitado no chão. Disse que não comia fazia uns dois dias.”. Quando pergunta para Amadeu sobre a refeição, este diz de nada se lembrar. Alessandro fica surpreso. Aos poucos, Rubens e outros senhores revelam ter comido do frango com arroz. Alessandro conjectura se os demais roubaram a comida de Amadeu. Comento: “Alguma coisa deve ter comido. Para estar com essa energia, hoje, ter ido até o açougueiro...”. Pensativo: “É mesmo.”.

- Gabriel e Fernando mencionam algumas “meninas” que cursam o ensino médio. Gabriel revela ter reencontrado uma dela nas redes sociais, com quem estudou da 3ª à 7ª séries. Alessandro: “Aí! Fica lá na casa do pai, até tarde, no computador com meu menino!”. Ri. Gabriel diz que não recebeu reembolso algum do dono do estacionamento. Um breve silêncio se faz: “Quero voltar a estudar.”. Comenta sobre a logística a fim de viabilizar seu desejo: “Tem uma escola mais ali [gesto para um bairro ao longe], começa às sete e meia. Saio daqui às seis...”. Eu: “Perfeitamente realizável, Gabriel.”. Neste momento, lembro-me dos seus poucos, porém ressentidos, comentários sobre sua experiência escolar há 8-9 meses, em contraposição ao deslocamento da aquisição de objetos de consumo (carro, bicicleta motorizada, moto) para o desenvolvimento de potencialidades.

- O comentário leva Alessandro a ponderar sobre a interrupção dos seus estudos: “Eu sou inteligente, mas parei no 3º colegial.”. Gabriel: “Ah, então você terminou.”. Ele: “Não, eu não terminei. Parei no terceiro.”. Comenta sobre o filho de Roger, as possibilidades que estarão abertas para ele ao completar os estudos, ir para a faculdade. Franze o cenho, esfrega o rosto com as mãos: “Mas eu não terminei, né?”. Eu: “O que aconteceu?”. Ele: “Arrumei mulher. Minha primeira esposa.”. Olho para o horizonte, em tom suave digo: “Tem o EJA – Educação

de Jovens e Adultos”, na aposta de qualquer ressonância do significante no grupo, como abertura para responsabilização, apenas, ao considerar sempre haver possibilidades, embora hesitemos ou nos recusemos a tomar outros encaminhamentos: o deslocamento do gozo cabe ao concernido. Luís inicia o fogo para o cozimento. Há um esforço dos catadores em ajudar, mas estão enfraquecidos pelo álcool e/ou pela fome. Meio atordoados, observam. Constato a precariedade em que se sustenta a panela, apoiada sobre dois tijolos bambos. Pergunto: “Desse jeito, não pode cair com facilidade? Talvez um ferro, como uma grelha...”. Ninguém se mobiliza. Luís comenta comigo: “Se cair na terra, eles comem assim mesmo, até cru.”. Contempla a panela cheia de tiras de gordura. Ironiza: “Ótima pra entupir as artérias.”. Alessandro escuta, evoca o “macaquinho”. Eu: “Macaquinho?”. Ele: “É. Aquele macaco de trocar pneu, que a gente enfia dentro de um cano debaixo do carro e sobe assim [gesto]. Desentope, hahaha.”. Imagino possuir conhecimento sobre as técnicas de desobstrução de artérias, diante do chiste elaborado. Ele volta a tirar a camisa e mostrar as marcas de mordidas. Pela segunda vez, por meio de chistes, alude às suas tantas dúvidas, imprimindo movimento ao corpo: “Meu pensamento vai pr’um lado, meu pau balança pro outro.”.

- Alessandro se envolve com questões de pagamento do pessoal. Saio explorar o terreno e volto com uma estrutura de bicicleta conhecida como garfo e a instalo sobre os tijolos, uma grelha adaptada, para maior firmeza à panela. Não sei se suportaria vê-los comendo carne misturada à terra do chão, penso e sorrio para mim mesmo durante a ação. Uma exclamação se produz: “É mesmo!”. Permaneço calado, olhando para o fogo, testando o dispositivo. Este simples ato gera uma movimentação: “Fernando pula para dentro do contêiner e dali ressurge com 2 tampas de panela. Luís pede para Ademar providenciar 1 garfo, para mexer o cozido. Pede que tragam água e a acrescenta, para promover fervura e “matar as bactérias”. Um catador se afasta, desce a rua e retorna com 2 pratos impregnados de terra e gordura. Remove as manchas das tampas e panelas com apenas água. As tampas são levadas ao fogo por Luís, para esterilização. Fernando avista, regressando com mais 2 pratos, o senhor sobre quem Oscar comenta que “não trabalha com reciclagem, fica na rua, mas que vai dormir em casa”. Ri, olha para mim e diz: “Olha lá! Ele tá andando! Aqui, ele faz tudo agachado.”, imitando seu deslocamento, sempre de cócoras. Comento: “Se ele consegue andar, como você vê, alguma questão subjetiva aí tem.”. O rapaz aparenta surpreso com o que ouve e assente, pensativo, com a cabeça. Percebo pelo olhar ter sido tocado por algo. (De que um andar pode não ser só um andar? O estabelecimento, ainda que breve, de um sujeito-suposto-saber em mim?) Em seguida desvia sua atenção para o clima harmonioso que se estabelece a partir desta comoção.

- Ademar assume a finalização do cozimento. Minutos depois, Alessandro e Luís decidem que é hora de partir. Enquanto nos despedimos, ouço uma exclamação: “Ué, por que você tá chorando?”. O “senhor-sempre-de-cócoras” levanta o rosto banhado em lágrimas e nos olha. Alguém diz: “É de alegria.”. Fernando, com suas duas lágrimas tatuadas no rosto, escuta aquilo. Estabelece comigo breve contato visual. Quase 1 hora antes, quando convidado por mim a participar do atendimento em grupo, num misto de desdém e repelência havia dito: “Eu não!”. Algo sobre este trabalho talvez tenha sido por ele, jovem perspicaz, ali, apreendido.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

5/Dezembro/2014 – 16:50 h – Ligação de um telefone residencial – “João, aqui é a esposa do Alessandro. Ele pede para avisar que ele teve que ir para [cidade] e *não vai poder atender você*. Ele não conseguiu falar com você antes.”. Desligo e sorrio ante a curiosa e até certo ponto pertinente inversão da imagem da demanda, uma vez que tudo começou com a oferta do pesquisador. Talvez até uma forma de expressar e ocultar tal apreço, ao inverter a questão: estamos lhe pagando algo. Por outro lado, reflito, estão cientes de que o período de 12 meses (oferta inicial) está em vias de terminar, pontuado duas vezes por mim entre outubro e novembro, ao comentarem sobre reunir-se “lá no fundo”, no refeitório.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

12/Dezembro/2014 – 15:40 h – Outro cancelamento. A esposa de Alessandro volta telefonar: “Ele pede pra dizer que não vai poder atender você. Foram para [cidade] pegar material.”. Volto a me preocupar. Será este o modo como conseguirão encerrar o trabalho psicoterapêutico? Doze meses, hoje, desde minha primeira visita.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

19/Dezembro/2014 – 16:55 h – Esposa novamente ao telefone: “Ele não pode atender você outra vez; mas pede pra você vir na segunda-feira [22/12]. Eles estão com muito serviço.”. Avalio como um avanço o ato de remarcar o atendimento.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

22/Dezembro/2014 – 17:00–19:54 h – Abarrotados de trabalho. Além dos enormes *bags* por serem descarregados, carrinheiros com montantes enormes de recicláveis para negociar. Por duas horas, o contato com os trabalhadores do depósito estará restrito a alguns olhares, em cumprimento. Às vezes, quando passa por mim, Luís enuncia algo por meio de músicas, ou de algum chiste. Referências ao cansaço: “as pernas que doem” e às tarefas infundáveis (“nem acabou um serviço e já tem outro pra ser feito”). *Bags*, carcaças de fogões, de geladeiras são por ele alçadas e transportadas sobre as cabeças, respingando barro ao passar por mim. Chove. Depois, uma fina garoa tomará lugar por quase 1 hora. Em uma de suas passagens, diz: “Olha só essa música no rádio [ligado]: ‘minha mãe passou sal em mim’. Ô louco! Não é nem açúcar: é sal.”. Produz enunciados sobre “o corpo cansado”. Procuro, ainda que por frações de tempo, suspender a escuta que faço a outros catadores, para abrir-lhe espaço de fala. É patente sua necessidade de dizer algo a mim, por mínima que seja. São endereçamentos que parecem mesclar-se: olha como sofro e olha como posso!; que avalio como presentificação maciça do complexo campo pulsional. Não devo, portanto, ignorar tais manifestações.

- Em meio à correria deste dia, dona Teresinha me recebe efusivamente, com um forte abraço. Auxílio a senhora de 78 anos a retirar do carro da filha uma infundável quantidade de material. Trabalho de muito esmero: em um dos sacos, 18 quilos (venho a saber depois) de tampinhas de garrafas. Penso na meticulosidade do seu trabalho. Enquanto empilhamos tudo em um canto, para que aguarde pela pesagem, sigo a escutar. A organização do seu material – caixas de leite previamente prensadas e cobradas manualmente, etc., tudo categorizado – é surpreendente. Diz dona Teresa, com o forte sotaque teuto-brasileiro: “Meus pais sempre

falavam: ‘Anda de cara limpa que você pode viajar em qualquer lugar do mundo.’”. Roger, o motorista, escuta e adere ao pequeno grupo que, embora de modo flutuante, se forma. Inicialmente faz referência ao sotaque da mulher. Penso quão estranho é seu desconhecimento desta senhora, haja vista a frequência diária de ambos ao depósito. Será que Roger interage com os catadores apenas durante os atendimentos? A impressão é de que não se sente muito bem em meio àquelas pessoas. Teresa retoma sua história: “Minha mãe era iugoslava e meu pai alemão. Minha mãe levou mais de 8 dias pra *vir* da Iugoslávia para a Alemanha...”. Não demora muito para revelar a marca de uma perda: “Perdi meu pai quando era muito criança. Me fez muita falta.”. Roger, apesar de mais novo, e Teresa descobrem um ponto em comum: terem sido criados na área rural. Discorrem sobre as festas de Natal (que está no ar) e outras celebrações. Entabulam com prazer a rememoração dos bailes. Teresa se lembra das vezes em que voltava para casa bem tarde: “Eu e os amigos, com lampião – assim, ó – [aponta para o chão] por causa das cobras.”. Ele concorda e faz menção a outros perigos envolvendo a vida no campo e completa: “A gente dançava muito, mas cedinho, no dia seguinte, ó [gesto de capinar], estava no eito.”. É chamado para o trabalho. Dona Teresa comenta sobre quão pouco se paga pelas tampinhas de lata/alumínio: “Dois centavos por quilo! Imagina só...”. Satisfeita, relata ter carpido dois terrenos para uma mulher: “É pra pagar R\$100 por cada um, mas ela pagou R\$80 pelos dois.”. Três dias gastos na empreitada. “Mas ela me deu comida, café, almoço, suco...”. Continua: “E também, ela sempre separa material pra mim. Um ajuda o outro.”. Após semanas sem vê-la, além das vezes e que chegou a me ignorar, dona Teresa mostra-se desejosa de falar. Retorna aos planos para este Natal, após o longo e atento momento da pesagem: “Não sei se vou pra casa de alguém. Se ficar em casa, vou trabalhar, separar material.”. Reitera a Luís que voltará no dia 24 “pra ganhar mais um dinheirinho”. Cheia de ânimo, despede-se. À distância, vejo outro motorista parar e oferecer-lhe carona.

- Rubens encosta seu carrinho para pesagem. Há meses tem se mantido distante. Desta vez, um rápido olhar. Aproveito e dirijo-lhe dois gestos: simulo o movimento de uma tesoura e um sinal de positivo. Sorri satisfeito, aquiescendo a que me refiro. Luís, ocupadíssimo, mas nem por isso menos atento, comenta: “É. O cabelo e a barba mais curta ficou bom.”. Há muito a ser feito, embora os catadores tenham, quase todos ido embora. Os funcionários seguem com a limpeza, prensagem, deslocamento do elevador, transferência de sucata para o contêiner... tarefas que demandam grande esforço físico. Estão cobertos de lama, exaustos.

- Estou sozinho há uns 15 minutos. Observo o senhor “que se movimenta de cócoras” alimentando-se de parte de uma refeição a ele reservada por Ademar. Com uma das mãos avidamente termina com o pedaço de ave, com a outra, acomoda carcaças e pele crua de animais sobre a calçada, para que “Bolota”, uma das cadelas, se alimente. Olham-se mútua e repetidamente, de tempos em tempos. A impressão é que ele faz dela sua companheira para uma lauta refeição. Por outro lado, observo melhor, é como se ele orientasse o ritmo de suas ações por meio do comportamento dela: se ela acelera, ele também o faz. Os raios de sol que despontam expõem com detalhes a vigorosa atividade dos maxilares do homem, as gotas de suor reluzindo, os fiapos de sua barba... sempre de cócoras, girando em torno de si e do animal, enquanto procura por e lhe atira filetes de couro, pele, ossos. Alguns saem de sua boca, outros, de um jornal no chão. Estranha relação especular, penso. Pareço estar num

mundo de *Vidas Secas*, exponencializado. Uma das cenas mais marcantes que já vi. Pela primeira vez tenho vontade de ir embora, sair dali, correndo. Ai, Dalí!!

- Vou até Amadeu, sentado em um canto. Externa surpresa e alegria: “Nossa! Você sabe o meu nome!”. Eu: “Claro, Seu Amadeu. Sempre trato o senhor pelo seu nome.”. Parece não se recordar, repete a expressão de surpresa. Fala sobre as panelas que “ganh[ou] hoje dos meninos” do depósito e as guarda em seu carrinho. Terminada a refeição, o senhor “de cócoras”, que ainda não me dirige o olhar nem a palavra se aproxima e inicia uma conversa com Amadeu em volume inaudível.

- Roger faz uma pequena pausa no serviço e se reaproxima. Olha para Amadeu e seu colega e lança um desabafo: “Não suporto tanta desigualdade. É muita desigualdade!”. Inconformado com o fato de Amadeu e tantos outros dormirem dentro de seus carrinhos, o frio, a chuva... pondera: “E olha que esse velhinho tem uma saúde! Meu filho caçula tem 17 anos. Qualquer coisa ataca a asma dele. Minha esposa diz que ele foi muito mimado.”. Repete o enunciado. Escuto a recorrente tentativa de trazer esse filho para sua fala, por um discreto mas insistente traço de menção. Continua: “O Nenê [Luís], meu cunhado, também tem asma.”. Repete. Olha, admirado, para Luís, vigoroso, sobre o caminhão, às voltas com pesadas estruturas de ferro. Roger volta ao trabalho.

- Antônio permanece do outro lado da rua. Mantém-se à distância, mas a par de tudo. Sorri, cumprimenta. Por fim, junta-se a Amadeu e ao outro homem.

- Alessandro exhibe um semblante decepcionado quando passa por mim.: “Puxa, me desculpa de novo por não poder atender você. Mas, você tá vendo como as coisas estão aqui.”. Eu, com delicadeza, mas fazendo-me valer do *chiaroscuro* do enunciado: “Sim. No Natal do ano passado também estava assim.”; uma alusão ao período de 12 meses, que está se encerrando, na esperança de que isto ressoe; o que não significa que, mediante solicitação deles, não possamos rever nosso acordo. Mas não sabem disso ainda. Uma decisão minha inspirada em Lacan, os três prisioneiros. O enunciado produz um efeito. Alessandro para de movimentar-se: “Inclusive eu tenho você na minha agenda. Estava tão ocupado que pedi pra minha esposa telefonar pra você.”. Olha ao redor, meio ansioso, como quem mensura o trabalho restante e pergunta, com inquietação: “Você não vai embora agora, né?”. Olho no relógio, passa das 18:30: “Posso ficar mais um pouco, se vocês quiserem.”. Sai apressado, determinado a finalizar as tarefas.

- Rafael surge dos fundos pela primeira vez e inicia uma tarefa na parte externa. Como de costume, fala pouco. Está bem, mora sozinho, sem planos ainda para o Natal. Procura manter-se próximo, regressando após breves ausências. Lanço perguntas. Informações reveladas gota a gota nos breves regressos. Por volta das 19 horas, com o depósito fechado, Ademar, Rafael, Alessandro, Luís e Antônio começam a se posicionar onde estão Amadeu, o senhor ainda não apresentado, e eu. Roger e Gabriel saem a toda de caminhão. Alessandro comenta sobre o cansaço. Faz uma pergunta: “Por que será que a gente sente raiva?”. Eu: “Fala dessa raiva, Alessandro.”. Ele: “Ah, *uma sensação de que a outra pessoa nunca vai entender a gente de verdade*.”. Respondo: “Daria pra explicar mais, dar exemplos?”. Noto um recuo do sujeito; quem sabe mais tarde, penso. Brinca com alguém, fala do carrinho que deu para um catador e

que foi queimado por “gente de lá”, referência a alguém da cooperativa local. Retifica: “*Não são eles*, mas uma pessoa que é de lá de dentro. Agora, preciso arrumar outro carrinho porque, depois de queimado, você sabe, o ferro apodrece..”. Retoma de modo um pouco mais direto sua irritação, raiva: “Às vezes, qualquer coisa em casa eu já começo gritar: ‘Cala a boca!’”, expressão facial e voz muito alteradas. Surpreso face à sua própria transformação, volta-se para Rafael: “O Rafael mesmo ficou assustado com o jeito que eu tenho ficado.”. Rafael e Ademar, sentados, aquiescem, em silêncio. “Teve dia que eu falei pro Nenê [Luís] cuidar das coisas e eu ficar lá no fundo, trabalhando.”. Luís o observa. Queixa-se de ter voltado a dormir pouco. Pega em minha cabeça para mostrar “o comichão que caminha” pelo couro cabeludo. Comenta que *nas últimas 4 semanas* [período dos sucessivos cancelamentos, constato] estava tomando 4 tipos de suplemento, em doses bastante acima das recomendadas. Cita os nomes e sugere que eu os pesquise na internet. Entra em um discurso de onipotência, de levantar sozinho *bags* com 180 quilos. Diz sorrindo: “Eu estava com uma força impressionante! [pausa] *Mas não dormia de noite.*” [prosódia descendente]. Relatos sobre o físico resultante, sempre reiterando que “não começ[ara] usar suplemento para aumentar a potência sexual”. Ri. Inclui os colegas na brincadeira: “Mesmo antes, eu já pedia pra eles tocar duas pra mim, porque eu já estava com a mão cansada...”. Protestos entre todos. A exposição é longa. Quando retoma o relato sobre sua orgulhosa maquinização no trabalho, intervenho: “Você pode até tentar ser máquina, Alessandro. Mas, primeiro: ninguém vai conseguir ficar perto de você, porque são seres humanos; e, segundo: uma hora seu corpo vai falhar, ceder.”. Ele para com toda encenação e escuta. Entendo que o que está sendo dito, dói. Procuro ser o mais suave possível: “Sobre as dificuldade de entender o outro e ser entendido, a gente *conversa*, Alessandro. [pausa] Nessas 4 semanas, vocês cancelaram as *sessões*.”. Ele congela por alguns instantes. Retoma dizendo que, de fato, sentia o coração contrair-se diferentemente, apresentava dificuldade para urinar. Relatos contundentes, acompanhados de gestos, sobre um coração emperrado, digamos assim. Penso nos significantes sucata, campo semântico dos objetos com que lida. Lanço uma pergunta: “Foi possível aprender alguma coisa com isso?”. Ele: “Parei com isso! Não posso ficar do jeito que eu estava. Pra dar conta do serviço era uma beleza; mas, não dormia e não conseguia falar com ninguém! Ainda é cedo. Parei faz 1-2 dias; mas já sinto a diferença.”.

- Luís se aproxima: “Você viu a calça justa do Rafael?”. Olho para Luís e sorrio, enquanto os demais abrem riso alto. Respondo: “Ele está bem vestido, com uma calça bonita, que valoriza o corpo dele.”. Rafael, do meu lado, calado, tímido. Cessadas mais algumas brincadeiras a seu respeito, quando se distraem com algo, diz continuar interessado em obter a carteira de habilitação para conduzir caminhão. Mal lhe respondo: “Decisão importante esta, sua.”, sou surpreendido por uma lufada de ar, como se algo fosse me atropelar. É Gabriel, de bicicleta, que se interpõe subitamente entre mim e Rafael. Tem um olhar especialmente doce, que coaduna com o que parece querer mostrar: o ter ido para casa banhar-se e regressar para o grupo. Valorizo o que, para mim, adquire alto valor significativo; afinal, ao longo de 12 meses, várias foram as menções sobre o despropósito de banhar-se, uma vez que acordava cedo para o mesmo trabalho ou para ir pescar, tendo ido buscar a ex-namorada, na escola, em roupas de trabalho. Está a centímetros de mim. Exclamo, passado o susto do quase acidente: “Gabriel, como você está cheiroso!”. Dá mostras nítidas de esperar por aquela reação. Os colegas

também o elogiam por meio de brincadeiras. Comento: “Tá aí um exemplo de que trabalhar com reciclagem não é sinal de descuido.”. Ademar concorda, mas admite que chega a ficar 1 semana sem banho, principalmente no inverno. Lava os braços, o rosto e vai dormir. Nada digo. A atitude de Gabriel – de ir para casa e regressar, banhado, 40 minutos depois – é, por si, altamente mobilizadora no grupo.

- A forte chuva de verão, na ocasião de minha chegada, seguida por um período de garoa, em seguida, de sol, dá lugar a um vento cortante, outonal, que deixa a todos muito desconfortáveis. A queda de temperatura foi brusca. Tremores involuntários nos atingem a todos, desprevenidos que estamos para esta alteração súbita. Vários deles, sentados na rampa, sob a barra de apoio. Todos bem próximos uns dos outros, de modo a se aquecer. Em certo momento, Rafael, sentado sobre a barra de proteção. Durante a fala sobre a potência física e os suplementos, Alessandro nota que Rafael esfrega suas costas na barriga e peito de Luís, que se localiza em pé, atrás dele. Uma sequência de protestos chistosos é iniciada: “Ah, você não faz isso comigo! O máximo é pegar no meu! Eu quero isso também!”. Luís e Rafael intensificam o vai-e-vem dos corpos aparentemente indiferentes aos comentários, olham para os carros, o céu... Observo, no rosto destes dois adultos, a rara emergência da expressão do prazer de uma criança. Como um disparo, neles, dos remanescentes pulsionais ainda desordenados, de quando no aconchego de um colo, por exemplo. Um olhar único, especialmente no rosto de um adulto remetido ao primevo. Em seguida, a atenção é concentrada em Antônio, que atravessa uma rua que faz ponta com uma ladeira. Alessandro: “Olha o cabelo dele; parece a Tina Turner.”. O riso é geral. - Um senhor, sua esposa e uma criança encostam. Do interior de grandes caixas de isopor retiram embalagens de marmite, refrigerante e potinhos de sobremesa. Os aromas de arroz, feijão, macarrão, frango e maionese, potencializados, são trazidos pelo vento, ao abrirem quase simultaneamente os recipientes com os quais são presenteados. Todos, cerca de dez pessoas aceitam a oferta, exceto Gabriel. Comem avidamente, em silêncio. Alessandro só interrompe o jantar para explicar que se trata do dono de um restaurante ali perto. Aproveito e abro espaço para uma escuta a Gabriel. Incomodado – pois a bota de Alessandro, suja de lama, respingou nos pés e chinelos limpos –, procura mudar o foco da irritação e diz não ter planos para o Natal. Quanto a voltar a estudar, confirma a intenção. Externa algum impedimento que se começa a delinear-se dentro dele. Com cautela, digo que a partir da segunda semana de janeiro há funcionários nas secretarias para informá-lo. Concluo: “É importante que certas decisões sejam mantidas – longe do esquecimento, Gabriel.”. O *motoboy* encosta neste exato momento. Ao me afastar, Alessandro diz, enquanto comem: “Vem também na segunda-feira, semana que vem. Tá muito serviço aqui.”.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

29/Dezembro/2014 – 17–20 h – Chuva torrencial. Alguns catadores, além daqueles que auxiliam os trabalhadores do depósito, conversam sob a marquise.

- Reencontro com Jamil. “Oi, Jamil! Há quanto tempo!”. Ele: “É. Quando venho aqui você não está. Tô ajudando os meninos estes dias.”. Relata o ocorrido com seu cavalo: “Alguém desamarrou ele e ele saiu na estrada. A Prefeitura levou embora. Tenho que pagar R\$387,00

de multa pra pegar ele de volta.”. Evidentemente não tem o dinheiro. Tenta obtê-lo com o depósito, que, por sua vez, negocia com os maiores de [usina de reciclagem de outra cidade]. “Sem a minha carroça não dá pra trabalhar.”, lamenta. Observo um declínio em seu vigor físico, ainda que execute as extenuantes tarefas do local.

- Gabriel expressa um largo sorriso, do interior do depósito. Interrompe seu trabalho na prensa. Ademar continua com a sua em funcionamento. Equilibro-me precariamente sobre um amontoado de papelão, pois, entre nós, os bags são como muralhas quase da minha altura; então, aproximo minha cabeça, para poder ouvi-lo melhor. De imediato comunica com satisfação que acaba de adquirir um boi. Está no sítio em que também guarda os cabritos e outros animais de sua posse. Paga aos proprietários para tratar deles. Propriedade aparentemente próspera, com ordenha mecânica, inclusive. Sobre o Natal, comenta terem trabalhado, ele e Alessandro, em parte do dia 25, “pra adiantar um pouco a seleção de material”. Acrescenta que vários dos seus “amigos estão fora, viajando”; motivo pelo qual não saiu: “Quem sabe no Ano-Novo.”, conclui. Está mais corado, bochechas destacadas. Sorri quando faço a observação: “Mais corado, rosto mais cheio, Gabriel.”. Diz estar “arrumando aos poucos” a edícula do depósito para nela se mudar. Sobre sua família: “Vou lá de vez em quando ver minha mãe.”. Detalha sobre a logística dos processos de trabalho no interior do prédio. “Que horas são?”, pergunta subitamente. Eu: “Quinze para as seis.”. Entendo como um sinalizador para retomar o trabalho.

- É a primeira vez que Américo se aproxima para falar. Estende a mão em apresentação. Aos poucos, revela ter 62 anos de idade: “A vida é muito sofrimento”, enunciado com o qual praticamente inicia sua fala, olhando-me fundo nos olhos. Casado, com filhos adultos, “já têm a casa deles”, mora com a esposa em uma casa adquirida pelo programa “Minha Casa, minha vida”. Já tentou obter a aposentadoria, mas critica a péssima orientação recebida na agência da Previdência: “Tenho uns anos ainda pela frente. A esposa tem a dela, mas ela paga a prestação da casa, imposto, luz. E o que a gente ganha com isso [reciclagem] é muito pouco; mas preciso ajudar.”. Repito: “o que a gente ganha com isso”. Américo repetirá o enunciado mais duas vezes e, na esteira dos significantes “sofrimento”, “ganhar com isso” e “chuva”, talvez, passa a relatar sobre sua experiência no Paraná há cerca de 1 ano. “A família da minha esposa é de lá”, explica. Olha perdido para a chuva, que não nos dará trégua ao longo de todo o atendimento, e descreve, por meio de diversos cortes e digressões, a ocasião em que ele e o cunhado atravessaram de barco um rio, em meio à chuva: “Minha esposa pediu pra comprar comida. Chegando lá, meu cunhado começou beber cachaça, cerveja, menta... Mas bebeu muito, mesmo.”. Ao voltar, à noite, a embarcação virou. Seus dois cunhados se afogaram. O extenso relato, feito de modo pausado – sem lugar para pressa, também da minha parte, enquanto um profissional neste momento da escuta, percebo bem este compromisso – culmina no enunciado reiterado com expressão inconformada e amargurada: “Só vivi porque me agarrei.”. Uma pausa. Américo retoma a fala sobre a aposentadoria; mas com outro teor: “Eu quero me aposentar porque ainda tenho muita coisa pra viver, pra fazer.”. Eu: “Fazer o quê, Seu Américo? Fala disso.”. Ele: “Eu quero construir uma garagem no terreno, assim, ó [gestos sobre a localização no espaço], e pôr um carro na minha casa.”. Do lado do terreno, “que é muito pequeno”, já fez um jardim: “Tem que ver como as pessoas passam e admiram minha

roseira.”. Satisfação no timbre da voz. A impressão que se tem, a partir dos seus atos de fala (sentido não se restrito ao signo linguístico, em que tudo tem valor significativo) é que uma experiência assim, tão próxima da morte, proporcionou-lhe mais outro olhar, algum ganho de vida.

- Jamil aparece com um balde com tampo, de aproximadamente 5 litros, lotado de sopa. Recipientes menores, variados, surgem na sequência. Alguns cortam ao meio garrafas PET de 2 litros e fazem de ambas as partes continentes para a abundante quantidade do alimento. Entornam com prazer o rico caldo com macarrão e legumes. Sem que lhes pergunte, explicam que o dono de uma mercearia semanalmente lhes proporciona uma refeição, utilizando-se de legumes de um sacolão, também das proximidades. “Só que eles carregam na pimenta”, diz Roger, e avisa: “preciso ir pra casa, estudo bíblico.”. Ouço este seu reiterado enunciado.

- Silêncio de uns 15 minutos. Alimentam-se, às vezes contemplam a chuva, que cai abundante. Luís e Américo iniciam uma brincadeira que gradualmente adquire tons violentos. Depois de sugerir atração pelas nádegas de Luís, Américo lhe aplica socos em várias partes do corpo. Este, mais jovem, vigorosa como é sua constituição física, o enrijece e se oferece como saco de areia, sorrindo: “Vai, bate mais!”. Mas, pelo som das pancadas, dá pra imaginar que, no mínimo, começam a doer. Passos de capoeira têm segmento. Afasto-me discretamente, pois o espaço sob a marquise é estreito. Pés e braços a um palmo e meio do meu rosto. Percebo que elogiam a flexibilidade de Américo, levando-se em conta “alguém da sua idade”, ao mesmo tempo que procuram acalmar seus ânimos: um sujeito que vai do amável ao violento num átimo de segundo. Não parece surtir efeito. Uma brincadeira de pega-pega, iniciada por Luís e Américo, não sem tons de violência, contagia vários deles, que correm entre a marquise e a calçada.

- Enquanto os outros brincam-brigam, próximos a mim, Alessandro para Jamil: “Você precisa fazer essa barba. Mesmo quando você bebe água, ela molha a barba e leva bactéria pra dentro da sua boca.”. Após uma sequência de comentários do outro, Jamil fala: “Eu também já fui bonito, tinha corpo mais forte, pele boa.”. Alessandro volta-se para mim e fala sobre o pênis do catador: “Você acredita, ele tem um pinto deste tamanho. Outro dia eu fui mijar, me deu até vergonha.”. Olho para ambos: “Certamente você não precisa ver ele duro, não?”. Meio na defensiva, Alessandro responde: “Ah, mas não deve crescer muito.”. O colega olha e ri: “E daí o tamanho?! Eu tenho 9 filhos e as mulheres gostavam de transar comigo.”. Surpreso, Alessandro, para mim, desconfiado da história: “Olha! E ele diz que tem 9 filhos!”. Ele beija Alessandro afetuosamente em despedida, abraça a mim, desejando-nos um “Feliz Ano-Novo.”. Acerta detalhes para a recuperação do seu cavalo.

- Nos últimos momentos em escuta a Jamil e Alessandro, noto Rafael, dentro da cabine do caminhão. O som alto, a porta aberta, apesar da chuva. Alternadamente olha para mim e para um livro que tem no colo. Vou até ele. Do lado de fora, aguardo para que fale. Um olhar para mim que parece querer dirigir o meu em direção ao que está lendo: o volume de um curso preparatório para motorista de veículos de grande porte. Faço-lhe 1 ou 2 perguntas sobre o material, sem competir com o volume do rádio. Surpreendentemente, ele o diminui sensivelmente e explica que não é seu, mas que pretende estudar em casa antes de procurar

uma auto-escola. Com menos de cinco palavras, revela o sonho de trabalhar com caminhão e o ato que ali se insinua. Algo acontece e ele precisa retirar o caminhão do local.

- Saio da chuva, regresso para a marquise. Américo tenta estabelecer contato, falar a mim; está bem alterado. Afirma com violência, reiteradas vezes, que Luís não pagou duas de suas entregas naquele dia. Luís tenta manter o bom humor e afirma o contrário: “Eu inclusive não descontei do senhor os R\$30,00 que emprestei outro dia”. Num crescendo de mais socos e vozes alteradas, já com bem menos disfarce de brincadeira. Os irmãos o chamam para o corredor lateral.

- Neste ínterim procuro oferecer uma escuta a Ademar, cada vez mais silencioso. Após seu típico “eu estou bem”, diz: “Ah, não tenho nada pra falar.”, levemente irritado. Assim que produz o enunciado, propositalmente desloco meu corpo: antes, de frente para ele, de cócoras, posiciono-me agora ao seu lado, encostado contra a parede, em completo silêncio. A escolha sua de fazer ou não uso da palavra. Observo a chuva. Mas, enquanto produzo este ato, também reflito sobre Ademar: dos constantes e ensurdecedores gemidos e grunhidos nos primeiros meses, às vezes imitados por vários trabalhadores – em que conotações sexuais pareciam se misturar a muitos lamentos exalados, algumas das zilhões de faces do gozo –, Ademar, aos poucos, aventurou-se a tomar a palavra para acessar algo de si, talvez sob novas formas, uma vez que ouvir e falar do sofrimento incide sobre a maneira como se sofre, transformando-o. Seu silêncio pode ser um avanço, ainda que não isente de dor o seu pensar, seu respirar. Do gemido à palavra; agora, o pensar/ruminar, no silêncio, a dor. O quê, depois?

- Os três regressam do corredor, brandos. Américo torna a despedir-se, afetuosamente. Enquanto o observo descer a rua, o *flash* de um pensamento me atinge: a possível situação da esposa de tal homem, em que vitalidade e transbordamento conectam-se diretamente.

- Por toda a extensão da marquise, falas diversas. Um ou outro se desloca e põe-se à escuta do que Alessandro enuncia e se afasta. Ora para a resolução de tarefas, ora disparando enunciados nos demais agrupamentos, inclusive a partir de significantes que nele tiveram ressonância. Isto é possível de ser percebido nos breves silêncios e ocasiões em que transito por ali.

- Com espirituosidade, Alessandro retoma o significante “suplementos”: sobe a camiseta, passa a mão pelo corpo e exclama: “Só preciso perder um pouco a barriga pra ficar mais bonito.”. Relata terem ido, ele “e seus *quatro* filhos” (inclui o funcionário que ainda mora com eles), a uma praia de rio: “Minha esposa não foi; então, eu coloquei um óculos escuro e fiquei lá paquerando a mulherada.”. Ri com satisfação. No relato, a ideia de que as crianças não o percebiam. Eu: “Você acredita *mesmo* que eles nada notaram?”. Suas respostas culminam em afirmar que sua “menina tem só oito anos”. Eu, com ironia: “Há-há. Pergunta pra ela se ela não percebeu o pai dando sal pr’o gado.”, utilizando-me propositalmente de uma expressão antiga. Ri com enorme prazer. Continua: “Você me vê assim, mas quando chego em casa, *eu viro um outro*, tomo banho, passo maquininha nos pêlos daqui, ó! [região do púbis]”, e vai-se pela ritualística da toalete, assim como discorre sobre os cuidados da esposa para com ele, neste sentido. “Preciso perder 6 quilos [pausa] mas *é difícil a gente manter uma decisão*. Eu me prometo que vou chegar em casa, fazer abdominal... mas a gente perde o

propósito [tom decrescente, desanimado, na finalização do enunciado]. O serviço aqui é pesado. Olha como eu ia ficar, se perdesse essa barriga.”, murcha-a, vaidoso. Relata sobre um desarranjo intestinal que teve nos primeiros dias após parar com os suplementos que tomou. “Eu estava na praia e me deu uma dor de barriga! Fui pra água, fiquei lá no meio do rio com água até aqui [pescoço] e fiz lá mesmo. Não sei o que aconteceu. O farmacêutico disse que meu organismo deve estar *sentindo falta* daquelas substâncias no meu organismo.”. Repete o enunciado sobre o farmacêutico. Escando o sentir falta, uma vez repetido. Produz mais detalhes sobre suas fezes. A manutenção na cascata de produção de significantes (Lacan) – suplementos, ganhar, perder, recuperar, peso, vitalidade, beleza, propósito, ser um outro, etc. – desemboca em uma fala sobre Gabriel: “Continua lá em casa, morando com a gente. Ele já ganhou peso: estava com 62, agora está com 69,5, acho. [...] Antes ele dormia tarde, mas em casa a gente dorme às dez. E não é que agora, quando é nove horas, ele já tá cochilando sentado?!”. Problemas do rapaz com o padrasto são mencionados, também questões de nutrição. “É um bom menino. Vai morar aqui depois que a gente arrumar as edículas. Tem duas, uma toda azulejada. Tem fogão, algumas coisas, lá. [...] Trabalhador!”. Eu: “Trabalhador, trabalha-a-dor.”. Nada de imediato acontece, levando-se em conta esta escansão.

– Elogia os dotes culinários da esposa e reitera que pretende me convidar para um almoço “em família”.

- Expressa pesar pelas dificuldades dos demais catadores, sem moradia, alimentação precária, etc. Cita exemplos e conclui: “A gente faz o que dá.”. Pensa nas preocupações do depósito; isto suscita nele críticas à cooperativa local e ao Poder Público. Enunciados vitimizadores e persecutórios multiplicam-se: “Só pegam no meu pé, só querem fechar o depósito da gente.”. Pausa. Prossegue: “Agora eu tô bem. Na metade de janeiro tenho que ir lá na Prefeitura de novo. *Perto da data, só quero ver como vou ficar.*”. Ouço aí um saber outro que se insinua, acerca do adoecimento que lhe acometeu há cerca de 2 meses, ocasião em que o fechamento era dado como certo. Queixa-se da “dor de cabeça” que é ter uma empresa. Intervenho, procurando um modo de acatar algo do dito, mas propor um avanço. Outro deslize meu, talvez: “Sim, Alessandro. Uma empresa sempre dá muitas dores de cabeça. Mas, se não se quer certos problemas, não se pode ter uma empresa. Agora, o lance é buscar modos de contornar os problemas, para que a empresa não se torne sofrimento.”. Isto deve ter lhe angustiado muito. Aos poucos, seus enunciados tornam-se mais agressivos, seu olhar se transforma. Uma enxurrada sobre o quanto ninguém do Poder Público lhe ajuda, o nojo que as pessoas têm dos catadores, a ajuda que consegue somente com a empresa de [cidade, um polo regional]... Em meio à profusão de ácidas críticas, porém, vários comentários pertinentes relativos aos dispositivos e agentes do poder público: “Tem uma série de ajuda financeira pro ramo da reciclagem, mas é muito difícil fazer a papelada, *exigências*, que eles querem. [...] O pessoal da Assistência *só passa* aqui na frente. Não conversa direito com o pessoal. Você acha que aquelas duas moças [Márcia e Tiago] não mereciam uma casa?! E o Amadeu, com mais de 70 anos?! E tem gente que ganhou essas casinhas e que tem carrão na porta, mais de uma casa, até. O cavalo do Jamil, também. Pegam ele e impede ele de trabalhar. Não vai olhar quem usa e trafica crack!”. Críticas, várias delas, que mereceriam apreciação dos atores do

poder público, muitos deles pouco envolvidos com o que deveriam advogar; tendo-se em mente que não são questões simples. Ainda que não saiam exatamente do modo que o cidadão deseja, uma vez que legislações que visam o bem-estar de um coletivo devam ser observadas (segurança no trânsito, normas sanitárias, etc.), as deliberações feitas a partir de uma escuta mais sensível junto aos catadores, público-alvo das ações, pactuando acordos com eles, poderiam, sim, atingir um maior nível de êxito em suas efetivações. Alessandro recorda que viu, há poucos dias, no centro da cidade, “um senhor muito bem vestido” incomodar-se por não poder estacionar seu “carrão”, pelo fato da vaga estar ocupada por um carrinho. “Ouvi ele dizer que essa gente devia ser exterminada.” Sua aspereza – tal como imaginava, devido ao enunciado por mim produzido, assim entendendo – começa a ser dirigida a mim. Com sucessivas perguntas, cada vez mais diretas, culmina perguntando se concordo com o homem. Permaneço impassível. Irritado, introduz um dilema: “Quem vale mais: um agricultor ou um doutor?”. Sorrio levemente. Muito irritado, com voz alterada: “Vamos, responde pra mim! Quem é mais importante?!”. Rompo o estado de suspensão de juízo que adotara a fim de que ele mesmo pudesse elaborar sobre sua pergunta: “Ambos têm muito valor, Alessandro. Embora nem todos pensem assim.”. Ele repete a primeira parte da resposta, como quem se esforça para com ela concordar. Volta a irritar-se. Irônico, retorque: “É. Mas, que *eu sei*, a enxada existe muito antes de existir doutor.”. Já estou cansado, molhado, barro pelo corpo. Umas duas horas e meia devem ter se passado. Porém, decido deixar o barco correr, levar adiante. Movimento um tanto arriscado, penso, no momento. Opto por tentar produzir efeitos de relativização de suas certezas, embora desconheça o que possa advir. E isto tomaria mais algum tempo. Introduzo um impasse: “Sim, mas se você está com alguém nos braços morrendo, a quem você procura?”. Silêncio. “É.”, responde, pensativo, enquanto vira o rosto para a chuva. Retornam enunciados sobre o sofrimento: “O que vão fazer todos eles: meus irmãos, meu cunhado, que está desempregado, minha família, se eu fechar aqui?”, e também enunciados sobre a desatenção do poder público, o nojo de se aproximarem deles, juntamente com o desejo de muitos de que “estas pessoas sejam exterminadas”. Muito rancor. É hora de intervir, com calma, mas de modo incisivo, julgo. Em tom grave, olhos nos olhos: “Eu não sou uma dessas pessoas, Alessandro. Esse trabalho já tem 1 ano.”.

- Dizer isto é como desarmar um cenário. O semblante pesado despenca: olhos, lábios, tom de voz, ombros. Ele serena. Inicia-se a descrição das melhorias planejadas para as próximas semanas: reforma da calçada, organização do corredor, reforma das edículas, pintura externa. “Que cor você acha que fica bem?” Eu: “Na loja eles têm um catálogo pra vocês avaliarem. Tem muita cor legal.”. A reforma da casa, o prometido almoço voltam à baila. Expressa satisfação ante a possibilidade de apresentar a esposa e os filhos. “Você conhece o meu mais velho, né?”, pergunta várias vezes durante o atendimento. Confirmo, mas não acrescento o comentário que suponho que deseja ouvir. Suposição devido a vestígios de sua fala que tenho na memória e que se atualizam em mim inesperadamente; ou seja, não acrescento comentários sobre a expressiva semelhança física. Elogia os filhos, a esposa. Mostra-se surpreso que a filha não seja muito apegada a celular, redes sociais, etc.: “Você acredita que ela pede pra mim brincar de casinha com ela?! Eu brinco.”, revela enternecido. Reflete: “Eu sei que um dia isso vai acabar.”. Elenca com prazer seus pratos favoritos, que a esposa prepara deliciosamente: “Inclusive eu preciso pedir pra ela fazer pudim de leite, que eu tô com

vontade. É demais! Parece uma gelatina!”. Olhar emocionado em direção à chuva, um momento prateado. Produz enunciados que apontam para uma reflexão apreciativa do quanto a esposa se empenha para manter a família unida. E uma ponta de culpa, talvez ele não faça tanto. Porém, na sequência, conclui, enternecido, repetindo duas vezes: “Mas ela me diz: ‘Meu amor, você trabalha pra mim!’”. Cita versos de 2 ou 3 canções sobre o amor. Reconheço-as. Revela com precisão as autorias: “Paralamas, Titãs, Roupas Nova... tudo isso eu gosto muito, também. É do meu tempo. Tempo que eu tinha um corpinho, ó [gesto], e saía com camiseta regata na cidade, alegre, dono do pedaço. Também, era jovem; não tinha que pensar em nada, em trabalhar!”. Sai da rememoração e pondera sobre a diferença entre ele e o filho: “Meu filho já não é tanto de sair assim. Falou pra mim que no ano que vem quer começar fazer vários cursos técnicos, junto com a escola. Quer engenharia, na faculdade.”. Incursiona em enunciados sobre seu ideal de velhice: “Eu gostaria *de viver muito* [inflexão na voz e semblante de gana e melancolia, simultâneas], pra lá dos oitenta. Mas eu quero envelhecer sem perder o humor, brincalhão, como sou – um moleque. [pausa] Não que eu não tenho responsabilidade; mas não quero perder a alegria de viver.”.

- Algo engraçado, à distância, acontece. Isso o remete a falar sobre o trabalhador que está morando em sua casa: “É difícil acordar ele, mesmo indo deitar cedo. De manhã, eu vou lá, chamo, belisco ele; nada. Aí, quando eu *pego nele* [gesto intenso, alusivo a um aperto no pênis], o bicho acorda assustado, na hora!”. Sorri e repete o feito duas vezes, enfatizando: “Mas isso é uma coisa que a esposa não pode ver.”. Sem dúvida, um corte poderia ser produzido. Não o faço. Comenta sobre o quanto o filho cresceu. Novamente a pergunta se o conhece: “Sim.”, como se fosse a primeira vez a ouvi-la. “Pôxa, o cara tá quase do meu tamanho! Vi ele com tênis meu outro dia.”, tom de orgulho no expressar-se. Prossegue: “Agora vai começar usar minha cueca, camisa?”, um tom misto de satisfação e protesto. Ainda na mescla prazer com desagrado: “Eu não quero ver ele usando minhas coisas! Onde já se viu?!”. Início uma caminhada passando por alguns catadores sentados que ora conversam, ora nos escutam, visando à produção do corte. Devagar, cabeça voltada para trás enquanto ele me segue: “Ver ele ou *se ver nele*, com *tuas* roupas, te incomoda mais?”. Ele congela. Para de andar, toma fôlego para perguntar: “Você viu o quanto ele se parece comigo?!”. Não respondo. Sei que o incômodo estranhamento (*Umheulich*) a partir do confronto de si ante a imagem do filho deu suas voltas, fez seu passeio, mas agora finalmente emerge com o endereçamento de algo muito aflitivo. Sigo até um grupo, no extremo oposto. Comento que, como havia lembrado a ele algumas vezes, fizemos os últimos atendimentos *do período combinado de 12 meses*. Sigo: “Então, este é o último daquele acordo. Eu vou me ausentar em janeiro pra fazer outros trabalhos. Mas, se vocês precisarem falar, é só me telefonar. Em fevereiro eu entro em contato para ver vocês, saber se vocês querem continuar.”.

- Peço licença para telefonar. O barulho é grande: veículos, chuva sobre o teto de zinco, vozes em alto volume. Enquanto tento explicar a localização, o “senhor de cócoras”, até então incomunicável, tenta me ajudar. Ao desligar, agradeço pelo auxílio. Neste momento, apresenta-se: “Eu sou o Amilton.”. Reitero o agradecimento introduzindo seu nome com vagar e atenção. De algum modo, algo parece ter ressoado.

- Dou alguns passos, de volta ao grupo. Surge uma menção a Fernando. Luís revela que o filho voltou a morar em [cidade] com a mãe (esposa de seu primeiro casamento); nada é dito sobre as circunstâncias. Bolei com Rafael : “Ele recusou duas meninas que a gente mandou pra ele. Menina boa mesmo, amiga minha.”, revela Alessandro. “Ele só fica pensando na feia da ex-mulher dele, que já tá com outro.”. Não faltam receitas de como conduzir a relação com uma mulher. Rafael, calado, olhar entristecido. Noto o livro, envolto em um plástico, colado ao seu corpo por um dos braços. Coloco minha mão em seu ombro: “Talvez *você* queira escolher uma, né, Rafael?”. Viro-me e sinalizo para o motorista. Reitero minha disponibilidade, enquanto trocamos rápidos abraços. Luís sai do grupo, anda uns 6 metros na chuva, se aproxima da moto. Sorri, em silêncio, olhar expressivo, enquanto o irmão, ao fundo, conclui a despedida com uma promessa: “Em fevereiro *a gente faz lá, na edícula.*” Sorrio.

xxxxxxxxxxxxx

6/Janeiro/2015 – Encontro com Valter no centro da cidade: “Eu não tô mais trabalhando com eles.”. Eu: “Notei a sua ausência nos últimos meses, Valter.”. Ele: “Você soube o que aconteceu no depósito? Pegou fogo perto do Ano-Novo! Ninguém sabe o que aconteceu. Parece que perderam uns R\$ 5 mil.”. Sou remetido às minhas avaliações sobre a fiação, os problemas que andavam tendo com as máquinas e a mania de não chamarem um técnico para os consertos. Também penso no carrinho incendiado, possível aviso de suas inimizades. Valter continua: “E comigo? Lembra o sujeito que eu deixei morar lá em casa? Vendeu meu freezer novinho e outras coisas que eu tinha comprado tudo com o cartão da Dilma [para crédito em lojas de móveis]. Vendeu tudo pra comprar crack.”. “E o que você fez a respeito, Valter?” Ele: “Já fui na delegacia e no fórum. O cara foi preso e falaram que vão recuperar as coisas pra mim.”.

- 15/Janeiro/2015 – Amadeu me reconhece, de longe, na rua. Fato surpreendente, dado seu frequente alheamento quando nos encontrávamos no depósito. Até encosta o carrinho, para cumprimentar. Pergunta sobre minha ausência. Repito-lhe o combinado no último dia de atendimento. “Vai lá ver a gente, hein? Estamos esperando.”, conclui, retomando seu caminho.

- 22/Fevereiro/2015 – Antônio me vê na rua e, com enorme satisfação, para para conversar. Não está mais trabalhando como servente de pedreiro. Arrasta uma enorme carriola: “Voltei trabalhar com reciclagem. Mas isso aqui paga muito pouco.” Revela que, na área da construção, ganha R\$ 60,00 por dia; na reciclagem, no máximo R\$ 30,00. “E o tempo de trabalho é maior.”, conclui. Está bastante amável. Pergunta sobre eu “voltar lá”. Comento sobre estar aguardando o contato dos donos do depósito, que ainda não fizeram. Antônio: “Pegou fogo lá, você sabe?” Eu: “Uma boa ocasião pra falar em uma terapia, não acha?” Ele concorda. Diz que vai comentar com “os meninos” sobre nosso encontro. Segue seu caminho sorrindo e cantando. As batatas das pernas, hipertrofiadas.